



J.R. WARD

Autora best-seller do The New York Times



FALLEN ANGELS

COBIÇA

UNIVERSO DOS LIVROS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Prólogo

Demônio era uma palavra desagradável.

E tão condenadamente antiga. A gente ouvia a palavra demônio e pensava em todo tipo de caos ao estilo Hieronymus Bosch... ou pior ainda, ao estilo de Dante e sua estúpida merda de Inferno. Por favor. Chamas, almas torturadas e todo mundo gemendo.

Ok pode ser que o inferno seja um pouquinho quente. E se o lugar tivesse contado com um pintor da corte, Bosch teria estado à cabeça da manada.

Mas esse não era o assunto. Em realidade o demônio via a si mesmo mais como um Treinador de Livre-arbítrio. Era muito melhor, mais moderno. O anti-Oprah, se tal pessoa existisse.

Tudo girava em torno da influência.

O assunto era que as qualidades da alma não eram muito diferentes dos componentes do corpo humano. A forma corpórea tinha certa quantidade de partes rudimentares, como o apêndice, o dente do juízo, e o cóccix... todas as quais eram como muito desnecessárias, ou ainda pior, capazes de comprometer o funcionamento do conjunto.

As almas eram iguais. Elas, também, tinham cargas inúteis que impediam seu correto desempenho, estas incomodas partes santas que pendiam delas como apêndices que podiam deixar até os mais santos aguardando uma infecção. A fé, a esperança e o amor... a prudência, a moderação, a justiça e o valor... todos estes trastes inúteis simplesmente atestavam a demasiada maldita moralidade ao coração, obstruindo o caminho do inato desejo da alma pela malignidade.

O papel de um demônio era ajudar às pessoas a ver e a expressar sua verdade interior sem que se visse confundida por toda essa tola e enganosa humanidade. Enquanto a pessoa se mantivera fiel a sua essência, as coisas iriam na direção correta.

E ultimamente, isso tinha sido relativamente certo. Entre todas as guerras do planeta, o crime, o descuido com o meio ambiente, esse poço negro das finanças conhecido como Wall Street, assim como a desigualdade por todo o planeta, as coisas marchavam bem.

Mas não era suficiente e estava acabando o tempo.

Para expressá-lo com uma analogia esportiva: A terra era o campo de jogo e o jogo estava se desenvolvendo desde que tinham construído o estádio. Os Demônios eram a Equipe Local. E os Visitantes eram os Anjos, alcoviteiras dessa quimera de felicidade chamada Paraíso.

Onde o pintor da corte era Thomas Kincaid, pelo fodido amor de Deus.

Cada alma era um marechal de campo, um participante na luta universal entre o bem e o mal, e o tabuleiro refletia o valor moral relativo das ações de uma pessoa na terra. O nascimento era o chute inicial e a morte o final da partida... depois do qual o pontapé seria acrescentado ao marcador maior. Os treinadores deviam permanecer à margem, mas podiam complementar o campo colocando distintos jogadores junto com o humano para influenciar as coisas... e também podiam pedir um "tempo" para manter uma conversa estimulante.

Mais conhecidas como "experiências próximas à morte".

O problema era o seguinte: o Criador olhava a saída como um espectador que tinha estado observando uma partida fora da temporada em um assento frio com um cachorro quente não aconselhável no estômago e um grito sentado bem atrás de seu ouvido.

Muitas bolas machucadas. Muitos pedidos de tempo. Muitos empates que tinham conduzido prorrogação de partidas sem resolver. O que tinha começado como uma luta apaixonada evidentemente tinha perdido seu atrativo, e avisaram às equipes: concluem o jogo, meninos.

Assim ambos os lados deviam ficar de acordo e escolher um marechal de campo. Um marechal de campo e sete partidos.

Em vez de um desfile interminável de humanos, só ficaram sete almas para estabelecer o balanço entre o bem e o mal... sete oportunidades para determinar se a humanidade era boa ou má. Não existia a possibilidade de empate e se apostava... tudo. Se a Equipe Demônio ganhava, poderia ficar com o estabelecimento e com todos os jogadores que tivessem estado ali alguma vez ou fossem estar em um futuro. E os Anjos se converteriam em escravos para toda a eternidade.

O que fazia que a tortura de pecadores humanos parecesse um absoluto aborrecimento.

Se os Anjos ganhavam, a terra inteira não seria outra coisa mais que uma gigante e fodida manhã de natal, uma sufocante onda de felicidade, cordialidade, afeto e generosidade que se apoderaria de tudo. Nesse horrendo cenário os Demônios deixariam de existir não só no universo, mas também desapareceriam dos corações e das mentes de toda a humanidade.

Embora considerando todo o assunto feliz-feliz-alegria-alegria, esse era o melhor desenlace para esse cenário. Melhor que ser cravado repetidamente no olho com uma vara.

Os Demônios não podiam perder. Simplesmente não era uma opção. Sete oportunidades não eram muitas, e a Equipe Visitante tinha ganhado no atirar a moeda metafísica... e com isso tinham obtido a possibilidade de aproximar-se do marechal de campo que ia levar os sete "balões", por assim dizer.

Ah, sim... o marechal. Não era surpreendente que a eleição desse jogador chave tivesse levado a um montão de discussões acaloradas. Entretanto, finalmente tinham selecionado alguém, alguém que ambas as partes consideravam aceitável... alguém que cada um dos treinadores esperava que conduzisse o jogo de acordo a seus próprios valores e metas.

O pobre tolo não sabia em que se tinha metido.

Não obstante, o assunto era que, os Demônios não estavam preparados para deixar que uma responsabilidade tão transcendental recaísse nos ombros de um humano. Em definitivo o livre-arbítrio era maleável... e era a base de todo o jogo.

Por isso tinham enviado alguém ao campo como jogador. Era contra as regras, é obvio, mas lembrem a sua natureza... e também algo que seus oponentes eram incapazes de fazer.

Esta era a máxima que tinha a Equipe Local: o único bom a respeito dos Anjos era que sempre coloriam dentro das linhas.

Deviam fazê-lo.

Imbecis.

Capítulo 1

—Ela te deseja.

Jim Heron levantou os olhos da sua Budweiser¹. Através do lotado e escuro clube, passando o olhar pelos corpos cobertos de negro com correntes penduradas, entre o denso ar com aroma de sexo e desespero, viu a “você gosta” em questão.

Uma mulher vestida de azul estava sob a luz de um dos poucos focos do Iron Mask, o brilho dourado flutuava por seu cabelo castanho estilo Brooke Shields, sua pele de marfim e um corpo de matar. Era uma revelação, uma porção sobressalente de cor entre os tristes candidatos neo Vitorianos de Prozac, tão formosa como uma modelo, tão resplandecente como uma Santa.

E ela o olhava fixamente, embora pôs em dúvida a parte de “gosta de”: Seus olhos estavam fundos, o que significava que enquanto dava uma olhada, o desejo que engasgou em seus pulmões era produto da estrutura de seu crânio.

Merda, talvez só se perguntava que estava fazendo no clube. E eram dois.

—Te digo que essa mulher você gosta, colega.

¹ Marca de cerveja

Jim olhou ao Sr. Casamenteiro. Adrian Vogel era a razão pela que tinha terminado aqui, e o Iron Mask era definitivamente o lugar adequado para o cara: adicione que ia vestido de negro da cabeça aos pés e tinha piercings em lugares que a maioria das pessoas não queriam agulhas por perto.

—Nah. - Jim deu outro gole em sua Bud —Não sou seu tipo.

—Está seguro?

—A-ham.

—É um tolo. - Adrian passou a mão através das ondas negras de sua cabeça fazendo com que se colocassem no lugar como se estivessem bem treinadas. Cristo, se não fora pelo fato de que trabalhava com construção e que tinha a boca de um caminhoneiro, poderiam se perguntar se dava brilho aos sapatos das mulheres.

Eddie Blackhawk, o outro cara que os acompanhava, sacudiu a cabeça:

—Que não esteja interessado, não quer dizer que seja tolo.

—Eu disse isso.

—Vive e deixa viver, Adrian. É melhor para todos.

Ao recostar-se no sofá de veludo, Eddie parecia mais um motoqueiro do que um gótico com seu jeans e as shitkickers², estava tão fora do lugar quanto Jim – embora dado o tamanho descomunal do cara e os estranhos olhos marrons avermelhados, era difícil imaginá-lo encaixando com alguma coisa, salvo com um grupo de lutadores profissionais: inclusive com aquela longa trança, ninguém se burlava dele na obra – nem sequer os idiota e bocudos dos pedreiros que eram os piores.

—Bom Jim, não fala muito.

Adrian olhou à multidão, sem dúvida, procurando sua própria garota de vestido azul. Depois de fixar-se nas bailarinas que se retorciam nas jaulas de ferro, chamou à garçonete.

—Depois de trabalhar contigo há um mês, sei que não é porque seja estúpido.

—Não tenho muito que dizer.

—Não passa nada. - murmurou Eddie.

Provavelmente essa era a razão pela qual gostava de Eddie. O filho da puta era outro membro do clube dos “Homens de Poucas Palavras”, um cara que nunca falava quando um gesto ou um movimento de cabeça poderia conseguir o mesmo. Como tinha chegado a sentir-se confortável com o Adrian, que não tinha papas na língua, era um mistério.

Como tinham acabado morando juntos, era inexplicável.

Como fora. Jim não tinha intenção de entrar em todos esses comos, porquês e ondes. Não era nada pessoal. Eram realmente a classe de homens duros dos que tivesse sido amigo em outro tempo, em outro planeta, mas aqui e agora, seus merdas não lhe importavam – somente tinha saído com eles porque Adrian o tinha ameaçado ficar perguntando até que os acompanhasse.

Explicação, Jim viveu a vida regido pelo código de desconectar e esperar que respeitassem sua rotina de “sou-uma-ilha”. Desde que abandonou o exercito, tinha vagabundeado até terminar

² bota

em Caldwell e só porque o carro parou ali – voltaria para a estrada quando o projeto no que estava trabalhando estivesse acabado.

A questão era que segundo seu antigo jeje³, era melhor ser um alvo móvel. Sem saber quanto tempo teria antes de uma nova “missão especial,” Jim ficaria em movimento.

Terminou a cerveja e se deu conta que era bom possuir somente suas roupas, o caminhão e a Harley avariada. Claro, não tinha muito que mostrar em seus trinta e nove.

Cara... a data...

Tinha quarenta. Esta noite era seu aniversário.

—Tenho que sabê-lo, - disse Adrian inclinando-se. —Tem uma mulher, Jim? É por isso que não quer à Garota de azul? Quero dizer, vamos cara, é quente.

—A aparência não é tudo.

—Sim, tudo bem, mas tampouco faz mal.

A garçonete se aproximou, enquanto os outros pediam outra rodada, Jim lançou um olhar à mulher da qual falavam.

Ela não apartou o olhar. Não se alterou. Somente lambeu os lábios vermelhos lentamente como se estivesse esperando que ele fizesse contato visual de novo.

Jim voltou a centrar-se em sua Bud vazia, e se acomodou na banqueta, com a sensação que alguém tinha metido carvões acesos em suas calças. Fazia muito, muito tempo. Não um dia seco, nem sequer uma seca. O deserto do Sahara se aproximava mais.

E a saber, seu corpo estava preparado para chegar a terminar com as punhetas.

—Deveria te aproximar - disse Adrian - te apresentar.

—O que significa que vou ter que reformular sua inteligência. - Adrian tamborilou os dedos sobre a mesa, o anel de prata maciça que levava brilhava. —Ou ao menos seu impulso sexual.

—Me faça as honras.

Adrian revirou os olhos, tendo muito claro que não havia nenhuma negociação sobre a garota do vestido azul.

—Tudo bem, estou indo.

O sujeito se recostou no sofá de modo que ele e Eddie estavam em posição similar. Como era de esperar, não podia permanecer em silêncio durante muito tempo.

—Ficou sabendo do tiroteio?

Jim franziu o cenho.

—Houve outro?

—Sim. Encontraram o corpo rio abaixo.

—Normal aparecer ali.

—Que é nosso pão de cada dia, - disse Adrian, olhando o que ficava da cerveja.

—Sempre foi assim.

—Você acredita?

Jim se recostou para trás quando a garçonete deixou uma nova rodada diante dos moços.

³ os Jejes língua Ewe, língua Fon, língua Mina e os Fanti ashantis, formam grupos sudaneses que englobam a África Ocidental (então ele deve referir-se ao Pajé).

—Não acredito, eu sei.

— *Deinde, ego te absolve un peccatis tuis en Patrls nomine, et Filii et Spiritus Sancti..* -

Marie-Teresa Boudreau levantou os olhos à persiana do confessionário. No outro lado da tela, a cara do sacerdote estava de perfil e muito sombreada, mas ela sabia quem era. E ele a conhecia.

Então ele era muito consciente do que tinha feito e por que tinha que ir se confessar pelo menos uma vez na semana.

—Vá, minha filha. E fique bem.

Ao fechar o painel entre eles, o pânico se cravou em seu peito. Nestes momentos de tranquilidade quando expor seus pecados, o degradante lugar onde tinha terminado ficava exposto, as palavras que pronunciou eram uma luz brilhante logo depois da horrível forma em que passava suas noites.

As imagens desagradáveis sempre tomavam um tempo para desaparecer. Entretanto, a sensação de asfixia que vinha de saber para onde se dirigia a seguir, só ia piorar.

Recolheu seu rosário, colocou-o no bolso do casaco e agarrou sua bolsa do chão. O som de passos fora do confessionário lhe impediu de sair. Havia razões para manter um perfil baixo, alguns dos quais não têm nada a ver com seu “trabalho”.

Quando o som dos saltos pesados diminuiu, abriu a cortina de veludo vermelho e saiu. A Catedral de St. Patrick's era talvez da metade do tamanho de uma em Manhattan, mas era o suficientemente grande para inspirar respeito, inclusive nos fiéis casuais. Com arcos góticos, como as asas dos anjos e um elevado teto que parecia estar a poucos centímetros de distância do céu, sentia-se tão indigna como agradecida de estar sob seu teto.

E adorava o aroma do interior. Cera de abelha e limão e incenso. Adorável.

Caminhando pelas capelas dos Santos, subia e descia dos andaimes que se construíram de maneira que os mosaicos do teto pudessem ser limpos. Como sempre, a piscada das velas e os focos de regulação nas estátuas a acalmou, lhe recordando que havia uma eternidade de paz esperando-a no outro extremo da vida.

Assumindo que conseguisse passar pelas portas do céu.

As portas laterais da catedral estavam fechadas depois das seis horas, e como de costume, teve que sair pela entrada principal, o que parecia um desperdício da coisa. Os painéis esculpidos se adaptavam muito melhor para dar a bem-vinda às centenas que chegavam as missas de cada domingo.. ou os convidados de casamentos importantes.. ou dos fiéis virtuosos.

Não, ela era mais uma espécie de pessoa da “porta lateral”.

Ao menos, era-o agora.

Justo quando apoiava todo seu peso na pesada madeira, ouviu seu nome e olhou por cima de seu ombro. Não havia ninguém ali, pelo que podia ver. A catedral estava vazia, inclusive de pessoas que oravam nos bancos.

—Olá? -Gritou, sua voz produzindo eco. Padre?

Quando não houve resposta, um calafrio percorreu sua coluna vertebral. Com um rápido passo, lançou-se contra o lado esquerdo da porta e saiu à fria noite de abril. Sustentando as lapelas de seu casaco de lã juntas, moveu-se com rapidez, seus saltos baixos fazendo um som de clipe, clipe, clipe sobre os degraus de pedra e sobre a calçada enquanto se apressava para o carro. O primeiro que fez ao entrar nele foi trancar todas as portas.

Enquanto ofegava, olhou a seu redor. Sombras se juntavam no chão sob as árvores sem folhas, e a lua se revelava através de nuvens finas a deriva. As pessoas se moviam ao redor detrás das janelas das casas frente à igreja. Uma caminhonete passou lentamente.

Não havia perseguidor, nenhum homem com uma máscara negra, nenhum intruso à espreita. Nada.

Ligando o motor, engatou a marcha em seu Toyota e se agarrou ao volante fortemente. Depois de comprovar seus espelhos, conduziu-se à rua e se dirigiu para o centro. Enquanto partia, as luzes dos outros automóveis golpeavam em sua cara e alagavam o interior do Camry, iluminando a bolsa preta no assento do passageiro. Seu uniforme horrível estava ali, e tão logo pudesse sair deste pesadelo, ela ia queimá-lo junto com o que tinha tido que suportar em seu corpo cada noite durante o último ano.

O Iron Mask era o segundo lugar no que tinha “trabalhado”. O primeiro tinha explodido há uns quatro meses. Literalmente.

Ela não podia acreditar que ainda estivesse no negócio. Cada vez que empacotava essa bolsa, sentia-se como se estivesse sendo sugada por um sonho mau, e não estava segura de se as confissões em St. Patrick estavam fazendo as coisas melhor ou pior.

Às vezes sentia como se tudo o que fazia era atijar merda que seria melhor enterrar, mas a necessidade do perdão era muito forte para lutar.

Como girou para o Trade Street, começou a passar a concentração de clubes, bares, e salas de tatuagem que formavam a rua de Caldie. O Iron Mask estava no outro lado, e como os outros, aguardava todas as noites com sua linha de espera perpétua de aspirantes a zombies. Metendo-se em um beco, topou-se sobre os buracos de todos os contêineres de lixo, e saiu para o estacionamento.

O Camry se ajustava bem em um lugar ao longo da parede de tijolos marcada com um pôster de SÓ PESSOAL.

Marie-Terese saiu de debaixo de sua lona e olhou para cima. As luzes brilhantes da cidade embotavam às poucas estrelas que brilhavam em torno das nuvens que formavam emplastos, e o céu parecia ainda mais longe do que estava.

Fechou os olhos, tomou vários compridos e profundos fôlegos, e manteve o pescoço de seu casaco apertado. Quando entrasse no clube, estaria no corpo e na mente de outra pessoa. Alguém que não conhecia e não queria conhecer no futuro. Alguém que lhe repugnava. Alguém a quem desprezava.

O último fôlego.

Justo antes de cruzar as portas, o pânico estalou de novo, suor brotando debaixo de sua

roupa e em sua testa, apesar do frio. À medida que seu coração pulsava como se estivesse correndo de um assaltante, perguntava-se quantas noites mais disto poderia agüentar. A ansiedade parecia estar piorando cada semana, uma avalanche agarrando velocidade, varrendo sobre ela, cobrindo-a no peso do gelo.

Exceto que ela não podia parar. Ainda seguia pagando dívidas.. algumas financeiras, algumas que se sentia existenciais. Até que terminava de volta onde começou, tinha que ficar onde não queria estar.

E, além disso, disse a si mesma que não queria por esta angústia terrível. Significava que não se entregou às circunstâncias por completo e que pelo menos uma parte de seu verdadeiro eu ainda se mantinha viva.

Não por muito mais tempo, uma pequena voz assinalou.

A porta de trás do clube se abriu e uma voz com sotaque disse seu nome na forma mais formosa.

—Está bem, Marie-Terese?

Abriu os olhos, colocou a máscara, e caminhou com um tranqüilo passo para seu chefe. Trez sem dúvida a tinha visto em uma das câmaras de segurança, Deus sabia que estavam por toda parte.

—Estou bem, Trez, obrigado.

Tinha a porta aberta para ela, e enquanto passava a seu lado, seus olhos escuros a escanearam. Com a pele de cor café e uma cara que parecia da Etiópia, com seus ossos suaves e lábios perfeitamente equilibrados, Trez Latimer era muito atraente, embora suas maneiras eram o mais chamativo nele, no que consiste a ela. O tipo tinha a galanteria incorporada quase como se de uma ciência se tratasse.

Embora não quieria te cruzar com ele.

—Faz isso cada noite - disse ao fechar a porta detrás deles e pôr o ferrolho de barra em seu lugar-. Para junto a seu carro e fica olhando o céu. Cada noite.

—Faço-o?

—Alguém te está incomodando?

—Não, mas se assim fosse, diria-lhe isso.

—Há algo que te incomoda?

—Não. Estou bem.

Trez não parecia convencido enquanto a acompanhou até o vestuário de mulheres e a deixou na porta.

—Recorda, eu estou disponível vinte e quatro horas do dia, os sete dias da semana, e pode falar comigo em qualquer momento.

—Sei. E obrigado.

Ele pôs sua mão em seu coração e lhe deu uma pequena reverência. —É um prazer. E cuide de ti mesma.

O vestuário estava tapado com compartimentos de metal e bancos que se encontravam atarraxados ao piso. Contra a parede do fundo, o espelho iluminado era de dois metros de

comprimento, com um balcão que estava cheio de maquiagem, e havia peças muito pequenas de roupa e saltos de agulha em todas as partes. O ar cheirava a suor de mulher e xampu.

Como de costume, tinha o um lugar para ela vazio. Ela sempre era a primeira a chegar e a primeira em sair, e agora que estava no modo de trabalho, não havia dúvidas, não havia vacilações em sua rotina.

Seu casaco entrou em seu armário. Tirou de um chute os sapatos de rua. Sua cinta do cabelo foi retirada livre de seu rabo-de-cavalo. A bolsa de lona se abriu bruscamente.

Suas calças jeans azuis e sua blusa branca e azul foram trocadas por um conjunto de roupa que nem morta levaria no Halloween: saia de lycra microscópica, camiseta sem mangas que lhe chegava até a parte inferior das costelas, meias altas com os topos de renda, e esmalte vermelho que decorava as unhas de seus pés.

Tudo era preto. O negro era a cor de assinatura do Iron Mask, e tinha sido também no outro clube. Ela nunca se vestia de preto quando estava fora do trabalho. Um mês logo depois de entrar neste pesadelo, ela tinha jogado no lixo cada peça de roupa que teve com qualquer preto nela, até o ponto em que teve que sair e comprar algo para usar no último funeral ao que foi.

Diante do espelho iluminado, bateu as cinco toneladas de cabelo moreno com um pouco de spray e logo foi para as palhetas de sombras de olhos e blush, escolhendo os escuros, as cores brilhantes que eram quase tão “garota do lado” como era a mulher nua da página central de Penthouse. Movendo-se rapidamente, foi ao estilo Ozzy Osbourne com o delineador de olhos e colando alguns cílios postiços.

A última coisa que fez foi ir à bolsa e pegar um batom. Ela nunca compartilhava o batom das outras garotas. Todo mundo era devidamente examinado cada mês, mas não queria correr riscos: ela podia controlar tudo que fazia e quão escrupulosa era quando se tratava da segurança. As outras garotas poderiam ter padrões diferentes.

O brilho vermelho tinha sabor de morango de plástico, mas o batom era crítico. Não beijar. Jamais. E a maioria dos homens sabia, mas com uma grossa capa de brilho, cortava qualquer debate: Nenhum deles queria que suas esposas ou namoradas soubessem o que estavam fazendo em sua “noite de saída com os moços”.

Negando-se a olhar seu reflexo, Marie-Tereze se afastou do espelho e se dirigiu para o centro do clube, para enfrentar o barulho, as pessoas e os negócios. Ao entrar pelo longo corredor escuro do clube, o grave da música cresceu mais forte e o mesmo ocorreu com o som de seu coração pulsando nos ouvidos.

Talvez fossem um só.

No final do corredor, o clube se estendia ante seus olhos, suas paredes púrpuras e chão preto e teto de cor vermelho sangue iluminado tão escassamente que era como entrar em uma caverna. O ambiente era tudo sobre sexo retorcido, com mulheres que dançam em gaiolas de ferro forjado e de corpos que se movem em casais ou em trios, e música erótica enchendo o ar.

Depois que seus olhos se acostumaram à escuridão, procurava entre os homens, aplicando uma tela de dados que desejava nunca tivesse adquirido. Não se tratava de se eram aceitáveis pela roupa que levavam ou com quem estavam ou se tinham um anel de casamento ou não. Nem

sequer era um caso de onde eles olharam para você, porque todos os homens faziam uma varrida dos peitos aos quadris. A diferença era quando olhavam com algo mais que cobiça: Enquanto corriam os olhos sobre seu corpo, a ação já tinha sido feita, no que a eles se referia.

Não a aborreceu, entretanto. Não havia nada que qualquer homem poderia fazer com ela que fora pior do que já lhe teria ocorrido. E existiam duas coisas que ela sabia com certeza: às três da manhã iriam chegar eventualmente. E, ao igual a seu turno, esta fase da sua vida não ia durar para sempre.

Em seus momentos mais sãos e menos depressivos, dizia-se a si mesma que este mau momento era algo que ia passar, uma espécie de gripe em sua vida: Apesar de que era difícil ter fé no futuro, tinha que acreditar que um dia ia despertar, dirigir seu olhar ao sol, e desfrutar do fato de que a náusea tinha desaparecido e o bem-estar tinha retornado.

Isso assumindo que era só uma gripe. Se o que estava passando era mais como um câncer... talvez uma parte dela sempre se tivesse ido, perdida pela enfermidade para sempre.

Marie-Terese apagou seu cérebro e se adiantou para a multidão. Ninguém disse nunca que a vida era divertida ou fácil ou inclusive justa, e às vezes se faziam coisas para sobreviver que parecem total e completamente incompreensíveis para a parte de seu cérebro que busca um lar e uma chaminé.

Mas não há atalhos na vida, e tem que pagar por seus enganos.

Sempre.

Capítulo 2

A joalheria Marcus Reinhardt, fundada em 1893, estava no mesmo edifício de tijolos no centro de Caldwell desde que o morteiro se colocou em seus profundos muros vermelhos. A empresa mudou de dono durante a Depressão, mas a ética da empresa tinha permanecido inalterável e prevaleceu na era Internet: de alta gama, ofertas de jóias excepcionais a preços competitivos, tudo isso unido a um serviço pessoal incomparável.

—O vinho gelado está gelando no salão privado, senhor.

—Excelente. Nós estamos quase prontos.

James Richard Jameson, bisneto do homem que comprou a loja do Sr. Reinhardt, endireitava a gravata em frente a um espelho.

Satisfeito com sua aparência, voltou a inspecionar os três membros do pessoal que tinha eleito para que permanecessem ali depois do horário. Todos levavam trajes escuros. William e Terrence levavam gravatas douradas e negras do clube, acompanhadas do logotipo do estabelecimento, e Janice levava um colar de ouro e ônix dos anos 50. Perfeitos. Seu pessoal parecia tão elegante e discreto como tudo o que havia na sala de exposição, e cada um deles era capaz de manter uma conversa tanto em inglês como em francês.

Devido ao que Reinhardt podia oferecer, os clientes estavam dispostos a viajar de

Manhattan ou Montreal, do norte ao sul, não importava: a viagem merecia a pena. Em toda a sala de exposição uma sucessão de luzes brilhantes cegavam os olhos: uma galáxia inteira se posou ali mesmo, e os ângulos da luz direta e a disposição das vitrines de cristal conseguiam atenuar a diferença entre o que se quer e o que se necessita.

Logo antes que o relógio do avô próximo à porta marcasse dez horas, James abriu rapidamente um armário oculto, tirou uma Oreck, e deslizou o aspirador sobre as pegadas marcadas no tapete oriental. No retorno do armário, voltou seus passos sobre o mesmo caminho para comprovar que tudo estava em perfeitas condições.

—Acredito que ele já está aqui —disse William de uma das janelas com grades.

—OH.. meu deus —murmurou Janice enquanto se inclinava ao lado de seu companheiro—. Certamente que é ele.

James deslizou o aspirador fora de vista e voltou a colocar o paletó do terno no lugar. Seu coração palpitava vivamente em seu peito, mas mantinha uma aparência sossegada enquanto se aproximava nas pontas dos pés para olhar para a rua.

Recebia os clientes no estabelecimento das dez da manhã até as seis da tarde de segunda-feira a sábado. Os clientes que desejavam sessões privadas tinham que vir depois desse horário. Qualquer dia e a qualquer hora que lhes conviesse.

O cavalheiro que desceu do BMW M6 tinha todo o aspecto de cliente próprio da joalheria: traje de corte europeu, nenhum sobretudo apesar do frio, com andar de atleta e cara de assassino. Era um homem muito elegante, e muito poderoso, que provavelmente teria um lado sombrio, mas nem a máfia nem o dinheiro procedente do tráfico de entorpecentes eram discriminados na joalheria Marcus Reinhardt. James se dedicava a vender, não a julgar, assim no que a concernia, esse homem era um modelo de virtude, íntegro com seus sapatos Bally.

James desconectou o alarme e abriu antes que soasse o timbre.

—Boa noite, senhor diPietro.

O aperto de mãos foi firme e breve, sua voz profunda e aguda, seus olhos frios e cinzas.

—Estamos prontos?

—Sim.

James vacilou.

—Quer juntar-se a nós?

—Não.

James fechou a porta e indicou o caminho à parte de trás, ignorando com intenção a fascinação que Janice sentia pelo recém-chegado.

—Podemos lhe oferecer algo de beber?

—Poderiam começar me mostrando os diamantes, o que lhe parece?

—Como deseja.

A sala para a exibição privada continha óleos sobre as paredes, um balcão antigo de grandes dimensões e quatro cadeiras de ouro. Havia também um microscópio, uma toalha de mesa de veludo negro, o vinho gelado, e dois copos de cristal. James fez um sinal com a cabeça a seus empregados e Terrence chegou para retirar o recipiente de prata enquanto Janice levou as taças

com um pouco de agitação. William permaneceu no corredor, preparado para qualquer tipo de solicitação.

O senhor diPietro sentou-se e posou suas mãos sobre o balcão, deixando ver um relógio Chopard de platina brilhando sob a manga. Seus olhos, que eram da mesma cor que o relógio, não fizeram mais que fixar-se no James, como se pudesse ver até sua nuca..

James esclareceu sua garganta enquanto se sentava em frente ao homem.

—Conforme nossa conversa, dispus uma seleção de pedras de nossa coleção além de vários diamantes trazidos diretamente de Amberes.

James tirou uma chave dourada e a inseriu no ferrolho da gaveta superior do balcão. Quando estava tratando com um cliente que ainda não sabia se ia comprar ou simplesmente dar uma olhada, como era o caso, tinha que fazer uma chamada para ver se eram do tipo que quer ver o alcance de suas primeiras opções ou se lançar às escolhas mais caras.

Estava claro em que categoria encaixava o senhor diPietro.

Havia dez anéis na bandeja que James colocou sobre o toalha de mesa, todos eles limpos no vapor para sua exibição. O que ele agarrou do mostrador de veludo negro não era o maior, mas só por uma fração de quilate. Mas sem dúvida, era de longe o melhor.

—Este é um anel de esmeralda de 7,7 quilates, cor gama D, impecável em seu interior. Tenho tanto o certificado do Instituto Gemológico Americano como o do Laboratório Gemológico Europeu para que os examine.

James permaneceu calado enquanto o senhor diPietro pegou o anel e começou a examiná-lo. Não era necessário mencionar que o polimento e a simetria da pedra eram excepcionais, ou que a base de platina foi feita a mão para o diamante, ou que este é o tipo de coisas que não aparecem no mercado de maneira freqüente. A luz e o fogo que refletiam falavam por si só, a claridade que irradiava era tão brilhante que teve que perguntar-se se não se trataria realmente de uma pedra mágica.

—Quanto? —perguntou o senhor diPietro.

James pôs os certificados sobre o balcão.

—Dois milhões e trezentos mil.

Para homens como o senhor diPietro quanto mais caro melhor. Mas o certo era que se tratava de uma boa oferta. Para a permanência da joalheria Reinhardt no negócio, teve que equilibrar volume e margem: se havia muito margem não havia suficiente volume. Além disso, assumindo que o senhor diPietro estava fora de qualquer prisão e/ou situação de bancarrota, este era o tipo de homem com o qual James gostaria de manter uma longa relação.

O senhor diPietro deu o anel de volta e estudou os certificados.

—Me fale dos outros.

James trouxe sua surpresa.

—É obvio. Sim, é obvio.

Foi descrevendo da direita para a esquerda da bandeja as características de cada anel enquanto se perguntava se se teria equivocado com seu cliente. Fez que Terrence trouxesse seis mais, todos de mais de cinco quilates.

Uma hora mais tarde, o senhor diPietro se apoiou no encosto da cadeira. O homem não relaxou sua atenção em nenhum momento, nem realizou fugazes comprovações em seu BlackBerry⁴, nem contou piadas para quebrar a tensão. Nem sequer se entreteve em olhar Janice, que estava encantadora.

Concentração total e completa.

James teve que perguntar-se a respeito da mulher que levaria o anel em seu dedo. Seria formosa, é óbvio, mas independente e não muito sentimental. Em termos gerais, inclusive o homem mais sensato e com êxito nos negócios mostraria um brilho especial no olhar ao comprar um anel como aqueles para sua mulher, embora só fosse pelo gosto de surpreendê-la com algo diferente do habitual, ou pelo orgulho de poder permitir-se algo que só 0,01 por cento da população poderia dar de presente... Os homens normalmente mostram um pouco de emoção.

O senhor diPietro era tão frio e duro como as pedras que observava.

—Há algo mais que possa lhe mostrar? —disse James, um pouco deprimido—. Alguns rubis ou safiras, possivelmente?

O cliente procurou no interior de seu paletó e tirou uma fina carteira preta.

—Levarei o primeiro dos que me mostrou, mas por dois milhões.

Vendo que James pestanejou, o senhor diPietro deslizou um cartão de crédito sobre o balcão.

—Se eu estiver dando meu dinheiro a você, eu quero que você trabalhe para isto. E você vai ser tão amável de fazer um desconto pela pedra, porque bem sabe que seu negócio necessita clientes como eu.

James necessitou um momento para dar-se conta de que a transação ia se efetuar de verdade.

—Eu.. eu aprecio seu olho perspicaz para os negócios, mas o preço é de dois milhões e trezentos mil.

O senhor diPietro dava leves golpes com o cartão sobre o balcão.

—O cartão é de pagamento automático. Dois milhões. Agora mesmo.

Com rapidez, James realizou os cálculos mentalmente. A esse preço ainda obtinha um benefício de trezentos e cinquenta mil.

—Acredito que vai ser possível.

O senhor diPietro não pareceu surpreso.

—Menino esperto.

—O que me diz do tamanho? Sabe quanto mede seu..?

—Os 7,7 quilates vão ser o único tamanho com que ela vai se importar. Nós cuidaremos do resto mais tarde.

—Como você deseja.

James estava acostumado a encorajar o pessoal a aproximar-se para conversar com o cliente enquanto ele ia fazer o recibo da compra e imprimir o valor para efeitos do seguro. Esta noite,

⁴ BlackBerry – moderno aparelho de celular

entretanto, fez um gesto negativo com a cabeça para eles enquanto o senhor diPietro pegou um celular e começou a discar.

Enquanto James trabalhava no escritório da parte de trás pôde escutar o senhor diPietro falando ao telefone. Não houve joguinhos no estilo: "Querida, tenho algo para você", ou um sugestivo "Estou indo para ver você". Não. O senhor diPietro não estava chamando alguém a quem desejasse converter em sua noiva, a não ser um tipo chamado Tom a respeito de um assunto concernente a terrenos.

James passou o cartão. Enquanto esperava a autorização, deu um repasse no anel novamente, periodicamente verificando o estágio da leitura digital na máquina do cartão. Quando já podia chamar à linha direta vinte e quatro horas do banco, não se sentia alterado dada a quantidade da compra, e logo que pôde falar com eles, representante solicitou falar com Sr. diPietro.

Depois de passar a chamada ao telefone sobre o balcão da sala de amostras, James colocou a cabeça através da porta.

—Sr. diPietro..

—Querem falar comigo?

O homem estendeu a mão direita, deixando ver seu relógio, e levantou o fone. Antes que James pudesse pôr a chamada em espera, o senhor diPietro o fez ele mesmo e começou a falar.

—Sim, é.. Sim, sou eu.. O nome de solteira de minha mãe é O'Brian.. Sim, obrigado.

Olhou ao James enquanto pôs a chamada em espera de novo, e pendurou o fone.

—Eles tem um código de autorização para você.

James se inclinou e voltou ao escritório. Quando reapareceu, estava levando uma bolsa vermelha macia e lustrosa com alças de cetim e um envelope com o recibo em seu interior.

—Espero que volte a nos visitar se podemos lhe ser de ajuda.

O senhor diPietro tomou o que agora lhe pertencia.

—Tenho intenção de ficar noivo somente uma vez, mas haverá aniversários. Muitos aniversários.

Os empregados se apartavam para lhe deixar passar e James teve que assobiar para que abrissem a porta do estabelecimento para o senhor diPietro. Depois que o homem saiu, James voltou a fechar a porta e apareceu à janela.

O carro do senhor era uma maravilha no arranque, com o motor rugindo e as luzes brilhantes refletindo-se sobre a pintura negra tão brilhante como a água parada.

Quando James se virou, surpreendeu Janice apoiada em outra janela, com os olhos fixos. Podia estar seguro de que não estava admirando o automóvel, mas sim estava concentrada no motorista.

Estranho, não é?, semelhante alarde de poder. Possivelmente por isso diPietro parecia tão distante: podia permitir-se tudo o que lhe tinha mostrado, assim para ele a transação não foi muito diferente do que para um cidadão normal seria comprar o jornal ou uma lata de Coca-cola. Não existe nada que os ricos não possam possuir, e que sortudos eles são.

—Não te ofenda, mas vou embora.

Jim deixou o copo vazio e agarrou a jaqueta de couro. Havia tomado duas Bud e uma terceira o faria candidato a ganhar uma multa, então era hora de partir.

—Não posso acreditar que vai embora sozinho,— disse Adrian desviando o olhar para a moça do Vestido Azul.

Continuava embaixo do foco do teto. E seguia olhando. E seguia lhe tirando o fôlego. —Aham. Só eu, minha pessoa e eu mesmo.

—A maioria dos homens não possuem essa classe de autocontrole.— Adrian sorriu. O aro que tinha no lábio inferior brilhava. —Realmente impressionante.

—Sim, sou todo um santo.

—Acredito. Conduz com cuidado e assim poderá seguir dando brilho a auréola⁵. Verei-te amanhã no lugar de sempre.

Depois de uma rodada de palmadas nas mãos, Jim abriu caminho por entre a multidão. Enquanto avançava, os góticos que estavam cobertos com renda negra e levavam colares de pontas agudas lançavam-lhe olhadas, provavelmente as mesmas que lançavam a todo mundo quando andavam pelo shopping: Que merda faz por aqui?

Certamente as Levi's⁶ e a camisa de flanela limpa que usava ofendiam a sensibilidade do couro e renda.

Jim tomou o caminho que o mantinha afastado de Vestido Azul, uma vez que esteve fora respirou fundo, como se tivesse superado uma prova. O ar frio não lhe trouxe o alívio que necessitava, enquanto rodeava o estacionamento, colocou a mão no bolso da camisa.

Tinha deixado de fumar fazia um ano mas ainda levava a mão o pacote de Marlboro Vermelho. O putro vício era como a dor fantasma de um membro amputado.

Quando chegou na esquina e entrou no estacionamento, passou em frente a uma fila de carros estacionados contra as grades do edifício. Todos estavam sujos e tinha os lados salpicados de sal devido às condições das estradas e à imundície da neve suja que estava caindo há meses. Sua caminhonete, que estava na parte de baixo, no final da terceira fila, estava exatamente igual.

Enquanto caminhava olhava a direita e esquerda. Estava em uma parte má da cidade e se forem lhe assaltar, queria ver de frente o que iria atacá-lo. Não é que se importasse com uma boa briga. Tinha tido as suas na juventude e o tinham treinado bem no exército e além disso, graças a seu trabalho diurno, estava em uma forma soberba. Mas sempre era melhor...

Parou quando viu um brilho dourado no chão.

Inclinou-se e recolheu um anel fino de ouro, não, era um brinco de aro, daqueles que aqueles caras colocam eles mesmos. Jogou a porcaria e olhou por cima dos carros. Qualquer um poderia tê-lo lançado. Não era muito caro.

⁵ auréola = é um círculo dourado ou peça de metal circular com que pintores e escultores circundam muitas vezes a cabeça de Cristo, da Virgem e dos santos, indicando uma espécie de resplendor em suas imagens.

⁶ Marca de calça jeans

—Por que foi embora sem mim?

Jim parou em seco.

Merda, tinha a voz tão sexy como o corpo.

Estirou-se em toda sua estatura dando a volta nos saltos das botas de trabalho e olhou por cima dos capôs dos carros. Vestido Azul estava a uns nove metros, de pé sob uma das luzes de segurança, o que levava a perguntar se sempre escolhia lugares que a iluminavam.

—Faz frio, — disse. —Deveria voltar para dentro.

—Não tenho frio.

Sim, era verdade. Poderia dizer-se que tão quente como foder. —Ok... Vou.

—Sozinho?— Aproximou-se e seus saltos altos ressonavam no asfalto irregular.

Quanto mais se aproximava, melhor estava. Merda, tinha os lábios feitos para o sexo, profundamente vermelhos e ligeiramente abertos e esse seu cabelo... o único no que podia pensar era nesse cabelo derramando-se por seu peito nu e por suas coxas.

Jim meteu as mãos nos bolsos da calça. Era muito mais alto que ela mas a forma em que caminhava era como um soco no estomago que o imobilizava com pensamentos quentes e planos vívidos. Olhando sua pele fina e pálida, perguntava-se se seria tão suave como parecia. Perguntava-se mil vezes o —que havia debaixo daquele vestido. Perguntava-se como se sentiria tendo-a debaixo de seu corpo nu.

Teve que respirar fundo quando parou em frente a ele.

—Onde está seu carro?— Perguntou.

—Caminhonete.

—Onde está?

Nesse momento, uma brisa fria se deslizou do beco e ela estremeceu-se um pouco e levantou os braços magros e adoráveis para abrigar-se como se se abraçasse. Seus olhos escuros, que lhe tinham resultado sedutores no clube, se voltaram implorantes abruptamente e fizeram virtualmente impossível afastar-se dela.

la fazê-lo? la cair no quente lago que era esta mulher, mesmo que por pouco tempo?

Chegou outra rajada como um disparo feito por um canhão e ela deu um golpe contra o chão com um salto de agulha e logo com o outro.

Jim tirou a jaqueta de couro e cortou a distância entre eles. Sem tirar os olhos um do outro, envolveu-a com o que lhe tinha esquentado até esse momento. —Estou aqui.

Agarrou sua mão. Ele a guiou.

O Ford F-150S não era exatamente genial para ligar mas tinha suficiente espaço, se o necessitava. Além disso, era tudo o que podia oferecer. Jim a ajudou a subir e deu a volta para ficar frente ao volante. O motor ligou rapidamente e pôs a calefação, dissipando o ar frígido até que as coisas se esquentaram.

Moveu-se pelo assento até ele e seus peitos se elevaram sobre o decote drapeado do vestido quando se aproximou mais.

—É muito amável.

Amável não era como via a si mesmo. E especialmente não agora, tendo em conta o que tinha em mente.

—Não posso deixar que uma dama passe frio.

Jim lhe passou os olhos por todo o corpo. Estava aconchegada em sua jaqueta de couro de pouco valor, com a cara para cima e o cabelo comprido caindo sobre os ombros e ondulando-se para o decote. Podia ter começado como uma sedutora mas a verdade é que era uma boa garota.

—Quer que falemos?—, perguntou-lhe porque ela merecia algo melhor do que queria dela.

—Não.— Negou com a cabeça. —Quero fazer... algo.

Bem, Jim definitivamente, não era amável. Era um homem a um palmo de uma mulher formosa, inclusive embora ela lançava vibrações de vulnerabilidade, brincar de psicanalistas não era a classe de jogo horizontal que estava atrás.

Quando levantou o olhar, seus olhos pareciam tristes, como órfãos.

—Por favor... beija-me?

Jim se conteve, sua expressão o freava e muito mais que isso.

—Está segura?

Jogou o cabelo por cima do ombro e o colocou detrás da orelha. Quando assentiu com a cabeça, o diamante do tamanho de um centésimo que tinha na orelha cintilou. —Sim... muito. Beije-me.

E quando lhe sustentou o olhar sem apartar os olhos, Jim sucumbiu sentindo-se enfeitiçado e sem que importasse o mais mínimo. —Irei devagar.

OH... Deus....

Seus lábios eram tão suaves como tinha imaginado e acariciou sua boca com cuidado, temeroso de esmagá-la. Era doce, era cálida e confiava em que ele fora com cuidado, lhe dando a bem-vinda a sua língua dentro de sua boca e depois se encostando para trás para que a palma de sua mão caísse de seu rosto até sua clavícula... até seus peitos plenos.

O que trocou o ritmo das coisas.

Abruptamente, sentou-se e tirou a jaqueta.

— O zíper está nas costas.

Suas mãos endurecidas de trabalhador a encontraram, preocupado de poder danificar o vestido azul enquanto o deslizava para baixo. Ela mesma tirou a parte de cima revelando um sutiã de cetim e renda que, com toda probabilidade, custava mais que sua caminhonete.

Tinha os mamilos erguidos sob o fino material e, na sombra lançada pela débil luz que passava através das frestas, eram um banquete espetacular para os olhos.

—Meus seios são de verdade,— disse com voz suave. —Queriam que colocasse implante mas... eu não queria.

Jim franziu o cenho pensando que qualquer porco bode que tivesse ocorrido pensar tal coisa merecia que o operassem da vista... com uma vara de ferro.

—Não o faça. É muito formosa.

—De verdade?— Sua voz vacilava.

—De certeza.

Seu tímido sorriso significava muito para ele, beliscava em seu peito, metendo-se muito fundo. Sabia tudo sobre o lado feio da vida, tinha passado pelo tipo de coisas que fazem que um dia pareça um mês e não desejava nada disso a ela. Entretanto, parecia que ela também tinha o seu.

Jim subiu a calefação para esquentá-la.

Quando se recostou para trás, ela deslizou uma das taças do sutiã e agarrou o peito na mão lhe oferecendo o mamilo.

—É incrível.— Murmurou.

Jim se inclinou e capturou sua carne com a boca, chupando com suavidade. Ela ofegou e enredou as mãos em seu cabelo. Seu peito lhe embalava a boca e teve um momento de pura luxúria, do tipo que transforma os homens em animais.

Salvo que então recordou a forma em que o havia olhado, e soube que não ia ter sexo com ela. Ia cuidar dela, aqui na cabine da caminhonete, com a calefação em marcha e as janelas embaçando-se. Ia mostrar-lhe quão formosa era e quão perfeito era seu corpo e como seria ... prová-lo. Mas não tomaria nada para si mesmo.

Merda, talvez não era tão mau.

Está seguro? Sua voz interior o cortou. Está realmente seguro?

Não, não estava. Mas Jim a recostou no assento e fazendo um monte com a jaqueta de couro como se fora um travesseiro para a cabeça, comprometeu-se a fazer o correto.

Homem. . . era preciosa, um passarinho perdido e exótico que tinha encontrado refúgio em um galinheiro.

Por que na verde terra de Deus o queria a ele?

—Me beije—, disse ela ofegando.

Enquanto se apoiava nos braços fortes e se inclinava sobre ela, viu de relance o relógio digital no painel: 11:59. O minuto exato em que tinha nascido há quarenta anos.

Que feliz aniversário estava resultando ser.

Capítulo 3

Vin diPietro se sentou em um sofá coberto de seda em uma sala de estar decorada em ouro, vermelho e branco nata. O piso de mármore negro estava coberto com tapetes antigos, as estantes estavam cheias de primeiras edições, e todos ao redor continham sua coleção de cristal, ébano, e estátuas de bronze, que brilhava. Mas o que mais chamava atenção era a vista de cima da cidade à direita.

Graças a uma parede de vidro que percorria toda a longitude da sala, as pontes gêmeas de Caldwell e todos os seus arranha-céus eram tanto uma parte da decoração como as cortinas, os tapetes no chão e os objetos de arte. A vista era urbana em seu melhor momento, uma vasta paisagem resplandecente que nunca era a mesma, embora os edifícios não mudassem.

O duplex de Vin no Commodore ocupava o vigésimo oitavo e o vigésimo nono dos andares de luxo, com um total de dez mil metros quadrados. Tinha seis dormitórios, um apartamento para a empregada, sala de exercícios, e uma sala de cinema. Oito banheiros. Quatro vagas de estacionamento na garagem subterrânea. E dentro de tudo era exatamente como ele queria, cada quadrado de mármore, lajes de granito, pedaço de madeira, o tapete, tudo o que tinha sido cuidadosamente selecionado do melhor por ele.

Ele estava pronto para sair.

Do modo como as coisas estavam indo, pensou que estaria pronto para entregar as chaves para seu próximo dono em quatro meses. Talvez três, dependendo da rapidez com que os operários estavam trabalhando na construção.

Se este condomínio era agradável, que Vin estava construindo à beira do rio Hudson, usaria o duplex como residência. Ele teve que comprar uma meia dúzia de antigos chalés de caça e campos para conseguir o tipo de superfície e área que queria, mas tudo tinha caído em seu lugar. Derrubou as casas, limpou a terra, e cavou um buraco o suficientemente grande para jogar futebol. Os operários estavam cimentando agora e trabalhando no teto, logo depois viria sua frota de eletricitas que instalaram o sistema elétrico central e seus encanadores colocariam a água. Por último, seriam os detalhes com azulejos, aparelhos acessórios e os decoradores.

Tudo em conjunto, como magia. E não só sobre onde ele viveria.

Em frente dele, na mesa coberta por vidro estava a caixa aveludada de Reinhardt.

Quando o relógio de seu avô na sala bateu meia-noite, Vin se acomodou nas almofadas do sofá e cruzou suas pernas. Ele não era romântico, nunca tinha sido, e nem Devina era — uma das razões porque eram perfeitos juntos. Ela dava-lhe espaço, mantinha-se ocupada, e estava sempre pronta para pular em um avião quando precisava dela. E não queria filhos, um enorme bônus a mais.

Ele não os queria. Pecados dos pais e tudo mais.

Ele e Devina não se conheciam há muito tempo, mas quando era certo, era certo. Como comprar terra para empreender. Você somente sabia quando olhava a terra que aqui é onde tinha que construir.

Olhando para fora, a cidade vista acima de tantos outros, pensou na casa que tinha crescido. No passado sua visão tinha estado abaixo de dois andares, e ele tinha passado muitas noites tentando ver a história das portas próximas. Por cima do estrondo de sua mãe e da luta embriagada do pai, a única coisa que ele sabia era que iria embora. Longe dos seus pais. Longe daquela vizinhança de classe média baixa mais patética. Longe dele e do que o separava de todos os outros. E o que você sabe, é exatamente o que acontece.

Ele infinitamente preferia esta vida, esta paisagem. Tinha sacrificado muito para erguer-se aqui, mas a sorte sempre estava com ele — como magia.

Mas então, quanto mais duro você trabalha, mais feliz você fica. E maldito tudo e todo mundo, aqui era onde ia ficar.

Quando Vin verificou seu relógio novamente, quarenta e cinco minutos se passaram. E então outra meia hora.

Enquanto se inclinava para frente e tocava a caixa aveludada, o clique e a abertura da porta dianteira o fizeram girar sua cabeça. Fora da sala, saltos batiam no mármore em sua direção. Ou pensou que eram.

Quando Devina entrou pela arcada da sala de estar, tirou seu mink⁷ branco, expondo um vestido azul Herve Leger que tinha comprado com seu dinheiro. Um verdadeiro nocaute: as curvas perfeitas de seu corpo mostradas pelas faixas de tecido, suas pernas longas melhoradas pelas linhas do Louboutins vermelho que vestia e seu cabelo escuro mais brilhante que o lustre cristalino que havia em cima de sua cabeça.

Resplandecente. Como sempre.

—Onde estava?— Ele perguntou.

Ela congelou e o examinou.

—Eu não sabia que estava em casa.

—Estava esperando por você.

—Você devia ter ligado.— Ela tinha olhos espetaculares, amendoados e mais escuros que seu cabelo. —Eu teria vindo se chamasse.

—Pensei em surpreender você.

—Você...Não faz surpresas.

Vin se aproximou e manteve a caixa escondida dentro de sua mão.

—Como foi sua noite?

—Boa.

—Onde esteve?

Ela dobrou a pele em cima de seu braço.

—Só fui a um clube.

Quando se aproximou dela, Vin abriu sua boca, sua mão apertando o que comprou para ela. Seja minha esposa. Devina franziu o cenho.

—Você está bem?

Seja minha esposa. Devina seja minha esposa.

Ele estreitou os olhos em seu lábios. Estavam mais inchados que normalmente. Mais vermelhos. E desta vez ela não usava nenhum batom.

A conclusão o impactou trazendo a memória vívida de seus pais. Os dois gritando um ao outro e quebrando coisas, ambos bêbados como bodes. O assunto era o mesmo de sempre, e ele podia ouvir a voz furiosa do seu pai clara como o dia: Quem estava com você? Que diabos estava fazendo, mulher?

Depois disto, a próxima coisa no programa seria o cinzeiro da sua mãe batendo na parede. Graças a toda a prática que conseguiu, ela tinha força no braço, mas a vodca tendia a desviar sua pontaria, então ela batia na cabeça do seu pai só uma vez a cada dez arremessos.

Vin deslizou a caixa do anel no bolso do casaco de seu terno.

—Teve bons momentos?

Devina estreitou seus olhos como se estivesse tendo dificuldades para julgar seu humor.

⁷ Casacos de pele caríssimos

—Só saí um pouco.

Ele movimentou a cabeça, perguntando-se se o efeito amarrotado do seu cabelo era estilo ou mãos de outro homem.

—Bom. Eu estou contente. Eu vou fazer algum trabalho.

—Certo.

Vin girou e caminhou pela sala de estar e biblioteca até seu escritório. O tempo todo, manteve seus olhos nas paredes de vidro e na vista.

Seu pai acreditou em duas coisas sobre mulheres: Você nunca podia confiar nelas; e elas subjugariam você se desse a elas a mão superior. E tanto quanto Vin não queria qualquer legado daquele filho de uma cadela, ele não podia evitar as memórias que tinha de seu papai.

O sujeito sempre tinha estado seguro que sua esposa o enganava—o que era duro de acreditar. A velha de Vin clareava seu cabelo só duas vezes por ano, exibia círculos debaixo de seus olhos da cor de nuvens de tempestade, e tinha um guarda-roupa limitado a uma bata que limpava com a mesma frequência que a caixa de Clairol o fazia em casa. A mulher nunca deixava a casa, fumava como uma fogueira, e tinha um bafo de álcool que podia derreter a pintura de um carro.

Ainda assim seu pai de alguma maneira pensava que homens seriam atraídos por aquilo. Ou que ela, que nunca ergueu um dedo a menos que fosse um cigarro para acender, regularmente tinha a perspicácia para sair e encontrar bons corações cujo gosto corria em direção a cinzeiros e garrafas.

Os dois lhe batiam. Pelo menos até que cresceu o suficiente para mover-se mais rápido que eles. E provavelmente a coisa mais amável que fizeram para ele como pais foi matar um ao outro quando estava com dezessete anos— que foi uma bonita merda patética.

Quando Vin chegou ao seu estúdio, sentou-se atrás da escrivaninha coberta de mármore e admirou seu escritório. Ele tinha dois computadores, um telefone com seis linhas nele, um fax, e duas luminárias de bronze. A cadeira era de couro cor de sangue. O carpete era da cor prateada, como os olhos do pássaro que estava retratado na parede. As cortinas eram pretas, creme e vermelhas.

Pondo o anel entre uma das luminárias e o telefone, ele girou para longe dos negócios e retomou sua vigília da cidade.

Seja minha esposa, Devina.

—Eu coloquei algo mais confortável.

Vin olhou por cima de seu ombro e conseguiu uma vista de sua mulher, que agora estava envolta em preto.

Ele rodou sua cadeira.

—Você certamente o fez.

Quando veio até ele, seus peitos empinados balançavam de um lado para outro por baixo do tecido e ele podia se sentir endurecendo. Ele sempre tinha amado seus peitos. Quando disse que queria colocar silicone, ele tinha vetado a idéia rapidamente. Ela era perfeita.

—Eu realmente sinto muito não ter estado aqui quando me quis,— ela disse, abrindo o robe translúcido e se ajoelhando na frente dele. —Eu verdadeiramente sinto.

Vin ergueu sua mão e correu seu dedo polegar de um lado para outro acima de seu lábio inferior cheio.

—O que aconteceu com seu batom?

—Eu lavei meu rosto no banheiro.

—Então por que continua com seu delineador?

—Eu reapliquei.— Sua voz era suave. —Eu fiquei com meu telefonei o tempo inteiro. Você me disse que tinha uma reunião tarde.

—Sim, tinha.

Devina pôs suas mãos em suas coxas e se debruçou, o volume dos seios saindo pelo decote de seu vestido. Deus, ela cheirava bem.

—Sinto muito,— ela gemeu antes de beijar seu pescoço e cravar suas unhas em suas pernas.

—Deixe-me compensar isto para você.

Ela fechou seu lábios em sua pele e chupou.

Quando Vin deixou sua cabeça cair para trás, olhou para ela por baixo de suas pálpebras. Ela era a fantasia de qualquer homem. E era sua.

Então por que merda não conseguia dizer as palavras?

—Vin...Por favor não fique bravo comigo,— ela sussurrou.

—Eu não estou.

—Você está carrancudo.

—Eu sempre estou.— Exatamente quando ele sorria? —Bem, por que você não vê o que pode fazer para melhorar meu humor?

Os lábios de Devina se ergueram como se isto fosse justamente o tipo de convite que esperava, e rapidamente, ela desfez sua gravata, abriu seu colarinho e soltou os botões de sua camisa. Beijando seu corpo até os quadris, ela desafivelou seu cinto, retirando sua camisa das calças e raspou as unhas e dentes através de sua pele.

Ela soube que ele queria duro e não tinha nenhum problema com aquilo.

Vin tirou o cabelo de seu rosto quando ela soltou sua excitação, e soube que ele não era o único a conseguir uma visão do que ela ia fazer com ele: Ambas as luminárias da escrivaninha estavam acesas, o que significava que qualquer um naqueles arranha-céus que ainda estivesse em seu escritório com um par de binóculos, conseguiriam um inferno de show.

Vin não a parou ou desligou as luzes.

Devina gostava de público.

Quando a boca aberta fechou sobre a cabeça de seu membro, gemeu e logo apertou os dentes, quando o tragou em sua garganta. Ela era muito boa neste tipo de coisa, encontrou um ritmo que o levou longe, o olhar fixo nele enquanto trabalhava. Ela sabia que queria algo sujo, por isso no último momento, recuou de modo que seus peitos perfeitos apareceram.

Com uma risada baixa, ela o olhou de esguelha, uma menina travessa ainda não satisfeita. Devina era assim, variável em função da situação, capaz de ser uma mulher adequada num momento e uma puta no seguinte, vestindo suas máscaras e as descartando à vontade.

—Ainda está faminto, Vin.— A mão formosa desceu do sutiã para sua tanga e ficou ali

quando se deitou para trás. - Não são você.

Na luz, seus olhos não eram marrons escuros, mas sim um negro denso, e estavam cheios de conhecimento. Ela estava certa. Ele a queria. Desde o momento que a viu na inauguração de uma galeria e tomaram ambos um Chagall em sua casa.

Vin saiu de sua cadeira e ajoelhou-se entre suas pernas, abrindo-as mais. Ela estava pronta, e ele a tomou no tapete próximo a sua escrivaninha. O sexo era rápido e duro, mas ela estava louca e ele também.

No orgasmo, ela disse seu nome como se tivesse dado o dela exatamente depois.

Deixando cair a cabeça no tapete de seda fina, soprou forte e não gostou da forma que se sentia. Quando a paixão passou, ele estava mais que passado, ele estava estéril.

Às vezes era como se quanto mais enchesse, mais o vazio aumentava.

—Quero mais, Vin—, disse com uma voz profunda e gutural.

Na ducha do vestiário no Iron Mask, Marie-Terese entrou embaixo da água quente e abriu sua boca, deixando a água lavar tanto dentro quanto fora dela. Em um prato de aço inoxidável, tinha uma barra dourada de sabão, e ela a agarrou sem olhar. A impressão da marca estava quase lisa, o que significava que a coisa iria durar só duas ou três noites.

Quando lavou cada polegada de seu corpo, suas lágrimas juntaram-se a espuma da água, seguindo seu caminho no ralo a seus pés. De algum modo, esta era a parte mais dura da noite, este tempo no vapor morno e sabão vagabundo—pior até que o blues pós-confissão.

Deus, estava de uma maneira que até o cheiro do sabão era suficiente para fazer água em seus olhos, prova positiva que Pavlov não sabia só sobre cachorros⁸.

Quando ficou pronta, saiu e pegou uma áspera toalha branca. Sua pele tiritou de frio, encolhendo, parecendo uma armadura, e sua vontade era também fazer uma retração semelhante, prendendo suas emoções e as mantendo seguras mais uma vez.

Fora do cubículo, ela colocou de volta sua calça jeans e sua blusa de gola alta, enfiando as roupas de trabalho na mochila. Seu cabelo levou mais ou menos dez minutos de secador antes de estar pronta para sair na noite fria, e o tempo extra no clube a fez rezar pelo verão.

—Você está pronta para ir?

⁸ Ivan Petrovich Pavlov foi um fisiólogo russo. Foi premiado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1904, por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais. As primeiras experiências com os cachorros eram simples. Segurava um pedaço de pão e mostrava ao cachorro antes de dá-lo para comer. Com o tempo o cachorro passou a salivar assim que via o pedaço de pão. A salivação era uma resposta quando a comida era colocada em sua boca, uma reação natural de reflexo do sistema digestivo do animal e não envolvia aprendizagem. Pavlov designou esse reflexo de reflexo inato ou não condicionado. O cachorro de Pavlov ficou conhecido devido a uma experiência feita no início do século XX. Pavlov baseou seus estudos no condicionamento: fez a experiência de alimentar cães ao som de uma música determinada; posteriormente, ao ouvirem apenas a música, suas cobaias reagiram com secreção de saliva e de sucos gástricos. Pavlov provou, por meio desse experimento, que os cães desenvolvem comportamentos em resposta a estímulos ambientais, podendo tais comportamentos serem explicados sem que se precise entender o que se passa no plano mental ou psicológico. Essas conclusões deram material ao behaviorismo (teoria proposta por Watson) para afirmar que o ser humano aprende essencialmente através da imitação, observação e reprodução dos comportamentos dos outros, e que nossas ações são meras respostas ao ambiente externo.

A voz de Trez chegou através da porta fechada do vestuário e ela teve que sorrir. As mesmas palavras toda noite, e sempre no momento que ela desligava o secador de cabelo.

—Dois minutos,— ela gritou.

—Sem problema.— Trez sempre dizia isto também. Ele sempre fez questão de escoltá-la até seu carro, não importa quanto tempo levasse para partir.

Marie-Terese pousou o secador, empurrou seu cabelo para trás, e enrolou um elástico em torno das mechas grossas. Ela se inclinou para o espelho. Em algum momento durante o turno, ela perdeu um brinco e só Deus sabia onde a coisa estava.

—Maldito seja.

Pegando sua mochila, deixou o vestuário e encontrou Trez no corredor vendo mensagens de texto em seu BlackBerry.

Ele pôs o telefone em seu bolso e a olhou.

—Está bem?

— Não. —Sim. Foi uma noite boa.

Trez movimentou a cabeça uma vez e caminhou com ela para a porta de trás. Quando estavam do lado de fora, ela rezou que ele não comesse com um de seus sermões. Sua opinião a respeito da prostituição é que as mulheres podiam optar por fazê-lo, e os homens podiam optar por pagar, mas tinha que ser dirigido profissionalmente – inferno, meninas tinham sido despedidas por não usar preservativos. Também acreditava que se havia sequer um indício que uma mulher se sentia incômoda com sua escolha, ela devia ter a oportunidade de repensar o que estava fazendo e sair.

Era a mesma filosofia que Rehvenge tinha no ZeroSum, e a ironia era que por causa disto, a maior parte das meninas não queriam deixar essa vida.

Quando chegaram no seu Camry, ele a parou pondo sua mão em seu braço.

—Você sabe o que eu vou dizer, não é?

Ela sorriu um pouco. —Seu discurso.

—Não é retórica. Eu quero dizer cada palavra.

—Oh, eu sei que você o faz,— ela disse, tirando suas chaves. —E você é muito amável, mas estou onde preciso estar.

Por um segundo ela podia ter jurado que seus olhos escuros relampejaram com uma luz obscura —mas provavelmente era só um truque das luzes de segurança que inundavam a volta do edifício.

E quando olhou fixamente para ela, como se estivesse escolhendo suas palavras, ela agitou sua cabeça. —Trez...por favor não faça.

Fazendo uma careta, ele amaldiçoou sob sua respiração, então estendeu seus braços.

—Venha aqui, menina.

Quando se inclinou para frente e encontrou sua força, ela perguntou-se como seria ter um homem como este, um que poderia não ser perfeito, mas que era honrado e fazia o certo e preocupava-se com a gente.

—Seu coração não está mais aqui,— Trez disse suavemente em sua orelha. —É hora de você

ir.

—Eu estou bem.

—Você mente. Quando a afastou, sua voz era tão certa e segura, que sentiu como se ele pudesse ver dentro do seu coração. —Deixe-me dar a você o dinheiro que precisa. Você pode pagar isto depois sem juros. Você não pertence a este lugar. Alguns pertencem. Você não. Sua alma não está bem aqui.

Ele estava certo. Ele estava muito, muito certo. Mas ela nunca tinha contado com ninguém, nem mesmo alguém tão decente quanto Trez.

—Eu sairei logo,— ela disse, batendo levemente em seu tórax enorme. —Só um pouco mais e terei o suficiente. Então pararei.

A expressão de Trez apertou e sua mandíbula ficou rígida, mas iria respeitar sua decisão, ainda que não concordasse com isto. —Lembre de minha oferta sobre o dinheiro, certo?

—Lembrarei.— Ela se ergueu nas pontas dos pés e beijou sua bochecha. —Prometo.

Trez a instalou no carro, e depois que ela o tirou de seu lugar e o pôs em marcha, olhou no espelho retrovisor. À luz de suas luzes traseiras, ele a estava olhando, com os braços cruzados sobre seu forte peito... e logo se foi como se tivesse desaparecido.

Marie-Terese pisou no freio e esfregou os olhos, perguntando-se se o tinha perdido... mas logo se aproximou um carro atrás dela, com as luzes intermitentes nos retrovisores e a cegando. Sacudiu a si mesma, abriu o gás e saiu disparada do estacionamento. Seja quem for que esteve em seu pára-choque sumiu na seguinte rua, e a viagem para casa foi de aproximadamente quinze minutos

A casa que alugou era pequena, só um pouco de Cape Cod estava em boa forma, mas tinha duas razões pelas quais a tinha eleito sobre as outras que tinha olhado quando chegou em Caldwell: Estava em uma zona escolar, o que significava um monte de olhos por toda a vizinhança, e o proprietário lhe permitiu pôr grades em todas as janelas.

Marie-Terese estacionou na garagem, esperando à porta automática fechar, e depois levantou para entrar no corredor às escuras. Passando pela cozinha, que cheirava a maçãs frescas que sempre tinha em uma cesta, foi nas pontas dos pés para a luz na sala. No caminho, meteu a bolsa no armário de casacos.

A esvaziaria e refaria quando não houvesse ninguém ao redor para vê-la. Quando saiu à luz, sussurrou:

—Sou eu.

Capítulo 4

Ele dormiu com ela.

Na manhã seguinte, o primeiro pensamento de Jim era de que era um merda e que precisava escapar disso. Ele rolou pela cama, o que acabou de fazer sua tentativa de levantar pior.

A temprana luz da alvorada estava chutando o traseiro da cortina a seu lado, e como o resplendor estava se chocando contra seu crânio, ele lamentava que a maldita janela não fosse feita de placas de gesso.

Homem, não podia acreditar que tinha dormido com essa formosa e vulnerável mulher em seu caminhão como se ela fora algum tipo de puta. O fato de que logo havia voltado aqui e tinha bebido até ficar em um estado cronatoso⁹ foi um pouco mais acreditável. Mas a tudo isto se somava que ele ainda se sentia mal sobre o que tinha feito e ele ia ter que lidar todo o dia com uma ressaca.

Grande. Planejamento.

Livrando-se do cobertor, olhou as calças jeans e a camisa de flanela que vestiu no clube. Ele desmaiou antes de ter tido a oportunidade de despir-se, então estava tudo amarrotado, mas ele iria vestir os Levi's para trabalhar. A camisa, por outro lado, ele teve que economizar das doze horas de construção. Era sua única "boa", o que significava que não tinha manchas de pintura, buracos, nem botões perdidos, nem punhos desfiados.

Ainda.

Jim desnudou-se e jogou a camisa na torre inclinada de roupa suja na cama. Enquanto caminhava com sua dor de cabeça para a ducha, lembrou de por que não ter um monte de móveis era bom. Exceto por seus dois montes de roupa, o limpo e o "necessário ser limpo", tudo o que ele tinha era o sofá de vime que veio com o estúdio e uma mesa com duas cadeiras, todos felizmente fora do caminho do banheiro.

Barbeou-se e tomou um banho rápido, e logo pôs os boxers e a Levi's e tomou quatro aspirinas. A camiseta foi seguida pelas meias e botas. No caminho da porta, pegou seu cinturão de ferramentas e sua jaqueta de trabalho.

Seu alugado estava em cima de uma garagem- como dependência, e ele se deteve no alto da escada, entrecerrando os olhos com tanta força que trancou seus dentes. Maldita seja... a luz penetrante que perfurava seus olhos fez parecer que o sol tinha decidido devolver a atração da Terra e aproximar-se um pouco para selar o pacto.

Desceu pelas escadas de madeira rangente. Através do caminho de cascalho que conduzia ao frio caminhão. Durante todo o caminho com uma expressão como se houvesse um espinho em seu pé.

Ao abrir a porta do lado do condutor, pegou um aroma de perfume e amaldiçoou. As imagens voltaram, todas elas carnisais como o inferno, cada uma delas outra fonte de inspiração para a dor de cabeça.

Ainda estava amaldiçoando e entrecerrando os olhos enquanto conduzia pela pista e passava diante do casarão branco, do qual o proprietário era o velho Sr. Perlmutter. Ninguém tinha vivido no grande lugar durante o tempo que Jim tinha sido inquilino, suas janelas fechadas no interior, seu alpendre permanentemente vazio.

Essa rotina de ninguém-está-em-casa, junto com os trinta dias de aviso prévio para partir eram suas duas partes favoritas a respeito de onde morava.

⁹ Trocadilho entre estado de coma e a cerveja corona (ajuda da Dyllan)

No caminho do trabalho, deteve-se em um posto de gasolina e comprou um café grande, um sanduíche de peru e uma Coca-Cola. O saco de comida rápida cheirava como sapatos velhos e suavizante de roupa, e havia uma probabilidade que o sanduíche tivesse sido feito na última semana do peru, mas estava comendo a mesma coisa no último mês e ainda estava em pé sobre suas botas, por isso a merda, evidentemente, não o estava matando.

Quinze minutos mais tarde se unia à Rota 151N, bebendo seu café, com os óculos de sol postos, e sentindo-se ligeiramente mais humano. A obra estava na borda oeste do Rio Hudson, e quando chegou à bifurcação, voltou a tampar o copo de plástico e colocou as mãos sobre o volante. A pista que descia pela península era a cova central, graças a toda a maquinaria pesada que havia, tinha barris na parte de trás, e os amortecedores do puto caminhão queixaram-se todo o caminho.

Em breve ia haver grama cuidada por toda parte, mas no momento a terra que o rodeava parecia com a pele de um moço de quinze anos. Incontáveis troncos de árvores jaziam como grãos marrons através da erva de inverno na face da terra parecendo que tinha sido criado por uma equipe de meninos com motosserras. E isso não era o pior. Quatro cabanas tinham sido derrubadas, seus alicerces e o buraco debaixo do primeiro andar era tudo que ficava das estruturas que tinham estado ali por mais de cem anos.

Mas tudo tinha que sair. Essa foi a ordem do empreiteiro geral. Que era seu próprio cliente.

E quase tão divertido como uma ressaca numa manhã alegre e fria.

Jim estacionou na linha de pickups formada pelos trabalhadores que entravam. Deixou o sanduíche e a Coca-cola no chão atrás da cabine para que ficassem frescos e cruzou as pistas de terra mastigadas pelos pneus para a casa em construção. Com sua estrutura ereta de dois por quatro, sua pele estava subindo, as pranchas de aglomerado estavam sendo cravadas no esqueleto da estrutura.

Carvalho, era um monstro tão grande que era capaz de fazer as mansões da cidade parecerem casas de bonecas.

—Jim.

—Chuck.

Chuck, o capataz, era um cara de um metro e oitenta com ombros quadrados, uma barriga redonda e um perpétuo charuto metido na boca-e isso enquanto se falava com ele. A coisa era que Jim determinava em qual parte da casa se trabalhava e o que ia se fazer, e ambos sabiam. Com uma equipe de vinte carpinteiros no projeto, ali variavam diferentes graus de habilidade, compromisso e seriedade, e Chuck sabia tratar com todo mundo. Se tivesse metade de um cérebro e pudesse usar um martelo bem, te deixava sozinho, porque sabia que já tinha suficiente em seu prato com esses imbecis.

Jim se preparou e se dirigiu para onde estavam os materiais. As lixadeiras estavam empilhadas num armário com chave sobre a laje de concreto de uma garagem de carros, e junto delas, alinhados em fila, estavam os geradores elétricos a gasolina que já estavam funcionando com um rugido. Fazendo uma careta de dor pelo ruído, atravessou a serpenteante extensão de cordas que saíam das serras de mesa e das lixadeiras e encheu a bolsa no lado esquerdo de seu

cinturão de ferramentas.

Foi um alívio dirigir-se à parte sul da casa -que, considerando a planta, era virtualmente no condado vizinho. Se lançando ao trabalho começou a levantar lances de 1,80m por 1,20m e prendê-las no lugar sobre a armação. Utilizou um martelo em vez de uma pistola de pregos porque era como se fazia na velha escola, e porque inclusive trabalhando manualmente era um dos mais rápidos carpinteiros dos arredores.

O som de um par de Harleys aproximando-se atraiu sua atenção.

Eddie e Adrian puxaram suas motos e apearam em sincronia, tirando suas jaquetas de couro e óculos de sol ao mesmo tempo também. À medida que se aproximavam da casa em sua direção, Jim gemeu: Adrian o olhava com uma expressão na cara que dizia: sei exatamente o que aconteceu ontem à noite.

O que significava que o homem percebeu que Vestido Azul tinha desaparecido quase ao mesmo tempo que ele.

—Merda, — murmurou.

—O que?

Jim sacudiu a cabeça em direção ao homem do seu lado e voltou a concentrar-se no que estava fazendo. Posicionando uma das folhas contra o marco, sustentou-a com seu quadril, desprende o martelo de seu cinturão, pôs um prego, e golpeou. Repetir. Repetir. Repetir.

—Divertiu-se ontem à noite? — Perguntou Adrian quando passou ao seu lado. Jim seguiu golpeando.

—Ah, vamos, não precisa todos os detalhes, mas poderia me dar alguns. — Adrian deu uma olhada ao seu companheiro de quarto.

—Me cubra, ok?

Eddie simplesmente se afastou e golpeou o ombro de Jim, o que era sua versão de bom dia.

Sem ter pedido, encarregou-se do peso da lâmina, liberando Jim para usar o martelo muito mais rápido. Eram uma grande equipe, embora Adrian desequilibrasse o ritmo. Era o menos trabalhador, preferindo passar seu tempo fodendo ao redor e dando rédea solta a sua boca. Era um milagre que não o tivessem despedido nas quatro semanas que tinha trabalhado no lugar.

Apoiando-se no marco nu da porta, fez rodar seus olhos.

— Vai dizer se conseguiu um presente de aniversário ou não?

— Não. — Jim colocou um prego e golpeou a cabeça. Dois golpes e o topo do prego ficou rente com a tábua e logo deu outro golpe imaginando que seu objetivo era a cara de Adrian.

—Fede.

Sim, certamente a noite anterior esteve completa- não era que ele tivesse algum negócio com esse amistoso vizinho filho da puta com um fetiche com metal.

As coisas tomaram seu ritmo habitual, e os outros meninos tamparam o caminho ao redor de Jim e Eddie, fechando o buraco que tinham deixado no dia anterior, selando tudo para evitar as chuvas de primavera que acabavam de começar. A casa ia ter ao redor de quatro mil e quinhentos metros quadrados de tamanho, pelo qual a ordem que tinham era terminar de fechar tudo em apenas uma semana. Pelo qual, Jim e Eddie estavam esfolando o traseiro, e os pedreiros já

estavam na metade do caminho entre as vigas. Ao final do fim de semana, já não teriam que preocupar-se mais pelo chuveiro frio ou vento gelado, graças a Deus. Ontem tinha sido um péssimo dia úmido e desagradável, e ainda havia atoleiros aqui e acolá que salpicavam seu jeans.

A hora do almoço chegou rapidamente, o tempo passava rápido quando trabalhava com Eddie, e enquanto os outros meninos se apoiavam na periferia da casa em frente ao sol, Jim retornou a sua caminhonete e se sentou para comer sozinho na cabine.

O sanduíche estava frio, o que sempre melhorava o sabor, e a Coca-cola estava espetacular.

Enquanto estava sentado sozinho mastigando, olhou para o assento vazio ao seu lado... e recordou o escuro cabelo derramado sobre a tapeçaria e o arco do pescoço da mulher arqueado e a sensação suave de seu corpo sob o dele.

Era uma merda ter se aproveitado dela assim, e entretanto, apesar de tudo quando terminou tinha sorrido, como se tivesse dado exatamente o que ela queria. Exceto que não podia ser verdade. O sexo entre desconhecidos era só um alívio temporário da solidão. Como poderia ser suficiente para alguém como ela? Cristo, nem sequer sabia seu nome. Quando terminaram de respirar profundamente, ela o tinha beijado demorando sobre seus lábios, logo havia ajeitado o vestido, e o tinha deixado.

Com uma maldição, Jim abriu a porta lateral do condutor e sentou para comer seu almoço na parte traseira da caminhonete. Estava-se mais quente no sol, mas o melhor, o ar cheirava a pranchas de pinheiro fresco e não a perfume. Voltou o rosto para o céu e tentou deixar sua mente em branco, perdeu o interesse no sanduíche, pondo-o de lado em seu saco e pegando a Coca-cola em seu lugar.

O cachorro apareceu um momento depois detrás de uma pilha de árvores destruídas, devido ao reflorestamento. A coisa era do tamanho de um terrier e o pelo parecia lã de aço manchado. Uma orelha estava caída e tinha um tipo de cicatriz no focinho.

Jim baixou a garrafa de Coca Cola e seus dois olhos ficaram olhando.

O maldito animal se assustou e tentou chegar aos tocos queimados para se abrigar, mas estavam longe, muito mais longe que ele, mas também estava morto de fome. A julgar pela forma que ficou farejando o ar com seu nariz preto estava claro que o aroma do peru o estava chamando.

O cão deu um passo vacilante. E logo outro. E outro.

la coxeando ao andar.

Jim se aproximou devagar, com o sanduíche na mão. Tirando a parte superior do pão, tirou a alface e o tomate, e pegou uma parte de peru.

Inclinando-se, estendeu a carne.

—Você não gostará muito do sabor, mas não te matará. Prometo isso.

O cão circulou aproximando-se com a pata dianteira machucada. O vento da primavera movia fortemente seu pelo e mostrava suas marcadas costelas. O vira-lata estendia sua cabeça até onde o pescoço permitia, e suas patas traseiras tremiam como se estivessem a ponto de saltar a qualquer momento. A fome, entretanto, empurrou-o na direção que não queria.

Jim ficou quieto e deixou que o animal se aproximasse um pouco mais dele.

—Vamos, menino— disse Jim aproximando-se. —Precisa disto.

De perto, o cão parecia esgotado, e quando o peru desapareceu em um segundo Jim tinha preparada outra fatia, e desta vez o animal se aproximou mais rápido e não se afastou tão depressa. A terceira peça foi aceita com uma bocada delicada, como se seus instintos naturais não fossem os que a experiência lhe tinha convertido.

Jim lhe deu o pão também.

—Isso é tudo.

O cão se plantou na frente de Jim, se enrolando e inclinando a cabeça de um lado. O vira-lata tinha olhos interessantes. Sabedoria pela idade e olhos cansados.

—Eu não sou um cão.

Evidentemente, o cão não entendia português. Em um salto que foi surpreendentemente elegante, propulsou-se a si mesmo até o colo de Jim.

—Mas o que... — Jim ergueu os braços e ficou olhando para baixo. —Jesus, não pesa nada.

Ora. Provavelmente não tinha comido há vários dias.

Jim pôs uma mão hesitante sobre suas costas. Cristo. Tudo o que tinha eram ossos.

O apito significava fim do almoço, assim Jim deu um golpezinho ao cão antes de pô-lo no chão.

—Sinto muito... como disse, não gosto muito de cães.

Tirou seu cinturão de ferramentas da cabine e o atou nas suas costas enquanto se afastava. Olhar sobre seu ombro era uma má idéia.

Merda, o cão estava na caminhonete, atrás da roda traseira, e seus velhos olhos o observavam.

—Eu não tenho mascotes—, disse Jim enquanto saía. O ronrono de um carro que se aproximava retumbou no lugar de trabalho, e quando os homens que estavam alinhados na beira da casa o viram melhor, suas expressões se tornaram um coletivo —merda—, o que significava que Jim não tinha que olhar sobre seu ombro para saber exatamente quem chegava.

O empreiteiro geral / proprietário / dor no traseiro estava aqui de novo.

O filho da puta se apresentava a qualquer hora do dia, como se não quisesse estabelecer um horário que a equipe pudesse depender para que suas inspeções sobre o terreno fossem mais exatas. E não precisava ser um gênio para dar-se conta do que estava procurando: trabalhadores folgados, construção descuidada, enganos, roubo. Fazia você se sentir desonesto e preguiçoso, inclusive se não o fosse, e para muitos desse meninos era um insulto que estavam dispostos a deixar passar só porque sempre pagava a tempo na sexta-feira.

Jim intensificou seu ritmo enquanto o BMW M6 se detinha junto dele. Não olhava o carro ou o condutor: Sempre ficava fora do caminho do homem, não porque tivesse que pedir desculpas por algo em questão de rendimento, mas sim porque era um pé-no-saco, pura e simplesmente: Quando o general devia inspecionar as tropas, a cadeia de comando ordenava que o filho da puta era problema de Chuck o capataz, não do Jim.

Obrigado, Jesus!

Jim saltou sobre o chão, e se dirigiu para onde tinha estado trabalhando. Eddie, sempre

preparado para começar, seguiu-o, e o mesmo fez Adrian.

—Santa... merda.

— Está bem... uau.

— Mãe de Deus...

Os comentários borbulhantes dos trabalhadores fizeram que Jim olhasse sobre seu ombro.

OH, diabos, não... Falando de “estou fodido e mal pago”: Uma morena impressionantemente formosa saiu do carro com a graça de uma bandeira que se desdobra na brisa calma.

Jim fechou os olhos. E a viu na cabine de sua caminhonete, estendida debaixo dele, com seus peitos perfeitos nus em sua boca.

—Agora, isso sim que é uma mulher— um dos trabalhadores, disse.

Homem, havia momentos na vida em que desaparecer era uma grande idéia. Não porque fosse um maricas, mas sim porque realmente não necessitava a moléstia de tratar com algumas coisas. Esta era uma delas. Se tão só pudesse...

— Bom, merda, Jim... — Adrian passou uma mão por seu cabelo grosso. — Essa é...

Sim, sabia.

—Não tem nada a ver comigo. Eddie, está preparado com essa tábua?

Quando Jim deu meia volta, a morena levantou a vista e seus olhares se cruzaram. Seu belo rosto piscou com o reconhecimento, justo quando seu homem se aproximou dela e a abraçou pela cintura.

Jim deu um passo atrás sem olhar aonde ia.

Aconteceu num instante. Mais rápido que um strike numa partida de beisebol. Mais rápido que um suspiro.

O salto da bota de Jim aterrissou em uma peça de dois por quatro que estava apoiada através de um cabo de extensão, e a gravidade se apoderou de seu corpo, desequilibrando-o. Ao cair, rompeu a corda de sua união com a outra, e o enviou em queda livre num dos atoleiros.

Jim golpeou o chão com as extremidades soltas... o que normalmente só lhe daria algumas contusões no traseiro e nos ombros.

Mas sua mão nua aterrissou na água.

O choque elétrico começou em seu braço e se estendeu diretamente a seu coração. Enquanto se apoderava de sua coluna vertebral e seus dentes se fechavam apertados, seus olhos se abriram e sua audição se cortou, o mundo recuou até que tudo que sentiu foi a selvagem dor que consumia seu corpo.

A última imagem que teve foi da longa trança de Eddie balançando amplamente quando o homem se equilibrou para ajudá-lo.

* * * *

Vin não viu o homem cair. Mas ouviu a dura aterrissagem de um corpo grande e logo a luta das botas e as vozes das maldições das pessoas que chegaram de todas as direções.

— Fique aqui— disse a Devina enquanto tirava seu telefone celular.

Marcou 911 enquanto se precipitava para a comoção, mas não apertou “enviar” ainda. Saltando sobre as pranchas, correu para o lugar e...

Seu dedo polegar apertou o botão e fez a chamada.

O trabalhador sobre o chão tinha os olhos fixos mas sem ver no brilhante céu azul, e suas extremidades estavam rígidas como as de um cadáver. O cabo de extensão continuava no atoleiro, mas os espasmos do homem o tinham levado longe da carga mortal.

A chamada de Vin foi respondida.

—Nove-um-um, que tipo de emergência é esta?

—Um homem foi eletrocutado. —Vin afastou o telefone de sua boca. —Desliguem os malditos geradores! — Levantando o celular novamente para sua boca, disse —O local de trabalho é Setenta e Sete Rota Rural sobre a 151-N. Parece estar inconsciente.

—Há alguém lhe administrando Respiração Cardiopulmonar?

—Vai ter agora. —Vin entregou o telefone ao Chuck, o capataz e empurrou os homens fora de seu caminho.

Caiu de joelhos, abriu a jaqueta do operário e baixou a cabeça para seu musculoso peito. Não tinha batimentos cardíacos, e ao aproximar-se da sua boca soube que não respirava tampouco.

Vin inclinou a cabeça do homem para trás, fez um controle das vias respiratórias, tapou o nariz, e soprou duas respirações profundas nos pulmões congelados. Movendo-se para o peito, juntou as mãos, posicionando sua palmas sobre o coração do sujeito e fez dez compressões fortes com os braços. Duas respirações mais. Trinta compressões mais. Duas respirações mais. Trinta compressões mais. Duas respirações mais...

A cor na cara do sujeito não era nada boa, e só piorava.

A ambulância demorou uns quinze minutos para chegar, não porque não estivessem com pressa. Caldwell estava a quase dez quilômetros de distância, e era o tipo de geografia que nenhuma quantidade de apertar-o-acelerador ia melhorar. No minuto que chegaram, os paramédicos não perderam tempo e assumiram o comando de Vin, um fazendo uma verificação das estatísticas vitais e continuando o que Vin tinha começado, e o outro correndo em busca da maca.

—Está vivo? — Vin perguntou quando o trabalhador foi levantado do chão.

Não recebeu uma resposta, porque os médicos se moviam muito rápido... o que talvez fosse um bom sinal.

—Aonde o levam? — Vin disse enquanto saía da fundação e ia junto com eles.

—St. Francis. Tem um nome, idade, algo de seu histórico médico?

—Chuck! Vêem aqui, precisamos de informação.

O capataz correu.

— Jim Heron. Eu não sei muito mais que isso. Vive sozinho em Cale Pershing.

—Tem um contato de emergência?

—Não, ele não é casado nem nada.

—Sou o contato—, disse Vin, tirando um cartão e dando ao auxiliar.

—É parente?

—Eu sou seu chefe e tudo o que tem neste momento.

—Está bem, alguém do St. Francis entrará em contato. O médico enfiou o cartão de Vin em sua jaqueta e se meteu na ambulância. Uma fração de segundo mais tarde, as portas estavam fechadas, e o veículo saía com luzes e sirene.

—Vai ficar bem?

Vin olhou Devina. Seus olhos negros brilhavam com lágrimas ainda não derramadas, e suas mãos estavam ao redor da gola de seu casaco de pele, como se apesar de todo o visom branco, estivesse gelada.

—Não sei. Aproximou-se e brandamente a pegou pelo braço. — Chuck, já volto. Vou levá-la primeiro para casa.

—Sim, faça isso. Chuck tirou o chapéu de construção e sacudiu a cabeça. —Maldito seja. Maldito seja no inferno! Era um dos bons.

Capítulo 5

—Nigel, é um bode.

Jim franziu o cenho na escuridão que o rodeava. A voz inglesa veio de cima à direita, e a tentação imediata era abrir os olhos, levantar a cabeça, e ver o que fazia.

O treinamento foi mais forte que o impulso. Graças a ter estado no exército, tinha aprendido que quando voltava a si e não sabia onde estava, era preferível manter-se fingindo inconsciência para conseguir qualquer tipo de informação útil.

Movendo-se lentamente e sem chamar atenção, utilizou suas mãos para sentir o entorno que o rodeava. Ele se encontrava sobre algo suave, mas era rústico, como um tapete de cabelo comprido O... grama? Inalando profundamente, seu nariz confirmou a observação de suas palmas. Merda, grama fresca?

De repente, a lembrança do acidente em seu lugar de trabalho retornou a ele... exceto... Que demônios? A última coisa que soube foi que tinha tido cento e vinte volts de eletricidade crepitando por seu corpo... assim parecia lógico assumir que se ele ainda podia unir dois pensamentos, devia estar vivo, e portanto em um hospital. Salvo que, até onde sabia, as camas de hospital não estavam cobertas com... grama.

E nos Estados Unidos, a maioria das enfermeiras e médicos não soavam como senhores ingleses, nem se chamavam um aos outros “bodes”.

Jim abriu os olhos. O céu sobre sua cabeça estava salpicado com nuvens de algodão fofo, e embora não havia sol à vista, o resplendor era de um domingo de verão, não só brilhante e sem tormentas, mas relaxante, como se não houvesse nada urgente para fazer, nada pelo que preocupar-se.

Ele olhou para as vozes... e decidiu que estava morto.

À sombra do muro de um grande castelo, quatro sujeitos com tacos de cricket¹⁰ estavam parados ao redor de um grupo de wickets¹¹ e bolas coloridas. O quarteto estava vestido de branco, e um tinha um tubo, outro uns óculos redondos rosados. O terceiro tinha a mão na cabeça de um cão pastor irlandês. E o quarto tinha os braços cruzados sobre seu peito e uma expressão de aborrecido.

Jim se sentou.

—Onde diabos estou?

O loiro que estava se preparando para efetuar seu tiro o olhou e falou através de seu tubo. O que fez seu acento ainda mais marcado.

—Um momento, se puder.

—Eu digo que continua falando -murmurou o moreno de braços cruzados com a mesma voz seca que despertou Jim-. Está enganando de qualquer maneira.

—Sabia que se recuperaria -Óculos Redondos gorjeou na direção de Jim. —Sabia! Bem-vindo!

—Ah, está acordado —o que estava junto do cão se dirigia a ele agora. —Que adorável te conhecer.

Malditos sejam, todos eram bonitos, com a vibração de não-me-preocupa-nada-no-mundo, que era resultado não só de ser rico, mas também de provir de gerações de riqueza.

—Terminaram com o falatório, moços? -O sujeito do tubo, que evidentemente se chamava Nigel, deu uma olhada ao redor. —Eu gostaria de um pouco de silêncio.

—Então por que não pára de nos dizer o que fazer? -o moreno disse.

—Vá passear, Colin. -com isso, o tubo fez o movimento ao outro lado da boca, o disparo fez um crack, e uma bola vermelha com raias rodou através de um par de portinhas e golpeou uma azul.

O loiro sorria como o príncipe que sem dúvida era.

—Agora é hora do chá. -Ele deu uma olhada e encontrou os olhos de Jim. —Bem, vamos então.

Morto. Definitivamente estava morto e no Inferno. Tinha que estar. Era isso ou estava dentro de algum sonho do mais estranho porque teria desmaiado diante da televisão e estavam passando uma maratona de “Quatro Casamentos e um Funeral”.

Jim ficou de pé enquanto os homens e o cão se dirigiam a uma mesa posta com prataria e porcelana chinesa e, sem muitas opções, seguiu-os para “o chá”.

—Não sentará? -Nigel disse, indicando a cadeira vazia.

—Ficarei em pé, obrigado. O que faço aqui?

—Chá?

—Não. Quem são...?

—Sou Nigel. Este tolo bastante mordaz -o loiro gesticulou para o tipo moreno- é Colin. Byron é nosso otimista residente, e Albert é o amante de cães.

¹⁰ Jogo parecido com basebol.

¹¹ No cricket, wicket são os pinos que se colocam no campo para baterem com as bolas.

—Meus amigos me chamam Bertie -o Sr. Canino disse enquanto acariciava as costas do cão.
—Assim pode me chamar assim, é obvio. E este é o adorável Tarquin.

Byron empurrou seus óculos rosa mais alto em seu nariz reto e aplaudiu.

—Só sei que este chá vai ser fabuloso.

Com certeza que sim. Absolutamente. Por fim aconteceu, pensou Jim. Finalmente perdi minha maldita prudência.

Nigel recolheu um bule de prata e começou a verter em xícaras de porcelana. —Posso imaginar que está um pouco surpreso por estar aqui, Jim.

Imagina?

—Como sabe meu nome? E o que é este lugar?

—Foi escolhido para uma missão muito importante. -Nigel deixou o bule e recolheu os cubos de açúcar.

—Uma missão?

—Sim. -Nigel levantou sua xícara de chá com o dedo mindinho erguido, e quando o examinou sobre a borda, foi difícil precisar a cor de seus olhos. Não era nem azul nem cinza nem verde... mas não era marrom nem avelã tampouco.

Por Deus, era uma cor que Jim nunca tinha visto antes. E todos a tinham.

—Jim Heron, você vai salvar o mundo.

Houve uma longa pausa. Durante a qual os quatro moços o olharam com caras sérias. Embora ninguém mais começou a rir, Jim não pôde agüentar mais, jogando para trás sua cabeça e com seu ventre começando a doer tanto que até as lágrimas chegaram a seus olhos.

—Isto não é uma piada -Nigel estalou.

Quando Jim recuperou o fôlego por fim, disse:

—Seguro como o inferno que é. Homem, que sonho mais fodidamente estranho.

Nigel deixou sua xícara, ficou de pé, e caminhou para ele sobre a grama verde brilhante. De perto, ele cheirava como ar fresco, e esses olhos raros seus eram realmente hipnóticos.

—Isto. Não. É. Um. Sonho.

O muito bastardo deu um murro no braço de Jim. Só fechou sua mão num punho e disparou a coisa duramente para ele.

—Merda! -Jim esfregou sobre a dor do golpe, que era considerável. O sujeito do tubo possivelmente era de textura magra e longa, mas pegava duro bem.

—Me permita ser reiterativo: Não está sonhando, e isto não é uma piada.

—Posso bater agora? -Colin disse com uma careta preguiçosa.

—Não, tem uma horrível pontaria, e possivelmente o golpeie em algum lugar delicado. - Nigel voltou para seu assento e pegou um sanduíche de uma bandeja com pequenas peças perfeitas. Jim Heron, é quem deve desempatar o jogo, um homem aceito por ambos os lados para estar no campo e decidir a pontuação.

—Ambos os lados? Desempatar? De que demônios fala?

—Você terá sete chances. Sete oportunidades para influenciar membros da raça humana. Se o fizer tão bem como acreditamos que o fará, os resultados salvarão as almas em questão e nós

prevaleceremos sobre o outro lado. Desde que essa vitória ocorra, a humanidade continuará prosperando, e tudo estará bem.

Jim abriu a boca para disparar alguma merda, mas as expressões dos moços o detiveram. Mesmo o sabichão do grupo parecia mortalmente sério.

— Isto tem que ser um sonho.

Ninguém se levantou para lhe dar um murro desta vez, mas enquanto o olhavam fixamente com tanta gravidade, começou a ter a arrepiante suspeita que isto possivelmente era algo mais que simplesmente outra maneira que tinha seu subconsciente de fodê-lo enquanto estava frio.

— Isto é muito real -disse Nigel. — Entendo que não é para onde se via indo, mas foi escolhido, e este é seu caminho agora.

— Assumindo que tudo isto não é só um monte de merda, o que acontece se digo que não?

— Não vai dizer não.

— Mas o que acontece se o faço?

Nigel olhou à distância.

— Então tudo termina agora. Nem o bem nem o mal ganham, e todos, incluindo você, terminam. Nenhum Céu, nenhum Inferno, tudo que existiu antes será apagado. O mistério e o milagre da criação desaparecerão sem deixar rastros.

Jim recordou o fio de sua vida... as decisões que tinha tomado, as coisas que tinha feito...

— Soa-me como um bom plano.

— Não é. -Colin tamborilou seus dedos na toalha. — Pensa nisso, Jim. Se nada mais existir, tudo o que foi antes não tem sentido. Assim, portanto, sua mãe não importa. Está preparado para dizer que ela não é nada? Que seu amor por você, seu filho querido, não valeu nada?

Jim exalou como se tivesse recebido outro golpe. A dor de seu passado ricocheteava em seu peito. Ele não tinha pensado em sua mãe há anos. Possivelmente décadas. Ela sempre estava com ele, é obvio, o único lugar morno em seu frio coração, mas ele não se permitia pensar nela. Jamais.

E agora, de repente e saído de um nada, veio uma imagem dela... uma tão familiar, tão vívida, tão dolorosamente verdadeira, que foi como se uma parte do passado tivesse sido implantado em seu cérebro: cozinha ovos sobre a estufa velha em sua antiga cozinha. Seu aperto sobre o cabo da caçarola de ferro era forte, suas costas retas, seu curto cabelo escuro... Ela tinha começado como a mulher de um granjeiro, e terminado como graneira ela mesma, seu corpo era tão rígido e duro como suave e amável era seu sorriso.

Ele tinha amado sua mãe. E embora tinha preparado ovos a cada manhã, ele recordava esse café da manhã em particular. Foi o último que ela preparou... não só para ele, mas também para qualquer um.

Ela tinha sido assassinada ao anoitecer.

— Como sabe... a respeito dela? -Jim perguntou com uma voz quebrada.

— Temos um vasto conhecimento de sua vida. -Colin arqueou uma sobrancelha. — Mas isso evitou minha pergunta. O que diz, Jim? Está preparado para relegar tudo o que ela fez e tudo o que ela foi, como o pôs tão certamente, a um monte de merda?

Jim não gostou muito do Colin.

—Isso não importa -Nigel murmurou. — Também não gostamos dele.

—Isso não é certo -disse Bertie. — Adoro o Colin. Ele se oculta atrás de sua brutalidade, mas é um maravilhoso...

A voz de Colin o cortou por completo. —É toda uma maldita fada.

—Sou um anjo, não uma fada, igual a você. -Bertie jogou uma olhada ao Jim e voltou a brincar com a orelha de Tarquin. — Sei que fará o correto, porque amou sua mãe muito para não fazê-lo. Recorda como estava acostumada a te despertar quando era pequeno?

Jim fechou os olhos fortemente.

—Sim.

Durante sua infância, tinha tido uma pequena cama gêmea localizada em um dos cômodos cheios de correntes de ar, na parte de cima da casa Ele tinha dormido com sua roupa vestida na maioria das noites, ou porque estava muito cansado por trabalhar nos milharais o dia todo para trocar-se, ou porque fazia muito frio para deitar-se sem múltiplas capa de roupa.

Em dias de escola, sua mãe entrava em seu quarto para despertá-lo cantando...

—Você é meu sol, meu único sol... Você me faz feliz quando o céu está cinza... Você nunca saberá, meu amor, quanto te amo... por favor não leve meu sol. — Exceto que não foi ele quem a deixou, e quando ela se foi, não o fez voluntariamente. Ela tinha lutado como uma fera para permanecer ao seu lado, e ele nunca se esqueceria do olhar que havia em seus olhos antes de morrer. Ela o tinha olhado fixamente de sua cara destroçada, e tinha falado através de seus olhos azuis e seus lábios ensangüentados, porque já não tinha ar em seus pulmões para levar sua voz.

—Amo você para sempre, — ela tinha articulado. —Mas corre. Sai da casa. Corre. Eles estão em cima.

Ela a tinha deixado onde estava, seminua, manchada de sangue, e violada. Saindo pela porta traseira, tinha corrido para a caminhonete, mas era muito pequeno para conduzir, e seus pés mal haviam tocado os pedais enquanto ligava o motor.

Eles o tinham perseguido, e até hoje não tinha a menor ideia de como tinha conseguido que a velha caminhonete partisse tão rápido pelo caminho de terra poeirento.

Bertie falou mais lentamente.

—Deve aceitar isto como sua realidade e como seu destino. Faz por ela se não o fizer por ninguém mais.

Jim abriu os olhos e olhou Nigel.

—Existe o Céu?

—Estamos bem na borda dele neste momento. -Nigel assentiu sobre seu ombro para a parede do castelo, que se perdia na distância. — Do outro lado desta parede descansam as almas boas em campos de flores e árvores, suas horas se passam entre o sol e o calor, suas preocupações e ofensas já não existem, sua dor está esquecida.

Jim olhou para a ponte que cruzava sobre o fosso, e as enormes portas duplas que se encontravam em seu extremo.

—Ela está ali?

—Sim. E se você não ganha, ela deixará de existir... e será como se jamais o tivesse feito.

—Quero vê-la. -Deu um passo adiante. — Tenho que vê-la primeiro.

—Não pode entrar. Não é bem-vindo agora, só quando estiver morto.

—Que se foda isso e foda-se você!

Primeiro Jim caminhou e depois correu para a ponte, suas botas trovejando através da grama, e logo ressoando nas tábuas de madeira sobre o rio de prata. Quando chegou às portas, as agarrou com tanta força, puxando delas tão duramente que os músculos de suas costas pareciam gritar.

Apertando suas mãos em fortes punhos, golpeou sobre o ferro, para logo seguir puxando.

—Me deixem passar! Deixem-me passar, filhos da puta!

Precisava saber que já não lhe doía, que já não sofria mais, e que estava bem. Necessitava tanto essa tranquilidade, que sentia como se fosse quebrar-se em milhares de pedaços enquanto lutava por conseguir cruzar a barreira, seus furiosos punhos eram dirigidos pela memória de sua amada mãe no chão da cozinha, as feridas de punhalada em seu peito e pescoço sangrando no chão, suas pernas abertas, sua boca desfigurada, seus olhos aterrorizados que suplicavam que salvasse a si mesmo, que salvasse a si mesmo, que salvasse a si mesmo...

O demônio nele saiu.

Tudo se voltou branco à medida que a raiva tomava o controle. Ele sabia que golpeava duramente contra algo, que seu corpo se tornou selvagem, que quando alguém pôs uma mão sobre seu ombro, ele o atirou no chão e o esmurrou.

Mas ele não ouviu nada, não viu nada.

Seu passado o transformava, e era exatamente por isso que se prometeu nunca, jamais pensar nele.

Quando Jim recuperou a consciência pela segunda vez, encontrava-se na mesma posição que estava quando despertou a vez anterior: de costas, a grama sob as palmas, os olhos fechados. Exceto que desta vez tinha algo molhado no rosto.

Enfocando seus olhos, encontrou-se com a cara de Colin em cima da sua, e enquanto o sangue do tipo gotejava sobre as bochechas de Jim, a “chuva” começava a ter explicação.

—Ah, está acordado, finalmente. -Colin jogou para trás um punho e acertou diretamente no nariz de Jim.

Quando a dor explodiu, Bertie deixou sair um grito, Tarquin choramingou, e Byron se aproximou correndo.

—Bem, agora estamos quites. -Colin relaxou e sacudiu sua mão. —Sabe, tomar forma humana tem seus benefícios, de verdade. Isso foi bastante agradável.

Nigel sacudiu a cabeça.

—Isto não está indo nada bem.

Jim teve que concordar com ele enquanto sentava e aceitava o lenço que Byron estava oferecendo. Enquanto tentava deter o sangramento de seu nariz, não podia acreditar que tinha

estourado dessa forma na frente das portas desse castelo... mas, de qualquer maneira, ele sempre se sentia em choque logo depois de ter um desses episódios.

Nigel se agachou até estar na sua altura.

—Você quer saber por que foi escolhido, e acredito que tem o direito de saber.

Jim cuspiu o sangue de sua boca.

—Agora, essa é uma boa idéia.

Nigel se ergueu e tomou o lenço ensangüentado. Assim que o tecido fez contato com suas mãos, a mancha desapareceu, as fibras brancas tão imaculadas como tinham estado antes de ser utilizadas para parar um gêiser vermelho.

Entregou-lhe novamente o lenço para que pudesse continuar usando-o.

—Você é as duas metades juntas, Jim. O bem e o mal em igual medida, capaz de grandes reservas de bondade e escuras profundidades de depravação. Assim, ambos os lados o encontram aceitável. Nós e... o outro... ambos acreditamos que quando lhe apresentarmos as sete oportunidades, você influirá sobre o curso dos acontecimentos segundo nossos valores. Nós para o bem, eles para o mal, com um resultado que determinará o destino da humanidade.

Jim deixou de limpar o rosto e se concentrou no inglês. Não poderia refutar nada do que tinha sido dito a respeito de seu caráter, mas ainda assim seu cérebro se sentia revoltado. Ou possivelmente só tinha uma contusão, graças ao Colin, o maldito bastardo rompe-narizes.

—Assim, aceita seu destino? -Nigel disse. — Ou termina tudo aqui?

Jim pigarreou. Rogar não era algo a que estivesse acostumado.

—Por favor... me permita que veja minha mãe. Eu... eu preciso saber que ela está bem.

—Lamento muito, mas como disse, só os mortos podem passar ao outro lado. -A mão de Nigel se apoiou no ombro de Jim. — O que diz, homem?

Byron se aproximou.

—Pode fazê-lo. É um carpinteiro. Você constrói coisas e reedifica coisas. As vidas são igualmente construções.

Jim olhou o castelo e sentiu o ritmo de seu coração pulsando em seu nariz destroçado.

Se ele avaliasse tudo, se tudo fosse verdade, se ele era algum tipo de salvador, então... se ia, a única paz que sua mãe alguma vez sentiu se esfumaria. E, por mais atrativo que ele possivelmente encontrasse a idéia do vazio total e a oportunidade da inexistência, isso representava uma fria mudança do lugar onde ela se encontrava agora.

—Como funciona? -perguntou. — O que tenho que fazer?

Nigel sorriu.

—Sete pecados capitais. Sete almas afetadas por esses pecados. Sete pessoas em uma encruzilhada, com uma eleição que deve ser feita. Você entrará em suas vidas e afetará seu caminho. Se eles escolherem a retidão sobre o pecado, nós prevalecemos.

—E se não o fazem?

—O outro lado ganha.

—O que é o outro lado?

—O oposto do que somos nós.

Jim deu uma olhada na mesa, com seus linhos brancos e brilhante prata.

—Assim... estamos falando de um monte de folgados sentados num sujo sofá olhando “Garotas Selvagens” e bebendo cerveja choca.

Colin riu.

—Difícilmente. Embora seja uma boa imagem na verdade.

Nigel lançou um olhar a seu companheiro e logo voltou a olhar Jim.

—O outro lado é pura maldade. Permitirei que sua mente obtenha uma referência apropriada, mas se deseja um lugar por onde começar, só tem que pensar no que fizeram a sua mãe... e saber que quem o fez, desfrutou.

O intestino de Jim se espremeu tão duro, que se inclinou a um lado e começou a ter arcadas secas. Quando uma mão acariciou de forma reconfortante suas costas, ele teve o pressentimento que era Bertie. E estava correto.

Finalmente o reflexo de vômito de Jim se deteve, e ele recuperou o fôlego.

—O que acontece se não puder fazê-lo?

Colin falou.

—Não mentirei... não vai ser fácil. O outro lado é capaz de qualquer coisa. Mas não estará sem recursos.

Jim franziu o cenho.

—Espera, o outro lado pensa que serei uma má influência? Durante a encruzilhada destas pessoas?

Nigel assentiu.

—Eles têm a mesma fé em você que temos nós. Mas nós tivemos a vantagem de chegar até você.

—Como decidiram isso?

—Atiramos uma moeda.

Jim piscou. Claro, por que... assim é como fazem no Super Bowl.

Focando-se nas portas, tentou ver sua mamãe, não como a tinha deixado no chão daquela cozinha, mas como estes príncipes diziam que se encontrava. Feliz. Aliviada de suas cargas. Completa.

—Quem são as sete pessoas?

—Para identificar a primeira, nós lhe daremos um pouco de ajuda e o faremos óbvio -Nigel disse, ficando em pé. — Boa sorte.

—Espera um minuto... como saberei o que fazer?

—Use sua cabeça -disse Colin.

—Não -disse Bertie, sustentando a cabeça de seu cão- use seu coração.

—Só acredite no futuro. -Byron levantou seus óculos por seu nariz. — A esperança é o melhor...

Nigel pôs os olhos em branco.

—Só diga às pessoas o que fazer. Reduz a conversa, deixando tempo livre para outras coisas que valem a pena.

— Como enganando no críquet? -Colin murmurou.

— Verei-os outra vez? -Jim perguntou. — Posso recorrer a vocês por ajuda?

Ele não conseguiu uma resposta.

Em vez disso, conseguiu outra sacudida que seguro como a merda se sentia como duzentos e quarenta volts... e se encontrou sendo arrojado bruscamente por um corredor comprido e branco, com uma luz que o cegava, com o vento estalando na sua cara.

Não tinha a menor ideia de aonde ia terminar desta vez. Possivelmente estava de volta a Caldwell. Possivelmente estava na Disneylândia.

Com a forma que as coisas pareciam estar indo, quem merda poderia sabê-lo.

Capítulo 6

Enquanto caía a noite, Marie-Terese segurava o cabo da frigideira e deslizava uma espátula em torno das bordas perfeitamente circulares de uma panqueca. A “coisa” estava pronta para o lançamento, com pequenas bolhas formando-se em um padrão sobre sua superfície cremosa.

— Você está pronto? – ela perguntou.

Seu filho sorriu, sentado em sua banqueta de supervisão, do outro lado da bancada.

— Vamos contar, certo?

—Yup.

Suas vozes juntaram-se no três, dois... um. Então, com um estalido do punho, ela jogou a panqueca voando e a apanhou no centro da frigideira.

— Você fez isso! – disse Robbie corando de excitação.

Marie-Terese sorriu com uma tristeza pungente. Os sete anos de idade eram comprovadamente espetaculares, capazes de fazer você sentir-se como se fosse um operador de milagres a respeito da mais simples das vitórias se somente você recebeu o elogio pelo grande feito.

— Você poderia pegar o xarope? – ela pediu.

Robbie escorregou da banqueta acolchoada com seus chinelos e alcançou a geladeira. Ele vestia uma camiseta do Homem-Aranha, um par de calças jeans do Homem-Aranha e um *hoodie*¹² do Homem-Aranha. Sua cama tinha lençóis do Homem-Aranha e um edredom do Homem-Aranha, e a luminária por onde ele lia seus quadrinhos do Homem-Aranha tinha o desenho da máscara do Homem-Aranha. Sua obsessão prévia fora o Bob Esponja, mas em Outubro, como ele se preparava para deixar os seis anos de idade para trás, ele declarou que era um adulto e que daquele momento em diante seus presentes deveriam girar em torno do “fazedor de teia”.

— Certo. Consegui.

Robbie abriu a porta da geladeira e agarrou com força a garrafa.

— Nós sempre “fazeremos” tanta gramática como fizemos hoje?

¹² Hoodie - blusão de malha ou nylon, com capuz, famoso depois que foi adotado por músicos de hip hop americano

— O certo seria “faremos” e sim, certamente é necessário.

— Nós não podemos fazer mais matemática?

— Não.

— Pelo menos eu tenho panquecas para o jantar.

Enquanto Marie-Terese olhava para ele de relance, ele sorriu.

— Pegue as panquecas.

— Obrigado.

Robbie pulou de volta na banquetta e mudou o canal da pequena televisão perto da torradeira.

A mini-Sony era permitida durante as pausas escolares e a Sony grande, que estava na sala de jantar, podia ser usada nas tardes de sábado e domingo e nas noites, depois do jantar até a hora de dormir.

Deslizando a panqueca sobre um prato, ela acendeu o fogo para outra, despejando a mistura na frigideira com a ajuda de uma concha. A cozinha era muito pequena para uma mesa, então eles usavam uma prateleira como se fosse uma, sentando-se em banquetas de fórmica dobráveis a cada refeição.

— Pronto para lançar a número dois?

—Yup!

Ela e Robbie fizeram a contagem regressiva juntos e ela executou outra “Wallenda Voadora”¹³ com a panqueca...e o anjo bonito do seu filho sorriu para ela novamente como se ela fosse o sol em seu mundo.

Marie-Terese entregou o prato para ele e, então sentou na frente da salada que preparara para ela mais cedo. Enquanto eles comiam, ela olhou de relance para a pilha do correio na prateleira e soube, sem abrir, que contas seriam prioridade. Duas delas eram “das grandes”. Ela precisara colocar tanto a conta do investigador particular que ela usara para encontrar Robbie quanto a da firma de advocacia que ela contratara para conseguir o divórcio em uma ordem de pagamento, porque 127.000 dólares não era o tipo de coisa que ela podia escrever em um cheque. Naturalmente uma ordem de pagamento envolvia interesses e, ao contrário dos cartões de crédito, não era uma falta de opção. Ela estava se certificando de que não havia chance para que P.I. ou aqueles seus advogados pudessem encontrá-la. Desde que ela pagasse na hora certa, não havia razão para que seu endereço viesse a luz.

E, ela sempre remetia as ordens de pagamento de Manhattan.

Após dezoito meses, ela ainda devia aproximadamente três quartos da conta, mas pelo menos Robbie estava seguro e com ela, e isso era tudo o que importava.

— Você é melhor do que ela.

Marie-Terese voltou a prestar atenção.

— Desculpe-me?

¹³ Wallenda Voadora – pirueta / acrobacia. O termo é derivado do nome de um grupo de artistas de circo famosos por seus números na corda bamba.

— Essa garçonete deixou cair toda a comida em sua bandeja. — Robbie apontou para a pequena tela da T.V. — Você nunca faria isso.

Marie-Terese olhou para o anúncio apresentando uma mulher aborrecida tendo um dia ruim trabalhando em um restaurante. Seu cabelo era uma bomba arrepiada, seu uniforme salpicado de catchup, seu crachá sem condições de leitura.

— Você é uma garçonete melhor, mamãe. E cozinha.

Abruptamente a cena mudou de forma que a garçonete “Aborrecida” estava agora em um roupão de banho cor de rosa em um sofá branco, mergulhando os pés doloridos em uma bacia vibratória. A expressão em seu rosto era felicidade pura, o produto obviamente aliviava suas solas doloridas.

— Obrigada, bebê. — disse Marie-Terese aproximando-se.

O anúncio publicitário entra na modalidade “peça agora”, com um número “0-800” embaixo do preço de 49,99 dólares e um narrador dizendo “mas espere! Se você pedir agora, pagará somente 29,99 dólares!”

Quando uma seta vermelha começou a piscar do lado do preço, reclamou, “Isso não é um roubo?” e a feliz e relaxada garçonete retorna e diz, “Sim, é!”.

— Vamos. — Marie-Terese interrompeu — Hora do banho.

Robbie deslizou para fora da banqueta e colocou seu prato na máquina de lavar louça.

— Eu não preciso mais de ajuda, sabe. Eu posso tomar meu próprio banho.

— Eu sei. — Deus ele estava crescendo rápido. — Só para ter certeza de que você...

— ... vai limpar atrás das orelhas. Você me diz isso o tempo todo.

Enquanto Robbie subia em disparada as escadas, Marie-Terese desligou a T.V e foi limpar a frigideira e a tigela. Pensando novamente naquele anúncio, com o desejo infernal de ser somente uma garçonete... e tudo o que precisaria fazer para sua tensão ir embora seria uma bacia conectada na tomada da parede.

Isso seria o céu completo.

Três tentativas eram um encantamento.

Finalmente, Jim acordou em uma cama de hospital: ele estava esticado sobre lençóis brancos, com um cobertor branco e fino cobrindo seu tórax e pequenas grades a cada lado dele. E, a conta do quarto incluía, também, paredes suaves, um banheiro no canto e uma TV pendurada no teto, que estava ligada, mas muda.

Naturalmente o “acesso intravenoso” em seu braço era o verdadeiro brinde.

Ele tinha que estar sonhando. Aquela merda sobre aquelas quatro nozes de asas delicadas e o castelo e tudo aquilo tinha sido apenas um sonho estranho. Obrigado. Deus.

Jim levantou a mão para esfregar seus olhos — e congelou. Havia uma mancha de grama em sua palma. E seu rosto doía como se ele tivesse sido esmurrado.

Abruptamente a voz aristocrática de Nigel ecoou em sua cabeça muito claramente, era mais do que uma lembrança: Sete pecados mortais. Sete almas na berlinda por estes pecados. Sete pessoas em uma encruzilhada com uma escolha que precisava ser feita. Você entra em suas vidas e influencia seu trajeto. Se escolherem a retidão acima do pecado, nós prevalecemos.

Jim respirou fundo e olhou na direção da janela que tinha uma cortina de gaze puxada através dela. Escuridão do lado de fora. Perfeito para pesadelos. Mas tanto quanto acreditava naquela coisa toda do “somente-um-sonho”, que a merda era tão vívida, tão fresca... que os homens poderiam ficar com as palmas das mãos peludas se “bombeassem” a si mesmos, mas gramínea?

Além do que não era como se ele fosse, com grande frequência, um mestre em seus domínios. Especialmente não na noite anterior, obrigado para aquela morena. Olá.

O problema era que, se esta era a nova realidade, se ele fora levado a um universo paralelo onde todos fossem um cruzamento entre *Simon Cowell*¹⁴ e *Tim Gunn*¹⁵ e, se ele aceitara algum tipo de missão...como diabos deveria proceder?

— Você está acordado.

Jim olhou de relance para cima. Parado ao pé da cama não estava nenhum outro senão Vin diPietro, o contratante geral do Inferno...que parecia ser o namorado da mulher que estava com Jim... yeah.

— Como você está se sentindo?

O sujeito ainda vestia o terno preto que usava quando ele e a mulher tinham aparecido e também a mesma gravata borboleta. Com seu cabelo escuro penteado para trás e uma sombra barba apontando em seu rosto duro, ele aparentava ser exatamente quem era: rico e poderoso.

Certamente não era possível que Vin diPietro fosse sua primeira tarefa.

— Olá? – diPietro acenou – Você está aí?

Nah, pensou Jim. Não pode ser. Isso estaria acima de qualquer chamada do dever. Sobre o ombro do sujeito, o anúncio que estava na T.V. de repente mostrou um preço 49,99 dólares – não, 29,99 dólares, com uma seta vermelha que... considerando onde Vin estava, apontava diretamente para sua cabeça.

— Merda, não. – murmurou Jim – Este era o sujeito?

Na tela da T.V., uma mulher em um roupão de banho cor de rosa sorria para a câmera e murmurava,

— Sim, é!

diPietro franziu as sobrancelhas e inclinou-se sobre a cama.

— Você precisa de uma enfermeira?

Não, ele precisava de uma cerveja. Ou seis.

— Eu estou legal. – Jim esfregou seus olhos novamente, cheirando a grama fresca, e desejou amaldiçoar até ficar sem fôlego.

¹⁴ Simon Cowell – executivo / produtor de televisão.

¹⁵ Tim Gunn – consultor de moda.

— Escute, - disse diPietro – Eu estou presumindo que você não tem um seguro de saúde, então eu cobrirei todas as suas despesas. E, se você precisar de um par de dias livres, eu não descontarei de seu salário. Parece bom?

Jim deixou suas mãos caírem na cama e ficou agradecido ao ver que as manchas de grama haviam desaparecido magicamente. diPietro, por outro lado, não parecia que ia a lugar algum. Pelo menos até ter certeza de que Jim não o processaria. Era tão anormalmente óbvio que o sujeito não estava ao lado de seu leito oferecendo sem titubear seu ilimitado cartão de crédito por dar duas merdas pelo que Jim estava sentindo. Ele não queria complicações contra sua companhia.

De qualquer forma. O acidente não estava no “radar” do Jim. Tudo o que ele podia pensar era no que havia acontecido na noite anterior em seu caminhão. diPietro era exatamente o tipo de homem que carregaria um “vestido azul” nos braços, mas a frieza de seu olhar significava que também era o tipo que poderia encontrar uma imperfeição em uma mulher perfeitamente bonita. Deus sabia que o “*SOB*”¹⁶ vira falhas em tudo o que acontecera no local, da maneira que o cimento adaptara-se a fundação do porão até a abertura árvore que demarca a posição das cabeças dos pregos sobre as tábuas das molduras dos quadros.

Não era de se estranhar que ela buscasse outra pessoa fora.

E, se Jim encontrasse dificuldade sobre qual dos sete pecados diPietro era culpado, não haveria muito que contestar: A avareza estava estampada por toda parte e não somente no guarda-roupa do cara, mas também em seu carro, sua mulher e seu gosto por bens imobiliários. Esse aí gostava de seu dinheiro.

— Escute, eu vou conseguir uma enfermeira.

— Não. – Jim arrumou-se sobre os travesseiros. – Eu não gosto de enfermeiras.

Ou doutores. Ou cães. Ou anjos... Santos... o que quer que aqueles quatro homens fossem.

— Bem, então, - disse diPietro suavemente – o que posso fazer por você?

— Nada.

Graças ao modo como o destino havia alcançado e pego Jim pelas “bolas”, a questão era o que ele podia fazer por seu “chefe”.

O que ele faria para girar em torno da vida daquele sujeito?

Deveria Jim exortá-lo a fazer uma doação maciça para um centro de doação de sopa? Isso seria o bastante? Ou, merda, ele teria que fazer com que aquele “usuário de seda”, “detonador de M-6”, “misógino comedor de mães” renunciasse a todos os bens materiais e se transformasse em um asno de um monge?

Espere...encruzilhadas. diPietro devia estar em algum tipo de encruzilhada. Mas como diabos Jim saberia em qual ele estava?

Ele estremeceu e massageou suas têmporas.

— Você tem certeza que não quer uma enfermeira?

¹⁶ *SOB* - *Scars on Broadway* (*Cicatrizes na Broadway*) – como expressão significa algo como “sujeito que perturba” ou “sujeito estraga-prazeres”

Enquanto a frustração o colocava a beira de um aneurisma, as imagens na T.V. mudaram e dois chefes de cozinha apareceram na tela. E o que você percebe? Aquele de cabelos escuros era parecido com Colin e o sujeito loiro ao seu lado ostentava a mesma expressão mandona de Nigel. O par estava inclinado na direção da câmera com uma bandeja de prata coberta, e quando a tampa foi arrancada, um prato raso com algum tipo de pequena porção de comida imaginária foi revelado.

Maldito seja, pensou Jim enquanto ele brilhava na T.V.. Não me faça fazer isto. Por tudo quanto é Santo.

diPietro coloca seu rosto no campo de visão.

— O que posso fazer por você?

Como se fosse uma sugestão, os chefes de cozinha na televisão sorriram com satisfação, “é isso aí”!

— Eu acho que eu... quero jantar com você.

— Jantar? – diPietro ergueu as sobrancelhas – Como se fosse um... jantar?

Jim resistiu ao impulso de sacudir os chefes de cozinha.

— Yeah,...mas não assim como um jantar, jantar. Apenas comida. Jantar.

— É isto.

— Yeah. – Jim deslocou suas pernas de forma que ficassem penduradas para fora da borda da cama. – É isso.

Alcançando o acesso intravenoso em seu braço, ele puxou fora o esparadrapo da inserção e sacou a agulha livre de sua veia. Enquanto o soro fisiológico ou o que quer que estivesse dentro do frasco pendurado na cama começava a vazar pelo chão, ele jogou os lençóis e grunhiu enquanto arrancava a sonda de seu pinto.

Os eletrodos em seu tórax foram os próximos, e então ele se inclinou de lado e sacou o equipamento de monitoração.

— Jantar, - ele disse de forma áspera. – Isto é tudo o que eu quero.

Bem, isso era um indício sobre o que deveria fazer com o cara. Mas, o seu lado “eis-uma-ideia” esperançoso, viria acompanhado com a refeição.

Enquanto levantava, o mundo girava e ele precisou usar a parede para apoiar-se. Após um par de respirações profundas, arrastou-se para o banheiro – e soube quando o “mané” no hospital caiu em si porque diPietro disse “foda” soltando a respiração.

Certamente o sujeito estava revendo rapidamente tudo o que se passara com Jim.

Parando na porta, Jim olhou sobre seu ombro.

— Esse é o jeito “fodidoooooooo” das pessoas ricas dizerem sim?

Enquanto seus olhos se cruzavam, o olhar de diPietro se estreitava, mantendo-se fixo e repleto de suspeitas.

— Por que diabos você quer jantar comigo?

— Porque nós temos que começar de algum lugar. Está noite está bom para mim. Oito horas.

Quando tudo o que vinha da parte dele era um silêncio tenso, Jim sorriu discretamente.

— Só para ajudar você a se decidir, ou é o jantar ou eu vou desencadear uma ação trabalhista contra você, o que fará seu talão de cheques sangrar. A escolha é sua e eu ficarei bem qualquer que seja o resultado.

Vin diPietro já lidara com muitos “*SOB’s*” em sua vida, mas esse sujeito, Jim Heron, estava no topo da lista. Não era a ameaça em si, necessariamente. Ou as duzentas libras naquela grande armação. Ou mesmo toda aquela atitude.

O verdadeiro problema era os olhos do sujeito: quando um desconhecido olha para você como se o conhecesse melhor que sua família, você tem que se preocupar. Ele o havia investigado? Ele sabia onde seus corpos estavam enterrados?

Que tipo de ameaça ele era para você?

E o jantar? O bastardo poderia tê-lo espremido para conseguir dinheiro, mas tudo o que ele queria era carne com legumes para dois?

A menos que a verdadeira pergunta fosse feita fora do hospital.

— Jantar às oito - disse Vin.

— E, por ser um sujeito justo, deixarei você escolher o lugar.

Bem, inferno, essa era fácil. Se estava a caminho de ficar encrencado, um teatro público barato não era o que Vin precisava depois de tudo.

— Meu duplex no Commodore. Você conhece o edifício?

Heron girou seus olhos para a janela acima da cama e, então retornou.

— Qual andar?

— Vigésimo - oitavo. Eu direi para o porteiro deixar você subir.

— Vejo você à noite, então.

— Heron afastou-se, piscando para ele novamente.

Vin engoliu outra maldição enquanto dava uma segunda olhada na tatuagem negra que cobria cada polegada da pele de Heron que estava à mostra. Contra a vista de um cemitério, o Ceifador Sinistro olhava fixamente por trás daqueles músculos, um capuz protegendo seu rosto, seus olhos ardendo por entre a sombra criada pelas vestes. Uma mão “ossuda” fechada em torno da foice, e o corpo inclinado para frente, sua mão livre esticada como se a qualquer momento fosse arrebatá-la sua alma. Igualmente arrepiante, o que parecia ser uma contraparte na parte inferior: debaixo dos retalhos das vestes do Ceifador, havia duas fileiras de pequenas marcas lineares em grupos de cinco.

Você soma toda essa merda crescente e chega fácil a um número de cem consideráveis maldições. A porta do banheiro foi fechada quase ao mesmo tempo em que uma enfermeira entrou apressada, com seus sapatos de solado emborrachado rangendo no assoalho.

— O que... onde ele está?

— Ele se desconectou. E, eu acho que foi dar uma mijada antes de ir embora.

— Ele não pode fazer isso.

— Boa sorte para fazê-lo mudar de idéia.

Vin dirigiu-se para fora e caminhou até a sala de espera. Inclinando-se para dentro ele conseguiu a atenção dos dois trabalhadores que insistiram em ficar por perto até Heron acordar.

O da esquerda carregava “piercings” no rosto e na bunda dura, com o ar bizarro de quem gosta de sentir dor. O outro, era enorme e usava uma trança longa e escura sobre o ombro de seu colete de couro.

— Ele está pronto para ir para casa.

O “perfurado” foi até ele.

— Os médicos já o liberaram?

— Não conseguiu nada com os médicos. Ele mesmo tomou a decisão. — Vin movimentou a cabeça na direção do corredor. — Ele está no quarto seiscentos e sessenta e seis. E, vai precisar de uma carona para casa.

— Vamos nessa. — disse “perfurado”, com seus sérios olhos prateados. — Nós o levaremos onde ele precisar ir.

Vin despediu-se da dupla e saiu para pegar o elevador até o andar térreo. Enquanto entrava no “transporte”, sacou seu “BlackBerry” e chamou Devina para avisá-la que teriam um convidado para o jantar. Quando deixava a mensagem de voz, o fez de forma curta e grossa tentando não se perguntar o que diabos ela estava fazendo enquanto ele deixava sua mensagem.

Ou quem, como era o caso.

Na metade do caminho, o elevador parou com uma sacudida e as portas se abriram para deixar dois homens entrarem.

Assim que a viagem descendente foi retomada, os dois trocaram ruídos de afirmação, como se tivessem acabado de concluir uma conversa satisfatória e estivessem reforçando o fato. Ambos vestiam calças largas e suéteres, e o da esquerda tinha o topo da cabeça calvo, com seu cabelo castanho afastado como se tivesse medo de chegar ao cume da montanha...

Vin piscou. E então, piscou novamente.

Uma sombra floresceu ao redor do homem calvo, cintilando, alterando a cor da aura grafite e a consistência das ondas de calor do chão.

Não podia ser... Oh, Deus, não... depois de todos estes anos de silêncio, isto não podia estar de volta.

Girando os punhos, Vin fechou os olhos e desejou afastar a visão, excluindo-a de seu cérebro, negando-lhe acesso a seus neurônios. Ele simplesmente não viu aquilo. E, se tivesse visto, seria apenas uma falha da iluminação do teto.

A merda não estava de volta. Ele havia se livrado dela. Isso não voltava.

Ele quebrou a cabeça olhando para o sujeito... e sentiu como se tivesse sido esmurrado nos intestinos: A sombra translúcida era tão óbvia quanto as roupas que o homem usava e tão tangível quanto a pessoa ao seu lado.

Vin via pessoas mortas, certo. Antes delas morrerem.

As portas duplas se abriram para o salão de entrada, e depois que o “par” passou por elas, Vin abaixou a cabeça e caminhou tão rápido quanto podia para a saída. Ele estava compensando o

tempo, fugindo dele mesmo. Ele nunca entenderia e nem queria fazê-lo, quando ele trombou de encontro a um casaco branco que estava levando uma braçada de arquivos. Enquanto a papelada e as pastas dobradas voavam como se fossem pássaros assustados, Vin segurou a mulher com firmeza enquanto abaixava para ajudá-la a limpar a bagunça.

O homem calvo que estava à frente dele no elevador fez o mesmo.

Os olhos de Vin se fixaram no sujeito e recusaram-se a se mover. A fumaça emanava do lado direito do tórax do homem... evaporando para o ar em um ponto específico.

— Vá ver um médico, - Vin ouviu a si mesmo dizendo – Vá vê-lo imediatamente. Está em seus pulmões.

Antes que alguém pudesse perguntar sobre que diabos ele estava falando, Vin saltou sobre os próprios pés “vazando” para fora do edifício, com o coração na garganta, a respiração em golfadas curtas.

Suas mãos estavam tremendo quando chegou ao seu carro, então a boa notícia a respeito dos BMW's era que eles permitiam que você entrasse e ligasse o motor sem conectar a chave em lugar algum.

Agarrando o volante, ele sacudiu sua cabeça para frente e para trás.

Ele pensava em deixar todo aquele papo furado anormal para trás. Ele pensava que aquela “segunda-visão” cagada havia se solidificado em seu passado. Ele havia feito o que lhe disseram para fazer, e embora não acreditasse nas atitudes que havia tomado, eles haviam “comparecido ao trabalho” por quase vinte anos.

Ah, merda... ele não poderia voltar para o modo que tinha sido antes.

Simplesmente não poderia.

Capítulo 7

Quando Jim saiu do quarto de banho, diPietro tinha ido e uma enfermeira com muito a dizer tinha ocupado seu lugar. Enquanto ela falava de... merda, pelo que fora que estava puxando... Jim olhava por cima de seu ombro com a esperança de cortar o sermão.

—Terminou? -Perguntou quando ela tomou uma só pausa.

Cruzando os braços sobre seu peito proeminente, olhou-o como se estivesse esperando ser ela quem pusesse seu cateter novamente. —Vou chamar o médico.

—Bom, bom para você, mas não vai me fazer mudar de idéia. -Olhou ao seu redor, intuindo que a sala privada que tinha conseguido era por influência de diPietro-. O que aconteceu com minhas coisas?

—Senhor, você não respondia há menos de quinze minutos, e estava morto quando o trouxeram, assim antes de sair como se só tivesse um resfriado comum, devia...

—Roupa. Isso é realmente tudo em que estou interessado.

A enfermeira o olhou com uma espécie de ódio, como se estivesse farta dos pacientes lhe

dando problemas. —Você acredita que é imortal?

—Ao menos no momento -murmurou-. Olhe, terminei com a discussão. Me dê algo para vestir e diga onde está minha carteira, ou vou caminhando como estou e vou fazer que o hospital pague por meu táxi para casa.

—Espera. Aqui.

—Não. Por. Muito. Tempo.

Quando a porta se fechou, ele passeou pelo quarto, com a energia queimando através dele. Despertou meio tonto, mas essa sensação já tinha desaparecido. Homem, podia recordar este sentimento da época em que tinha estado em serviço. Uma vez mais, tinha um objetivo e, como antes, isso lhe deu o poder de expulsar o esgotamento e as lesões, e qualquer pessoa que ameaçasse afastá-lo de seu objetivo.

O que significava que era melhor essa enfermeira sair de seu caminho.

Não se surpreendeu quando voltou minutos mais tarde, não com um, mas com três reforços. O que não ia ajudá-la. Enquanto os médicos formavam um círculo de pensamento racional ao redor de Jim, ele só olhava suas bocas moverem-se e suas sobrancelhas subir e baixar e suas elegantes mãos gesticulando.

Enquanto pensava em seu novo trabalho, porque com certeza não estava escutando à brigada de médicos, perguntou-se como ia ou o que fazer. Sim, tinha uma encontro com o diPietro... mas e então? E, maldito inferno, a noiva estaria ali?

Falando de “adivinha quem vem para o jantar” centrou-se na formação vestida de branco. — Já terminei. Vou. Posso ter minha roupa agora, obrigado?

Som de grilos ao fundo.

Então todo mundo começou a sair em um arrebatamento, demonstrando que pensavam que era estúpido, mas não mentalmente retardado, porque muitos adultos que tinham suas idéias bem colocadas se permitiam tomar más decisões.

Enquanto a porta se fechava, Adrian e Eddie colocavam suas cabeças no quarto. Ad sorriu. — Então expulsou os casacos brancos com um chute no traseiro, né?

—Sim.

O sujeito pôs-se a rir enquanto ele e seu companheiro de quarto entravam. —Por que isso não me surpreende...?

A enfermeira irrompeu passando diante deles com um par de calças de médico e uma camisa havaiana sobre seu antebraço. Ignorando Eddie e Adrian como se nem sequer estivessem ali, jogou os objetos na cama e apresentou ao Jim uma prancheta. —Suas coisas estão nesse armário e sua fatura já foi paga. Assine isto. É um formulário que indica que está dando alta a si mesmo no CCM. Contra a indicação médica.

Jim pegou a Bic preta dela e assinalou um X na linha da assinatura. A enfermeira olhou a marca.

—O que é isso?

—Minha assinatura. Um X é legalmente suficiente. Agora, desculpe-me? -desatou a gola da camisa de hospital e a deixou cair de seu corpo.

O nu frontal a tirou do quarto sem mais conversa.

Enquanto saía na carreira, Adrian se pôs-se a rir.

—Não é muito chegado nas palavras, mas sabe como conseguir que se façam as coisas.

Jim deu a volta enquanto ajustava o cinto nas calças.

—Inferno de tatuagem que tem aí -Adrian disse em voz baixa.

Jim deu de ombros e pegou a camisa feia como um traseiro. A combinação era de cor vermelha e laranja em um fundo branco, e parecia como um maldito presente de Natal dentro da estúpida coisa.

—Ela te deu isso porque te odeia -disse Adrian.

—Ou possivelmente só seja daltônica. -Embora fosse mais provável o primeiro.

Jim foi até o armário e encontrou suas botas alinhadas na parte inferior e uma bolsa plástica com o selo do Hospital St. Francis pendurada num gancho. Pôs seus pés nus em seu Timberlands e pegou sua jaqueta na bolsa para cobrir a maldita camisa. Sua carteira estava no bolso interior de seu casaco, e ele verificou seu interior. Tudo estava ali. Sua licença para conduzir falsa, seu falso cartão de seguro social, e o de débito VISA vinculado a sua conta do Banco Evergreen. Ah, e os sete dólares que sobraram da compra do sanduíche de peru, café e Coca-cola nessa manhã.

Antes que sua vida se houvesse fodido de verdade.

—Há alguma possibilidade que algum de vocês não tenha vindo de moto? -perguntou aos companheiros de quarto-. Preciso de uma carona até o trabalho para recolher minha caminhonete.

Embora, para sair daqui, subiria com gosto na garupa de uma Harley, se fosse necessário.

Adrian sorriu e passou uma mão por seu formoso cabelo.

—Trouxe minhas outras rodas. Imaginei que necessitaria um transporte.

—Subiria num carro de palhaços nesta altura.

—Me dê um pouco mais de crédito que isso.

Os três saíram, e quando passaram pela estação de enfermaria, ninguém ficou em seu caminho, apesar que todo o pessoal parava o que estava fazendo para os olhar.

A viagem do Hospital de St. Francis ao templo nascente do diPietro demorou uns vinte minutos no Explorer de Adrian, e havia um CD do AC/DC soando todo o tempo. O que não teria sido problema, salvo pelo fato que o tipo cantava cada palavra de cada canção, e que nunca ia ser o próximo American Idol: o filho da puta não só não tinha ouvido, mas também tinha o ritmo de um menino branco e muito entusiasmo.

Quando Eddie olhou pela janela para não apedrejá-lo, Jim pôs o volume ainda mais alto com a esperança de afogar os sons de texugo ferido atrás do volante.

Quando finalmente chegaram ao poeirento estacionamento do diPietro, o sol já se punha e a luz se desvanecia do céu, as copas das árvores e as paredes cruas produziam sombras alargadas devido ao ângulo de iluminação. A terra desolada era totalmente dura e pouco atraente, e contrastava gravemente com a costa em frente, mas não havia dúvidas que diPietro ia replantar sua terra com árvores de todas as espécies.

Ele era sem dúvida do tipo que tinha que ter o melhor do melhor.

À medida que se aproximavam da casa, o caminhão de Jim era o único que restava, e ele se

preparou para saltar nele antes que o Explorer se detivesse completamente.

—Obrigado pela viagem -gritou.

—O que? -Adrian foi para o volume e o baixou totalmente. —O que disse?

No vazio acústico, os ouvidos de Jim soavam como sinos de igreja, e resistiu à tentação de sacudir a vibração de seu crânio batendo sua testa contra o pára-brisa do automóvel.

—Disse obrigado pela viagem.

—Sem problema. -Adrian mostrou com a cabeça a F-150-. Está bem para conduzir?

—Sim.

Depois de sair, ele e Eddie bateram seus nódulos, e logo se aproximou de sua caminhonete. Ao entrar, sua mão direita procurou no bolso da camisa que o hospital tinha lhe dado. Nenhum Marlboro. Maldita seja. Mas, vamos, como pregos de caixão iam ser um presente de despedida quando saiu do St. Francis?

Enquanto Adrian e Eddie esperavam, encheu sua mão vazia de cigarros com suas chaves e abriu seu...

Um brilho de movimento perto da roda traseira chamou sua atenção.

Jim olhou para baixo enquanto o cão com quem tinha compartilhado seu almoço saía arrastando-se debaixo da segurança do sistema de transmissão.

—OH... não. -Jim sacudiu a cabeça. —Ouça, eu te disse...

Ouviu-se o som de uma janela de carro sendo baixada e logo a voz de Adrian:

—Ele gosta de você.

O cão de rua fez essa coisa de sentar e ficar olhando Jim.

Merda.

—Esse peru que te dei fediu. Tem que saber isso.

—Se tiver fome, tudo fica bom -Adrian interveio.

Jim olhou por cima do ombro.

—Por que continua aqui? Sem intenção de ofender.

Adrian se pôs a rir.

—Não me ofendo. Vemo-nos mais tarde.

O Explorer deu meia-volta, seus pneus esmagando a terra fria, os faróis girando ao redor e golpeando a casa antes de varrer toda a superfície limpa e o rio mais à frente. Como a iluminação se dirigia pelo caminho, os olhos de Jim se ajustaram à escuridão, e a mansão se apresentava como uma besta irregular, o primeiro andar fechado era seu ventre, o irregular segundo andar emoldurando sua cabeça de espinhos, os montes dispersos de matagais e troncos empilhados eram os ossos de suas vítimas. Sua chegada tinha consumido a península, e quanto mais força tivesse, mais dominaria a paisagem.

Deus... seria capaz de vê-la por milhas em todas as direções da terra, água e céu. Era um templo à cobiça, um monumento a tudo que Vin diPietro tinha obtido em sua vida... o que fez Jim apostar que o homem tinha nascido possuindo nada. As pessoas que vinham de famílias com dinheiro herdavam casas deste tamanho; não as construíam.

Homem, afastar diPietro desta merda ia ser difícil de fazer. Muito difícil. E de algum jeito, a

ameaça da condenação eterna por si só não parecia um motivador suficiente. Sujeitos como ele não iam acreditar na vida mais à frente. De maneira nenhuma.

Quando um vento frio varreu a propriedade, Jim voltou a olhar o cão. A coisa parecia estar esperando um convite. E parecia preparado para ficar esperando sentado por uma eternidade.

—Meu apartamento é uma fossa -disse Jim enquanto se olhavam um ao outro-. Bastante próximo desse emparedado. Vêem comigo e não haverá nenhuma cama de luxo te esperando.

O cão saltava no ar como se um teto e quatro paredes fosse tudo que estava procurando.

—Está seguro disto? -Mais saltinhos. —Está bem. Vem.

Jim abriu a porta da cabine e se agachou para recolher a coisa, com a esperança que tinha entendido a conversa corretamente e que não ia perder a ponta de um dedo. Tudo esteve bem, entretanto. O cão só elevou seu traseiro e pôs seu corpo na mão que rodeava seu ventre.

—Maldito seja, temos que pôr algum peso em você, moço.

Jim acomodou o animal no assento de passageiro e tomou o volante. A caminhonete ligou rapidamente, e desligou o ar condicionado para que o pequeno não tivesse calafrios.

Acendendo suas luzes, pôs o motor em marcha e seguiu o caminho que Adrian e Eddie tinham percorrido, deu a volta e saiu do estacionamento. Quando chegou na Rota 151-N ativou a luz intermitente esquerda e...

O cão passou por debaixo de seu braço e sentou em seu colo. Jim olhou à cabeça quadrada do animal e se deu conta que não tinha nada para alimentar a coisa. Ou a si mesmo.

—Quer mais peru, cão? Posso parar no posto de gasolina no caminho para casa. -A coisa não só meneou a cauda, mas também todo seu ossudo traseiro.

—Está bem. Isso é o que vamos fazer. -Jim apertou o acelerador e saiu da entrada do diPietro, acariciando com sua mão livre o lombo do cão-. Ah, só uma coisa... há alguma possibilidade que esteja domesticado?

Capítulo 8

A escuridão trouxe consigo, entre muitas benções, o benefício do predomínio das sombras, que eram muito mais úteis que a luz do dia.

Enquanto o homem permanecia sentado ao volante do táxi, sabia que tanto ele como seu veículo eram invisíveis para quem estivesse observando. Ela não podia vê-lo. Não sabia que estava ali e que tinha tirado fotos dela ou que a estava seguindo há semanas. E isto confirmava o poder que tinha sobre ela.

Através dos barrotes de sua janela, observou-a enquanto estava sentada no sofá com o menino. Não podia vê-los com clareza, já que havia uma cortina de gaze na janela, mas reconheceu suas formas, a maior e a menor, localizadas muito juntas no sofá da sala.

Tinha aprendido seu horário. Durante a semana, o menino ficava no colégio até as três da tarde, e assim de segunda-feira à quinta-feira o levava a Associação Cristã de Jovens a suas aulas

de natação e basquete. Enquanto o menino estava no poliesportivo, ela nunca saía. Estivesse na piscina ou nas pistas, permanecia sempre sentada nos bancos onde os meninos deixavam suas jaquetas e suas mochilas pequenas. Quando o menino terminava, esperava-o fora, perto da porta dos vestiários, e depois que se trocasse, levava-o diretamente para casa.

Cuidadosa. Era tremendamente cuidadosa, exceto pelo fato que nunca mudava sua rotina. Todas as noites, exceto aos domingos, dava o jantar ao menino às seis, e logo a babá chegava às oito em ponto. Só então ia à catedral de St. Patrick, fosse pela confissão ou pelas orações em grupo. Depois disto, ia a esse clube onde Judas perdeu as botas.

Ainda não tinha estado dentro do Iron Mask, mas a coisa ia mudar esta mesma noite. Seu plano era segui-la durante horas enquanto ela trabalhava como garçonne ou o que fosse, aprender mais a respeito dela e de como vivia. Deus estava nos detalhes, como se dizia, e ele tinha que saber tudo.

Olhando-se no espelho retrovisor, fixou-se na peruca e no bigode que usava como disfarce. Digamos que não eram muito sofisticados, mas ocultavam bem seus traços, e os necessitava por várias razões.

Além disso, desfrutava com a sensação que sentia ao ser invisível para ela, a excitação de vigiá-la enquanto ela não era consciente que se tratava de assédio sexual.

Às sete e quarenta, um sedan se deteve diante da casa e uma mulher afro-americana desceu do carro. Era uma das três babás que tinha visto esta semana, e após seguir uma delas até a casa e ver aonde ia na manhã seguinte, inteirou-se que todas procediam de um centro social chamado Centro Caldwell para Mães Solteiras.

Dez minutos depois que a babá entrou na casa, a porta da garagem se elevou e ele se escondeu em seu assento, pois se o jogo era ver quem era mais precavido, ele não pensava ficar atrás.

As sete e cinquenta. Bem a tempo.

A mulher saiu de marcha ré para o exterior e esperou que a porta estivesse bem fechada, como se a preocupasse que não fechasse toda. Quando se fechou a cor vermelha das luzes de freio se apagaram e levou o carro até a estrada e partiu.

Arrancou com o táxi, e estava trocando a marcha quando a voz do operador de rádio rompeu o silêncio.

—Um e quarenta. Onde está, um e quarenta? Um e quarenta, precisamos seu puto carro de volta.

De maneira nenhuma, pensou. Não tinha tempo para deixar o carro ali e tentar alcançar a mulher. St. Patrick seria a seguinte parada, e quando houvesse devolvido o carro, ela já teria partido da igreja.

—Um e quarenta? Maldito seja...!

Levantou o punho disposto a silenciar o rádio com um golpe e era difícil dominar seu temperamento. Sempre tinha sido assim. Entretanto, lembrou que teria que devolver o táxi em algum momento, e fazê-lo com o equipamento quebrado significava que teria que tratar com o operador de rádio.

Tinha que evitar os conflitos já que nunca terminavam bem para ele ou para a outra pessoa. Sabia bem disso.

E tinha grandes planos.

—Partindo—, disse pelo receptor.

Tinha que vê-la no clube, apesar que se sentia enganado quando perdeu sua pista em St. Patrick.

Marie-Terese estava sentada no porão da catedral de St. Patrick, numa cadeira plástica que machucava seu traseiro. A sua esquerda tinha uma mãe de cinco filhos que sempre carregava sua Bíblia no vão de seu braço como se fosse um bebê. A sua direita havia um sujeito que devia ser mecânico: as palmas de suas mãos estavam limpas, mas sempre tinha uma linha negra sob as unhas.

Havia outras doze pessoas mais no círculo e uma cadeira vazia, e ela conhecia todo mundo na sala tão bem como a pessoa que faltava esta noite. Depois de escutar todos eles a respeito de suas vidas durante o último par de meses, era capaz de recitar os nomes de seus maridos, mulheres e filhos, se os tinham, conhecia os acontecimentos críticos que tinham formado seu passado assim como os cantos mais escuros de seus armários interiores.

Ela estava assistindo o grupo de oração desde setembro. Descobriu sua existência graças a um anúncio publicado no boletim de anúncios da igreja: “A Bíblia na vida diária”, as terças e sextas-feiras, às 8 da noite.

O debate desta noite tratava sobre o livro do Jó¹⁷, e as conclusões eram evidentes: todo mundo falava sobre as grandes lutas que levavam a cabo, e de como estavam certos que sua fé seria recompensada e Deus os ajudaria a alcançar um futuro próspero sempre e enquanto mantivessem a fé.

Marie-Terese não dizia nada. Nunca o fazia.

Diferente do momento de confissão, aqui embaixo no porão estava procurando fazer algo diferente que falar. O caso era que não havia outro lugar em sua vida que pudesse ter ao seu redor gente com aparência de ser normal. Certamente não os acharia pelo clube, e fora do trabalho não tinha amigos, nem família. Não tinha ninguém.

Assim a cada semana vinha aqui e sentava no círculo e tentava conectar-se de alguma maneira com o resto do planeta. Como ocorria agora, sentia como se estivesse em uma praia longínqua, olhando através de um rio caudaloso para a Terra dos Bem-Aventurados Temerosos, e não era que os invejasse ou menosprezasse. Ao contrário, tentava obter forças de sua companhia, pensando que talvez se respirasse o mesmo ar que eles, bebesse o mesmo café, e escutasse suas histórias talvez algum dia voltaria a viver entre eles outra vez.

Portanto, estas reuniões não tinham nada de religioso para ela, e diferente da fecunda galinha mãe que tinha ao seu lado com a Bíblia bem à vista, o Sagrado Livro de Marie-Terese

¹⁷ Livro de Jó, é um dos livros contidos na Bíblia Sagrada. História de Jó: <http://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%B3>

permanecia dentro de sua bolsa. Que diabos! Trazia-o só para o caso que alguém perguntasse onde estava. Era genial que tivesse só o tamanho de um palmo.

Com o cenho franzido, tentou recordar de onde a tinha tirado. Tinha sido em algum lugar ao sul da Mason-Dixon, em um supermercado... Na Geórgia? Alabama possivelmente? Seu ex-marido a estava perseguindo e necessitava algo, algo que a fizesse passar os dias e as noites sem perder a prudência.

Quando foi isso? Há três anos?

Pareciam como três minutos e três milênios ao mesmo tempo.

Deus! Aqueles meses horríveis. Sabia que fugir de Mark ia ser horrível, mas não tinha nem idéia quanto chegaria a ser.

Depois de espancá-la e seqüestrar Robbie, passou duas noites no hospital recuperando-se do que ele tinha feito, e imediatamente depois encontrou um investigador particular e foi em sua busca. Necessitou maio, junho e julho para localizar seu filho, e ainda hoje não tinha idéia de como conseguiu superar aquelas horríveis semanas.

Engraçado é que sua fé não tinha se restabelecido então, e isso fez que as coisas se solucionassem, pois lhe tinha sido concedido o milagre pelo que tinha estado rezando apesar de não acreditar de verdade em quem o estava pedindo. Sem dúvida as súplicas tinham surtido efeito, apesar de tudo, e podia recordar com total clareza a visão do Navigator negro do investigador particular aproximando-se do Motel 6 onde tinha permanecido durante a espera. Robbie abriu a porta da caminhonete e saiu ao exterior sob o sol da Flórida, e ela queria correr para ele, mas lhe falharam os joelhos. Deixando-se cair sobre a calçada, estendeu os braços para Robbie enquanto chorava.

Tinha pensado que estava morto.

Robbie se havia virado para aquele som afogado... e imediatamente a viu e correu para ela tão rápido como pôde. Tão logo caiu em seus braços, notou que sua roupa estava suja e seu cabelo estava emaranhado, e que cheirava a macarrão com queijo queimados. Mas ele vivia e respirava e estava em seus braços.

Entretanto, não chorou. E não tinha chorado após.

Tampouco tinha falado de seu pai ou daqueles três meses. Nem sequer aos terapeutas a que o tinha levado.

Marie-Terese assumiu que a pior parte da experiência tinha sido não saber se o filho que tinha parido e amado estava vivo ou não. Entretanto, sua volta ao lar trouxe outro inferno. Queria perguntar se estava bem a cada minuto de cada dia, mas obviamente não podia fazer isso. E de vez em quando, quando não podia conter-se de formular a pergunta em questão, só respondia que estava bem.

Ele não estava bem. Não era possível que estivesse bem.

Os detalhes que o investigador particular foi capaz de lhe dar eram imprecisos. Seu marido levou Robbie ao longo do país, passando de carro de aluguel a outro carro de aluguel, e vivendo atrás de uma série de nomes falsos e um grande efetivo em dinheiro. Tudo isto revelou que tinha tentado passar despercebido por um par de razões, porque não era só Marie-Terese quem estava

o procurando.

E para evitar que Robbie tentasse escapar, era provável que Mark o tivesse intimidado. E pensar em algo assim lhe dava vontade de matar seu ex-marido.

Depois de recuperar Robbie e assinar o pedido de divórcio, fugiu o mais longe possível de onde tinham vivido, sobrevivendo com o dinheiro que tinha conseguido de Mark e as jóias que tinha comprado. Infelizmente, não eram suficientes para viver por muito tempo. Não depois dos honorários dos advogados, da fatura do investigador particular, e o custo de reinventar-se a si mesma.

O que ela tinha terminado fazendo por dinheiro a fez pensar a respeito de Jó. Estava disposta a apostar que quando a maré se voltasse contra ele, não saberia o que o tinha golpeado: num momento se sentia perfeito, e no seguinte o tinham despojado de tudo que o tinha definido, e tinham levado tão baixo que certamente isto o teria levado a pensar em fazer coisas para sobreviver que antes teriam sido impensáveis.

Acontecia o mesmo a ela. Nunca tinha previsto o que ia ocorrer. Nem sua grande queda nem a dura aterrissagem que a fez tocar o fundo e dedicar-se à prostituição.

Mas devia ter sido mais inteligente. Seu ex já tinha mostrado seu lado turvo desde o começo, um homem com dinheiro vivo em toda parte exceto contas bancárias. De onde diabos pensava que provinha todo esse dinheiro? As pessoas que se dedicavam a negócios legais tinham cartões de crédito e débito, e possivelmente um par de notas de vinte em suas carteiras. Não guardavam centenas de milhares de dólares em maletas da Gucci escondidos nos armários das suítes de hotel em Las Vegas.

É obvio, ela não tinha conhecimento de tudo isso no princípio. Quando tudo começou, cobria-a com presentes, jantares e viagens de avião. Só mais tarde começou a questionar as coisas, mas então já era muito tarde: tinha um filho que adorava e um marido pelo que sentia terror, e aquilo a manteve calada e confinada.

Para ser brutalmente sincera consigo mesma, o mistério de Mark consistia na simples atração do começo. O mistério e o conto de fadas e o dinheiro.

E ela teve que pagar por aquela atração. Muito caro...

O som das cadeiras arrastadas pelo chão a tirou de seus pensamentos. A reunião tinha terminado e os participantes estavam de pé dando o abraço de apoio de praxe, o que significava que tinha que sair rapidamente antes de ser apanhada.

Uma coisa era escutá-los, e outra ter que senti-los contra seu peito. Aquilo não podia suportar.

Rapidamente, ficou de pé, pendurou a bolsa no ombro e foi direto para a porta. Enquanto avançava, disse alguma coisa rápido, um pequeno detalhe para os outros, e como sempre, obteve deles um olhar que os cristãos oferecem aos menos afortunados... pobrezinha menina querida.

Teve que perguntar-se se seriam tão generosos se soubessem aonde ia e o que fazia depois destas reuniões. Queria acreditar que não seria diferente. Entretanto, não podia deixar de abrigar certas dúvidas.

No corredor, havia outro grupo para a próxima reunião da noite, e tinha ouvido que era um

grupo do Narcodependentes Anônimos que recentemente tinham começado a reunir-se em St. Patrick. Todo mundo era amável, os dois grupos de gente problemática se misturavam durante a troca da sala.

Procurando em sua bolsa as chaves de seu carro, ela... deu um encontrão com um muro de homem.

—OH, sinto muito! —olhou para cima, muito acima, a um par de olhos de leão. —Eu, né...

—Devagar, devagar... —O homem a segurou e ofereceu um leve e afável sorriso. Seu cabelo era tão espetacular como aquele olhar amarelo, toda a gama de cores que fluía sobre seus enormes ombros. —Está bem?

—Eeeh... —ela já o tinha visto antes, não só no corredor, mas também no ZeroSum, e se maravilhava com sua aparência irreal, chegando a pensar que talvez fosse um modelo. E, naturalmente, uma parte se preocupava que ele soubesse o que fazia para ganhar a vida, mas nunca dava amostras de sentir-se incômodo ou de ser desagradável com ela no mínimo. Além disso, se assistia a reuniões de Narcodependentes Anônimos, ele mesmo tinha uns quantos demônios aos que enfrentar.

—Senhora? Olá?

—OH, Deus! Sinto muito. Sim, estou bem... só tenho que olhar por onde vou.

Devolveu o sorriso, e em seguida escapou pelas escadas de volta ao primeiro andar da catedral e saiu atravessando as enormes portas duplas da fachada. Já na rua, passou as filas de veículos que estavam estacionados em paralelo e desejou ter conseguido um lugar melhor. Seu Toyota Camry estava bastante longe, e seus dentes já batiam castanholas de frio quando entrou no veículo e começou o ritual de fazer funcionar o motor.

—Vamos... vamos...

Finalmente conseguiu arrancar um espasmo e um ruído estridente, e pouco depois já estava fazendo uma mudança de sentido não permitido sobre a linha dupla amarela que dividia o asfalto da rua em dois.

Imbuída em seus pensamentos, não reparou no par de faróis que a seguiam em sua trajetória... e que não se separavam dela.

Capítulo 9

Jim estacionou sua caminhonete a meio quarteirão do Commodore e pensou, genial, posso vê-lo daqui.

O exterior do edifício era duro, não havia mais que cristal biselado preso nas vigas de aço fino, o que dava a cada uma das vilas uma incrível vista. Só com o que podia ver do hall, notava a exuberância do interior, coberto de mármore vermelho sangue com uma flor no centro do tamanho de um caminhão de bombeiros. Tem sentido que vestido azul viva num lugar como este.

Merda, deveria ter sugerido a diPietro que saíssem sozinhos para jantar, com a lembrança

da noite anterior ainda tão viva, estar no mesmo espaço fechado com essa mulher não era uma boa idéia. E então, recordou que estava ali para salvar seu noivo maldito da condenação eterna.

Esfregou a cara enquanto desligava o motor, pensando no cachorrinho que tinha deixado aconchegado sobre a cama.

Como diabos tinha conseguido recolher um animal de estimação?

Pôs as chaves no bolso de sua jaqueta de couro, saiu da caminhonete e cruzou a rua. À medida que caminhava pelo vestíbulo, que tinha parecido exuberante da rua via como era magnífico de perto, mas não podia ficar admirando o lugar. No instante que entrou, o guarda atrás da mesa o olhou com o cenho franzido.

— Boa tarde, é o Sr. Heron?

O tipo era cinqüentão e vestia um uniforme negro, em seus olhos podia ver-se que não era nem lento nem estúpido. Provavelmente estava armado e sabia como usar uma pistola.

Jim tinha que passar.

—Sim, sou.

— Posso ver alguma identificação, por favor?

Jim tirou sua carteira e mostrou sua licença de motorista do Estado de Nova Iorque, a qual tinha comprado três dias depois de sua chegada em Caldwell.

— Obrigado. Vou chamar o Sr. diPietro.— O guarda esteve dois minutos ao telefone, e logo estendeu o braço para os elevadores. — Vá à direita, senhor.

— Obrigado.

O trajeto até o vigésimo oitavo andar foi suave como seda, e Jim se divertiu localizando com os olhos as câmaras de segurança: As câmaras estavam colocadas nos cantos superiores, onde os painéis dos espelhos se juntavam, a fim de parecer decorações. Com essas coisas aí, não importa o quanto se escondesse, o tiro na cara estava garantido.

Agradável. Muito bonito.

Quando as portas do elevador se abriram, Vin diPietro estava ali, de pé num corredor de marfim.

diPietro estendeu a mão.

— Bem vindo.

Tinha um aperto de mão sólido, firme e rápido, o que não o surpreendeu, considerando que Jim levava sua segunda melhor camisa de flanela, umas esportivas e além disso se barbeou, Vin estava com um terno diferente do que usava no hospital há três horas atrás. Provavelmente, só usava uma vez e logo os jogava no lixo.

— Se importa se te chamo de Jim?

— Não.

diPietro foi na frente até uma porta e abriu para... merda, o lugar era como a coleção de Donald Trump, nada mais que mármore negro, cachos de ouro, merda de cristal e esculturas. Dos pisos da sala em frente até as escadas que conduziam a um segundo andar... e então, chegava-se na sala com muito corte e acabamento em pedra, Jim tinha que perguntar-se quantas pedreiras esvaziou. E os móveis... Cristo, os sofás e as cadeiras pareciam jóias, com todo seu dourados e

pedra—preciosa da cor da seda.

— Devina, vem conhecer nosso convidado.— Disse diPietro por cima do ombro.

Quando o som dos sapatos de salto alto se aproximou da sala de estar, Jim olhou uma vista realmente impressionante de Caldwell... e tentou não pensar na última vez que tinha visto essa mulher. Usava o mesmo perfume da noite anterior. E de acordo com seu nome, sem dúvida, tinha sido divina.

— Jim?— Disse diPietro.

Jim esperou um momento mais, para dar-se tempo para recuperar a compostura. Vê-la de longe era uma coisa, mas estar em sua casa, suficientemente perto para poder tocá-la, era outra. Estava de novo de azul?

Não, vermelho, estava de vermelho. diPietro tinha seu braço ao redor de sua cintura. Jim assentiu com a cabeça, negando-se a permitir recordar a noite passada.

—Encantado por conhecê-la.

Sorriu e estendeu a mão.

— Bem vindo. Espero que goste de comida italiana.

Jim sacudiu a palma da mão rapidamente e logo a meteu no bolso dos jeans.

— Sim, eu gosto.

— Bom. O cozinheiro está fora até a próxima semana, e a comida italiana é mais ou menos a única que sei fazer.

O silêncio que seguiu foi incômodo.

— Se me desculparem.— Disse Devina. — Irei ver como vai o jantar.

Vin lhe deu um beijo na boca.

— Tomaremos uma taça aqui.

Quando o repique dos sapatos de salto alto recuaram, diPietro se aproximou de um móvel bar.

— Qual é seu veneno?

Interessante pergunta. Na antiga linha de trabalho do Jim, tinha utilizado cianeto, antraz, tetrodotoxina, rícina, mercúrio, morfina, heroína, assim como alguns dos agentes nervosos de nova geração. Injetou as substâncias, pô—las nos mantimentos, espalhou em maçanetas de porta, pulverizou pelo correio, contaminou todo tipo de bebidas e medicamentos. E isso foi antes de começar a ser realmente criativo.

E era tão bom como com armas de fogo, facas ou suas mãos nuas. Não que diPietro precisasse saber disso.

— Suponho que não tem cerveja?— Disse Jim, olhando o topo das garrafas de bebidas na prateleira.

— Tenho a nova DogFish¹⁸. É fantástica.

Jim o duvidou, Deus sabe que nem os cães nem os peixes foram criados para algo que se requeria na elaboração da cerveja de lúpulo. Mas o que seja.

—Parece boa.

¹⁸ Marca de cerveja

diPietro pegou dois copos longos e abriu um painel que era uma mini geladeira. Pegando um par de garrafas, girou a tampa e derramou uma cerveja escura com um colarinho tão branco que parecia espuma de mar.

— Acredito que gostará disto.

Jim aceitou uma das taças junto com um guardanapo de linho com as iniciais VSdP. Um só gole... e tudo o que pôde dizer foi: — Maldita.

— Bom, verdade?— diPietro levantou a cerveja à luz como se a inspecionasse. — É a melhor.

— Diretamente do céu.— Jim saboreou sua cerveja e olhou ao seu redor. Tudo era incrível. Talvez os ricos tivessem algo a fazer.

— A casa do farol vai ser ainda mais magnífica.

Jim se aproximou da janela e observou a vista.

— Por que quer deixar isto?

— Porque onde vou, é melhor.

Um timbre de sutis badaladas soou, e Jim olhou para o telefone, Vin olhou também.

— Essa é minha linha de negócios e tenho que atender a chamada.— Com sua cerveja na mão, dirigiu-se a uma porta do lado oposto da sala. — Sinta-se em casa. Voltarei num momento.

Quando o homem partiu, Jim riu com seus botões. Como em casa aqui? Ceeerto. Sentia-se como parte daquelas provas para meninos onde tinha que se escolher o objeto que não pertencia ao grupo: cenoura, pepino, maçã, abobrinha. Resposta: maçã. Sofá coberto de fina seda, tapete tecido fino, operário, garrafas de cristal. Resposta: operário.

— Olá.

Jim fechou os olhos. Sua voz ainda era formosa.

— Olá. Eu...

Jim girou e não se surpreendeu ao encontrar seus olhos tristes.

Enquanto procurava as palavras, elevou a mão para detê-la.

— Não tem que explicar nada.

— Eu... nunca havia feito nada como ontem à noite... só... queria...

— O oposto dele.— Jim sacudiu a cabeça. — OH, merda... olhe... não chore...

Deixou a cerveja que diPietro tinha servido e se aproximou estendendo o guardanapo. Enxugou as lágrimas, mas não queria danificar sua maquiagem.

A mão de Devina tremia quando devolveu o lenço.

— Eu não vou dizer a ele nunca.

— Tampouco saberá por mim.

— Obrigado.— Seus olhos se dirigiram para o telefone do console, onde havia uma luz piscando junto à palavra estúdio. — Eu o amo. É só que... é um homem complicado. Mas que a sua maneira se preocupa comigo, só que às vezes me sinto invisível, mas você me viu.

Sim, viu-a e não podia negar.

— A verdade é que,— murmurou, — embora nunca deveria ter estado com você, não me arrependo.

Não estava seguro do que responder a isso, ela o olhava como se esperasse uma resposta

sábria ou a absolvição, a qual ele não podia dar. Nunca tinha tido uma relação, assim não podia aconselhá-la sobre sua relação com Vin. E só a conhecia de um encontro sexual.

Entretanto uma coisa estava clara, essa mulher estava apaixonada por seu marido, viu assim que olhou esses escuros e luminosos olhos.

diPietro era um completo imbecil se não se desse conta disso.

Jim limpou umas lágrimas de seu rosto.

— Me escute. Vai esquecer ontem a noite, como se nunca tivesse acontecido. Vai esquecer e não pensar nisso de novo, de acordo? Se não o recordar, será como se não fosse real, como se nunca tivesse acontecido.

Ela fungou um pouco.

— Está be... bem.

— Boa garota.— Jim lhe colocou uma mecha de seu suave cabelo atrás da orelha. — E não se preocupe, tudo vai ficar bem.

— Como pode estar tão seguro?

E foi então que se deu conta que talvez seu trabalho com Vin fosse que o homem se desse conta do que tinha, uma mulher que esperava que a amassem. O sujeito não podia ver além de seus bens imóveis, seus carros ou suas estátuas de mármore, mas pelo que realmente importava, talvez mudasse sua vida e alma.

— Ao que parece, estou ficando sem fé.— Disse Devina tentando secar suas lágrimas.

— Não. Estou aqui para ajudar.— Jim respirou fundo. — E vou fazê-lo bem.

— OH, Deus!... Está me fazendo chorar mais.— Devina riu e estreitou sua mão. — Mas muito obrigado.

Maldição... seus olhos o faziam sentir-se como se doessem suas costelas.

— Seu nome,— sussurrou, — combina com você.

Um rubor coloriu suas bochechas.

— Na escola, costumava odiá-lo. Preferia me chamar Maria ou Julie, ou algo normal.

— Não, é perfeito. Não poderia imaginar outro nome.— Jim olhou o telefone e viu que a luz estava apagada. — Terminou sua chamada.

Ela limpou ambos os olhos.

— Devo estar um desastre. Irei à cozinha pegar uma bandeja. Por favor, mantenha-o ocupado no estúdio enquanto vou me arrumar um pouco.

Enquanto esperava que voltasse da cozinha, Jim terminou a cerveja e se perguntou como demônios se colocou no papel do Cupido.

Homem, se esses quatro pretendiam que usasse asas e uma fralda e que disparasse flechas, seu contrato seria renegociado, e não com palavras.

Devina retornou com uma bandeja de prata com pequenos canapés.

— O estúdio está abaixo, vou me arrumar um pouco para que não note que chorei.

— Entendido.— Jim pegou a bandeja, preparado para atuar como garçom e entreter diPietro. — Mantereí-o ali.

— Obrigado. Por tudo.

Antes de falar muito outra vez, Jim saiu, carregando a bandeja com ambas as mãos, através de um sem fim de salas. Quando chegou ao escritório, a porta estava aberta e diPietro estava sentado atrás de uma grande mesa de mármore que tinha um monte de computadores nela. O sujeito não olhava as máquinas, entretanto. Mantinha o olhar fixo nas janelas.

Na palma da mão tinha algo pequeno e negro.

Jim bateu na porta.

— Tenho alguns *amuse bouche*¹⁹.

* * * *

Vin girou em sua cadeira e guardou a caixa do anel ao lado do telefone. Heron estava na porta do estúdio, com uma bandeja nas mãos, o sujeito poderia parecer muitas coisas, mas não um garçom, e não por causa da camisa de flanela e calças jeans, mas sim porque simplesmente não parecia alguém que se deixasse dirigir por ninguém.

— Sabe francês? — Murmurou Vin.

— Ela me disse o que eram.

— Ah. — Vin se levantou e se aproximou. — Devina é uma grande cozinheira.

— Já sabe o que preparou?

— Não, guio-me pelos aromas que saem da cozinha.

Ambos pegaram um cogumelo recheado com finas rodela de tomate e folhas de manjeriço, e uma colher de caviar e alho-porró sobre ela.

— Por favor, sente-se. — Disse Vin, assentindo com a cabeça através de sua mesa. — Temos que falar. Quero dizer, sei que só pedi um jantar... mas intuo que há algo mais que não me disse.

Heron largou a bandeja, mas não sentou na cadeira, em vez disso se aproximou da janela para observar Caldwell.

Vin aproveitou o momento para avaliar seu convidado de seu trono de couro. O bastardo tinha a mandíbula como uma rocha, dura e direta, e tinha em seu poder todos os ases do jogo, coisa que Vin não pensava lhe dizer. Perguntava-se em que estaria pensando seu convidado.

Vin girou sua pluma de ouro sobre o papel, enquanto esperava pelos pedidos de Heron.

A maior parte de seu dinheiro tinha sido ganho na construção, mas não iniciou na legítima arte das pranchas e pregos, e seus contatos com a parte do mercado negro de Caldwell ainda eram bons.

— Tome seu tempo, Jim. O dinheiro é mais fácil de pedir que... outras coisas. — Ele sorriu um pouco. — Quer algo que não está facilmente disponível nos Hannaford²⁰ locais, por acaso?

Heron não se moveu enquanto continuava observando a cidade.

— Do que está falando exatamente?

— O que exatamente quer?

Houve uma pausa.

¹⁹ Aperitivos, em Frances significa amaciar a boca.

²⁰ Cadeias de supermercados

— Preciso saber de você.

Vin se inclinou para diante em sua cadeira, não estava seguro de ter escutado bem.

— Saber de mim, como?

Heron voltou a cabeça.

— Está a ponto de tomar uma decisão. Algo importante. Não é verdade?

Os olhos de Vin dispararam para a caixa de veludo negro que tinha escondido.

— O que há aí?— Exigiu Heron.

— Nada que seja de sua conta.

— Um anel?

Vin amaldiçoou e agarrou o que tinha comprado no Reinhardt. Pôs a caixa numa gaveta, enquanto começava a perder a paciência.

— Olhe, deixa de estupidez e diga o que quer. Não é o jantar e não é para me conhecer. Por que não assumir que não há nada nesta cidade que não esteja disponível para mim? Vamos terminar com isto. Que porra quer?

Respondeu tão baixo que Vin custou a ouvir.

— Não é o que quero, mas o que vou fazer. Estou aqui para salvar sua alma.

Vin franziu o cenho... e logo desatou a rir. Este sujeito que acaba de salvar-se da morte por um fio, e que normalmente vestia um cinturão de ferramentas, queria salvá-lo? Não tinha sentido. Vin teve que esforçar-se para não se afogar na risada.

Quando tomou um descanso para respirar um pouco mais profundo, Heron disse:

— Sabe, foi assim exatamente que reagi.

— Por quê?— Disse Vin enquanto esfregava a cara. — Digamos que foi a chamada do dever? É um louco religioso?

— Não. Heron finalmente sentou na cadeira, as mãos apoiadas nas coxas. — Posso perguntar algo?

— Claro, diabos, por que não?— Vin viu que Heron estava completamente relaxado. Neste ponto, tudo era tão estranho que estava começando a pensar que não importava. — O que quer saber?

Heron olhou ao seu redor os livros de primeira edição e as obras de arte.

— Por que precisa de toda esta merda? E não me interprete mal. Nunca vou viver como você, assim me perguntava que necessidade tem alguém de rodear-se de tudo isto.

Vin esteve tentado a não responder a pergunta, e mais tarde se perguntaria por que o fez, mas neste momento respondeu a verdade.

— Para mim é importante, sinto-me seguro rodeado de coisas belas.— No momento que as palavras saíram de sua boca, arrependeu-se de as ter pronunciado. — Quero dizer... merda, não sei. Não venho de uma família rica. Era só um menino italiano que vivia no lado norte da cidade, e meus pais sempre estavam trabalhando muito duro para ir adiante. Abri meu caminho porque queria uma vida muito melhor para mim.

— Bom, agora está por cima, está bem.— Heron olhou ao seu redor. — Então deve trabalhar muito.

— Todo o tempo.

— Acho que isso significa que ganhou esta surpreendente vista.

Vin girou sua cadeira.

— Sim. Estive olhando para isto durante muito tempo.

— Vai sentir falta quando se mudar?

— Terei o rio para olhar. E a nova casa que estão construindo vai ser espetacular, eu gosto das coisas espetaculares.

— A cerveja que bebemos antes é provavelmente a melhor que bebi em minha vida.

Vin se centrou na reflexão do homem.

— Heron é seu verdadeiro nome?

Sorriu um pouco.

— É obvio que é.

Vin olhou por cima do ombro.

— Que outros idiomas sabe além do francês?

— Quem disse que sei francês?

— O fato que não tenha nem idéia da cerveja exótica me faz duvidar que seja um conhecedor da linguagem gastronômica. E Devina não teria dito o que são *amuse—bouche* porque seria uma grosseria. Portanto deduzo que conhece o idioma.

Heron tamborilou os dedos sobre o joelho enquanto parecia pensar na resposta.

— Me diga o que há nessa caixa que escondeu na gaveta e talvez eu responda.

— Qualquer um diria que gosta de levar as rédeas.

— Todo o tempo.

Pensou que não era uma autêntica revelação pois Heron não tinha nenhuma relação com Devina, então Vin pegou a caixa de Reinhardt e abriu a tampa. Quando se voltou, Heron pôde ver o que havia na caixa e deixou escapar um assobio.

Vin deu de ombros.

— Como disse, gosto das coisas belas. Comprei-o ontem à noite.

— Cristo, que diamante? Quando vai fazer a pergunta?

— Não sei.

— O que está esperando?

Vin fechou a caixa.

— Já fez sua pergunta, agora sou eu, francês?

— *Oui ou non?*

— *Um peu Je parle. Et vous?*

— *Peu Je. Et.*²¹

— Fiz alguns negócios imobiliárias ao norte da fronteira, assim sei como falam. Seu sotaque não é canadense, mas europeu. Quanto tempo esteve no exército?

— Quem disse que estive?

— Só uma hipótese.

²¹ Em francês: Sim ou não? Eu falo um pouco e você? Eu pouco. E.

— Talvez tenha ido à universidade no estrangeiro.

Vin o considerou.

— Eu diria que não é seu estilo. Não tem aspecto de alguém que aceita ordens e não posso te imaginar sentado atrás de uma mesa durante quatro anos.

— Por que entraria no Exército se não gosto de receber ordens?

— Porque permitem que faça algo por sua conta.— Vin sorriu, mas a cara do sujeito permaneceu séria. — Eles permitem trabalhar para si mesmo, não é, Jim. Que mais ensinam?— O silêncio se expandiu até ocupar não só a sala, mas também o duplex inteiro.

— Jim, percebe que quanto mais silencioso fica, mais posso tirar minhas próprias conclusões sobre seu corte de cabelo, tatuagens nas costas ou uma vida militar. Respondi suas perguntas, agora é minha vez, essas eram as regras do jogo.

Jim se inclinou lentamente, seus olhos claros duros como uma rocha.

—Se lhe conto algo me verei obrigado a te matar, Vin. E isso nos danificaria a festa a ambos.

Então essa tatuagem não era simplesmente algo que o tipo tinha visto na parede de um salão de piercings e arte corporal de três por quatro, tendo-a tatuando em seu corpo porque pensava que estava na moda. Jim era a morte real.

—Sinto muita curiosidade —murmurou Vin.

— Sugiro que a supere.

— Sinto muito, meu amigo. Sou um filho da puta tenaz. Não quero que pense que ganhei tudo isto jogando na loteria.

Houve uma pausa, e então na cara de Jim apareceu um sorriso.

— Assim quer que acredite que tem bolas, verdade?

— Acredite. E como diriam os sábios, são tão grandes como os sinos de uma igreja.

Jim se recostou na cadeira.

—Ah, não me diga. Então o que está esperando para entregar esse anel?

Vin entrecerrou os olhos, a ira o queimava.

— Quer saber por quê?

—Sim. Devina é uma mulher incrivelmente formosa, e o olha como se fosse um deus.

Vin inclinou a cabeça para um lado e falou sobre o que rondava sua cabeça desde ontem à noite.

— Minha Devina saiu ontem de noite com um vestido azul. Quando chegou em casa, trocou-se imediatamente e tomou uma ducha. Esta manhã, olhei o vestido e vi um borrão negro na parte de trás, como se tivesse sentado num lugar sujo, o que pode acontecer num bar. Mas mais que isso, Jim, quando levantei o vestido e o aproximei de meu nariz, cheirei algo sobre o tecido que se parecia muito com colônia homem.

Vin mediu todos e cada um dos músculos faciais do sujeito. Nenhum só deles se moveu. Inclinou-se para diante na cadeira.

— Não preciso te dizer que não era minha colônia, e que poderia interessar saber que cheira um inferno como a sua. Não digo com isto, que acredite que você estava com ela, mas quando um homem cheira na roupa de sua mulher a colônia de outra pessoa tende a fazer-se a pergunta, não

é assim? Como pode ver, não é porque não tenha bolas. É porque me pergunto que outro a esteve tocando.

Capítulo 10

Bom, isto não era uma maldita festa.

Jim olhou fixamente através da mesa seu anfitrião, percebendo que tinha passado muito tempo desde que um homem o tinha impressionado — mas Vin diPietro tinha conseguido. O filho da puta estava calmo, fresco, tranqüilo. Simpático como a merda, mas não era nenhum gatinho.

E era evidente que o sujeito de verdade acreditava que Jim não tinha estado com sua noiva — ao menos isso era o que diziam seus instintos, e como eles rara vez se equivocavam, ele se sentia inclinado a confiar neles. Mas quanto tempo duraria isto?

Cristo, se só pudesse voltar a noite anterior e deixar Devina naquele estacionamento. Ou... merda, só caminhar ao interior onde estava quente e deixar que encontrasse algum outro sujeito que a ajudasse a resolver sua confusão e tristeza.

Jim deu de ombros.

— "Não pode estar seguro que ela estava com alguém.

Uma sombra cruzou o rosto de Vin.

— Não. Não posso.

— Alguma vez a enganou?

— Não. Eu não acredito nessa merda.

— Eu tampouco. — Estranho... por uma vez, mentir enviou um estremecimento através do peito de Jim. Na verdade não tinha se preocupado por Devina estar com outra pessoa.

O silêncio flamejou outra vez, Jim sabia que o sujeito esperava outra revelação então analisou sua vida, procurando detalhes para a hora-de-maior-audiência. Eventualmente, ele disse, — Também falo Árabe, Dari, Paxto e Tajik²².

O sorriso do Vin era parte Cheshire²³, parte respeito.

— Afeganistão?

— Entre outros lugares.

— Quanto tempo serviu?

— Um tempo. — Ele não brincava a respeito de matar o garoto se a troca de informações fosse mais longe por sua parte. "E deixemos esta conversa até aqui, se não se importar.

— De acordo.

— Então, desde quando está com sua mulher?

Os olhos de Vin se desviaram para uma pintura abstrata pendurada na parede junto a sua mesa.

²² Idiomas falados no Paquistão, Afeganistão e Tayikistan

²³ O **Gato de Cheshire** é um gato fictício que é personagem do livro Alice no País das Maravilhas de Lewis Carrol

— Oito meses. Ela é modelo.

— Percebi.

— Alguma vez foi casado Jim?

— Merda, não.

Vin riu.

— Não procura à Sra. Correta?

— Sou mais o tipo incorreto de homem para esse tipo de coisas. Mudo—me muito.

— Se aborrece com facilidade?

— Sim. Isso.

O som de saltos altos sobre o mármore atraiu os olhos do sujeito para a entrada do estúdio. Foi óbvio quando Devina fez sua aparição, e não só pelo tênue, florido perfume que flutuava no ar: o olhar de Vin se dirigiu lentamente para baixo e logo acima sobre ela, como se a visse pela primeira vez em muito tempo.

— O jantar está pronto. — Disse.

Jim olhou para a janela de vidro do outro lado da sala e estudou seu reflexo. Ela estava, novamente, debaixo da luz, o brilho radiante fazendo—a destacar em contraste com a vista do fundo da noite.

Franziu o cenho. Uma sombra estranha flutuava atrás dela, como uma bandeira negra ondeando ao vento... como se a seguisse um fantasma.

Jim deu a volta e piscou com força. Seus olhos procuraram o espaço atrás dela... e encontraram um monte de absolutamente nada. Ela estava de pé sob a luz, sorrindo para Vin enquanto o homem se aproximava e a beijava na boca.

— Preparado para comer Jim? perguntou o homem.

Que tal um transplante de cérebro, antes da maldita massa?

— Sim, seria bom.

Os três caminharam através de várias salas para outra mesa de mármore. Esta era o suficientemente grande para acomodar vinte e quatro pessoas, e se houvesse mais cristal do que havia no teto, teria jurado que estava em uma caverna de gelo.

O faqueiro era de ouro. E sem dúvida sólido.

Estão brincando, pensou Jim enquanto se sentava.

— Como o cozinheiro está de férias — disse Vin enquanto ajudava Devina com sua cadeira, — Serviremo-nos sozinhos.

— Espero que goste do que fiz. — Disse Devina recolhendo seu guardanapo damasco. — Mantive-o simples, só um pouco de molho Bolonhesa com lingüine caseiro. E a salada nada mais que pequenos corações de alcachofra e pimenta vermelha com um vinagrete de vinho gelado batido.

Fosse o que fosse, a coisa cheirava incrível, e se via ainda melhor.

Depois que as grandes tigelas com bordas de ouro foram passadas ao redor e os pratos estavam cheios, todo mundo começou a comer.

Bom, Devina era uma cozinheira espetacular. Aqueles brotos - o que fossem - com o vinho

gelado batido estavam incríveis... e isso por que ainda não tinha provado a massa.

—Então o trabalho na casa do escarpado vai bem. Disse Vin. —Não acredita, Jim?

Isto os lançou numa longa hora de discussão sobre a construção, e Jim novamente se sentiu impressionado. Apesar das escavações de Vin e seu guarda-roupa chamativo, ele claramente tinha experiência direta com o trabalho que Jim e os moços faziam – assim como tudo a respeito dos eletricitas, bombeiros e pedreiros. O sujeito conhecia as ferramentas, pregos, pranchas e isolamento. Transporte e eliminação de resíduos. Pavimentação. Permissões. Regulamento. Serviços.

Toda sua atenção aos detalhes fez que parecesse não um proprietário inútil incomodando-o com mesquinharias, mas como se fossem colegas de trabalho do mesmo nível.

Sim. Definitivamente em algum momento, tinha tido calos nas mãos.

—... então isso vai ser um problema, — estava dizendo Vin. —O peso da carga sobre os muros que levam a carga do vestíbulo tipo catedral vai necessitar uma mudança nos planos. O arquiteto está preocupado por isso.

Devina falou pela primeira vez.

—Bom, não poderia fazê-la menor? Ou mais baixa?

—A altura de teto não é o problema— é o ângulo inclinado e o peso do teto. Entretanto, penso que podemos solucionar o problema melhorando as vigas de aço.

—OH. Devina limpou a boca como se estivesse envergonhada. —Isso soa como uma boa idéia.

Quando Vin se foi por outra tangente sobre a casa, Devina prestou atenção especial em dobrar o guardanapo em seu colo.

Merda, o homem podia saber de construção, mas tinha que perguntar-se: se lhe perguntasse qual era a cor favorita de sua mulher, saberia qual era?

—Bom este foi um grande janta. — disse Vin. —Ao chef.

Levantou a taça de vinho e deu a Devina um movimento de cabeça, ela devorou a atenção, positivamente radiante de felicidade. Então outra vez, acabava de passar o jantar completo falando de algo com o qual ela não estava familiarizada, relegando-a a ser uma observadora calada aparentemente sem nenhuma atenção.

—Limparei e trarei a sobremesa, disse ela, levantando-se. —Não, por favor, sente-se. Isto só levará um momento.

Jim voltou a sentar-se e se centrou em Vin. Na tranquilidade que surgiu enquanto Devina entrava e saía pela porta de serviço com os pratos, virtualmente se podia cheirar a madeira queimando entre as orelhas do sujeito.

—Que tem em mente? — perguntou Jim.

—Nada. Um encolhimento rápido foi seguido de um gole de vinho. —Nada absolutamente.

A sobremesa era sorvete caseiro de cereja com raspas de chocolate e café tão forte que podia fazer sair cabelo no peito. A combinação era sublime, e mesmo assim não era o suficientemente doce ou saboroso para apagar o cenho do rosto de Vin.

Quando os pratos da sobremesa estavam vazios, Devina se levantou outra vez.

—Por que não voltam para o estúdio enquanto limpo a cozinha? — Ela sacudiu sua cabeça antes que Jim pudesse oferecer seu ajuda. —Isto levará um minuto. Não... de verdade, me deixe fazê-lo. Vocês dois vão e conversem.

—Obrigado pelo jantar. Disse Jim enquanto se levantava da cadeira. —É o melhor jantar que tive em anos.

—Concordo,— murmurou Vin enquanto colocava seu guardanapo sobre a mesa.

Quando estavam de volta ao estúdio, Vin foi ao bar do canto.

—É uma cozinheira dos infernos.

—Sim.

—Conhaque?

—Não, obrigado. —Jim passeou ao redor, olhando os livros encadernados em couro que estavam nas estantes, e as pinturas, desenhos e selos postais americanos emoldurados. —Assim constrói coisas no Canadá também?

—Na realidade, estou por todo o país.

Vin pegou um copo de cristal grosso e se serviu um par de dedos, logo sentou atrás de sua mesa. Enquanto se rodava e cheirava seu conhaque, moveu o mouse sem fio e seu rosto se iluminou quando a proteção de tela de seu computador piscou.

Jim se deteve em frente ao desenho em que Vin se fixou quando estava pensando em Devina. Era a representação de um cavalo... de alguma forma.

—Este artista é muito ácido?

—É um Chagall.

—Não se ofenda, mas é estranho.

Vin riu e observou a peça de arte... ou merda, dependendo do gosto... ou apreciação de cada um.

—É relativamente novo. Consegui—o na noite que conheci Devina. Deus, não o tinha olhado por um tempo. Recorda-me um sonho.

Jim pensou na vida que o homem devia levar. Trabalho, trabalho, trabalho... chegar em casa... não ver todas as coisas caras que possuía.

—Vê sua namorada? disse bruscamente.

Vin franziu o cenho e tomou um gole de sua taça de conhaque.

Bom, isso não era uma resposta.

—Isto não é meu assunto,— murmurou Jim. —Mas ela realmente te olha. É um homem afortunado.

As sobranceiras de Vin se uniram, e o silêncio se ampliou, Jim sabia que o tempo estava acabando. Era muito provável que lhe mostrassem a porta em uns quinze ou vinte minutos, e embora tinha o pressentimento que tinha identificado o problema de Vin, ainda não estava nem perto da meta, por assim dizê-lo.

Pensou na televisão que pendurava do teto no quarto do hospital e nos dois chefs que o tinham metido nesta situação de jantar-do-inferno.

— Assim... tem uma televisão por aqui? perguntou.

Vin piscou e pareceu voltar a centrar-se.

—Sim, veja isto.

Girando sobre seus pés, pegou um controle remoto e apertando botões deu a volta na mesa. De repente, se abriu uma fenda nas estantes e apareceu uma tela plana do tamanho de uma cama dupla.

—Homem, ama os brinquedos, né? disse Jim com uma risada. —Não vou mentir, eu também o faço.

Ambos se sentaram nas cadeiras em frente a mesa, Vin apertando mais botões. Enquanto trocava os canais, Jim se sentiu como um louco enquanto rezava por uma pista do que viria— procurando orientação na televisão? O passo seguinte seria pensar que os satélites seguiam todos seus movimentos.

OH, espera... aí, aí está.

A tela brilhou, e ele viu diferentes programas: *Quem quer ser milionário*? Vin tinha querido ser um e agora era. *Lost*. Bem, óbvio, com ele já eram dois... embora Jim era o único que sabia. *Renovando a casa*. Mais que suficiente disso por ambas as partes... embora dificilmente fora uma notícia de último momento. Ao mudar o canal se deteve em um filme de Leonardo DiCaprio.

—Esse ano saí um modelo melhor,— disse Vin, colocando o controle remoto de lado. — Ficaria bem na nova casa.

Jim tentou ler algo no filme que estava passando, mas só era Leo vestido com uma roupa saída de uma feira do renascimento e uma garota com uma vestimenta similar.

Merda, não ajudava.

—Jim tenho que ser honesto. Os frios olhos de Vin eram claros. —Não sei que diabos está acontecendo, mas por alguma razão, eu gosto de você.

—Igual.

—Então, onde nos leva isso. Justo o que Jim estava se perguntando.

Até na tela, as coisas não estavam indo bem para Leo.

Uns caras maus medievais estavam seqüestrando e arrastando ao pobre bastardo..

—Que filme do demônio é este?

Vin apertou o controle remoto e uma tira de informação apareceu na parte inferior da tela: O Homem da Máscara de Ferro. Leonardo DiCaprio, Jeremy Irons (1998). Só tinha duas estrelas, evidentemente...

— OH, merda. Iron Mask? Demônios, esse clube era o último lugar que ele queria voltar. Especialmente com...

Devina apareceu na porta do escritório.

—Algum de vocês gostaria de sair?

Bom, isso sim que era uma abertura.

Jim amaldiçoou a si mesmo enquanto tratava de imaginar-se aí de novo com ela, mas desta vez sob o atento e suspeito olhar de seu namorado. E ele tinha pensado que o jantar tinha sido infame?

Exceto que o filme tinha que ser um sinal, não? Os quatro moços disseram que teria ajuda.

—Sim, vamos ao centro—, murmurou. —Ao... que tal ao Iron Mask?

Os olhos de Devina se arregalaram como se a surpreendesse que escolhesse esse clube.

Houve uma conversa a respeito desse ponto e Vin se levantou.

—Bom, se for o que querem, animo-me. Se aproximou da sua mulher, e como tentasse fazer um esforço, inclinou-se e a beijou.

—Vou procurar seu casaco.

Devina se afastou dele e seguiu seu homem pelo corredor. Jim, esquecido no estúdio, passou uma mão pelo cabelo desejando poder arrancá-lo todo da cabeça.

Talvez devesse deixar de pensar que a televisão enviava mensagens. Porque essa era uma estúpida idéia.

Capítulo 11

Marie-Terese foi a que primeiro viu o homem.

Estava de pé no bar mais próximo à porta do Iron Mask inspecionando a multidão quando ele entrou no clube. Parecia, como estava acostumado a dizer-se, diretamente tirado de um filme. No momento em que entrou todo o resto do mundo desapareceu, as outras pessoas desvaneceram-se nas sombras enquanto ela se centrou nele e só nele.

De 1.90m de altura. Cabelo escuro e olhos claros. O traje parecia saído de uma vitrine da Quinta Avenida.

Do braço levava uma mulher com um vestido vermelho e um casaco branco de pele, e a seu lado ia um cara mais alto com o cabelo cortado muito curto e desfiado e porte militar. Nenhum deles encaixava entre a multidão vestida com couro, renda e algemas, mas esse não era o motivo pelo que o olhava fixamente.

Não, o que lhe chamava a atenção era exclusivamente o homem em si mesmo. Era chamativo da mesma maneira intensa e impactante que tinha sido seu ex: um homem rico com um toque de gângster, um tipo que estava acostumado a estar no comando do que acontecia a seu redor... e alguém que certamente era tão quente e pormenorizado como uma câmara frigorífica.

Felizmente, sossegar sua atração instantânea foi fácil: já tinha cometido o engano de supor que a riqueza e o poder convertiam tipos como ele em alguma espécie de modernos matadores de dragões.

Uma hipótese muito ruim. Às vezes os caçadores de dragões... eram simplesmente caçadores.

Gina, outra das trabalhadoras, aproximou-se do balcão.

—Quem é esse que está ao lado da porta?

—Um cliente.

—Meu, espero.

Marie-Terese não estava muito segura disso. A julgar pelo aspecto dessa morena que lhe acompanhava, não tinha nenhum motivo para comprar companhia sexual... espera... essa mulher... tinha estado aqui ontem à noite, não?, e também o outro sujeito. Marie-Terese os recordou pela mesma razão pela que destacavam esta noite... não pertenciam aqui.

Quando o trio se sentou em um canto escuro, Gina se ajustou o quase inexistente bustiê e se aparou o cabelo que agora era ruivo. O mês passado tinha sido branco e rosa. O anterior, negro azeviche. Se seguia a esse ritmo terminar parecendo Telly Savalas²⁴, graças a toda essa guerra química em suas raízes.

—Acredito que vou me apresentar. Até mais tarde.

Gina se afastou, a saia de látex negro e botas de salto, o tipo de coisa que levava com orgulho. A diferença de Marie-Terese tinha prazer no que fazia para ganhar a vida, e inclusive tinha a ambição de converter-se no que chamava uma —grande estrela multimídia erótica— como Janine Lindemulder ou Jenna Jameson, quem quer que fossem. Marie-Terese sabia seus nomes só porque Gina falou delas como se fossem Bill Gates da pornografia.

Marie-Terese ficou atrás e observou a passarela. Quando Gina ameaçou subir, a mulher de pele branca deu uma olhada ao que obviamente estava a venda e seu olhar era uma lâmina afiada. O qual foi desnecessário. Seu namorado, o empresário, não olhou Gina pois estava muito ocupado falando com seu companheiro. E o único que obteve o este-é-meu-homem fomentou o siga-adiante: Gina positivamente desfilava na frente desse ódio territorial, persistente até que o homem finalmente levantou a vista.

Entretanto, não se centrou no que estava diante dele. Ele mudou o olhar de Gina e o passou sobre Marie-Terese.

Momento. Cósmico. Atração. O sujeito não podia esconder dos outros e você não podia reprimir, nem desligar mesmo que tivesse a oportunidade. Com seus olhares presos, ambos estavam nus e nos braços um do outro, não por horas, mas durante vários dias.

O que significava que não ia chegar perto dele e não era porque tinha uma namorada possessiva. Se o que tinha sentido no princípio ao redor de seu ex tinha sido um problema, neste momento tinha percebido o potencial para uma catástrofe.

Marie-Terese se virou e atravessou a multidão, sem ver nada diante dela ou ao redor dela.

Os olhos de aço cinza do homem a consumiam, e embora sabia que não podia vê-la mais, ela poderia jurar que sentia que ele a olhava fixamente.

—Ei, querida.

Marie-Terese olhou por cima do ombro. Alguns universitários vestidos com jeans de quadril baixo, camisetas Affliction, e acessórios com caveiras —quer dizer, as calças do século vinte e um— tinham se aproximado por detrás e estavam jogando uma olhada a seu corpo. Dada a forma maliciosa em que a olhavam, era bastante claro que tinham os bolsos cheios com o dinheiro de seus papais e as cabeças vazias de tudo exceto a confiança típica de jogadores de futebol grandes e bobos.

²⁴ Telly Savalas é um ator americano totalmente calvo, muito reconhecido por seu papel de Kojak, na série de televisão do mesmo nome

Também lhe deu a impressão de que tinham tomado algo: as pálpebras tremiam e não piscavam, e ambos tinham o lábio superior revestido de suor. Genial. Justo o que necessitava.

—Quanto por mim e meu amigo? —disse o porta-voz.

— Acredito que seria melhor procurar outra pessoa. —Gina não tinha problemas com os trios. Ou as câmaras de vídeo. Ou as câmaras dos telefones. Ou outra mulher. Com um pouco de sorte riscava a linha antes dos assuntos com eqüinos estilo Catalina a Grande, mas não podia estar segura... era completamente possível que para ela um luxurioso relincho significasse chupa-mais-forte.

O Sr. Falador finalizou.

—Não queremos ninguém mais. Queremos você.

Recuou um passo, olhou ambos nos olhos.

—Terão que achar outra.

—Temos dinheiro.

—Sou uma bailarina. É tudo o que me pagam para fazer.

—Então, por que não estive em nenhuma das jaulas?

Inclinou-se de novo e recebeu uma rajada de sua Colônia: eau-de-cerveja.

—Estivemos te observando.

—Não estou a venda.

—Mentira, boneca.

—Se continuarem me acoçando, vamos ter que proibir sua entrada neste clube. Tudo o que preciso é falar com a administração. Agora de novo vão ao inferno.

Marie-Terese se afastou, sabendo muito bem que ficaram aborrecidos e não se importando o mínimo. Obrigado, Trez. Por muito que odiasse pedir ajuda ao homem, ela o faria num instante se significava se manter a salvo.

No bar de trás, pediu uma Coca-Cola com gelo adicional e se recompôs. Ainda era cedo, só dez e meia, o que significava que havia outras quatro horas por diante.

—Esses dois cabeças dura estão dando problemas?

Ela olhou para cima e sorriu a Trez.

—Nada que não possa lidar. Olhou o casaco de couro que tinha na mão. —Terminou?

—Só vou com meu irmão a uma reunião. Escuta, os porteiros estão todos avisados e devo estar de volta em uma hora, duas no máximo. Mas me chame se você ou as meninas necessitarem algo, ok? Meu telefone vai estar ligado todo o tempo. Posso estar de volta num abrir e fechar de olhos.

—Farei-o. Dirija com cuidado.

Deu um apertão na sua mão e atravessou a multidão, sua estatura diminuindo todos no clube.

—Quem é seu gigolô? Talvez deveríamos falar com ele.

Marie-Terese olhou por cima do ombro aos meninos universitários.

—Ele é meu chefe, e Trez é seu nome. Por que não vão e se apresentam a ele?

—Acredita que é muito boa para nós?

Ela se voltou e os enfrentou.

—Faça um favor e me deixem em paz. A menos que queiram ser tirados daqui em uma ambulância.

O que tinha estado falando sorriu, mostrando afiados dentes brancos.

—Deus me faça um favor e deixa de pensar que as putas como você têm direito a opinar.

Marie-Terese retrocedeu, mas só no interior.

—Sua mãe sabe que fala com mulheres como eu?

—Você não é uma mulher.

A garganta de Marie-Terese se fechou.

—Me deixem em paz—, disse com voz rouca.

—Nos obrigue.

Vin examinou a multidão para achar a mulher de cabelo escuro e se frustrou ao não encontrá-la. Fizeram contato visual por um momento elétrico e logo tinha desaparecido no mar de corpos como um fantasma.

Ele a tinha visto antes. Não podia lembrar onde... mas definitivamente a tinha visto antes.

—Quem está procurando? Devina disse em voz baixa.

—Ninguém. Vin assentiu com a cabeça a uma garçonele, que se aproximou rapidamente. Depois de ter pedido as bebidas, Devina se aproximou e encostou seus seios pressionando contra os bíceps de Vin.

—Vamos para trás.

—Atrás onde?

—Aos banheiros privados.

Vin franziu o cenho quando uma mulher de cabelo escuro no canto se voltou.... Não, não era aquela. Talvez... não, nem essa tampouco.

Cabelo negro, olhos azuis, rosto em forma de coração que queria em suas mãos. Quem era ela?

—Vin? Devina apertou os lábios atrás da sua orelha. —Vamos... tenho fome.

A diferença da noite anterior, agora o tentou. Sabia muito bem que a rotina da sedução era menos sobre o sexo entre os dois e mais a respeito dessa prostituta que se aproximou com uma atitude de “que te parece ter algo comigo?” A coisa era que não importava a Devina incluir outras mulheres desde que fosse em seus termos e, evidentemente, estes não incluíam damas da noite desnudas fazendo como se quisesse montar nele e o levar a um orgasmo em público.

Não, as mulheres tinham que estar mais atraídas por Devina que por ele, para que ela concordasse com isso.

—Quero privacidade—, ronronava.

—Temos um convidado.

—Não demorarei muito. Sua língua lambeu o lado de seu pescoço, o fazendo sentir-se como

um poste sendo mijado. —Eu prometo. Tenho fome, Vin.

—Sinto muito. Seus olhos procuraram na multidão. —Estou cheio no momento.

Devina caiu no ato e sentou no assento.

—Então quero ir para casa.

Justo nesse momento, chegou a garçonete com uma cerveja para o Jim, uma dose de tequila Patron para o Vin, e um Cosmo²⁵ para Devina

—Não podemos sair agora,— Vin murmurou enquanto dava à mulher uma nota de cem e dizia para guardar o troco.

—Mas quero ir para casa. Devina cruzou os braços sobre seu peito e o olhou nos olhos com o pedido. —Agora.

—Vamos, Devina. Desfruta de sua bebida...

Antes que pudesse dizer que haveria muita intimidade logo que voltassem ao duplex, Devina o interrompeu:

—Talvez deva comprar a ruiva para mim então, já que não vai cuidar de mim.

Certo, muito bem. Algo errado para dizer. Absolutamente tinha apertado o botão errado.

Virando de um lado, Vin pegou as chaves da M6 de seu bolso.

—Quer que a acompanhe ao carro? Ou necessita dinheiro para a prostituta?

Os olhos de Devina brilharam negros no silêncio que seguiu entre eles. Mas deveria saber que não se jogava com ele.

Após um momento, arrancou-lhe a chave da mão.

—OH, não me ocorreu aborrecê-lo. Jim me acompanha. Desta maneira você pode ficar e desfrutar da vista um pouco mais.

Com um aceno, Vin olhou o outro homem.

—Jim, se importaria em fazer as honras?

O homem baixou lentamente a cerveja.

—Olhe, se ela quer ir...

—Então ela é livre. E ela quer que a escoltem ao carro.

O pobre bastardo parecia preferir ter seus dedos presos em tocos a entrar no meio deles, e Vin não o culpou.

Descruzando as pernas, Vin ficou de pé.

—Ah, Caralho, homem, relaxa aqui e eu...— Devina se aproximou.

—Jim, por favor, me leve em seu carro. Agora.

Vin sacudiu a cabeça.

—Não, eu vou ...

—Ao inferno—, Devina explodiu. —Não quero que me leve a parte alguma.

—É genial—, disse Jim em um murmúrio. —Eu o farei.

O homem se levantou, mas deixou sua jaqueta de couro, como se não estivesse disposto a sair.

—Só vou levá-la no carro. Estamos claros nisso?

²⁵ O drinque Cosmopolitan é um coquetel sofisticado a base de vodca, saborizado com laranja, cranberry e lima.

—Obrigado, homem.

Vin sentou de novo e engoliu sua tequila num gole.

—Estarei aqui esperando. Jim indicou o caminho para a porta, e Devina se afastou erguendo o queixo e os ombros, a pele em seus braços.

Como Vin o via, era em momentos como este que refletia sobre o anel. Ele não tinha feito nada para incentivar à prostituta, nem sequer a tinha olhado. Mas estava olhando para alguém, uma voz interior assinalou.

Vin retomou a exploração na multidão, todos pareciam ter roupa negra e o cabelo escuro. Demônios... por que tinha que estar em um clube como este, onde todo mundo era moreno?

Exceto... bom, tinha sido bastante óbvio: Não se vestia como um cliente.

Com uma maldição, elevou a vista a uma das jaulas, onde uma mulher estava radiante de luz azul, movendo-se como se tivesse perdido um centavo na parte dianteira de sua tanga e não se permitisse usar as mãos para tirá-lo.

Era sua mulher morena bailarina... ou o que tinha sido a primeira mulher?

OH, que demônios, estava brincando. Sem dúvida, podia comprar o que havia nas jaulas também.

Entretanto, prostituta ou não, tinha sido uma espécie de momento em que tinha fechado os olhos— a atração tinha sido inegável, apesar que não tinha sentido. Não é que alguma vez tenha julgado uma mulher por ser uma profissional, mas não podia imaginar estar com alguém que o havia feito para ganhar a vida.

Não. De maneira nenhuma. Inclusive se estivesse tão seguro quanto poderia estar, inclusive se ela decidiu fazê-lo porque gostava, sua mente não estava conectada para compartilhar. Havia muito de seu pai nele, e a paranóia ia matá-lo.

Amaldiçoando, Vin se perguntou como infernos tinha passado de lançar um olhar à mulher através de um clube a imaginar uma relação com ela. Quando já estava numa. E havia um diamante do tamanho de uma uva esperando no caso de ...

Abruptamente a mulher de cabelo escuro atravessou a multidão. Caminhava rápido, seus ombros chocavam com as pessoas quando ela passava, com o rosto sombrio e apertado. E justo no seu rastro estavam um par de meninos que tinham pescoços maiores que suas cabeças e expressões desagradáveis.

Como se tivessem dez anos de idade e a ponto de recolher as asas de uma mariposa.

Vin... franziu o cenho e ficou em pé.

Capítulo 12

Enquanto Jim caminhava para a parte de trás do Iron Mask, não estava feliz com o que estava passando em muitos aspectos. E sua perspectiva não melhorou quando Devina deslizou o braço no seu e se apertou contra ele.

—Faz frio outra vez —disse em voz baixa.

Sim, fazia, mas não ia esquentá-la como a noite anterior.

—Então, deixa que te ajude a pôr o casaco.

—Não... —Acariciou a pele que levava no braço—. Neste momento não quero pôr isto.

O que provavelmente significava que quem o tinha comprado foi Vin. Na verdade este não era um bom giro nos acontecimentos.

Jim a acompanhou até o BMW, e no instante em que apagou o alarme de segurança com a chave eletrônica, abriu-lhe a porta do condutor.

—Não sou boa com as mudanças manuais —disse, contemplando o interior do M6—. Na verdade não posso conduzi-lo. —Aguardou como se esperasse que ele dissesse algo. —Jim...

—Entra em carro.

Ela olhou para a caminhonete dele, que estava estacionada duas vagas mais à frente. Embora não disse com palavras, dada a forma em que inclinou a cabeça, estava lhe fazendo uma pergunta.

—Não posso. —Jim deu um passo atrás—. Sinto.

Devina abraçou esse visom branco e o aproximou mais a seu peito.

—Ontem à noite você não gostou?

—É obvio que sim. Mas agora o conheço, e sem importar o que disser neste momento, mais tarde o lamentará.

Produziu-se um comprido e tenso momento; logo Devina assentiu e lentamente se afundou no assento. Entretanto, em vez de fechar a porta ou colocar o cinto de segurança, ficou olhando por cima do volante enquanto as luzes do painel iluminavam seu precioso rosto.

—Sinto muito, Jim. Não sei por que lhe pedi isso... Não é justo para ti nem para ele nem para mim. É que estou tão sozinha que estou fazendo más eleições e não estou atuando corretamente.

Merda, ele sabia exatamente o que sentia.

—Está bem. Isso acontece.

Agachou-se para poder olhá-la nos olhos, e ao fazê-lo, ficou furioso com Vin. Não sabia esse idiota o que tinha? Pelos pregos de Cristo, ninguém era perfeito, e a topada que acabavam de ter no clube o demonstrou por ambas as partes. Mas vamos!

—Olhe, Devina, falaste com ele? Trataste de explicar o... —Maldita seja! Jim não podia acreditar que tinha estado a ponto de deixar escapar a palavra. —Tentaste lhe explicar como se sente?

—Sempre está tão ocupado. —Ao olhá-lo a expressão de seus olhos era sombria e insondável—. Mas talvez poderia lhe falar você por mim? Dizer que lhe amo e que quero estar com ele...

—Espera... para aí... —De acordo, isso era quase tão má idéia quanto tivessem tido relações sexuais outra vez—. Não sou a classe de cara que...

—Por favor, Jim, por favor. Está claro que gostou de você e me acredite, isso não passa muito freqüentemente. Simplesmente poderia lhe dizer o que falamos aqui fora e que, embora

forme parte de minha vida, sinto falta dele. Quero dizer, não sou idiota. Sei que classe de homem é. Fazer dinheiro sempre vai ser importante para ele, e há benefícios ao estar com alguém assim. Mas tem que haver mais. —Seus olhos pareceram cintilar—. Não pensa que tem que haver algo mais na vida, Jim?

Quando sentiu essa cativante atração estendendo-se e tratando de apoderar-se dele, ficou em pé.

—Sim, mas essas coisas deve dizer-lhe você mesma.

Por um momento pensou ver certa crueldade cintilando em seus olhos, mas logo ela voltou a assentir e colocou o cinto sobre seus seios.

—Vin não é quem pensava que era. —Devina arrancou o motor e pôs o M6 em marcha—. estive esperando que ele se animasse, confiasse em mim e me quisesse, mas não aconteceu, e estou perdendo a força para seguir esperando, Jim na verdade a estou perdendo.

—Comprou-te um anel.

Quando virou a cabeça bruscamente, Jim foi totalmente consciente de que não só tinha transpassado os limites, como que tinha acelerado a fundo e se foi a merda. Entretanto, mantê-la na vida do Vin era de primitiva importância.

—Tem-no feito? —ofegou.

—Só espera um pouco mais. —Cristo, talvez podia falar com o Vin essa noite. Deus sabia que Jim era um bom mentiroso, e neste caso, por uma vez suas motivações eram boas: podia tratar de sustentar que o matrimônio era algo no que valia a pena acreditar—. Olhe, me deixe passar um tempo com ele, ok?

—OH, obrigado. —Estendeu as mãos e estreitou as dele—. Muito obrigado. De verdade quero fazer que isto funcione.

Soprou um beijo e fechou a porta. Indo para um lado, observou-a sair do estacionamento e acelerar pela rua Trade, o motor passando pelas marchas deslizando-se como um raio.

Jim franziu o cenho e pensou que se isso era o que ela considerava não saber como utilizar a mudança de marchas, gostaria de saber exatamente o que significava para ela ter habilidade.

Merda, necessitava um cigarro.

Com um estalo continuado e um zumbido, um carro se aproximou do muro de tijolos do clube e estacionou sob um dos sinais de somente-para-empregados. Dele saíram duas mulheres logo que vestidas, com seios estilo Playboy e pernas tão magras como palitos, que se detiveram ao vê-lo.

—Ouça! —disse a loira com um sorriso sexy—. Vais entrar no clube?

Sua amiga levava um penteado que parecia uma colméia ao estilo Amy Winehouse e um colar no que se soletrava PUTA com diamantes.

—Bem, Você gostaria de entrar conosco pela porta traseira?

A insinuação era muito óbvia para o gosto do Jim, e esse colar ao redor de seu pescoço significava que ele estava longe de estar interessado em ir se ela estava envolvida... Mas se isso o salvava de dar toda a volta ao clube nessa fria noite? Genial, obrigado senhora.

Enquanto Jim se aproximava um gorila lhes abriu a porta às damas.

—Está conosco —disse a ruiva ao cara—. É meu primo.

—O que há, amigo. —O gorila tendeu os nódulos e Jim os chocou.

—Prazer em conhecê-lo.

Depois que estiveram dentro, o cara voltou a fechar a porta e falou com o comunicador inserido em sua orelha.

—Na frente? Bem. Vou. Merda, garotas, temos uma briga na parte do público geral. Será melhor que fiquem aqui até que termine.

—OH, encontraremos algo para fazer —brincou a loira.

—Ou a quem fazer - a interrompeu a da colméia, tomando o braço do Jim e esfregando-se contra ele.

Ele se soltou.

—Tenho um amigo me esperando.

—Macho ou fêmea? —perguntou a loira.

—Macho.

—Perfeito para um encontro duplo. O clube está por esse caminho... nos vemos em um segundo.

A do cabelo em forma de colméia se inclinou até seu ouvido.

—Se pensar que agora me vejo bem, espera a ver-me com a roupa de trabalho.

Apressaram-se a entrar através de uma porta com o letreiro de VESTUÁRIO DE DAMAS, deixando-o no escuro corredor pensando que se foram colocar algo menor do que aquilo que já tinham posto, as duas iam sair com vestidas com selos postais.

Enquanto se encaminhava para o clube propriamente dito, uma prostituta morena dobrou a esquina que havia mais adiante e se dirigiu diretamente para ele. Reconheceu-a imediatamente como à mulher que Vin tinha estado olhando em realidade, quando a némesis em látex de Devina tinha estado lhe rogando atenção, e Jim não se alegrou de ver quem vinha atrás dela: esses dois jovens grandões estavam muito perto, e a expressão de seus rostos indicava que a tinham encurralado até esse escuro e solitário corredor porque queriam algo que evidentemente ela não estava interessada em lhes dar.

Jim olhou acima e abaixo. O corredor tinha uns bons doze metros de comprimento e uns três de largura, e deixando de lado a porta com o letreiro de ESCRITÓRIO, que estava bastante afastada, perto da saída, o vestuário era a única oportunidade que tinha para desfazer-se deles.

E os gorilas já estavam ocupados com alguma classe de alvoroço.

Jim plantou os pés e se preparou para intervir... quando como saído de um nada, apareceu Vin na porta onde estava o clube, com aspecto de ter chegado à mesma conclusão de isto-não-está-bem. A grandes passos, Vin estava cortando a distância rapidamente, mas o drama alcançou primeiro ao Jim.

—Disse que não —soltou bruscamente a mulher, por cima do ombro.

—As mulheres como você não têm direito a dizer que não.

Bom, o grande equívoco, agora mesmo. Jim se interpôs no caminho dos tipos e lhe falou com a mulher por cima do ombro.

—Está bem?

Quando ela se voltou para o Jim, ficou claro por sua expressão afetada e o terror em seus olhos que estava mantendo a integridade só à força de vontade.

—Sim. Só estou tomando um descanso.

—Por quê? Já te cansou a boca?

Jim se encarou com o tipo que tinha falado.

—Por que não desiste de uma puta vez?

—Quem é você? Outro de seus fanfarrões? —O FDP²⁶ estendeu o braço ao redor dele e a agarrou pelo pulso—. Por que não a deixa fazer...?

Vin diPietro, que tinha fechado a distância, moveu-se como se ainda levasse a rua no sangue. Antes que Jim entrasse em ação, esteve sobre o que tinha estabelecido o contato indesejado, agarrando o bíceps desse braço e rompendo o contato do tipo sobre a mulher ao girar bruscamente o menino. Não disse nada. Não tinha que fazê-lo. Estava preparado para arrebanhar o bode, seus olhos cinza já não eram frios, a não ser vulcânicos.

—Me solte o maldito braço! —gritou o vândalo.

—Me obrigue.

Jim deu uma olhada à mulher.

—Meu colega e eu vamos nos encarregar disto. Por que não vais procurar uma taça de café e diz as outras duas garotas que fiquem contigo. Darei um grito quando terminar a lição de maneiras.

Ela desviou os olhos para Vin. Era evidente que não gostava de aceitar ajuda, mas não era estúpida. Dada a excitação que evidenciavam os olhos dos universitários, não era somente bebida o que os estimulava, mas também um pouco de coca ou anfetaminas. O que significava que as possibilidades de que a situação piorasse rapidamente eram altas.

—Vou chamar um segurança —murmurou enquanto abria a porta do vestuário.

—Me faça um favor —disse Vin, ainda contendo a força o menino—. Não chame ninguém.

Ela sacudiu um pouco a cabeça e saiu rapidamente do corredor.

E nesse momento foi quando apareceu a faca na mão do menino silencioso.

Deixando que Vin tratasse com a parte faladora do casal, Jim deu um passo à frente e antecipou a direção de onde ia provir a investida com a faca. Ah, sim, o fodido idiota ia pela direita com o fio porque era destro, assim só era questão de esperar...

Jim agarrou ao tipo a meia investida, agarrando de improviso seu pulso, girando-o rapidamente, e aplicando pressão na articulação até que a arma caiu no chão. E justo quando lançou a cara do bastardo contra a parede, Vin começou uma briga a socos, evitando um golpe de comprido alcance, para logo lhe atirar com os nódulos nus como um boxeador. Seu impacto foi para deixá-lo sonoramente aturdido... mas o problema com os estimulantes ilegais era que procurava, além da possibilidade de cometer um delito grave e o vício, a segurança das propriedades anestésicas.

Por isso o menino da odiosa, e agora ensangüentada, boca não parecia sentir nada.

²⁶ Filho da Puta

Respondeu o golpe com um gancho no rosto do Vin que conectou. Ambos enlouqueceram, convertendo o corredor em um octógono de artes marciais... e olhe como se dá a merda: Vin era o agressor e o castigador do casal.

Para lhe dar bastante espaço à sova que estava propinando, Jim arrastou seu peso morto fora do caminho, disposto a manter as coisas civilizadas enquanto seu montão de merda mantivera os problemas e as opiniões ao mínimo.

Entretanto, o imbecil teve que abrir a boca. Simplesmente teve que fazê-lo:

—Por que te importa uma merda o que faça uma puta? Merda, é só um coração pulsando e um buraco.

A visão do Jim flutuou, acendeu-se e apagou, mas se conteve e olhou para cima, ao teto. Efetivamente havia câmeras a intervalos regulares... o que significava que tudo estava sendo gravado. Por outra parte... ele e Vin tinham sido o bastante preparados para deixar que seus oponentes lançassem o primeiro golpe e tirassem a arma, assim legalmente podiam argumentar defesa pessoal.

E ainda mais, dois fodidos-imbécis em idade-escolar que tinham estado consumindo drogas ilegais não iam querer informar uma merda à polícia.

Assim não havia nenhuma razão para não acabar com isto.

Jim apertou sua mão sobre o pulso do menino, afirmou-a segurando também a parte superior do braço, e puxou para trás para poder lhe sussurrar ao ouvido.

—Quero que respire profundamente. Vamos, agora... te concentre. Te acalme e respira profundamente para mim. Isso...

Jim apertou e apertou um pouco mais até que a dor cortou qualquer resistência. E quando detectou a suficiente docilidade na respiração regular, com um rápido giro deslocou esse braço diretamente da articulação do ombro. O grito resultante foi forte, mas a música da pista de baile afogou o eco. E esse era o motivo pelo qual, tomando-o tudo em consideração, os clubes não eram um mau lugar para brigar.

Quando o menino se afrouxou contra o chão, Jim se ajoelhou frente a ele.

—Odeio os hospitais. Acabo de sair de um. Sabe o que fariam a alguém que apresentasse uma lesão como a tua? Voltariam-lhe a pôr o braço em seu lugar. Vêem, me deixe mostrar isso.

Jim tomou o membro quebrado e não se incomodou em dizer ao tipo que respirasse fundo. Simplesmente aplicou a pressão adequada para que o osso voltasse a saltar a seu lugar. Esta vez não houve gritos... o FDP desmaiou.

No início de sua tentativa de converter-se em ortopedista, Jim levantou o olhar para ver como estavam as coisas com a outra metade da briga... e obteve um panorama completo de Vin socando o fígado de seu oponente como se fosse massa de pão. O Universitário estava se debilitando muito e parecia regamente vencido, tinha as mãos levantadas não para dar socos, mas para proteger-se deles... e seus joelhos se chocavam entre eles como se estivesse perdendo o equilíbrio rapidamente.

O que teria sido genial a não ser pelo fato de que tinham um problema.

Tinham atraído a atenção, no extremo do corredor havia um assíduo cliente do clube

olhando em sua direção. As luzes eram tênues, mas não tão tênues. Tinham que sair desse fodido lugar.

—Vin, temos que ir —disse Jim entre dentes.

Vin não registrou a notícia de último momento e não lhe surpreendia, dada a brutal concentração que estava emprestando a sua briga. Merda, ao porrete com o galinheiro; se lhe permitia seguir, ia matar ao menino. Ou como mínimo ia converter o idiota em um vegetal do tamanho de um defensor de futebol.

Jim se levantou, preparado para intervir com algo mais que palavras.

Capítulo 13

Vin estava fodidamente se divertindo.

Fazia anos desde que lançara socos em mais do que um saco de areia no ginásio, e tinha se esquecido como era boa a sensação de expressar fisicamente sua opinião a respeito de um imbecil — diretamente na cara do sujeito. Cara, tudo isso estava de volta, a postura, o poder, o foco.

Ele ainda os tinha. Ainda podia lutar.

O problema era que, como tudo o que era bom, a festa teve que vir a um fim e se revelou não ser da variedade do oponente-nocauteado — embora dado o modo como as pernas do garoto de faculdade estavam cambaleando, se Vin tivesse apenas mais um tempinho...

Mas não, Jim acabou com a diversão, fechando uma mão pesada no ombro de Vin e arrancando-o para fora de alcance.

— Temos uma platéia.

Ofegando como um touro, Vin levantou rapidamente o olhar para o corredor. Realmente, um cara de óculos e bigode estava encarando a todos eles, sua expressão como se tivesse sido testemunha de um acidente de carro.

Antes que qualquer um pudesse reagir, porém, a porta de trás do clube se abriu e um homem Afro-Americano veio andando a passos largos em direção à briga, parecendo como se fosse capaz de arrancar o pára-lama da frente de um carro. Com os dentes.

—Que *diabo* esta acontecendo na *minha* casa?

A mulher de cabelos escuros de Vin saiu do vestiário.

— Trez, os dois com camisas de caveiras são o problema.

Vin piscou como um idiota ao ouvir o bonito som de sua voz, entretanto tornou a focalizar e empurrou com força o rosto do primeiro garoto na parede.

—Sinta-se livre para terminar o que comecei aqui,— ele disse para o dono do clube.

Jim puxou seu pacote frouxo de garoto de fraternidade para fora do chão.

—Este aqui segurava a faca.

O cara chamado Trez examinou os garotos.

—Onde está a arma? Jim chutou a coisa e o dono se curvou e a levantou. —A polícia foi chamada?

Todo mundo lançou os olhos para a mulher, e enquanto ela sacudia negativamente a cabeça, Vin se encontrou incapaz de desviar o olhar. Do outro lado do clube ela tinha feito seu coração disparar; de perto fazia a coisa parar totalmente: Seus olhos eram tão azuis que faziam-no lembrar de um céu de verão.

—Acho que estes garotos estão acabados,— Trez disse com aprovação. —Belo trabalho.

—Onde você os quer? Jim perguntou.

—Vamos levá-los de volta para fora.

Olha pra mim, Vin pensou em direção à mulher. *Olha pra mim outra vez. Por favor.*

—Entendido,— Jim disse, e começou a arrastar sua carga corredor abaixo.

Depois de um momento, Vin seguiu o exemplo, puxando o outro cara consigo. Quando chegaram à porta, Trez abriu caminho como um perfeito cavalheiro e deu um passo para o lado.

—Em qualquer lugar que quiserem,— o dono disse.

Jim “quis” a parede de tijolo à esquerda, enquanto que Vin preferiu o lado oposto — Assim que ele jogou o garoto de bunda no chão, congelou.

As luzes de segurança ao redor da porta brilhavam sobre as cabeças dos garotos, lançando um sólido manto de iluminação por todo o caminho até seus pés. Dessa forma, suas sombras deveriam estar no asfalto. Elas não estavam. Todos os dois tinham halos escuros no tijolo atrás de suas cabeças, um par idêntico de coroas cinza esfumaçadas que se entrelaçavam muito ligeiramente.

—Oh... Cristo,— Vin sussurrou.

O garoto que ele esteve batendo ergueu o olhar com olhos que estavam mais cansados do que hostis.

—Por que você está olhando para gente assim?

Porque vocês vão morrer hoje à noite, ele pensou.

A voz de Jim foi registrada de longe:

—Vin? O que é que há?

Vin se sacudiu, e rezou para que aquelas malditas sombras desaparecessem. Sem sorte. Tentou esfregar os olhos na esperança de mandá-las embora — e descobriu que seu rosto doía demais pelos socos que levava para lidar com aquele tipo de atenção.

E as sombras prevaleceram.

Trez acenou com a cabeça sobre seu ombro em direção ao clube.

—Se você dois puderem se dirigir para dentro, vou ter uma palavrinha com estes dois cabeças-de-merda. Só pra ter certeza de que ficou perfeitamente claro para eles em que pé as coisas estão.

—Tá. Legal. Vin se forçou a mover, mas quando chegou à porta, lançou um olhar para os garotos. —Tomem cuidado... Mantenham-se vigilantes.

—Foda-se,— foi o que recebeu de volta. O que significava que eles estavam tomando isto não como um conselho, mas como uma ameaça.

—Não, eu quero dizer...

—Venha,— Jim disse, empurrando suas costas para dentro do prédio. —Vamos lá.

Deus, talvez ele estivesse errado. Talvez simplesmente precisasse fazer um exame nos olhos. Talvez tivesse uma enxaqueca em outros vinte minutos. Mas qualquer que fosse a explicação, não poderia voltar para onde tinha estado com esta merda. Ele simplesmente não conseguiria lidar com aquilo.

No corredor, Jim segurou seu braço.

—Você levou um golpe forte na cabeça?

—Não. Embora, dado o quanto seu rosto estava arrasado, isso não era totalmente verdade.

—Eu estou bem.

—Seja como for. Vamos dar ao dono um minuto lá fora e quando ele entrar novamente, te levarei pra minha caminhonete.

—Eu não vou embora até ver aquela... — a mulher. Lá na porta do vestiário.

Vin dirigiu-se a ela, fechando todas as suas paranóicas e loucas confusões em sua cabeça e se concentrando nela.

—Você está bem?

Ela colocara um casaco por cima de sua roupa reveladora, e a coisa caía por suas coxas, fazendo-a parecer o tipo de mulher quisesse tomar em seus braços e segurá-la por toda a noite.

—Você está bem? Ele repetiu quando ela não respondeu.

Seus olhos, aqueles impressionantes olhos azuis dela, finalmente se voltou para seu rosto... e ele sentiu aquilo outra vez, aquela carga de alto calibre transpassando-o, avivando-o.

Os lábios dela se ergueram num pequeno sorriso.

—A questão é mais... se você está? Quando Vin franziu as sobrancelhas, ela fez um movimento em volta do rosto dele. —Você está sangrando.

—Não está doendo.

—Eu acho que vai...

Duas outras mulheres borbulharam para fora do vestiário como um par de cachorros tagarelas, falando um quilômetro por minuto, as mãos abanando como rabos, as correntes de ouro ao redor de suas cinturas saltando e tilintando como penduricalhos numa coleira. Felizmente, foram todas para cima de Jim, mas por outro lado, elas poderiam ter arrancado a saia e desfilado na frente de Vin e ele não teria notado.

—Eu sinto muito sobre aqueles caras,— ele disse a mulher de cabelos escuros.

—Está tudo bem.

Deus, a voz dela era adorável.

—Qual é o seu nome?

A porta de trás do clube se abriu e o cara chamado Trez se aproximou a passos largos.

—Obrigado novamente por cuidarem das coisas.

A conversa cresceu, mas Vin não estava interessado em ninguém além da fêmea a sua frente. Ele a estava esperando responder. Com esperanças de que ela responderia.

—Por favor,— ele disse suavemente, —me diga o seu nome.

Depois de um momento, a mulher de cabelos escuros se virou para o dono.

—Se importa se eu o limpar no vestiário?

—Vá em frente.

Vin olhou rapidamente de volta para seu companheiro de luta.

—Tudo bem em esperar um tempinho, Jim?

O rapaz acenou com a cabeça.

—Especialmente se isso significar que você não sangrará por toda a minha caminhonete.

—Eu não tomarei muito o tempo ele,— a mulher disse.

Não era problema nenhum, Vin pensou. Até onde lhe interessava, ela podia tomar o seu tempo para sempre — ele se deteve. Devina poderia ter se irritado, mas ela estava em sua casa, em sua cama neste exato momento. Ele lhe devia mais que o modo como estava se portando com esta outra fêmea.

Pelo menos, você pensa que sabe onde Devina está, sua voz interior assinalou.

—Venha,— a mulher lhe disse enquanto abria a porta do vestiário.

Vin olhou de volta para Jim por alguma razão — e a expressão que encontrou era completamente do tipo vigie-a-si-mesmo-meu-carro.

Vin abriu a boca, preparado para ser razoável e se segurou.

—Eu volto num instante, Jim,— foi tudo o que saiu.

Cadela. Puta. Prostituta.

Ele não conseguia acreditar. Ela estava se prostituindo. Vendendo seu corpo para homens que a usavam para o sexo. A realidade era incompreensível.

A princípio, não fora capaz de entender a fundo o que parecia estar acontecendo. Seria ruim o suficiente se ela fosse uma *bartender* ou uma garçonete ou, Deus me livre, uma dançarina numa gaiola em um clube como este — mas então a vira caminhando por aí com seus seios a mostra e suas coxas nuas para os olhos de outros homens.

E ela teve o que mereceu por fazer o que fazia: Aqueles dois jovens a perseguiram com uma presa, tratando-a exatamente como homens tratavam mulheres como ela.

Ele acompanhara enquanto o par a arrastava para o corredor, e assistiu quando aquela briga estourou. Fora incapaz de se mexer, tão grande era seu choque. De todas as coisas que imaginara que ela fizesse, de todas as suposições que fizera sobre como era a vida dela ali em Caldwell, não era aquilo.

Isso não estava acontecendo.

Enquanto os molestadores eram esmurrados no corredor, ele regressou pela multidão e arrancou para fora da frente do clube numa urgente neblina, não tendo nenhuma ideia do que estava fazendo ou onde estava indo. O ar frio da noite não clareou sua cabeça ou sua confusão, e ele circulou o estacionamento sem plano algum. Quando entrou em seu simplório carro, se fechou lá dentro e respirou com dificuldade.

Foi quando a raiva o atingiu. Grandes ondas de fúria despejaram por seu corpo, fazendo-o suar e tremer.

Sabia que seu temperamento o colocara em dificuldade antes. Sabia que esta fúria fervente era um problema, e lembrou o que lhe foi ensinado na prisão. Conte até dez. Tente se acalmar. Lembre-se da imagem segura...

O movimento na parte de trás do clube fez sua cabeça voltar a si.

Uma porta se abriu e os dois garotos que a tinham perseguido foram jogados como sacos de lixo na calçada pelas pessoas que vieram ao resgate dela. Um homem negro ficou do lado de fora no frio e falou com ambos os ofensores por um momento e então retornou ao clube.

Por trás do volante, ele encarou fixamente os jovens.

A força do relâmpago o atingiu como sempre o fazia, enxugando tudo para fora do caminho: Sua fúria se condensou e então cristalizou, se fechando no par que estava na porta de trás, toda a raiva e a sensação de traição e a fúria e a confusão que aquela mulher tinha criado sendo apontados para aqueles dois.

Se movendo, aturdido, reconferiu que o bigode falso e os óculos estavam onde deveriam estar. As chances eram muito boas de haverem câmeras de segurança na parte de trás do clube, e tendo sido pego por gente como eles antes, mesmo em sua fúria sabia o suficiente para não fazer isto na frente das lentes curiosas, mesmo com um disfarce.

Então ele esperou.

Eventualmente, os garotos de faculdade ficaram de pé rigidamente, um deles cuspidando sangue, o outro segurando seu braço como se tivesse medo que viesse a cair de seu torso. Encarando um ao outro, eles discutiam, se bem que as ásperas palavras que compartilhavam não pareciam nada além de teatro mudo porque ele estava muito longe para ouvir o que estavam dizendo. Mas a briga não durou muito tempo. Eles caíram em silêncio razoavelmente depressa, como se tivesse perdido a vontade coletiva, e após olharem um pouco ao redor, cambalearam para o estacionamento como bêbados.

Provavelmente porque suas cabeças estavam dando voltas por causa dos golpes que tinham levado.

Quando passaram pelo seu carro, deu uma boa olhada neles. Pele clara, olhos claros, ambos tinham um brinco ou dois. Seus rostos eram do tipo que se via no jornal, não na seção de criminosos, mas abaixo do cabeçalho do *Esportes da Faculdade*.

Saudáveis, jovens, com muita vida pela frente.

Não havia nenhum pensamento consciente enquanto alcançava debaixo do assento e depois saía detrás do volante. Ele fechou a porta do carro tranquilamente e se posicionou atrás dos jovens. Enquanto se movia silenciosamente, estava agindo e nada mais.

O par foi para a última fila do estacionamento e tomaram à direita... Entrando numa beco apertado. Sem janelas.

Se lhes tivesse pedido para encontrarem um pouco de privacidade, possivelmente não poderiam ter sido mais complacentes.

Ele os seguiu até que estivessem a meio caminho abaixo dos edifícios, bem no meio do duplo quarteirão. Com suave controle, nivelou a boca da arma em direção às costas fortes e jovens na frente dele e se deteve com o dedo no gatilho.

Eles estavam adiante uns bons dez metros, seus descuidados passos largos cortando pela lama, seus inconstantes torsos apresentando-se como alvos em movimento.

Mais de perto seria melhor, mas não queria esperar ou arriscar assustá-los.

Ele puxou o gatilho, o alto *pop!* seguido por um movimento desordenado e um baque no chão. O segundo do par se virou.

O que significou que o garoto foi derrubado por uma bala que atravessou bem na frente do tórax.

A satisfação o fez voar nas alturas, embora seus pés permanecessem no asfalto. A livre expressão de sua raiva, a formigante, orgástica libertação, o fez sorrir tão amplamente que o gélido vento foi registrado em seus dentes da frente.

A alegria não durou. A visão dos dois deitados lado a lado e gemendo imergiu tudo o que incendiava seu cérebro, deixando uma porção completa de horror racional: Ele acabara de se foder. Estava em liberdade condicional, pelo amor de Deus! O que estava pensando?

Ele contornou enquanto os garotos se contorciam em câmara lenta e em vermelho ensanguentado. Jurara que nunca mais se encontraria nesta situação novamente. Jurara isto.

Enquanto parava, percebeu que ambas as suas vítimas estavam olhando pra ele. Dado que eles ainda estavam respirando, era difícil ter certeza se iriam morrer ou não, só que mais tiros não iriam ajudar a situação.

Ele enfiou a arma na parte inferior de suas costas e tirou sua parca, enrolando-a num travesseiro de Gor-Tex²⁷ e se abaixou. Ele se curvou sobre o mais alto primeiro.

Capítulo 14

Ele era lindo, Marie-Terese pensou.

O homem que a protegera era absolutamente lindo. Cabelos escuros e grossos. Pele morena. Um rosto que, mesmo com contusões, era surpreendentemente atraente.

Perturbada por tanto, Marie-Terese puxou uma das banquetas em frente da penteadeira e procurou se recompor.

—Se você sentar aqui, eu vou buscar uma toalha.

O homem que tinha lutado por ela olhou em volta e ela procurou ignorar o que ele estava vendo: os sapatos salto agulha esfolados, a mini-saia rasgada pendurada no banco, as toalhas espalhadas aqui e ali, o par de collants de liga envolto na borda do espelho iluminado, os sacos no chão.

Levando-se em conta o magnífico e fino terno preto que ele usava, aquele tipo de caos

²⁷ Gor-Tex é um tecido à prova de água e de vento, e uma marca registrada de W.L. Gore & Associates.

barato não era definitivamente algo a que ele estivesse acostumado.

—Sente-se, por favor,— disse ela.

Os olhos cinzentos do homem pousaram nela. Ele devia ser uns vinte centímetros mais alto do que ela, e a largura dos ombros fazia facilmente duas dela. Mas ela não se sentia desconfortável perto dele. E não estava com medo.

Por Deus, a colônia dele era deliciosa.

—Você está bem? ele disse de novo.

Não era uma pergunta, mas sim uma calma exigência. Como se ele não fosse deixá-la fazer nada com relação ao estado do seu rosto até ter certeza de que ela não ficara ferida.

Marie-Tereze pestanejou.

—Estou... ótima.

—E o seu braço? Ele apertou com bastante força.

Marie-Tereze subiu a manga do suéter que tinha colocado.

—Está vendo...?

Ele se inclinou para ela e a mão dele estava quente ao envolver o pulso dela. Quente e suave. Não estava apertando. Nem exigindo. Ou ... possuindo. E sim, gentil.

De repente, ela ouviu a voz daquele universitário na sua cabeça: Você não é uma mulher.

O desagradável insulto fora dito com a intenção de ser cruel e de ferir, e fora bem sucedido... mas principalmente porque era o que ela pensava sobre si mesma. Não era uma mulher. Não era...nada. Apenas um vazio.

Marie-Tereze afastou o braço do toque do homem e recolocou a manga no lugar. Ela não conseguia suportar a compaixão dele. Estranhamente isso era mais difícil de suportar do que o insulto.

—Você vai ficar com um hematoma,— ele disse suavemente.

O que ela estava fazendo mesmo? Ah...sim. Toalha de rosto. Limpá-lo.

—Sente aqui. Eu não demoro.

Indo para o banheiro, ela tirou uma toalha branca de uma pilha junto da pia, pegou uma bacia pequena, e um pouco de água quente da torneira. Enquanto ela aguardava que a água aquecesse, se olhou no espelho. Seus olhos estavam arregalados e um pouco alucinados, mas não por causa dos dois que tinha sido tão grosseiramente inoportuno e desrespeitoso. O responsável era o seu salvador com as mãos suaves sentado na banqueta do lado de fora ... aquele homem que parecia um advogado, mas que lutara como Oscar De La Hoya.

Quando ela voltou para perto da penteadeira estava um pouco mais calma. Pelo menos até os seus olhos encontrarem os dele. Ele a estava fitando como se absorvesse a imagem dela junto do seu corpo, e o que a tornou pouco confortável não foi o modo como ele a olhou, mas o fato dela se sentir da mesma forma que ele.

Não tão vazia.

—Você já viu o seu estado? perguntou ela, apenas para ter algo para dizer.

Ele negou com a cabeça e não pareceu se importar o bastante para desviar o olhar dela em

direção ao espelho atrás dele. Ela pousou a bacia e colocou um par de luvas de látex antes de se dirigir até ele e umedecer a toalha.

—Tem um corte na face.

—Tenho?

—Prepare-se.

Ele não estava preparado, ainda assim não vacilou quando ela tocou na ferida aberta.

Dab...dab...dab... (pequenas pancadinhas no rosto e a toalha voltava à bacia, ouvia-se um pequeno tilintar quando ela espremia a toalha)

Ele fechou os olhos e entreabriu os lábios, o tórax subindo e descendo calmamente. Assim tão de perto ela conseguia ver a sombra da barba que começava a crescer sobre o maxilar direito, e cada um dos seus longos e negros cílios, bem como os seus cabelos fortes e bem aparados. Algum dia ele fizera um furo na orelha direita, e era óbvio que há muitos anos ele não usava nada no orifício.

—Qual o seu nome? ele perguntou numa voz gutural.

Ela nunca dera a John seu verdadeiro nome. Mas ele não era apenas um John, ou era?

Se ele não tivesse aparecido naquele momento, as coisas podiam ter ficado feias para o lado dela: Trez estava afastado do clube, os seguranças resolvendo uma desavença no bar, e o saguão dava acesso direto ao estacionamento. Bastaria poucos minutos e aqueles dois garotões podiam tê-la colocado em um carro e...

—Você tem sangue na camisa,— ela disse, voltando à bacia.

Que grande conversadora era, pensou.

Ele ergueu as pálpebras, mas não olhou em direção a si mesmo. Ele olhou para ela.

—Eu tenho outras camisas.

—Aposto que sim.

Ele franziu a testa um pouco.

—Esse tipo de coisa acontece com você muitas vezes?

Com qualquer outra pessoa ela teria encerrado a questão com um rápido —claro que não—, mas ela sentiu que, depois do que ele fez por ela no saguão, ele merecia uma resposta mais verdadeira.

—Há alguma chance de você ser um tira encoberto? ela murmurou. —Não que você tenha que responder, mas eu tinha que perguntar.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um cartão.

—Não há qualquer hipótese de eu ser um policial. Eu não estou tão ilegal como eu costumava, mas eu não seria aceitável para um crachá, mesmo que eu quisesse um. Assim, ironicamente, você pode confiar em mim.

Ela olhou para o que ele lhe deu. O Grupo diPietro. O endereço no centro de Caldwell. Cartões muito caros, logotipo profissional muito chamativo, e um monte de números e endereços de correio eletrônico para entrar em contato com ele. Quando ela pousou o cartão no balcão, o seu instinto lhe disse que a parte de ele não estar envolvido com o Departamento de Polícia de Caldwell era verdade. ... Mas e aquela questão da confiança? Ela não confiava mais nos homens.

Especialmente um por quem ela se sentia atraída.

—Então, isso acontece muito? ele disse.

Marie-Terese voltou ao trabalho, limpando-lhe o rosto, trabalhando da bochecha em direção à boca.

—A maioria dos clientes é correta. E a gerência olha por nós. Eu nunca fui ferida.

—Você é... uma bailarina?

Por um momento ela alimentou uma fantasia em que lhe dizia que tudo o que ela fazia era passar o tempo em uma dessas gaiolas, mostrando alguns movimentos e não sendo mais do que uma mera atração visual. Ela até podia adivinhar o que ele faria. Ele respiraria fundo de alívio e passaria a relacionar-se com ela como se ela fosse como qualquer outra mulher que lhe tivesse despertado a atenção. Sem complicações, sem implicações, nada exceto um pequeno flerte entre duas pessoas e que poderia acabar na cama.

O silêncio dela fê-lo tomar fôlego e não foi algo do tipo

—Oh, Deus—. Conforme ele inspirava, os músculos ao redor do pescoço se comprimiram como cordas esticadas, como se ele estivesse evitando estremecer.

O fato era este: Ela nunca mais teria um relacionamento normal com um homem. Ela tinha um segredo obscuro, do tipo que você tinha de medir quanto tempo poderia passar até ter que se revelar – caso contrário você seria uma mentirosa por omissão.

—Como estão as suas mãos? ela disse para preencher o vazio.

Quando ele as suspendeu, ela inspecionou os dedos. Os direitos estavam feridos e sangrando, e quando ela colocou a toalha para passar neles, ela perguntou:

—Você socorre mulheres a toda a hora?

—Não, em absoluto. Você perdeu um brinco, falando nisso.

Ela tocou a orelha.

—Sim, eu sei. Eu pretendia colocar um outro par hoje. Mas...

—A propósito, eu me chamo Vin. Ele estendeu a mão e aguardou. —Muito prazer.

Noutras circunstâncias ela teria sorrido. Há dez anos e uma vida atrás, ela teria sorrido enquanto as palmas se tocavam e apertavam. Agora ela só sentia tristeza.

—Muito prazer, igualmente. Vin.

—O seu nome?

Ela retirou a mão da dele e baixou a cabeça para se concentrar nos nós dos dedos dele.

—Marie-Terese. Meu nome é ... Marie-Terese.

Ela tinha olhos lindos.

Marie-Terese, a do encantador nome francês, tinha uns olhos absolutamente formosos. E ela era gentil com as mãos, cuidadosamente o limpava com essa toalhinha quente como se seus cortes e arranhões fossem algo importante.

Droga, ele queria entrar em uma outra luta apenas para que ela pudesse fazer-se de

enfermeira novamente.

—Você provavelmente devia ir ao médico—, disse ela, batendo gentilmente a toalha contra seus dedos quebrados.

Distraidamente, ele observou que o pano turco que antes fora branco agora estava rosado de seu sangue, e ele estava feliz porque ela tinha colocado luva, não porque ele fosse HIV positivo, mas porque ele esperava que o gesto fosse generalizado e significasse que ela se protegia a si mesma por causa do que fazia para ganhar a vida.

Ele esperara que ela apenas dançasse. Ele realmente esperara isso.

Ela lavou a toalha.

—Eu disse que você devia ir ao médico.

—Eu ficarei bem—. Mas será que ela ficaria? O que teria acontecido se ele e Jim não tivessem surgido?

Deus, ele tinha tantas perguntas de repente. Ele queria saber por que alguém como ela mantinha aquele tipo de trabalho. Ele queria saber que crueldade a trouxera para aquele lugar. Ele queria saber ... o que ele poderia fazer para ajudar, não apenas essa noite, mas amanhã e depois.

Só que ele não tinha nada que ver com isso. Indo mais direto ao ponto, ele sentia que se a pressionasse por detalhes, ela se fecharia.

—Posso lhe fazer uma pergunta? ele disse, porque não conseguiu evitar.

Ela parou com a toalha.

—Tudo bem.

Ele sabia que não deveria fazer o que estava prestes a fazer, mas não podia lutar contra a esmagadora atração que ela lhe despertava. Aquilo não tinha nada a ver com sua mente e tinha tudo a ver com o seu... tudo bem —coração— era demasiado melodramático. Mas o que quer que o estivesse impelindo veio direto do seu peito.

Tudo bem. Talvez o seu peito estivesse mesmo a fim dela.

—Você aceita jantar comigo?

A porta para o vestiário foi aberta e a prostituta de cabelos ruivos que teria provocado a saída de Devina entrou.

—Oh! Me desculpem...eu não sabia que tinha gente aqui. Quando ela olhou para Vin, os lábios vermelhos brilhantes se ampliaram em um sorriso falso que sugeriu que ela sabia exatamente quem estava no vestiário.

Marie-Terese afastou-se dele, levando a toalha quente, a bacia de água e as mãos macias com ela.

—Nós já estávamos saindo, Gina.

Vin aproveitou a deixa e se levantou. Enquanto amaldiçoava a interrupção da ruiva, ele interceptou seu olhar repleto de maquiagem fixo no balcão e se lembrou que ela tinha mais direito de estar ali do que ele.

Marie-Terese entrou no banheiro, e ele a imaginou lavando a bacia e enxaguando a toalha, e em seguida tirando as luvas. Ela sairia de lá e ele iria se despedir ... e ela ia tirar o suéter e voltar para a multidão.

Olhando a porta por onde ela passou, enquanto a prostituta ao lado dele tagarelava, uma estranha sensação tomou conta de Vin. Era como um nevoeiro se reunindo no chão e trepando por suas pernas, sobre o seu peito, até atingir seu cérebro. Ele se sentia subitamente quente por fora e frio por dentro...

Droga, ele sabia o que era aquilo. Ele sabia exatamente o que estava se passando. Havia se passado muitos anos, mas ele sabia onde essa constelação de sensações levava.

Vin se agarrou à banqueta e se deixou cair sentado sobre ela novamente. Apenas respire, seu grande idiota. Respire...

—Pelo que vejo a sua namorada foi embora,— a ruiva ia dizendo enquanto se aproximava dele. —Está a fim de companhia?

Mãos com unhas cor de sangue, longas como garras, se estenderam e deslizaram pela lapela manchada. Ele livrou-se dela com um gesto descuidado.

—Pare com isso....

—Tem certeza?

Oh, meu Deus, ele estava ainda mais quente do lado de fora, ainda mais frio no interior. Ele tinha que acabar com isso... porque ele não queria a mensagem que estava chegando até ele. Ele não queria a visão, a comunicação, o olhar, a visão do futuro, mas ele era o telégrafo, impotente para negar a recepção das cartas enviadas a ele.

Primeiro fora o homem no elevador, depois aqueles dois lá fora ... agora isso.

Ele exorcizou o lado escuro de si mesmo anos atrás. Por que ele regressava justo agora?

A ruiva esfregou-se contra o seu braço e se inclinou junto ao seu ouvido.

—Deixe-me cuidar de você...

—Gina, lhe dê um descanso, sim?

Vin moveu os olhos em direção da voz de Marie-Tereze e abriu a boca para tentar falar. Nada saiu. Pior, enquanto ele olhava para ela, ela se transformou em um turbilhão que sugou sua visão, tudo ficou embaçado, exceto ela. Ele se preparou para o que estaria por vir – o tremor começou a seus pés, da mesma forma que o nevoeiro começara, e subiu para o seu corpo, tomando conta dos seus joelhos, barriga e ombros...

—Como queira, eu não preciso suplicar,— Gina disse dirigindo-se para a saída. —Divirta-se com ele - ele não parece muito a fim de diversão de qualquer jeito.

—Vin? Marie-Tereze aproximou-se. —Vin, você está me ouvindo? Você está bem?

As palavras borbulhavam fora dele, a voz não era sua, a possessão superando tudo o mais, de tal forma que ele não sabia o que falou porque a mensagem não era para ele, mas para a pessoa a quem ele escrevia.

Seus ouvidos captaram apenas algo sem sentido:

—*Theio Iskow po... Theio Iskow po...* —Ela empalideceu e recuou, levando a mão à garganta.

—Quem.

—*Theio... po... Iskow...*

A voz de Vin era profunda e sombria e sem sentido para ele, mesmo quando tentava ouvir as

sílabas corretamente, tentando decifrar em sua cabeça o que estava dizendo a ela: Essa era a pior parte de sua maldição, ele não podia fazer nada para alterar o futuro, porque ele não sabia o que previu.

Marie-Terese se afastou dele até que bateu contra a porta, o rosto pálido e os olhos esbugalhados. Com mãos trêmulas, ela se atrapalhou para abrir a porta e desaparecer dali, desesperada para fugir dele.

Foi a ausência dela o que trouxe Vin de volta à realidade, afastando-o do lugar que o aprisionara, quebrando as correntes que o transformaram num fantoche de... ele não sabia o quê. Ele nunca sabia o quê. Desde a primeira vez que ele fora possuído, ele não tinha qualquer pista tanto com relação ao que significava tudo aquilo, quanto com relação ao que ele falou ou o porquê. De todas as pessoas do planeta, tinha que ser logo ele o escolhido para suportar aquele terrível fardo.

Bom Deus, o que ele devia fazer? Ele não poderia funcionar em seu negócio ou sua vida com invasões como esta. E ele não queria voltar aos tempos de garoto, quando as pessoas pensavam que ele estava louco.

Além disso, isso não deveria estar acontecendo. Ele tinha resolvido o assunto.

As mãos plantadas nos joelhos, a cabeça caída sobre os ombros, a respiração superficial, os cotovelos fechados, tudo isso o mantinha de pé. Foi assim que Jim encontrou.

—Vin? O que está havendo, campeão? Você teve uma concussão?

Se fosse só esse o caso. Ele bem que escolheria uma hemorragia cerebral em vez daquela coisa falando-em-línguas. Vin se forçou a encarar o amigo. E porque a sua boca evidentemente não perdera ainda a sua dose de independência, ele se ouviu dizendo:

—Você acredita em demônios, Jim?

O rapaz franziu a testa.

—Perdão?!

—Demônios...

Houve uma grande pausa; até que Jim disse:

—Que tal se a gente levar você pra casa? Você não parece estar muito bem.

O modo como Jim tratou o assunto foi um lembrete da forma polida como as pessoas lidavam com os malucos na vida. Embora, havia muitos outros tipos de reação, da precipitada saída de Marie-Terese chegando até a crueldade absoluta... que era o que tinha obtido quando era menino.

E Jim estava certo. Sua casa era exatamente o lugar para onde ele precisava ir, mas dane-se, ele queria encontrar Marie-Terese e lhe dizer... o quê? Que entre os 11 e os 17 anos ele sofria esses “episódios” regularmente? Que eles o fizeram perder amigos e conseguiram que fosse rotulado de aberração e fizeram com que tivesse que aprender a lutar? Que ele sentia muito por ela ter ficado apavorada duas vezes na mesma noite?

Ou, mais importante, que ela deveria encarar o que quer que ele tenha dito como a verdade do evangelho e se proteger? Por que ele nunca se enganava. Ele sofria as penas do Inferno... mas o que quer que ele dissesse sempre acontecia.

Foi aliás assim como ele soube que nunca eram boas notícias. Mais tarde, alguém na periferia, ou até a própria pessoa (um ele ou uma ela), contaria a ele o que ele dissera e o que significava. Deus, como o rescaldo da verdade o horrorizava. Quando era garoto e se assustava com mais facilidade, ele ia para o quarto, fechava a porta e se escondia embaixo dos cobertores, numa trêmula perturbação.

Da mesma forma que via gente morta, ele previa o futuro. Do tipo ruim, sangrento e destrutivo.

Então em que tipo de problemas estaria Marie-Tereze envolvida?

—Vamos lá, Vin. Vamos embora.

Vin olhou para a porta do vestiário. Provavelmente, a melhor coisa que poderia fazer por ela seria partir tranquilamente – todas aquelas explicações só iriam envolvê-la e assustá-la mais ainda. Mas isso não iria ajudá-la a evitar o que estava vindo na direção dela.

—Vin ... me deixe levar você daqui.

—Ela corre perigo.

—Vin, olhe para mim. O rapaz apontou para seus dois olhos. Olhe para mim. Você vai para casa agora. Você bateu com a cabeça lá no salão e aparentemente estive considerando seriamente o perder o conhecimento. Entendo que não queira ver um médico, está bem. Mas diz tolices se acredita que for permitir que esta merda continue por mais tempo. Vêem comigo... agora.

Diabos, esse desfecho incoerente, com a desorientação e confusão, com esse medo acerca do que ele dissera e os seus sentimentos fora de controle – droga, até mesmo a expressão de “Que diabos?” estampada no rosto de Jim... ele lembrava de tudo isso. Tantas vezes... Vin passara por isso tantas vezes e tantas vezes, e ele simplesmente odiava isso.

—Você está certo— ele disse, tentando deixar tudo de lado. —Você está absolutamente certo.

Ele teria sempre a chance de voltar mais tarde e falar com ela, quando as coisas assentassem. Como amanhã. Isso. Ele voltaria no dia seguinte assim que o clube abrisse. Era o melhor que ele podia fazer.

Saindo da banqueta com cuidado, ele foi até onde ela deixou seu cartão de visitas sobre a penteadeira. Tirando uma caneta para fora ele escreveu duas palavras na parte de trás e, em seguida, olhou para todas as bolsas. Ele sabia exatamente de que marca era a dela. Além do Ed Hardys rosa e roxo e o Gucci e as duas idênticas Harajuku Lovers ... Havia uma lisa preta sem sequer um logotipo da Nike sobre ela.

Depois de dobrar o cartão dentro dessa, ele caminhou para a porta, com os ombros doendo, sua mão direita começando a latejar, as costelas enviando-lhe agulhadas toda vez que ele respirava. A —bosta suprema—, porém, era a dor de cabeça sobre as têmporas que não tinha nada que ver com a luta. Ele sempre tinha uma depois... depois do que raio se chamasse aquilo.

Já no saguão ele olhou para todos os lados e não viu sinal de Marie-Tereze.

Por um momento, a compulsão para encontrá-la bateu forte e quente, mas quando Jim segurou o seu braço, ele colocou a sua fé na racionalidade do outro homem e se permitiu ser

levado até a saída traseira do clube.

—Espere aqui.

Jim bateu na porta do gerente, e quando saiu, houve uma outra rodada de —obrigados— e depois Vin deu consigo respirando ar claro e frio. Cristo... que noite.

Capítulo 15

No estacionamento do clube Vin caminhou por entre fileiras de carros, porém ele não prestava muita atenção... pelo menos não até que ele viu o cara de bigode e óculos que testemunhara a luta do topo do corredor. Felizmente, quando eles se cruzaram, o homem baixou os olhos dando a entender que não queria nenhum problema e continuou puxando seu casaco, como se tivesse saído para ir buscar o carro.

Quando chegaram ao caminhão, Vin deslizou para o banco do passageiro e cuidadosamente esfregou o rosto dolorido.

Deixando a cabeça cair para trás, ele ignorou o turbilhão de dor que estava fazendo o seu crânio latejar. E a cabeça ficou ainda pior quando lhe ocorreu que, enquanto ele se dirigia de volta para casa, Marie-Terese havia retornado ao trabalho. O que significava que ela estava com outros homens, nesse exato momento, dando a eles...

Ele teria que parar de ir lá antes que ficasse completamente louco.

Olhando pela janela, ele via o reflexo da iluminação dos postes surgir e desaparecer sempre que Jim virava à esquerda, à direita ou parava em algum cruzamento no caminho para o Commodore.

Quando eles chegaram a uma paragem em frente ao arranha-céus, Vin soltou o cinto de segurança e abriu a porta. Ele não tinha idéia se Devina ia estar no duplex, ou se em vez disso se dirigira até a casa que ela ainda mantinha nos arredores do velho mercado de Caldie.

Ao mesmo tempo em que ele mantinha a esperança de que ela não estivesse em sua cama, ele estava se sentindo um canalha.

—Obrigado, — disse a Jim quando saltou do carro. Antes de fechar a porta, ele se inclinou. — A vida é muito doida, às vezes Você nunca sabe o que vai acontecer, não é mesmo?

—É isso aí. —O cara passou a mão calejada pelos cabelos. —Ouça, vá ficar com sua mulher. Entenda-se com ela, ok?

Vin franziu a testa em sinal de que lhe ocorrera algo.

—É tudo? Eu e você? Estamos conversados?

Jim expeliu o ar dos pulmões mostrando desapontamento por seu conselho amoroso estar sendo ignorado. —Não, não completamente.

—Por que você não diz logo o que você quer dizer?

Jim apoiou o antebraço na parte superior do volante e olhou através do banco. No silêncio, seus pálidos olhos azuis pareciam envelhecidos.

—Eu disse a você porque eu estou aqui. Seja bom com Devina e depois vá dormir um pouco antes que você caia duro.

Vin balançou a cabeça.

—Conduza com cuidado.

—Ok.

O caminhão partiu e Vin subiu os degraus que levavam à entrada do Commodore. Passou o cartão magnético na entrada, abriu uma das portas e entrou no átrio em mármore. Na recepção, o velho guarda de segurança noturno ergueu o olhar e quando reparou no rosto de Vin deixou cair a caneta que estava segurando.

O inchaço devia estar aparecendo. O que provavelmente explicava o fato de Vin ter dificuldade em piscar normalmente um dos olhos.

—Sr. diPietro ... o sr...

—Espero que você tenha uma noite tranquila—, Vin disse enquanto caminhava até a porta do elevador. —Obri... gado.

No trajeto até o imóvel, Vin teve uma boa amostra do que provocara a queda da caneta das mãos do segurança. Nos espelhos mal iluminados do elevador, ele olhou para o seu nariz reventado e o machucado no rosto e para o início de um olho roxo que ele ia ter de manhã.

De súbito, ele sentiu no rosto palpitações acompanhando as batidas do seu coração. O que o fez desejar não ter visto o seu reflexo e quem sabe assim seu rosto não teria se manifestado.

Chegando no 28º andar, ele saiu para o corredor e tirou a chave do bolso. Enquanto manuseava a fechadura ele concluiu que, naquela noite, sua vida saíra perdendo no confronto com aquele garoto. Tudo parecia estar errado. Fora do lugar.

Ele esperava que não fosse o começo de uma tendência.

Vin abriu a porta, parou para escutar e foi atingido por uma exaustão profunda. Não houve alarme de segurança para desativar e podia ouvir a televisão murmurando no andar de cima: Ela estava em casa. Esperando por ele.

Forçando-se a entrar, ele trancou a porta, reativou o alarme e recuou contra a parede. Quando conseguiu suportar, ele olhou para o topo da escada de mármore e observou a luz bruxuleante em tons azulados produzida pelo programa que estava passando.

Parecia um filme antigo, algum tipo de especial Ginger Rogers-Fred Astaire. Tudo indicava que ele teria que subir e enfrentar a música, por assim dizer.

Enquanto o som típico dos anos 40 ondulava para fora do quarto ele imaginou que Devina estaria acomodada nas almofadas revestidas com fronhas Frette, vestindo uma de suas delicadas camisolas de chiffon. Quando ele entrasse ela ficaria chocada com seu rosto e tentaria cuidar dele — e ela iria querer se desculpar por ter desaparecido do clube, bem como por ter feito de tudo para não ser encontrada na noite anterior.

Ou ela tentaria. Ele não estava a fim de sexo nessa noite.

Pelo menos... não com ela.

—Droga—, ele murmurou.

Maldição! Ele queria dirigir de volta para o clube, mas não para tentar mudar a opinião de

Marie-Terese sobre ele. Ele queria sacar de quinhentos dólares e comprar algum tempo com ela. Ele queria beijá-la, puxá-la contra o seu corpo e percorrer com as mãos o interior de suas coxas. Ele queria a língua dele na boca dela, o peito dele contra os seios dela e ele a queria ofegante e úmida. Ele queria que ela o deixasse possuí-la.

A fantasia o deixou imediatamente duro, mas não durou muito, nem as imagens quentes nem a ereção.

O que matou a fantasia foi a memória dela naquele casaco. Ela estava tão pequena. Tão... frágil. Não era um objeto a ser comprado, mas uma mulher em um negócio brutal, cedendo seu corpo por dinheiro.

Não, ele não queria tê-la assim.

Quando ele se conscientizou da brutalidade que envolvia aquela forma de ganhar a vida, Vin concluiu que obviamente ela estava em perigo. A prova era o que acontecera nessa noite. Os homens não eram confiáveis quando sexo estava em jogo, inclusive ele próprio era tão culpado como eles de pensar com a cabeça debaixo. Como agora, por exemplo.

Desesperado por uma bebida, Vin foi até ao bar na sala de estar. Devina desligara as luzes. Mas a lareira elétrica estava ligada e suas chamas tremulavam ao redor das paredes tornando-as líquidas, as sombras se agitando como se seus passos estivessem sendo monitorados enquanto ele se movia pela sala.

Com a mão magoada, ele se serviu de um Bourbon e o bebeu, sentindo ardor num dos cantos da boca.

Olhou em volta avaliando tudo o que seu dinheiro comprara e naquela iluminação difusa tudo parecia estar derretendo em volta dele, o papel de parede se derramando em pedaços, as prateleiras se deformando, os livros e os quadros se desfigurando em fantásticas formas — Daliescas²⁸.

Em meio à distorção, ele fixou o olhar no teto e vislumbrou a imagem de Devina acima dele.

Ela era só mais uma coisa que ele tinha comprado, não? Ao dar-lhe roupas, viagens e jóias e dinheiro para gastar ele não fizera mais do que comprá-la.

E ele havia comprado ontem aquele diamante não porque fosse seu desejo que ela aceitasse a pedra como um símbolo de amor mas porque era apenas mais uma parte da transação em curso.

De fato ele nunca dissera a Devina que a amava, não porque fosse emocionalmente reprimido, mas sim porque ele não nutria esse sentimento com relação a ela.

Vin sacudiu a cabeça até que seu cérebro se agitasse o suficiente para que a sala voltasse ao normal. Após beber de um trago o resto do Bourbon, ele encheu o copo com outra dose. A qual ele bebeu. E serviu mais uma. E novamente bebeu de um trago. E deitou mais um pouco.

Ele não tinha idéia de quanto tempo aguentou de pé bebendo na frente do bar, mas ele foi capaz de ver o nível de bebida na garrafa caindo. E após o nível descer uns 10 cm, ele decidiu simplesmente terminá-la e levou a garrafa Reserva Woodford com ele até ao sofá com vista panorâmica.

²⁸ Palavra inventada pela autora que faz referencia a que se convertem em obras ao estilo surrealista de Salvador Dali

Admirando a cidade lá fora, ele foi ficando realmente bêbado. Saturado. Intoxicado. Tão alcoolizado que não conseguia sentir as pernas ou os braços e teve que deixar sua cabeça cair para trás contra a almofada, porque não podia erguê-la mais.

Algum tempo depois, Devina apareceu nua atrás dele, o seu reflexo no vidro revelando-a junto ao arco da sala.

Por entre a confusão mental associada ao seu estado dormente, ele conseguiu perceber que havia nela algo errado ... na forma como ela se moveu, no cheiro dela.

Ele tentou levantar a cabeça para ver com mais clareza, mas era como se a maldita estivesse colada na parte de trás do sofá, e por mais que se esticasse até sua respiração ficar bloqueada na garganta, ele não conseguiu se mover.

Mais uma vez a sala foi se degradando, tudo se assemelhando a uma má experiência alucinógena. Ele estava impotente. Congelado. Vivo e morto ao mesmo tempo.

Devina não permaneceu atrás dele.

Ela contornou o sofá, e ele foi ficando de olhos arregalados enquanto ela se aproximava. O corpo dela estava em decomposição, com as mãos contorcidas em forma de garras, seu rosto, nada além de um crânio com tiras de carne cinza pendurada nas bochechas e queixo. Enclausurado dentro de seu corpo paralisado, ele lutou para fugir, mas não havia nada que pudesse fazer enquanto ela se aproximava.

—Você fez um negócio, Vin—, disse ela numa voz sombria. —Você conseguiu o que queria e um negócio é um negócio. Você não pode voltar atrás.

Ele tentou sacudir a cabeça, tentou falar. Ele não a queria mais. Não em sua casa, não na sua vida. Alguma coisa mudou quando ele viu Marie-Tereze, ou talvez tenha sido Jim Heron – apesar de não ter ideia de qual a importância que aquele cara teria. Mas qualquer que fosse o motivo, ele sabia que não queria Devina.

Não na sua mais bela forma e certamente que muito menos na atual.

—Sim, você, Vin—. Sua voz horrível não estava apenas em seus ouvidos; ela vibrava por todo o seu corpo. —Você me pediu para vir até você e eu dei o que você queria e muito mais. Você fez um bom negócio e você sugou tudo o que eu trouxe para sua vida, você comeu, bebeu, fodeu - Eu sou responsável por tudo isso e você está em dívida comigo.

De perto, ela não tinha olhos, apenas órbitas em carne viva que eram autênticos buracos negros. E ainda assim ela o viu. Tal como Jim havia dito, ela olhara realmente para ele.

—Você tem o que você queria, inclusive eu. E há um preço e um pagamento para tudo. Meu preço é ... você e eu juntos para sempre.

Devina montou em cima dele, colocando um joelho esquelético em cada lado de suas coxas, e plantando as horríveis e retalhadas palmas das mãos em seus ombros. O cheiro da carne podre entranhava em suas narinas, e as arestas bicudas de seus ossos o cortavam. As mãos horrendas foram para a braguilha e ele encolheu-se dentro de sua pele.

Não... não, ele não queria isso. Ele não queria ela.

Perante os esforços de Vin para abrir a boca e sem conseguir mover o maxilar, ela sorriu, seus lábios de cera se abrindo e revelando os dentes sustentados por gengivas negras.

—Você é meu, Vin. E eu sempre tomo o que é meu.

Devina friccionou o seu sexo, que estava duro pelo terror, e o colocou entre as pernas. Ele não queria isso... ele não a queria. Não...

—Tarde demais, Vincent. É hora de eu tomar posse de você, não apenas neste mundo, mas no próximo. Com isso, ela o possuiu, seu corpo em decomposição envolvendo o dele, comprimindo a sua carne num gélido raspar.

A única coisa que se movia sobre seu corpo, além dela, eram suas próprias lágrimas. Elas escorriam do rosto descendo pela garganta, e eram absorvidas pela gola da camisa. Preso debaixo dela, possuído contra a sua vontade, ele tentou gritar, tentou alcançar...

—Vin! Vin- acorde!

Ele abriu os olhos de repente. Devina estava bem na frente dele, seu rosto bonito em estado de pânico, as mãos elegantes vindo em sua direção.

—Não!— - Ele gritou. Empurrando-a, ele ergueu-se mas ultrapassou o limite de suas forças caindo de cara direto no tapete, aterrando no chão com a mesma intensidade que o copo.

—Vin ...?

Ele virou-se de costas e levantou os punhos preparado para lutar com ela.

Só que ela não estava mais vindo atrás dele. Devina estava esparramada no sofá onde ele estivera sentado, com os cabelos brilhantes sobre as almofadas em que ele estivera recostado, sua pele pálida e perfeita evidenciada por uma camisola de cetim cor de marfim. Seus olhos estavam como os dele haviam estado, arregalados, apavorados, confusos.

Ofegante, ele apertou o peito acelerado e tentou decifrar o que era real.

—Seu rosto—, disse ela finalmente. —Deus ... sua camisa. O que aconteceu?

Quem era ela? perguntou-se. O sonho ... ou o que via agora?

—Por que você está me olhando assim?, Ela sussurrou, levando a mão à garganta.

Vin olhou para a braguilha. Estava fechada e seu cinto amarrado, seu sexo mole em suas cuecas boxer. Olhando ao redor da sala, ele descobriu que tudo estava como sempre, em perfeita ordem de luxo, as chamas da lareira provocando um efeito deslumbrante.

—Droga ... ele gemeu.

Devina sentou-se lentamente, como se estivesse com medo de assustá-lo novamente. Olhando para a garrafa no chão ao lado do sofá, ela disse:

—Você está bêbado.

Grande verdade. Podre de bêbado. A ponto de ele ter dúvidas se conseguiria suportar... ao ponto de poder começar a ter alucinações... ao ponto de talvez nada daquilo ter acontecido. O que seria uma bênção.

Sim, a idéia de que tudo aquilo não passara de um pesadelo provocado pelo excesso de Bourbon o acalmou mais do que se respirasse fundo muitas vezes.

Com um impulso, ele tentou se levantar, mas perdeu o equilíbrio, e então deu uma guinada e bateu na parede.

—Aqui, deixe-me ajudá-lo.

Ele levantou a mão para detê-la.

—Não, fique... longe. Eu estou bem. Estou ótimo—. Vin se recompôs e, quando recuperou o equilíbrio, ele olhou para o rosto dela. Tudo o que ele viu foi amor e preocupação e confusão. Mágoa, também. Ela parecia não ser mais do que uma mulher espetacularmente atraente que se preocupava com o homem que estava olhando. —Eu estou indo para a cama—, disse ele.

Vin saiu da sala, e ela o seguiu pelas escadas em silêncio. Ele tentou não se sentir perseguido, lembrando a si mesmo que não era ela o problema. Era ele.

Quando chegou à porta de entrada para o banheiro, ele disse:

—Me dê um minuto.

Depois de se trancar lá dentro, ele ligou o chuveiro, tirou a roupa, e ficou debaixo da água quente. Ele não sentia o jato, mesmo com o rosto rebentado, e tomou isso como prova de que por mais bêbado que se julgasse, ele deveria ser um pouco mais generoso em sua avaliação.

Quando ele saiu, Devina estava esperando com uma toalha para ele. Ele não permitiu que ela o secasse, embora ela, sem dúvida, tivesse feito um trabalho melhor, e colocou umas calças de pijama apesar de normalmente dormir nu.

Eles se deitaram na cama, lado a lado, mas sem se tocar, a televisão cintilando como se fosse uma lareira com chamas azuis. Em um momento de loucura, ele se perguntou se as paredes também se derreteriam ali também, mas não. Elas permaneceram as mesmas.

Na TV, Fred e Ginger estavam dançando ao redor, o vestido dela esvoaçando abertamente, a cauda do fraque dele também.

Ou Vin não estivera fora por muito tempo ou então aquela estava sendo uma maratona naquele canal que ela havia escolhido.

—Você não vai me dizer o que aconteceu? Devina disse.

—Foi apenas uma luta de bar.

—Não com Jim, espero?

—Ele estava do meu lado.

—Ah. Ainda bem—. Silêncio. Então, —Você precisa de um médico?

—Não.

Mais silêncio.

—Vin ... com o que você estava sonhando?

—Vamos dormir.

Quando ela pegou o controle remoto para desligar a TV, ele disse:

—Deixe.

—Você nunca dorme com a televisão ligada.

Vin franziu a testa, enquanto observava Fred e Ginger se movendo em sintonia, os olhos presos um no outro, como se não pudessem desviar o olhar.

—Hoje é diferente.

Capítulo 16

À manhã seguinte Jim foi despertado por batidas na porta.

Embora completamente dormido, acordou imediatamente... e com o canhão de uma pistola calibre quarenta apontada para o outro lado do escritório. Como as persianas da grande janela da frente e das duas pequenas que havia sobre a pia da cozinha estavam baixas, não tinha idéia de quem poderia ser.

E considerando seu passado, poderia não ser um amigo.

Cão, que estava amassado junto a ele, levantou a cabeça e emitiu um murmúrio inquisitivo.

—Não tenho idéia de quem é - respondeu Jim, saindo de debaixo das cobertas e indo, absolutamente nu, até o lado mais afastado das cortinas da janela da frente. Ao apartá-la ligeiramente, viu o M6 estacionado na entrada.

—Vin? —gritou.

—Sim. —A resposta lhe chegou amortecida.

—Espera um momento.

Jim voltou a pôr a arma na cartucheira que pendurava de um dos pilares de sua cama e colocou a cueca. Ao abrir a porta, viu que Vin DiPietro estava do outro lado, e tinha um aspecto espantoso. Apesar de ter se banhado, barbeado e trocado o traje por roupa sport de homem rico, seu rosto estava machucado e mostrava uma expressão lúgubre como o inferno.

—Já viu as notícias? —perguntou.

—Não. —Jim retrocedeu para que o tipo pudesse entrar. — Como me encontrou?

—Chuck me deu seu endereço. Teria chamado, mas você não tem telefone. —Vin foi até a TV e a ligou. Enquanto trocava de canal, Cão se aproximou e o farejou.

O tipo deve ter passado na inspeção, por que o animal se sentou sobre um de seus mocassins.

—Merda... não posso encontrá-lo... estava em todos os noticiários locais —murmurou Vin.

Jim jogou uma olhada ao relógio digital que havia junto a cama. Sete e dezessete. O alarme deveria ter soado às seis, mas obviamente se esqueceu de ligá-lo.

—O que saiu nas notícias?

Nesse momento, o Informativo da manhã trocou e começou a emitir uma atualização das notícias locais, e a quase formosa locutora da estação de Caldwell olhou a câmara com gravidade.

—Os cadáveres dos dois homens jovens que foram encontrados à altura do mil e oitocentos da rua Décima foram identificados como Bryan Winslow e Robert Gnomes, ambos de vinte e um anos de idade. —Na tela, à direita da cabeça da loira, relampejaram fotografias dos dois estudantes idiotas com os que Vin e ele tinham ajustado contas. —Aparentemente ambos foram vítimas de feridas de bala, seus corpos foram encontrados às quatro da manhã, por um dos clientes dos clubes noturnos. Conforme o que disse a porta-voz do Departamento de Polícia, os dois compartilhavam um apartamento na Universidade Estadual de NY em Caldwell e foram vistos pela última vez quando se dirigiam ao Iron Mask, um clube local que está na moda. Até o momento não se encontrou nenhum suspeito. —A câmara trocou de ângulo e ela se voltou para o novo objetivo. — Em outro sentido, outro pedido de creme de amendoim foi...

Quando Vin o olhou por cima de seu ombro, tinha um ar centrado e calmo, o que sugeria que o fato que a polícia queria lhe chutar o traseiro não era desconhecido.

—Esse tipo de bigode e óculos que se achava no corredor enquanto estávamos brigando pode representar um problema. Nós não os matamos, mas há uma boa possibilidade de que as coisas se compliquem para nós.

Bastante certo.

Dando-lhe as costas, Jim foi até a bancada e tirou o café instantâneo. Havia menos de meio centímetro de pó no frasco, não era suficiente para preparar uma xícara, muito menos duas. Mas o melhor: de qualquer maneira era uma sujeira.

Voltou a deixar o frasco em seu lugar e foi para o refrigerador embora não havia nada dentro.

—Olá? Está aí, Heron?

—Ouvi o que disse. —E desejava mais que nada no mundo que não tivessem disparado a esses dois idiotas. Ver-se envolto em uma briga a murros era uma coisa. Estar comprometido em um tiroteio, outra totalmente distinta. Confiava plenamente em sua falsa identidade a nível local... depois de tudo, tinha sido fabricada pelo Governo dos Estados Unidos. Mas se havia algo que não necessitava absolutamente era ter a seus antigos chefes frente a frente, e que o Departamento de Polícia o marcasse por assassinato faria que aparecesse em seu radar imediatamente.

—Eu gostaria de tratar isto com a maior discrição possível —disse, fechando a porta do refrigerador.

—A mim também, mas se o dono desse clube quer me encontrar, pode fazê-lo.

Isso era certo; Vin tinha dado seu cartão à prostituta que tinha resgatado. Isso se a bolsa negra era dela, e se ela não tivesse jogado a informação fora, o vínculo estava ali.

Vin se inclinou e arranhou o Cão detrás de uma de suas orelhas.

—Duvido que possamos nos manter totalmente à margem. De todos os modos, tenho excelentes advogados.

—Acredito que sim. —Merda, pensou Jim. Não podia sair fugindo a toda pressa da cidade... não quando aqui em Caldwell o futuro de Vin estava em jogo.

Bom, não era este contratempo justo o que precisava para a situação

Jim fez um gesto com a cabeça em direção ao banheiro.

—Escuta, será melhor que tome uma ducha e vá trabalhar. O tipo cuja casa estou construindo pode ser muito bode.

Vin levantou a vista e sorriu pela metade.

—Que gracioso, eu penso o mesmo de meu chefe... salvo que eu trabalho para mim mesmo.

—Ao menos é bastante consciente.

—Mais que você. É sábado. Assim não tem que ir à obra.

Sábado. Maldição, esqueceu-se em que dia da semana estava.

—Odeio os fins de semana —murmurou.

—Eu também... assim que os passo trabalhando.

Vin olhou a seu redor e se concentrou nas duas pilhas da lavanderia.

—Sempre tem a opção de limpar um pouco este lugar.

—Para que me incomodar? A que está à esquerda é a limpa, a que está à direita é a suja.

—Então deveria te pôr a lavar porque há um grão de areia que se está convertendo em montanha e não é um bom prognóstico para as meias limpas.

Jim levantou os jeans que tinha usado a noite anterior e os atirou sobre a “montanha” de roupa suja.

—Ei, caiu algo... —Vin se agachou e levantou o pequeno aro de ouro que tinha estado no bolso dianteiro na noite de quinta-feira.

— De onde tirou isto?

—Do beco que há atrás do Iron Mask. Estava no chão.

Os olhos do Vin se cravaram na coisa como se valesse muito mais que os dois dólares que provavelmente foi gasto para fabricá-lo ou dos quinze que tivessem pedido por ele ao vendê-lo.

—Incomodaria-te que o conservasse?

—Não, para nada. —Jim vacilou.— Estava Devina em sua casa quando chegou?

—Sim.

—Reconciliaram-se?

—Suponho que sim. —O tipo fez desaparecer o aro de ouro dentro do bolso do peito.

—Sabe, ontem à noite vi como te encarregava desse menino.

—Você não gosta de falar de Devina.

—Minha relação com ela é meu assunto e de ninguém mais. —Vin entrecerrou os olhos.

—Foste treinado para lutar, não é verdade? E não na academia de artes marciais de alguma praça comercial.

—Mantém informado se tiver notícias da polícia. —Jim se meteu no banheiro e abriu a torneira da ducha. Os encanamentos gemeram e repicaram e logo um jorro anêmico descreveu um arco para ir cair no chão de plástico do compartimento da ducha.

—E não te incomode em fechar a porta quando sair. Cão e eu estaremos bem.

O tipo olhou ao Jim através do pequeno espelho que havia sobre o lavabo.

—Não é quem diz ser.

—Quem o é?

Abruptamente, o rosto do Vin se escureceu, como se estivesse recordando algo horrível.

—Está bem? —Jim franziu o cenho.— Parece que viu um fantasma.

—Ontem à noite tive um mau sonho. —Vin passou lentamente a mão pelo cabelo.— Ainda não pude esquecê-lo. —Repentinamente, Jim ouviu a voz do tipo dentro de sua mente: *Acredita nos Demônios?* Quando Cão gemeu e começou a coxear e a deslocar-se de um a outro, ao Jim lhe arrepiou o cabelo da nuca.

—A respeito de quem era o sonho. —Não o expressou como pergunta.

Vin soltou uma risada tensa, pôs seu cartão de negócios sobre a mesa auxiliar e se encaminhou para a porta.

—A respeito de ninguém. Não sei de quem se tratava.

—Vin... conta-me. Que merda passou quando chegou a sua casa?

Quando o tipo saiu para o patamar da escada, a luz do sol entrou no lugar.

—Chamarei-te se a polícia entrar em contato comigo. Você faz o mesmo. Deixei-te meu cartão.

Evidentemente, não havia forma de pressioná-lo para falar desse tema.

—De acordo, está bem, faremos isso. —Jim lhe disse o número de seu celular e não lhe surpreendeu que Vin o memorizasse sem escrevê-lo.— E escuta, será melhor que te mantenha afastado desse clube.

Cristo sabia que acrescentar um jogo de grades da prisão a esta equação não ia facilitar as coisas. Além disso, Vin tinha olhado à prostituta de cabelo escuro da forma em que deveria olhar a Devina... o que significava que quanto menos tempo passasse com ela, melhor.

—Estarei em contato —disse Vin, antes de fechar a porta.

Jim olhou fixamente os painéis de madeira enquanto escutava os pesados passos baixar as escadas e logo o arranque de um poderoso motor. Depois que o M6 partisse fazendo ranger o cascalho do meio-fio, foi até a porta e deixou sair Cão e logo se meteu na ducha antes que o tanque de água quente de dois litros que tinha não tivesse outra coisa que oferecer salvo água fria.

Enquanto se ensaboava, voltou a ouvir a pergunta que Vin lhe tinha formulado a noite anterior.

Acredita nos Demônios?

* * * *

Ao outro lado da cidade Marie-Terese estava sentada no sofá e tinha a vista fixa em um filme que não estava olhando. Era a... quarta seguida? A quinta? A noite anterior não tinha podido dormir. Nem sequer tinha tentado pôr a cabeça sobre o travesseiro.

Tinha ao Vin na memória... em sua mente e falando com essa voz estranha: ele vem atrás de você. Ele vem atrás de você.

Quando tinha entrado nesse transe tão raro no vestuário, a mensagem que tinha saído de sua boca tinha sido aterradora, mas o pior tinham sido seus olhos fixos. E a primeira reação dela? Não tinha sido *De que demônio está falando?* Não, ela tinha pensado *Como sabe?*

Como não tinha a menor idéia do que fazer ou de como comportar-se, e muito menos de como tratar a ele, tinha saído disparada do vestuário e tinha pedido a seu amigo que entrasse.

Baixou a vista para o cartão comercial que tinha na mão. Dando a volta pela centésima vez, fixou o olhar no que lhe tinha escrito: *Sinto muito. Acreditava...*

O som que soou a seu lado deu um susto de morte, fazendo que desse tal salto que o cartão se deslizou de sua mão e saiu voando.

Tranqüilizando-se, estendeu a mão para o celular que estava junto a ela no sofá, mas a chamada se perdeu antes que pudesse ver quem era e respondê-la. Dava-lhe igual... não tinha vontade de falar com ninguém e provavelmente fora engano.

O pequeno Nokia era o único telefone que tinha. O da cozinha, que estava conectado à

parede não tinha tom porque nunca tinha ativado a linha. O assunto era que, por mais privado que pudesse ser um telefone residencial, sempre se podia penetrar em seu sistema de proteção de identidade muito mais facilmente que no caso de um celular, e lhe interessava muito o anonimato... e por esse motivo só olhava apartamentos que se alugavam com todos os serviços incluídos no aluguel mensal: dessa forma as contas permaneciam em nome do proprietário em vez de ser passadas a seu nome.

Enquanto deixava o telefone, pensou no passado, em como eram as coisas antes que tratasse de deixar Mark. Nesse momento, o nome de seu filho tinha sido Sean. E seu nome Gretchen. Seu sobrenome tinha sido Capriccio.

E de fato era uma ruiva natural verdadeira. A diferença de Gina do clube.

Marie-Terese Boudreau era uma mentira absoluta, e o único que continuava sendo verdadeiro era sua fé católica. Isso era tudo. Bom, isso e a dívida que tinha com os advogados e o detetive particular.

Naquele momento, depois que tudo teve terminado, poderia ter optado por entrar num programa de proteção à testemunha. Mas os policiais podiam ser comprados... Deus sabia que seus ex e seus chefes lhe tinham ensinado isso. Assim depois de cumprir com seu dever com o fiscal do distrito e no momento em que Mark apresentou sua alegação por escrito, esteve oficialmente livre para fugir para o Leste, afastando-se o máximo possível de Las Vegas.

Deus, tinha odiado ter que explicar a seu filho que deviam trocar de nome. Preocupava-lhe que não a entendesse... salvo que quando começou a explicação, ele a deteve. Sabia exatamente o motivo pelo qual deviam fazê-lo e lhe disse que era para que ninguém soubesse quem eram.

Essa consciência simples lhe tinha quebrado o coração.

Quando seu celular voltou a tocar, levantou-o. Poucas pessoas tinham seu número: Trez, todas as babás, e o Centro para Mães Solteiras.

Era Trez e a conexão era má, sinal de que estava viajando.

—Está tudo bem? —perguntou-lhe.

—Viu as notícias?

—Estive olhando HBO.

Quando Trez começou a falar, Marie-Terese tomou o controle remoto e pôs na Estação NBC local. Só estavam passando o Informativo da manhã...

As notícias locais lhe congelaram até os ossos.

—De acordo —lhe respondeu.

— Está bem. Sim, é óbvio. Quando? Muito bem, ali estarei. Obrigado. Adeus.

—O que acontece mamãe?

Antes de olhar seu filho, retomou o controle de seu semblante e reprimiu sua expressão. Quando finalmente se virou para ele, pensou que com esse pijama e arrastando a manta pelo chão parecia mais perto dos três anos que dos sete que tinha.

—Nada. Tudo está bem.

—Sempre diz o mesmo. —aproximou-se dela arrastando os pés e subiu ao sofá. Quando entregou o controle, não trocou de canal para pôr Nickelodeon. Nem sequer olhou a TV.

— Por que esta assim?

— Assim como?

— Como se tivessem retornado aos maus tempos.

Marie-Tereze se aproximou e lhe beijou a cabeça.

— Tudo vai estar bem. Escuta, vou chamar Susie, Rachel ou a Quinesha para que venham ficar contigo um momento. Tenho que ir ao trabalho um minuto.

— Agora mesmo?

— Sim, mas primeiro te farei o café da manhã. Cereais do tigre Tony?

— Quando voltará?

— Antes do almoço. Ou logo depois no máximo.

— Está bem.

Enquanto entrava na cozinha, chamou o serviço de babás do Centro de Mães Solteiras e quando começou a soar elevou uma prece. Quando respondeu a secretaria eletrônica, deixou uma mensagem e se derrubou na tarefa de encher uma tigela com flocos cristalizados.

Tremiam-lhe tanto as mãos, que de fato contribuíram a que o cereal saísse da caixa.

Aqueles dois universitários do clube estavam mortos. Tinham-lhes disparado no beco que havia atrás do estacionamento. E a polícia queria falar com ela porque a pessoa que tinha encontrado os corpos informou ter visto que a estavam acoassando.

Enquanto tirava o leite, disse a si mesmo que era somente uma coincidência. No centro da cidade as pessoas sofriam violentos roubos todo o tempo, e aqueles meninos tinham estado claramente drogados. Possivelmente tivessem tentado fazer uma compra e a transação tinha fracassado.

Por favor que não tivesse nada que ver com ela, pensou. Por favor que sua antiga vida não a alcançasse.

A voz do Vin passou em sua mente. Ele vem atrás de você...

Resolvida a deixar de lado essa parte para não voltar-se louca de medo, enfocou-se no fato de que em menos de meia hora ia reunir-se com a polícia. Trez parecia confiar plenamente em que seu álibi ia servir, que todo o verso eu-somente-sou-uma-bailarina era irrefutável. Mas Deus... e se a prendiam pelo que tinha feito?

Isso era outra coisa que tinha aprendido de seu marido: se os alicerces de sua vida eram inseguros, uma vez que os policiais começavam a fazer perguntas as paredes podiam começar a derrubar-se sobre você rapidamente

Esse tinha resultado ser o verdadeiro motivo pelo qual tinha tido que fugir. Ele e seus “amigos” tinham matado muitos “clientes” no negócio da “construção” e tanto os federais como a polícia local tinha saído em sua busca. No caso dela a graça salvadora tinha sido que ao ser meramente esposa de um deles, não tinha nem idéia a respeito de como funcionava a máfia. Por outro lado sua amante, sabia muito mais e apresentaram provas contra ela porque consideraram que era cúmplice.

Que complicado tinha sido tudo. Que complicado seguia sendo tudo.

Marie-Tereze levou a tigela com cereais a seu filho e lhe entregou uma das duas bandejas

que usavam quando assistiam TV. Enquanto perambulava por ali lhe batia tão forte o coração, que era um milagre que Robbie não pudesse escutá-lo, mas fez o melhor que pôde por permanecer tranqüila na superfície.

Evidentemente ele não se deixou enganar pela atuação.

—Nos vamos mudar outra vez, mamãe?

Deteve-se no processo de abrir as pernas da bandeja. Não mentia a seu filho —bom, na maioria dos casos não o fazia— mas não estava segura de como preparar suas palavras. Mas, em definitivo, não havia forma de fazer isso, verdade?

Quando seu celular voltou a tocar, antes de atender a chamada da babá, olhou a seu filho.

—Não sei.

Capítulo 17

Enquanto Vin conduzia pelo limite exterior de Caldwell, sua eficiência ao fazê-lo se devia a que o fazia em piloto automático e não que estivesse prestando alguma atenção, e era difícil precisar o que era que o crispava mais: a merda com esses meninos mortos ou o horrendo sonho com Devina.

Certamente a polícia ia aparecer no Iron Mask para um então-que-merda-passou-aqui?, e se alguém elevava sua voz para contar o ocorrido nesse corredor, iam querer ver o que tinham captado essas câmeras de segurança. E isso não seriam boas notícias. Embora fosse certo que nem ele nem Jim tinham dado o primeiro murro nem tirado a faca, eles seguiam respirando enquanto que aos outros dois tinham implantado um par idêntico de pacificadores de chumbo no peito.

E esse horrível pesadelo... tinha sido tão real que ainda podia sentir essas mãos ossudas obstinadas a seus ombros. Demônios, ao pensar nisso seu pênis se encolhia detrás de seu zíper, como se queria meter-se em seu intestino magro a hibernar.

Você fez um trato e tomaram tudo o que eu tenho contribuído para a sua vida, você comeu, o que você bebe, você fodeu ... Eu sou responsável por tudo isso e você me deve .

Trato? Que trato? Por isso ele sabia não havia feito nada pelo estilo com ela. Nem com ninguém mais.

Como fora, estava argumentando contra o conteúdo de um sonho. E isso era uma loucura.

Em definitivo, ia terminar sua relação com Devina tão rápido como pudesse... e não devido a que seu subconsciente tinha evidentes problemas com ela. O assunto era que sua relação não estava apoiada no amor e nem sequer se apoiava na paixão. Sentia paixão quando punha sua alma no sexo, e sem importar quantos orgasmos lhe tivesse dado ela, só seu corpo tinha estado envolvido.

Tinha pensado que isso seria suficiente. Tinha assumido que isso era o que desejava. Mas a primeira pista de que algo ia mal teve quando nem sequer pôde lhe formular a grande pergunta. E logo olhar a Marie-Tereze aos olhos tinha fechado o negócio.

É obvio que isso não significava que ele e Marie-Terese se dirigiriam a olhar o pôr-do-sol de mão dadas; sua reação simplesmente lhe indicava que havia muitíssimas carências na relação que mantinha com a mulher com a qual tinha pensado casar-se.

Deus, a utilização do passado nessa oração era tão discordante como uma bofetada em pleno rosto.

Quando voltou a prestar atenção à estrada, soltou uma maldição ao dar-se conta de onde estava. Em vez de conduzir para seu escritório, que era o que se propôs, tinha terminado na rua Trade e enquanto passava em frente à entrada do Iron Mask, diminuiu a marcha. Havia dois carros de polícia em frente ao clube e um uniformizado junto à porta principal.

O mais inteligente era seguir conduzindo.

E isso fez. Mais ou menos.

Vin foi até a seguinte rua e dobrou à esquerda, dando a volta à quadra ao redor do clube, dirigindo-se para a parte traseira onde se estacionavam os carros. Assim que entrou no estacionamento se deteve. Na parte traseira havia mais carros de polícia, e no seguinte bloco tinham estendido a fita amarela, que utilizavam para delimitar a cena de um crime, entre dois edifícios.

Assim ali era onde tinham ocorrido os assassinatos.

O som da buzina de um carro atraiu seu olhar para o espelho retrovisor. Detrás dele havia um Toyota Camry verde escuro... e Marie-Terese estava no assento do condutor.

Pondo a alavanca de mudanças em ponto morto, puxou o freio de mão e saiu. Enquanto caminhava para o outro carro, ela baixou a janela... o que ele tomou como um bom sinal.

Homem, gostava do aspecto que tinha com o cabelo amarrado em um rabo de cavalo e vestida com um simples suéter vermelho de pescoço alto e jeans. Sem toda a maquiagem, era realmente formosa, e quando se inclinou não lhe chegou o aroma de nenhum perfume, a não ser o de lençóis recém tirados do varal, desses que eram como cheirar o sol.

Vin respirou profundamente e sentiu que a tensão de seus ombros desaparecia pela primeira vez em... sim, certo, como se pudesse recordar quando tinha sido a última vez.

—Também chamaram você? —perguntou-lhe, elevando o olhar para ele.

Ele se obrigou a prestar atenção.

—A polícia? Ainda não. Vai falar com eles agora?

Ela assentiu.

— Trez me chamou faz uma meia hora. Tive sorte de poder conseguir uma babá.

Babá? Seus olhos se desviaram para o volante onde tinha ambas as mãos. Não tinha anel de casamento, mas talvez tivesse noivo... embora que classe de homem deixaria que sua mulher fizesse o que ela fazia cada noite? Se fosse dele, Vin se prostituiria ele mesmo antes de permitir que ela o fizesse.

Merda... Como ia evitar a inevitável pergunta a respeito de qual era seu trabalho no clube?

—Escuta, se necessitar de um advogado, conheço alguns bons. —Bem, parecia que este era o dia para andar repartindo cartões de advogados.— Talvez devesse conseguir um antes de falar com a polícia, dado que você...

—Estarei bem. Trez não está preocupado, e eu não o estarei até que ele esteja.

Quando seus olhos saltaram de um lugar a outro, ele se deu conta que já tinha uma estratégia de saída, e não precisava ser Einstein para imaginar-se qual podia ser. Era evidente que, se as coisas ficavam muito feias, simplesmente desapareceria, e por alguma razão isso lhe assustava muitíssimo.

—Devo entrar —lhe disse, assinalando seu carro com a cabeça.— Me está bloqueando a entrada ao estacionamento.

—OH, sim. Claro. —Vacilou.

A pergunta que devia fazer lhe entupiu na garganta, obstruída pela convicção de não-é-nem-o-lugar-nem-o-momento e propulsada por um montão de e-se-não-quando?

—Tenho que ir. —Repetiu ela.

—O que lhe disse ontem à noite? No vestiário. Quando eu, já sabe... —quando ela empalideceu, quis golpear-se a si mesmo.— Quero dizer...

—Sinto muito, mas realmente tenho que ir.

Merda, não deveria ter trazido o tema a conversa.

Amaldiçoando em silêncio, deu um golpezinho com o punho sobre o teto do carro em sinal de despedida e se dirigiu para o seu. De volta no M6, pôs primeira, soltou a embreagem, e se deslizou fora do caminho, dando a volta lentamente ao tempo que ela estacionava de frente ao clube e saía do Camry.

O proprietário abriu a porta traseira enquanto ela se aproximava, e o tipo escrutinou o estacionamento, como se estivesse protegendo-a. Quando seus olhos chegaram ao M6, saudou-o com a cabeça, como se todo o tempo tivesse sido consciente de que Vin estava ali, e subitamente Vin sentiu uma pontada na têmpora, uma pressão que ia crescendo dentro de sua cabeça como se algo estivesse entrando a força nele. De repente, seus pensamentos se agitaram como se fossem um maço de cartas que tivesse sido empurrada para a superfície de uma mesa e tivessem voado em todas as direções, dispersando-se, algumas com a cara para cima, outras com a cara para baixo.

Do mesmo jeito que tinha começado, deteve-se, sua mente se endireitou e tudo, dos às aos curingas, voltou para seu lugar.

Enquanto fazia uma careta e esfregava a cabeça, Trez sorriu tensamente e lhe disse algo a Marie-Tereze, que provocou que ela olhasse o M6 por cima do ombro. Antes que os dois entrassem, ela levantou a mão e o saudou, logo a porta se fechou atrás deles.

Começou a chover e os limpadores de pára-brisa do Vin se ativaram automaticamente, percorrendo o vidro de cima abaixo, de cima abaixo.

Seu escritório corporativo não estava longe dali, só a cinco minutos de distância, e tinha muito trabalho que fazer ali: planos arquitetônicos que revisar. Solicitações de autorização que aprovar antes de ser remetidas. Oferta de compra e venda de terrenos e casas que deviam ser respondidas. Inspeções que devia delegar. Molestas lutas entre empreiteiros que apaziguar.

Muita merda que fazer.

Salvo que evidentemente preferia esperar ali, como um cão, até que ela saísse. Patético.

Vin partiu, deixando o Iron Mask e dirigindo-se para o arranha-céu que estava junto à beira do rio. O edifício no que tinha seus escritórios era um dos mais novos e mais altos de Caldwell, e quando chegou, deslizou seu cartão de acesso e entrou na garagem subterrânea. Depois de deixar o M6 no lugar que tinha atribuído, subiu no elevador e em seu caminho para cima passou por andares cheios de escrivadinhas de advogados, firmas contábeis e companhias de seguros de renome.

O elevador emitiu um sino ao chegar ao andar quarenta e quatro, as portas se abriram e Vin saiu e caminhou a passos longos para a recepção. No alto da parede de uma intensa cor negra que estava detrás da mesma, realizado em letras douradas e iluminadas por abaixo estava o nome de sua empresa: DIPIETRO GROUP.

Grupo. Que mentira era essa. Embora uns vinte empregados tivessem seus escritórios ali, e em suas lista de nomes todas as semanas passavam centenas de empreiteiros e trabalhadores, estava ele e só ele.

Com cada passo que dava para seu escritório sobre o suntuoso tapete negro, sentia-se mais forte. Este negócio era algo que conhecia bem e que controlava... tinha construído toda a endemoninhada coisa dos mesmos alicerces, da mesma forma em que construía suas casas, até que a corporação se converteu na melhor e a maior de todas.

Quando entrou em seu escritório, que abrangia um dos lados do edifício, acionou o interruptor da luz e todos os painéis Tigerwood especialmente selecionados brilharam como se fossem raios de sol. Em meio de seu escritório negro, sobre uma mesinha, havia um envelope de papel pardo de tamanho legal e pensou que, uma vez mais ficava comprovado que Tom Williams sempre trabalhava tanto como ele.

Vin se sentou e abriu o envelope, tirou uma folha dobrada com o plano, já estudado e aprovado, de fracionamento de terra para as três parcelas de aproximadamente cem acres cada uma que acabava de comprar. O projeto que unificava as distintas granjas ia ser uma obra prima, cento e cinquenta casas de luxo construídas no que agora era uma pradaria selvagem em Connecticut. O objetivo era atrair às pessoas de Stanford que costumavam viajar grandes distâncias diariamente, e estavam dispostas a conduzir durante quarenta e cinco minutos para chegar ao trabalho com tal de poder viver ao estilo dos ricos e influentes de Greenwich.

Ele começou a demolição e a construção assim que as ofertas dos empreiteiros estivessem onde ele as desejava. A terra era perfeitamente sólida com um nível freático baixo, o que significava que os proprietários não iam ter que preocupar-se de que as adegas que instalassem em seus porões recebessem um banho todas as primaveras, e ia instalar um sistema subterrâneo unificado de encanamentos de água, eletricidade e esgotos. O primeiro passo, como tinha ocorrido com sua propriedade da península, seria demolir todas as granjas antigas e os celeiros, mas tinha decidido conservar as paredes de rocha que as cercavam para conservar algo de seu estilo nativo... sempre e quando não estorvassem seus planos.

Sentia-se bem com tudo isso, especialmente com o preço que tinha obtido em tudo. Era uma época difícil e suas ofertas eram mais que justas. Além disso, tinha mandado Tom negociar com as imobiliárias locais, e isso significava que esses pobres idiotas não tinham tido nem a mais

remota possibilidade.

Tom era seu assassino com cara de bebê. O tipo tinha um Master em Gestão de Empresas de Harvard, uma tendência à maldade... e o aspecto de um menino de doze anos. O Doce-como-o-bolo-de-maçã Tom não tinha problemas para interpretar o papel de um conservador ambiental nem tampouco em fazer compromissos verbais impraticáveis para preservar a terra que de fato ia ser urbanizada.

Bom, agora não tinha problemas. A princípio, Vin tinha tido que adestrá-lo para isso, mas assim que o dinheiro começou a entrar realmente, o tipo se adaptou ao programa e o havia feito com esmero.

Faziam o ato do cão e o cavalo tantas vezes juntos, que era virtualmente algo mecânico, Tom acudia e persuadia aos possíveis clientes com seu encanto de ecologista radical enquanto que Vin dirigia e fazia funcionar a parte do dinheiro, a obtenção das permissões e as contratações. Essa precisamente tinha sido a forma em que tinham obtido a propriedade do Rio Hudson, esse quarteto de antigas cabanas de caça proporcionaram os dez acres sobre os quais ele ia situar sua magnífica casa.

No que se referia a seu palácio poderia havê-lo construído em qualquer parte, mas escolheu essa península devido à regra de ouro em bens raízes: localização, localização, localização. A menos que um terremoto apagasse a Califórnia da costa oeste, ou que todas as capas polares do Alaska se derretessem, não conseguiria algo mais próximo ao mar, e sempre devia ter em conta a revenda.

Seguro como a merda que em alguns anos, ia desejar algo maior e melhor que o que estava construindo nesse momento e esse era outro assunto no qual estava lecionando a cara-de-bebê Tom: ele era o que ia comprar-lhe o duplex do Commodore.

Não havia nada melhor que adestrar à nova geração.

Vin levantou o telefone e chamou seu primeiro-tenente, preparado para fazer avançar a bola ainda mais longe no projeto de Connecticut.

* * * *

—Obrigado, madame. Acredito que isso é tudo por agora.

Marie-Terese franziu o cenho e olhou Trez, que estava sentado junto a ela em uma das poltronas de veludo do clube. Quando descruzou as pernas como se estivesse a ponto de levantar-se, pareceu não lhe surpreender absolutamente o pouco tempo que tinha durado o interrogatório... quase como se tivesse lecionado à polícia para que o fizesse breve e amável.

Voltou a olhar à polícia.

—Já está?

O oficial fechou sua caderneta de anotações e esfregou as têmporas como se lhe doessem.

—O Detetive da Cruz está a cargo da investigação e pode que logo lhe formule mais perguntas, mas você não é suspeita de nada. —Saudou o Trez com a cabeça.— Obrigado por cooperar.

Trez sorriu um pouco.

—Lamento que as câmaras de segurança não tenham estado funcionando. Como disse, faz meses que tenho intenção de repará-las. A propósito tenho o relatório de erro que me agradará lhe mostrar se assim o desejar.

—Bom, darei uma olhada, mas... —o homem esfregou o olho esquerdo.— Mas como você mesmo disse, não tem nada que esconder.

—Absolutamente nada. Permita-me acompanhá-lo à porta e logo passaremos a meu escritório.

—Certo. Espero-o aqui.

Quando Marie-Tereze e Trez se afastaram, de caminho para o corredor traseiro, lhe disse em voz baixa:

—Não posso acreditar que não tenham ido mais longe com este assunto. Nem sequer sei para que me fizeram vir.

Trez abriu a porta traseira e lhe pôs uma mão no ombro.

—Eu disse que me encarregaria de tudo.

—E realmente o fez. —Seus olhos percorreram o estacionamento e vacilou na porta.

— Então viu que Vin passou por aqui.

—Esse é seu nome?

—Esse é o que me deu.

—Fica nervosa.

Em muitos aspectos.

—Não acredita que ele e seu amigo...

—Mataram a esses tipos? Não.

—Como pode estar seguro? —disse tirando as chaves da bolsa.— Me refiro a que não os conhece. Podem ter ido atrás e...

Salvo que inclusive enquanto pronunciava as palavras não podia acreditar: não podia imaginar que Vin e seu amigo fossem o assassino ou os assassinos. Brigaram com esses meninos, sim, mas o haviam feito para protegê-la e se detiveram antes de machucá-los seriamente. Além disso, justo depois Vin tinha estado com ela no vestiário.

Embora só Deus sabia quando exatamente tinha ocorrido o tiroteio.

Trez se inclinou para ela e lhe acariciou gentilmente a bochecha.

—Detenha. Não deve preocupar-se pelo Vin nem por seu amigo. Sei receber as pessoas, e sempre tenho razão.

Ela franziu o cenho.

—Não acredito que essas câmeras de segurança estejam quebradas. Nunca tolerou esse tipo de...

—Esses dois tipos lhe cuidaram quando eu não estava. Por isso eu cuido deles. —Trez a rodeou com um braço e a acompanhou a seu carro.— Se ver seu Vin outra vez, lhe diga que não se preocupe com nada. Eu lhe guardo as costas.

Marie-Tereze piscou ante a luz do sol.

—Ele não é meu.

—É obvio que não.

Elevou a vista para olhar fixamente ao Trez.

—Como pode estar tão seguro...

—Deixa de preocupar-se e confia em mim. Quando se trata de você, o coração desse homem deixa de ser escuro.

Depois de tudo o que tinha passado, Marie-Tereze tinha aprendido a não confiar no que lhe diziam. O que sim escutava era o alarme de segurança que tinha no centro do peito... nesse momento ao olhar Trez nos olhos, seu alarme de advertência interior estava absolutamente mudo: sabia muito bem do que estava falando. Não tinha idéia de como sabia, mas Trez tinha formas, assim diziam... formas de inteirar-se das coisas, de arrumar problemas e de encarregar-se dos negócios.

De modo que sim, a polícia não veria nada que ele não quisesse que vissem. E Vin não tinha matado esses dois meninos.

Infelizmente essas convicções a aliviava somente em parte. Ele vem atrás de você...

Trez abriu a porta e logo lhe entregou as chaves.

—Quero que tome a noite livre. Este assunto é difícil.

Ela entrou, mas antes de ligar o motor olhou para cima e expressou com palavras seu maior temor.

—Trez, e se esses crimes tivessem algo que ver comigo? O que aconteceria se alguém os tivesse visto comigo, outra pessoa além do Vin? E se... tivessem-lhes disparado por minha causa?

Os olhos de seu chefe a perfuraram, como se soubesse cada uma das coisas que nunca lhe tinha contado.

—E que pessoa relacionada contigo faria algo assim?

Ele vem atrás de você.

Deus, Trez sabia do Mark. Devia sabê-lo. E ainda assim Marie-Tereze se obrigou a dizer:

—Ninguém. Não conheço ninguém capaz de fazer algo assim.

Trez entreceitou os olhos como se não gostasse de nada que lhe mentisse, mas estava disposto a respeitá-la.

—Bom, se você decidir responder de maneira diferente, poderia vir a mim para que te ajudasse. E ainda se decidisse ir embora da cidade, quereria saber se esse é o motivo.

—De acordo —se ouviu dizer a si mesmo.

—Bem.

—Mas esta noite estarei aqui às dez. —Puxou o cinto de segurança e o cruzou sobre seu peito.— Preciso trabalhar.

—Não vou discutir contigo, mas não estou de acordo. Só recorda, se vir seu Vin lhe diga que lhe tenho coberto as costas.

—Ele não é meu.

—Correto. Conduz com cuidado.

Marie-Tereze fechou a porta, forçou ao Camry a arrancar, e deu a volta. Quando saiu à rua

Trade, pôs a mão no bolso de seu casaco.

O cartão do Vin DiPietro estava exatamente no mesmo lugar em que o tinha posto depois de havê-lo encontrado escondida em sua bolsa de lona, e enquanto lia seus dados, pensou no aspecto que tinha essa manhã com o rosto golpeado e seus olhos inteligentes, cheios de preocupação.

Pareceu-lhe estranho dar-se conta que lhe atemorizava o que podia saber, e não quem podia ser.

O assunto era, que ela era uma garota tipo Scully, que não acreditava nessas coisas tipo Arquivo X. Não acreditava em horóscopos, muito menos... muitíssimo menos no que fora que podia converter a um homem em alguma espécie de canal para... si, para o que fora. Não acreditava nisso.

Ao menos, não costumava fazê-lo.

O problema era que depois de ter passado a maior parte da noite repetindo mentalmente a cena que tinha tido lugar no vestiário quando estava com ele, perguntava-se se era possível que algo no qual não acreditava pudesse, de fato, ser real: durante o transe ele tinha estado aterrorizado, e a menos que hoje, mais cedo, tivesse realizado uma atuação merecedora do Oscar, verdadeiramente parecia não ter idéia do que lhe havia dito e honestamente estava preocupado pelo que pudesse significar.

Tirando o celular de sua bolsa, marcou o número impresso no canto inferior de seu cartão, aquele que não tinha fax escrito ao lado. Não obstante quando começou a soar, recordou que era sábado, e se esse era o telefone de seu escritório, ia responder uma gravação. Que mensagem poderia deixar?

Olá, sou a prostituta que o Sr. diPietro ajudou ontem à noite e estou chamando para lhe assegurar que meu cafetão se ocupará de tudo. Não deve preocupar-se por esses dois cadáveres que apareceram no beco.

Perfeito. Justo o tipo de notinha post-it que ele ia querer que sua secretária lhe desce em seu escritório. Apartou o telefone de sua orelha e pôs o polegar sobre o botão de “finalizar chamada”...

—Olá? —ouviu-se uma voz de homem.

Gesticulou para levar o celular de volta à orelha.

—Olá? Ah... estou procurando o Sr...

—Marie-Terese?

OH, essa voz profunda era perigosa. Cativada por seu som, quase diz: Não, sou Gretchen.

—Ah, sim. Lamento te incomodar, mas...

—Não, alegre-me que chamasse. Aconteceu alguma coisa errada?

Ela franziu o cenho e acendeu o pisca alerta.

—Bom, não. Só queria que soubesse...

—Onde está? Ainda no clube?

—Acabo de sair dali.

—Já tomou o café da manhã?

—Não. —OH, Deus.

—Conhece o Riverside Diner?

—Sim.

—Vemo-nos ali em cinco minutos.

Jogou uma olhada ao relógio do painel. Supunha-se que a babá estaria em sua casa até o meio-dia, assim tinha tempo mais que suficiente, mas não podia evitar perguntar-se que classe de porta estava abrindo. Grande parte dela desejava fugir do Vin porque era muito charmoso e muito de seu tipo e ela seria uma idiota se não aprendia de seus enganos do passado.

Mas então se recordou a si mesmo que podia fugir. Imediatamente. Demônios, de todas as formas estava a ponto de desaparecer completamente de Caldwell.

Ele vem atrás de você.

Recordar as palavras que ele havia dito lhe serviu de estímulo para reunir-se com ele. Deixando de lado a preocupação que lhe causava o fato de sentir-se atraída por ele, desejava saber o que tinha visto e por que havia dito isso.

—Bem, verei-te ali. —Terminou a chamada, trocou o pisca alerta para o outro lado, e se encaminhou para um dos sinais que diziam Caldwell.

O Riverside Diner estava a só três quilômetros de distância e tão perto da ribeira do rio Hudson, que a única forma de estar mais perto seria se os reservados estivessem ancorados a bóias e flutuando sobre a corrente. O vagão de refeição tinha sido fixado sobre paralelepípedos nos anos cinqüenta, antes que regessem as leis da EPA²⁹, e ainda era todo original, dos bancos giratórios Naugahyde, passando pelo balcão de fórmica, as extensões das máquina de discos em todas as mesas e a fonte de sodas da qual a garçonete ainda servia as coca-colas aos clientes.

Já havia ido ali antes, com Robbie. Ele gostava do bolo.

Viu o Vin diPietro nem bem entrou. Estava sentado no último reservado da esquerda de frente à porta. Quando seus olhos se encontraram, ficou de pé.

Ainda com o olho arroxeadado, a marca na bochecha e o inchaço do lábio inferior, seguia sendo aturdidamente sexy.

Homem... enquanto se aproximava, desejou poder sentir-se atraída por contadores, pedólogos ou jogadores de xadrez. Possivelmente inclusive floristas.

—Olá —lhe disse enquanto se sentava.

Sobre a mesa havia dois menus, dois jogos de talheres de aço inoxidável sobre guardanapos de papel e um par de grossos jarros de cerâmica.

Tudo resultava prático, acolhedor e bonito. E Vin com seu suéter de caxemira negra e a jaqueta cor caramelo, tinha o aspecto de alguém que deveria estar em um café elegante, em vez dali.

—Olá. —Respondeu baixando lentamente até seu assento, com os olhos fixos nos dela.— Café?

—Por favor.

Levantou a mão e se aproximou uma garçonete com um avental vermelho e um uniforme

²⁹ EPA Environmental Protection Agency : Agencia de Proteção ao Meio ambiente

vermelho e branco.

—Dois cafés, obrigado.

Quando a mulher se foi em busca da jarra, Vin deu leves golpes com o dedo sobre seu menu vermelho e branco.

—Espero que tenha fome.

Marie-Tereze abriu o seu e examinou as opções, pensando que cada uma delas era apropriada para um piquenique de quatro de julho. Bom, talvez não todas as opções do café da manhã, mas este era o tipo de lugar onde a palavra salada sempre tinha algum modificador como frango, batatas, ovos ou macarrão e a alface se utilizava só em sanduiches.

De fato era magnífico.

—Vê algo que você goste? —perguntou Vin.

Não aproveitou a oportunidade de olhá-lo.

—Geralmente não costumo comer muito. Acredito que por agora ficarei somente com o café.

Retornou a garçonne e serviu o café.

—Já decidiram o que vão comer?

—Seguro que não quer tomar o café da manhã? —perguntou a Marie-Tereze. Quando ela assentiu, tomou ambos os menus e os entregou à outra mulher.

—Quero panquecas. Sem manteiga.

—Hash browns³⁰?

—Não obrigado. Com panquecas é suficiente.

Quando a garçonne se encaminhou para a cozinha, Marie-Tereze esboçou um sorriso.

—Quer? —perguntou enquanto lhe oferecia o açúcar.

—Não, obrigado, tomo puro. E sorrio porque meu filho... também gosta dos panquecas. Eu sempre as preparo.

—Que idade tem? —a colher do Vin fez um som metálico quando começou a removê-la.

Embora a pergunta foi casual, a forma em que esperou a resposta não tinha nada de fortuita.

—Sete. —Jogou uma olhada ao dedo sem anel.— Tem filhos?

—Não. —Tomou um gole tentativo e suspirou como se lhe parecesse perfeito.— Nunca me casei e não tenho filhos.

Houve uma pausa como se estivesse esperando a que ela fizesse uma essência pró quo³¹ com a informação.

Ela levantou sua taça.

—A razão pela qual te chamei é que meu chefe... queria que te fizesse saber que está se encarregando de tudo... —vacilou.— Já sabe, a respeito do que as câmaras de segurança possam ter gravado ontem à noite e... esse tipo de coisas.

Embora lhe preocupava que pudesse não gostar que alguém obstruía a justiça por ele, Vin

³⁰ Hash browns ou hashed browns ou tortinhas de batatas fritas

³¹ Essência pró quo vem do latim e significa um intercâmbio recíproco

simplesmente assentiu uma vez, como se fora o tipo de homem que se encarregava das coisas da mesma forma em que Trez tinha feito.

—Diga que agradeço.

—Farei-o.

No silêncio que seguiu, Vin percorreu a grossa aba de sua taça com o polegar.

—Escuta, ontem à noite não fiz nada a esses dois meninos. Bom, além do que me viu fazer. Eu não os matei.

—Isso foi o que disse Trez. —Tomou um gole e teve que coincidir com ele: o café era soberbo.— E quando falei com a polícia não disse nada a respeito de você ou seu amigo. Não mencionei a briga.

Vin franziu o cenho.

—O que lhes disse?

—Só que os dois tipos tinham estado me acoissando. Que Trez falou com eles, e que quando isso não funcionou, os escoltou até a saída do clube. Resultou ser que isso foi o que sustentaram as outras duas testemunhas que se apresentaram assim que tudo coincidiu.

—Por que mentiu por mim? —disse em voz muito baixa.

Para evitar seus olhos, Marie-Terese olhou através da janela que estava junto a eles. O rio, que parecia estar o suficientemente perto para tocá-lo, corria lento e opaco, reforçado pela chuva que tinha caído os primeiros dias dessa semana.

—Por que Marie-Terese ?

Tomou um grande gole de sua taça e sentiu o café enfraquecer seu caminho para baixo até o estômago.

—Pela mesma razão que o fez Trez. Porque me protegeu.

—Isso é perigoso. Dada sua linha de trabalho.

Ela deu de ombros.

—Não me preocupa.

Pela extremidade do olho, viu que Vin esfregava o rosto e fazia uma careta como se lhe doessem os machucados.

—É somente que não quero que te arrisque a ter mais problemas por minha culpa.

Marie-Terese ocultou um sorriso. Era gracioso como quando um homem te dizia certas coisas podia te fazer sentir calor por todo o corpo... não porque fossem de índole sexual, mas sim por que foram mais à frente do mínimo comum denominador e entravam em um terreno mais importante, mais significativo.

Lutando contra a atração que exercia sobre ela sua voz, seus olhos e sua rotina de salvador, disse-lhe:

—Lamento ter saído tão rápido ontem à noite. Já sabe, do vestiário. É só que estava... impressionada.

—Sim... —disse, exalando com uma maldição.— E me desculpo por ter atuado tão demencialmente...

—OH, não, está bem. Não... não parecia que tivesse muito controle sobre isso.

—Melhor digamos que nenhum. —Houve outra larga pausa.— Odeio tirar o tema a colação outra vez, mas o que foi que lhe disse?

—Não sabe?

Ele negou com a cabeça.

—Foi algum tipo de ataque?

Seu tom de voz se fez tenso.

—Suponho que poderia chamá-lo assim. Então... o que lhe disse?

Ele vem atrás de você...

—O que foi que disse? —Vin estendeu a mão por cima da mesa e a apoiou levemente em seu braço.— Diga-me isso por favor.

Ela ficou olhando fixamente o lugar onde a estava tocando, e pensou... que sim, que às vezes nem sequer fazia falta que um homem falasse para que te contribuísse com calidez... mas sim só a sensação da palma de sua mão apoiada sobre seu pulso era suficiente para te esquentar o corpo inteiro.

—Suas panquecas —disse a garçonete, rompendo o encanto. Quando ambos se endireitaram em seus assentos, a mulher pôs um prato e uma jarra de aço inoxidável com tampa retrátil sobre a mesa.— Mais café?

Marie-Terese olhou sua taça meio vazia.

—Para mim sim, por favor.

Vin se entreteve com a calda de açúcar, derramando um fino fio ambarino sobre três partes douradas e gordas.

—Os meus não são tão altos —disse Marie-Terese—. Quando os faço... não ficam tão dourados nem tão grossos.

Vin deixou que a tampa da jarra de calda de açúcar se fechasse sozinha, levantou seu garfo, e cortou através da pilha, tirando o garfo cheio.

—Estou seguro de que seu filho não se queixa.

—Não... não o faz. —Pensar no Robbie fez que lhe inflamasse o peito, assim tratou de não recordar a expressão de amor e assombro com que a olhava quando fazia girar essas panquecas caseiras no ar para ele.

A garçonete retornou com sua jarra de café e logo depois de servir se foi. Vin disse:

—Realmente espero que responda minha pergunta.

Sem saber por que, seguiu pensando no Robbie. Era um inocente que ela tinha terminado arrastando às penúrias de uma vida dura obrigado, em primeiro lugar, ao mau marido que tinha eleito e em segundo à forma em que tinha escolhido para arrumar o desastre financeiro em que se encontrava. Vin não era distinto. Quão último precisava era ser absorvido pelo buraco negro do que ela estava tratando de sair... e já tinha provado que tinha um complexo de ir-ao-resgate. Ao menos a respeito dela.

—Eram somente tolices —murmurou.— O que disse, eram tolices.

—Então se não eram importantes, não há razão para que me oculte isso.

Voltou a olhar o rio através da janela... e fez provisão de todas suas forças.

—Disse, “Pedra, papel ou tesoura”. —Quando os olhos dele se dispararam para fixar-se em seu rosto, forçou-se a si mesma a lhe encontrar o olhar e mentir.— Não tenho idéia do que significa. Para ser honesta, o que me pôs mais nervosa foi seu aspecto não o que disse.

Vin cravou o olhar na dela.

—Marie-Tereze... tenho um histórico desse tipo de coisas.

—Um histórico como?

Ele seguiu comendo, como se precisasse fazer algo para cortar a tensão.

—No passado, as vezes fiquei nesse estado e disse coisas... se converteram em realidade. Assim se está ocultando o que fora que disse para preservar sua intimidade, entendo-o. Mas te peço encarecidamente que tome muito a sério.

Apertou a taça com as mãos frias.

—Como se fosse uma espécie de adivinho?

—O tipo de trabalho que realiza é perigoso. Deve ser cuidadosa.

—Sempre sou cuidadosa.

—Bem.

Houve outro longo período de silêncio, durante o qual ela permaneceu olhando fixamente sua taça de café e ele se enfocou na comida.

Era bastante fácil adivinhar que o assunto do “cuidado” não se tratava somente de ser perseguida por idiotas. Tratava dos outros aspectos de seu trabalho.

—Sei o que te está perguntando —disse baixo .— Em primeiro lugar como posso fazê-lo e em segundo por que não deixo de fazê-lo.

Quando finalmente ele falou, sua voz foi baixa e respeitosa, como se não a estivesse julgando.

—Não te conheço, mas não me parece que seja... bom, como algumas dessas outras mulheres do clube. Assim imagino que deve ter havido passado algo condenadamente mau para que esteja nessa linha de trabalho.

Marie-Tereze voltou a olhar pela janela e observou um ramo passar flutuando.

—Não sou como a maioria de minhas colegas. E será melhor que o deixemos aí.

—Está bem.

—A mulher de ontem à noite era sua noiva?

Ele franziu o cenho e levou a taça aos lábios. Depois de tomar um grande gole, arqueou uma sobrancelha.

—Assim que você pode guardar segredos mas eu não?

Ela deu de ombros e pensou que deveria aprender a manter a maldita boca fechada.

—Tem razão. Não é justo.

—Sim, é minha noiva. Ao menos... bom, ontem à noite o era.

Marie-Tereze na verdade se mordeu o lábio para não pressioná-lo inquirindo pelos detalhes. Teriam terminado? E se era assim por que motivo?

Vin voltou para sua comida, mas seus amplos ombros não se relaxaram.

—Posso dizer algo que não deveria?

Ela se esticou quando ele levantou a vista para ela.

—Bom.

—Ontem à noite tive uma fantasia contigo.

Marie-Tereze baixou lentamente a taça. Sim, bem... e havia certas coisas que um homem podia dizer que ficavam mais ardente que o inferno. E alguns olhares que eram tão tangíveis como contatos. E ambos de uma vez, vindo do homem que tinha em frente...

Com uma corrente puxando seu corpo respondeu, as pontas de seus seios fizeram cócegas, suas coxas se esticaram, seu sangue se disparou... e o efeito a impressionou. Tinha passado tanto tempo —uma eternidade em realidade— desde que havia sentido uma coisa remotamente sexual por um homem. E ainda assim aqui estava ela neste vagão restaurante, sentada frente a um enorme “maneiro” vestido com um suéter de caxemira, experimentando realmente algo que todas as noites fingia sentir com estranhos.

Piscou rapidamente.

—Merda, não deveria haver dito nada —murmurou ele.

—OH, não é por você. Sério. —Era sua vida.— E não me incomoda.

—Não?

—Não. —Sua voz foi um pouquinho muito grave.

—Bom, não foi correto.

Deteve-lhe o coração no peito. Bom, esse pequeno comentário resultava melhor que um galão de gelo para livrar-se de seus quentes comichões.

—Bom, se sentir culpado —lhe disse bruscamente.— Acredito que está confessando com a mulher equivocada.

Talvez esse era o motivo pelo que estava passando um mau momento com sua noiva.

Salvo que Vin negou com a cabeça.

—Não foi correto porque imaginei que te pagava e eu não gostei nada como me senti.

Marie-Tereze deixou a taça sobre a mesa.

—E por que foi isso?

Embora já sabia a resposta: porque alguém como ele nunca poderia estar com alguém como ela.

Quando Vin abriu a boca, ela levantou a mão e ao mesmo tempo pegou sua bolsa.

—Em realidade, já sei. E penso que será melhor que vá...

—Porque se estivesse contigo, eu gostaria que me escolhesse. —Elevou os olhos para os dela e lhe sustentou o olhar.— Desejaria que decidisse fazê-lo. Não que estivesse comigo porque te paguei para isso. Desejaria que você... me desejasse e quera estar comigo.

Marie-Tereze ficou congelada com meio corpo fora do reservado.

Ele continuou falando brandamente.

—E queria que desfrutasse tanto como eu sei que o farei.

Depois de um longo momento, Marie-Tereze voltou a deslizar-se em seu assento. Levantando sua taça novamente, trago com força e se ouviu a si mesmo falando... embora não foi até depois de terminar de falar que se deu conta do que havia dito:

—Você gosta das ruivas?
Ele franziu o cenho levemente e deu de ombros.
—Sim. Claro. Por quê?
—Por nada —murmurou detrás de seu café.

Capítulo 18

Uma encruzilhada significava ir para a esquerda ou para a direita, pensava Jim enquanto estava convexo sobre o chão da garagem, com uma chave inglesa na mão.

Quando chegava a uma encruzilhada, por definição, devia escolher um rumo, porque seguir direito pelo caminho pelo que vinha já não era uma opção: subia-te à auto-estrada ou permanecia na estrada. Quando chegava à linha dedilhada, passava ao carro que tinha diante ou permanecia detrás dele para te manter a salvo. Via uma luz alaranjada e acelerava para passar ou começava a diminuir.

Algumas destas decisões não eram importantes. Outras, embora você não fosse consciente disso, punham-lhe na trajetória de um condutor ébrio ou lhe mantinham fora de seu caminho.

No caso do Vin, esse anel que estava demorando para dar era o equivalente a um giro à direita, que o separaria do caminho de um caminhão de dezoito rodas que estava a ponto de escorregar sobre uma placa de gelo negro: pelo que fizesse o tipo agora dependeria todo o resto de sua vida e tinha que acender esse intermitente e subir à nova rota já. Ao filho da puta lhe estava esgotando o tempo a respeito de sua mulher e devia apertar o gatilho com essa pergunta fundamental antes que ela...

—Merda!

Jim deixou cair a chave inglesa que tinha escorregado e sacudiu a mão. Tomando tudo em consideração, provavelmente deveria prestar um pouquinho mais de atenção ao que estava fazendo; assumindo que desejasse manter seus nódulos onde estavam. O problema era que estava absorto com todo o assunto do Vin.

Que demônios fazia com o tipo agora? Como o motivava para que pedisse a mão dessa mulher em matrimônio?

Em sua antiga vida, a resposta teria sido singela: limitou-se a pôr uma pistola na cabeça do Vin e arrastaria o miserável bastardo até o altar. Agora? Devia ser um pouquinho mais civilizado.

Sentando-se sobre o frio chão de concreto, Jim olhou furioso a fodida moto com a que tinha estado trabalhando desde que aterrissou de volta nos Estados Unidos. Não tinha funcionado naquela época e seguia sem fazê-lo agora, e a julgar pelo descuidado trabalho de reabilitação que havia feito essa manhã, no futuro não requereria viseira. Cristo, não tinha nem idéia de por que a tinha comprado. Sonhos de liberdade, talvez. Ou era isso ou que, como a qualquer tipo com um par de Pelotas bem postas, gostava das Harleys.

Cão levantou a vista do emplastro de sol onde tinha estado dormitando, e endireitou suas

orelhas lanosas.

Jim chupou o nódulo que se esfolou.

—Lamento ter amaldiçoado.

A Cão não pareceu lhe preocupar e voltou a pôr a cabeça sobre as patas dianteiras, com as espessas sobrelhas levantadas como se estivesse preparado para seguir escutando, já fora que se tratasse de maldições ou de alguma outra coisa que um tipo pudesse comentar em companhia mista.

—Encruzilhadas, Cão. Sabe o que significa isso? Que tem a oportunidade de escolher. —Jim voltou a levantar a ferramenta e fez uma nova tentativa com uma porca que estava tão engastada em óleo velho, que nem sequer podia estar seguro de que fora hexagonal.— Dão-lhe a oportunidade de escolher.

Pensou em Devina olhando-o do assento do condutor desse elegante BMW: estive esperando que se animasse, que confiasse em mim e me amasse, mas não ocorreu, e estou perdendo as forças para agüentar, Jim, realmente as estou perdendo.

Logo pensou na forma em que diPietro tinha olhado à prostituta de cabelo escuro.

Sim, era uma encruzilhada, sem lugar a dúvidas. O problema era que diPietro, o fodido idiota, tinha chegado ao poste indicador e em vez de ir para a direita, que era para onde apontavam as flechas de “Vila Felicidade” estava apontando para trabalha-até-morer-joven-e-não-ser-chorado-por-nada-salvo-sua-metrópole-de-contadores.

Jim esperava que o fato de haver falado a Devina do anel, tivesse comprado um pouco de tempo, mas quanto tempo seria?

Merda, em certos aspectos, seu último trabalho tinha sido mais fácil, porque tinha muito mais controle: conseguir pôr ao alvo na mira, abater ao bastardo, ir-se.

Entretanto fazer que Vin se desse conta de algo que era tão óbvio... era muito mais difícil. Além disso, antes Jim tinha contado com treinamento e apoio. Agora? Nada.

O ruído de duas Harleys fez que voltasse a cabeça. Cão também se voltou.

As duas motos subiram pelo caminho de cascalho até a garagem, e Jim invejou aos filhos da puta que aferravam esses guidões. Os veículos do Adrian e Eddie brilhavam, os pára-lamas e os condutos cromados apanhavam a luz do sol e cintilavam como se as Harleys soubessem que eram muito atraentes e que as condenassem se fossem ocultar seu orgulho.

—Necessita ajuda com seu Hog³²? —perguntou Adrian enquanto tirava de uma patada o pé do suporte e desmontava.

— Onde está seu capacete? —Jim apoiou os braços sobre seus joelhos.— Nova Iorque tem uma lei.

—Nova Iorque tem um montão de leis. —As botas do Adrian rangeram sobre o caminho de entrada, logo pisaram com força o concreto ao aproximar-se para lhe jogar uma olhada ao trabalho de bricolagem do Jim.— Tio onde encontrou essa coisa? Em um esgoto?

—Não. Obtive-a em um parque de sucata.

—OH, bem. Isso é um pouco melhor. Cometi um equívoco.

³² Hog slang que significa moto Harley Davidson

Os homens foram bons com Cão, aplaudindo-o quando passava entre eles maneando a cauda. E a boa notícia era que parecia que hoje sua claudicação estava um pouco melhor, mas de todas as formas Jim o levaria ao veterinário na segunda-feira. Já tinha deixado mensagens em três lugares diferentes e o que os recebesse primeiro ganharia.

Eddie, que estava fazendo a rotina de carícias e arrulhos levantou a vista para sacudir a cabeça em direção à moto.

—Acredito que para isto é necessária mais de uma pessoa.

Jim se esfregou o queixo.

—Não, comigo basta.

Os três, Adrian, Eddie e Cão o olharam com idênticas expressões de dúvida...

Jim baixou lentamente a mão, e sentiu que lhe esticava a nuca, como se lhe tivessem apoiado a palma de uma mão gelada.

Nenhum deles tinha sombra. Enquanto permaneciam iluminados pela brilhante luz do sol a suas costas, em meio das largas, magras e escuras sombras dos ramos nus das árvores que havia ao redor da garagem, era como se os tivessem agregado com o Photoshop...na paisagem, sem pertencer a ele.

—Conhecem ...um tipo inglês chamado Nigel? —Assim que as palavras deixaram seus lábios, Jim soube a resposta.

Adrian esboçou um pequeno sorriso.

—Parecemos a classe de pessoas que andariam em companhia de um britânico?

Jim franziu o cenho.

—Como souberam onde vivia?

—Chuck nos disse isso.

—Ele lhes disse que meu aniversário era à noite da quinta-feira? —Jim se levantou lentamente— Lhes disse isso também? Porque eu não o fiz, e ontem vocês sabiam por que você me perguntou se havia feito um presente de aniversário a mim mesmo.

—Fiz-o? —Adrian encolheu seus grandes ombros.— Suponho que foi um tiro afortunado. E alguma vez respondeu a pergunta que te fiz, ou não?

Enquanto os dois se encaravam, cara a cara, Adrian sacudiu a cabeça com singular tristeza.

—Atirou neles. Esteve no clube.

—Parece desiludido —disse Jim arrastando as palavras.— O que é difícil de acreditar, considerando que foi você o que me assinalou isso em primeiro lugar.

Eddie se interpôs entre eles.

—Tranqüilos, moços. Aqui somos todos da mesma equipe.

—Equipe? —Jim olhou fixamente ao outro tipo.— Não sabia que estávamos em uma equipe.

Adrian soltou uma risada tensa e os piercings da sobrancelha e do lábio inferior refletiram a luz.

—Não somos, mas Eddie é um pacificador natural. Diria algo com tal de acalmar às pessoas, não é verdade?

Eddie ficou em silêncio e permaneceu exatamente onde estava. Como se estivesse preparado para intervir fisicamente se chegava a esse extremo.

Jim enfrentou o olhar do Adrian.

—Britânico. Nigel. Anda em companhia de outros três efeminados e um cão do tamanho de um burro. Conhece-os ou não?

—Já respondi essa pergunta.

—Onde está sua sombra? Está de pé sob o sol e não projeta absolutamente nada.

Adrian assinalou o chão.

—É esta uma pergunta com armadilha?

Jim olhou para baixo e franziu o cenho. Ali sobre o concreto estava o reflexo dos largos ombros e dos magros quadris do Adrian. Assim como também o do enorme corpo do Eddie. E o da cabeça lanosa de Cão. Jim amaldiçoou e murmurou:

—Necessito um fodido trago.

—Quer que te proveja de cerveja? —perguntou Adrian.— Em algum lugar do mundo são cinco da tarde.

—Como na Inglaterra —interveio Eddie.

Quando Ad o olhou furioso, deu de ombros:

—E na Escócia. Gales. Irlanda...

—Cerveja, Jim?

Jim negou com a cabeça e voltou a plantar o traseiro no chão, imaginando que seu cérebro não estava funcionando bem, e não estava disposto a arriscar-se a que seus joelhos decidissem adotar essa mesma moda. Enquanto olhava as duas Harleys que havia em sua entrada, deu-se conta que estava de um humor bastante mau e evidentemente paranóico. E nenhum dos dois estados era algo novo.

Infelizmente, a cerveja era a única resposta a curto prazo. E os transplantes de cérebro ainda tinham que ser passados pela FDA³³.

—Existe a possibilidade de que saiba dirigir uma chave de porcas? —perguntou ao Adrian.

—Sim.

O tipo tirou a jaqueta de couro e fez ranger os nódulos.

—E não tenho nada melhor que fazer que pôr a este pedaço de sucata de volta nas estradas.

* * * * Tiamat-World*****

Enquanto Vin contemplava a Marie-Terese através da mesa, a luz do dia que se filtrava através da janela do vagão restaurante caía em cascata sobre ela transformando-a em uma visão, os ecos da qual vibravam no fundo de sua mente. De onde a conhecia? Voltou a pensar. Onde a

³³ O FDA (**Food and Drug Administration**) é o órgão governamental dos Estados Unidos da América que faz o controle dos alimentos (tanto humano como animal), suplementos alimentares, medicamentos (humano e animal), cosméticos, equipamentos médicos, materiais biológicos e produtos derivados do sangue humano.

tinha visto antes? Deus, desejava acariciar seu cabelo.

Vin cravou com o garfo o último bocado de suas panquecas, e se perguntou por que lhe teria perguntado se gostava das ruivas. Logo o recordou.

—O cabelo ruivo eu não gosto tanto se é para estar com a Gina, se for isso o que quer saber.

—Não? Ela é formosa.

—Para alguns... é provável. Olhe, não sou o tipo de homem que...

A garçonete se aproximou da mesa.

—Mais café? Ou desejam a con...

—... que anda com outras mulheres.

Marie-Terese piscou e também a garçonete.

Merda.

—O que quero dizer é que... —detendo-se, Vin elevou a vista para a outra mulher, que parecia decidida a ficar ali.— Vai servir? Ou o que?

—A mim... ah, viria-me bem um pouco mais de café —disse Marie-Terese, levantando a taça.— Por favor.

A garçonete a encheu devagar, olhando de um a outro como se esperasse ouvir o resto da história. Quando a taça de Marie-Terese esteve cheia, a mulher foi encher a dele.

—Mais calda de açúcar? —perguntou-lhe

Assinalou-lhe o prato limpo.

—Já terminei.

—OH. Sim. —Recolheu o que ele tinha em frente e se afastou com a mesma presteza com que tinha servido a taça: o melaço se movia mais rápido.

—Não sou infiel —repetiu quando tiveram um pouco de privacidade.— depois de ter observado a meus pais, aprendi mais que suficiente a respeito do que não se deve fazer em um relação, e essa é basicamente a regra número um.

Marie-Terese lhe estendeu o açúcar, e quando ele olhou fixamente o pote como se não soubesse o que era, disse-lhe:

—Já sabe, para pôr no café. Você põe açúcar.

—Sim... o faço.

Quando ele preparou o café a seu gosto, lhe perguntou:

—Então o casamento de seus pais não foi bom?

—Não. E nunca esquecerei o que sentia ao vê-los ferir-se um ao outro.

—Divorciaram-se?

—Não. Mataram-se o um ao outro. —Quando ela retrocedeu em seu assento, sentiu desejos de amaldiçoar.— Desculpa. Provavelmente não deveria ser tão franco, mas isso foi o que aconteceu. Uma de suas brigas se saiu totalmente de controle e caíram pelas escadas. Não terminou bem para nenhum dos dois.

—Sinto muito.

—É muito amável, mas isso foi faz muito tempo.

Depois de um momento, ela murmurou:

—Parece exausto.

—Só necessito um pouco mais de café antes de ir. —Demônios com essa teoria, seguiria bebendo até que seus rins flutuassem se isso significava que teriam mais tempo para estar juntos.

O assunto era que, enquanto o olhava, sua cálida preocupação a fazia parecer... preciosa. Absolutamente preciosa e portanto suscetível a perdê-la.

—Está a salvo em seu trabalho? —perguntou bruscamente.— E não estou falando de violência. —Durante a longa pausa que seguiu, ele sacudiu a cabeça sentindo como seus mocassins simplesmente tinham acabado como Caçadores de panquecas.— Sinto, não é meu assunto...

—Está-me perguntando se pratico sexo seguro?

—Sim, e não perguntou devido a que queira estar contigo. —Quando ela voltou a retroceder, amaldiçoou-se a si mesmo.— Não, o que quis dizer, é que desejo saber por que espero que esteja te cuidando.

—Por que ia se importar?

Olhou-a aos olhos.

—Simplesmente me preocupa.

Ela se voltou e ficou a olhar para o rio.

—Estou a salvo. Sempre. O que me diferencia de uma grande quantidade de mulheres que se fazem chamar “honoráveis” e dormem com todo mundo sem usar proteção. E pode deixar de examinar meu rosto como se estivesse tentando resolver algum mistério impenetrável. Quando quiser. Agora seria um bom momento.

Ele se conformou baixando o olhar, a sua taça.

—Quanto custa?

—Pensei que havia dito que não queria estar comigo dessa forma.

—Quanto?

—O que? Acaso quer fazer algo ao estilo de “Uma Linda Mulher”, comprando durante uma semana para me salvar de minha horrível vida? —Explodiu em uma breve e seca gargalhada.— O único que tenho em comum com o papel da Julia Roberts nesse filme é que posso escolher com quem estou. No referente ao preço, não é nada de sua incumbência.

Ele queria saber de todas as formas. Porque, demônios, talvez esperava que se era muito custosa o nível dos homens com os que estaria seria superior... embora se era honesto consigo mesmo, isso era mera palavrório. Sim queria fazer o papel do Richard Gere, salvo que não desejava comprar uma semana. Falar de anos seria mais adequado.

Salvo que isso nunca ocorreria.

Quando a garçonete passou patrulhando a área com a jarra de café e ambas as orelhas atentas, Marie-Terese disse:

—Seria bom momento para trazer a conta.

A garçonete deixou a jarra sobre a mesa e rebuscou no bolso de seu avental em busca de seu bloco de papel. Arrancando uma folha, colocou-a de barriga para baixo.

—Vocês dois, cuidem-se.

Quando se retirou, ele estendeu o braço através da mesa e tocou o de Marie-Terese.

—Não quero que isto termine mal. Obrigado por me manter à margem de todo o assunto com a polícia, mas se te vê pressionada, quero que diga tudo a respeito de mim, de acordo?

Ela não se apartou, só baixou o olhar para o lugar pelo qual estavam unidos.

—Eu também o sinto. Não sou uma boa companhia. Ao menos... não para as pessoas civilizadas.

Havia dor em sua voz... só um espiono, mas ele ouviu a nota tão claramente como se tivesse sido um sino ressonando em uma noite em calma.

—Marie-Terese... —Queria lhe dizer tantas coisas, mas não tinha direito a dizer nenhuma delas... e nenhuma seria bem recebida—... é um nome adorável.

—Parece-te?

Quando assentiu, ela disse algo em voz baixa, que não pôde escutar bem mas que soou muito parecido a: por isso o escolhi.

Ela rompeu o contato para recolher a conta e sustentá-la enquanto abria a bolsa.

—Alegra-me que você gostou das panquecas.

—O que está fazendo? Dê-me, deixa que...

—Quando foi a última vez que alguém te convidou a tomar o café da manhã? —Quando levantou a vista, estava sorrindo.— Ou a qualquer outra coisa, se for o caso?

Vin franziu o cenho e considerou a pergunta enquanto ela tirava uma nota de dez e uma de cinco. Gracioso... não podia recordar que Devina tivesse pago algo alguma vez. Concedido, sempre lhe dava prioridade ao dinheiro, mas ainda assim.

—Geralmente pago eu —respondeu.

—Não me surpreende. —Começou a deslizar-se pelo assento para sair do reservado.— E não o digo no mau sentido.

—Não espera a mudança? —disse, pensando que faria algo para retê-la a seu lado um pouquinho mais.

—Deixo gorjetas grandes. Sei o mau que pode ser o trabalho no negócio dos serviços.

Enquanto a seguia fora do vagão restaurante, colocou a mão no bolso para tirar as chaves e sentiu algo pequeno e fora do lugar. Franzindo o cenho, deu-se conta que era o brinco de ouro que lhe tinha tirado o Jim.

—Ei, Sabe o que? Acredito que tenho algo que te pertence —disse quando se aproximavam do carro dela.

Ela abriu a porta.

—Sim?

—Acredito que isto te pertence —disse lhe mostrando o aro.

—Meu brinco! Onde o encontrou?

—Meu amigo Jim o recolheu no estacionamento do clube.

—OH, obrigado. —apartou-se o cabelo da orelha e o pôs.— Não queria perder este par. Não são muito caros, mas eu gosto.

—Então... obrigado pelas panquecas.

—De nada. —Fez uma pausa antes de meter-se atrás do volante.— Sabe, deveria tomar um

dia livre. Vê-te realmente cansado.

—Provavelmente é somente pelos machucados de meu rosto.

—Não, são as que tem detrás dos olhos as que lhe fazem ver extenuado.

Enquanto ela se deslizava no assento e arrancava o carro, Vin captou um brilho proveniente do lado esquerdo e olhou ao outro lado do rio...

No instante em que o sol tocou suas retinas, seu corpo teve um ataque e começou a lhe fazer cócegas.

Esta vez não houve uma posse gradual e confusa. O odioso transe o reclamou em um segundo, como se o que tivesse ocorrido a noite anterior tivesse sido simplesmente um pré-aquecimento e este fora o verdadeiro.

Encurvando-se contra o capô de Marie-Terese, alcançou sua jaqueta e a abriu para poder conseguir um pouco de ar... Quando a visão o golpeou, foi mais som que imagens e se repetiu uma e outra vez: um disparo. Soando e reverberando. Alguém caindo. Um corpo caindo e ricocheteando estrepitosamente...

Quando seus joelhos cederam e caiu sobre o asfalto, lutou por permanecer consciente, agarrando-se mentalmente a algo que pudesse... que resultou ser a lembrança do momento em que tinha tido seu primeiro ataque. Tinha onze anos e o detonador tinha sido um relógio, um relógio de senhora que tinha visto na cristaleira de um joalheiro do centro da cidade. Ele e seus companheiros de classe tinham ido de excursão ao Museu de Arte de Caldwell, e quando tinha passado em frente à loja, tinha olhado o que ali se exibia.

O relógio era de prata, e quando o sol o tinha iluminado, seus olhos se enfocaram no reflexo e tinha deixado de caminhar. Havia sangue no relógio. Sobre o relógio havia sangue vermelho e brilhante.

No mesmo instante em que lutava por entender o que estava vendo e por que repentinamente se sentia tão estranho, uma mão de mulher tinha aparecido no vidro e tinha levantado o relógio. Detrás dela, havia um homem de pé com uma expressão de feliz expectativa no rosto, um cliente...

Salvo que o tipo não devia comprar o relógio... quem quer que o usasse a seguir ia morrer.

Com o tipo de força que te outorga o pânico intenso, Vin tinha quebrado a presa do transe e tinha entrado na loja à velocidade do raio. Não obstante, não tinha sido o suficientemente rápido. Um dos pais que os acompanhavam tinha entrado correndo e o tinha apanhado antes que pudesse dizer algo, e quando lutou para chegar ao homem e o relógio, tinham-no agarrado pelo pescoço da camisa, tinha sido arrastado fora e o tinham condenado a esperar no ônibus enquanto outros continuavam para o museu.

Nada resultou dessa visão.

Ao menos, não em seguida. Entretanto sete dias depois, Vin estava na escola e viu uma das professora na cafeteria com o que aparentava ser o mesmo relógio no pulso. Tinha estado acostumando-lhe a seus colegas, falando de um jantar de aniversário a que tinha participado a noite anterior com seu marido.

Nesse instante um raio de sol se refletiu no tobogã do pátio de jogos, entrou pela janela e

foi captado pelo olho do Vin... e então voltou a ver o sangue no relógio, e também mais sangue, muito mais.

Vin se tinha derrubado sobre o linóleo da cafeteria e quando a professora se apressou a ir para ele e se ajoelhou para ajudá-lo, pôde ver com grande claridade o acidente de trânsito de que seria objeto: sua cabeça golpearia contra o volante, e seu delicado rosto se abriria em dois pelo impacto.

Aferrando-se à frente de seu vestido, tentou lhe dizer que usasse um cinto de segurança. Fazer que seu marido a fora procurar. Que tomasse outro caminho. Que tomasse o ônibus. Uma bicicleta. Que caminhasse até sua casa. Mas embora sua boca se movia, parecia-lhe que nada salvo um conjunto de sílabas soltas saíam dela... embora o horror que apareceu nos rostos das outras professoras e dos estudantes sugeria que estavam entendendo o que dizia.

Em consequência, tinha sido enviado ao escritório da enfermeira, e quando chamaram seus pais, disseram-lhes que deviam ir ver um psiquiatra infantil

E a professora a adorável e jovem professora e seu considerado marido tinham morrido essa tarde quando percorriam o caminho da escola a sua casa com o novo relógio no pulso.

Um acidente de carro. E ela não estava usando o cinto de segurança.

Quando Vin se inteirou à manhã seguinte na classe, explodiu em lágrimas. Obviamente muitos meninos começaram a chorar também, mas para ele era diferente. A diferença de outros, tinha estado em posição de fazer algo para acautelar esse desenlace.

Depois disso tudo tinha trocado. Correu-se a voz de que havia predito a morte... e isso fazia que as professoras ficassem nervosas quando estavam em sua companhia e que também seus companheiros o evitassem ou o ridicularizassem por ser aterrador. Seu pai tinha começado a golpear-lo para obrigá-lo a ir à escola.

Abruptamente, Vin perdeu o fio de seu pensamento, o passado foi submerso pelo ataque que dominava sua mente e seu corpo, sua consciência em vez de fluir, minguava...

Um disparo. Soando e reverberando. Alguém caía. Um corpo caindo e ricocheteando com força...

Justo antes de desmaiar, a visão se cristalizou no olho de sua mente, deixando de ser só sons para passar a ser imagens genuínas... um castelo de areia que o vento construía em vez de ruir. Viu Marie-Terese com as mãos em alto como se estivesse tentando proteger-se a si mesmo, seus olhos tinham uma expressão enlouquecida pelo terror e tinha a boca aberta em meio de um grito.

E logo ouviu o disparo.

Capítulo 19

Por volta de uma hora depois, Adrian e Eddie apareceram, e deixaram sua ajuda disponível, Jim levantou sua perna por cima da sua velha moto, e virou a chave. Plantando a sola da sua bota

de trabalho no pedal golpeado, e batendo seu peso abaixo, ele não tinha nenhuma real fé, que aquela coisa iria funcionar — Aquela marca registrada da Harley iria roncar e se lançar para a vida imediatamente.

Enquanto ele virava o acelerador, o motor roncava entre as pernas dele, e ele tinha que gritar sobre o barulho.

— Deus, Ad, você fez;

Adrian gracejou, enquanto limpava sua mão num pedaço de pano vermelho.

— Sem problemas. Vamos levar ela para dar um giro e testar o freio.

Jim empurrou sua moto para fora da garagem, e para a luz do sol.

— Deixe-me pegar meu capacete.

— Capacete? — Adrian montou em sua Harley. — Nunca pensei que você fosse um escoteiro.

Jim voltou com seu capacete preto.

— Evitar ferimentos na cabeça, não é um movimento medroso.

— Mas você tem que pensar no vento no seu cabelo, homem.

— Ou as máquinas que vão manter você vivo depois.

— Eu pego o cachorro. — Eddie disse, enquanto pegava seu próprio capacete, e o segurava sobre sua cabeça. No instante que a oportunidade se apresentou, garoto deu um pequeno salto, e parou sobre a capa de couro por cima do tanque de Eddie.

Jim arqueou uma sobrancelha, pensando que não estava gostando muito daquilo.

— E se você se acidentar?

— Eu não vou. — Como se as leis da física não se aplicassem a ele.

Jim estava quase quebrando o acordo, quando ele viu quão alegre o Cachorro estava por estar a bordo, suas garras curvadas no couro, como se a felicidade estivesse fazendo suas patas formigarem, seu rabo batendo tão rápido quanto sua bunda deixava.

Ainda mais, quando o grande homem pegava a direção, e o animal ficava preso entre seus braços.

— Apenas seja cuidadoso com o maldito cachorro. Esse animal fica ferido, e eu e você vamos ter uma conversinha.

— Bem, ele não estava se tornando em um bom dono.

Amarrando seu capacete, ele puxou sua jaqueta de couro, e sentava em sua moto. Enquanto ele enchia o tanque, a moto liberou um som quase indecente, uma maldição ronronada, e a força de todos aqueles cavalos de potência retumbava por seu corpo.

Homem, apesar da muita dor no traseiro que Adrian podia ser, ele sabia o que estava fazendo com o motor. O que podia explicar porque Eddie conseguia viver com ele.

Com um mudo —*vamos sair daqui*—, os três saíram para a luz do sol, Adrian na frente, e Eddie com o Cachorro atrás.

Girando, a moto de Jim era pura mágica, uma fera sem modos, e enquanto eles passavam pela área rural, ele começou a entender o sentimento da coisa.

E sem importar o que fosse, você não precisava do vento no seu cabelo para ser livre.

Adrian terminou, levando-os pelo rio Hudson, indo em direção à cidade, e quando eles começaram a atingir as luzes do trânsito da cidade Riversides Parks, Jim começou a rezar para os índios, — Apenas porque a aceleração era loucamente satisfatória.

Assim que eles arrancaram na interseção entre a Décima Segunda e a River Streets, ele gritou para Adrian.

— Eu preciso abastecer.

— Tem um posto aqui perto, não?

— Sim, duas quadras.

Quando as luzes mudaram, eles saíram, os sons dos motores explodindo no ar e sendo amplificado enquanto eles passavam pela rodovia. No posto, eles estacionaram nas bombas, e Jim acionou a gasolina.

— Como estão os freios? — Adrian perguntou, enquanto olhava uma loira sair de um Beater³⁴. A mulher entrou na loja de conveniência com um pequeno rebolado, as pontas do seu longo cabelo fazendo cócegas na tatuagem na parte baixa das costas dela.

Jim teve que rir. O bastardo tagarela estava instantaneamente distraído e claramente considerando os méritos de segui-la para dentro e perguntar se ela queria brincar com a sua chave de fenda, — O que pelo jeito que ela continuava olhando sobre seu ombro para ele, que iria ser uma das grandes.

— Porque eu tenho o pressentimento de que o meu é melhor que o seu. — Jim murmurou enquanto abria a boca do tanque.

— Você quer dizer o freio? — A cabeça de Adrian girou ao redor. — Você acha? Porque eu acho que era você que estava dormindo com alguém na quinta-feira à noite, não eu.

— E de pensar que a sua companhia valia os seus dons com a graxa. — Jim pressionou a boca do tanque de volta no lugar. — Devia estar fora da minha maldita mente.

— Ele remontou e colocou seu capacete de volta.

— Então, você quer conduzir de volta?

— Me desculpe.

Jim parou o processo de prender a correia sob seu queixo. Adrian estava parado em frente a ele, o rosto com uma expressão desgostosa, os olhos focados no céu acima do posto. Ele estava mortalmente sério. Jim fez uma careta.

— De que você se desculpa?

— Apontar ela a você no clube. Eu estava pensando que isso era algum tipo de jogo, mas não é. Eu não deveria ter encorajado você naquele caminho. Não foi certo.

Aquilo sobre o que Adrian estava preocupado, era na verdade merdas de um cara normal, foi uma surpresa, mas talvez tivesse algum marshmallow por baixo daquele grosso exterior.

Jim ofereceu sua mão.

— Está bem. Nós estamos bem.

Adrian aceitou a mão que lhe foi oferecida.

— Eu vou tentar não ser um idiota a maior parte do tempo.

³⁴ Carro antigo

— Não vamos nos adiantar.

Adrian sorriu

— Sim, talvez eu apenas alterne sendo um estúpido.

— Algo que facilmente você poderia fazer.

Jim ligou sua moto, e curvou o pulso para aquecer a gasolina, naqueles grandes, famintos pistões.

— Prontos, cavalheiros?

— Absolutamente. — Adrian disse enquanto aquecia sua moto. — Você vai na frente dessa vez.

— O Cachorro está bem aí Eddie? — Jim perguntou enquanto olhava o animal, — Quem parecia estar excitado pela aventura.

— Nós estamos ótimos.

— Enquanto Jim liderava-os de volta pela direção que eles tinham vindo, ele captou o amarelo do sol, o branco brilhante das nuvens, o azul do céu, e o cinza da estrada. Para a esquerda, o rio era paralelo à estrada, como o caminho que era feito ao longo da margem. Aqui e ali, novas árvores que pareciam lápis batidos na terra, forçando o asfalto ao redor, como os canteiros de flores, que sem dúvida brotariam tulipas e narcisos em poucas semanas.

O Restaurante Riverside era outro marco a margem da praia, um velho lugar de mergulho, era um lugar onde Jim se sentiria confortável, e ele tinha a intenção de verificar. A palavra era que tinha panquecas que se podia morrer por elas. — Jim relaxou o acelerador. No estacionamento, uma BMW M6, que parecia muito com a de Vin, estava estacionada perto de um Toyota Camry verde.

E lá estava um par de pernas entre os dois carros, como se um homem estivesse deitado no chão.

Ação de 180°. Muita ação.

Porque Jim sabia a quem pertencia àqueles sapatos brilhantes.

Se apressando pelo estacionamento, ele acelerou para a mulher que estava curvada sobre... Sim, era Vin diPietro, que estava estirado de barriga para cima. O homem não estava se movendo, e tinha o rosto como se alguém tivesse jogado cera quente pela sua coluna vertebral.

— O que aconteceu? — Jim baixou o estribo da moto e desceu.

A mulher do clube olhou para ele.

— Ele apenas foi ao chão, como ontem à noite.

— Merda. Jim se abaixou enquanto Adrian e Eddie estacionavam. Antes deles conseguirem descer de suas Harleys, ele acenou para eles ficarem no lugar, pensando, que quanto menos gente envolvida nessa situação, melhor.

— Quanto tempo faz que ele caiu? — Ele perguntou a mulher,

— Apenas há uns cinco minutos ou menos, — Ai, Meu Deus,... Ele

Ela se curvou abaixo enquanto os olhos dele se abriam lentamente. Primeiro, ele se prendeu em Marie-Tereze, e então em Jim.

— Acorda-Acorda, — Jim murmurou enquanto verificava se as pupilas respondiam à luz do mesmo jeito. Quando ele o fez, ele estava apenas um pouco aliviado.

— O que acha de levarmos você para um médico?

Vin resmungou, e se esforçou para sentar, Marie-Terese tentou ajudá-lo a não cair.

— Não tem nada de errado comigo, — Ele disse asperamente, — E não, eu não tenho nenhuma concussão. — Jim arqueou uma sobrancelha, pensando que o idiota cabeça-dura tãnia a ser notado quando eles estavam em público, mas Vin não estava surpreso, — Ou preocupado. — Ela estava... Resignado.

Ele já tinha passado por isso antes, não tinha?

Quando ele começou a olhar ao redor, Jim olhou a Adrian e Eddie acenou com a cabeça para a estrada, dando a eles um sinal para irem embora. O par pegou a dica, voltando em suas motos, e levantando uma mão enquanto passavam.

— Merda, — Vin disse enquanto esfregava o rosto. — Isso não foi engraçado.

— Sim, eu acho que isso é evidente. — Jim olhou sobre a mulher de cabelos escuros, e se perguntou por que os dois tinham se conhecido. Se Vin queria manter as coisas em segredo, sobre ter qualquer conexão com aqueles cadáveres, sair com ela, não era a idéia mais brilhante. — Mesmo se fosse só para um café.

— Eu não sei o que aconteceu, — Ela disse. — Nós tínhamos acabado de tomar café da manhã.

— Apenas você tomou café. — Vin murmurou, indicando que sua memória à curto prazo estava funcionando. Supondo que ela não tinha comido torrada a francesa, também.

A mulher levantou sua mão, como se ela quisesse acalmar ele, mas abaixou o braço.

— Ele comeu, e nós conversamos, e viemos até aqui, e.

— Eu estou bem agora. — Vin se impulsionou para cima, e se encostou no capô do Camry.

— Apenas ótimo.

Jim segurou o cotovelo dele.

— Nós vamos ao médico agora.

— O inferno que nós vamos. — Vin puxou seu braço de volta. — Eu vou para casa.

Bom, merda. — Dado pelo duro ângulo do maxilar do cara, a única chance que Jim tinha de ajudar era bancar o chofer, e levá-lo de volta ao Comodoro.

— Eu levarei você pela cidade então.

Vin abriu sua boca para argumentar, mas a mulher pôs a mão sobre seu ombro.

— E se isso acontecesse de novo enquanto você estiver atrás do volante?

Enquanto seus olhos faziam contato e seguravam, o sol apareceu entre as manchadas nuvens, e uma lança de calor líquido se derramava do céu, e os banhava com seu brilho.

Jim arqueou uma sobrancelha com desdém, e olhou para o céu, meio esperando ver um momento ao estilo Michelangelo, com a mão de Deus apontando para os dois. Mas não, apenas nuvens e céu e sol... E um bando de patos canadenses fazendo seu caminho para o Sul.

Jim voltou a focar no par a frente dele. O que tinha dolorosamente faltado sobre o jantar quando Vin tinha olhado a Devina, estava completamente exposto agora: Seus olhos estavam

totalmente focados na mulher a frente dele, e Jim podia apostar seu testículo esquerdo que se ele perguntasse a ele do que ela estava usando a quão alta ela era, se tivesse algum perfume que ela usasse, a resposta que viria, seria cem por cento correta

Jim arqueou mais a sobrancelha... E se ele estivesse errado? E se Devina não fosse o destino de Vin?

— Por favor, Vin, — A mulher disse. — Deixe-o levar você.

Não importava. Ele teria tempo para se preocupar sobre isso depois. Agora, ele tinha que levar Vin para casa.

— Me dê as suas chaves, amigo.

— Por favor. — A mulher estimulou.

Vin realmente o fez. Ele manejou o chaveiro, ou no caso do M6 a corrente preta, e a entregou para Jim.

— Como você vai voltar para pegar sua moto? — Vin perguntou.

Jim procurou em seu bolso traseiro, pensando que poderia pegar um táxi. — E percebeu que ele era tão ilegal quanto Adrian. Sem carteira. O que significava sem licença, e sem dinheiro para um táxi. Merda, a moto não era registrada e nem assegurada.

A expressão de Jim parecia falar por si só enquanto Vin ria um pouco.

— Sem placa para aquela Harley que você dirige. Sem licença para você também?

— Eu não tinha esperado chegar tão longe nisso. Mas não se preocupe. Eu obedecerei as leis de trânsito.

— O seu carro é automático? — A mulher perguntou a Vin. Quando ele afirmou, ela balançou a cabeça.

— Isso é uma verginha, mas eu não consigo dirigir carro manual. Mas talvez eu possa seguir vocês e guiar você, — Ela gesticulou a Jim. — De volta para onde você mora.

— Aqui estará ótimo.

— Você vai chamar um reboque para a sua moto? — A mulher disse, — Porque você do estilo ilegal.

— Sim. Um reboque. Sim eu vou conseguir um desses.

Certo, era hora para o tipo de despedida, que não requeria uma audiência.

Vin apontou a seu carro.

— Considerando que você está com a chave, se importa de aquecer ele?

— Jim levantou a sobrancelha.

— Eu posso estar agindo como seu chofer, mas eu não vou usar um chapéu e uniforme. Então se você precisa de um pouco de privacidade, é só pedir. — Ele virou, e saudou Marie-Tereze com a cabeça, — Encontro você na frente do Comodoro.

Ela acenou de volta.

— Vejo você lá.

Vin observou-o entrar no M6, e fechar a porta. Um momento depois, o motor foi ligado com uma grande vibração. O Som estava ligado. Bom toque. — Marie-Tereze balançou sua cabeça.

— Você realmente precisa ir ao médico.

— Você se sentiria melhor se eu dissesse que isso vem acontecendo desde que eu tinha onze anos?

— Não.

— Bem, não me matou ainda. — Abruptamente, ele pensou sobre sua visão da arma, e o barulho do tiro, e fez o máximo que pode para não parecer tão desesperado quanto se sentia. — Escute, eu não sei o que estava fazendo no seu quintal... — Quando o rosto dela se apertou, ele soube melhor como pegar qualquer avanço. — Eu acho que o dono desse clube está fazendo você se sentir protegida, mas isso é apenas no Iron Mask. Esse alguém seguir você até em casa?

— Se você visse a minha casa, você entenderia porque eu não estou preocupada.

Vin franziu as sobrancelhas pensando que pelo menos ela parecia preparada.

— Eu prometo não me meter, mas se você souber de alguém que possa estar atrás de você, vá a polícia. E se você não puder ir, peça ao seu gerente para tomar conta de você secretamente.

— Ah... Obrigado pelo aviso.

Homem, ele odiava isso. Se pelo menos ele soubesse o que tinha dito a ela em transe, exceto... Bem, merda, a arma já tinha dito o suficiente, não tinha?

— Onde você mora? — Ele perguntou suavemente.

Quando ela abriu a boca, ele pensou por um momento que ela o iria responder. Mas então ela se calou.

— Onde exatamente é o Comodoro? Em caso de eu me separar de vocês. — Ele deu as direções a ela. — Eu estou no vigésimo oitavo e vigésimo nono andar.

— Os dois?

— Os dois.

— Eu não estou surpresa. — Droga, ele já podia sentir ela se fechando para ele, desligando a conexão. — Eu vou seguir vocês até lá.

Quando ela começou a se virar, ele segurou o cotovelo dela.

— Qual o número do seu celular? — Teve uma longa pausa.

— Me desculpe... Eu apenas não posso.

— Tudo certo. Eu entendo. Mas você tem os meus números. Ligue-me, por favor. Qualquer hora. — Ele se inclinou para o lado, girou ainda mais a porta dela, para ela poder entrar, e ele esperou até ela pôr o cinto de segurança sobre o peito. Depois de alguns minutos, o carro dela assobiou como se fosse preguiçoso, e ela olhou para cima, como se estivesse esperando ele se mover.

O som de uma das janelas do M6 descendo, o fez querer amaldiçoar. E então veio a voz de Jim.

— O manual diz que o único jeito de você pegar uma carona para casa é se sentando no banco, ou você prefere ir no pára-choque dianteiro?

Vin andou em volta do carro, entrou e sentou no assento do passageiro.

— Não perca ela de vista.

— Eu não irei.

E ele não fez. Jim dirigiu o M6 perfeitamente. Ele era rápido, hábil... Mas não tão rápido que Marie-Terese não pudesse acompanhar.

Contra o pano de fundo de rock clássico, Vin não sentiu necessidade de explicar porque ele e Marie-Terese tinham estado no restaurante sozinhos. Nem de longe.

De maneira nenhuma.

— Só me responda uma coisa, — Jim disse como se estivesse lendo a mente dele.

— Marie-Terese se encontrou com os policiais, e o dono também. — Vin olhou através do carro. — Eles não disseram nada sobre nós, e não tem nenhuma intenção de fazer.

Os olhos de Jim viraram sobre os assentos.

— Não era o que eu ia perguntar, mas é bom saber. E sobre as câmeras de segurança?

— Já foi tomado conta.

— Bom.

— Não fique muito feliz. Eu disse a Marie-Terese, que se ela ficasse comprometida, ou se tivesse qualquer pressão em cima dela, se ela precisasse para nos servir como um filé.

— Me responda uma coisa.

— O que?

— O que você vai fazer sobre a Devina?

— Vin cruzou seus braços sobre seu peito.

— Apenas porque eu tomei café com alguém...

— Grande merda. E não negue. O que você vai fazer?

— Porque você se importa? — Teve uma longa pausa. Tão longa que eles passaram dois sinais vermelhos. Enquanto eles aceleravam, depois de um segundo, Jim examinou. Seus olhos estavam presos, absolutamente ardentes.

— Eu me importo, Vin, porque eu vim para acreditar em demônios.

Vin virou sua cabeça ao redor, e Jim voltou a se focar na estrada, enquanto continuava.

— Eu não estava brincando, quando eu disse que estava aqui pra salvar sua alma. Eu estou começando a pensar que eu entendi errado também.

— Entendeu o que errado?

— Me fale sobre essa fodida indisposição Vitoriana, que você está passando.

— Espera, o que você entendeu errado?

— Eu não acho que supostamente você deve terminar com a Devina. — Ele lentamente balançou a cabeça e deu uma olhada pelo espelho retrovisor. — Meu trabalho é ajudar você a atravessar essa parte da sua vida, e terminar num lugar melhor. E eu estou começando a acreditar que isso significa que você precisa daquela mulher que... Sim, acabou de passar por um sinal vermelho para nos acompanhar.

— Você deveria ter parado, — Vin repreendeu, segurando o espelho, e puxando para ver se conseguia enxergar Marie-Terese atrás do volante.

Ela estava segurando o volante com as duas mãos, e focando no M6, a concentração apertando suas sobrancelhas. Seus lábios estavam se movendo levemente, como se ela estivesse cantando alguma musica, ou falando sozinha, e ele se perguntou qual das opções era.

— Então, como é esse negócio de morrer? — Jim despertou.

— Você não está surpreso, não é? — Vin reajustou o espelho.

— Você já ouviu falar em médium? — Jim o olhou.

— Sim.

— Bem, eu vejo o futuro, e às vezes eu falo quando eu vejo. E tem outras merdas também.

Então... É isso. E se você pensa que é uma fodida festa, deixe-me garantir a você que não é. Eu fiz o meu melhor para tirar isso de mim, e pensa que eu consegui? Acho que não.

Quando o único som era o barulho do motor do M6, ele disse asperamente.

— Você ganhou alguns pontos por não rir.

— Você quer saber? Eu poderia ter rido há alguns dias atrás, — Jim deu de ombros. — Agora eu não estou com vontade nenhuma. Você sempre foi assim?

— Começou quando eu era criança.

— Então... O que você viu sobre ela? — Quando Vin não conseguiu responder, ele disse:

— Tudo bem. Eu estou achando que não era um jantar a luz de velas e uma caminhada romântica na praia.

— Não dificilmente.

— O que foi, Vin. E você deve me contar também. Eu e você estamos juntos nisso. — A raiva espetava, dura e quente.

— Certo, eu mostrei o meu. Agora você me mostra o seu. O que merda você está fazendo...?

— Eu morri. Ontem a noite... Eu morri e fui mandado de volta para ajudar as pessoas. Você é meu primeiro. — Agora era a vez de Vin entender e fazer silêncio.

— Parece que você também ganhou uns pontos por não rir também. — Jim murmurou. — Eu te digo, vamos estipular, que nós dois temos um pouco dessa droga, o que for, acontecendo com a gente, e vamos seguir em frente. Eu preciso salvar seu traseiro, e como eu disse, eu tenho o pressentimento que a solução não é a Devina, mas a mulher atrás de nós naquele Camry. Então porque você não corta essa merda, e me fala o que você viu sobre ela, — Porque, eu não vou falhar na minha primeira viagem fora do parque, e mais o que eu sei bem.

Jim Heron não parecia estar delirando, e considerando de onde Vin estava vindo, quando ele tinha virado aquela merda estranha, ele percebeu que pode pelo menos dar margem a fé ao que o outro cara disse. Mesmo se ele não fizesse mais sentido que... Bem, transes médiuns, por exemplo.

— Eu vi... Uma arma atirar.

A cabeça de Jim lentamente virou ao redor.

— Quem foi acertado? Você ou ela?

— Eu não sei. Eu estou presumindo que é ela.

— Você alguma vez errou?

— Não.

— A cabeça dele caiu no volante.

— Bem. Aí vamos nós.

— Parece como se tivéssemos mais para falar.

— Sim.

Ao invés, eles não disseram nada: Eles se sentaram lado a lado no carro, e Vin não podia ignorar a metáfora, os dois presos em algum tipo de corrida, com quem só Deus sabe quem estaria esperando por eles.

— Enquanto olhava no retrovisor, ele rezava para que não fosse Marie-Tereze, quem levasse se machucasse. Melhor ele. Muito melhor.

Quando finalmente eles chegaram ao Comodoro, eles entraram na garagem, e como Marie-Tereze, esperava na frente, Vin pensou que talvez isso fosse uma boa coisa: Ele tinha tentado dizer adeus a ela de novo, e suficiente era suficiente.

— Eu sou o espaço número onze por ali.

Depois que o M6 estava estacionado, ele pegou a chave de seu mais novo amigo, e eles foram em seus caminhos separados, com Jim seguindo pela escadaria, que o levaria a rua.

Vin andou para a direção oposta, dos elevadores, e quando as portas se abriram para ele, ele entrou e se virou. Jim estava quase na saída, seus passos largos cortando a distancia rapidamente.

Vin bloqueou o elevador, e gritou:

— Eu vou terminar com a Devina.

— Bom. Mas pegue leve com ela. Ela está apaixonada por você.

— Ela certamente faz parecer desse jeito. Mas embaixo de todo aquele —amor— exterior, tem algo vazio sobre ela, — E tinha sido parte da decisão de mantê-la por perto: Ele preferia lidar com calculistas, porque interesse próprio ele confiava mais do que amava.

Não mais. Mudanças estavam ocorrendo nele, mudanças que ele não podia controlar mais, do que podia parar a imposição daquelas visões. Em um dia normal, ele era noventa e nove por cento sobre trabalho. A mente dele tinha sido consumida com outras coisas mais importantes... Coisas que tinham muito a ver com Marie-Tereze.

— Eu vou manter você informado, — Ele disse a Jim.

— Faça isso.

Vin deixou as portas fecharem, e acionou o botão para o andar dele. Ela tinha que falar com Devina, e precisava acabar com aquela conversa. Não era apenas a coisa justa a fazer... Ele tinha certo senso de urgência sobre isso, não ter nada a ver com o fato de que ele não estava olhando para frente, para magoá-la.

Aquele horrível sonho ainda estava com ele... Como se tivesse grudado no seu cérebro permanentemente.

No vigésimo oitavo andar, o elevador soltou um discreto som, e ele pisou para fora e foi para a sua porta. Assim que ele abriu caminho no duplex, Devina correu as escadas, com um enorme sorriso em seu rosto.

— Olha o que eu achei quando estava arrumando escritório. — Ela estendeu as palmas abertas, segurando uma caixa da Reinhardt. — Oh, Vin, é perfeito.

Ela se apressou contra ele e jogou seus braços em volta do pescoço dele, seu perfume sufocando-o mais do que segurá-lo fez. Enquanto ela falava sobre a caixa, dizendo que não deveria

ter aberto, e como tinha servido no dedo dela, Vin fechou seus olhos, e viu os ecos do pesadelo que ele teve.

Uma convicção brilhou no centro do seu peito, uma que era inegável, como seu próprio reflexo no espelho.

Ela não era quem ela tinha dito que era.

Capítulo 20

Quando Jim entrou no Camry verde, ele se inclinou e estendeu sua mão.

— Jim Heron. Acho que podemos nos apresentar.

— Marie-Terese.

O sorriso da mulher era leve, mas carinhoso, e enquanto ele esperava por um sobrenome, ele teve o pressentimento de que não viria.

— Obrigado pela carona da volta, — Ele disse.

— Sem problemas. Como está Vin?

— Para um cara que acabou de cair em um estacionamento, ele parecia bem. — Jim olhou sobre ela, enquanto ela colocava seu cinto de segurança.

— Você está levando bem? Falar com os policiais não é uma festa.

— Vin disse a você? Você sabe das firas de segurança e... —

— Sim, ele disse e obrigado.

— Por nada. — Ela deu seta, olhou o espelho, e saiu após um SUV passar. — Posso perguntar algo a você?

— Claro.

— Há quanto tempo você vem dormindo com a namorada dele?

Jim apertou os ombros e estreitou os olhos.

— Me desculpe?

— Na noite antes de ontem, eu vi você sair com a namorada dele, depois dela passar uma hora encarando você. A mesma coisa ontem à noite. Sem ofensas, mas eu tenho visto pessoas fazer coisas como essa, por um tempo agora, então eu duvido que vocês apenas deram as mãos no estacionamento.

Bem, bem, bem... Ela era esperta. Essa Marie-Terese era esperta.

— O que você pensa sobre Vin? — Ele perguntou.

— Não vai me responder? Eu não culpo você.

— Qual é o seu sobrenome? — Ele sorriu amargamente enquanto o silêncio reinava. — Não vai me responder? Eu não culpo você.

Quando ela ruborizou, ele relaxou com uma maldição.

— Olhe, me desculpe. Está sendo difícil alguns dias.

Ela assentiu.

— E não é da minha conta, na verdade. — Ela não estava muito certo sobre isso.

— Apenas por curiosidade, o que você pensa sobre ele? — Enquanto esperava por uma resposta, Jim pensou, Jesus, desde quando ele tinha virado uma Ann Landers ³⁵moderno? A próxima coisa que ele sabia era que estaria fazendo máscaras faciais, e passando suas roupas.

Ou... Lavando suas roupas.

Tanto faz.

— Bom, de qualquer jeito, — Ele disse, consciente de que ela não tinha respondido. — Eu não conheço muito ele, mas Vin é um cara legal.

— Há quanto tempo você conhece ele?

— Eu trabalho para ele.

— Ele está no ramo da construção, e eu tenho uma marreta. Uma parceria ideal. — Jim pensou nos Quatro Caras e revolveu os olhos. — Literalmente.

Enquanto eles paravam num sinal vermelho, ela disse:

— Eu não estou procurando por ele. Por ninguém.

Jim deu uma olhada para o céu, através dos arranha-céus.

— Você não precisa estar procurando, para achar o que você precisa.

— Eu não vou ficar com ele, então... Sim. É só isso.

Ótimo. Um passa para frente dois para trás. Vin parecia estar na borda; Marie-Tereze não estava interessada — Apesar do fato de que ela estava claramente atraída por ele, e que ela se importava o bastante para se preocupar de como ele voltaria seguro para casa.

Enquanto eles seguiam pelo trânsito, eles passaram por um casal que estava andando um ao lado do outro, de mãos dadas. Eles não eram jovens amantes, na verdade eles eram velhos. Muito velhos.

— Mas apenas na pele, não no coração.

— Alguma vez você já esteve apaixonada Marie-Tereze?

— Uma pergunta infernal a se fazer a uma prostituta.

— Eu nunca. Estive apaixonado, é isso. Apenas me perguntava se você já. — Jim tocou o vidro, e a mulher velha viu o gesto, e claramente pensou que ele tinha acenado para ela. Enquanto ela levantava sua mão livre, ele se perguntava se talvez ele tivesse.

Ele sorriu para ela, e ela sorriu de volta, e retornaram seus caminhos separados.

— Porque isso é relevante? — Ela disse

Ele pensou em Vin naquele lindo e frio duplex, cercado por objetos de beleza inanimada.

E então ele pensou em Vin, olhando para Marie-Tereze a luz do sol.

A alma do cara parecia ter sido preenchida naquele momento. Ele tinha sido transformado. Ele esteve verdadeiramente vivo.

— É relevante porque eu estou começando a pensar, — Jim murmurou, — Amor pode ser tudo.

³⁵ **Ann Landers**, pseudônimo de *Esther Pauline Friedman Lederer* (04/07/1918 — 22/06/2002) foi uma escritora e jornalista dos Estados Unidos da América).

— Eu costumava acreditar nisso. — Marie-Tereze disse roucamente, — Mas então eu casei com o homem que eu casei, e toda aquela coisa de fantasia, foi soprada pra fora da janela.

— Talvez isso não fosse amor.

A risada chocada dela disse a ele que ele estava no caminho certo aquela.

— Sim, talvez. — Eles entraram no estacionamento da lanchonete, e seguiram para a Harley dele.

— Obrigado de novo pela carona. — Ele disse.

— Estou feliz em ajudar.

Ele saiu do carro, fechou a porta, e observou ela fazer a volta. Enquanto ela saía, ele memorizou o número da placa.

Quando ele estava certo de que ela tinha ido embora, ele colocou seu capacete, ligou a moto, e caiu fora. Considerando sua lista de crimes, uma Harley não registrada não era nenhuma mancha em seu radar.

Além, o forte vento em seu peito e braços reduziu um pouco do estresse e deixou seu cérebro mais claro, — Ainda o que tinha sido revelado, o fez se sentir doente. Era bem obvio o que ele precisava fazer, e pensou, que mesmo que ele odiasse, às vezes você tem que deixar a merda passar: Ele tinha uma mulher que precisava manter viva, a visão de Vin de um tiro, e agora dois garotos de escola que estavam agora mortos, graças a terem sido detonados. O que a situação pedia era informação, e tinha apenas um jeito de saber como achá-las.

Ele não gostava de se prostituir, mas você tem que fazer, o que você tem que fazer... E ele pensou que esse mantra fosse alguma coisa que Marie-Tereze conhecia, também.

Assim que ele chegou pelo caminho de pedras de sua oficina, Cachorro saiu de baixo da caminhonete e pulou com alegria sobre a moto, se sacudindo enquanto escoltava seu dono todo o caminho até a garagem. Depois que Jim tirou seu capacete, ele se abaixou para saudar Cachorro, com rabo batendo tão rápido, que era um maldito milagre que o rapaz conseguia ficar em suas patas.

Estranho ter alguém para recebê-lo em casa.

Jim levantou o cachorro, prendeu ele sob seu braço, e subiu as escadas para destrancar a porta. Dentro, ele deu tapinhas nele enquanto procurava seu celular na cama bagunçada.

Sentando no colchão, e sentindo o pequeno e quente corpo se curvar em sua coxa, Jim pensou longa e duramente antes de discar. Parecia como um passo atrás, e a familiaridade disso o adoeceu, o que era interessante.

Cristo, tinha ele tentado fazer um novo começo das coisas aqui?

Olhando em volta, ele viu o que Vin tinha visto: Duas pilhas de roupa, uma cama pequena, que nenhuma pessoa com mais de doze anos se sentiria confortável, móveis com adesivos por toda parte, e um teto coberto de rachaduras.

Não era exatamente um novo começo material, mas de novo então comparado a onde ele tinha estado, e o que ele esteve fazendo, dormir num banco de praça teria contado.

Enquanto ele encarava o telefone, as ramificações do que iria acontecer se aquela velha, e familiar voz aparecesse na linha, era muito claro.

Jim apertou os onze dígitos e apertou ligar, de qualquer jeito.

Quando os toques pararam, e não tinha recado de voz, ele disse uma palavra:

— Zacharias. — A resposta não era nada mais do que a lacônica risada de um homem que a vida não tinha mais surpresas.

— Bem, bem, bem... Nunca pensei que ouviria esse nome de novo.

— Eu preciso de algumas informações.

— Você precisa.

Jim apertou o celular na mão.

— É só uma placa licenciada, e uma identidade. Você poderia fazer isso em seus fodidos sonhos, seu pedaço de merda.

— Sim, claramente esse é o caminho para eu fazer qualquer coisa por você. Absolutamente. Você sempre foi tão diplomata.

— Foda-se. Você me deve.

— Eu devo.

— Sim.

Teve um longo silêncio, mas Jim sabia malditamente bem que a linha não tinha caído: O tipo de satélites que o governo usava para pessoas como seu antigo chefe, era poderoso o suficiente para pegar no meio da maldita Terra.

Aquela baixa risada veio de novo.

— Desculpe, meu velho amigo. Tem um estatuto de limitações e obrigações, e o seu já passou. Nunca mais me ligue de novo.

O telefone ficou mudo

Jim encarou a coisa por um momento, depois o jogou na cama.

— Acho que isso é o final, Cachorro.

Cristo, e se Marie-Tereze fosse algum tipo de charlatã, e Vin estava só sendo enganado?

Se esticando nos lençóis enrugados, ele acomodou Cachorro em seu peito antes de alcançar o controle da TV na pequena mesinha. Enquanto ele acariciava o pelo macio de Cachorro, ele apontou a coisa para a pequena TV através da cabeceira da cama, seu dedo apertando o botão vermelho, marcado LIGAR.

Eu poderia usar alguma ajuda, crianças, ele pensou. Que caminho supostamente eu devo ir com isso tudo?

Ele apertou o botão, e a imagem apareceu, expandindo pela tela de vidro, florescendo em uma clara imagem. Uma mulher num vestido vermelho estava sendo conduzida por uma cara de smoking de uma limusine para um jatinho. Ele não reconheceu o filme, mas considerando que ele tinha passado os últimos vinte anos da sua vida no duro serviço militar, ele não teve muito tempo para ver os malditos filmes.

Quando ele apertou informações, Jim teve que rir. Uma Linda Mulher era evidentemente sobre uma prostituta e um homem de negócios se apaixonando. Ele deu uma olhada para o teto.

— Acho que eu entendi errado da primeira vez, não meninos?

*** Tiamat-World***

Aquela noite, quando Marie-Tereze entrou na Catedral St. Patrick, seus passos estavam lentos, e o corredor até o altar parecia estar uma milha longe. Enquanto ela passava pela capela dos santos, em direção aos confessionários, ela parou na quarta ala. A piedosa imagem em tamanho de Maria Madalena tinha sido removida do pedestal, sem duvida, a estatua de mármore tinha sido levada para tirar o pó e os resíduos de incenso.

O espaço vazio a fez perceber que ela tinha decidido sair de Caldwell

Estava tudo ficando muito para agüentar. Ela simplesmente não estava em um momento da vida, para se permitir ficar ligada emocionalmente a um homem, e isso já estava acontecendo com Vin. Aqueles estudantes mortos aparte, mais tempo perto dele não ia ajudar ela, e ela era uma agente livre, capaz de cair na estrada em qualquer momento.

O barulho de uma porta atrás dela aumentou os nervos dela, mas quando ela olhou sobre o ombro, não tinha ninguém porta. Como sempre, a igreja e os bancos estavam essencialmente vazios, com apenas duas mulheres em véus negros rezando, e um homem usando um boné dos Red Sox de joelhos no fundo.

Enquanto ela continuava pelo corredor, o peso da sua decisão de sair da cidade a deixou exausta. Para onde ela iria? E quanto iria custar arranjar outra identidade? E trabalho. O que ela deveria fazer sobre isso? Trez era único em seu trabalho, e o Iron Mask era o único lugar que ela podia imaginar fazendo o que ela fazia.

Exceto, como ela conseguiria pagar suas dívidas?

No par de confessionários, tinha duas pessoas na frente dela, então ela esperou com eles, sorrindo apenas a modo de cumprimento, e depois deixando seus olhos vagarem pela sala, como eles fizeram. Como era sempre o modo como acontecia. A culpa a apertou, mas não para puxar conversa quando eles estavam tentando se livrar de algo, e ela se perguntou se os outros estavam treinando o que iam dizer, assim como ela.

Sem importar quais eram os problemas deles, ela poderia ganhar deles no quesito pecado. Fácil.

— Olá.

Ela olhou para trás, e reconheceu o rapaz do grupo das rezas. Ele era quieto como ela, ele era um que raramente abria a boca.

— Olá — Ela disse.

Ele acenou, e então olhou para o chão, apertando suas mãos juntas, e mantendo-as para si. Por nenhuma razão em particular, ela notou que ele tinha cheiro de incenso, o tipo usado em igreja, e ela estava confortada pelo cheiro doce da uma maçã.

Juntos, eles deram dois passos, quando alguém saiu... Depois mais dois passos, e então Marie-Tereze era a próxima.

Depois de uma senhora com os olhos vermelhos sair detrás da grossa cortina de veludo vermelho, era a vez de Marie-Tereze, e ela deu um sorriso ao grupo, a modo de adeus, antes de entrar no cubículo.

Quando ela se fechou, e se sentou, o painel de madeira se deslizou, e o perfil do padre foi revelado do lado mais distante da tela de ferro que os separava.

Depois de fazer os sinais da cruz, ela disse suavemente:

— Me perdoe, Padre, por eu ter pecado. Foi a dois dias da minha última confissão.

Ela pausou, porque mesmo sabendo as palavras que ela disse muitas e muitas vezes, elas eram muito difíceis de sair.

— Fale comigo, minha criança. Descarregue você.

— Padre, eu tenho... Pecado.

— De que maneira?

Embora ele soubesse. Mas o ponto principal da confissão, era por em palavras as más ações.

Ela clareou a garganta.

— Eu tenho... Estado com um homem ilegalmente. E eu tenho cometido adultério. — Por que alguns deles usavam alianças. — E... Eu tenho chamado o nome de Deus em vão. — Quando ela tinha visto Vin caído no estacionamento. — E eu...

Foi um pouco depois que a lista dela secou e o perfil do padre assentir gravemente, que ela caiu em silêncio.

— Minha criança... Certamente você sabe os lapsos de seus caminhos.

— Eu sei.

— E as transgressões contra os caminhos de Deus na podem... —

— Enquanto a voz do padre continuava, Marie-Terese fechou os olhos, e tomou a mensagem dentro dela. Dor de quão longe ela chegou, e o que ela estava fazendo a si própria, apertou seus pulmões até que ela não podia segurar o ar dentro deles de jeito nenhum.

— Marie-Terese.

Ela se sacudiu, e olhou para a tela.

— Sim, Padre.

—... Então, eu devo... — O Padre parou. — Me desculpe?

— Você disse meu nome?

Uma sobranceira franzida apareceu no perfil dele.

— Não, minha criança, eu não disse. Mas pelo seus pecados, eu devo decretar que... —

Marie-Terese olhou em volta, mesmo sabendo que não tinha nada para olhar além da cortina de veludo vermelho, e o painel de madeira.

—... Te absolvo *a peccatis tuis in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.*

Abaixando sua cabeça, ela agradeceu ao Padre, e depois dele fechar o painel, ela tomou uma profunda respiração, pegou sua bolsa, e saiu do confessionário. Próximo ao que ela estava, ela podia ouvir a voz do pecador. Macia. Abafada. Absolutamente indistinta.

Enquanto ela andava pelo corredor, a paranóia fez seus olhos irem para todos os cantos da Catedral. O par de mulheres com véus ainda estavam ali. O homem que esteve rezando, tinha ido embora, mas outros dois tinham chego e pego seu lugar aos fundos.

Ela odiava ficar olhando sobre seu ombro, e se perguntando onde ela tinha ouvido alguém chamar seu nome e se preocupando se estava sendo seguida. Mas embora, desde que ela tinha

saído de Las Vegas, ela tinha sido hiper vigilante, e ela tinha o pressentimento de que seria sempre assim.

Do lado de fora, deu uma corrida até seu carro, e não respirou facilmente, antes de fechar a porta. Pela primeira vez, o Camry pegou na primeira tentativa, como se a sua adrenalina estivesse sendo transmitida para o motor, e ela arrancou para o clube.

Quando ela chegou ao estacionamento do Iron Mask e saiu do carro com sua bolsa, sua paranóia estava infernizando ela. Nenhum carro a tinha seguido. Nenhuma sombra escura estavam se movendo para matá-la. Nada fora do normal.

Seus olhos foram para o beco onde os corpos tinham sido encontrados... E ela se lembrou precisamente do que ela estava assustada o tempo todo.

— Como você está?

Maria-Tereze se virou tão rápido que sua bolsa bateu nela. Mas era somente Trez, esperando na porta dos fundos.

— Eu estou bem.

Quando os olhos dele se estreitaram, ela levantou sua mão.

— Não me espete. Não hoje. Eu sei que você só quer o meu bem, mas eu não posso lidar com isso agora.

— Tudo bem. — Ele murmurou. — Eu darei a você o espaço que você precisa.

Afortunadamente, ele era sincero em suas palavras, deixando-a sozinha no camarim para se trocar. Quando ela estava em seu horrível uniforme, com seu cabelo arrumado, seus cílios cobertos com rímel e sua boca praticamente oleosa, ela andou pelo longo corredor do clube, completamente indiferente de quem e o que ela era.

Enquanto ela andava pelo meio da multidão, não demorou muito para achar trabalho. Um pouco de contato com os olhos, um pouco de quadril, um suave sorriso, e ela tinha o primeiro candidato da noite.

O cara era absolutamente um civil, — Em outras palavras, ele pareceria completamente normal em qualquer lugar menos aqui na Gothicolândia. Ele tinha mais de um metro e oitenta e cinco, com cabelo e olhos castanhos, e ele cheirava a Eternity for Mens da Calvin Klein, — um antigo que indicava que ele não era de todo delicado, mas pelo menos tinha um bom nariz. Suas roupas eram boas, mas não tops de linha, e ele não tinha nenhuma aliança

A conversa sobre a transação foi artificial e desajeitada, e ele ruborizava o tempo todo, o que deixava claro que ele nunca tinha feito isso antes, e nunca tinha se imaginado na posição de trocar dinheiro por sexo.

Bem vindo ao clube, ela pensou.

Ela a seguiu a um dos banheiros, e em uma característica distorção da realidade, ela se sentiu como se estivesse fora de seu corpo e dado dois passos atrás, observando o par ir para frente, e fechar a porta.

Dentro do limitado espaço, ela pegou o dinheiro que ele ofereceu, colocando-o em um bolso escondido dentro de sua saia, e então ela se aproximou dele, seu corpo frio como gelo, sua mão tremendo enquanto ele esfregava os braços dele. Abrindo seus lábios num falso sorriso, ela se

abraçou a ele fazendo-o tocá-la, forçando seu corpo a ficar parado, rezando para seu autocontrole ser grande o suficiente para ela não correr gritando.

— Meu nome é Rob, — O —John— disse. — Qual é o seu?

De repente, o banheiro começou a se fechar, as paredes roxas escuras e pretas parecendo com um compactador de lixo, e a apertando forte, fazendo-a querer gritar por socorro, então alguém poderia pará-los.

Engolindo forte, Marie-Tereze se recompôs, e piscou rápido na esperança de que clareando seus olhos, ela poderia limpar seu cérebro, e voltar aos trilhos.

Quando ela se inclinou, o homem franziu a sobrancelha, e se afastou.

— Mudou de idéia? — Ela perguntou, esperando que ele tivesse, mesmo que significasse que ela teria que sair e arranjar outro cliente.

Ele parecia perplexo.

— Ah... Você está chorando.

Recuando, ela olhou sobre o ombro para o espelho em cima da pia. Bom Deus... Ele estava certo. Lágrimas estavam rolando pela bochecha dela em uma lenta descida. Levantando suas mãos, ela as esfregou fora de seu rosto.

O homem olhou para o espelho também, e o rosto dele estava tão triste quanto ela se sentia.

— Quer saber? — Ele disse. — Eu não acho que nenhum de nós dois deveria estar fazendo isso. Eu estou tentando voltar para alguém que não se importa com quem eu durmo, e eu apenas não queria que ninguém saísse ferido. Isso é o por que de eu ter vindo...

— Para uma prostituta. — Ela terminou por ele. — Essa é a razão porque você veio a mim.

Deus, seu reflexo parecia terrível. Seu pesado delineador estava derretendo, suas bochechas estavam tão brancas quanto papel, e seu cabelo estava uma bagunça.

Enquanto ela olhava para seu rosto, ela percebeu que tinha acabado. O momento tinha finalmente chegado. Ela esteve avançando nesse caminho há algum tempo, com todo esse nervosismo antes de ela entrar no clube, aqueles choros e gritos quando ela estava no chuveiro, e os ataques de pânico no confessionário, mas o fim estava próximo.

O fim estava aqui.

Ela pôs sua mão na saia, e tirou as notas. Pegando a mão do homem, ela colocou o dinheiro nela.

— Eu acredito que você está certo. Nenhum dos dois devia estar fazendo isso.

O rapaz assentiu e apertou o dinheiro, parecendo sem esperança.

— Eu sou tão patético.

— Por quê?

— É tão típico de mim. Eu sempre entro em pânico nessas situações.

— Para o que é importante você não entrou em pânico. Eu entrei. Você foi... Gentil.

— Esse sou eu. O cara legal. Sempre o cara legal.

— Qual o nome dela? — Marie-Tereze murmurou.

— Rebecca. Ela senta no cubículo ao lado do meu no trabalho e ela é realmente... Perfeita. Eu tenho tentado impressionar ela há uns quatro anos, mas tudo o que ela faz é falar sobre sua vida amorosa. Eu pensei que se talvez eu falasse de algum encontro meu, onde eu tive sorte... O problema é, eu nunca tenho sorte e sou um péssimo mentiroso.

Ele puxou as mangas de sua camisa, como se estivesse tentando parecer atraente em frente a sua realidade.

— Você alguma vez chamou ela para sair? — Marie-Tereze perguntou.

— Não.

— Você já pensou que ela pode estar tentando impressionar você com todos esses encontros?

O rapaz franziu as sobrancelhas.

— Mas porque ela faria isso?

Marie-Tereze o alcançou e virou seu rosto para o espelho.

— Por que você é realmente atraente e bom, e talvez você esteja entendendo a situação de forma errada. O negócio é, se você a chamar para sair e ela recusar você, você não vai querer de qualquer jeito. Não tem razão para ser um de muitos.

— Deus, eu não posso imaginar como chamá-la para sair.

— Que tal... Rebecca, o que você vai fazer quinta-feira a noite? Esteja certo de chamar num dia de semana. Muita pressão para um fim de semana.

— Você acha?

— O que você tem a perder?

— Bem, ela está próxima a mim no trabalho, e eu a vejo todo dia.

— Mas você não está tendo um bom momento agora, está? Pelo menos você pode dar um fim nisso.

Ele encontrou os olhos dela no espelho.

— Porque você estava chorando?

— Porque eu não posso mais fazer isso.

— Quer saber, eu estou feliz. Eu escolhi você porque você não parecia o tipo de mulher que...

Ele ruborizou — Ah.

Que deveria estar fazendo isso. Eu sei. E você está certo.

O rapaz virou para ela e sorriu.

— Isso na verdade funcionou bem.

— Funcionou.

Em um impulso, ela o alcançou e deu um abraço nele.

— Sorte a você. E lembre-se, que quando você está chamando alguma mulher para sair, você é um ótimo partido, e ela tem sorte de ter você. Confie em mim. Eu aprendi da forma mais dura, que um homem bom é difícil de achar.

— Você acha?

Marie-Tereze rolou os olhos.

— Você não tem idéia.

Ele sorriu ainda mais amplamente.

— Obrigado, — Eu realmente agradeço. E eu acho que vou chamá-la para sair. O que infernos, certo?

— Você só vive uma vez.

Ele estava sorrindo e cheio de propostas enquanto saía do banheiro, enquanto a porta se fechava, Marie-Terese voltou a se olhar. À luz que a iluminava por cima, toda a maquiagem borrada a fez parecer uma autêntica gótica.

Que irônico, que a última noite dela no clube, finalmente ela parecia um cliente normal.

Se inclinando para um lado, ela pegou um pedaço de papel, pensando em arrumar seu delineador. Ao invés, ela terminou limpando o batom, apenas tirando a cobertura brilhante de sua boca. Nunca mais. Ela não iria usar aquela coisa grudenta outra vez... Ou qualquer uma daquelas maquiagens... Ou das ridículas roupas de puta.

Acabado. Esse capítulo da vida dela estava acabado.

Deus, era maravilhoso quão leve ela se sentiu. Maravilhoso e insano. Ela não tinha idéia do que ia fazer agora, ou para onde iria, então por essas razões, ela deveria estar em pânico. Mas tudo que ela podia pensar era quão aliviada ela se sentia.

Virando longe do espelho, ela alcançou o puxador de ferro e percebeu que tinha ido do choro ao sorriso. Abrindo a porta, ela — Olhou para o rosto amargo de Vincent diPietro.

Ele estava inclinado contra a parede justamente a frente dos banheiros privados, seus braços cruzados sobre seu peito, seu grande corpo tenso apesar da posição que deveria parecer relaxada. Sua expressão era de um homem que acabava de ter seu estômago aberto.

Capítulo 21

O problema era, ele não tinha motivo e nem direito de se sentir como se tivesse acabado de ter seu estômago esmurrado

À medida que Vin fitava Marie-Terese, ele tomava nota do rubor no rosto dela, e o fato de que não tinha nenhum batom na boca dela, ele não deveria ter sentido nada. A mesma coisa, quando aquele cara saiu do banheiro com um sorriso no rosto, e os ombros levantados como se ele fosse —O cara—. — Não devia ter acontecido nada de estranho no peito de Vin.

Ela não era mulher dele. Isso não era da conta dele.

— Eu preciso ir embora. — Ele disse, desencostando da parede, e se virando. Uma olhada na densa multidão, e ele foi para os fundos do clube, pelo corredor, que graças a ontem a noite, ele sabia que tinha uma porta no final.

Durante todo o percurso, a voz de seu pai bêbado o atormentava.

— *Nunca confie numa mulher. Elas são putas, todas elas. Dê a elas uma chance, e elas vão foder todas as vezes, — E não de um jeito bom.*

Marie-Terese o alcançou na metade do caminho para a saída, seus sapatos de salto alto, batendo sobre o piso ladrilhado. Pegando o braço dele, ela o puxou para uma parede.

— Vin, porque você está...

— Agindo desse jeito? — Maldição, ele não conseguia olhar para ela. Simplesmente não podia. — Você sabe, eu não tenho uma resposta para isso.

Ela parecia confusa.

— Não, eu estava perguntando... Porque você veio? Tem alguma coisa errada?

Deus, por onde começar com essa.

— Tudo está ótimo e maravilhoso. Absolutamente perfeito.

Enquanto ele continuava a andar pelo corredor de novo, ele a ouviu alto e claro.

— Eu não estava com ele. O homem lá dentro. Eu não estava com ele.

Vin olhou sobre seu ombro, e então marchou de volta para ela.

— Sim, claro. Você está com os homens para namorar, — Ou você acha que eu esqueci o que uma prostituta faz por dinheiro?

Enquanto ele a olhava empalidecer, ele se sentiu como um total bastardo. Mas antes que ele pudesse retirar o que tinha dito, ela preencheu o silêncio.

Levantando seu queixo, ela disse:

— É a verdade, e se você acredita ou não, é problema seu. Não meu. Agora se você me desculpar, eu vou trocar de roupa.

Quando ela levantou a mão para tirar o cabelo que estava sobre seu ombro, ele viu que ela tinha algo preso ao pulso... Um pedaço de papel com manchas vermelhas sobre ele.

— Espere — Ele a parou, e olhou para a coisa. — Você limpou o seu batom.

— Claro que eu, — Espere, eu acho que você pensou que aquele homem tirou com um beijo, certo? — Ela virou e seguiu pelo corredor.

— Adeus, Vin.

Agora era a vez dele de jogar uma novidade.

— Eu terminei com Devina essa noite. Minha namorada é agora —ex—. Isso foi o que eu vim dizer a você.

Marie-Terese parou, mas não virou para ele.

— Porque você fez isso?

Ele traçou o caminho das costas dela com os olhos, dos pequenos ombros a sua cintura, e de volta ao escuro cabelo preto que caia abaixo de sua omoplata.

— Porque quando eu olhei para você através daquela mesa no restaurante, tudo deixou de existir. E acontecendo ou não alguma coisa entre nós, conhecer você serviu para me mostrar o que eu estava perdendo.

Ela olhou sobre seu ombro, seus espetaculares olhos azuis estupefatos.

— É a verdade. — Ele disse. — É a verdade, e foi por causa disso que eu estava tão perturbado do lado de fora do banheiro. Eu não estou dizendo que você é minha... Eu apenas desejaria que você fosse.

Enquanto a depressiva música do clube enchia o ar entre eles, ele procurou a combinação mágica de palavras que a faria parar de tentar deixá-lo de fora.

Ainda que não canalizar seu pai, era provavelmente o melhor lugar para começar.

Ele se virou, e ele sentiu a avaliação em seus olhos.

— Eu vou trocar de roupa, e dizer ao Trez que estou me demitindo. Você vai esperar por mim?

O que... Ele tinha escutado direito?

— Você está saindo?

Ela levantou o pedaço de papel.

— Eu tenho percebido a algum tempo que eu não poderia continuar fazendo isso... Eu apenas não pensei que seria essa noite. Mas é.

Vin andou para ela, e embrulhou seus braços em volta dela, segurando-a cuidadosamente, então ela poderia se afastar se quisesse. Ela nem pensou. Enquanto seus corpos se encostavam, ela tomou uma respiração profunda... E o abraçou de volta.

— Sim... Sim, eu vou esperar por você. — Ele sussurrou, — Mesmo que leve horas.

Como se soubesse precisamente a hora de aparecer, Trez saiu de seu escritório até o fim do corredor, e parou em frente a eles.

Ele estendeu sua mão a Vin.

— Então você a está tirando daqui?

— Se ela me deixar.

Trez olhou para Marie-Terese, seus olhos castanhos impossivelmente gentis.

— Você deveria deixá-lo.

Marie-Terese ficou tão vermelha quanto um cartão de dia dos namorados.

— Eu... Ah... Olha Trez, eu não vou voltar mais aqui.

— Eu sei. E eu vou sentir sua falta, mas eu estou feliz.

Quando o homem ofereceu seu braço, ela o abraçou brevemente.

— Eu digo para o resto das garotas, e, por favor, não se sinta como se tivesse que manter contato, — Às vezes um corte limpo é o melhor. Apenas se lembre, se você precisar alguma coisa, qualquer coisa, — Dinheiro, lugar para ficar, um ombro para chorar. — Eu estarei sempre aqui para você.

Certo, Vin gostou desse cara. Bastante.

— Eu vou. — Ela olhou para Vin. — Eu não vou demorar.

Depois de ela ter desaparecido no camarim, Vin baixou sua voz, mesmo sabendo que era desnecessário, porque não tinha mais ninguém no corredor com eles.

— Ouça, ela me disse sobre apertado você está sendo com a polícia. Eu aprecio, mas se custar alguma coisa a você ou a ela, você abre o jogo, certo?

O cara sorriu um pouco, sua auto-segurança palpável.

— Não se preocupe sobre os policiais. Apenas tome conta da sua garota e tudo estará bem.

— Ela não é minha garota realmente. — Embora se ele tivesse uma chance...

— Posso dar a você um pequeno conselho?

— Sim, claro.

Enquanto o homem se aproximava, era estranho para Vin ter outro homem olhando diretamente nos olhos, dando quão alto ele era, mas Trez, certo como a merda que não tinha um problema com isso.

— Ouça cuidadosamente. — O homem disse. — Vai chegar um tempo, talvez mais cedo do que tarde, que você vai precisar confiar nela. Você vai precisar ter fé que ela é quem você conhece, e não o que você teme. Ela fez o que teve que fazer aqui, e talvez ela lhe fale as razões. Mas esse tipo de merda não é deixado para trás nas suas mentes por um longo tempo... Se alguma vez sair. Deixe-me assegurá-lo do que você já suspeita, de qualquer forma. Ela não é como as garotas daqui. Se a vida não tivesse sido como foi, ela nunca estaria aqui agora, certo?

Vin viu totalmente o ponto do cara, — Exceto, ele se perguntava quanto o dono do clube sabia. Dando o modo como ele olhava Vin, era como se ele visse... Tudo.

Sim, certo.

— Bom. Porque se você mexer com a cabeça dela, — Ele pôs sua boca próxima da orelha de Vin. — Eu vou fazer um jantar com a carne dos seus ossos.

Enquanto Trez se arrumava e brilhava outro daqueles pequenos sorrisos, Vin não estava enganado nem de leve sobre visões de cachorros-quentes, hambúrguer, e molho de churrasco rodando por sua mente.

— Você sabe, — Vin murmurou, — Você está certo, amigo, realmente está.

Trez arqueou um pouco.

— O mesmo sobre você.

Quando Marie-Terese apareceu cerca de dez minutos depois, seu rosto estava sem maquiagem, ela estava de jeans e um suéter de lã, e sua bolsa não estava a vista.

— Eu acabei de jogar minhas coisas fora. — Ela disse a Trez.

— Bom.

Os três andaram pela saída, e quando eles chegaram a porta, ela abraçou seu chefe de novo.

— Trez, sobre a polícia... —

— Se eles aparecerem aqui procurando por você. Eu a avisarei. Mas eu não quero que você se preocupe sobre isso, certo?

Ela sorriu para ele.

— Você toma conta de tudo, não é mesmo?

Uma sombra passou pelo rosto do homem.

— Quase tudo. Agora vão embora, vocês dois. E não tomem isso de modo errado, mas eu espero nunca mais ver vocês.

— Adeus Trez, — Marie-Terese murmurou.

Ele a alcançou e esfregou sua bochecha carinhosamente.

Enquanto o dono abria a porta dos fundos, Vin pôs seus braços em volta da cintura dela e a conduziu ao ar noturno.

— Nós podemos ir para outro lugar e conversar? — Ele disse, enquanto seus passos ecoavam no chão.

— A lanchonete?

— Eu estava pensando... Em outro lugar. Na verdade, tem esse lugar que eu gostaria de levar você.

— Certo. Posso seguir você?

— E que tal se eu dirigir nós dois? Enquanto ela olhava de volta para o clube, ele sacudiu sua cabeça.

— Na verdade, me siga, por favor. Você se sentirá mais segura com seu próprio carro.

Teve uma pausa, como se ela estivesse testando seus instintos. E então ela deu de ombros.

— Não... Isso não é necessário. — Ela olhou para ele. — Eu realmente não penso que você vai me machucar.

— Você pode apostar sua vida nisso.

— Vin a escoltou ao M6, e depois que ela estava sentada no banco de passageiros, ele sentou atrás do volante.

— Nós estamos indo ao Wood.

— O que é isso?

— Uma parte residencial da cidade que em qualquer rua termina com —Wood—. Oakwood, Greenwood, Pinewood.

Ele ligou o motor.

— é como se os projetadores da cidade correram dos nomes inventivos aquele ponto, e você se pergunta porque não tem uma avenida Woodwood, por lá.

Ela riu.

— Eu estou aqui há pelo menos um ano e meio. Eu deveria provavelmente saber onde é esse lugar.

— Não é muito longe. Apenas há uns dez minutos daqui.

Cinco quadras depois do clube, e ele diminuiu na Northway, e entrou na próxima saída, saindo dos subúrbios norte de Caldie. Enquanto eles passavam rua após rua, parecidas com selos de cartas, as casas eram pequenas, e se tornando menores ainda ao passarem.

Ele tinha lembranças dessa vizinhança, mas não era do tipo família feliz limpa e pura Norman Rockwell. Mais como ele escapando da casa para ficar longe dos seus pais, e saindo com seus amigos para beber, fumar e lutar. Qualquer coisa era melhor do que ficar em casa naqueles dias.

Deus, como ele rezou para eles irem embora. Ou ele ir embora. E ele tinha conseguido seu desejo, não tinha?

— Quase lá. — Ele disse, embora Marie-Tereze parecesse perfeitamente contente perto dele, seu corpo relaxado, sua cabeça encostada no assento, parecendo relaxar enquanto olhava pela janela.

— Eu sinto como se pudesse continuar dirigindo por horas, — Ela murmurou, — E eu fuçaria feliz apenas em sentar aqui, e olhar o mundo passar.

Ele a alcançou e pegou a mão dela, dando um apertão.

— Quando foi a última vez que você esteve de férias?

— Eu tenho estado sempre.

— Ah. Eu sei como é essa.

Quando ele chegou a 116ª Avenida Crestwood, ele puxou para a entrada de automóveis e até um minúsculo dois-quartos com revestimento de alumínio e um desvio de concreto até a porta da frente.

O lugar que ele cresceu, nunca pareceu tão bom, os arbustos aparados em volta da fundação e o grande carvalho livre de galhos mortos, — E quando tinha grama crescendo, seria aparada toda semana. Ele também substituiu o teto dois anos atrás, refez o desvio, e o caminho foi repavimentado. Era a mulher casa da rua, se não de todo o bairro.

— O que é isso? — Ela perguntou.

Ele estava abruptamente embaraçado, mas então, esse era o ponto. Devina nunca tinha estado ali. Ninguém com quem ele trabalhava, nem sabia da existência do lugar. Desde que ele tinha começado a fazer, ele mostrava as pessoas, apenas do que ele estava orgulhoso.

Ele abriu a porta

— Isso é... Onde eu cresci.

Marie-Terese já estava fora do carro quando ele deu a volta, e seus olhos estavam analisando cada centímetro da casa, de um canto a outro.

Ele tomou o braço dela, e a guiou até a porta da frente. Assim que ele destrancou a porta, e abriu caminho, o cheiro de artificial de limão apareceu como se fosse um tapete de Bem Vindo, mas era um falso cumprimento, tão falso quanto a química usada para o cheiro de limão.

Juntos, eles passaram pelo umbral da porta, e ele acendeu a luz do corredor, depois fechou a porta, e ligou o aquecedor.

Frio. Úmido. Desordenado. Em contraste com o exterior, a casa, por dentro era uma bagunça. Ele deixou exatamente do jeito que estava no dia que seus pais rolaram pela escada juntos: Um instrumento de feiúra.

— Sim, isso é onde eu cresci. — Ele disse roucamente, olhando abaixo a única coisa nova em toda a casa, o tapete. — Que era o do pé da escada. Onde eles tinham caído depois de rolar pela escada.

Enquanto Marie-Terese olhava tudo, ele foi para a sala de estar e acendeu uma lâmpada, para ela poder ver também o sofá esfarrapado, e remendado nos braços... E a baixa mesinha de café com queimaduras de cigarro... E as prateleiras de livro, que estavam mais cheias de garrafas vazias de vodka da mãe dele, do que com qualquer coisa que se pudesse ler.

Homem, a luz não era gentil com as cortinas laranja e amarelo, que penduravam com podre exaustão dos seus trilhos de ferro batido ou o tapete puído que ia do sofá até a cozinha.

Sua pele ia arrepiando enquanto ele andava sobre o arco, e batia no interruptor de luz, acima do fogão.

O que deveria ser uma cozinha do estilo apavorante Betty Crocker, era pior do que a sala de estar: O balcão de fórmica estava manchado com círculos deixados por latas que estiveram lá por semanas, derramando ferrugem na superfície. O refrigerador com o puxador solto, era de um dourado queimado, ou provavelmente tinha sido, quando foi comprado, — Agora era difícil de dizer quanto era a cor inicial, e o quanto da decadência e da sujeira. E os armários de pinho... Que

bagunça. Originalmente eles tinham sido lustrosos, mas eles estavam agora mofados, e a parte que ficava embaixo de uma antiga goteira, tinha limpado o verniz da madeira, como veneno na pele.

Ele estava tão envergonhado de tudo.

Esse era o verdadeiro Dorian Grey estado, a podre realidade que ele tinha mantido trancado em seu famoso armário enquanto para o resto do mundo, ele mostrava apenas beleza e riqueza.

Vin olhou sobre seu ombro. Marie-Tereze estava perambulando ao redor, sua boca levemente aberta, como se ela estivesse vendo um filme que a chocou.

— Eu queria que você visse isso.

Ele disse.

— Porque essa é a verdade, e eu nunca mostrei para ninguém. Meus pais, eram ambos alcoólatras. Meu pai trabalhava como encanador, e minha mãe era uma fumante profissional, e isso era tudo. Eles brigavam muito, e morreram nessa casa, e para ser honesto, eu não sinto a falta deles, e eu peço desculpas por isso. Se isso faz de mim um bastardo, eu estou bem com isso.

Marie-Tereze andou para o fogão. Sentando sobre o balcão, entre os queimadores, tinha uma velha colher virada, que ela pegou e tirou o pó.

— The Great Escape. Um parque de diversões ao norte. Já ouviu falar dele?

— Não. Como eu disse, eu não sou daqui.

Ele se aproximou, olhando para a coisa com o logotipo vermelho.

— Eu comprei isso em um passeio escolar. Eu pensei que talvez, se as outras crianças me vissem comprando algo normal para minha mãe, eles não iam adivinhar como ela realmente era. Por alguma razão, a mentira era importante para mim. Eu queria ser normal.

Marie-Tereze colocou a coisa de volta no lugar, com mais cuidado que o necessário, e ficou onde estava, encarando a colher.

— Eu vou a um grupo de orações toda terça e sexta-feira à noite. Na St. Patrick.

A revelação dela, o deixou sem ar.. E ele teve que forçar a si mesmo, a ficar calmo.

— Você é católica? Eu, também. Ou pelo menos meus pais eram casados pela Igreja Católica. Eu me desviei um pouco.

Ela prendeu um pouco de seu cabelo atrás da orelha, e tomou uma trêmula respiração.

— Eu vou... Eu vou aos encontros porque eu quero estar em volta de pessoas normais. Eu quero ser... Como eles de novo algum dia.

Os olhos dela brilharam, e encontraram com os dele.

— Então eu entendo. Eu entendo... Tudo isso. Não só a casa, mas porque você não traz gente aqui.

O coração de Vin trovejou no peito.

— Eu fico contente. — Ele disse roucamente.

Os olhos dela se moveram em volta do espaço.

— Sim... Cada pedaço disso, eu entendo.

Ele ofereceu sua mão.

— Venha comigo. Deixe-me mostrar o resto do lugar.

Ela pegou o que ele ofereceu, e o calor da palma dela na dele era transformativo, aquecendo todo seu corpo, mostrando a ele quão frio e adormecido ele normalmente era. Ele tinha estado esperando que ela o aceitasse mesmo com isso contra seu favor. Rezando.

E agora que ele viu que ela aceitava, por alguma razão ele queria agradecer a Deus.

Enquanto eles subiam as escadas, os passos chiavam sobre o fétido carpete e o corrimão era tão perigoso como um bêbado num barco. No topo das escadas, ele passou pelo quarto dos seus pais, passou pelo único banheiro, e parou em frente a uma porta fechada.

— Aqui era onde eu dormia.

Depois que ele abriu, ele virou e acendeu a luz. Enfiada sobre uma goteira do sótão, sua velha cama de solteiro, estava ainda coberta com um cobertor azul-marinho, e o único travesseiro na cabeceira, era ainda tão fina quanto uma fatia de pão. A mesa estava onde ele fazia suas tarefas de casa, quando ele realmente fazia alguma coisa, estava ainda sobre a janela, a lâmpada curvada que ele usava para estudar, virada ao teto. Sobre a cômoda, seu cubo Rubik, seu negro pente de cabelo e a Sports Illustrated Edição de Roupas de banho com Kathy Ireland na capa, estavam onde ele tinha deixado pela última vez.

Sobre a penteadeira, seu espelho tinha vários pedaços de bilhete, fotos, e outras merdas presas na barata, falsa moldura de madeira, e enquanto ele andava para frente e pegava seu reflexo, ele queria amaldiçoar.

Sim, ainda o mesmo. Ele ainda estava encarando um rosto com machucados.

Claro, dessa vez, seu pai não tinha sido quem tinha colocado eles ali.

Vin andou para a janela, e enquanto ele a abria deixando algum ar entrar, ele sentiu vontade de falar. Então ele falou.

— Sabe, eu levei Devina a Montreal em nosso primeiro encontro. Voei com ela em meu avião e nós ficamos numa suíte no Ritz-Carlton. Ela estava tão impressionada, quanto eu imaginei que ela ficaria, e ainda hoje, ela não sabe de onde eu vim. Muito disso foi minha opção, mas a coisa era, que ela nunca se preocupou muito sobre meu passado. Ela nunca perguntou sobre meus pais depois que eu falei que estavam ambos mortos, e eu nunca me ofereci.

Ele se virou.

— Eu ia casar com ela. Tinha o anel comprado e tudo, — E o que você sabe, ela achou o diamante essa manhã.

— Oh... Meu Deus.

— ótimo tempo certo? Depois de o Jim me deixar, eu fui para casa, abri a porta, e lá estava ela, toda emocionada, com a caixa na mão.

Marie-Terese colocou sua mão sobre a boca.

— O que você fez?

Vin andou e se sentou na cama. Enquanto uma fina camada de poeira levantava, ele fez uma careta, parou de novo, e recolheu o cobertor em seus braços.

— Espere um minuto.

Fora no corredor, ele bateu a coberta, virando seu rosto da poeira. Quando não estava soltando muita poeira, ele voltou para o quarto, cobriu o colchão nu, e sentou de novo.

— O que eu fiz... — Ele murmurou. — Bem, eu tirei os braços dela do meu pescoço e me afastei. Disse a ela que não podia me comprometer com ela. Que eu tinha cometido um erro e que eu sentia muito.

Marie-Terese chegou mais perto, e sentou na cama.

— O que ela disse?

Ela tomou tudo com uma calma glacial. O que, se você a conhecesse, não seria uma grande surpresa. Eu disse a ela que ela poderia ficar com o anel, e ela subiu as escadas com ele. Voltou uns quinze minutos depois, com um pouco da sua roupa empacotada. Disse que depois mudaria o resto de suas coisas, e deixou a chave para trás quando saiu. Ela estava completamente inabalável e calma. O fato era, ela não parecia surpresa. Eu não estava apaixonado por ela, e nunca estive e ela sabia disso.

Vin puxou seu traseiro para trás, assim ele podia encostar-se à parede. Da saída do aquecedor sobre sua cabeça, o quente ar se derramava por sua face, um contra balanço com o leve e frio que vinha através da janela.

Depois de um momento, Marie-Terese seguiu o exemplo dele, apenas curvando suas pernas, e apertando seus braços em volta dos joelhos.

— Eu espero que você não se importe de eu perguntar... Mas se você não a amava, porque comprou o anel?

— Era mais uma coisa para adquirir. Justamente o que ela era.

Ele deu uma olhada em volta.

— Eu não estou orgulhoso disso, a propósito. Eu apenas não me importava antes....

— Antes?

Ele olhou para longe dela.

— Antes de agora.

Teve um longo silêncio enquanto as duas fontes de ar se misturavam, o quente e o frio, se juntavam numa confortável temperatura.

— O nome do meu filho é Robbie, — Ela disse abruptamente.

Enquanto ele dava uma olhada nela, ele viu que as juntas dos seus dedos sobre o joelho, estavam brancas pela tensão.

— Não tem que ser um Quid Pro Quo, — Ele murmurou.

— Só porque eu te conto coisas, não significa que você deve retornar o favor.

— Ela sorriu um pouco.

— Oh. Eu sei. É apenas... Eu não estou acostumada a falar.

— Isso faz dois de nós.

Os olhos dela se moveram em volta do quarto, e depois pararam na porta aberta.

— Seus pais discutiam muito?

— Todo o tempo.

— Eles... Lutavam? Mais do que apenas verbalmente... Você sabe.

— Sim. A maioria do tempo, o rosto da minha mãe parecia um teste de Rorschach³⁶... Ainda que ela desse o melhor que podia, — Não que isso desculpasse de nenhum jeito os socos do meu pai.

Vin balançou sua cabeça.

— Eu não me importo uma merda, o que aconteça, um homem nunca deve levantar a mão para uma mulher.

— Marie-Terese deitou seu rosto em seus joelhos, e o encarou diretamente.

— Alguns homens não dividem essa filosofia. E algumas mulheres não batem de volta como sua mãe fazia.

Quando o som de um grunhido ecoou no quarto, ela sentou em surpresa... O que confirmou que, sim, o baixo, perigoso som, tinha vindo dele.

— Me diga que essa não foi sua experiência.

Vin disse sombriamente.

— On, não... — Ela respondeu rapidamente. — Mas foi duro sair do meu casamento. Depois que eu disse ao meu agora ex-marido que eu o estava deixando, ele pegou nosso filho, e sumiu pelo país. Eu não sabia onde meu filho estava ou o que tinha acontecido... Durante três meses. Tudo que eu fiz, foi pra ter certeza que meu filho esteve e está a salvo.

Agora a imagem dela estava ficando mais clara. Vin pensou. E ele estava aliviado que de todo ruim que tivesse sido, ela não tinha sido espancado, além de tudo isso.

— Deve ter custado muito dinheiro.

Ela assentiu, e abaixou sua cabeça novamente.

— Meu ex era bem parecido com você. Muito rico, poderoso... Bonito.

Certo... Merda. Era ótimo que ela o achasse atraente, mas ele não gostava muito de onde essa invariável estava levando. Como ele poderia convencer ela que ele não era. —

— Mark nunca teria feito algo assim, de qualquer forma, — Ela disse calmamente.

— Ele nunca se deixaria estar assim... Exposto. Obrigado por isso... É atualmente a coisa mais legal que um homem já fez para mim desse jeito.

Enquanto Vin levantava sua mão, ele fez lentamente, pois assim ela poderia ver exatamente onde estava. E quando ele trouxe sua palma para o rosto dela, ele deu suficiente tempo para ela se retirar. Ela não se retirou. Ela apenas o olhou nos olhos, e manteve o contato.

Momentos viraram minutos, e nenhum dos dois quebrou o contato.

Enquanto o silêncio engrossava, Vin se inclinou e os lábios dela se separaram, sua cabeça se movendo de seus joelhos como se ela quisesse que sua boca encontrasse a dele tanto quanto ele queria encontrar a dela.

No último segundo, ele apenas beijou sua testa. E então ele a puxou para os seus braços, apertando-a mais perto e a segurando. Enquanto sua cabeça descansava no peito dele, ele alisou suas costas em lentos e grandes círculos. Em resposta, o estremecimento que ela deixou sair, era mais que uma rendição, era mais profundo, mais íntimo do que se ela estivesse dando seu corpo a ele para sexo, e ele aceitou o presente da confiança dela com a reverência que merecia.

³⁶ Teste de Rorschach, teste de personalidade desenvolvido pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach

Descansando seu queixo levemente sobre a cabeça dela, Vin olhou através do quarto... E teve a resposta para a pergunta que ele vinha se fazendo desde que vira ela.

Preso na moldura da janela, apenas entre as outras coisas, estava uma foto de uma Madonna perfeita num cartão. Na descrição, ela tinha cabelo cor de azeviche e olhos azuis brilhantes, e ela estava além do adorável, seu rosto curvado para baixo, seu halo dourado acima de sua cabeça, a aura ao redor de sua forma, era brilhante.

Ele pegou o cartão de um daqueles evangélicos que apareciam na porta, há muito tempo atrás.

Como sempre, a única razão por qual ele atendeu a porta, era porque sua mãe bêbada, estava a ponto de fazer, e ele não podia agüentar a vergonha de ninguém vendo sua mãe em seu sujo casaco de ficar em casa e o todo o cabelo parecendo ninhos de ratos. O cara do outro lado da porta tinha estado vestido com um terno preto, e tinha parecido como Vin desejava que seu pai parecesse. — Elegante, limpo, arrumado, e calmo.

Vin tinha mentido sobre seus pais não estarem em casa, e quando o homem olhou além da sala, Vin disse que não era sua mãe, era um parente doente.

Os olhos do evangélico, se encheram de pena, como se estivesse familiarizado com a situação, e o cara tinha pulado seu discurso, apenas entregando o cartão e dizendo a Vin que podia usar o número do verso se precisasse de abrigo.

Vin tinha pego o que ele tinha oferecido, e subiu as escadas para sentar com a foto nas mãos. Ele tinha instantaneamente amado a moça da frente, porque ela parecia como se nunca tivesse ficado bêbada e nunca tinha gritado ou batido em ninguém. E para ter certeza que ela estaria protegida, ele tinha escondido de sua mãe e seu pai, fazendo o óbvio colocando completamente no espelho, — Normalmente quando sua mãe saqueava seu quarto, ela ia apenas às gavetas, armários, e em qualquer coisa que estivesse embaixo da cama.

Agora ele tinha sua resposta.

Enquanto ele olhava para o cartão, ele percebeu, Marie-Terese parecia exatamente com ela.

Capítulo 22

Jim trabalhou com sua faca sobre o pedaço de madeira com cuidado e confiança. À frente dele, no jornal que havia deixado no chão a seus pés, uma pilha de lascas de madeira estava crescendo e Dog estava bem próximo à produção inteira, assistindo com aqueles grandes olhos castanhos, parecendo entender em todos os níveis por que alguém escolheria se comportar deste modo em relação a um graveto.

—Será parte do meu jogo de xadrez.

Jim acenou com a cabeça em direção a uma caixa de sapato que ele estivera enchendo ao longo do último mês.

—Eu acho que farei esta aqui.... Bem, eu estou cansado de fazer peões. Então esta será a

rainha.

Ele pegara a madeira dos carvalhos da propriedade quando os galhos se quebraram nos ventos e caíram no chão, e ia devagar, mas constante com seu hobby, conseguindo juntar umas peças de vez em quando. A ferramenta que usava era uma faca de caça que seu oficial comandante lhe dera há muito tempo e falara sobre ser antiga, mas valer seu peso em ouro. A coisa era uma obra-prima de armamento que era enganosamente simples, sem marcas registradas identificadoras, números de série ou iniciais, e nada que sugerisse o fato de que tinha sido feito à mão por um expert para ser usada por um expert. E Jim conhecia a coisa como a palma de sua própria mão, a lâmina de aço inoxidável um trabalho vicioso, o cabo envolto em couro que tinha sido envelhecido com seu próprio suor.

Erguendo-a, ele mediu o flash da luz sobre sua cabeça na superfície de pátina da lâmina. Engraçado, ele pensou, aqui neste apartamento de um quarto, sendo usada para transformar madeira em uma peça de jogo, ela era apenas uma faca. Na maioria de outras circunstâncias, tinha sido uma arma mortal.

O propósito era tudo, não era?

Enquanto voltava ao trabalho, a lâmina fazia um suave rangido enquanto ele usava o polegar para puxar a faca em sua direção, sua mão cuidadosamente guiando cada golpe, reduzindo a madeira por incrementos para revelar a peça de xadrez presa em seu interior.

Ao longo dos últimos vinte anos, Jim passara horas assim: Sozinho. Sem rádio, sem televisão. Só um pedaço de madeira e uma faca. Ele fizera pássaros, animais, estrelas e letras que nada significavam. Rostos e lugares entalhados. Árvores e flores. Havia muitas vantagens em seu hobby. Barato, portátil, e ele sempre teria sua lâmina aonde quer que estivesse.

As armas de fogo tinham ido e vindo. Outros tipos de armas, também. Oficiais comandantes da mesma forma.

Mas a faca sempre tinha estado com ele.

Deus, o dia que ela fora dada de presente a ele, seu flanco era claro como um espelho, e a primeira coisa que fizera foi levá-la para fora de seu alojamento e esfregar sujeira em ambos os lados dela: Embaçando todo aquele brilho-e-esplendor, como afiar as extremidades do negócio, tinha sido parte de realçar sua utilidade.

A arma nunca lhe falhara. E pro inferno se ele não dissesse que ele também, mas ela cortava em pedaços uma excelente peça de madeira, também—

Seu celular explodiu, tocando em cima da colcha. Enquanto ia ver quem era, Jim colocou o galho de carvalho de lado e manteve a faca com ele por força do hábito.

Abrindo o telefone, viu que era um número não-identificável e sabia exatamente quem era. Pressionando com o polegar no botão *send*, ele levou o celular ao ouvido.

—Sim? Silêncio. E então aquela profunda e cínica voz:

—Em qual peça você está trabalhando? Porra. O fodido do Matthias sempre sabia demais. —

A rainha.

—Antigos hábitos são difíceis de desaparecer, não são?

Assim como antigos chefes.

—Achei que você disse que eu não podia te ligar mais.

—Seus dedos não fizeram a ação desta vez, fizeram?

—E pensar que você desperdiçou todo esse esforço só para descobrir o que eu estava fazendo. Houve uma pausa. —O número da placa. Por que você precisa descobri-lo e por que se importa com o dono do veículo.

Ah, então este era o *porquê* do telefonema.

—Não é da sua conta.

—Nós não toleramos trabalhos *freelances*. Em qualquer nível. Faça uma merda como esta e estará não somente fora do serviço ativo, você será aposentado.

O que significava que havia uma caixa de madeira, não um relógio de ouro, em seu futuro: Os chefes dele não o enviavam no pôr-do-sol com um Rolex. Você simplesmente acordava morto numa manhã.

—Seja como for, Matthias, eu conheço a rotina, e se você ligou só para confirmar isto, perdeu seu tempo.

—E sobre o número da placa?

Jim parou, e pensou, supondo que o dever ainda era uma obrigação. Enquanto recitava o número de identificação de Marie-Tereze e detalhava o pouco que sabia sobre a mulher, ele estava confiante que a procura não seria assinalada como inapropriada, mesmo que ela estivesse sendo feita pelos canais do governo. Matthias era brando, por um lado. Por outro, havia apenas um outro cara com mais poder do que ele tinha.

E aquele FDP trabalhava num escritório oval.

É, tinha horas em que não fazia mal algum ter o cachorro grande lhe devendo a vida.

—Eu estarei em contato,— Matthias disse.

Quando o telefone foi desligado, Jim baixou o olhar para sua faca. Matthias ganhara uma na mesma época que Jim, e o cara tinha sido malditamente bom com ela — mas ele também tinha sido excelente nas políticas do —escritório—, considerando que Jim, com todas as suas tendências anti-sociais, ficara em campo. Um caminho levou Matthias para o topo; O outro colocara Jim... num estúdio em cima de uma garagem.

Com um novo conjunto de chefes.

Jim sacudiu a cabeça enquanto ele comparava aquelas quatro bichas aristocráticas com suas bolas de críquet, seu cão de caça e seu castelo para Matthias e sua laia: Era como colocar um punhado de sapatilhas de balé contra botas para caminhar equipadas com esporas de gelo. Sem chance — pelo menos na superfície. Jim tinha a distinta impressão, contudo, que aqueles garotos no outro lado tinham merda em seus bolsos de trás que fariam todas as armas convencionais e nucleares à disposição de Matthias parecerem como brinquedos.

Ele voltou e se sentou na cadeira barata, próximo ao Dog, exceto que desta vez levou seu celular com ele. Enquanto retomava a esculpir, ele pensava sobre sua nova linha do trabalho.

Assumindo que Vin seguiria em frente e romperia as coisas com Devina, e proveria o cara responsável por penetrar na concha de Marie-Tereze, Jim teve que se perguntar qual diabos era seu próprio papel em toda parte dessa encruzilhada. Sim, talvez ele tivesse conseguido pegar o par

delas no mesmo lugar na noite de sexta-feira, mas exceto isto, o que ele tinha feito?

Ou este era o bico mais fácil do planeta, ou ele estava perdendo alguma coisa.

Um pouco mais tarde, Jim deu uma olhada no relógio. E então meia hora depois olhou novamente. Matthias trabalhava rápido. Sempre. E em virtude disso, o pedido era simples: Verificar o registro e o dono de um Toyota Camry de cinco anos e realizar uma busca de antecedente criminal. Este era o tipo de coisa que levava dois cliques do mouse, seis golpes no teclado, e mais ou menos um nano-segundo.

A menos que uma emergência de segurança nacional tivesse acontecido. Ou algo havia sido encontrado nos registros de Marie-Terese.

Havia razões por que as pessoas sentiam a necessidade de olhar atrás de si mesmas em becos escuros. Boas razões por que a maioria tendia a se apressar, mesmo se não estivesse frio. Excelentes razões por que ruas iluminadas eram muito preferidas à noite.

—Oh... Deus, não.... Por favor...

A curva para baixo do pé-de-cabra cortou a súplica e foi um corte brusco, como desligar uma luz: Num momento havia iluminação, no outro nada além de escuridão. Num momento havia uma voz, no outro nada além de silêncio. O sangue estava em ambos os rostos agora.

Enquanto ele começava a matar o homem, a ira ergueu seu braço mais do que qualquer pensamento consciente e sua raiva lhe deu o tipo de força que significava que não iria demorar muito tempo. Só mais um golpe, se é que isso seria necessário, e haveria mais do que um silêncio temporário.

Deslocando seu peso para conseguir tirar o máximo da trajetória descendente, ele—

Na outra extremidade do beco, os faróis de um carro fizeram uma varredura ao redor, os dois feixes de luz atingindo o tijolo do edifício à esquerda e revelando sua parede áspera.

Não havia tempo para outro golpe. Em questão de segundos, ele seria iluminado tão claro como se estivesse no palco.

Dando a volta, ele disparou para o lado oposto do beco, correndo tão rápido quanto podia. Enquanto acelerava, dando a volta na esquina, eles veriam por um momento sua jaqueta e a parte de trás de seu boné de beisebol, mas existiam centenas de blusões Gore-Tex³⁷ pretos em Caldwell, e um chapéu preto era um chapéu preto.

Houve um chiado de freios e então alguém gritou alguma coisa.

Ele continuou com o andar apressado por apenas três quarteirões, e quando não havia mais nenhum grito e nenhum som barulhento de um carro o perseguindo, diminuiu a velocidade de seu passo, então entrou rapidamente numa inserção que não tinha nenhuma iluminação na parte de cima. Tirando o blusão, enterrou o pé-de-cabra nele, fazendo nó atrás de nó com as mangas para prender a coisa enquanto recuperava o fôlego.

Seu carro não estava muito longe porque ele o tinha deixado em um lugar distinto do estacionamento do Iron Mask apenas para ficar protegido. E não é que aquilo tinha se revelado ser a decisão certa?

Mesmo depois que ele estava respirando devagar e continuamente, ficou onde estava,

³⁷ **Gore-Tex** é um tecido à prova de água e de vento, e uma marca registrada de *W.L. Gore & Associates*.

escondido e seguro. As sirenes da polícia vieram mais ou menos cinco minutos depois e ele observou dois carros de marca acelerar. Mais ou menos um minuto e meio depois um terceiro carro, que não era de marca e tinha o giroflex preso no painel, passou com muita pressa por ele.

Quando não tinha mais nenhum outro, tirou seu boné de beisebol, o enrolou, e empurrou para dentro do bolso de sua calça jeans. Então tirou seu cinto, suspendeu seu casaco de lã, e guardou o pé-de-cabra ensanguentado e seu embrulho junto a sua costela. Depois de se cobrir outra vez, se moveu como um fantasma para fora da inserção e se dirigiu a seu carro, que estava a menos de quatrocentos metros de distância.

Prosseguindo, ele não caminhava nem rápido nem devagar, e olhava ao redor com seus olhos, mas não com sua cabeça. Para o observador casual, ele era apenas um outro pedestre na rua depois da meia-noite, um cara jovem prestes a se encontrar com amigos ou talvez a caminho da casa de sua garota: Nada incomum, totalmente despercebido, enquanto se deparava com um par de sujeitos, uma mulher sem-teto e um punhado de casais.

Seu carro estava exatamente onde o havia deixado e ele teve que entrar cuidadosamente, graças ao que estava escondido debaixo de seu casaco de lã. Dando a partida no motor, saiu em direção a Trade, e quando uma ambulância se aproximou dele a toda velocidade, ele fez a coisa certa, retirando-se rapidamente para o lado e saindo do caminho.

Não precisa se apressar, rapazes, ele pensou. Dado a brutalidade com que tinha batido naquele cara, não havia como o trazerem de volta.

Diminuindo em direção ao rio, ele ficou com o fluxo do tráfico, até o ponto que havia algum, mas não tinham muitas pessoas nas estradas tão tarde assim. E havia cada vez menos enquanto ele ia para cada vez mais longe do centro da cidade.

Uns bons vinte e cinco quilômetros depois, ele parou no acostamento da estrada.

Não havia nenhuma iluminação na rua ali. Nenhum carro. Só uma extensão de asfalto com árvores e galhos que vinham até o acostamento de cascalho.

Saindo, trancou o carro e foi pelo bosque, em direção ao rio. Quando ele emergiu na margem do Hudson, olhou para o outro lado do caminho. Havia algumas casas no outro lado, mas só tinham luzes acesas do lado de fora, o que significava que os habitantes estavam dormindo — embora não importaria se eles estivessem acordados, deitados na cama, ou até caminhando pelas suas cozinhas, querendo um lanche. Ninguém o veria. O rio era largo aqui, largo e fundo.

Levantando seu casaco de lã preto, ele libertou o pé-de-cabra, e com um forte arremesso, o lançou junto com o blusão na água. Com um baque e apenas um pouco de água espirrada, a coisa afundou num piscar de olhos, para nunca mais ser encontrada: O leito do rio estava a pelo menos três metros abaixo nesta parte, mas melhor ainda, ele escolhera um lugar onde havia uma curva para o curso do Hudson — a corrente não iria apenas levar o pé-de-cabra mais longe de Caldwell; arrastaria a coisa para mais distante no meio, longe da margem.

De volta ao seu carro, ele entrou e continuou andando.

Dirigiu nos arredores por um tempo, escutando a rádio local, morrendo por saber o que a polícia iria relatar sobre que tinha acontecido naquele beco. Mas não havia nada. Apenas hip-hop e pop rock na FM e teorias de conspiração e líderes da direita falando na AM.

Enquanto ele prosseguia, pegando aleatoriamente esquerdas e direitas, pensava no modo como as coisas saíram aquela noite. Ele podia sentir a si mesmo deslizar para dentro de antigos modos e hábitos, e isso não era bom — embora de certa forma, parecesse inevitável.

Era difícil mudar quem você era por dentro. Muito difícil.

O negócio era que, atirar naqueles garotos de faculdade na noite anterior tinha sido um pouco um choque, mas todo o incidente do pé-de-cabra neste instante parecia negócios como de costume. E o gatilho para a matança tinha sido muito mais baixo. O cara não tinha nem mesmo sido agressivo com a ela naquele clube. Ele ficara com ela e isso fora o suficiente. Um olhada naquele sorriso de auto-satisfação quando ele tinha saído daquele banheiro que eles tinham desaparecidos e o filho da puta era um homem morto.

Mas as coisas não podiam continuar assim. Ele era esperto o suficiente para saber que se continuasse eliminado homens no centro da cidade, suas chances de ser pego aumentariam com cada corpo que deixasse para trás. Então ou ele precisava parar... ou limpar suas bagunças.

Quando estava convencido de que não tinha sido seguido, e quando não conseguia mais combater o desejo de checar a TV, ele se dirigiu para casa — ou para o que tinha sido sua casa nos últimos dois meses.

A casa era de aluguel, nos subúrbios da cidade, num bairro cheio de jovens famílias com jovens crianças ou velhos casais sem crianças. E dado o número de gente que estava passando por um momento difícil no atual estado de depressão econômica, tinha sido fácil para ele encontrar alguma coisa.

O aluguel era mil por mês. Sem problemas.

Entrando na calçada, bateu no abridor da porta da garagem e esperou enquanto os painéis se levantavam. Estranho. A casa ao lado tinha luzes acesas dentro dela. Uma no corredor frontal, outra na sala de estar, e uma terceira no alto da escada. O lugar sempre ficara escuro antes.

Não era da sua conta, entretanto — ele tinha bastante dos seus próprios problemas acontecendo.

Estacionando em sua garagem, apertou o botão do controle remoto e esperou até que ficasse fechado do lado de dentro, assim ninguém o veria sair. O qual era um hábito que adquirira graças ao observar sua mulher. Dentro da casa, ele foi para a parte de trás do hall do banheiro e ligou a luz. No espelho, percebeu que o bigode que colocara no lábio superior tinha saído do lugar — nada bom, mas pelo menos ninguém olhara pra ele com ar divertido enquanto caminhava para seu carro. Talvez tivesse acontecido enquanto estava no rio.

Ele arrancou a faixa de penugem, escorrendo banheiro abaixo, e pensou em lavar o sangue ali, mas imaginou que o chuveiro lá de cima seria melhor. E quanto a suas roupas? Seu casaco de lã ficara protegido pela jaqueta, que estava agora no Hudson, mas sua calça jeans estava manchada.

Droga, as calças eram um problema. Havia uma lareira na sala de estar, mas ele nunca a usara antes, não tinha nenhuma madeira, e além disso, se acendesse algo, haveria uma chance dos vizinhos sentirem o cheiro da fumaça e se lembrarem disto.

Melhor deixá-las no rio depois de escurecer, assim como ele fizera com o pé-de-cabra.

O chapéu. Ele usara o chapéu, também.

Ele tirou o boné preto do bolso de trás. Tinham só algumas manchas nele, mas isso era o suficiente para colocá-lo na área de descarte. Não se conseguia limpar as fibras o suficiente nestes tempos dos CSIs³⁸. O fogo ou o desaparecimento permanente eram as únicas opções que se tinha.

Lá em cima, ele parou no topo da escadaria. Com ambas as mãos, tirou a peruca e alisou seu cabelo de forma que ficasse no lugar. Ele supôs que seria melhor tomar banho antes de se revelar, mas não podia esperar tanto assim. Além disso, teria que caminhar pelo quarto para chegar ao banheiro, então ela o veria de qualquer maneira.

Ele foi para a entrada da porta. —Eu estou em casa.

Do outro lado, ela olhou para ele do canto, tão bonita, recatada e resplandecente como sempre, seus olhos inundados de compaixão e calor, sua pele de alabastro brilhando na turva luz lançada pela lâmpada da rua do lado de fora.

Ele esperou por uma resposta e então lembrou a si mesmo que uma não viria: A estátua de Maria Madalena que ele roubara ao amanhecer permanecia tão quieta quanto tinha estado quando ele a levava da igreja.

Ele teve que levá-la. Agora que sabia o que sua mulher fazia para viver, esta era sua representação de seu amor, algo para ajudá-lo a aguentar até que finalmente e permanentemente a tivesse no lugar onde ela pertencia — que era com *ele*.

A estátua também o lembrava de que não devia matá-la só porque ela era uma puta suja, imunda. Ela era... uma mulher desorientada, enganada, fora do caminho certo. Algo de que ele próprio era culpado. Mas ele tinha cumprido sua pena e estava de volta ao caminho agora....

Bem, com pequenas exceções.

Enquanto se ajoelhava na frente da estátua, estendeu o braço para colocar o rosto em sua palma. Ele amava poder tocar em sua mulher e era um pouco desapontador não tê-la o acariciando de volta ou o adorando como ela deveria.

Mas era por isso que ele precisava da coisa real.

Capítulo 23

Marie-Terese estava convencida que Vin iria beijá-la na boca.

E havia uma parte dela que queria apenas isso, mas ela estava em pânico, também: Tecnicamente, tinha estado tendo relações sexuais no clube, mas já tinham passado três anos desde a última vez que ela foi realmente beijada. E a última vez que isto aconteceu, a tinham forçado, como parte de um ato de violência.

Em vez de dar o que ela tanto queria e temia, porém, Vin apenas pressionou seus lábios na sua testa e a estreitou contra o seu peito — e aqui estava ela, nos braços fortes de um homem cujo

³⁸ CSIs (Crime Scene Investigators) – Investigadores de cenas de crime

coração estava batendo perto de seu ouvido, cujo calor estava esquentando o seu próprio corpo, cuja mão estava fazendo círculos lentos nas suas costas.

Marie-Terese deslizou a palma de sua mão em seu peitorais. Por debaixo da cashmere, seu corpo estava rígido, sugerindo que ele se exercitava muito.

Perguntou-se como ele ficaria sem roupa.

Perguntou-se como sua boca se sentiria na dele.

Perguntou-se como seria tê-lo, pele contra pele.

—Eu acho que deveríamos ir, — ele disse, sua voz retumbando através de seu peito. —Nós temos?

Ele prendeu a respiração e depois soltou.

— Eu acho que é melhor.

—Por que?

Vin encolheu os ombros, o movimento esfregando sua suéter contra seu rosto.

—Apenas acho que é o melhor.

— Oh, homem... que tal isso como uma cortês rejeição.

Bom Deus, e se ela tinha entendido tudo errado?

De repente, saiu dos braços dele.

—Sim, eu acho que você está certo.

Na pressa, a palma de sua mão escorregou no pelo fino de sua suéter e roçou por cima de algo que estava duro, abaixo de sua cintura. E não sólido como um osso.

—Maldição, eu sinto muito, — ele disse, movendo seus quadris pra longe. — Sim, definitivamente é hora de sair daqui...

Ela olhou para baixo. Sua ereção era inconfundível, e por tudo que você sabe, ele teve uma estrondosa resposta sexual. Ela o quis. Precisava tê-lo dentro dela. E todos os motivos racionais para não ir por aí, de repente, não eram nada mais que bla, bla, bla...

Com os olhos presos no dele, ela sussurrou:

— Beije-me.

Vin congelou no processo de se levantar. Enquanto seu peito se expandia, ele olhava para o chão e não disse nada.

—Oh, — ela disse. —Eu entendo.

Seu corpo poderia a querer, mas sua mente estava emperrada com o pensamento de estar com uma prostituta.

Em segundos horríveis, ela viu os rostos dos Johns com quem ela tinha estado... ou pelo menos daqueles que ela conseguia se lembrar. Tantos deles, mais do que ela podia contar, e eles lotaram o espaço entre ela e esse homem que estava sentado em sua cama de infância, parecendo tão sexy quanto qualquer coisa.

Ela não quis os outros. Teve o cuidado de estar tão separada deles como ela podia, as camadas de látex e barreiras de dissociação que ela usou para tentar permanecer tão intocada pelo contato como ela podia.

Vin, no entanto ... Vin ela o queria perto, e ele não podia chegar lá.

Esse foi o dano real que ela tinha feito para si mesma, não foi: ela assumiu que, enquanto estivesse livre de doenças e fisicamente ilesa, os efeitos a longo prazo estariam limitados a vagas lembranças que ela estaria desesperada para esquecer. Mas isto era o câncer, não uma gripe. Porque ela mal podia ver Vin, no meio de centenas, e ele estava tão cego e invisível pela multidão anônima, como ela era.

Difícil de engolir, ela pensou... neste momento, ela teria desistido de tudo para ter tido um quadro limpo entre ela e Vin. Tudo... Com exceção de seu filho.

Marie-Terese se deslocou para fora da cama, mas ele pegou sua mão antes que ela pudesse disparar para fora do quarto.

—Eu não posso parar só beijando você. — Seu olhar excitado fixo nela. —Essa é a única razão que eu estou me segurando. Eu gostaria de dizer que eu sou um cavalheiro e poderia me conter ou parar com apenas uma palavra sua, mas eu não posso confiar em mim. Não esta noite.

Apanhados na distância entre eles, tudo que ela conseguia ouvir era, *Mulheres como você não dizem não*.

Com a voz rouca, ela disse:

— Você já sabe que eu sou uma vagabunda. Então eu não vou parar. — A expressão de Vin foi fria e ele a soltou.

Depois de um momento, ele se levantou e olhou para ela.

—Você nunca mais vai se referir a si mesma assim na minha frente novamente. Estamos claros? Nunca mais. Eu não dou a mínima com quem você esteve ou quantos eram, você não é uma vagabunda, não para mim. Você quer atacar a si mesmo, faça isso no seu tempo e não tente me arrastar para o meio.

Em um instinto de sobrevivência, ela se encolheu e protegeu a cabeça, esperando suas mãos se fecharem em punhos e vir voando para ela.

Ela havia sido treinada exaustivamente no que os homens furiosos faziam para as mulheres.

Exceto Vin só olhou fixamente para ela, a raiva no seu rosto sumiu, deixando-o pálido.

—Ele bateu em você, não foi.

Marie-Terese não poderia responder. Porque até um aceno com a cabeça a teria enviado a um espiral de lágrimas. Hoje à noite... como o próprio Vin havia dito, esta noite não era a noite para confiar em si mesma: Considerando desistir do negócio a fez se sentir mais forte, isso seria temporário. Aqui e agora, ela era vulnerável como o inferno.

— Jesus Cristo... — Vin murmurou.

Antes dela perceber, ela estava de volta em seus braços, nas costas dela e de perto. Enquanto eles estavam juntos, alguma coisa ocorreu com ela sobre as escolhas que ela fez... algo que ela não queria olhar muito de perto, então ela afastou isso da mente e se prendeu apertado em seu abraço.

Erguendo sua cabeça para olhá-lo, ela disse:

— Fique comigo. Agora.

Vin ficou imóvel... e depois com mãos gentis segurou seu rosto em concha.

— Você tem certeza?

—Sim.

Após um longo momento, ele diminuiu a distância entre suas bocas e a beijou doce e lento. Ah... suave. Ele era tão suave e cuidadoso, acariciando, inclinando sua cabeça para o lado, acariciando um pouco mais.

Foi melhor do que ela lembrava, porque era melhor do que ela jamais teve.

Correndo as palmas das mãos pelo seus braços, ela sentiu como se os dois fossem suspensos no ar, presos por opção, não capturados pelas circunstâncias. Leve como o contato entre eles era, suave como seus lábios eram, cuidadoso como suas mãos eram, poder chiou entre eles.

Vin recuou um pouco. Ele estava respirando com dificuldade, os músculos do seu pescoço se esticando. E não era só isso. Quando ele olhou para ela, seu corpo estava ainda mais pronto para o que ia acontecer em seguida. Ele pigarreou.

—Marie-Tereze...

Estava na ponta de sua língua lhe pedir para chamá-la por seu nome verdadeiro, mas ela se deteve.

—Sim? — Ela sussurrou em uma voz tão potente quanto a dele. —Deite-se comigo.

Quando ela assentiu, ele a trouxe para ele e a puxou para a cama de forma que eles acabaram com suas partes superiores juntas. Com seus corpos ajustados num efeito glorioso, suas mãos roçaram seus cabelos, sua face e seus ombros.

—Eu gosto da maneira como você se sente debaixo de mim, — ela disse.

Ele sorriu.

—E como eu me sinto?

— Duro. — Ela se arqueou contra ele, esfregando-se em sua ereção.

Enquanto Vin se recostava de volta no travesseiro e silvou, ela colocou a boca sobre sua rígida medula espinhal que se alinhava ao pescoço, beijando seu caminho até eles até que ela chegou na sua mandíbula afiada. Agora, ela era aquela que estava fundindo suas bocas, e ele a estava acompanhando, línguas arrastando para dentro e para fora, mãos vagando, quadris se movendo ondeando no gesto antigo de sexo bruto.

Não demorou muito para que ela precisasse de muito mais. Seus seios estavam doendo, os bicos lutando contra o sutiã, e ela tomou sua mão e a aliviou sob a camisa que ela estava usando. O contato da palma de sua mão em suas costelas a fez chupar sua língua e incitou-o para a frente, guiando o contato sobre ela.

—Vin...

Enquanto ele espalmava seu peito, ele gemia e esfregava o polegar ao redor do seu mamilo.

—Você é inferno em minha força de vontade. Inferno total...

Com um impulso, ele se debruçou e se aninhou em seu peito por cima da roupa.

—Eu preciso de você nua.

—Era só o que eu estava pensando. — Sentada em seus quadris, ela enrolou o cacho do cabelo sobre a cabeça e foi atacada por uma onda de pudor. De repente, ela queria que a sua nudez fosse bonita para ele... ela realmente quis.

Como se ele lesse sua mente, ele murmurou:

—Você prefere fazer isso com as luzes apagadas?

Bem, sim. Exceto que ela então não poderia vê-lo.

—Eu não sou perfeita, Vin.

Ele deu de ombros.

—Nem eu. Mas eu garanto que o que quer que você escolha me mostrar eu vou gostar porque é você.

Soltando suas mãos e segurando fixamente seu olhar, ela disse:

—Então tire minha camisa. Por favor. — Sentando-se em seu colo de forma que eles ficassem cara a cara, Vin desabotoou a camisa até o umbigo, sua boca indo pra sua garganta e, em seguida, pra sua clavícula e, finalmente na frente o fecho de seu sutiã. Seus olhos tocando os dela enquanto ele alcançava e fazia saltar o fecho.

Ele não deixou os dois lados romper-se separadamente, mas segurou—os no lugar.

Centímetro por centímetro sua boca beijou todo o caminho até seu peito. Enquanto fazia isso, ele expunha lentamente sua carne até chegar ao mamilo e, em seguida, ele o tirou completamente do bojo de renda. Seu corpo inteiro estremeceu com a luxúria.

—Você está tão errada — ele gemeu. — Olhe para você... Perfeita. — Ele estendeu a língua e a lambeu. E lambeu novamente.

Observá-lo foi quase tão bom como senti-lo, e os dois juntos, a visão e a sensação, disparou o sangue dela até que ela estava ofegante. Graças a Deus que eles tinha deixado a luz acesa.

Vin mudou suas posições, colocando-a embaixo dele e elevando-se por cima dela, seus ombros largos bloqueando o spot no teto enquanto ele a beijava novamente. Sob sua força, ela se sentia pequena e frágil, mas poderosa também: Ele estava respirando com dificuldade, porque ele a queria, porque o seu desespero era tão grande e exigente como o dela, porque ele precisava disso com o mesmo vigor e energia que ela. Eles estavam juntos nisso.

E então ela parou de pensar, porque ele lançou sua boca em seu peito e tomou fundo enquanto ele separava sua camisa do caminho e afastou o bojo do seu sutiã.

Enquanto ele continuava o que estava fazendo, ela estava morrendo de vontade de saber qual seria a sensação de sua pele na dele, então ela pegou um punhado da parte de trás de seu suéter e começou a puxá-lo. Ele terminou o trabalho, levantando-se para tirar do seu peito.

No espelho do outro lado, ela assistia como as costas dele eram reveladas, a luz por cima batendo na espetacular expansão dos músculos que preencheram seus ombros e em volta do seu torso. E a visão de seus peitorais foi tão bom.

Ele era uma fantasia que se tornou real, seu corpo, nada mais que saliências de força que se transformavam em carne macia quando ele levou seus lábios até o mamilo novamente. Com os braços curvados sustentando o peso de seu peito, ele era um magnífico animal macho pronto para cinquenta mil anos de evolução e desenvolvimento mental para o acasalamento básico que estava por vir.

Fale sobre o perfeito...

Marie-Terese mexeu os quadris e afundou os dedos profundamente em seus cabelos. Seu corpo era fluido sob sua boca e seu toque, o calor circulando através dela e apertando a dor entre

suas pernas. Quando a necessidade erótica era demais, ela abriu suas coxas e...

Ambos gemeram quando sua ereção pousou exatamente no lugar certo.

Vin se arqueou contra ela, e suas unhas arranharam através do cós de sua calça comprida: Cuidadoso e suave foi tudo bem e bom, mas o impulso tinha começado a construir e toda a preocupação do que fazer foi varrida.

—Posso tirar suas calças jeans? — Ele perguntou. Ou mais parecida um gemido. — Oh, por favor...

Ela se apoiou sobre os calcanhares enquanto ele deixava livre o botão superior, abria o zíper e escorregava o jeans por suas pernas. Sua calcinha era preta e ele parou e apenas olhou fixamente.

—Bom... Senhor — ele murmurou.

Suas mãos realmente se agitaram quando ele estendeu e correu as pontas dos dedos em sua barriga. Ela esperou que ele a beijasse outra vez... ou se mover por cima dela... ou tirar suas calcinhas...

—Há algo de errado?, — ela disse com voz rouca.

—Não... nada... eu só não posso ter o suficiente olhando para você.

Finalmente, ele se aproximou de seus lábios. Lambendo sua boca, ele se ajustou sob ela com todo o seu peso, seu tórax nu sobre o dela, as pernas entrelaçadas. Juntos, eles acharam um ritmo, um arco erótico até que ela estava ofegando como ele.

—Por favor... Vin...

Enquanto ele a beijava, sua mão deslizou embaixo do seu quadril e por cima de sua coxa, depois roçou através da extensão de sua calcinha.

— Eu preciso sentir você — ele disse.

Ela pegou seu antebraço e o empurrou para baixo, movendo os dedos para seu centro, arrastando-os através do calor que a cobria. Quando ela estremeceu e abriu as pernas para os lados, ainda mais, ele levou a boca para seu peito e chupou... enquanto a esfregava.

—Mais, — ela disse.

Deslizando sob a extremidade delicada, ele encontrou sua maciez e amaldiçoou, seu corpo esticado rompendo-se da cabeça aos pés, os dentes rangendo, as cordas em seu pescoço se apertando completamente.

—Ah... Cristo..., — disse.

—Ah... maldição.

De repente, ele se puxou pra trás e olhou pra baixo, para si mesmo.

—O que?, — ela perguntou ofegante.

—Eu acho que eu acabei de ter um orgasmo.

Enquanto ele ruborizava, ela começou a sorrir e não conseguia parar.

—Você teve?

Ele balançou a cabeça para ela.

—Certo, ok, isso não é uma coisa boa em um momento como este. Cinco minutos a partir de agora? Perfeito. Neste momento? Não tão quente.

— Bem, isso me faz se sentir sexy, — disse ela, acariciando com a mão seu rosto. — Você não precisa de nenhuma ajuda com isso.

Marie-Terese deixa seu toque deslizar devagarzinho por seu tórax e seu estômago rígido, em seguida mais embaixo sobre o seu cinto e seu...

Vin jogou sua cabeça pra trás e gemeu, seu peitoral se flexionando, seu tronco se curvando pra cima.

— Droga.

Movendo sua palma de cima pra baixo em sua ereção, ela aconchegou seu rosto em seu pescoço e mordeu um pouco.

— Eu não acho que será tão lento.

Suas costelas se contraíram, sua respiração acelerou.

— Eu preciso ficar nu.

— Eu espero que sim.

Suas mãos eram ásperas em seu cinto e braguilha, e sua calça caiu no chão na velocidade da luz. A cueca negra e curta mal cobria seu sexo. Sua ereção era uma crista longa enchendo um lado, a ponta da cabeça lutando para se livrar do cóis que a mantinha dentro.

Antes que ele pudesse deitar de costas, ela o alcançou e puxou suas cuecas por baixo de suas coxas rígidas, despertando sua excitação. Ele teve um orgasmo e a ponta do seu sexo, brilhante e molhada o fez ainda mais preparado para o que estava vindo rápido.

Embrulhando a mão em torno de seu eixo, ela acariciava o seu sexo e olhou para cima, vendo como ele plantou uma palma contra a parede e deixou a cabeça cair. Ele se moveu com ela e ela olhou através do espelho, olhando como suas costas pareciam enquanto seus quadris se balançavam para frente e para trás, apertando e soltando os músculos do torso e da forma que sua espinha ondulava em uma onda era a coisa mais erótica que ela já tinha visto...

Marie-Terese o deixou lhe tirar a calcinha, e se estendeu ao lado dele. Pronta. Vin endireitou a cabeça e olhou fixamente para ela por baixo das sobrancelhas, os olhos prateados iluminados e brilhantes como um flash de aço no sol do meio-dia.

Ambos se lembraram da mesma coisa ao mesmo tempo.

— Você tem um...

— Eu tenho um preservativo.

Graças a Deus, ela pensou enquanto ele pegou sua carteira e tirou um daqueles pacotes de Tiffany Trojan azul. Ela tomava pílula, cortesia de sua visita regular ao médico, e ela acabou de ter um check-up, mas não importa quanto atraída ela estava por Vin, ela não iria ser descuidada com seu próprio corpo por ninguém.

O sexo seguro era a única maneira.

E vê-lo proteger ambos era um inferno de sexy. Quando ele estava pronto, eles retomaram a posição que tinham antes, de costas contra o edredom, metade dele em cima dela, metade ao lado. O preservativo era frio contra sua coxa, deixando rapidamente um rastro refrescante, e ela desejou que tivesse um momento para sentir verdadeiramente o seu sexo em algum lugar nela. Mas depois ele estava completamente em cima dela e entre as pernas, a cabeça dele cutucando

seu coração.

Ela olhou-o fixamente nos olhos enquanto o guiava.

Como ele estava certo. Como encher e espetacular a união. O quão maravilhoso encontrar seu olhar fixo e ver refletido nele as mesmas coisas que ela estava sentindo o choque glorioso de como eles se encaixam bem, a necessidade de enroscar-se ainda mais...

E existia outra surpresa para ela: Por uma vez não doeu porque seu corpo realmente queria isto.

—Você está bem? — Ele perguntou com uma voz gutural.

— Mais do que bem.

Marie-Terese envolveu os braços em volta de seus ombros e o segurou tão perto que eles começaram a se mover juntos. Sua última visão antes de fechar as pálpebras foi deles no espelho, seus corpos embrulhados, suas pernas amplamente divididas, seus quadris conduzindo. Quando ela encontrou no espelho seus próprios olhos, seu reflexo, foi um choque. Suas bochechas estavam vermelhas e os cabelos emaranhados e seus lábios? Separados. Ela se parecia muito com uma mulher com um bom parceiro.

O que fez sentido. Isto era sexo da maneira boa e antiga entre duas pessoas que queriam estar juntas por nenhuma outra razão a não ser que no momento era a coisa certa para ambos.

Enquanto o espelho estava mostrando cresceu ondulado de lágrimas que saltavam dos olhos, ela encerrou a visão deles e virou o rosto em seu ombro.

De alguma maneira, ele conseguiu abraçá-la e ainda manter o ritmo.

Quando Marie-Terese se lançou sobre a borda do prazer e caía em queda livre ela tinha apenas uma vaga lembrança, ela segurou no homem responsável pela forma como ela se sentia e se deixou ir. De seu sexo, mais um clímax e ela sentiu a satisfação absoluta enquanto ele tremia e gozava.

Exceto então tudo deu errado. Por uma fração de segundo, ela pensou que estava fazendo por dinheiro, e isso foi tudo que necessitou para arruiná-lo: Uma rajada fria soprou em seu peito e se espalhou até que todas as suas veias estavam congelados e seus músculos contraídos contra os ossos gelados.

Vin congelou como se ele tivesse percebido a mudança nela e ergueu sua cabeça.

—Converse comigo.

Ela abriu a boca. Mas nada poderia sair.

—Tudo bem, disse ele suavemente, pegando suas lágrimas com a ponta dos dedos. —Isso deve ser duro para você. Mesmo que pareça certo, deve ser difícil.

Ela lutou para recuperar o fôlego, não do esforço, mas do esforço de não voar sem ele.

—E se tudo volta toda vez que eu estou...

Com você, ela quis dizer, mas ia parecer demais. Pelo amor de Deus, ela não sabia se ainda estaria na cidade semana que vem.

Ele a beijou.

—Outras memórias tomarão o lugar de tudo isso. Vai levar tempo, mas acontecerá.

Ela olhou para o espelho e pensou na maneira como ele se moveu. Enquanto ela se

lembrava da sensação e do aspecto dele, o frio retrocedeu, reconduzindo-a por uma onda de calor.

— Espero que tenha razão, — ela disse, passando as mãos pelos cabelos. — Eu realmente espero.

Capítulo 24

Enquanto estavam deitados juntos, Vin cobriu Marie-Terese com a melhor manta que tinha: seu próprio corpo. Demônios, que bem se sentia estar todo aglomerado em sua pequena cama com ela, embora devia tomar cuidado com as mãos e para onde se dirigiam. Com tanta pele feminina deliciosamente suave exposta e tão perto...

Depois de dois orgasmos, dos quais somente um tinha chegado no momento adequado, seguia estando ereto. E faminto. Mas não ia pressioná-la de maneira nenhuma.

Assim, enquanto a acariciava lentamente tomava cuidado na direção que tomavam suas mãos, mantinha os quadris apartados e o olhar fixo em outro lado do quarto em vez de em, digamos, seus perfeitos mamilos rosados.

—Lamento todo o assunto das lágrimas —disse ela, como se soubesse que estava preocupado.

—Posso fazer algo por você?

Ela pressionou os lábios contra seus peitorais.

—Já fez o bastante.

Bom, isso realmente fez que no interior de seu peito se sentisse todo um homem.

—Eu gostaria de voltar a fazê-lo, alguma vez.

—Sério?

—Logo.

O sorriso que lhe dedicou era brilhante como um arco íris.

—Que pena que tivesse somente uma camisinha.

—Falando de coisas trágicas.

Permaneceram flanco contra flanco até que a brisa fria que entrava pela janela preponderou sobre a corrente de ar quente que provinha da ventilação que havia sobre a cama.

—Tem frio —disse ele, esfregando um arremão do braço dela—. Entretanto eu me sinto muito bem.

Estirou-se por cima dela para levantar a camisa do chão. Enquanto a ajudava a colocá-la fez uma pausa para observar como se balançavam seus seios.

—Nunca deveria usar sutiã. Jamais.

Ela riu enquanto grampeava os botões, depois de lhe entregar o suéter que ela levava, levantou suas calcinhas.

OH, pelo amor de Deus... queria as conservar. O que o convertia em um pervertido e um

imbecil mas esse era o cavernícola nele: desejava ter algo de sua mulher com ele.

Salvo que não lhe pertencia, verdade? Merda, que mulher em seu são julgamento queria unir-se a um tipo que acabava de deixar a sua futura esposa? Sim, isso definia a alguém realmente estável.

—Acredito que estas são tuas —murmurou, lhe entregando a tira preta com cuidado.

—Sim, são-no. —Pegou e lhe brindou tremendo espetáculo ao colocá-las, não devido a que estivesse sendo deliberadamente erótica, mas sim porque para ele, ela era bastante comestível de qualquer forma e sem importar o que fizesse.

Todo o assunto lhe recordava o momento em que lhe tinha tirado os jeans. Nesse ponto se deteve para olhá-la fixamente durante tanto tempo porque tinha desejado saboreá-la nesse mesmo instante e nesse mesmo lugar: visões dele deslocando seus quadris até a beira da cama, ajoelhando-se no chão frente a ela e tomando seu condenado tempo lhe saboreando, o tinham imobilizado.

Não obstante, o sexo oral em certa forma, era mais íntimo que todo o tema da penetração, e lhe preocupava que estar com ele lhe trouxesse más lembranças. E isso tinha sido exatamente o que tinha passado.

Mas com sorte haveria outras vezes. Breve. E muitas.

Quando esteve vestido, e ela teve seu sutiã metido no bolso, saíram de seu antigo quarto, de braços dados, e ao passar frente ao espelho, tirou a imagem da Madonna e a deslizou dentro de sua jaqueta.

No andar de baixo, apagou as luzes, baixou a calefação, e quando chegaram à porta principal, fez uma pausa e olhou a seu redor.

—Deveria limpar este lugar.

Não obstante, tinha a sensação de que não faria nada a respeito. Apesar de que tinha uma equipe de homens que podia mandar para que se desfizesse de toda a antiga merda e demolisse os banheiros e a cozinha, no que referia a essa casa tinha um terrível problema de inércia. De muitas formas era como se lhe roubasse a vontade de viver.

Durante todo o caminho de volta para o Iron Mask, sustentou a mão de Marie-Terese, só a soltou quando teve que utilizar a alavanca de mudanças.

Quando estava entrando no estacionamento do clube, jogou-lhe uma olhada. Enquanto olhava pela janela, a linha de seu queixo e a forma em que o cabelo lhe caía sobre o ombro lhe pareceram incrivelmente formosas.

E logo se deu conta para onde estava olhando ela. O beco que estava na parte mais afastada, que tinha sido passado os laços com a cinta que assinalava a cena de um crime.

—Quer que te siga até sua casa? —perguntou-lhe.

Ela assentiu, com os olhos ainda fixos no lugar onde esses meninos tinham sido assassinados.

—Se não te incomodar?

—Estarei encantado.

Merda, a confiança de uma mulher podia fazer que um homem se sentisse alto como uma

montanha. Marie-Terese voltou o rosto para ele.

—Obrigado... por tudo.

Inclinou-se para ela lentamente, em caso de que ser beijada tão perto do lugar onde tinha trabalhado pudesse lhe resultar excessivo. Entretanto, ela não se apartou, e quando seus lábios se roçaram brevemente, ele inalou intensamente. Roupa limpa e frescura de mulher. Esse era seu aroma. Melhor que qualquer perfume fabricado.

—Posso voltar a verte? —perguntou-lhe.

Agachando a cabeça, levantou sua bolsa do chão.

—Isso espero.

Com um último sorriso muito breve, abriu mais a porta, saiu e foi para seu carro. Em vez de usar um dispositivo de segurança, abriu-o com a mesma chave, e a fodida coisa demorou uma eternidade em arrancar.

Não gostava do Camry que tinha. Era muito pouco confiável.

E já que estava, tampouco gostava da forma em que acabava de esquivar seu olhar.

Quando finalmente o carro decidiu ligar, partiu, e com ele grudado em seu pára-choque, saíram do centro da cidade e entraram em outro bairro de casas suburbanas. Soube imediatamente qual era a dela: a pequena de estilo Cape Cod com grades em todas as janelas, incluindo as do segundo piso. O carro que estava estacionado justo em frente, paralelo ao meio-fio certamente era o da babá.

Vin aguardou na entrada do caminho para carros a que abrisse a porta da garagem e ela entrasse. Enquanto os painéis rodavam até fechar-se, teve a esperança de poder vê-la um segundo, mas ela permaneceu no carro.

O que sem dúvida era mais seguro, e por isso estava muito bem.

Aguardou um pouco mais.

E então apareceu na janela da cozinha, levantando a mão em um gesto de despedida. Devolvendo a saudação, agitou a mão e logo a pôs sobre a buzina para fazê-la sonar... mas se deteve, imaginando que não apreciaria que chamasse a atenção respeito a ela.

Se foi com um cenho que franzia suas sobrancelhas até as unir, sua situação era terrivelmente óbvia. Seguia fugindo de seu ex-marido... fugindo, não por estar simplesmente assustada, mas sim aterrorizada, e esperando que em algum momento a encontrasse. Pelo amor de Deus, nem sequer se arriscava a abrir a porta do carro até que estava trancada dentro da garagem.

No primeiro que pensou foi em que queria lhe construir uma fortaleza e armar o fodido lugar com um pelotão de soldados como Jim.

Seu seguinte pensamento foi para a forma em que tinha respondido sua pergunta antes de deixar seu carro:

Posso voltar a verte? Isso espero.

la fugir. Mesmo que essas duas mortes da noite anterior tivessem algo que ver com ela ou não, ia empreender a fuga. E a idéia de não voltar a vê-la nunca mais, de não saber o que lhe aconteceria, de não fazer nada para ajudá-la, aterrorizava-lhe como a merda.

Quinze minutos depois, entrou na garagem do Commodore e estacionou perto de seu Range Rover negro. Por alguma razão, quando entrou no elevador, foi atacado pelos ecos do pesadelo que tinha tido a respeito de Devina e voltou a escutar essa voz:

É meu, Vin. E sempre tomo o que é meu.

No piso vinte e oito saiu do elevador para entrar no corredor...

Vin se deteve. A porta de seu duplex estava aberta e havia vozes saindo de seu apartamento. Umas quantas.

Resultava-lhe difícil acreditar que Devina tivesse conseguido que o pessoal da mudança viesse tão tarde... era passado da meia-noite, merda. Assim que demônios estava ocorrendo?

Caminhando a passo longos, preparado para lhe fazer passar um mau momento, muito mau momento, a quem quer que estivesse em sua guarida, Vin irrompeu no lugar com as pistolas proverbiais fumegando.

Policiais.

Havia quatro policiais no vestíbulo principal, e todos lhe olharam ao mesmo tempo. Santa merda, finalmente tinha ocorrido. Todos esses subornos a oficiais municipais, todas essas transgressões, todas essas evasões de impostos... finalmente foram multar-lhe.

—Posso ajudá-los, Oficiais? —disse, assumindo sua cara de pôquer.

—Está aqui —gritou um deles.

Enquanto se perguntava quantos haveria em seu escritório, seus olhos se desviaram para a sala...

Sussurrando uma maldição, deu uns passos vacilantes para diante e aferrou a ombreira esculpida da arcada. O lugar parecia ter sido vítima de um furacão, os móveis estavam derrubados, os quadros torcidos, as garrafas de licor destroçadas.

—Onde está Devina? —perguntou.

—No hospital —respondeu alguém.

—Como?

—Hospital.

Voltou-se para o policial que tinha falado. O tipo tinha a constituição de um bulldog, e com a expressão dura que tinha no rosto, também se parecia com um.

—Ela está bem? O que ocorreu? —Vin olhou as algemas que o tipo estava liberando de seu cinturão—. Para que são essas?

—Está você detido por assalto e agressão. Por favor me dê suas mãos.

—Perdão?

—Está você detido por assalto e agressão. —O policial não aguardou a que Vin lhe obedecesse, mas sim lhe agarrou o pulso direito e lhe pôs a aljava. E com uma rápida torção Vin esteve algemado—. Tem você direito a permanecer em silêncio. Tudo o que diga pode e será usado contra você no julgamento. Tem direito à presença de um advogado durante o interrogatório. Se não puder pagar um advogado... —Agora o tom de voz do tipo se fez desagradável— lhe será atribuído um. Entende os direitos que lhe tenho exposto?

—Não voltei aqui em toda a tarde! E a última vez que vi Devina ela estava indo embora.

—Entende seus direitos?

—Eu não fiz nada disto!

—Entende seus direitos?

Fazia anos que Vin não era detido, mas era como andar em uma fodida bicicleta: nunca se esquecia. Salvo por uma parte muito importante... naquele tempo, sabia precisamente o motivo pelo qual o levavam em custódia porque realmente tinha cometido o crime.

—Me responda algo —demandou enquanto se girava bruscamente para confrontar o oficial—. Por que pensa que eu a machuquei?

—Porque ela disse, e a julgar pelos nódulos machucados de sua mão direita, diria que muito recentemente participou de uma briga. —Devina... tinha mentido. Grande.

—Não a golpeei. Nunca. Não tinha razões para fazê-lo.

—Ah não? Quer dizer que quando lhe contou que se deitou com seu amigo, isso não lhe indignou? É difícil de acreditar.

—Meu amigo?

—Vamos prendê-lo. E logo pode chamar seu advogado. —O policial olhou a sala arruinada... que de todas formas ainda parecia cara, inclusive apesar de quão destruída estava—. Algo me diz que não vai precisar recorrer a um defensor público.

Capítulo 25

Quando Jim despertou no domingo estava estendido de lado, com Cão metido junto a seu peito, e a televisão muda ao fundo.

Que estivesse deitado de lado e que a TV estivesse ligada sem som era parte do procedimento operativo padrão. De todos os modos, Cão era um agradável benefício: quente, amigoso e por alguma razão cheirava a brisa de verão. As únicas vezes que se desorientava um pouco era quando Cão sonhava: suas patas se moviam convulsivamente, abria e fechava as mandíbulas, e de vez em quando proferia algum grunhido ou latido embaçado.

Não podia evitar perguntar-se com o que sonhava. Resultava claro que incluía alguma corrida, dado todo o movimento de patas, mas com sorte seria ele, que realizava a perseguição.

Jim arqueou o pescoço para ver que programa havia na televisão. Nas notícias locais estava essa repórter que era quase bonita, mas muito loira, e evidentemente cobria as manhãs dos fins de semana. Enquanto percorria pela informação, foram aparecendo imagens à esquerda de sua cabeça e de tanto em tanto era substituída por material gravado. Boletins das votações na escola. Problemas de buracos nas ruas. Programa a respeito dos riscos que corria a juventude.

E então cintilou uma imagem familiar: o rosto de Vin.

Jim saiu disparado da cama, pegou o controle remoto e subiu o volume... e não podia acreditar no que estava ouvindo: Vin tinha sido detido por bater em sua namorada. Logo se fixaria a fiança. Devina tinha passado a noite no hospital em observação.

—E em outras notícias —continuou a apresentadora— houve um segundo ataque brutal no centro da cidade. Robert Belthower, de 36 anos de idade, foi encontrado jogado à meia-noite em um beco não muito longe de onde na sexta-feira de noite foram alvejadas duas vítimas. Agora está no Hospital St. Patrick e sua condição é crítica. Ainda não se identificou nenhum suspeito responsável por este crime, e o Chefe de Polícia, Sal Funuccio, fez uma declaração recomendando que se tomem precauções...

Jim acariciou as costas de Cão. Santa merda... Vin diPietro era muitas coisas, mas espancador de mulheres? Era difícil de acreditar, dada a forma como tinha ido atrás desses dois universitários por molestar Marie-Terese. E tinham encontrado outro tipo em um beco? Embora pudesse ser que não estivesse relacionado com... como se tivesse recebido um sinal, soou seu celular, porque estava claro que esta tormenta de merda precisava de outro tornado para sua preparação.

Jim o levantou da mesinha sem olhar... era um pequeno truque que tinha aprendido graças a ter trabalhado muito na escuridão. Era surpreendente como o som compensava a falta de visão.

—Bom dia raiozinho de sol —disse sem olhar quem era. A voz de seu antigo chefe soava quase tão alegre como ele se sentia.

—Ela não existe.

A mão de Jim se esticou sobre o telefone, embora não o surpreendia.

—Não pôde encontrar nada?

—Eu não disse isso. Mas sua Marie-Terese Boudreau é uma identidade fabricada por um tipo de Las Vegas. O único que posso te dizer, é que foi criada faz aproximadamente cinco anos e em princípio foi usada por uma dama que terminou na Venezuela. Logo, faz dois anos, sua garota comprou os documentos, viajou para o leste e se estabeleceu em Caldwell, Nova Iorque. Vive no 189 da Avenida Fern. Tem um celular. —Os números rodaram pela língua de seu chefe e foram parar diretamente na aguçada memória de Jim— Quanto a sua declaração de imposto, seus Formulários W-2 são de um lugar chamado ZeroSum, e logo no final do ano passado, trocou para o Iron Mask. Figura como bailarina em ambos os lugares. Com uma pessoa independente.

—Quem é em realidade?

Houve uma pausa.

—Bom, olhe se essa não é a pergunta chave.

O tom de satisfação dessa voz profunda era o tipo de coisa que nunca queria ouvir: significava que suas bolas estavam metidas em um parafuso de banco e que alguém com uma grande tendência ao sadismo tinha sua mão sobre a manivela.

Jim fechou os olhos.

—Não voltarei. Você disse quando sai, está fora.

—Vamos, Zacharias, sabe como funcionam as coisas. Uma etiqueta pendurada no dedo do pé é a única forma real de terminar conosco. A única razão pela qual o deixe tomar umas pequenas férias foi porque estava muito perto do abismo. Mas quem diria? Agora é muuuuuito mais melhor escutar você.

Jim lutou contra o impulso de dar um murro na parede.

—Por uma vez em sua miserável e triste vida pode fazer algo sem esperar nada em troca? Tenta-o. Pode chegar a gostar disso. Poderia começar agora.

—Sinto muito. Tudo é uma negociação.

—Acaso seu pai tirou sua moralidade a golpes? Ou simplesmente nasceu sendo uma merda?

—Poderia perguntar a ele, mas faz anos que morreu. O pobre tipo se meteu no caminho de minha bala. Uma verdadeira lástima, realmente.

Jim mordeu o fodido lábio e esticou cada músculo de sua mandíbula e seu pescoço.

—Por favor... preciso da informação a respeito dela. Então me diga isso. É importante.

Naturalmente, ao sacana do Matthias não o comoveu a merda da sua mamãe?

—O suposto favor que te devo somente chega até aqui. Logo se quiser mais, deve me dar algo para ganhá-lo. É sua decisão. E antes que pergunte, a atribuição que tenho em mente é muito apropriada para você.

—Já não mato pessoas.

—Humm.

—Matthias, preciso saber quem é ela.

—Com certeza que sim. E já sabe onde me encontrar.

A linha ficou morta, e durante um momento, Jim considerou seriamente atirar o telefone para o outro lado do quarto. Quão único o deteve foi Cão, que levantou sua cabeça sonolenta e de alguma forma deu um jeito para acabar com esse impulso como se o tivesse drenado diretamente de seu braço.

Deixou cair o celular sobre a colcha.

Enquanto sua mente disparava e seu temperamento fervia, Jim não sabia que merda fazer consigo mesmo... pelo que simplesmente estendeu a mão para o animal e mediante carícias tentou alisar a pelagem de entre suas orelhas, que sobressaía diretamente para cima.

—Olhe este penteado, amigo. Quando desperta, se parece com o Einstein... realmente se parece com ele.

* * * *

Quando estava na prisão, o contato visual era tudo.

Vin tinha aprendido isso durante suas incursões no sistema de detenção juvenil: quando estava detrás das grades, a forma em que enfrentava os olhares dos tipos com quem estava era seu “Olá, meu nome é...” e havia quatro categorias principais.

Os drogados tinham os olhos desfocados e habitualmente era devido a que não podiam controlar seus nervos ópticos muito melhor do que podiam controlar suas glândulas sudoríparas, suas tripas ou seu sistema nervoso. Eram o equivalente carcerário das esculturas de grama, tendiam a escolher um lugar e permaneciam ali, e em sua maior parte se mantinham separados do drama porque não instigavam ninguém e os alvos fáceis eram aborrecidos.

Os ladrões de baixo calibre, por outra lado, frequentemente se achavam em sua primeira

viagem através do sistema penal e bastante assustados, lançavam olhadas como bolas de ping-pong, fortuitas, não se atrasando muito em nenhuma parte, seus olhos ricocheteavam por toda parte. Isto os convertia em perfeitos candidatos a ser ridicularizados e perseguidos verbalmente, mas em geral não os golpeavam... porque eram os que gritavam chamando os guardas mais que voando.

Os sacanas, pelo contrário, tinham olhares predadores, sempre sondando em busca de debilidade e preparados para dar o golpe. Estes eram os que se metiam com todo mundo e adoravam fazer o papel de perseguidores, mas não eram os mais perigosos. Instigavam, mas deixavam que os agitadores continuassem com o assunto... eram os meninos que ao brincar na caixa de areia quebravam os brinquedos e jogavam a culpa nos outros.

Os agitadores tinham o olhar enlouquecido e amavam as brigas. Tudo o que se precisava era a mais mínima das provocações e estavam preparados para entrar na dança. Não havia mais que dizer.

E finalmente, tinha os genuínos sociopatas, aqueles a quem não importava uma merda e podiam matá-lo e comer seu fígado. Ou não. De qualquer forma não importava. Seus olhos percorriam o lugar, como tubarões oculares que quase sempre nadavam pelo meio da cela... até que identificavam a sua vítima.

Vin se sentou em meio de uma amostra representativa do mencionado, mas não formava parte de nenhum desses grupos, pertencia a uma categoria totalmente atípica: mantinha-se à margem dos assuntos de outros e esperava que lhe concedessem a mesma cortesia. E se não o faziam?

—Bonito traje temos aqui.

Sentado com as costas contra a parede de concreto e os olhos fixos no chão, não precisava levantar o olhar para saber que dos onze tipos que estavam retidos na cela, ele era o único que usava lapelas. Ah, sim, um sacana tomando a iniciativa.

Vin se inclinou para frente deliberadamente e colocou os cotovelos sobre os joelhos. Agarrando um de seus punhos com a outra mão, lentamente girou a cabeça em direção ao tipo que tinha falado.

Robusto. Com uma tatuagem no pescoço. Usava brincos. O cabelo tão curto que podia ver seu crânio. E quando o FDP sorriu como se estivesse observando uma comida que tinha intenções de saborear, pôde ver que a um de seus dentes dianteiros lhe faltava uma lasca.

Evidentemente pensava que tinha agarrado pelo rabo um ladrão de baixo calibre novato.

Vin lhe mostrou seus próprios dentes e fez ranger os nódulos de sua mão direita um por um.

—Você gosta das minhas roupas, sacana?

Ao receber essa resposta, o Sr. Personalidade se curou instantaneamente de seu ataque de isto-vai-se-divertido. Seus olhos castanhos mediram rapidamente o tamanho do punho de Vin e logo retornaram ao olhar firme que estava cravado nele.

—Perguntei a você —disse Vin em voz alta e pausada— se você gosta das minhas roupas, sacana.

Enquanto o tipo considerava a resposta, Vin ansiava que esta fosse ofensiva, e algo disso devia ter transparecido: quando todos os outros homens fizeram o mesmo que os espectadores de uma partida de tênis, indo de um a outro, de um a outro, o sacana afrouxou a tensão de seus ombros.

—Sim, é verdadeiramente bonito. Realmente um bom traje. Sim.

Vin permaneceu exatamente onde estava enquanto que o outro tipo voltava a sentar-se no banco. E logo olhou fixamente nos olhos a cada um dos restantes tipos do galinheiro... e um a um foram baixando os olhos ao chão. Só nesse momento Vin permitiu relaxar-se um pouco.

Enquanto a metade de seu cérebro continuava conectada às políticas de escritório, assim era como as considerava, a outra metade voltou a agitar-se pensando em como demônios tinha terminado ali. Devina tinha mentido descaradamente à polícia, e que Deus o ajudasse, mas ia descobrir que merda tinha acontecido realmente. E amigo? De que demônios estava falando ela?

Voltou a recordar o vestido azul com aroma da colônia de outro homem. A idéia de que o tinha estado enganando o deixava perigosamente psicótico, assim forçou seu cérebro a que se concentrasse no mais importante. Como, oh, o fato de que tinha sido golpeada por outra pessoa, mas era seu membro e suas bolas que estavam em uma cela.

Cristo, se tão só o sistema de segurança de sua casa tivesse o mesmo tipo de monitoramento que tinha seu escritório. Então teria gravados todos os cômodos as vinte e quatro horas dos sete dias da semana.

O tinido de chaves anunciou a chegada de um guarda.

—DiPietro, seu advogado está aqui.

Vin se levantou do banco, e quando a porta se deslizou até abrir-se com um ruído surdo, saiu e pôs as mãos detrás das costas, oferecendo-as ao guarda para que o algemasse.

Isto pareceu surpreender ao tipo das chaves, mas não aos que acabavam de presenciar como Vin tinha estado a ponto de agir como Rocky Balboa com o sacana.

OuvIU-se um clique, clique e logo ele e o tira foram pelo corredor até outro jogo de barras de ferro que devia ser aberto por alguém do outro lado. Depois de dobrar uma vez à direita e outra à esquerda se detiveram em frente a uma porta que parecia tirada de uma escola secundária, estava pintada de bege esbranquiçado e a janela tinha uma malha de arame embutida no vidro.

Dentro da sala de interrogatórios, Mick Rhodes estava recostado contra a parede mais afastada, com os sapatos de cordões com costura inglesa cruzados e um traje de dupla lapela do estilo do qual o Sr. Personalidade também teria aprovado.

Mick ficou em silêncio enquanto o guarda lhe tirava as algemas e saía da sala. Depois que se fechou a porta, o advogado sacudiu a cabeça.

—Não posso acreditar nisso.

—Então somos dois.

—Que demônios aconteceu, Vin?

Então Mick assinalou com a cabeça para cima, a uma câmara de segurança que sugeria que aqui na estação de polícia o privilégio advogado-cliente era provavelmente mais uma teoria que

uma realidade.

Tomando uma das duas cadeiras, Vin se sentou ante a pequena mesa.

—Não tenho nem a mais puta idéia. Cheguei em casa ao redor da meia-noite e a polícia estava no lugar... que tinha sido destruído. Disseram-me que Devina estava no hospital e que havia dito que eu a tinha enviado para lá. Entretanto meu álibi é hermético. Estive em meu escritório durante toda a tarde até o anoitecer. Posso lhes proporcionar os vídeos onde apareço sentado diante da minha escrivaninha durante essas horas.

—Vi o relatório da polícia. Ela diz que foi atacada às dez.

Merda. Tinha presumido que tinha ocorrido mais cedo.

—Correto, mais tarde falaremos de todo o assunto de onde estava — murmurou Mick, como se soubesse que a resposta a isso era complicada—Recorri a alguns contatos. Sua fiança será estipulada em uma hora. Será ao redor dos cem mil.

—Se me dessem minha carteira, poderia fazê-lo agora mesmo.

—Bem. Levarei você para casa...

—Só para pegar um pouco de roupa. —Não queria voltar a ver o duplex nunca mais, muito menos ficar ali— Irei a um hotel.

—Não o culpo. E se descobrir que se quer isolar um pouco devido a imprensa, pode ficar comigo em Greenwich.

—Preciso falar com Devina. —Não só precisava averiguar quem a tinha golpeado, mas também com quem demônios tinha estado deitando-se. Tinha um montão de amigos... um homem como ele, com a quantidade de dinheiro que tinha? Tinha amigos em cada fodido lugar.

—Primeiro vamos tirá-lo daqui, ok? E logo falaremos do que faremos a seguir.

—Eu não fiz isso, Mick.

—Acredita que estaria vestido assim um domingo pela manhã se pensasse de outra forma? Pelo amor de Deus, homem, neste momento poderia estar instalado muito comodamente com *The Times*.

—Ao menos essa é uma prioridade que me inspira respeito.

E Mick foi fiel a sua palavra: graças a uma rápida retirada de cem dos grandes de seu cartão de débito, às dez e meia da manhã Vin estava fora da estação de polícia e entrando no Mercedes de seu amigo.

Não obstante ficar livre dificilmente era um motivo para celebrar. Enquanto iam para o Commodore, a mente de Vin era um absoluto caos, girando fora de controle ao tentar encontrar algum tipo de lógica a todo o assunto.

—Vin, companheiro, vai me escutar não só porque sou seu irmão de fraternidade, e sabe que pode confiar em mim, mas também porque sou seu advogado. Não vá ao hospital. Não fale com Devina. Se ela chamar você ou tentar entrar em contato de alguma forma, não lhe responda.

O Mercedes se deteve brandamente frente ao Commodore.

—Tem álibi de onde estava ontem entre as dez e as doze da noite?

Enquanto olhava através do pára-brisa, Vin recordou exatamente onde tinha estado... e o que tinha estado fazendo. A decisão era clara.

- Não que possa dar à polícia. Não.
- Mas estava com alguém?
- Sim. —Vin abriu a porta— Mas não a envolverei...
- Ela?
- Pode me contatar através de meu celular.
- Espera. Quem é ela?
- Não é da sua conta.

Mick apoiou o antebraço sobre o volante e se inclinou por cima do assento do acompanhante.

- Pode ser que tenha que reconsiderar isso, se quer salvar o traseiro.
 - Não machuquei Devina. E não tenho idéia de por que iria querer me preparar uma armadilha para me incriminar por esta merda.
 - Não? Sabe algo a respeito desta “ela” sua?
- Vin negou com a cabeça.
- Não, não sabe nada. Ligue-me.
 - Não vá ao hospital, Vin. Prometa.
 - Não é meu seguinte destino. —Fechou a porta do carro e andou a passos longos até a entrada do Commodore— Acredite em mim.

Capítulo 26

O complexo do Hospital St. Francis estava instalado como a lógica de uma fazenda de formigas. Refletindo uma filosofia arquitetônica interativa, como muitos outros centros médicos desse estilo, os edifícios que cobriam sua superfície eram uma mistura de estilos, e estavam localizados onde tinham podido encaixá-los, como se fossem plugues redondos colocados dentro de orifícios quadrados. No recinto havia um pouquinho de tudo, desde tijolos góticos, a aço e vidro corporativo ou extensões de colunas de pedra, sendo o único em comum com tudo que estava amontoado.

Jim estacionou sua caminhonete em um espaço que havia junto a um edifício de quinze andares, imaginando que este tão grande era um bom lugar onde começar, já que era onde o tinham ingressado nele como paciente do serviço de emergência. Cortando caminho entre as filas de carros, cruzou o caminho, foi para o pórtico e entrou no edifício através de um jogo de portas deslizantes de vidro.

Ante a mesa de informação, disse:

- Estou procurando Devina Avale.

A mulher de cento e doze anos com o cabelo azul que estava a cargo do posto lhe sorriu com tanta calidez, que fez que se sentisse como um imbecil por reduzi-la ao ponto de não ver além de sua idade.

—Deixe que verifique em que quarto se encontra.

Enquanto os dedos com aspecto de raminhos, caçavam e bicavam sobre o teclado, pensou em quanto mais rápida tinha sido sua busca quando estava em seu departamento. Tinha suposto que o nome Devina seria bastante incomum no negócio de modelo, que se a googleava³⁹ em seu notebook, encontraria a namorada de Vin... e o que lhe aparece? Não foi nada difícil. Embora no mundo profissional se usasse chamar só pelo primeiro nome, fazia uns seis meses o Caldwell Courier Journal a tinha fotografado junto a Vin em uma beneficência, e ali estava seu sobrenome: Avale.

—Está no 1253.

—Obrigado senhora —disse inclinando levemente a cabeça.

—Não é nada. Pode subir por esses elevadores que estão junto à loja de presentes.

Assentiu e foi a passos longos para os elevadores. Havia um grupo de pessoas aguardando, todos eles seguiam os pequenos números que apareciam nos visores que havia em cima das três portas, e se uniu aos que presenciavam a luta.

Parecia ser uma corrida entre o da direita e o do meio.

O elevador do meio ganhou, e ele se amontoou dentro com o resto das pessoas, unindo-se à confusão de pessoas que estendiam o braço para apertar o botão de seu andar, e logo se situou de frente ao visor de números digitais que estava na parte superior. Bing. Bing. Bing. As portas se abriam. As pessoas se misturavam. As portas se abriam. Mais cruzamento de gente.

Saiu no andar doze e ao chegar à enfermaria não dirigiu a palavra a ninguém. Até aqui tinha sido fácil chegar, talvez muito fácil, e não estava disposto a arriscar-se a que se apresentasse algum obstáculo. Demônios, não o surpreenderia encontrar uma unidade do Departamento de Polícia na porta do 1253... mas não havia ninguém. Tampouco havia familiares nem amigos passeando fora da porta fechada.

Golpeou brandamente e apareceu.

—Devina?

—Jim? —chegou-lhe uma voz tênue —Aguarde um minuto.

Enquanto esperava, olhou o corredor em ambas as direções. Havia um carro de limpeza entre o quarto de Devina e o seguinte, e um armário alto sobre rodas vinha para ele... que dado o aroma de ervilhas e hambúrgueres que despedia ao passar, continha o almoço. As enfermeiras caminhavam daqui para lá, por toda parte, e no lado mais afastado, um paciente estava dando pequenos passos vestido com sua bata de hospital e a mão sobre o suporte de sua intravenosa.

Parecia que a tinha tirado para passear para que pudesse mijar contra os marcos das portas.

—Está bem, pode entrar.

Entrou em um quarto em penumbra que era exatamente igual a que ele tinha ocupado: bege, austero e dominado pela cama de hospital que estava no meio. Ao outro lado do quarto, a cortina estava fechada para proteger da luz do sol e estava se movendo levemente, como se a acabasse de fechar... talvez para que não pudesse obter uma clara visão de seu rosto.

Que era um desastre.

³⁹ Palavra que a autora usou para indicar busca no Google: site de pesquisa

Tanto assim fez uma pausa. Suas bonitas feições estavam distorcidas pelo inchaço de suas bochechas, queixo e olhos; seus lábios estavam partidos: e os hematomas cor púrpura sobre sua pálida pele eram como manchas sobre um vestido de noiva... feias e trágicas.

—Estou mau, verdade? —inquiriu, levantando uma mão trememente para defender a si mesma.

—Cristo... Jesus. Está bem?

—Estarei, acredito. Deixaram-me internada porque tenho uma concussão. —Quando puxou as mantas para cobrir-se, Jim dirigiu seus perspicazes olhos para as mãos. Seus nódulos não estavam machucados.

O qual significava que ela não havia feito isto a si mesma e que não se defendeu ou, o que era mais provável, não tinha podido defender-se.

Observando-a, Jim sentiu que sua resolução cambaleava, esforçando-se para encontrar terreno firme. E se...? Não, Vin não podia haver feito isto, ou sim?

—Quanto o lamento —murmurou Jim, afundando uma dos cantos da cama ao sentar-se.

—Não deveria lhe ter contado o nosso... —arrancou um lençinho de uma caixa e cuidadosamente se deu leves golpes debaixo dos olhos— Mas minha consciência estava me matando e eu... não esperava isto. Também rompeu nosso compromisso.

Jim franziu o cenho, ao pensar que segundo a última coisa que tinha ouvido, o tipo planejava romper com ela.

—Pedi a você que se casasse com ele?

—Por isso tive que dizer a ele. — inclinou-se, apoiando-se sobre um de seus joelhos— Ele me pediu isso... e eu disse que sim, mas logo tive que lhe dizer o que tinha ocorrido. —Devina se endireitou e agarrou seu antebraço— Se eu fosse você me manteria afastado dele. Por seu próprio bem. Está furioso.

Ao recordar a expressão de seu rosto quando lhe tinha contado que o vestido azul de Devina tinha aroma de colônia de outro homem, não foi difícil imaginar que isso fosse verdade. Mas havia partes desta situação que simplesmente não concordavam... embora fosse difícil pensar nisso, vendo o rosto de Devina... e seu braço.

Que tinha uma série de hematomas delineando a forma da mão de um homem.

—Quando lhe deixarão sair? —perguntou-lhe.

—Provavelmente esta tarde. Deus, odeio que me veja desta forma.

—Sou a última pessoa que deveria preocupar-se.

Produziu-se um silêncio.

—Pode acreditar onde terminamos? —disse em voz baixa.

Não. Não podia e em muitos aspectos.

—Sua família virá buscá-la?

—Vêm ao redor da uma, que é quando se supõe que vão dar-me alta. Estão realmente preocupados.

—Posso entender seus motivos.

—O problema é que parte de mim deseja vê-lo. Quero falar... resolver isto conversando.

Não sei... e antes que me julgue, sou consciente de quão mal soa o que disse. Simplesmente deveria me afastar, pôr toda a distância possível entre nós. Mas não posso me afastar dele tão facilmente. Amo-o.

A derrota que denotava era tão difícil de tolerar como a condição em que se encontrava, e Jim tomou sua mão.

—Sinto. —sussurrou— Sinto muitíssimo.

Apertou-lhe a palma.

—É um amigo muito bom.

Houve um golpe seco na porta e entrou a enfermeira.

—Como se sente?

—Será melhor que vá —disse Jim. Enquanto ficava de pé, saudou a enfermeira com a cabeça e voltou a olhar Devina— Posso fazer algo por você?

—Pode me deixar seu telefone? Só no caso... Não sei...

Deu-lhe os números, disse-lhe adeus novamente e partiu.

Quando deixou a sala, sentiu o mesmo que tinha sentido em muitas de suas missões militares: informação conflitiva, ações incompreensíveis, escolhas imprevisíveis... tudo isso ele tinha visto antes, com a só diferença dos nomes e as localidades trocadas.

Ao afastar o que sabia que era verdade, ficavam muitos espaços em branco a ser preenchidos, e surgiam mais pergunta que respostas sólidas dadas.

Entrou no elevador e enquanto observava descender os números até que no visor apareceu um L, decidiu remeter-se a seu treinamento e sua experiência: quando não sabia o que estava ocorrendo, procurava informação.

De retorno à mesa de informação, aproximou-se da pequena anciã e assinalou as portas duplas pelas quais tinha entrado no edifício.

—É esta a única porta de saída para os pacientes?

Ela sorriu calidamente... dando-lhe a impressão de que devia fazer muito bons biscoitinhos de natal.

—A maioria deles sai por aqui, sim. Especialmente se os devem recolher.

—Obrigado.

—De nada.

Jim saiu e examinou cuidadosamente a frente do edifício. Havia quantidade de lugares onde sentar-se a observar a saída, mas os pequenos bancos que havia ao longo da calçada entre as árvores cortadas não tinham suficiente cobertura. E não havia esquinas detrás das quais esconder-se.

Olhou mais à frente do beiral do pórtico para o estacionamento, ansiando poder encontrar um lugar...

Nesse mesmo momento um SUV deu marcha ré saindo de um espaço que estava situado a duas de distância dos marcados com os sinais azuis e brancos que indicavam reservado para deficientes.

Três minutos depois, Jim colocou sua caminhonete no espaço vazio, desligou o motor, e

apontou seus olhos para o centro de hospitalização. O fato de que tivesse que olhar através da janela da minivan que estava ao lado era a camuflagem perfeita.

Fazia muito tempo que tinha aprendido que a informação que obtinha em segredo provavelmente era a que te seria de mais utilidade.

* * * *

—Está preparado? —gritou Marie-Terese da cozinha.

—Quase —gritou Robbie do andar de cima.

Comprovando seu relógio, decidiu que era necessária uma aproximação mais direta para conseguir sair de casa a tempo. Ao subir as escadas atapetadas, degrau por degrau, seus sapatos sem salto não faziam ruído sobre o desenho em ziguezague azul e marrom. Como o resto da decoração, o tapete não era algo que ela teria escolhido pessoalmente, mas sim era compreensível que tivesse sido disposta em uma área de alto trânsito de uma casa alugada.

Encontrou seu filho em frente ao espelho, tentando endireitar sua mini gravata de homem.

Por um momento, viu-se sobressaltada por uma extrapolação maternal: teve uma faísca onde viu seu filho desajeitado, mas forte preparando-se para o baile de graduação. E logo o viu orgulhoso e esbelto no momento da graduação universitária. E foi ainda mais adiante, vendo-o com um smoking no dia de seu casamento.

—O que está olhando? —perguntou-lhe, inquieto.

O futuro, esperava. Um agradável futuro normal que discorresse o mais afastado possível do que tinham sido estes dois últimos anos.

—Precisa de ajuda? —perguntou-lhe.

—Não, posso fazer isto.

Deixou cair as mãos aos lados e se girou para ela, capitulando.

Adiantando-se, ajoelhou-se em frente a ele e afrouxou o nó enviesado. Enquanto o desfazia, ele permaneceu ali com tanta paciência e confiança, que era difícil não acreditar numa mãe ao menos meio decente.

—Acredito que deveremos comprar uma jaqueta maior.

—Sim... está me apertando na parte de cima. E olhe... vê? —estendendo os braços, franziu o cenho ante a forma em que as mangas se deslizavam para cima até a metade de seu antebraço— Odeio isso.

Fez um rápido trabalho com a curta tira cor azul marinho e vermelha, para nada surpreendida que sancionasse o corte da jaqueta. A seu filho sempre tinha gostado de vestir-se de traje, e preferia que seus sapatos, inclusive os tênis, não tivessem raios. O mesmo ocorria com tudo o que tinha: ao abrir suas gavetas ou seu armário veria a roupa toda disposta e pendurada ordenadamente; os livros alinhados nas prateleiras; e a cama nunca estava desfeita a não ser quando ele estava entre os lençóis

Seu pai era igual, muito minucioso quanto à ordem de sua roupa e o resto de suas coisas.

Seu filho também tinha o cabelo e os olhos escuros de Mark.

Deus... teria desejado que não houvesse nenhuma parte desse homem nele, mas a biologia era a biologia. E nunca tinha evidenciado nenhum dos aspectos que realmente lhe preocupavam, como ter o temperamento e a maldade de seu ex.

—Aí está, preparado para sair. —Quando se voltou para inspecionar-se, ela teve que lutar contra o impulso de abraçá-lo com força. Bem?

—Está muito melhor do que o que eu fiz. —Ela o olhou séria— Sinto, melhor que o que eu fiz. Obrigado.

Olhando seu reflexo, pensou sobre o custo de uma nova jaqueta... e dos sapatos... e dos casacos de inverno e as calças de verão e tentou não cair no pânico. Depois de tudo, sempre podia trabalhar de garçoneiro. Não lhe renderia nem de perto a quantidade de dinheiro que estava ganhando ultimamente... mas seria suficiente. Teria que alcançar.

Especialmente quando se mudassem a uma cidade menor onde os aluguéis fossem mais baratos...

Deus... embora não desejasse deixar Caldwell... realmente não. Não depois da última noite com Vin.

—Chegaremos tarde, vamos. —disse.

No andar de baixo vestiram os casacos e as luvas ao mesmo tempo e logo se meteram no Camry. A manhã era fria, o que significava que a garagem era uma caixa de gelo, e o motor ofegou e balbuciou.

—Precisamos de um carro novo —disse Robbie ao mesmo tempo em que ela girava a chave outra vez.

—Sei.

Pressionou o botão para abrir a porta da garagem, aguardou que revelasse o meio-fio e o mundo que havia do outro lado. Saindo de marcha ré, deu uma volta em V, voltou a acionar o controle remoto, e partiu para St. Patrick.

Quando chegaram à catedral, a fila de carros estacionados ao longo da rua se estendia por vários blocos. Conduziu um pouco mais, procurando as opções ilegais e se acomodou em um lugar na esquina que deixava a cauda de seu carro ao ar. Saindo, deu a volta no carro e mediu quanto tinha ultrapassado seu pára-choque o meio-fio amarelo que delimitava a área onde não se podia estacionar.

Pouco mais de meio metro.

—Maldição.

Enquanto os sinos da catedral começavam a soar, decidiu que ia ter fé em que se um policial passasse por ali, ele ou ela fossem bons cristãos ou daltônicos.

—Vamos —disse, estendendo a mão para Robbie, que tinha se aproximado. Quando deslizou a palma na sua, começou a caminhar rápido e ele se adaptou a seu passo, caminhando a seu lado, para o qual seus pequenos mocassins deviam ir ao dobro de velocidade sobre o meio-fio.

—Acredito que chegamos tarde, mamãe. —disse sem fôlego— E é minha culpa. Queria que minha gravata estivesse bem feita.

Baixou o olhar para ele. Enquanto caminhavam apressadamente, a parte superior de seu

cabelo batia as asas ao mesmo ritmo que seu jaquetão de marinheiro azul marinho, mas seus olhos estavam imóveis: fixos no pavimento e estava piscando muito rápido.

Marie-Tereze se deteve, o puxou para freá-lo, e ficou em cócoras. Pondo as mãos sobre seus dois braços, sacudiu-o brandamente.

—Não há nada errado em chegar tarde. As pessoas chegam tarde todo o tempo. Fazemos quanto podemos para chegar na hora a todos os lados e isso é tudo o que se pode fazer, está bem? Está bem? Robbie?

Os sinos da catedral emudeceram. Um momento depois um carro passou junto a eles. Na distância se ouviu o latido de um cão.

Deu-se conta que isto não tinha nada a ver com o chegar tarde.

—Fale comigo. —sussurrou, localizando o seu rosto em sua linha de visão, apesar de que virtualmente teve que deitar-se para obtê-lo— Por favor, Robbie.

As palavras fizeram explosão em sua boca.

—Eu gostava mais do meu próprio nome. E não quero me mudar outra vez. Eu gosto de minhas babás e do meu quarto. Eu gosto da Associação Cristã de Jovens. Eu gosto... do aqui e agora.

Marie-Tereze se sentou sobre seus calcanhares... e desejou matar seu ex-marido.

—Sinto muito. Sei que isto foi muito duro para você.

—Iremos, verdade? Ontem à noite chegou em casa cedo e a ouvi conversar com Quinesha. Disse-lhe que era provável que tivesse que fazer outro tipo de disposições. —A palavra disposições soou como estado de ânimo—Eu gosto de Quinesha. Não quero outras disposições.

Novamente as disposições.

Olhando para seu filho, perguntou-se exatamente como podia lhe dizer que deviam mudar-se porque tinha a firme convicção de que “os maus tempos” como ele os chamava, definitivamente tinham retornado.

O carro que tinha passado junto a eles antes, retornou, tendo fracassado evidentemente ao momento de encontrar um lugar onde estacionar.

—Ontem à noite renunciei a meu trabalho —disse, aproximando-se tanto como podia à verdade— Deixei de ser garçõete nesse lugar porque não era feliz ali. Assim deverei conseguir outro trabalho em algum lado.

Robbie elevou os olhos para ela e estudou seu rosto.

—Há muitos restaurantes em Caldwell.

—É verdade, mas provavelmente não precisam de empregados neste momento e devo ganhar dinheiro para viver.

—Oh. —Pareceu que estava considerando todo o assunto outra vez— Certo. Isso é diferente.

Repentinamente relaxou como se o que tivesse estado lhe incomodando fosse como um balão de hélio que acabasse de ser solto no vento.

—Amo você. —disse, odiando que de fato estivesse ocorrendo precisamente o que a ele tinha estado lhe preocupando. Foram devido a razões que não tinham nada a ver com seu

trabalho. Mas não queria que tivesse que suportar essa carga.

—E eu a você, mamãe. —Deu-lhe um rápido abraço, com seus pequenos braços que só chegavam a rodeá-la parcialmente. Ainda assim sentiu o abraço em todo seu corpo.

—Está preparado? —perguntou com voz rouca.

—Estou.

Voltaram a adotar um passo rápido e conversaram todo o tempo até chegar à catedral e enquanto subiam seus longos degraus de pedra; logo penetraram pela imponente porta. Uma vez dentro do vestíbulo, tiraram os casacos e ela pegou um programa das mãos do anfitrião que estava localizado no vestíbulo da nave. A pedido do homem, dirigiram-se a uma das portas laterais e em silêncio se instalaram em um banco de igreja que estava quase vazio.

Assim que se sentaram, chamaram os meninos pedindo que se adiantassem para ir à escola dominical. Não obstante Robbie permaneceu junto a ela. Nunca saía com outros meninos... nunca o tinha pedido e certamente ela nunca o tinha sugerido.

Quando os sacerdotes e o coro começaram o serviço, respirou fundo e deixou que a balsâmica calidez da igreja se filtrasse nela. E durante meio segundo, imaginou como seria ter Vin sentado junto a eles, talvez do outro lado de seu filho. Seria bonito olhar sobre a cabeça de Robbie e ver o homem que amava. Talvez trocassem um sorriso secreto como faziam os casais de tanto em tanto. Talvez tivesse sido Vin o que teria ajudado Robbie com a gravata.

Talvez houvesse uma filha entre os suportes de livros.

Franzindo o cenho, Marie-Terese se deu conta que pela primeira vez em muitíssimo tempo, estava sonhando acordada. Em realidade fantasiando a respeito de um futuro grato e feliz. Deus... Quanto tempo tinha passado? Quando começou a sair com o Mark... desde esse então.

Tinha-o conhecido no Cassino Mandalay Bay. Ela e seus amigas, que tinham completo vinte e um no mesmo ano, tinham viajado a Las Vegas para seu primeiro fim de semana de garotas fora da cidade, e podia recordar quão dispostas tinham estado todas elas a provar a verdadeira liberdade de adultas.

Enquanto ela e seus amigas tinham estado perdendo o tempo na parte barata, delimitada pela corda de veludo, com apostas de um dólar, Mark tinha estado na mesa dos jogadores empedernidos da seção VIP. Quando a viu, enviou uma garçonete para que as convidasse à seção de luxo... onde as bebidas eram grátis e a aposta mínima era de vinte dólares.

Ao princípio tinha assumido que tudo era por Sarah. Sarah era, e sem dúvida continuava sendo, uma loira de um metro e oitenta de altura que de algum jeito parecia estar nua inclusive quando estava absolutamente vestida. A garota era um ímã para os homens e dado que tinha uma grande quantidade de candidatos de onde escolher, suas expectativas tinham sido muito elevadas. E quem teria imaginado? Alguém que podia permitir-se apostar em grande era definitivamente considerado apropriado para ela.

Mas não, Mark tinha tido olhos só para Marie-Terese. E o tinha deixado claro quando a tinha situado junto a ele e tinha deixado que Sarah se arrumasse por sua conta.

Essa noite, Mark e seus dois sócios, como se tinha referido as tipos trajados que o acompanhavam, tinham sido uns perfeitos cavalheiros, pagando as bebidas, conversando e sendo

atentos. Tinha havido muitos beijos entre os jogos de dado e bate-papo despreocupado, o tipo de coisas que, quando foi o suficientemente jovem para acreditar no glamour, faziam-na se sentir como uma celebridade.

Tinha sido o começo perfeito para um fim de semana: ter vinte e um anos e estar na parte exclusiva do cassino, rodeada de homens com trajes caros, era tudo o que ela e suas amigas podiam ter desejado, e logo depois de três ou quatro horas, tinham subido à suíte de propriedade de Mark. Talvez não fosse a jogada mais inteligente, mas eram quatro moças e só três homens, e depois de ter passado tempo juntos e ter compartilhado uma rajada ganhadora coletiva, produziu-se uma ilusão de amizade e confiança.

Mas nada mau tinha ocorrido. Simplesmente continuaram bebendo, conversando e flertando. E Sarah tinha terminado em um quarto a sós com o mais alto dos dois “sócios”.

Ao final da noite, Marie-Terese tinha saído ao balcão com Mark.

Ainda podia recordar a sensação do ar seco e quente soprando sobre a faiscante vista da Avenida Las Vegas.

Tinha ocorrido dez anos atrás, mas essa noite ainda lhe resultava tão clara como o momento em que se converteu em uma lembrança: os dois fora no terraço, muito por cima da cidade feita pelo homem, de pé um ao lado do outro. Ela olhava a paisagem. Ele olhava fixamente para ela.

Mark lhe tinha afastado o cabelo a um lado e a tinha beijado na nuca... e com esse suave contato lhe tinha proporcionado a melhor experiência sexual de sua vida.

E até ali chegaram as coisas.

A noite seguinte tinha sido muito similar, com a condição de que Mark as tinha levado para ver um concerto de Celine Dion e logo tinham retornado às mesas de jogo. Esplêndido. Elegante. Excitante. Marie-Terese se remontou nas cálidas rajadas da promessa, o romance e o conto de fadas e ao final da segunda noite, tinha voltado para a suíte e havia tornado a beijar Mark no terraço. E isso tinha sido tudo.

Tinha-a decepcionado um pouco que ele não tivesse desejado mais, embora não tivesse sido capaz de dormir com ele. Não era tão disposta como Sarah, que era capaz de conhecer um homem e só umas horas depois ir para cama com ele.

Que ironia que tivesse terminado no lugar onde se encontrava.

À manhã seguinte, deviam partir e Mark fez que sua limusine as levasse ao aeroporto. Havia se sentido destruída assumindo que esse era o fim de tudo: umas quarenta e oito horas divertidas... justo o que o agente de viagens lhes tinha prometido e tinham obtido exatamente o que tinham pago.

Enquanto se afastava do hotel com suas amigas, tinha esperado que Mark saísse correndo e lhes fizesse gestos para que parassem, mas não o fez, e supôs que quão último tinha visto dele tinha sido quando lhe tinha beijado a mão no quarto de hotel em que ela e seu amigas se hospedaram.

O esmagante peso da volta à vida normal havia feito que seus olhos se enchessem de lágrimas. Comparado com Las Vegas, sua vida em casa, com seu trabalho de secretária e a escola

noturna que assistia para graduar-se, tinham-lhe parecido uma espécie de morte.

Quando a limusine chegou ao aeroporto, o condutor desceu e abriu a porta, enquanto ia se aproximando um porta-malas e tinha começado a descarregar sua nada espetacular bagagem. Ao desceu ao meio-fio, Marie-Terese voltou o rosto para outro lado porque não queria que as demais rissem dela por estar triste.

O chofer a deteve.

—O Sr. Capricio me pediu que lhe entregasse isto.

A caixa era do tamanho de uma xícara de café, estava envolta em papel vermelho e tinha um laço branco... a abriu nesse mesmo momento e nesse mesmo lugar, jogando o papel do pacote na rua junto com a parte da fita de cetim. Dentro havia uma delicada corrente de ouro com um pingente de ouro em forma de M. Também havia um pedaço de papel, como podia ser encontrado em um biscoito da sorte. A mensagem dizia: Por favor me ligue assim que estiver em sua casa e a salvo.

Tinha memorizado o número instantaneamente e durante toda a viagem de volta a sua casa esteve radiante.

Que perfeito começo. Ao princípio não tinha havido nem um indício de como terminariam terminando as coisas... embora em retrospectiva, tinha considerado o pingente em forma de M como uma marca de posse, uma espécie de matrícula para cão humano.

Deus, tinha usado esse colar com tanto orgulho... porque desse então queria ser reclamada. Como uma mulher que tinha crescido com uma mãe preocupada e um pai sempre ausente, a idéia de que um homem a desejasse lhe tinha parecido mágica. E Mark não tinha sido um homem médio, nem de classe média... embora se houvesse sido, para ela igual teria significado um progresso. Não, ele pertencia à seção VIP, enquanto que ela era mais adequada para o armário do porteiro.

E durante os meses que seguiram, tinha-a enganado à perfeição, seduzindo-a cuidadosa e calculadamente. Até lhe disse que não queria ter sexo antes de casar-se... para poder apresentar-lhe a sua mãe e sua avó católicas com a consciência tranquila.

Cinco meses depois estavam casados, e depois da cerimônia as coisas tinham dado um tombo radical. Assim que se mudou à suíte do hotel com ele, Mark tinha estabelecido um controle firme como um punho sobre ela. Demônios, quando sua mãe tinha morrido, tinha insistido em que seu chofer a acompanhasse a Califórnia e que estivesse a seu lado do mesmo instante em que descesse do avião até o momento em que voltasse a pôr o pé na suíte.

E o assunto do sexo antes do matrimônio? Resultou ser que não tinha sido um grande sacrifício para ele porque tinha estado tendo-o com suas várias amantes... e ela se inteirou quando, aproximadamente um mês depois que secou a tinta na licença de matrimônio, uma delas apareceu com um ventre do tamanho de uma bola de basquete.

Retornando ao presente, ficou de pé com o resto da congregação e cantou as palavras do hino que Robbie segurava na mão.

Considerando o que lhe tinha ensinado o passado, preocupou-a o conto de fadas que tinha composto em sua mente a respeito de Vin.

O otimismo não era para os fracos de coração. E sonhar acordada podia metê-la em problemas.

* * * *

Sentou-se a suas costas e ela nunca soube. E essa era justamente a beleza dos disfarces. Hoje estava usando o de assistente-da-igreja, que significava lentes de contato azuis e óculos com armação de arame.

Tinha esperado no fundo da igreja que chegasse com seu filho, e quando nenhum dos dois apareceu, imaginou que pela primeira vez não assistiriam ao serviço e que deviam estar em casa. Tinha saído dirigindo-se a seu carro, mas quando estava conduzindo, tinha-os visto na calçada falando seriamente. Dando uma volta à quadra, tinha-os observado falar até que se dirigiram rapidamente para a Catedral e desapareceram através das grandes portas.

Quando voltou a estacionar tinha perdido a metade do serviço, mas deu um jeito para sentar-se justo detrás dela e seu filho, deslizando-se das sombras para sentar-se no banco da igreja.

Ela passou a maior parte do serviço olhando fixamente os afrescos que estavam sendo limpos, com a cabeça inclinada a um lado de tal forma que o ângulo de sua bochecha aparecia especialmente adorável. Como sempre, estava vestida com uma saia longa e um suéter —hoje eram de cor marrom escura— e tinha um par de brincos de pérola. Levava o cabelo escuro recolhido em um coque frouxo e usava um perfume muito tênue... ou talvez se tratasse simplesmente do sabão para a roupa ou essas toalhinhas suavizantes que usava na secadora.

Teria que ir ao supermercado e cheirar todos os detergentes, para ver qual de todos ele era.

Sentada no banco de igreja, era a viva imagem da boa mãe, ajudando seu filho a encontrar a página correta no livro de hinos, agachando-se de tanto em tanto, quando ele queria lhe fazer uma pergunta. Ninguém teria se atrevido a pronunciar sequer a palavra puta onde ela pudesse ouvi-lo... muito menos aplicá-la a ela: parecia ser uma dessas mulheres que conceberam seus filhos de forma imaculada.

O fazia pensar no tipo ao que tinha golpeado com a chave de porcas. Não na parte a respeito de matá-lo, embora evidentemente isso não tinha saído conforme o planejado, já que o idiota só estava em coma... outra razão pela qual os disfarces eram tão necessários. Não, pensava na expressão do rosto são do homem quando tinha saído do sujo e imundo banho, desse sujo e imundo clube.

Que ilusão mais enganosa transmitia.

Ferveu de raiva, mas esse definitivamente não era o momento adequado para isso e para distrair-se ficou a olhar fixamente os delicados músculos que lhe percorriam a nuca. Ao redor da grácil curva se formavam suaves cachos, e mais de uma vez tirou o chapéu inclinando-se para frente para tocá-los...

Ou talvez para lhe rodear a garganta com as mãos.

E apertar até que fosse sua e só sua.

Podia imaginar perfeitamente como seria subjugar suas resistências e reclamá-la como sua... podia imaginar a alienação na expressão de seus olhos enquanto morria.

Ao ver-se envolto no futuro, quase agiu segundo seu impulso, mas felizmente, as partes cantadas do serviço o ajudaram a romper sua furiosa concentração e ocupar suas mãos. Também olhava ao filho, de vez em quando, para evitar que sua obsessão se centrasse nela enquanto se achava em um lugar no qual, se as coisas lhe escapavam das mãos, perderia tudo.

O filho se comportava muito bem. Com tanta maturidade. Sem dúvida era o pequeno homem da casa.

Nunca deixava que fosse com outros meninos à escola dominical, mantendo-o justo a seu lado. O qual era um pouco frustrante, embora demonstrava ser inteligente ao não perdê-lo de vista. Muito inteligente.

Mas não deveria preocupar-se. Muito em breve o pequeno ia estar junto a seu pai... e ela ia estar com seu eterno marido.

O futuro perfeito estava planejado para todos eles.

Capítulo 27

Vin atravessou a porta do duplex, trancou-se dentro e sentiu como se alguém o tivesse chutado no estômago. Do vestibulo, olhou a sala arruinada, e não podia acreditar no que estava vendo.

Enquanto caminhava pelo lugar, tudo o que podia fazer era sacudir a cabeça. Os sofás estavam derrubados, as almofadas de seda pisoteadas e várias estátuas tinham sido arrancadas dos suportes. O tapete, perto da barra estava arruinado, manchado com o licor que tinha emanado das garrafas quebradas e ia ter que voltar a pintar e empapelar as paredes porque parecia que tinham jogado nelas algumas garrafas de vinho de Burdeos.

Tirando o casaco, atirou-o sobre o sofá arruinado e perambulou pelo espaço que uma vez fora perfeito. Era assombroso como todas essas coisas inestimáveis tinham sido convertidas em lixo tão rapidamente. Merda, se acrescentasse uma capa de imundície e restos de comida teria um contêiner.

Agachando-se, recolheu alguns fragmentos que se soltaram de um espelho veneziano quebrado. Tinha sido golpeado com algo que tinha uma vaga semelhança a umas costas humana, o centro da peça tinha uma longa seção esmagada com forma de torso humano.

O fino polvilho de pó branco sobre toda sua superfície parecia indicar que a polícia tinha estado ocupada polvilhando-o em busca de impressões digitais.

Merda, seguro como o inferno que alguém tinha sido jogado por toda a casa.

Vin foi ao bar e pôs os cacos do espelho junto a algumas das garrafas quebradas. Logo, reatou a busca do que aos tiras não cabia nenhuma dúvida que tinha acontecido depois.

Não havia sangue à vista. Mas possivelmente já tinham retirado os objetos manchados por

ela.

Além disso, os hematomas sangravam sob a pele, assim que a falta de sangue nesse lugar não ia necessariamente ajudá-lo.

Indubitavelmente o Departamento de Polícia durante sua permanência no edifício devia ter interrogado ao guarda da recepção... embora não era como se o tipo pudesse atestar que Vin não tinha estado no apartamento. Depois de tudo, os residentes podiam tomar os elevadores diretamente da garagem.

Vin se aproximou do telefone e chamou à recepção. Quando uma voz masculina respondeu, não andou com rodeios:

—Gary, é Vin... você deu à polícia acesso às fitas de segurança dos elevadores e os espaços da escada do edifício?

Não houve absolutamente nenhuma pausa.

—Jesus, Sr. diPietro, por que o fez...?

—Eu não o fiz... O juro. A Polícia conseguiu essas fitas?

—Sim, têm-nas todas.

Vin exalou aliviado. Não havia maneira de que pudesse ter chegado ao duplex sem aparecer em uma dessas gravações. De fato, o que estas iriam provar era que tinha deixado o edifício essa manhã e não havia retornado até passada a meia-noite.

—E você foi filmado —disse o guarda.

Vin piscou.

—O que?

—Você subiu no elevador da garagem às dez. Está na fita.

—O que? —Isso era impossível, a essa hora estava no carro, conduzindo para o Woods com Marie-Tereze—. Espera, viu meu rosto. Realmente viu meu rosto?

—Sim, tão claro quanto o dia. Ela entrou pelas portas principais e subiu ao duplex, e logo, vinte minutos mais tarde, você entrou pela garagem. Levava seu impermeável negro e uma meia hora mais tarde se foi com sua boina dos Boston Sox jogada sobre os olhos.

—Não era eu. É...

—Era.

—Mas... não estacionei meu BMW em seu lugar... não estava e meu outro carro estava ali. Não utilizei meu cartão de passagem para atravessar o portão. Explique-me...

—Alguém o trouxe até aqui, logo entrou pela porta para pedestres. Não sei. Olhe, tenho que ir. Estamos realizando uma prova do alarme de incêndios.

A linha ficou muda.

Vin pendurou o receptor e olhou fixamente o telefone, sentindo como se todo o fodido mundo se tornou louco. Então, depois de um momento, foi ao sofá, arrumou as almofadas para que estivessem aparentemente ordenados e virtualmente caiu de traseiro.

Quando o sistema de alarme do edifício começou a soar e as luzes estroboscópicas cintilaram nas instalações fixas do vestibulo, sentiu como se estivesse no sonho que tinha tido, no

qual Devina caía sobre ele como algo saído da Noite dos Mortos Vivos⁴⁰.

As peças de xadrez estavam sendo dispostas a seu redor, bloqueando seus movimentos, encaixotando-o.

É meu, Vin. E sempre tomo o que é meu.

Enquanto voltava a ouvir essas palavras em sua mente, o som do alarme era o acompanhamento perfeito para o pânico que ardia por suas veias. Merda. Que demônios ia fazer agora?

Como saída de nenhuma parte, a voz de Jim Heron interrompeu a de Devina: Estou aqui para salvar sua alma.

Ignorando essa pista extremamente inútil, Vin se levantou e foi a seu escritório em busca de algo que era muito mais provável que o tranquilizasse. Foi para onde estavam as garrafas de licor intactas, serviu-se de um Bourbon, bebeu-o e logo preencheu o copo largo e baixo. Tinham deixado a televisão ligada, mas sem volume, e enquanto se situava atrás da escrivaninha, cravou os olhos nas notícias locais.

Quando imediatamente depois apareceu uma fotografia junto à cabeça da apresentadora loira, não pôde dizer que o surpreendia. Dada a forma em que se estavam desenvolvendo as coisas, precisaria que uma maldita bomba súa⁴¹ no centro de Caldwell para suscitar alguma reação nele.

Pegou o controle remoto.

—...Robert Belthower, trinta e seis, foi encontrado cedo esta noite em um beco não longe de onde a noite da sexta-feira foram alvejadas duas vítimas. Neste momento se encontra internado no Hospital St. Francis e sua condição é crítica. Ainda não foi identificado nenhum suspeito neste crime...

Era o tipo do Iron Mask. Que tinha saído do banheiro com Marie-Terese.

Vin levantou o telefone e marcou.

A chamada não foi aceita até o quarto tom, e a voz do Jim soava tensa, como se não quisesse responder.

—Olá, amigo.

Ainda tem vontades de salvar minha alma? Quis zombar Vin.

—Viu as notícias?

Uma longa vacilação.

—Quer dizer sobre Devina?

—Sim. Entretanto eu não o fiz, juro... a última vez que a vi foi quando rompi com ela essa tarde e quando partiu de minha casa deixei que levasse o anel que lhe comprei... por nada. Mas estou ligando para você pelo tipo que encontraram golpeado em um beco do centro. Esteve com Marie-Terese ontem à noite. Vi-o com ela. E com ele já seriam três os homens que nas últimas vinte e quatro horas estiveram... Olá? Jim? —Quando ouviu um hãh-hãh, ficou claro qual era o problema—. Olhe, eu não fiz essa merda a Devina, embora sei que não acredita em mim.

⁴⁰ Filme de terror

⁴¹ Bomba atômica que deixa uma considerável contaminação radioativa

Outro longo silêncio.

—Alô? Oh, merda, honestamente acredita que eu poderia fazer mal a uma mulher?

—Pensei que chamava por mim.

Agora foi sua vez de fazer uma pausa.

—Por quê?

Outro longo silêncio.

—Ela disse que lhe tinha contado isso. Sobre nós.

—Nós? O que nós?

—Disse que foi por causa disso que enlouqueceu e a golpeou.

Vin apertou o copo que tinha na mão.

—Exatamente o que é que está dizendo a respeito de vocês dois?

A suave maldição que lhe chegou através da linha era a forma de dizer, no idioma universal, sexo-que-não-deveria-ter-acontecido.

Ao Vin lhe esticaram os músculos dos ombros e dos braços.

—Você está brincando. Está-me puxando o fodido cabelo.

—Sinto muito...

O copo que Vin tinha na mão se quebrou, o Bourbon escorreu por toda parte, ensopando a manga e o punho e salpicando a frente da camisa e suas calças.

Terminou a chamada lançando o celular através do escritório.

* * * *

Enquanto Jim apertava a tecla de desligar, estava disposto a apostar que essa não era a forma como Vin tinha terminado a chamada. Não, tinha o pressentimento de que qualquer telefone que tivesse estado na orelha de Vin era agora sujeira para uma pá. Genial. Fodidamente maravilhoso.

Depois de esfregar os olhos, voltou a concentrar-se na entrada do edifício hospitalar e permitiu que a primeira parte da conversa se registrasse: outro tipo vinculado com Marie-Terese tinha sido golpeado. E quando Vin ligou, em sua mente, essa tinha sido sua primeira prioridade, ainda por cima do fato de que, oh, sim, estava acusado de cometer um assalto grave por ter triturado a sua noiva com os nódulos.

Para Vin essa merda com Marie-Terese era mais forte que nunca. O qual de algum modo lhe dava a sensação de que não era algo muito bom.

Homem, esta missão especial ia ao fodido inferno mais rápido que se fosse em queda livre.

Jim jogou uma olhada a seu relógio e logo voltou para sua observação de cada uma das pessoas que entravam e saíam pelas portas. Era perto da uma, assim supostamente os parentes de Devina viriam a qualquer momento e ela iria com eles.

Deus, Devina era uma mentirosa.

Sentiu-se como um sacrílego ao chegar a essa conclusão, dado o aspecto do rosto da mulher, mas a verdade era o que era: Vin não se inteirou de nada do que tinha ocorrido na noite

de quinta-feira nem do acontecido em sua caminhonete. Nada. O estou-totalmente-na-escuridão tinha ressoado em sua voz transtornada.

Por que teria mentido ela a respeito de haver contado ao homem? E em que mais tinha mentido?

Seguro como a merda que isso fazia a negação de Vin mais acreditável.

A uma em ponto chegou e passou, e também a uma e meia. Logo as duas. Devina já deveria estar para sair, assumindo que fazer a papelada lhe levasse perto de uma hora e que sua família fosse pontual... e assumindo que não saísse por outro lado.

E assumindo que alguém a devesse recolher.

Desejando ter um cigarro, tirou o telefone e esfregou a superfície plana da tela até que se esquentou. A verdade. Esta situação precisava de uma injeção de verdade. Precisava saber quem era Marie-Tereze e quem era Devina e que porra estava acontecendo.

Infelizmente, isso ia custar-lhe...

Repentinamente Devina atravessou as portas duplas com um par de grandes óculos de sol que tampavam a maior parte de seu rosto. Estava vestida com um conjunto de ioga negro, e em comparação, a bolsa de crocodilo extragrande que levava pendurando ao lado a fazia parecer magra como uma régua. Enquanto saía ao meio-fio do pórtico, as pessoas a olhavam ao passar, como se tentando localizá-la no universo das celebridades.

Não havia ninguém com ela.

E... os machucados que tinha tido no rosto agora tinham desaparecido. Todos. Estava para fazer uma sessão de fotografia, tão encantadora e perfeita como tinha estado durante o jantar da noite da sexta-feira.

Geladas advertências chapinharam nas veias de Jim, o tipo de advertências que só tinha tido algumas vezes em sua vida.

Isto estava mau. Muito mal.

Endireitando-se no assento da caminhonete, preparou-se para olhar o pavimento sob seus pés. Sob a luz que se vertia do céu e criava sombras no chão de objetos grandes e pequenos, ela não lançava nenhuma sombra. Ela tinha forma, mas não substância, forma, mas não carne. Este era o inimigo. Estava olhando o inimigo. Tinha tido relações sexuais com o inimigo.

Como se ouvisse seus pensamentos, Devina olhou diretamente para onde ele estava estacionado. E então franziu as sobancelhas e seu rosto percorreu lentamente o lugar de um lado a outro, o que o fez pensar que ela não podia ver exatamente onde estava ele, mas sabia que alguém a estava olhando.

Sua expressão era fria como a pedra. Não tinha nada da calidez que tinha irradiado diante de Vin ou o que tinha entretido ao redor de Jim na caminhonete ou no carro ou nessa cama de hospital.

Fria. Como pedra.

Frieza de assassina em série.

E já que estava dizendo verdades: era uma sedutora, uma mentirosa e uma manipuladora... e estava atrás de Vin. E não o queria para contrair matrimônio, mas sim queria possuir a alma do

homem.

Jim também sentia a convicção, no centro de seu peito, de que ela sabia quem e o que era ele. Tinha-o sabido desde a primeira noite em que tinham tido sexo... e tinha seduzido seu traseiro de propósito. Inferno, a lógica era indiscutível. Seus novos chefes, os Quatro Garotos, tinham-no colocado no campo de jogo, e parecia que o outro lado também tinha enviado uma operação à situação... que sabia mais que Jim.

Quando esse velho estribilho do Diabo com Vestido Azul percorreu sua mente, começou a perguntar-se a respeito de tipos que montavam Harleys e que tampouco projetavam sombras. E que provavelmente também fossem mentirosos.

Maldição.

Devina examinou o estacionamento outra vez, tratou com acritude a algum pobre tipo que sem querer a pisou ao retroceder, e logo levantou a mão para chamar um dos táxis da fila que havia a sua direita. Quando avançou um táxi, ela entrou e partiram.

Tempo de ficar em movimento, pensou Jim enquanto arrancava a caminhonete e retrocedia saindo de sua vaga. Como ela tinha visto seu meio de transporte embora só na escuridão, tinha somente um véu e não uma cobertura, assim teve que colocar-se dois carros mais atrás e rezar para que o taxista não tivesse o hábito de acelerar nas luzes alaranjadas.

Enquanto a seguia, colocou o celular em posição para chamar, quando pressionou enviar, não havia nada mais importante para ele que conseguir o que necessitava. Nada do que tivesse que fazer seria excessivo. Nenhum sacrifício seria muito grande nem muito humilhante. Tinha retornado à terra da obsessão pelo objetivo, com tanta determinação e tão imutável como uma bala já disparada.

—Zacharias. —disse quando responderam.

Matthias o sacana, riu baixinho.

—Juro que falo mais com você que com minha própria mãe.

—Não sabia que tinha uma. Pensei que tinha saído de um ovo.

—Chama-me para discutir sobre árvores genealógicas ou há um propósito para isto?

—Preciso da informação.

—Ah. Já me parecia que recuperaria o juízo.

—Mas desejo informação de dois nomes. Não de um. E não posso fazer o trabalho para você até que termine o que estou fazendo em Caldwell.

—No que está trabalhando exatamente?

—Não é de sua conta.

Embora Matthias fosse conseguir um bonito panorama dos quais estavam implicados.

—Durante quanto tempo estará preso?

—Não sei. Não serão seis meses. Possivelmente nem sequer um.

Houve uma pausa.

—Darei a você quarenta e oito horas. E logo me pertencerá.

—Não pertenço a ninguém, imbecil.

—Correto. Seguro. Espera meu e-mail explicando tudo.

—Olhe, não deixarei Caldwell até que esteja bem e fodidamente preparado. Assim envia o que te dê vontade, mas se acredita que vai me enviar ao estrangeiro depois de amanhã para eliminar alguém, tem a cabeça no traseiro.

—Como sabe o que vou pedir a você?

—Porque você e todos os meus chefes anteriores a você só quiseram uma coisa de mim — disse Jim com voz rouca.

—Bom, possivelmente variaríamos um pouco se você não fosse tão fodidamente brilhante em tudo o que faz.

Jim apertou com força o telefone celular e decidiu que se continuasse com as falsas adulações, ia adotar o método de Vin de terminar as conexões.

Clareou garganta.

—O e-mail não funcionará. Já não tenho conta.

—De todos os modos ia enviar para você um pacote. Honestamente, não acreditará que confio no Hotmail ou Yahoo!, não é?

—Bem. Meu endereço é...

—Como se já não soubesse. —mais dessa risada—Assim suponho que quer um relatório sumário de Marie-Terese Boudreau?

—Sim, e...

—Vincent diPietro?

Que soubesse, não o surpreendia em nada.

—Não. Devina Avale.

—Interessante. Não será a mulher que ontem à noite disse que o velho e bom do Vincent a enviou ao hospital, verdade? Por que... sim, é ela. Tenho-a aqui mesmo em minha tela de computador. Com que terrível grupo de pessoas se relaciona. Tão violentas.

—E pensar que é uma melhoria em relação à gente como você.

Agora percebia um pouco menos dessa diversão:

—Como disse? Não é sábio morder a mão que te alimenta... Sim, acredito que é verdade.

—É mais provável que escolha disparar antes que utilizar os dentes. Para sua Informação.

—Sou muito consciente de quanto você gosta das armas, muito obrigado. E apesar de sua pobre opinião sobre mim, tenho toda a informação a respeito de Marie-Terese aqui mesmo. —A favor de Matthias terei que dizer que foi direto ao ponto— Gretchen Moore nascida em Las Vidas, Califórnia. Idade, trinta e um. Graduada na Universidade de Califórnia de San Diego. Mãe e pai mortos. —Houve um som como de deslocamento e um grunhido, como se Matthias estivesse mudando de posição... e a idéia de que o tipo tivesse que suportar dores crônicas o satisfazia como o inferno— Agora a parte interessante. Casada com o Mark Capricio em Las Vegas, faz nove anos. Capricio é um autêntico membro da máfia, uma merda verdadeiramente doente que segundo seus antecedentes penais tem uma severa desordem de personalidade. Um verdadeiro arrebenta cabeças. Evidentemente ela tentou deixá-lo três anos atrás e ele a golpeou, pegou menino e se mandou. Encontrá-lo custou a ela alguns meses e a contratação de um investigador particular. Quando recuperou seu filho, divorciou-se do imbecil, comprou a identidade de Marie-

Terese, e desapareceu, acabando finalmente em Caldwell, NY. Após, ela manteve um perfil ultra-baixo, e com razão. Os homens como Capricio não permitem que suas mulheres se vão.

Santa. Merda. Assim... havia boas possibilidades, de que esses dois meninos mortos e esse homem espancado ontem à noite no beco significassem que Capricio a tinha encontrado. Tinha que ser isso. Vin disse que o segundo ataque foi para um tipo que tinha sido visto com ela...

—Mas no que se refere a seu ex-marido, e a curto prazo, ela não tem nada do que preocupar-se.

—Desculpa? —disse Jim.

—Capricio está fazendo vinte anos em uma prisão federal por uma salada de crimes que incluem desvio de dinheiro, lavagem de dinheiro, intimidação a uma testemunha e perjúrio... e depois disso, ainda lhe falta cumprir condenação por uma penca de crimes estatais, que compreendem cumplicidade em um assassinato, assalto e agressão. Merda, o tipo bem poderia ser material para uma pergunta de exame na faculdade de direito. —Outra mudança de postura que foi remarcada com uma suave maldição—. Aparentemente, todo seu mundo lhe estava caindo em cima aproximadamente na mesma época em que Gretchen/Marie-Terese decidiu deixá-lo. O qual é lógico. Provavelmente foi se tornando mais e mais violento em seu lar, à medida que os federais e a polícia estatal de Nevada foram lhe cercando. Quando lhe arrebatou ao filho, estava fugindo da lei, não só de sua mulher... o que converte ao fato de que tenha conseguido desaparecer três meses em um testemunho da envergadura de suas conexões. Obviamente, alguém o delatou, embora... também é provável que o detetive particular dela tenha pressionado no lugar adequado, no momento oportuno ameaçando entregá-la a um de seus protetores. Quem sabe.

—Mas me perguntou se agora sua família não virá em sua busca.

—Sim, li a respeito desses dois assassinatos a ponta de pistola no beco. Duvido que se trate de sua família. Eles a teriam matado levando o filho. Não haveria razão para que expusessem a si mesmos a correr um risco desnecessário aniquilando inocentes.

—Sim, e além disso, se mata alguém simplesmente porque esteve com ela, converte-se em algo pessoal. Assim que a pergunta é, quem está atrás dela? Assumindo que ela seja o comum denominador entre os ataques da sexta-feira e da noite do sábado.

—Espera, outra pessoa foi eliminada, e não de boa maneira?

—E eu aqui pensando que sabia tudo.

Houve uma pausa longa e logo a voz de Matthias retornou, desta vez sem seu habitual tom de pavoneio.

—Não sei tudo. Embora me levou um bom momento me dar conta disso. De todos os modos, farei o de Devina para você. Espera minha chamada junto ao telefone.

—Entendido.

Quando Jim desligou, sentia como se tivesse vestido um conjunto de roupa que lhe resultava familiar: o tira e o frouxa com o Matthias se desenvolveu igual ao de sempre. Rápido, ao ponto, engenhoso e lógico. Esse era o problema. Eles sempre tinham trabalhado bem juntos.

Possivelmente um pouco muito bem.

Voltou a centrar-se na perseguição, rastreando o táxi de Devina enquanto atravessava o centro em direção ao velho distrito de armazéns. Quando entraram no labirinto de edifícios industriais que tinham sido convertidos em lofts, deixou que o táxi girasse para tomar o Canal Street e continuou até a próxima travessa onde podia realizar um giro à esquerda. Deu uma volta à quadra, e seu emprego do tempo esteve perfeito: quando chegou novamente à rua Canal, conseguiu ver Devina descer do táxi e caminhar até uma porta. Quando entrou utilizando uma chave, tomou como indicação de que ali tinha seu apartamento.

Jim seguiu conduzindo, e enquanto saía do distrito, fez outra chamada.

Chuck, capataz da equipe do Grupo diPietro, respondeu com seu mau humor habitual.

—Sim.

—Chuck, é Jim Heron.

—Ei. —Houve uma exalação, como se o tipo estivesse na metade de um charuto— Como anda?

—Bem. Quero que saiba que vou trabalhar amanhã.

A voz do tipo adotou certa calidez.

—É um bom homem, Heron. Mas não se esforce muito.

—Nah. Estou bem.

—Bem, agradeço-o.

—Escuta, estou tentando entrar em contato com dois dos tipos com os quais geralmente trabalho e me perguntava se tinha seus números.

—Tenho o número de todos exceto o seu. De quem precisa?

—Adrian Vogel e Eddie Blackhawk.

Houve uma pausa, e não pôde resistir a imaginar ao tipo mascando a bituca do charuto.

—Quais?

Jim repetiu os nomes.

—Não sei de quem está falando. Não há ninguém com esses nomes no batente. —Houve uma vacilação, como se o tipo se perguntasse se Jim estava em seu cabais— Está seguro de que não precisa de alguns dias livres?

—Possivelmente tenho os nomes errados. Montam em Harleys. Um deles tem cabelo curto e piercings. O outro é imenso e tem uma trança que lhe cai pelas costas.

Outra exalação.

—Olhe, Jim, voe vai tirar a manhã livre também. O verei na terça-feira.

—Ninguém assim na equipe?

—Não, Jim, ninguém.

—Então suponho que estou confuso. Obrigado.

Jim atirou o celular no assento contíguo e quase estrangulou o volante. Não eram parte da equipe. Grande surpresa.

Porque esse par de bastardos não existiam em realidade, ao menos não mais que Devina.

Cristo, parecia que neste novo trabalho estava rodeado de mentirosos. O que em realidade o devolia a um terreno familiar. Certo?

Seu telefone soou e ele o pegou.

—Não pode encontrá-la, verdade. Devina Avale não é nada mais que ar.

Matthias não ria desta vez.

—Nada. Nenhuma maldita coisa. É como se tivesse caído à terra de nenhuma parte. O assunto é que, todos seus documentos são verdadeiros na superfície... mas só até certo ponto. Não existe certidão de nascimento. Nada de pais. Seu crédito foi estabelecido faz só sete meses, e o número da segurança social é o de uma mulher morta. Assim não é uma grande fachada, o que significa que deveria ter podido encontrar algo, algo sobre sua verdadeira identidade. Mas ela é uma miragem.

—Obrigado, Matthias.

—Não parece nada surpreso.

—Não o estou.

—Em que demônios se colocou?

Jim sacudiu a cabeça.

—A mesma merda, diferente dia. Isso é tudo.

Houve um breve silêncio.

—Espera um pacote de minha parte.

—Entendido.

Jim terminou a chamada, pôs o telefone no bolso dianteiro da jaqueta, e decidiu que era hora de ir encarar o baile no Commodore. Vin DiPietro tinha direito de saber quem e o que era sua ex, e esperava que o tipo estivesse aberto à verdade... embora soasse muito como ficção.

Abruptamente, a lembrança de Vin levantando o olhar do tamborete do vestuário de Iron Mask retornou.

Acredita em demônios?

Quão único podia fazer Jim era esperar que essa pergunta fosse retórica.

Capítulo 28

O vidro era curioso. Quando quebrava uma merda dessas, enchia o seu saco e lhe devolia.

No banheiro principal, no andar de cima, Vin estava rodeado de gaze e esparadrapo branco. O que se havia feito na palma ao apertar esse copo de Bourbon até fazê-lo pedacinhos estava muito por cima da terra das tirita, assim tinha se visto obrigado a pedir reforços da variedade Cruz Vermelha e as coisas não estavam indo bem. Estando a ferida na mão direita, converteu-se em uma enfermeira lerda e praguejadora, que se enredava com os envoltórios, as tesouras e o esparadrapo.

Menos mal que fosse seu próprio paciente. Só o vocabulário, deixando a um lado a incompetência, faria que lhe proibissem exercer... ou o safado equivalente para os auxiliares de clínica.

Estava a ponto de terminar com a ordália⁴² quando soou o telefone que havia junto ao lavabo. E não era extremamente divertido? Com um diminuto par de tesouras de unhas na mão esquerda, uma parte de esparadrapo entre os dentes, e sendo sua mão direita pouco mais que uma garra, requereu de toda sua coordenação responder à chamada.

—Deixe-o subir. —disse ao guarda do vestíbulo.

Depois de deixar o receptor, fez um trabalho meio decente, deixou toda a confusão sobre o balcão tal como estava e dirigindo-se para as escadas, desceu para a porta principal. Quando o elevador chegou e se abriu, ele estava no corredor, esperando.

Jim Heron saiu e não ficou esperando uma saudação ou um convite para falar. O qual teve que respeitar.

—Quinta-feira de noite —disse o tipo— Não o conhecia. Não a conhecia. Deveria ter lhe dito isso, mas para ser honesto, quando os vi juntos, não quis sujar as coisas. Foi um engano e o lamento muitíssimo... Mais que tudo pelo fato de que soubesse por outra pessoa que não fosse eu.

Todo o tempo enquanto falava, os braços de Heron penduravam lassos a seus lados, como se estivesse preparado para uma briga se não houvesse tiros, e sua voz era tão firme e nivelada quanto seus olhos. Sem andar com rodeios. Sem artifícios. Sem fodidas mentiras.

E enquanto Vin o enfrentava, em vez de raiva, o qual ele mesmo teria esperado sentir para o tipo, só sentiu um cansaço extremo. Cansaço e um doloroso batimento na mão. Repentinamente, compreendeu que estava se cansando de imitar a seu safado pai no referente a mulheres. Graças a esse legado, ao longo dos últimos vinte anos, a natureza suspicaz de Vin tinha encontrado muitas sombras onde não existia nenhuma... e entretanto, de fato lhe tinha passado por cima a única vez em que alguém que estava deitando-se com ele, tinha-o enganado.

Tanta energia esbanjada, toda no lugar equivocado.

Deus, simplesmente não lhe importava Devina. Neste momento, de verdade não lhe importava o que houvesse feito enquanto estavam juntos.

—Mentiu sobre o que ocorreu aqui ontem à noite —disse Vin bruscamente— Devina mentiu.

Não houve absolutamente nenhuma vacilação na réplica:

—Sei.

—Ah, sim?

—Não acredito numa palavra do que diz sobre tudo.

—E isso por quê?

—Fui vê-la no hospital porque estava me custando acreditar em toda essa merda. E ela me obsequiou um pequeno número cheio de corações-e-flores a respeito de haver te contado o que tinha acontecido na quinta-feira de noite e que essa tinha sido a razão pela qual bateu nela. Mas não sabia, verdade? Nenhuma vez te disse nada, verdade?

⁴² Ordálio ou ordália é um tipo de prova judiciária usado para determinar a culpa ou a inocência do acusado por meio da participação de elementos da natureza e cujo resultado é interpretado como um juízo divino.^[1] Também é conhecido como juízo de Deus (*judicium Dei*, em latim).

—Nem o mais mínimo. —Vin se virou e se encaminhou para o duplex. Quando Jim não o seguiu, disse sobre seu ombro— Você vai ficar aí de pé como uma estátua ou quer comer?

Evidentemente a comida era preferível a jogar às estátuas de mármore, e depois que ambos atravessaram a porta principal, Vin a fechou com chave e pôs a cadeia em seu lugar. Tal e como estavam as coisas ultimamente, não ia arriscar-se com nada.

—Santa merda —disse Jim—, sua sala...

—Sim, foi redecorada por Vence McMahon⁴³.

Na cozinha, Vin tirou alguns frios e o pote de Hellmans utilizando a mão esquerda.

—Pode escolher entre pão de centeio ou sem levedura.

—Sem levedura.

Enquanto Vin pegava um pouco de alface e um tomate do refrigerador, preparou-se psicologicamente.

—Tenho que saber como foi. Com Devina. Conte-me tudo... Merda, tudo não. Mas como se aproximou de você?

—Está seguro de que quer falar disso?

Tirou uma faca da gaveta.

—Tenho que fazê-lo, amigo. É necessário. Sinto como... sinto como se tivesse estado com alguém a quem não conheço absolutamente.

Jim amaldiçoou e logo se sentou em um dos tamboretos ante o balcão.

—Não tanta maionese para mim.

—Genial. Agora fala.

—Por certo, não acredito que ela seja quem diz ser.

—Curioso, eu tampouco.

—O que quero dizer, é que fiz uma comprovação de seus antecedentes.

Vin levantou a vista no processo de tirar a tampa azul de um pote de plástico.

—Vai me contar como conseguiu isso?

—Não nesta vida.

—E o resultado foi...?

—Não existe, literalmente. E acredite em mim, se a pessoa que utilizei não pôde averiguar sua verdadeira identidade, ninguém pode.

Vin pôs pouca Hellmans no pão sem levedura de Jim, e mais quantidade em seu próprio de pão de centeio, mas foi um trabalho sujo e impreciso. Estava claro que ambidestro não era.

Deus, não o surpreendia sobre Devina absolutamente...

—Ainda continuo esperando os detalhes da quinta-feira de noite —disse —Faça-nos um favor e fala de uma vez. Agora mesmo não conto com a energia necessária para ser cortês.

—Merda... —Jim esfregou o rosto— De acordo... ela estava no Iron Mask. Eu estava com... uns amigos, suponho que poderia chamá-los assim, embora filhos da puta também serviria. Seja como for, quando saí, ela me seguiu até o estacionamento. Fazia frio. Parecia perdida. Estava...

⁴³ Vincent Kennedy McMahon Jr. Promotor americano de luta livre profissional, lutador ocasional, produtor cinematográfico e ex-comentarista.

Está seguro de que quer isto?

—Sim. —Vin agarrou um tomate, colocou-o sobre uma tábua de cortar, e começou a cortá-lo com a graça de um menino de cinco anos. Estripá-lo seria mais preciso — Continue.

Jim sacudiu a cabeça.

—Estava aborrecida com você. E parecia realmente insegura de si mesma.

Vin franziu o cenho.

—Em que sentido estava aborrecida?

—Em que sentido...? Refere-te ao motivo? Não entrou em detalhes. Eu não perguntei. Eu só... já sabe, queria que se sentisse bem consigo mesma.

Agora era Vin o que sacudia a cabeça.

—Devina sempre está bem. Essa é a questão. Sem importar seu humor, no fundo sempre está bem. Essa foi uma das coisas que me atraiu dela... bom, isso e o fato de que é uma das mulheres mais fisicamente seguras que conheci em minha vida. Mas isso é o que acontece quando se está perfeitamente constituída.

—Disse que você queria que ela fizesse implante de seio.

Vin elevou os olhos de repente.

—Está brincando comigo? Disse a ela que era perfeita desde a noite que a conheci, e o dizia a sério. Nunca quis que mudasse nada.

Abruptamente, Jim franziu as sobrancelhas e adotou uma expressão severa.

—Parece que o enganaram, amigo. —Vin cortou a alface e foi à pia com algumas folhas para lavar— Deixe-me adivinhar, ela abriu o coração para você, você viu uma mulher vulnerável presa a um filho da puta, beijou-a... talvez inclusive pensou que não levaria as coisas mais longe.

—Não podia acreditar como terminaram acabando as coisas.

—Sentia-se mal por ela, mas também se sentia atraído. —Vin fechou o grifo e sacudiu a alface romana— Queria lhe dar algo que a fizesse sentir bem.

Jim baixou a voz.

—Assim é exatamente como foi.

—Quer saber como me conquistou?

—Sim. Quero.

Quando estive de volta junta ao balcão, Vin estendeu fatias de rosbife tão magras como o papel.

—Fui na inauguração de uma galeria. Ela estava ali, sozinha, com um vestido decotado por detrás até a parte baixa das costas. No teto havia umas luzes, dessas que se dirigem para as pinturas que estão em venda, e quando entrei, vi-a de pé diante do Chagall que eu tinha ido comprar, com essa luz lhe iluminando a pele das costas. Extraordinário. —Acrescentou uma capa de tomate destrozado e uma amaciada manta de alface, logo fechou os sanduíches— Cortado ou inteiro?

—Inteiro.

Entregou o pão sem levedura a Jim e cortou seu pão de centeio pela metade.

—Sentou-se diante de mim no leilão e eu estive cheirando seu perfume todo o tempo.

Paguei uma quantidade inconcebível pelo Chagall, e nunca esqueci a forma como ela me olhou sobre o ombro quando caiu o martelo. Seu sorriso era o tipo de coisa que naquela época, eu gostava de ver no rosto de uma mulher. —Vin deu uma dentada e enquanto mastigava o recordou vividamente— Eu gosto do imoral, você sabe, do tio pornô. E seu olhar indicava que não tinha nenhum tipo de problema com esse tipo de merda. Essa noite veio para casa comigo e eu a fodi aqui mesmo no chão. Logo nas escadas. Finalmente na cama. Duas vezes. Deixou-me lhe fazer qualquer coisa e gostou.

Jim piscou e deixou de mastigar, como se estivesse tentando conciliar a atuação na linha do Leave it to Beaver⁴⁴ que o havia feito acreditar nele com a atuação de vídeo pornográfico que tinha devotado a Vin.

—Ela era... —Vin se inclinou de lado e arrancou dois guardanapos de papel— exatamente quem eu queria que fosse. —Ofereceu um ao Jim— Em minha vida de trabalho me deu rédea solta para fazer o que quisesse, não lhe importava se saia durante uma semana sem avisar. Acompanhava-me quando eu queria que o fizesse, ficava em casa quando não. Era como... um reflexo do que eu queria.

Jim limpou a boca.

—Ou em meu caso, pelo que a aproximaria de mim.

—Exatamente.

Terminaram seus sanduíches e Vin fez dois mais, e enquanto comiam a segunda rodada, ficaram principalmente em silêncio, como se ambos estivessem evocando seu tempo com Devina... e perguntando-se como tinham sido enganados tão facilmente.

Finalmente Vin rompeu o silêncio.

—Então, dizem que me têm gravado em um vídeo de vigilância de ontem à noite. Subindo no elevador. O guarda de segurança me disse que viu meu rosto, mas isso é impossível. Não estava aqui. Quem quer que seja, não era eu.

—Acredito em você.

—Vai ser o único.

O outro homem fez uma pausa com o pão a meio caminho de sua boca.

—Não estou seguro de como dizer isto.

—Bom, considerando que acaba de me dizer que fodeu a minha ex-noiva, é difícil imaginar algo mais delicado que isso.

—Isto é.

O próprio Vin fez uma pausa a meio dentada, não gostava da expressão do rosto do tipo.

—O que?

Jim tomou seu maldito tempo para falar, inclusive terminou seu fodido almoço. Finalmente, soltou uma risada tensa e curta.

—Nem sequer sei como começar a falar disto.

—Olá? A anteriormente mencionada questão do sexo com a ex-noiva? Vamos, vá ao ponto.

—Está bem. Merda. Sua ex não tem sombra.

⁴⁴ Leave it to Beaver. Série de televisão familiar dos anos 60

Agora foi a vez de Vin rir.

— Isso é algum tipo de código militar?

— Quer saber por que acredito que não foi você o do elevador ontem à noite? Por como você falou dela. Ela é um reflexo, uma miragem... não existe e é absolutamente perigosa, e sim, sei que isto não tem sentido, mas é a realidade.

Vin baixou lentamente o que ficava de seu rosbife. O tipo falava a sério. Mortalmente sério.

Era possível, perguntou-se Vin, que por uma vez pudesse falar do outro aspecto de sua vida? Dessa parte que concernia a coisas que não podiam ser tocadas nem vistas, mas que lhe tinham moldado com tanta segurança como o DNA de seus pais?

— Disse... que tinha vindo salvar minha alma — murmurou Vin.

Jim apoiou suas mãos sobre o balcão de granito e se inclinou para frente. Sob as mangas curtas de sua simples camiseta branca, os músculos de seus braços se avultaram sob o peso.

— E o disse a sério. Tenho um novo e alegre trabalho que consta em afastar as pessoas da beirada.

— Da beirada do que?

— Da condenação eterna. Como disse antes... em seu caso, estava acostumado a pensar que consistia em me assegurar de que terminasse junto a Devina, mas agora estou condenadamente seguro de que esse é o desenlace equivocado. Agora... significa outra coisa. Só que não sei o que.

Vin limpou a boca e baixou o olhar às mãos grandes e capazes do homem.

— Acreditaria-me... se te dissesse que tive um sonho com Devina... um no qual ela era como algo saído de 28 Dias, toda podre e fodida? Afirmava que eu lhe tinha pedido que viesse para mim, que havíamos feito algum tipo de trato e que não havia forma de rompê-lo. E sabe o mais ridículo de tudo? Não parecia um sonho.

— Eu acredito que não o era. Antes de ter essa pequena sessão da sexta-feira com o cabo de corrente, durante a qual me apagou a luz, haveria dito que estava louco. Agora? Pode apostar seu traseiro que acredito em cada palavra disso.

Ao fim, ao menos algo que estava a seu favor em vez de em contra, pensou Vin enquanto decidia justificar-se e expor tudo.

— Quando tinha dezessete anos, fui a esta... — Deus, inclusive com o bem que estava tomando Jim as coisas, ainda se sentia um completo imbecil — Fui ver uma mulher que lia a palma da mão, uma adivinha... uma mulher no centro. Recorda esse encantamento que sofri no vagão do restaurante? — Quando Jim assentiu com a cabeça, continuou — Estava acostumado a tê-los muito frequentemente, e necessitava... merda, necessitava algum modo de detê-los. Estavam arruinando minha vida, me fazendo sentir como um fenômeno.

— Porque via o futuro?

— Sim, e essa merda simplesmente não está bem, sabe? Nunca me ofereci voluntário para isso e haveria feito qualquer coisa para detê-lo. — Imagens do passado, dele desmaiando em centros comerciais, escolas, bibliotecas e cinemas, alagaram seu cérebro — Era uma tortura. Nunca sabia quando chegariam os transe e não sabia o que dizia neles e as pessoas que não se assustavam como a merda e pensavam que estava louco. — Riu com uma áspera gargalhada —

Poderia ter sido diferente se tivesse podido prever os números da loteria, mas só tinha más notícias para compartilhar. Seja como for, ali estava eu, com dezessete anos, sem ter nem idéia de nada, ao limite de minha corda, com nada mais que um par de pais violentos e alcoólicos em casa que não podiam me oferecer nenhuma ajuda ou conselho... não sabia que mais fazer, aonde ir, com quem falar. Quero dizer, minha mãe e meu pai? Eram uns fodidos alcoólicos a quem não teria perguntado o que fazer para almoçar, muito menos algo disto. Assim que um dia próximo ao Halloween, que por certo é o dia de meu aniversário, na parte de trás do Courier Journal vi um montão de anúncios destes psíquicos, curadores ou o que sejam, e decidi tentá-lo com um deles. Fui ao centro, chamei em algumas portas e finalmente uma delas se abriu. A mulher parecia entender a situação. Disse-me o que fazer, fui para casa e o fiz... e tudo mudou.

—De que forma?

—Por um lado, os tranques pararam e logo, repentinamente tinha a sorte de meu lado. Meus pais finalmente explodiram... economizarei os detalhes, mas digamos que seu fim foi simplesmente uma evolução do alcoolismo. Depois que morreram, eu me senti aliviado, livre e... diferente. Completei dezoito, herdei a casa e o negócio de encanamento de meu pai... e assim começou tudo.

—Espera, disse que foi diferente... como?

Vin deu de ombros.

—Enquanto crescia, era tranquilo. Já sabe, nunca me interessou muito a escola, contentava-me saindo adiante. Mas depois que morreram meus pais... sim, já nada em mim permaneceu acalmado. Tinha esta ânsia. —ficou a mão no estômago— Sempre estava ansioso. Nada era... ou foi nunca suficiente. É como se estivesse obcecado fazendo dinheiro... faminto sem importar quanto dinheiro houvesse em minhas contas nem quanto tinha. Estava acostumado a pensar que era só porque tinha passado de ser adolescente a ser adulto no mesmo momento em que morreram meus pais... quero dizer, tinha que manter a mim mesmo porque ninguém mais ia fazer isso. Mas não estou seguro de que isso o explique completamente. A questão é que enquanto estava trabalhando a jornada completa para esses encanadores, meti-me no tráfico de drogas. O efetivo era uma loucura e quando começou a empilhar-se, eu só queria mais e mais. Coloquei-me a construir casas porque dessa forma podia ser legal... e isso era importante, não porque tinha medo da prisão, mas sim porque não podia fazer tanto dinheiro se estivesse por trás dos barrotes como fora. Era implacável e não me continha nem a ética nem as leis nem nada além da autoconservação. Nada me aliviava... até há duas noites.

—O que mudou então?

—Olhei uma mulher nos olhos e senti... outra coisa.

Vin estendeu a mão até seu bolso traseiro e tirou o cartão da Virgem. Depois de lhe jogar um longo olhar, colocou-a sobre o balcão e a girou para que Jim pudesse vê-la.

—Quando a olhei nos olhos... senti-me satisfeito pela primeira vez.

* * * *

Jim se inclinou para frente e olhou fixamente a imagem. Santa merda... era Marie-Terese. O cabelo escuro, os olhos azuis, o rosto suave e amável.

—De acordo, isto é fodidamente horripilante.

Vin clareou a garganta.

—Não é a Virgem Maria. Sei. E esta imagem não é dela. Mas quando vejo Marie-Terese, esse poço ardente que tenho no estômago se alivia. Com Devina? Ela só o alimenta. Já fosse pelo tipo de sexo que praticávamos e os limites que transpassamos, ou as coisas que ela queria ou os lugares aos que fomos. Ela acrescentava constantemente à ânsia. Marie-Terese por outro lado... é como um lago quente. Quando estou com ela, não preciso de nada mais. Nunca.

O tipo recuperou bruscamente o cartão e revirou os olhos.

—Jesus Cristo, me escute. Sonho como um filme do Lifetime⁴⁵ ou alguma merda assim.

Jim esboçou um sorriso.

—Sim, bom, se as coisas não funcionarem, sempre pode pôr um negócio de cartões de felicitação e dirigi-lo da a prisão.

—É justo o tipo de troca de profissão que estava desejando fazer.

—Melhor que fazer matrículas.

—Mais engenhoso, certamente.

Jim pensou em Devina e no assim chamado sonho que Vin tinha tido. Havia muito boas probabilidades de que não tivesse sido um pesadelo. Por amor de Deus, se não lançava sombra a plena luz do dia, então o que outros truques tinha sob a manga?

—O que fez exatamente? —perguntou Jim—. Quando tinha dezessete anos.

Vin cruzou os braços sobre o peito e virtualmente se pôde ouvir o som de sucção quando foi arrastado para seu passado.

—Fiz o que a mulher me disse que fizesse.

—Que foi...? —Quando Vin sacudiu a cabeça, Jim supôs que devia ser algo bastante aterrador— Essa mulher ainda anda por aí?

—Não tenho idéia.

—Qual é seu nome?

—Isso o que importa? Isso ficou no passado.

—Mas Devina não, e graças a ela apresentaram-se denúncias contra você por algo que não fez. —Quando se viu envolto por um montão de maldições, Jim assentiu com a cabeça— Abriu uma porta, não seria má idéia voltar e conseguir a chave para fechá-la.

—Esse é o problema. Acreditei que estava fechando-a. Quanto a essa mulher, foi há vinte anos. Duvido que possamos encontrá-la.

Quando Vin começou a limpar tudo, Jim observou a torpe vendagem que tinha na mão.

—Como se fez essa ferida?

—Esmaguei um copo com a mão enquanto falava com você.

—Já vejo.

Vin se deteve a meio caminho de fechar a bolsa do pão sem levedura.

⁴⁵ Lifetime: Canal de televisão feminino

—Preocupa-me Marie-Tereze. Sabe, se Devina pode me fazer isto, de que não será capaz?

—Sou consciente disso. Ela sabe algo de...?

—Não, e me encarregarei de que continue assim. Não quero que Marie-Tereze se envolva nesta merda.

Mais provas de que Vin não era um idiota.

—Escuta... com respeito a ela. —Jim desejava ser muito cuidadoso ao referir-se a este assunto—Depois que me contaram que o outro tipo assassinado no centro tinha estado com ela, joguei uma olhada em seus antecedentes.

—OH, Jesus... —Vin, que acabava de abrir a despensa, girou-se rapidamente— Esse ex-marido dela. Encontrou-a. É...

—Ele não. Está no cárcere. —Jim lhe informou o que o sacana do Matthias tinha averiguado e o que lhes parece?... quanto mais avançava a história, maior era o cenho no rosto de Vin— Em resumo —concluiu Jim—, embora seja possível que algum cúmplice de Capricio tivesse vindo em sua busca, não é provável que seja responsável por essas outras mortes porque em realidade o único que lhes preocuparia seria Marie-Tereze.

Vin amaldiçoou... o que significava que tinha captado a imagem e todas suas implicações.

—Então, quem? Assumindo que ela seja a conexão entre os dois ataques.

—Essa é a questão.

Vin se recostou para trás contra o balcão, cruzando os braços e com aspecto de estar desejando brigar com alguém.

—Por certo, renunciou —disse depois de um momento— Já sabe, dessa merda no Iron Mask. E acredito que vai abandonar Caldwell.

—Seriamente?

—Não quero perdê-la de vista, mas talvez seja o melhor. Poderia ser um desses... homens, já sabe, os do clube, ao que ela... se...

Quando o tipo apertou os lábios como se suas vísceras se congelaram, Jim compreendeu que as coisas tinham progredido entre esses dois. Rápido. Embora não estivesse disposto a apostar em Cão, poderia apostar sua caminhonete e sua Harley que Vin e Marie-Tereze se converteram em amantes... porque essa expressão no rosto do tipo era dilaceradora.

—Não quero perdê-la —resmungou Vin— E odeio que esteja fugindo por sua vida.

—Bom —disse Jim—, então acredito que você e eu devemos assegurar que seja seguro para ela permanecer aqui.

A salvo de Devina... e de qualquer psicopata que fosse atrás dela.

Ao menos Jim sabia que demônios fazer com um imbecil que padecesse um caso de obsessão por uma mulher. Quanto a Devina? Bom, essa solução ia ter que tirar-lhe do traseiro.

Ao outro lado da mesa Vin levantou a vista, e quando seus olhos se encontraram, o tipo assentiu uma vez, como se soubesse que as coisas iriam ficar estranhas e estivesse de acordo com isso. Estendendo sua mão enfaixada, disse:

—Excelente plano, meu amigo.

Jim estreitou cuidadosamente a garra que lhe oferecia.

- Tenho o pressentimento de que vai ser um prazer trabalhar com você.
- O mesmo digo. Suponho que a briga do bar foi só um pré-aquecimento.
- Evidentemente.

Capítulo 29

Quando Marie-Terese se sentou depois do último hino da missa, sentiu seu telefone vibrando em sua bolsa, desligou sem retirar o aparelho.

Robbie a examinou com o olhar, mas ela apenas recostou no banco, e deu a ele um discreto sorriso. Do seu ponto de vista, havia três possibilidades para a chamada: número errado, babás... ou Trez. E por mais que gostasse de seu velho chefe, esperava que não fosse ele.

Abruptamente, pensou sobre algo que aprendera na faculdade sobre pára-quedistas veteranos. Foi na aula de psicologia, durante um estudo sobre percepção do perigo e ansiedade. Perguntados quando ou se eles já sentiram medo, os pára-quedistas, que se ajustavam no perfil do grupo de risco, responderam opressivamente que a única vez que estiveram nervosos, foi em seu último salto, como se pudessem ter consumido toda sua sorte com o passar do tempo e as vantagens que tiveram até aquele ponto poderiam abandoná-los da mesma maneira que abandonavam os saltos.

Engraçado, quando ela estava com dezoito anos e sentada em um salão de conferência, isso pareceu tão ridículo. Depois de todos os saltos que aqueles “voadores” deram, por que perderam seus nervos de aço no último? Agora ela entendia.

Poderia ter parado na noite anterior... mas se aquele toque era Trez a chamando de volta para se encontrar com o Departamento de Polícia novamente? E se dessa vez, não fosse sobre aqueles tiroteios, mas sobre o que fez para ganhar dinheiro?

Enquanto ela se sentava ao lado do filho na igreja, o risco que assumira parecera real pela primeira vez. A situação era, a evolução da garçonne sexy para algo mais foi feito em um ambiente onde isso era uma “escolha de carreira” que muitas pessoas ao redor dela fariam com segurança. Abruptamente, entretanto, ela percebeu que deveria estar louca. Se fosse presa, Robbie terminaria em um lar adotivo, com ambos os pais atrás das grades.

Certo, nem Trez, nem seu primeiro chefe, tiveram algum problema com a polícia, mas como poderia ter tanta fé naquela reputação considerando o que estava em jogo?

Deus... cortando os laços com todo aquele lado inferior e indigente da vida, era capaz de ver sua escolha do que fazia para ganhar dinheiro com olhos muito diferentes...

Olhando de relance ao redor para todas as pessoas nos bancos, estava chocada ao perceber que aqueles eram olhos normais com os quais considerava suas ações. E, em consequência disso estava horrorizada consigo mesma.

Cuidado com o que você deseja, ela pensou. Queria estar se preocupando à toa, porque aquilo parecia tão mais fácil do que onde esteve. Mas agora que estava mergulhando seu pé

naquele charco, acabou de perceber que o que fez era ainda mais terrível, irresponsável e perigoso.

E realmente, aquela foi a forma que viveu nos últimos dez anos, não foi? Seu casamento com Mark foi o primeiro passo para a vida do tipo fora da lei que só tinha vira na TV. Trapacear para manter seu filho seguro foi o segundo. Tornar-se prostituta para conseguir dinheiro a fim de sobreviver foi o terceiro.

Enquanto ela olhava ao longo do corredor para o altar, ficou brava consigo mesma e suas escolhas. Ela era a única pessoa que Robbie teve na vida, e embora pensasse que o estava colocando em primeiro lugar, ela realmente não fez isso, fez?

E o fato é que não tivera outras opções considerando que o tipo de dinheiro que ela devia, era pouco consolador.

Quando a missa terminou, ela e Robbie levantaram-se e juntaram-se ao aglomerado de pessoas que se amontoavam no hall em torno do Padre Neely. Para a maior parte deles, o foco dela era conduzir Robbie adiante, mas de vez em quando, porque não podia evitar isso sem ser rude, ela gesticulava com a cabeça para as pessoas que sabia serem do grupo de oração ou das missas dos domingos anteriores.

Robbie aferrou-se a sua mão, mas o fez como um homem, conduzindo-a ao invés de ser levado, pelo menos tão longe quanto ele sabia. Ao chegarem diante do Padre, a soltou e foi o primeiro a apertar a mão do homem.

— Serviço adorável. — disse Marie-Terese apoiando as palmas das mãos levemente nos ombros do filho. — e as reformas na Catedral estão ficando bonitas.

— Elas estão, elas estão. — Padre Neely olhou ao redor com um sorriso, seu cabelo branco, porte alto e magro, perfeito para um homem de batina. De fato, ele se parecia com a Catedral, pálido e etéreo. — Uma melhoria nela, e já era hora.

— Estou contente que vocês estão limpando o estatuário também. — ela movimentou a cabeça na direção do pedestal vazio onde ficava Maria Madalena. — Quando ela volta?

— Oh, querida, você não sabe? Ela foi roubada. — As pessoas se aproximaram e Padre Neely começou a trocar olhares dos outros paroquianos e sorrir. — A polícia está procurando pelo vândalo. Nós tivemos sorte, entretanto, considerando que eles podiam ter levado os outros também.

— Isto é terrível. — Marie-Terese cutucou Robbie e ele entendeu a indireta, apertou sua mão e começou a conduzi-la novamente. — Eu espero que eles a consigam de volta.

— Eu também. — O Padre inclinou-se para frente e apertou seu antebraço, seus olhos debaixo de suas sobranceiras tipo bolas de algodão. — Fique bem, minha criança.

Ele era sempre agradável com ela. Embora ele soubesse.

— Você também, Padre. — ela disse asperamente.

Ela e Robbie saíram na tarde fria de Abril, e enquanto olhava para o céu branco leitoso, cheirou uma mudança no ar.

— Wow, eu acho que nós poderemos ter neve.

— Realmente? Isso seria tão legal.

Conforme caminhavam ao longo da calçada, os motores dos carros estavam recomeçando as atividades por toda a parte enquanto a edição dominical do *Times* brilhava e a congregação corria de volta para casa para desmornar em sofás e poltronas com o jornal. Pelo menos, era isso que supôs que estavam fazendo, dado o número de pessoas que viu rua abaixo no *Rite Aid* com os braços cheios de *New York Times* e a edição de domingo do *Caldwell Courier Journal*.

Sem perguntar, Robbie tomou sua mão novamente enquanto iam ao meio fio no fim do quarteirão e esperavam juntos por uma pausa no vai-e-vem do trânsito. Aguardando ao lado dele, se preocupou sobre o que a esperava em seu telefone, exceto que sabia que era melhor do que checar com ele por perto. Sua “cara de pôquer” era boa, mas nem tanto.

Por outro lado, sua sorte com as leis de estacionamento trabalhou a seu favor e o *Camry* não foi rebocado, mas seu motor não estava muito feliz pelo tempo frio que chegou. Ela finalmente fez a coisa funcionar, apesar de tudo, e entrou no trânsito.

Do banco de trás, escapou de sua bolsa um “ronronado”. Seu telefone estava vibrando outra vez, desta vez de encontro a sua carteira o que ampliou o som.

Girando o braço, ela tentou alcançar a bolsa, mas mãos ágeis e pequenas chegaram lá primeiro.

— Trez falando. — anunciou enquanto ele entregou o celular a ela .

Ela respondeu com medo — Oi?

— Você precisa vir até o clube imediatamente. — disse Trez — os policiais estão aqui por causa do assalto e querem fazer algumas perguntas para você.

— Que assal... — ela olhou de relance para Robbie — Eu sinto muito, mas sobre o que você está falando?

— Outro homem foi encontrado em uma viela ontem à noite. Ele foi espancado e está em estado crítico no hospital. Escute, ele é alguém que eu vi com você, e os outros também. Você tem que vir.

— Mãe!

Marie-Terese pisou fundo nos freios e o *Camry* deslizou guinchando como um porco, faltando centímetros para atingir um *SUV* que tinha o direito preferencial de passagem. Enquanto o outro carro vociferava um ruído de advertência, o telefone celular pulava de sua mão e saltava através do painel, pipocando por todo o caminho pela janela de Robbie antes de desaparecer no assoalho aos seus pés.

O *Camry* conseguiu parar com a graça do balançar de um touro e ela colocou os braços ao redor do filho.

— Você está bem?

Enquanto ela batia levemente as mãos no tórax dele, ele inclinou a cabeça e se libertou do aperto mortal do cinto de segurança.

— Eu acho... aquela luz... estava vermelha.

— Certamente estava. — ela empurrou seu cabelo para longe de seu rosto e olhou para frente através do pára-brisa.

O furioso motorista do *SUV* fez contato visual, mas assim que o sujeito viu seu rosto, a raiva

nele aliviou. O que deu a ela uma idéia de quão aterrorizada devia parecer. Enquanto ele murmurava “você está bem?” ela inclinou a cabeça e gesticulou com a mão antes de ir embora.

Porém, Marie-Terese precisava de um minuto, então graças a Deus o Camry praticamente estacionou sozinho paralelamente ao meio-fio.

Bem, sobre o meio-fio.

Pelo espelho retrovisor, ela viu um homem saindo de um Subaru azul que parou atrás dela. Enquanto caminhava, ele empurrou seus óculos para cima do nariz e tentou alisar seus cabelos loiros revoltos pelo vento. Ela o conhecia, percebeu... do grupo de oração da noite anterior no confessionário.

Ela apertou a tecla da janela, pensando no quanto estava surpresa ao vê-lo aproximar-se. Parecia tímido e quase nunca falava nas reuniões. O que fazia com que ela supostamente o colocasse na mesma tribo dos “quietos” como ela.

— Todos estão bem? — ele perguntou, curvando-se e colocando seu antebraço no teto.

— Nós estamos bem, mas essa passou perto. — ela sorriu para ele. — Gentileza sua parar.

— Eu estava atrás de você, e eu devia ter buzinado ou algo assim quando eu não vi nenhuma luz de freio enquanto você se aproximava do cruzamento. Supus que você estava distraída. Você está bem, também, filho?

Robbie se manteve em silêncio, seus olhos voltados para baixo e suas mãos no colo. Ele não queria olhar para o homem, e Marie-Terese não tinha interesse em forçá-lo.

— Ele está bem. — Disse ela resistindo ao impulso de verificar novamente em busca de ferimentos.

Passou um longo momento e então o homem recuou.

— Suponho que estará à caminho de casa, então. Cuide-se.

— Você também é obrigada pela preocupação conosco.

— O prazer foi meu. Vejo você em breve.

Enquanto ela erguia o vidro da sua janela, um grito áspero e abrupto veio do assoalho aos pés de Robbie.

— O telefone! — ela disse. — Oh, não, Trez... Robbie você consegue pegá-lo?

Robbie curvou-se e ergueu o telefone. Antes de dá-lo para ela, ele perguntou rudemente. — Você gostaria de me levar para casa?

Marie-Terese quase riu, mas a seriedade no rosto dele a impediu.

— Eu tomarei mais cuidado. Prometo.

— Certo, mãe.

Ela bateu levemente em seu joelho e levou o telefone novamente até a orelha.

— Trez?

— Que porra foi essa?

Com um estremecimento, ela segurou o receptor longe de sua orelha.

— Ah... foi um farol vermelho com o qual não lidei muito bem. — ela checkou todos os espelhos do carro e todas as janelas antes de acender o pisca-alerta — Mas ninguém se machucou.

Conforme o Subaru azul passou por ela, ela acenou para o motorista. Paul... Peter... qual era

seu nome?

— Jesus Cristo... eu quase tive um ataque cardíaco. — murmurou Trez.

— O que você estava dizendo?

Como se na próxima infração um choque não fosse suficiente.

— Por que você não me chama de volta quando chegar em casa? Eu não sei quantos sinais de trânsito existem entre você e...

— Eu estou prestando atenção agora. — ela saiu devagar — Eu juro.

Havia algum resmungo destinado aos homens sobre a conexão. Então:

— Está bem... aqui está o negócio. Os tiras apareceram aqui cerca de meia hora atrás, querendo falar com o pessoal outra vez, e com você em particular. Eu acho que eles foram até a sua casa e então tentaram chamá-la, e quando não puderam encontrá-la, vieram para cá. Eu não sei muita coisa, somente que existe uma pegada em ambas as cenas que parece sugerir um vínculo entre os dois ataques. A marca de um tênis de corrida, eu acho. Eu não deveria supostamente saber disso, ok? A propósito, justamente quando os dois tiras saíram para dar um trago e estavam passando algumas fotos de um lado para o outro, e “bang”, eu peguei um pedaço do papo.

O primeiro pensamento de Marie-Terese foi que Vin não usou tênis — ou pelo menos esteve usando mocassins de solado liso ambas as noites.

O estranho não era isso: Sua preocupação inicial era se Vin estava ou não envolvido, e não se Mark estava enviando da prisão pessoas atrás dela. O ponto era, entretanto, ela tinha fugido de seu ex uma vez antes e podia fazer isso novamente. Mas a idéia de que ela estava se apaixonando por outro homem violento não era o tipo de coisa da qual poderia cair fora tão facilmente.

— Trez, você tem alguma idéia de quando o... — ela olhou de relance para Robbie, que estava desenhando na janela com a ponta do dedo. — Você sabe quando aconteceu? Ontem à noite?

— Depois que você saiu.

Então, não poderia ter sido Vin...

— Seu homem está em apuros, a propósito.

— Como?

— Vin diPietro. Seu rosto está em todos os noticiários. Acreditam em sua namorada que acabou no hospital, e ela está dizendo que é o responsável por ela estar lá.

Como uma segunda rodada do golpe dramático, Marie Teresa tirou o pé do acelerador e deliberadamente olhou para cima ao chegar em um cruzamento. Verde. Verde significa “siga”, disse a si mesma. Siga significa “acelere”. Abaixou cuidadosamente o pé e o Camry respondeu com todo o entusiasmo de um paciente no respirador.

— Tem alguma chance — Trez murmurou — de que os dois estivessem juntos ontem à noite, por volta das dez?

— Sim.

— Então respire fundo. Porque de acordo com as notícias, foi quando tudo isso rolou.

Marie-Terese soltou a respiração, mas apenas por um momento.

— Oh, meu Deus... o que ele vai fazer?

— Ele já está solto sob fiança.

— Eu posso ajudá-lo.

Embora assim que as palavras deixaram sua boca, quis saber se era verdade. A última coisa que ela precisava era seu rosto no noticiário. Não havia nenhum jeito de saber se ela estava protegida de Mark até o momento porque ele desistiu dela... ou porque as pessoas que enviou atrás dela ainda não a haviam encontrado.

— Yeah, embora talvez você devesse tentar ficar fora disso. — disse Trez — Ele pegou o dinheiro e as conexões, e as mentiras são sempre reveladas no final. Em todo o caso, eu posso dizer aos policiais que você conversará com eles agora?

— Sim, mas eles vão ter que esperar com você. — a última coisa que ela queria eram os tiros na frente de Robbie novamente, então o clube era o melhor lugar para ela encontrar com eles. — Eu chamarei a babá imediatamente.

— Uma última coisa.

— Sim?

— Mesmo que você dê o fora do negócio agora, um passado como o nosso tem um longo alcance, percebe? Por favor, tenha cuidado com as pessoas ao seu redor e quando estiver em dúvida, me chame. Eu não quero alarmar você, mas não gosto destes ataques acontecendo com as pessoas ligadas a você.

Ela também não gostava.

— Eu ligarei.

— E se você precisar deixar Caldwell, eu posso ajudar.

— Obrigada, Trez. — ela desligou e olhou para o filho. — Eu vou ter que sair um pouco esta tarde.

— Certo. Quinesha pode vir?

— Eu tentarei consegui-la.

Quando pararam embaixo de um poste iluminado, Marie-Terese buscou rapidamente o serviço de babás e ligou.

— Mãe, quem é que você quer ajudar?

Enquanto o telefone chamava, ela encontrou os olhos do filho. E não soube o que dizer.

— Ele é a razão pela qual você estava sorrindo na Igreja?

Ela desligou antes que atendessem.

— Ele é um amigo meu.

— Oh. — Robbie apertou uma prega em sua roupa cáqui.

— Ele é somente um amigo.

Robbie franziu as sobrancelhas.

— Eu fico com medo às vezes.

— Do que?

— Pessoas.

Engraçado, tal como ela.

— Nem todos são como seu... — ela não queria terminar a frase. — Eu não quero que você se sinta como se todo mundo fosse ruim e fosse machucá-lo. A maioria das pessoas é legal.

Robbie pareceu ponderar sobre o assunto. Após um momento, elevou os olhos para ela.

— Mas como você sabe a diferença, Mãe?

O coração de Marie-Terese parou. Deus, tinha vezes que como pais, as palavras escapavam e seu peito ficava vazio.

— Eu não tenho uma boa resposta para isso.

Enquanto o farol ficava verde e eles seguiam adiante, Robbie fixou sua atenção na estrada e ela deixava uma mensagem para a babá. Depois que ela desligou, teve a esperança de que ele estava olhando fixamente para fora porque estava prestando atenção nos semáforos junto com ela. Mas, ela não achava que fosse tão simples.

Eles estavam na metade do caminho para casa, quando lembrou, Saul. O nome do homem do grupo de oração era Saul.

Quando Jim conseguiu voltar do Commodore, parou na frente de sua garagem e saiu. Enquanto subia os degraus, Cão separou as cortinas da janela estilo vitoriano com a cabeça e vendo pela maneira como suas orelhas estavam em pé e sua cara tremia, estava claro que aquele rabo curto e grosso girava tão rápido como a hélice de um avião.

— Yup, eu voltei garotão.

Jim estava com a chave pronta enquanto caminhava até a porta, mas parou antes de colocá-la na *Schlage*⁴⁶ brilhante e novinha em folha que instalou antes de se mudar.

Olhando por cima de seu ombro, fixou o olhar no rastro de sujeira. Um conjunto fresco de trilhas de pneu marcou parcialmente o chão congelado.

Alguém tinha vindo e ido embora enquanto esteve fora.

Enquanto Cão sapateava com excitação do outro lado da porta, Jim fez uma varredura visual em torno da paisagem, e então olhou para baixo para os degraus de madeira. Várias pegadas enlameadas, todas elas estavam secas e feitas com uma indiscreta bota *Timberland*, indicando que elas não foram feitas somente por ele.

Que significava que quem quer que esteve lá ou limparam os pés na grama primeiro ou levitaram suas bundas até sua varanda. Pressentia que eles não aterrizaram em sua vaga, fizeram um cavalo de pau e foram diretamente de volta para fora.

Levando a mão para as costas, desembainhou sua faca e usou a mão esquerda para colocar a chave para funcionar.

O rangido da porta encobriu o tic-tic-tic das patas de Cão sobre o assoalho nu... ao mesmo tempo em que emitia um barulho suave de raspagem.

Jim esperou, peneirando através dos sons de “olá” do cão, procurando por algo mais. Quando não encontrou nada, abriu a porta o mais rápido que podia sem machucar Cão, e seus olhos circundaram em uma varredura.

Não havia ninguém lá, mas conforme entrava, encontrou o motivo para as marcas de pneu lá

⁴⁶ Famosa fabrica de fechaduras

embaixo.

Enquanto Cão pulava ao seu redor, Jim curvou-se e pegou um envelope de documentos que estava sobre o linóleo debaixo da caixa de correio. Nenhum nome na parte da frente. Nenhum remetente. A coisa pesava quase tanto quanto um livro, e o que quer que estivesse em seu interior deu a ele a sensação de ser um livro, retangular, com bordas limpas.

— Você gostaria de sair, garotão? — disse ele para Cão enquanto apontava para a grande área ao ar livre.

Cão trotou para fora com sua pata manca, e Jim esperou na porta com o pacote nas mãos enquanto conduzia a perseguição pela pontas dos arbustos na calçada.

Enquanto ele esperava pela fodida versão “*frutinha*” do Mathias, tentava convencer seu estômago a não emitir ordem de evacuação para aqueles dois sanduíches de rosbife que Vin tinha feito para ele.

Veja, este era o problema: sua cabeça podia decidir todos os tipos de coisas, mas isso não significava que seu corpo estivesse todo animadinho com o plano da hora.

Depois de subir as escadas e passar pela porta, Cão foi direto para sua tigela de água.

Disparando feito um raio, Jim descartou a entrega e chegou lá primeiro, pegando a tigela, esvaziando-a e lavando a coisa com sabão. Enquanto ele a enchia novamente, seu coração estava batendo em um ritmo desagradável, constante.

O fato era que, o pacote era apenas ligeiramente maior que a caixa de correio. Então eles estiveram lá. E, embora fosse improvável que envenenassem a água de Cão, o animal tinha de alguma maneira se tornado familiar nos últimos três dias, e isso significava que qualquer margem de risco era inaceitável.

Enquanto Cão tomava seu drink, Jim subiu na cama, sentou e agarrou o envelope. Em um minuto Cão terminou e cambaleou para cima da cama tal qual um drogado e como se quisesse saber o que estava no pacote.

— Você não pode comer isso. — disse Jim — Mas você poderia mijar nele se quisesse. Eu desculparia, definitivamente, a bagunça. Com certeza.

Usando sua faca, perfurou o papel duro, grosso e abriu uma fenda que esticou amplamente, botando para fora e revelando...

Um laptop do tamanho de uma antiquada fita de VHS.

Tirou da caixa e deixou Cão dar uma fungada nele. Evidentemente, havia uma aprovação, porque Cão deu um cutucão e enrodilhou-se com um bocejo.

Jim abriu a tela e ligou. O Windows Vista carregou, e como vocês sabem, entrou no menu iniciar e pediu o Outlook que foi instalado, ele tinha uma conta. E a senha era a mesma que a sua antiga.

Na caixa de mensagens, ele encontrou um e-mail de boas vindas do Outlook Express, que ignorou, e dois de remetentes anônimos.

— Deus, Cão, toda a vez que tento sair, eles me puxam de volta, nem mesmo tentando uma personificação de Al Pacino.

Jim abriu o primeiro e-mail e foi direto para o seu anexo, que buscou um arquivo do Adobe

de... um relatório pessoal que tinha umas boas quinze páginas inteiras.

O retrato no canto superior à esquerda era de um bundão que Jim conhecia, e os detalhes incluíam o último endereço conhecido do sujeito, seus dados pessoais, seus afastamentos, suas honras, e suas deficiências. Enquanto Jim esquadrihava e absorvia do Intel, ele estava atento ao cronômetro na porção mais baixa da tela. Tinha começado em cinco minutos e rapidamente desceu para dois, e quando os três dígitos separados por dois pontos marcavam “0:00”, o arquivo expirou, como se nunca tivesse existido. Acontecia o mesmo, simplesmente de imediato, se ele tentasse enviar adiante, imprimir ou salvar o arquivo.

Mathias era astuto assim.

Então, agradecia sua maldita memória fotográfica.

Quanto ao relatório propriamente dito? Na superfície, parecia como se não existisse nada fora do normal, era somente um jardim de informações padrão de um sujeito clandestino como se fosse um arquivo nada além de éter até que desapareceu completamente. Exceto que haviam as três letras indicadoras próximas do final da palavra

STATUS “DEA”⁴⁷

Ah, então esta era a tarefa. No serviço militar em que Jim esteve, não existia nada como DEA. Existia A, ER ou CP: Ativo, Em Reserva e “Caixa de Pinho” – o último é um jargão usado extra-oficialmente, é claro. Jim era ER – o que significava que tecnicamente ele estava sujeito a ser chamado de volta a qualquer momento e teria que ir ou as letras “MORTO” iam aparecer próximo ao seu status. E a verdade era que ele teve que chantagear o maldito Mathias até para entrar na reserva, embora desse o que ele tinha ao sujeito, deveria poder continuar lá. Se ele não tivesse que revendido sua alma.

Bem... a tarefa estava clara: Mathias queria esse homem morto.

Jim tornou a varrer rapidamente o relatório até certificar-se de que poderia fechar seus olhos e ler o texto e ver o retrato por trás de suas pálpebras. Então prestou atenção na marca zero e a coisa desapareceu.

Ele abriu o segundo email. Outro arquivo para quebrar o código de segurança e outro relógio no canto inferior que foi ativado quando ele entrou. Desta vez tinha apenas um retrato do sujeito, só que agora com o rosto danificado, com um racho na fronte que deixava escapar um maremoto de sangue. Mas ele não era uma vítima. Suas juntas foram enfaixadas para lutar e havia uma rede vermelha de galinheiro atrás de sua cabeça e ombros.

A imagem mais sólida era de um esquadrihar aéreo de um espaço ilegal que misturava artes marciais com luta de grupos. O código de área era 617. Boston.

O nome do soldado estava passando, era um merda tão brega quanto desgraçadamente bonito e preciso, assumindo que ele não tenha mudado: Punho. Seu nome verdadeiro era Isaac Rothe.

Este arquivo durou somente cento e oitenta segundos, e Jim se manteve atento, encarando

⁴⁷ DEA: Desaparecido em Ação

aquele rosto. Ele o viu algumas vezes, e em algumas ocasiões ao seu lado quando trabalharam juntos.

Cão se aninhou de sua maneira enrolando-se no colo de Jim, colocando sua cara sobre o teclado.

Yup, Mathias queria o sujeito morto porque Isaac tinha saltado fora da jogada, então isso era um trabalho padrão e regras padronizadas foram aplicadas. O que significava que se Jim não fizesse isso, outra pessoa faria e o caçador faria com que Jim acordasse morto pela manhã, também.

Desgraçadamente simples.

Jim deslizou sua mão pelo flanco do Cão e preocupou-se sobre quem o alimentaria e se importaria com o sujeitinho se algo ruim acontecesse. Merda, era estranho ter algo pelo que viver... mas Jim simplesmente não podia lidar com a idéia do animal perdido e sozinho, faminto e assustado novamente.

Havia um bando de fodedores de mãe no mundo que não poderiam dar menos importância para um cão coxo, feioso e desprezível.

No entanto a idéia de matar Isaac era repugnante. Deus sabia que Jim desejava se manter fora do serviço ruim, então não poderia culpar o sujeito por sair: Uma vida que fosse conduzida pelas cinzentas regiões limítrofes entre o certo e o errado, o legal e o ilegal, era uma vida dura.

Se ao menos o idiota tivesse o senso de não fazer nada em público, mesmo sendo ilegal.

Então novamente, eles o teriam encontrado eventualmente. Eles sempre encontravam. O som duplo de motores da Harley parando na garagem trouxe ele e o Cão de volta a realidade, e Cão imediatamente começou a sacudir a cauda enquanto aqueles grunhidos silenciavam lá embaixo. Conforme as botas surgiram pela escadaria, o animal saltou fora da cama e dirigiu-se para a porta. A pancada foi alta e a atingiu uma única vez.

Cão espancou a porta, sua excitação fazendo com que parecesse muito mais desprezível do que o habitual e antes que a pobre criatura morresse de excitação, Jim levantou-se e o segurou.

Conforme ele abriu a porta, encontrou os olhos reconfortantes de Adrian.

— O que você quer?

— Precisamos conversar.

Jim cruzou os braços na altura do tórax enquanto Eddie se ajoelhava e mostrava carinho com Cão. Dado o modo como o animal reagiu, era difícil acreditar que os motociclistas estavam jogando no time da Devina, mas somente porque não estavam de parceria com ela não significava que eles eram legais: tudo o que Jim tinha que fazer era pensar sobre as sombras que não viu e a confusão na voz do encarregado do Chuck quando perguntou sobre a dupla.

Faria um sujeito perguntar-se apenas que porra estava parada em sua entrada.

— Vocês dois são mentirosos. — disse Jim. — De forma que conversar parece um pouco sem sentido, não é?

Enquanto cão rolava sobre suas costas de forma que Eddie pudesse fazer cócegas em sua barriga, Adrian encolheu os ombros.

— Nós somos Anjos, não Santos. O que você quer de nós?

— Então vocês conhecem aqueles quatro Ingleses insanos?

— Yeah, nós conhecemos. — Adrian olhou de relance na direção da geladeira. — Escute, essa vai ser uma longa conversa. Se importa em convidar-nos para uma cerveja?

— Vocês são reais?

— Cerveja. Então conversar.

Enquanto Eddie levantava Cão em seus braços fortes, Jim levantou a mão.

— Por que você mentiu?

— Eu não sabia se você podia lidar com essa merda.

— E o que mudou sua opinião?

— O fato de que você compreendeu o que Devina é e não entrou em parafuso. Você acreditou no que viu naquele pavimento no hospital.

— Ou não viu, como foi o caso.

Jim encarou os dois, pensando que certamente eles o tinham seguido, e talvez Devina sentiu a eles ao invés dele no estacionamento do hospital.

— Não — disse Adrian — nós mascaramos você então ela não o viu. Isso era o que ela estava tentando pegar quando olhava ao redor. Existem vantagens no fato dela pensar que você está por sua própria conta e é um tapado.

— Caras, vocês também lêem mentes?

— E estou cansado de saber o quanto você não gosta de mim nesse momento.

— Não pode ser uma coisa nova para você — disse Jim perguntando—se se alguma vez ele trabalharia com pessoas que não fossem uns bundões — Então... vocês dois estão aqui para me ajudar.

— Yup. Assim como Devina vai ter pessoas ajudando-a.

— Eu não gosto de mentirosos. Eu tenho experiência demais com eles.

— Não acontecerá novamente. — Adrian deslizou uma mão através de seu cabelo ridiculamente magnífico. — Olhe, isto não é fácil para nós... Para ser honesto, eu tive minhas dúvidas no começo se trazer você era uma boa idéia, mas esta é uma fraqueza minha. O ponto decisivo é, você está aqui e isto é o que é, então ou nós trabalhamos juntos ou ela terá uma séria vantagem.

Bem, inferno...aquela era uma lógica desgraçadamente incontestável.

— Eu dei fim em toda a Corona na outra noite, então só tenho Bud, — disse Jim depois de um momento — Em latas.

— E isto é justamente o que um anjo tem para almejar. — Adrian disparou de volta.

Eddie movimentou a cabeça.

— Soa bem para mim.

Jim andou para o lado e abriu mais a porta.

— Você está vivo?

Adrian encolheu os ombros enquanto eles entravam.

— Difícil de responder isso. Mas eu sei que eu gosto de cerveja e de sexo, que tal isso?

— O que é o cão?

Eddie respondeu essa:

— Considere ele um amigo. Um amigo muito bom.

O animal... ou o que quer que ele fosse... deu uma abanada típica como se entendesse cada palavra, e estivesse preocupado que ele estivesse ofendido, e Jim se sentiu compelido a se curvar e dar em seu queixo uma coçadinha.

— Suponho que não preciso levá-lo para vacinar, não é?

— Não.

— O que significa essa coceira?

— É o jeito de ser dele. — a mão grande do Eddie alisava o pelo áspero do cachorro. — É somente isso.

Enquanto ele e o Cão sentavam na cama e Adrian vagava ao redor, Jim assumiu o comando de seu dilema sobre a geladeira e agarrou três Bud's, arrancando as latas fora como cartões. Um trio de "cracks" e "silvos" cruzou o quarto e então houve um "ahhhh" coletivo.

— Quanto você sabe a meu respeito? — perguntou Jim.

— Tudo. — Adrian olhou ao redor e fixou o olhar nas pilhas iguais de roupas limpas e sujas. — Suponho que você não acredita em gavetas de cômodas, não é?

Jim olhou de relance para as roupas.

— Não.

— Irônico, realmente.

— Por quê?

— Você verá.

Adrian cruzou a sala e sentou-se à mesa. Derrubando todas as peças de xadrez da caixa de sapato em sua direção, ele olhou de relance para dentro.

— Então, o que você quer saber sobre ela, nós, qualquer coisa?

Jim tomou outro gole de sua Bud e pensou sobre tudo isso.

— Só uma coisa importa para mim, — disse ele — ela pode ser morta?

Ambos os Anjos ficaram quietos. E lentamente agitaram suas cabeças.

Capítulo 30

Considerando pelo que ele tinha sido preso, e o caminho que as coisas estavam indo, Vin não podia acreditar o que estava aparecendo na tela do seu telefone enquanto som saía.

Enquanto ele aceitava a ligação, ele diminuiu o som do jornal local e segurou forte.

— Marie-Tereze?

Houve uma pausa.

— Oi.

Andando em volta de sua mesa, ele olhou sobre Caldwell, e achou difícil de compreender que meras noites atrás, ele olhava a vista com aquele sentimento de dominação. Agora ele sentia

como se sua vida estivesse totalmente fora de controle e ele estava lutando para ficar onde estava ao invés de se sentir como o rei da montanha.

Nunca um tinha ido tão direto no ponto, ele disse.

— Você escutou as notícias? Sobre mim?

— Sim. Mas você estava comigo ontem tarde da noite, quando aconteceu. Eu sei que você não fez.

Alívio rolou por ele... ainda que apenas sobre aquela parte em particular daquela tempestade de merda.

— E o outro ataque no beco?

— Eu estou indo para o Iron Mask agora. A polícia quer falar comigo.

— Eu posso ver você? — Ele disse repentinamente com um desespero que o iria chocar em circunstâncias normais.

— Sim.

Vin estava surpreso pela rápida resposta, mas certo como a merda que não iria argumentar com isso.

— Eu irei assim que terminar com o processamento de dados.

— Eu estou no vigésimo oitavo andar. Eu avisarei o porteiro para esperar você.

— Eu não sei quanto tempo eu irei levar, mas eu posso mandar uma mensagem a você quando estiver indo.

Vin girou seus olhos para a esquerda, imaginando-a de qualquer forma, quantos quadras ao oeste e sul ela estava dele.

— Marie-Terese...

— Sim.

Ele lembrou dela e do seu filho... Lembrou o tipo de gente que ela conseguiu para se livrar do — Até aqui. Seu ex podia facilmente escapar da prisão, talvez já tivesse: Mesmo se esses ataques não estavam relacionados com ela, ou estavam sendo feitos por outra pessoa, ela ainda precisava ter seu perfil tão baixo quanto pudesse.

— Não tente me proteger.

— Vin.

— Eu explico quando você chegar aqui. — Ele disse bruscamente. — Deixe-me só dizer que eu sei o quanto você pode perder se o seu rosto aparecer no canal de notícias.

Silêncio. Então:

— Como?

Ele podia dizer pela dureza da voz dela que ela não apreciou a olhada no passado dela.

— Jim, meu amigo... Ele tem contatos. Eu não pedi a ele para fazer, mas ele me contou o que ele descobriu.

Longa pausa. O tipo que o fazia ter desejado como o inferno ter esperado ela chegar para soltar essa bomba. Mas então ela expirou.

— É um tipo de alívio, na verdade. Que você saiba.

— Não preciso dizer que eu não vou contar a ninguém.

— Eu confio em você.

— Bom, porque eu nunca faria nada para machucar você.

Agora era a vez de Vin ficar quieto.

— Deus, Marie-Terese...

Houve apenas um leve guincho de freios.

— Eu estou no clube agora. Nós conversaremos daqui a pouco.

— Não me proteja. Por favor.

— Vejo você logo.

— Fique calada. Não se envolva com uma merda que está no meu rabo. Pelo bem do seu filho e do seu. Não vale o risco.

Ele parou a si próprio naquele momento. De jeito nenhum, ele iria entrar em todo aquele assunto sobre a verdade sobre Devina, — Parcialmente porque ele não entendia de tudo, e mais porque ele odiava a idéia de Marie-Terese achá-lo louco.

— Não é certo. — A voz dela se quebrou. — O que ela está acusando você. Não está.

— Eu sei. Apenas acredite quando eu digo que eu vou cuidar disso. Eu vou lidar com isso.

— Vin...

— Você sabe. Eu estou certo. Vejo você logo.

Enquanto eles terminavam a chamada, ele rezou para que ela agisse com a razão, — E figurou, dado o conflito na voz dela, que a matemática estava adicionando corretamente em sua mente.

Isso era bom.

Ao invés de seguir para a cidade para tentar achar aquela psíquica que ele tinha procurado quando ele tinha 17 anos. — O que era o que ele pretendia fazer. — Vin gastou a próxima uma hora na sala de estar, limpando pedaços de vidro e livros de com capa de couro rasgados, e colocando os sofás e cadeiras de volta no lugar. Ele ainda pegou o aspirador, e tentou ressuscitar o carpete, tendo alguma sorte com os cacos, mas nenhuma com as manchas de líquidos. Ele tinha seu telefone com ele o tempo todo, e então quando a mensagem chegou, que Marie-Terese já estava indo, ele empurrou o aspirador para o armário e correu para trocar a camisa por uma limpa de seda.

Ele estava quase saindo do quarto, quando se deu conta que ainda estava com a mesma calça e a mesma cueca, que tinha estado na cadeia.

Certo. De volta a fonte.

A segunda viagem pelo corredor, e ele estava com um par de calças preta e uma cueca diferente. Mudou as meias, também. Os sapatos eram os mesmos *Bally*, que ele esteve usando a semana toda. A cronometragem dela foi perfeita.

O interfone tocou no exato momento em que ele entrava no foyer, e ele disse para o porteiro deixá-la entrar. No caminho para a porta, Vin olhou reconferiu no espelho estilhaçado que tinha arrumado sua camisa direito, e se seu cabelo estava bom. — O que era uma coisa de mulherzinha, ele pensou, mas tanto faz.

Fora, no corredor, o elevador parou com um —bing—, e ele se afastou um pouco para dar espaço a Marie-Tereze, mesmo que ele preferisse pegá-la e segurá-la em seus braços. — Oh, cara. Ela estava linda. Apenas com aquele jeans e o suéter de lã vermelha, com o cabelo para baixo, e nenhuma maquiagem, ela era como uma pin-up para ele.

— Oi, — Ele disse, como um idiota.

— Oi. — Ela moveu sua bolsa para cima em seu ombro, e seus olhos se deslocaram às portas abertas do duplex. Enquanto ele dava uma olhada em seu dourado hall, suas sobrancelhas se abaixaram levemente.

— Você quer entrar? — Ele deu um passo ao lado, e sinalizou com o braço. — Esteja avisada de qualquer maneira... O lugar está uma bagunça depois... — Enquanto ela passava por ele, ele respirou profundamente. O que você sabe. O cheiro de roupa lavada, era ainda seu perfume favorito.

Vin fechou a porta, trancou a fechadura, e colocou a corrente no lugar. O que não parecia meio caminho de estar completamente a salvo: Ele tinha uma pequena paranóia sobre Devina, que o fazia se perguntar se esses tipos de segurança convencional, poderiam deixá-la fora de qualquer lugar que ela quisesse entrar.

— Eu posso pegar algo para você beber? — Não licor, é claro. Ao menos não na sala. Deus sabia que não tinha nenhum restante ali.

Marie-Tereze se encaminhou para os bancos de vidro.

— Isso é bem... — Ela hesitou enquanto vinha por sobre uma mancha do carpete, e olhou para toda a sala, menos para a vista.

— Estava ainda pior antes de eu tentar dar uma limpada. — Ele disse. — Cristo, eu não tenho idéia do que aconteceu aqui.

— Porque a sua namorada iria mentir?

— Ex-namorada, — Ele a lembrou.

Marie-Tereze olhou para o vidro quebrado e encontrou com os olhos dele, e a vista dos traços dela todos quebrados nas fendas do vidro, o assustou como a merda. — Ao ponto de ele ter de se acabar em esperança e expectativas de tirá-la de suas tortuosas idéias.

Quando ela virou para encará-lo, seus olhos estavam assustados.

— Vin... Esse homem que foi atacado. Era aquele homem que eu ajudei no banheiro. — Nós entramos juntos e falamos sobre uma garota que ele queria impressionar. — Ela colocou a mão sobre a boca, e tremeu.

— Oh, Deus... Ele estava comigo e então ele...

Vin foi para perto dela, e embrulhou seus braços ao redor dela, a segurando perto. Enquanto ela respirava fundo, ele sentiu das coxas as costelas, e por Deus, se ele não queria matar para protegê-la.

— Não pode ser Mark. — Ela disse em sua camisa. — Mas e se ele mandou alguém para me encontrar?

— Venha aqui. — Ele pegou a mão dela e foi para o sofá. Mas então, ele realmente queria falar com ela no meio da violência que fosse que tinha ocorrido ali?

Pausando, ele pensou sobre o estúdio... Mas tinha lembranças de estar com Devina naquele fodido tapete. O andar de cima... Sim, o quarto era um total não-ir, e não apenas por convidar Marie-Terese para cima, tinha conotações que ele preferia não intencionar: Muito de Devina por lá também.

Vin foi para a mesa da sala de jantar, andando por ela e arrumando duas cadeiras de modo que ele pudesse ficar de frente a ela.

— Você sabe, — Ela disse enquanto colocava a bolsa abaixo e eles se sentavam juntos. — Eu sou na verdade um biscoito duro.

Ele teve que sorrir.

— Eu acredito nisso.

— Você só parece ter aparecido em um momento duro.

Vin estendeu sua mão e tocou um dos cachos de cabelo curvado no rosto dela.

— Eu gostaria de poder fazer alguma coisa para ajudar.

— Eu estou deixando Caldwell.

O coração dele parou. Estava na ponta de sua língua começar a argumentar com ela, mas ele não tinha aquele direito. — Não por uma longa tentativa. Além de que, ele estava muito pressionado para negar a decisão: Era provavelmente o melhor.

— Para onde você vai? — Ele perguntou.

— Qualquer lugar. Eu não sei.

Em seu colo, as mãos dela estavam torcidas e trançadas, como se estivessem paralelas com os seus pensamentos em sua cabeça.

— Você tem dinheiro suficiente? — Ele perguntou, mesmo sabendo o que ela ia dizer.

— Eu estarei bem. De algum jeito... Robbie e eu vamos estar bem.

— Você vai me deixar ajudar você?

Ela sacudiu sua cabeça lentamente.

— Eu não posso fazer isso. Eu não posso... Dever para mais ninguém. Eu estou tendo um momento difícil pagando às pessoas que eu já devo.

— Quanto você deve a eles?

— Eu tenho ainda trinta mil para terminar. — Ela disse, suas mãos paradas. Eu comecei com cento e vinte.

— E se eu der a você, e você devolver eventualmente? Eu tenho certeza que eles estão cobrando juros.

— Um débito é um débito. — Ela sorriu de um jeito triste. — Teve um tempo, que eu esperava que algum homem viria e me resgataria da minha vida. E um fez. — Exceto que o resgate se transformou num pesadelo. Agora eu me resgato. — O que significa que eu pago do meu jeito. Sempre.

— Mas trinta mil dólares? — Cristo, isso era o troco de um sofá para ele.

E de pensar que ela esteve trabalhando para ganhar aquele dinheiro fazendo... Vin apertou seus olhos fechados por um momento. Merda, ele odiava as imagens em sua mente. — Mesmo pensando, que eles eram meramente hipotéticos para o que ela tinha sido forçada a fazer, eles

chicoteavam sobre ele. E seria tão fácil para ele fazer tudo desaparecer para ela, — Embora que ele poderia ver de onde ela estava vindo: Precisamente aquele tipo de rotina de salvamento, a tinha irritado em grande estilo, e a lição tinha sido aprendida de maneira dura, para esquecer.

Ele clareou sua garganta.

— O que a polícia disse quando você foi falar com eles, apenas agora?

— Eles me mostraram uma foto do rapaz, e eu disse a eles que eu o tinha visto no clube e falado com ele. Eu estava em pânico, que aparecesse alguma testemunha saltasse detrás de uma moita e dissesse que tinha me visto indo para o banheiro com ele, mas o policial não mencionou nada sobre isso. E então... — Quando houve uma longa pausa, ele tinha o pressentimento de que ela estava escolhendo as palavras.

Ele amaldiçoou baixo.

— Diga que você não disse nada sobre estar comigo noite passada.

Ela alcançou as mãos dele, as apertando forte.

— Esse é o motivo porque estou indo embora.

Enquanto seu coração quase parava, ele se perguntou se não deveria dizer a coisa toda para fazê-lo parar de bater completamente.

— Oh, Deus... Você deveria apenas ficar fora.

— Quando eles me perguntaram o que aconteceu depois de eu ter conversado com aquele cara, eu disse a eles que eu saí com um Vincent diPietro, e que eu e você estivemos juntos a noite toda. Das nove e meia, até as quatro da manhã. — Quando ele ia puxar suas mãos para trás, ela as segurou no lugar.

— Vin, eu já fiz coisas o suficiente na minha vida para estar envergonhada. Eu deixei um homem abusar de mim por anos... Mesmo na frente do meu filho. — Sua voz se quebrou, mas então ficou mais forte.

— Eu me prostitui. Eu menti, eu fiz coisas que eu estava acostumada a desprezar em outras mulheres. Eu terminei com isso. Não mais.

— Fodido inferno.

— Fodido Inferno.

Sem pensar, ele se inclinou e deu um rápido beijo nela, depois soltou suas mãos e ficou parado. Incapaz de se conter, ele perambulou pela sala, para cima e para baixo. Então, fez de novo. Ela o observou todas às vezes, um braço caído no respaldo da cadeira que ela estava sentada.

— Eu dei o número do meu celular à polícia. — Ela disse. — E eu voltarei para testemunhar se for preciso. Eu acho que Robbie e eu vamos empacotar tudo hoje e apenas ir. Se a imprensa não souber como me achar, meu rosto não será mostrado de jeito nenhum.

Vin parou no arco da sala e lembrou da fita de segurança, com seu rosto nela. Marie-Terese não tinha idéia em que tinha caído, porque era muito mais do que um simples caso de uma fodida agressão. Então, sim, era melhor que ela estivesse saindo da cidade. Ele tinha um pressentimento de que ele e seu estranho amigo Jim teriam que pensar num jeito de se livrar de Devina, e não seria apenas um caso de dizer a ela ir socar areia.

Quanto a quem estava atrás de Marie-Terese? Não podia ser Devina, porque o problema tinha começado... Merda, a noite que ele tinha visto Marie-Terese a primeira vez no Iron Mask.

— O que? — Marie-Terese perguntou.

Ele repetiu os detalhes daquela tarde. Devina tinha ido embora antes que ele e Jim tivessem derrubado aqueles dois estudantes. O que significava que era teoricamente possível que ela poderia ter matado os dois no beco... Exceto que não fazia sentido. Porque ela iria atrás de homens que tinham estado com Marie-Terese? Com aquele ex-marido, ela não teria outros alvos, e além de que, Vin não tinha muito a fazer com Marie-Terese aquele ponto.

— O que você está pensando?

Nada que ele poderia contar a ela, infelizmente. Nada mesmo.

Ele perambulou mais uma vez, — E então veio a ele. — Graças a ela ter andado na prancha por ele, ele a tinha sob a mira de uma arma. E ele era um homem que sempre toma vantagem desse tipo de coisas.

— Fique aqui. — Ele disse. — Eu já volto.

Ele correu fora da sala, e foi para o estúdio.

Cinco minutos depois, ele retornou com as mãos cheias, e no instante em que Marie-Terese viu o que ele estava carregando, ela abriu sua boca, como um — Não-mesmo— para ele.

Vin balançou sua cabeça, e a cortou.

— Você disse que paga seus débitos. — Um por um, ele colocou cinco pilhas de cem dólares.

— Bem, eu tenho certeza que você me permite fazer o mesmo.

— Vin...

— Cinquenta mil dólares. — Ele cruzou seus braços sobre seu peito.

— Pegue. Use para pagar suas dívidas e cuidar de você por alguns meses.

Marie-Terese pulou da cadeira.

— Eu estou dizendo a verdade, e não fazendo um favor a você.

— Desculpe, mas você não vai ganhar essa. Eu devo a você por me proteger, e eu determinei que o valor dessa obrigação é de cinquenta mil. Você tem apenas que lidar com isso.

— O inferno que eu vou. — Ela pegou sua bolsa da mesa, e a jogou em seu ombro.

— Eu não sou..

— Uma hipócrita? Eu imploro para discordar. Você pensa que é a única com orgulho? Você está dizendo que eu não posso me sentir em débito com você? Bela mente fechada.

— Você está torcendo minhas palavras!

— Eu estou? — Ele cabeceou ao dinheiro. — Eu não acho. E eu ainda acho que você é louca o suficiente para sair da cidade sem recursos. Você usa seus cartões de crédito, deixa rastros. Você limpa a sua conta no banco, deixa rastros.

— Vá para o inferno.

— Eu tenho o pressentimento de que eu já fiz isso, comigo muito obrigado.

Ele se inclinou e empurrou o dinheiro na direção dela.

— Pegue o dinheiro Marie-Tereze. Pegue, e saiba que não tem nenhuma condição presa. Você nunca, nunca mais quer me ver de novo, tudo bem. Não vá sem nada, de qualquer forma. Você não pode fazer isso comigo. Eu não conseguiria viver com isso.

Durante o tenso silêncio, ele percebeu que desde que ele tinha começado a fazer dinheiro, essa era a primeira vez que ele dava. Ou ao menos tentando dar. Durante os anos, ele nunca tinha ajudado nenhuma instituição de caridade, ou nenhum tipo de causa. — Se o dinheiro estava saindo do bolso dele, ele tinha que ter algo tangível em retorno, e sempre com um aumento do valor.

— Você vai aceitar isso. — Ele murmurou. — Porque isso não é algo Príncipe-no-cavalo-branco. Eu não estou tentando salvar você. Eu estou pagando um débito, e dando a você uma das ferramentas que você irá precisar para construir um futuro melhor.

Quando ela não respondeu, ele deu um tapinha em um dos maços.

— Penso nisso como, — Eu estou ajudando você a comprar seu próprio cavalo branco... Gretchen, pelo amor de Deus, você precisa pegar o dinheiro.

O bastardo usou seu nome verdadeiro. Maldito.

Deus... Tinha sido há tanto tempo que ninguém a chamava de Gretchen. Para Robbie ela era —Mamãe. Para qualquer outra pessoa, ela era Marie-Tereze. Ela sempre tinha adorado seu verdadeiro nome, de qualquer forma, e ouvindo-o agora, ela o quis de volta.

Gretchen... Gretchen... Ela encarou o dinheiro. Vin estava certo: Ela pegou aquilo e teve sério espaço para respirar. Exceto... Como isso era diferente de antes? Era ainda um homem a sustentando. Não parecia certo.

Ela se aproximou dele e colocou as mãos dos dois lados do rosto dele.

— Você é um homem muito, muito amável, Vincent diPietro. — Ela o puxou para baixo, para os seus lábios, e ele foi de bom grado, suas mãos levemente nos ombros dela enquanto suas bocas se encontravam.

— E eu quero agradecer a você. — Alegria brilhou nas duras linhas do rosto dele. Mas apenas por um momento.

— Eu irei sempre lembrar o seu gesto. — Ela murmurou.

— Você não tem que pegar a rota difícil. — Ele disse, suas sobrancelhas baixando juntas. — Você.

— Mas veja, isso é o que eu aprendi. As coisas estão difíceis para mim agora, porque eu tentei pegar o caminho mais fácil da primeira vez. — Ela sorriu para ele, pensando que iria lembrar do modo que ele a estava olhando, para o resto de sua vida.

— Esse é o problema com cavalos brancos. Você tem que pagar por você mesmo, ou você estará usando o reino de outra pessoa.

Ele a encarou por um longo tempo.

— Você está quebrando meu fodido coração agora, você realmente está. — Suas mãos apertaram os braços dela, e depois soltou enquanto se afastava dela. — É como se... Eu não pudesse alcançar você ou te tocar, mas você já partiu.

— Me desculpe.

Ele olhou sobre o dinheiro.

— Sabe... Eu nunca me dei conta disso antes. Mas dinheiro é apenas papel, quando você desce tanto por isso.

— Eu vou estar bem.

— Você vai? — Ele sacudiu a cabeça. — Desculpe, isso saiu de forma errada.

Exceto que ele estava certo em estar preocupado. Inferno, ela estava também.

— Eu mantereí contato.

— Eu gostaria disso... Alguma idéia para onde você está indo?

— Eu não sei. Ainda não pensei muito sobre isso.

— Bem... E se eu dissesse que eu tenho uma casa vazia que eu poderia emprestar a você. É fora do estado. — Ele levantou suas mãos quando ela ia argumentar.

— Apenas espere um minuto. É em Connecticut, numa área rural. É uma casa de fazenda, mas é perto da cidade, então você não iria ficar isolada. Você poderia dormir lá por algumas noites, colocar seus pés embaixo de você, pensar aonde ir depois. E é melhor que um hotel, porque você não precisa usar um cartão de crédito. Você poderia deixar sua casa à noite, depois de escurecer, e chegar lá em menos de duas horas.

Marie-Terese franziu o cenho enquanto pensava sobre isso.

— Sem esmolas, sem dinheiro, e sem laços. — Ele disse. — Apenas um lugar para você e o seu filho deitarem a cabeça. E quando você estiver pronta para partir, apenas tranque o lugar, e me mande uma carta com as chaves de volta.

Marie-Terese andou ao redor da janela da sala de jantar, e olhou a estonteante vista enquanto tentava pensar sobre como os próximos dias, meses e semanas seriam... Ela não conseguiu nada. Nenhuma pista.

O que era um belo e claro sinal de que ela precisava de algum lugar seguro para ficar e pensar em tudo.

— Certo. — Ela disse, calmamente.

— Isso eu aceito.

Ela ouviu Vin se aproximar por trás, e os braços dele irem em volta dela, ela se virou e o abraçou também.

Eles seguraram um ao outro, por um longo, longo tempo.

Era difícil dizer quando as coisas tinham mudado para ela... Quando ela começou a notar não apenas o conforto do peito largo dele contra ela, ou o calor do corpo dele e os músculos esticados, e o aroma da cara colônia dele.

Ele estava excitado.

E muito forte.

E então... Marie-Terese correu as mãos pelas costas dele, sentindo a maciez da camisa de seda que ele estava, mas se concentrando no forte homem atrás do tecido. Num vislumbre, ela o viu no espelho em seu velho quarto, nu e se elevando em frente dela, seus músculos flexionando ao longo de sua espinha.

Vin moveu seu quadril para trás.

— Eu acho... Eu acho que nós provavelmente devemos...

Ela se arqueou contra ele, e sentiu a ereção que ele estava tentando esconder.

— Fique comigo. Antes de eu ir... Fique comigo?

— Deus, sim.

Ele pegou a mão dela, e os dois subiram rápido as escadas. Por instinto, ela se encaminhou para um quarto preto e dourado que tinha uma enorme cama, mas ele a puxou na direção oposta.

— Não aqui.

Ela a levou a outro quarto, um que era menor em tons de vermelhos e laranjas. Conforme eles subiam pelo cobertor de cetim, seus corpos se moldaram quadril com quadril, bocas se fundindo, línguas se encontrando, mãos indo para zíperes botões e cintos.

Ela arrancou sua blusa, e quando seu peito estava nu, as palmas dela o esfregou, sobre sua pele macia e seus duros músculos. Se movendo para trás, ela o ajudou a tira seu jeans e a blusa, e depois se focou em tirar as calças dele.

— Santo Cristo. — Ele grunhiu enquanto ela puxava sua calça para baixo, pelo meio das suas coxas e agarrou sua ereção através de sua cueca.

Fundindo suas bocas, e chupando a língua dele, ela o acariciou através do fino, flexível algodão da cueca dele até a cabeça passar pelo cinto. O instante que ela ficou pele com pele com ele, ele quebrou o contato de seus lábios, e respirou através dos dentes cerrados.

Seu Armani seguiu o caminho de suas calças, sendo empurrado rudemente por suas pernas, e ela se inclinou sobre seu peito, beijando, mordendo, arrumando seu cabelo para cair e o excitar enquanto ela ia cada vez mais para baixo.

Justamente quando ela o tinha excitado e estava pronta para tomá-lo entre seus lábios, as mãos dele apertaram seus braços.

— Espere... — Uma única gota se formou na sua ponta, e se derramou pela sua cabeça e pela mão dela.

— Seu sexo não quer esperar, Vin. — Ela disse roucamente.

Outra gota seguiu a primeira, como se as palavras dela fossem tão eróticas quanto qualquer coisa que ela poderia ter feito a ele fisicamente.

— Eu preciso que você saiba de... Algo.

Marie-Terese franziu o cenho.

— O que?

— Eu. — Ele colocou as duas mãos no rosto, e esfregou como se quisesse apagar seus traços.

— Quando eu estou com você, não é como eu sempre estive. Sabe, com ninguém ultimamente.

— É... uma coisa boa?

— Definitivamente eu acho que sim. — Ele deixou os braços caírem.

— Mas eu fiz algumas merdas fora, para ser honesto. Com estranhos.

Marie-Terese sentiu suas sobrancelhas pularem, como se elas estivessem fazendo algo por escolha própria.

— Como o que?

Ele sacudiu sua cabeça como se não quisesse lembrar.

— Nada com homens. Mas essa é realmente a única linha que eu tinha desenhado. Eu apenas... Eu não fiz nenhum teste, e eu nem sempre fui cuidadoso. Eu sinto que você merece saber antes de nós fazermos qualquer coisa mais arriscado que um beijo, e sexo com preservativo.

— Você não era monógamo com Devina? — Apesar, de enquanto perguntava, ela percebeu que a questão não fazia sentido, porque a mulher não tinha sido fiel a ele.

— Teve mulheres ao longo do tempo com ela às vezes. Se você entende o que eu quero dizer.

Uma imagem não desejada de Vin coberto por pele feminina correu por ela.

— Wow.

Ela estava a ponto de fazer um comentário sobre tomar um homem especial podia fazer uma prostituta corar, mas dado ao modo como ele tinha reagido a ela sobre sua —profissão—, ela se calou.

— Mas não será assim com você. — Os olhos dele passearam pelo cabelo e rosto dela, até seus seios nus.

— Para mim... Você é tudo o que eu preciso, tudo o que eu quero. Eu não posso descrever. Apenas quando você me beija, é tudo o que eu procuro. — O que?

Ela sorriu, enquanto o acariciava lentamente.

— Você me fez sentir preciosa.

— Venha aqui e me deixe mostrar quanto você é preciosa.

Ele a puxou gentilmente pelos braços, mas ela resistiu, não querendo ser desviada. Engraçado parecia estranho, e maravilhosamente familiar querer fazer o que ela tinha estado fazendo em sua profissão.

— Vin, por favor, deixe-me dar isso a você... — Movendo suas mãos para cima e para baixo, ela viu sua cabeça cair para trás, sua boca abrir, e seu peito se elevar.

— E eu me certificarei de que você não termine. O que acha sobre isso?

Antes de ele poder argumentar, ela se inclinou, e usou a cabeça dele para abrir seus lábios, — Com o susto, ele grunhiu e levantou seus quadris, o movimento empurrou sua ereção mais fundo na boca dela. Enquanto ela o chupava, seus punhos enrolavam a colcha da cama, os músculos dos braços esticando, seu tórax ficando rígido.

Ele era lindo assim, esticado no cetim vermelho, seu corpo excitado a um ponto sem retorno... Nesse quente, erótico momento, Marie-Terese o tinha exatamente onde ela o queria.

Capítulo 31

— Espere... Disse o que? Vin deu o que exatamente a ela?

Jim olhou através de sua oficina a Adrian e não gostou da expressão no rosto dele. Ele parecia um pouco pálido.

— Um anel. — Jim disse. — Ele deu a ela um anel de compromisso. Ou pelo menos ele disse que ela partiu com ele, quando ele terminou com ela.

O rosto do anjo se apertou mais ainda.

— Era feito de que?

— Era um diamante.

— Não a pedra. Do que ele era feito?

— Eu não sei. Platina, eu acho. Vin é do tipo que vai sempre do melhor.

Enquanto Eddie sacudia sua cabeça e amaldiçoava, Jim disse.

— Certo, agora é a hora feliz quando vocês me dizem porque infernos vocês dois parecem estar como se alguém tivesse chutado o tanque de gasolina?

Adrian engoliu o resto da cerveja e colocou a lata na porcaria da mesa da cozinha.

— Você conhece alguma coisa sobre magia negra, meu amigo?

Jim balançou sua cabeça lentamente, não tão surpreso com a direção que a conversa estava tomando.

— Porque você não me dá uma luz?

Adrian pescou dentro da caixa de sapato cheia de peças de xadrez, e tirou todos os peões, alinhando-os.

— Magia negra é real. Existe, e prevalece mais do que você pensa. — E eu não estou falando sobre cantores batendo a mordendo cabeças de morcegos no palco, ou de um monte de garotas de dezesseis anos, ficando chapadas e brincando com uma tabua Ouija, ou os tão chamados investigadores para normais se masturbando em alguma arrepiante casa velha. Eu estou falando sobre a merda de verdade que morde você no traseiro. Eu estou falando sobre como os demônios conseguem possuir almas... Eu estou falando sobre poções e maldições que não apenas dão certo nesse mundo, mas também no além.

Teve uma pesada, sombria pausa de vasta significância.

A qual Jim quebrou esfregando suas mãos e batendo palmas.

— Uga-Buga!

— Ao menos Eddie riu. Adrian mostrou o dedo do meio para Jim e se encaminhou para a geladeira, para outra cerveja.

— Não seja um idiota, — Ele disse enquanto abria uma nova.

— Oh, certo, porque dois nesse grupo iria ser matança.

Jim se encostou na cama, e assim ele estava encostado contra a parede.

— Olhe, eu apenas senti que precisava quebrar a tensão. Continue.

— Isso não é uma piada.

Quando Jim assentiu, Adrian tomou um profundo gole da lata de Bud, parado no seu assento de novo, e parecendo estar preenchendo o catálogo de sua mente.

— Existe muita coisa que você vai aprender com o tempo. Então vamos chamar isso de Lição Um. Demônios colecionam merdas das pessoas que eles estão atrás. Quanto mais eles conseguem, melhor, e eles ficam com aquilo a menos que alguém pegue de volta. Com essa pratica, é como... Pense nisso como um sistema de classificação. Presentes valem mais do que as merdas que eles roubam, e um dos mais fortes são os presentes de verdadeiro metal. Platina serve. Ouro. Prata tem uma extensão menor. É como uma fita magnética. E quanto mais coisas eles conseguem das pessoas, mais forte essas fitas são.

Jim franziu o cenho.

— Para que fim, de qualquer jeito? Eu quero dizer, o que Devina consegue, a não ser um monte de porcarias?

Quando ela mata ele, ela pode mantê-lo com ela pela eternidade, — Essas fitas são um tipo de posse, em efeito. Demônios são como parasitas. Eles entram, e pode levar anos para subjugar a alma de alguém, — Mas é o que eles fazem. Eles entram na cabeça da pessoa e afetam suas escolhas, e com cada dia passado, semana, mês, eles lentamente invadem a vida que é levada, corrompendo, obstruindo, destruindo. A alma se escurece pela infecção, e quando chega ao ponto certo, o demônio entra em jogo, e um evento mortal ocorre. O seu garoto, Vin, está nesse ponto crítico. Ela está pondo a cilada em movimento, com o primeiro sendo preso. É um efeito dominó, e vai ficar pior rápido. Eu já vi isso muitas vezes para pôr em palavras.

— Jesus... Cristo.

— Ou, não muito Ele, nesse caso.

Enquanto as perguntas giravam na mente de Jim, ele disse.

— Mas porque Vin? Porque ele foi escolhido, em primeiro lugar?

— Tem que existir um lugar de entrada. Pense nisso como pegar tétano de um prego enferrujado. Tem um ferimento na alma e o demônio entra através do machucado.

— O que causa um machucado?

— Um monte de merda. Cada caso é diferente. — Adrian moveu os peões formando um X.

— Mas uma vez que os demônios estão lá, precisam ser removidos.

— Você disse que Devina não pode ser morta.

— Nós podemos dar a ela uma fodida prova, de qualquer modo. — Com isso, Eddie soltou um grunhido de aprovação.

— E é isso o que nós vamos ensinar você a fazer.

Bem, não era essa uma lição que ele estava desejoso de aprender.

Jim passou a mão por seu cabelo, e levantou da cama.

— Quer saber? Vin disse algo sobre... Vin disse que quando ele tinha dezessete anos, ele foi, a um tipo de médium/ psíquico. Ele estava tendo esses ataques onde ele via o futuro, e ele estava pelo desesperado para elas pararem.

— O que ela disse para ele fazer?

— Ele não entrou nessa parte, mas os ataques pararam até recentemente. Ele mencionou, que depois que ele seguiu as ordens, por assim dizer, sua sorte mudou no geral. — Adrian franziu o cenho.

— Nós temos que descobrir o que ele fez. — Eddie levantou a voz, — E nós precisamos pegar o anel de volta. Ela está tentando prender ele, mais forte antes de matá-lo, e isso é um inferno de fita forte.

— Eu sei onde ela vive. — Jim disse. — Ou, eu a vi entrar naquele depósito no centro da cidade.

Adrian ficou em pé, e Eddie também.

— Então vamos fazer uma invasão e entrar, não? — Ad, disse, pegando os peões e colocando-os de volta na caixa. Depois que ele terminou sua cerveja, ele estralou os dedos.

— A ultima luta que eu tive com ela acabou muito rápido.

Eddie rolou os olhos e olhou a Jim.

— Foi na Idade Média, e ele ainda não superou.

— Porque tanto tempo.

— Nós ficamos no gelo. — Eddie disse. — Nós éramos um pouco mais caídos do que os nossos chefes estavam confortáveis.

Adrian riu como um filho da puta.

— Como eu mencionei, eu gosto das garotas.

— Normalmente em pares. — Eddie colocou Cachorro no chão e esfregou suas orelhas.

— Nós vamos voltar Cachorro.

Cachorro não pareceu estar feliz com a despedida e começou a rodear todos os pés da sala, incluindo o sofá. — O que parecia sugerir, ele pensou que o pedaço do móvel estava na reserva. Não exatamente o que ele tinha em mente.

Não, ele ia entrar com alguma coisa um pouco mais poderosa.

Indo para a vazia estante de livros no canto mais afastado, ele puxou uma bolsa preta e abriu o zíper da coisa, revelando uma pasta de aço inoxidável de cento e vinte centímetros por noventa. Correndo o indicador sobre os botões, ele soltou a tranca e abriu. Dentro, três armas que estavam embaladas em caixas de ovos não capturavam nenhuma luz, fosse qual fosse, com seu acabamento cinza opaco, e ele deixou o rifle onde estava. Do par de SIGs, ele pegou um dos que tinha desenhado especialmente para ele, que cabia perfeitamente na sua palma direita.

Adrian sacudiu sua cabeça, como se as automáticas não fossem mais que armas de água.

— Apenas, o que você pensa que vai fazer com esses pedaços de metal, Harry, O Sujo?

— É a minha trava de segurança, o que você acha sobre isso?

Jim checou a arma, trançou a pasta de novo, e escondeu a bolsa. A munição estava atrás das latas nas prateleiras sobre a pia, e ele pegou o suficiente para encher o pente.

— Você não pode atirar nela com isso. — Eddie disse suavemente.

— Sem ofensa, — Mas eu só acredito vendo.

— E é por isso que você vai falhar.

Adrian amaldiçoou e bateu a porta.

— Ótimo, você o colocou para brincar de Yoda de novo. Nós podemos ir antes dele levitar a minha fodida moto?

Enquanto Jim trancava as coisas, eles desceram as escadas, Cachorro subiu na parte de trás do sofá, e os olhou através da janela. Ele arranhou um pouco o vidro, como se estivesse protestando, o fato de que ele tinha sido deixado de fora da ação.

— Vamos pegar o meu caminhão. — Jim disse quando eles chegaram no caminho de pedras.

— Menos barulho.

— E tem um rádio, certo? — Com trágica concentração, Adrian começou a esquentar sua voz, parecendo um alce sendo acariciado por um ralador de queijo.

Jim sacudiu sua cabeça a Eddie enquanto as portas eram abertas.

— Como você agüenta a algazarra?

— Surdez seletiva.

— Me ensine, Mestre.

A viagem até a cidade durou em volta de quatrocentos anos, — Adicionado pelo fato de que Adrian achou a estação de rádio de Rock Clássico: —Panamá— de Van Halen, nunca tinha parecido tão ruim, mas isso não era nada comparado com o que aconteceu com —I Would Do Anything for Love (But I Wont Do That), do Meat Loaf. O que evidentemente se referia a Adrian calando sua boca.

Quando eles chegaram no distrito dos depósitos, Jim colocou fim a baboseira de Adrian, e ele nunca esteve tão feliz de mexer em um botão de volume.

— O prédio é há duas ruas abaixo.

— Tem um local para estacionar. — Eddie disse apontando para a esquerda.

Depois que eles caíram fora do F-150, eles andaram abaixo uma quadra, viraram a direita, e o que você sabe, — Mais uma vez, o tempo era tudo. Assim que eles rodearam a esquina, um táxi rodou e parou na frente da porta, onde Devina tinha desaparecido antes.

Os três se abaixaram, para se esconder, um momento depois que o táxi passou com Devina no banco de trás passando batom com um espelho compacto na mão.

— Ela nunca faz nada sem uma razão. — Adrian disse suavemente.

— Isso é uma coisa que você pode pôr no banco de dados. Qualquer coisa que sai da boca dela é quase sempre uma mentira, mas as ações dela... Sempre uma razão. Nós precisamos entrar, achar aquele anel, e sair rápido.

Se movendo rápido, eles foram para as portas duplas, puxaram, e entraram no vestíbulo, que tinha o tanto de nuances arquitetônicas quanto um frigorífico: Piso de concreto, paredes brancas, lavadas, e o espaço dentro era mais gelado do que do lado de fora. O único ornamento que tinha era as luzes do teto em estilo industrial, as caixas do correio eram cinco fileiras de aço inoxidável, e um interfone com uma lista com cinco nomes. Devina Avale era o número cinco.

Desafortunadamente, por dentro, o jogo de portas eram fechados por trancas, mas Jim deu uma puxada de qualquer jeito.

— Nós podemos sempre esperar alguém...

Adrian andou, pegou a maçaneta, e puxou pela metade, sem dar nenhuma porrada.

— Ou você pode simplesmente abrir. — Jim disse ironicamente.

Ad esfregou sua brilhante mão e riu.

— Eu sou bom com as minhas mãos.

— Melhor com que as suas cordas vocais, claramente.

Ele odiava trabalhar.

Odiava gastar seus dias levando pessoas ingratas por Caldwell em um táxi que cheirava com o que quer que fosse que o último motorista tinha comido. Mas as comodidades da vida tinham que ser encontradas, e além disso, ao menos, o objeto de sua afeição tendia a ficar em casa durante as horas do dia.

Tinha também sua política de ignorar. Ele não olhava ao seu passageiro, se recusava a ajudar com bagagem, e nunca falava mais que o necessário. Era um bom caminho para seguir, — Especialmente, dado que suas buscas noturnas tinham sido ultimamente: Não tinha razão para correr o risco de despertar a memória obscurecida de alguém. Você nunca sabia o que as pessoas podiam lembrar da cena de um crime.

Outra lição que ele teve que aprender do jeito mais duro.

— Como está o meu batom?

Ao som da voz feminina, as mãos dele se apertaram no volante. Ele na dava uma merda sobre como parecia a estúpida boca de alguma mulher.

— Eu perguntei a você... Como está o meu batom? — O tom estava mais afiado agora, e fez as mãos dele se apertarem ainda mais no volante.

Antes dela repetir a pergunta, e ele ficar nervoso, ele olhou no espelho retrovisor. Se qualquer que fosse a vadia que estava atrás esperava dele — Olhos negros pegaram os dele, e seguraram como se ela avançasse para frente e colocasse um cadeado nele. E então ele a sentiu o alcançando e...

— Meu batom. — Ela disse, com deliberado e chamejante pronúnciação.

Ele deu uma rápida olhada na rua a frente, que estava livre de com o semáforo livre pelas próximas duas quadras, e depois voltou a olhar pelo retrovisor.

— Ah, parece bom.

Com uma deliberada batida do seu manicurado dedo indicador, ela esfregou a linha do lábio inferior, e então fechou sua boca, e o liberou.

— Você é um homem religioso, eu vejo. — Ela murmurou fechando seu espelho.

Ele olhou a cruz que estava colada no pára-brisa do carro.

— Não é meu táxi.

— Oh. — Ela alisou seu cabelo para trás e continuou encarando ele.

Não demorou muito, a ele perceber que o aquecedor estava muito alto, e ele ainda checkou duas vezes para saber se o ventilador estava ligado também. Não. Ela era apenas uma mulher que o estava olhando como se ele fosse alguma coisa. O que acontecia tão frequentemente, quanto...

— Qual o seu nome? — Ela sussurrou.

Com a língua presa, e abruptamente não muito certo da resposta, ele apontou para a licença do táxi que tinha uma foto dele. Lendo o que estava escrito, ele disse:

— Saul. Saul Weaver.

— Nome legal.

Enquanto eles chegavam a um sinal vermelho na interseção, ele freou, e no instante que o táxi estava completamente parado, ele estava olhando no espelho... Retro... Visor. As íris dos olhos dela se expandiram tanto até não haver mais nenhum espaço em branco, para contrastar com o denso negro, — E embora, aquilo devia ser o tipo de coisa que o faria sair gritando, ele sentiu um orgasmo líquido tomando o lugar do sangue em suas veias.

Prazer voou sobre ele, o levantando mesmo enquanto ele continuava no assento do táxi, invadindo sua pele, mesmo sua pele continuando intacta, o possuindo, apesar de não ter nenhuma tangível barreira entre eles.

— Saul. — A mulher disse, sua voz mudando tocando algo dentro dele, que era tão profundo quanto a respiração de um homem quanto de uma mulher.

— Eu sei o que você quer.

Saul trágou fortemente, e ouviu sua voz vir de uma longa distância.

— Você sabe?

— E eu sei como você pode conseguir.

— Você... Sabe?

— Estacione naquele beco, Saul.

Com isso, ela abriu seu casaco, revelando uma apertada blusa que mostrava seus mamilos claramente, como se nada os cobrissem.

— Estacione, Saul, e deixe-me dizer o que você precisa fazer.

Com uma virada do volante, ele entrou nas sombras entre dois altos prédios, e parou o táxi. Assim que ele virou para olhar para ela, ele estava completamente cativado: De qualquer forma, prendendo seus olhos estavam no espelho, o resto dela mais que um padrão do exagero. Ela era irreal, e não só porque ela era linda. Olhando naqueles poços negros, ele era completamente aceito, completamente compreendido, e ele sabia sem nenhuma dúvida que ele iria achar o que estava procurando com ela. Ela tinha suas respostas.

— Por favor... Fale-me.

— Venha aqui, Saul. — A mulher rolou suas unhas manicuradas pelo pescoço até seu decote.

— E me deixe entrar.

Capítulo 32

Não gozar não iria ser fácil.

Enquanto Marie-Tereze fazia mágica em sua ereção, Vin sentia como se sua pele estivesse em chamas, seu sangue fervendo e sua medula óssea se transformando em relâmpagos. Com cada sugada e cada carícia, o estava mandando diretamente ao topo, seu corpo oscilando para fora de um precipício do qual estava morrendo de vontade de cair, e ao mesmo tempo sem o menor desejo de se deixar levar. Deus... seu auto-controle o estava matando do jeito mais gostoso, sua cabeça de encontro ao travesseiro, suas coxas rígidas, seu tórax pulsando. Ela o estava levando ao céu e ao Inferno em medidas iguais, e desejou que isso durasse para sempre.

Mas, ele realmente não iria agüentar muito mais tempo.

Ergueu a cabeça usando de toda a sua força, e quando olhou para a parte de baixo de seu corpo, estremeceu de prazer. A boca de Marie-Tereze perfeitamente encaixada, seus belos peitos empinados, cheios e luxuriantes, seus mamilos roçando de encontro as suas coxas.

— Oh, Porra!

Ele moveu o corpo rapidamente puxando sua ereção, seus dedos ao redor dos braços dela enquanto ele lutava para não gozar.

— Você...

Vin a interrompeu beijando-a com firmeza e rolando por cima dela. Antes de terminar de girar, ele passou o braço sob um dos joelhos dela e a puxou para cima. Ele estava rosnando, estava selvagem, estava...

— Eu preciso de você agora, Vin! — suas unhas afundaram em seu traseiro enquanto ela se derretia embaixo dele.

— Merda... sim!

Exceto pelo fato de que ambos congelaram ao mesmo tempo. Em uníssono, eles disseram:

— Preservativo.

Vin grunhiu e se esticou para a mesa ao lado da cama, o movimento que o levou de encontro as curvas dela com mais firmeza e, ela não ajudou a suavizar a situação movendo-se contra ele como uma onda.

Enquanto a sensação erótica de carne contra carne reverberava através de seu corpo, Vin perdeu o contato com o *Trojan*⁴⁸ que ele agarrava, o pequeno quadrado foi lançado longe escapando de seu aperto como se tivesse recebido lições de vôo.

— Caralho!

Inclinando-se para o chão, seus quadris se tocaram e seu membro foi para frente deslizando pelas dobras, roçando diretamente sobre sua vagina quente e doce. Com um puxão rápido, ele recuou, porque ele não queria perder o controle, e ...

Homem, as coisas não iam bem no “nível inferior” enquanto o quadrado brincava de se manter afastado da palma de sua mão.

— Deixe-me ajudá-lo. — Marie-Tereze disse, juntando-se à caça.

Foi ela quem finalmente pegou o prêmio azul claro, levantando-se e rindo enquanto o segurava acima da cabeça.

— Consegui!

⁴⁸ camisinha

Vin começou a rir junto com ela, e num instante, puxou-a junto a si, abraçando-a. Ainda estava completamente duro e pronto para gozar, mas também se sentia leve e solto enquanto sorria e ela dava uma risadinha e eles rolavam juntos, bagunçando o edredom. O preservativo se perdeu no processo, aparecendo e desaparecendo a cada volta, como um peixe na água.

A coisa apontou ao seu lado, como se finalmente decidisse ser reivindicada. Ou tinha decidido reivindicá-lo.

Vin arrancou-o fora, rasgando o pacote, e embainhou a si mesmo. Deitando-a sobre suas costas novamente, abriu caminho por entre suas coxas e afastou o seu cabelo para longe de seus olhos.

O contato iminente era eletrizante, mas o momento era suave e doce. Ela ardia deliciada enquanto olhava para ele.

— O que? — ela sussurrou segurando o rosto dele entre as mãos.

Vin parou por um momento para gravar seus traços e a forma como a sentiu sob ele, vendo-a não apenas com os olhos, mas sentindo-a com sua pele e seu coração.

— Olá, dama adorável...olá.

Enquanto ela corava graciosamente, ele beijou-a profundamente, sua língua acariciante de encontro a dela, seus corpos conectados. Uma fricção de seus quadris e a ereção dele mudou de posição, e então estava se movendo lentamente para frente facilitando para ela. Enquanto o tomava dentro de si e aquela contração espetacular ressoava, deixou sua cabeça cair no magnífico cabelo dela e se deixou levar.

Longo, profundo, em duras estocadas... sem mais desespero agora, somente o delicioso desespero que o sufocava e revivia em ciclos. Era o mesmo que sentira quando teve sua boca nele, o tipo de coisa que não queria que acabasse nunca, embora não fosse possível.

No momento supremo, Vin rugiu enquanto era tomado por contrações de ponta a ponta de seu corpo, e de longe ele a ouviu dizer seu nome, sentiu suas unhas arranhando sua coluna, absorveu as ondas de sua liberação.

Quando eles estavam recuperando a respiração, ainda estava duro enquanto agarrava a base do preservativo e o retirava.

— Eu voltarei logo!

Depois de terminar o banho, retornou e se esticou ao lado dela.

— Você sabe o que eu tenho lá? — ele apontou com o dedo polegar em direção da extensa área de mármore onde tomou banho.

— O que? — ela deslizou suas mãos por seus braços até seus ombros.

— Seis duchas.

— Verdade?!

— Sim. Larry, Curly, Moe, Joe e Frankie.

— Espera, só cinco tinham nomes?

— Bem, tem o “Perverso”, mas eu não tenho certeza se ele é adequado para se misturar aos outros. Sua gargalhada era outro tipo de orgasmo para ele, o tipo de coisa que o aquecia de dentro para fora.

— Você me deixará visitá-la? — ele sussurrou. — Depois de você partir.

Coisa errada para dizer. Drenou completamente a felicidade do rosto dela.

— Eu sinto muito. — ele disse rapidamente. — Eu não devia ter perguntado. Merda, não devia...

— Eu gostaria disso.

Sua resposta foi tão repentina quanto sua pergunta foi, e o “indizível” estava pendurado entre eles tal qual um esboço de fumaça ácida.

— Venha comigo. — disse preparando-se para deixar isso de lado. Se eles não tinham muito tempo juntos, ele não iria arruinar o pouco tempo que tinham. — Me deixe tirar meu suor da sua pele.

Ela aferrou-se a seus braços, suas mãos apertando-o para fazê-lo parar.

Balançando a cabeça, roçou sua boca com a dele.

— Não existe nenhuma promessa e eu entendo isso.

— Eu desejaria poder fazê-las.

— Eu sei. — Ele deslizou as pernas para fora da cama e a envolveu em seus braços. — Mas eu tenho você agora, não tenho?

Ele a manteve no alto enquanto caminhava para o banheiro... a segurou acima do chão de mármore enquanto ligava o chuveiro... a manteve em seus braços enquanto colocava a mão sob o jato de água e esperava até que ficasse morna o suficiente.

— Você não tem que me carregar. — disse ela aninhando-se em seu pescoço.

— Eu sei. Só não quero deixar você ir enquanto ainda está aqui.

— Você alguma vez assistiu Atração Fatal? — Adrian perguntou.

Enquanto as portas do elevador de carga do Armazém de Devina se fechavam, Jim olhou através do que era o espaço de um quarto inteiro. Inferno, você poderia levar um piano de cauda para cima naquela maldita coisa.

— Como? — ele perguntou.

— Atração Fatal, o filme. — Adrian deslizou as mãos para cima e para baixo nas paredes metálicas. — Uma ótima cena em um elevador justamente como este aqui. Está entre as minhas melhores de dez.

— Deixe-me adivinhar, as outras nove estão na internet.

Eddie apertou o botão que marcava “cinco” e a coisa corcoveou como um cavalo selvagem.

— Glenn Close era uma psicótica nesse filme.

Adrian encolheu os ombros e um sorriso astuto em seu rosto parecia sugerir que ele se colocava a si mesmo na situação, por assim dizer.

— Quanto isso importa de verdade, hein?

Eddie e Jim olharam de relance um para o outro e reviraram os olhos de forma inexpressiva, por que, qual era o ponto? Se você adquirisse esse hábito com Adrian, passaria sua vida inteira olhando fixamente para o teto.

No quinto andar o elevador parou com um tranco e as portas chacoalharam enquanto Eddie lutava para tornar a alavanca acessível de forma a deixá-los sair.

O corredor estava limpo, mas escuro como um alpendre, com as paredes de tijolos mantidas unidas por um morteiro antigo e malfeito e por um assoalho de pranchas de madeira desgastado pela velhice e pelas frestas. Para baixo à esquerda, havia uma porta de metal na altura do elevador, com uma placa de “SAÍDA” em cima. Caminhando pela direita havia outra porta feita de painéis de aço niquelado.

Jim retirou sua arma do coldre e a destravou.

— Há probabilidade dela viver com mais alguém?

— Um zelador, em linhas gerais. Embora ela seja conhecida por pegar animais de estimação de tempos em tempos.

— Rottweilers?

— Najas cuspidoras. Serpentes venenosas. Ela gosta de cobras, mas as vezes costuma reciclá-las, usar novamente para seus sapatos e bolsas. Quem fodidamente sabe?

Enquanto andavam até a porta niquelada, Jim assobiou suavemente. Empilhadas umas sobre as outras, sete travas cintilavam como medalhas de honra no peito de um soldado.

— Jesus, de uma olhada nas fechaduras desta coisa.

— Até mesmo os paranóicos tem inimigos, filho. — murmurou Adrian.

— É, você poderia deixar de lado o merda do “filho”?

— Quantos anos você tem? Quarenta? Eu tenho quatrocentos se estou fazendo as contas certas.

— Ok, está bem. — Jim resmungou sobre o ombro. — Você pode usar sua mágica nesses grampos?

Adrian sacudiu seu dedo do meio, colocou sua mão no botão, e... nada aconteceu.

— Foda. Ela bloqueou isso.

— O que você quer dizer?

— O pior tipo de feitiço. — Adrian moveu a cabeça sinalizando para Eddie. — Você sobe.

Enquanto o homem silencioso avançava, Adrian agarrou o braço de Jim e o puxou para trás.

— Você vai querer dar a ele um pouco de espaço.

Eddie ergueu a palma da mão e fechou os olhos, permanecendo quieto como uma estátua. Seu rosto forte com seus lábios proeminentes e mandíbula quadrada assumiram uma expressão de calma determinação, e depois de um momento, um cântico suave emanava dele. Exceto pelo fato de que até onde Jim sabia, os lábios do homem... do anjo... ou o que quer que ele fosse... não estavam se movendo.

Oh, espere... isso não era um cântico.

Ondas de energia pulsavam pela palma da mão do anjo, como calor que sobe do asfalto no verão, e faziam um som rítmico que soava ondulando pelo ar.

Uma por uma, por meio de uma série de deslocamentos, as travas foram se abrindo. E então houve um clique final e a porta flutuou se abrindo como se o espaço ao redor soltasse uma respiração.

— Bom — murmurou Jim enquanto as pálpebras de Eddie se erguiam.

O sujeito respirou profundamente e moveu seus ombros em círculos, como se estivessem endurecidos.

— Sejam rápidos com isso. Não sabemos por quanto tempo ela vai ficar fora.

Adrian entrou primeiro, um tipo de ódio maligno queimava em sua expressão, e Eddie vinha logo atrás, colado em seu rabo.

— O que... foda... — disse Jim enquanto entrava.

— Sempre com uma coleção. — Adrian cuspiu. — A cadela.

A primeira impressão de Jim foi que o vasto espaço aberto era como uma espécie de fodida loja de liquidação de móveis. Havia centenas e centenas e centenas de relógios, todos agrupados por tipo, mas por outro lado desorganizados. Os relógios de pé permaneciam em um círculo desordenado no canto mais afastado, como se estivessem girando em círculos e tivessem ficado congelados ali assim que se abriu a porta. Os relógios redondos de parede foram pregados às grossas vigas de madeira que corriam verticalmente do chão ao teto. Dispersados em prateleiras havia relógios de mesa que eram verdadeiras obras de arte assim como também relógios despertadores e metrônomos⁴⁹.

Mas os relógios de bolso eram os mais esquisitos.

Irradiavam do teto suspenso, como aranhas em teias, relógios de bolso de todas as épocas oscilando em cordas negras.

— O tempo se mantém... deslizando... deslizando... deslizando para o futuro. — Adrian balbuciou enquanto caminhava ao redor.

Exceto que ele realmente não o fazia. Todos os despertadores e relógios estavam parados. Inferno, mais do que parados, os pêndulos dos “relógios de pé” estavam congelados no espaço, no topo de seus arcos.

Jim desviou o olhar do caótico, tempo em suspenso, e encontrou uma outra coleção.

Devina tinha um e somente um tipo de mobília: mobília de escritório. Lá devia ter de vinte a trinta deles, e estavam aglomerados em um monte desorganizado, como se o do meio chamasse para uma reunião rápida e os demais tivessem se apressado a chegar. Assim como com os relógios, todos eram de tipos diferentes, antiguidades que pareciam pertencer a museus, novos com linhas macias e lustrosas, baratos que pareciam ter sido feitos na China e vendidos em liquidação.

— Merda, eu apostaria que ela o colocou em um destes. — Adrian disse enquanto ele e Eddie subiam na reunião de misturas.

— Que cheiro é esse? — Jim perguntou franzindo o nariz.

— Você não vai querer saber.

⁴⁹ Metrônomo — aparelho que mede o tempo do compasso musical

O foda era que ele queria saber. Alguma coisa estava muito errada, e não era somente porque ela teve um sério TOC⁵⁰ quando estava criando a decoração. O ar estava estragado com um odor que fazia a carne de Jim tremer. Doce... de uma forma muito doce.

Deixando Eddie e Adrian com sua rotina do “procurar agulha no palheiro”, Jim foi explorar. Como em todos os “lofts”, não havia nenhuma divisão de espaço, exceto por uma no canto que devia delimitar o banheiro. Qual o significado das facas na cozinha que estavam em franca exibição?

No aparador de granito havia toda a sorte de lâminas: de caça, canivetes suíços, de açougueiro, de cozinha de prisioneiros e cortadores de caixas. As extremidades das coisas eram longas a curtas, lisas e serrilhadas, enferrujadas e brilhantes. E tal qual os móveis de escritório e os relógios, estavam em uma mistura desorganizada, os punhos e as pontas de todos os tipos.

Para um homem que achava já ter estado em todo o tipo de situação sórdida, esta era novidade.

Jim sentiu-se como se estivesse caminhando pela terra do “contrário”.

Inalando profundamente tentou passar sem encostar a cabeça, mas acabou com o nariz entupido. Esse cheiro... o que era isso? De onde estava vindo? Do banheiro, ele percebeu.

— Não entre lá, Jim. — Eddie gritou enquanto ele avançava naquela direção. — Jim! Não.

Yeah, foda-se. O cheiro que entrava pelas narinas era equivalente ao de alargadores novos na boca, e havia uma única coisa que fazia isso.

Vindo sabe-se lá de onde, Eddie apareceu na frente dele, bloqueando a passagem.

— Não, Jim. Você não pode ir lá.

— Sangue. Aquele cheiro é sangue.

— Eu sei.

Jim falou devagar, enquanto Eddie perdia sua mente em uma maldição.

— Então, tem alguém sangrando lá.

Se você romper o selo naquela porta, você poderá ativar também um alarme de segurança. — Eddie apontou para o chão. — Você vê aquilo?

Jim franziu as sobrancelhas e olhou para baixo. Bem na frente de suas botas, havia uma fraca linha de sujeira, como se tivesse sido levemente polvilhado lá por uma mão cuidadosa.

— Se você abrir isto, — Eddie disse — vai passar sobre aquela barreira e nossa cobertura vai evaporar.

— Por que?

— Antes dela partir, ela tratou o batente da porta com um tipo específico de sangue e aquela sujeira é de um cemitério. Se alguém além dela passar e liberar energia ela vai sentir tão claro como uma bomba atômica explodindo.

— Que tipo de sangue é este? — Jim perguntou, embora soubesse que não iria gostar da resposta. — E por que ela não fez isto na porta por onde entramos?

— Ela precisa de um ambiente controlado para tirar o feitiço de proteção. O corredor do lado de fora? Ela não pode ter certeza de que o pessoal da limpeza não varreria a sujeira ou se

⁵⁰ Transtorno Obsessivo Compulsivo

alguém não iria estragar isto. E todas essas coisas — Eddie girou a mão ao redor — não é tão importante quanto o que está aqui dentro.

Jim encarou fixamente a porta fechada como se a qualquer momento fosse se transformar no Super-homem e pudesse ver através das coisas.

— Jim. Jim... você não pode entrar lá. Nós precisamos achar o anel e decolar.

Era mais do que isso, Jim pensou. Conforme Adrian revelou em seu estúdio, os anjos tinham um padrão de dizer a ele somente o que ele precisava saber no momento e nem um byte a mais de informação. Então definitivamente existia uma merda acontecendo naquele lugar sobre a qual ele não sabia...

— Jim.

Jim focalizou a maçaneta que estava ao seu alcance. Ele era do tipo que não fazia rodeio. E se isso o levasse a um confronto final com Devina o colocaria em dia, era duro de se pensar que era uma coisa ruim.

— Jim.

Capítulo 33

Água morna acima de seus seios e coxas... Lábios mornos em sua boca... O vapor ondulando fora e ao redor dela.

Marie-Terese correu as mãos ensaboadas pelos ombros volumosos de seu amante, admirada pela diferença entre seus corpos. Ele era tão duro, seus músculos dobrando e soltando, enquanto um se movia contra o outro, roçando, buscando e achando. Sua quente ereção acariciando a parte superior de seu estômago, e entre suas pernas ela estava tão pronta para mais quanto ele estava.

Os lábios de Vin caíram dos seus, explorando seu pescoço, então, desceram até sua clavícula... E ele foi ainda mais baixo, curvando-se para chupar seus mamilos, antes de lambe as apertadas pontas. Enquanto ela afundou os dedos em seu liso cabelo molhado, ele ajoelhou no mármore em frente a ela, segurando seus quadris e a olhando fixamente com olhos quentes. Com seus olhares fixos, a boca dele foi para seu umbigo, tocando suavemente como a água tinha feito antes de ser substituída por sua língua rosa.

Apoiando-se contra a parede de mármore entre os dois chuveiros, Marie-Terese abriu suas pernas enquanto ele beijava o caminho acima de seu quadril. Os dentes brancos deram uma leve mordida no osso, e então ele estava raspando com eles, suavemente através da pele de sua barriga antes de traçar o caminho com sugantes lábios.

Mais baixo.

Para dar mais espaço a ele, ela colocou seu pé em cima no banco de mármore construído no canto, e sua boca foi imediatamente para a parte interna de sua coxa. Ele estava urgente, mas gentil, ao mesmo tempo em que se aproximava mais e mais do broto que pulsava entre suas

pernas. Ela estava morrendo para que ele fosse, exatamente, no lugar próximo a sua cabeça, e quando ele parou na parte superior de sua coxa interna, ela mal podia respirar.

— Por favor... — Ela disse gemendo.

Vin se aninhou mais para cima e lambeu com um golpe certo. Enquanto sua voz gritava acima do som da água cadente, seus dedos afundaram em suas coxas e ele gemeu contra seu sexo. Drogantes lambidas misturadas com sugadoras chupadas, até que ela encontrou-se caindo sobre o banco e apoiando um pé contra o suporte de sabonete na parede, e jogando o outro no lado mais distante de suas costas.

E então ele ficou sério. Erguendo sua cabeça e encontrando seus olhos, ele levantou dois dedos e atraiu-os a seus lábios e depois os inseriu dentro de sua boca. Quando eles saíram, lisos por terem estado entre seus lábios, ele se debruçou de volta até seu sexo, lavando-o com sua língua rosa.

A grossa penetração era composta por um formigamento e uma sacudida no seu sexo.

Marie-Terese gozou duro, alto e longamente, e quando esteve finalmente exausta, ela desmoronou contra a pedra dura, parecendo sem ossos como a água que os lavava. Depois que ele deslizou para fora dela, lambeu os dedos, traçando com a língua ao redor, enquanto olhou para ela por baixo de suas pestanas.

Ele estava duro. Talvez até violentamente, dado o comprimento que aparecia entre seus quadris.

— Vin...

— Sim. — Sua voz era nada além de cascalho.

— Está realmente longe do quarto, onde os preservativos estão.

— É.

Ela olhou abaixo em sua ereção.

— Eu não iria querer que você esperasse tanto.

Seu sorriso era feroz.

— O que você teve em mente?

— Eu quero assistir.

Sua risada foi funda e baixa, e ele se colocou de volta contra a parede de vidro, abrindo suas coxas, sua ereção volumosa roçando seu estômago. Deus, ele parecia espetacular contra o mármore cremoso.

— O que exatamente você quer assistir?

Ela ruborizou. Deus a ajudasse, ela realmente ruborizou. Entretanto, ele estava à vontade no chão do chuveiro, brilhando da cabeça até o dedão do pé, pronto para sexo... E procurando por direção.

— O que você quer que eu mostre a você. — Ele falou lentamente.

— Eu quero que você... Coloque sua mão.

— Aqui? — Ele disse, passando a mão acima de seu abdômen.

—Mais baixo. — Ela sussurrou.

—Hmmm... — Sua larga palma se movia para baixo através de suas costelas para o topo de sua ereção. —Aqui?

—Mais baixo...

Ele ultrapassou a cabeça de sua ereção e examinou cuidadosamente seu quadril.

—Mais baixo?

—Para sua esquerda. E mais alto.

—Oh, você quer dizer — Enquanto sua palma achou sua ereção, ele arqueou e seus olhos se fecharam. — Aqui?

— Deus, Sim...

Movendo seus quadris, ele manteve sua mão parada e ela conseguiu exatamente o que procurava: Uma visão atordoante da cabeça de sua ereção passando por seu aperto e desaparecendo, passando e desaparecendo. Seu tórax subia e descia conforme sua respiração, seus lábios abertos, enquanto ele se dava prazer.

—Vin... Você é tão bonito.

Suas pálpebras se ergueram lentamente e ele olhou fixamente a ela, seus cintilantes olhos a atraíam para ele.

—Eu amo ver você me assistir.

Com sua outra mão ele acariciou suas coxas até suas bolas. Ele as apertava e as acariciava, trabalhando sua estimulação em longos golpes e gemendo.

—Eu não sei quanto tempo vou durar...

Bom... Senhor. O edifício inteiro podia estar queimando e ela não poderia se mover, observando enquanto ele apertava suas bolas novamente e então focava na cabeça de sua ereção. Depois, ele a esfregava com seu dedo polegar, ele fez isso duas vezes mais, respirando em golfadas.

Ele fechou os olhos e trabalhou a si mesmo.

Ele era tão sensual, tão... Aberto em frente a ela, escondendo nada, ambos vulneráveis e poderosos.

—Você vai... Fazer-me... Segurar...? — Ele gemeu entre os dentes. Seu olhar ávido fixo, vagando acima dele, e ela tinha a visão mais erótica dele, que ficaria permanente na memória, como se esculpisse as imagens em pedra. —Eu tenho... Que...

—Goze para mim. — Ela disse. Ela queria que isso durasse para sempre, mas sabia que iria começar a doer se demorasse mais.

Agora seu tórax realmente chegou a martelar e então suas mãos se tornaram mais rápidas e duras o suficiente de forma que os músculos em seus braços se esticaram.

Quando ele gozou, sua semente se espalhou por toda parte, seu estômago e suas coxas, porque ele parecia não poder parar. E seus olhos nunca deixaram os dela até que suas palmas finalmente descansaram e então caíram ao lado.

Com sua respiração aliviada, ela sorriu e foi até ele, capturando seu rosto, o beijando suavemente.

—Obrigada.

—A qualquer hora que você deseje esse tipo de show, só deixe-me saber?

—Pode apostar.

Quando finalmente se enxaguaram e saíram do chuveiro, eles tinham idênticos sorrisos adoráveis em seus rostos, e Vin pegou a ela uma toalha com monogramas de uma das aconchegantes prateleiras. O tecido branco era tão grande que a cobria dos seios até os tornozelos, e quando ela usou uma segunda como turbante em seu cabelo, sentiu como se estivesse coberta pelo suave veludo.

Vin pegou uma terceira, secando seu cabelo até que retirou toda a umidade, e cobriu seus quadris.

—Eu gosto de você em minhas toalhas.

—Eu gosto de estar nelas.

Ele se aproximou e a beijou, e na pausa que se seguiu, sua respiração ficou presa em sua garganta.

Ela sabia o que ele queria dizer. E concordou que estava muito, muito cedo para isto.

—Você quer algo para comer? — Ele perguntou.

—Eu... Provavelmente deva ir. — Ela tinha muitas malas para fazer.

—Certo... Tudo certo.

A tristeza espessou o ar vaporoso quando eles deslizaram seus braços ao redor um do outro e deixaram o banheiro.

—Eu estou me intrometendo?

Marie-Terese congelou e também Vin.

A mulher que entrou no quarto tinha uma expressão inescrutável, suas mãos se apertavam aos lados de seu corpo, seu longo cabelo brilhante acima de seus ombros, seu casaco preto apertado ao redor da sua minúscula cintura.

Em sua quietude ressonante, ela parecia, exatamente, como qualquer modelo na superfície, mas existia algo errado sobre ela. Muito. Errado.

Em primeiro lugar, se ela teve uma noite mal dormida, seu rosto não estava mostrando quaisquer sinais disto; Suas feições e pele eram tão lisas e frescas quanto um recém-cortado mármore. Segundo, ela parecia perfeitamente capaz de matar alguém, dado como ela olhou fixamente para os dois.

Oh... Deus. Seus olhos. Não existia uma borda branca ao redor de sua íris preta, seu brilhante olhar, não mostrava nada, além de um par de covas tão escuras e sem fundo quanto buracos negros.

Isso podia ser certo, entretanto?

Enquanto a pele da parte de trás do pescoço de Marie-Terese enrijeceu, a mulher focou nela e sorriu como o assassino do machado que estava olhando para sua próxima vítima.

—Eu vi sua bolsa lá embaixo, na mesa de jantar, querida. Bom, dado quanto dinheiro tinha, eu diria que seus preços são altos. Parabéns.

A voz dura de Vin cortou o ar.

— Como você fez para entrar. Eu bloqueei tudo.

—Você não entende, Vincent. Sua porta está sempre aberta para mim.

Vin colocou seu corpo na frente do de Marie-Tereze, protegendo-a.

—Vá. Agora.

O riso dela lembrava a unhas-no-quadro-negro, alto e digno de assustar.

—Desde nosso primeiro encontro as coisas têm sido a minha maneira, Vin, e isso não vai mudar agora. Eu investi muito em você, e acredito que é hora dela ir.

—Foda-se, Devina.

—Você certamente o fez. — A mulher disse. —E muito bem, eu poderia adicionar. Mas você não era o único. Seu amigo Jim também fez direito por mim, e eu penso que gostei dele mais que você. Com ele, eu não precisei de outra pessoa.

—Sim, eu tive que ter mais do que você deu a mim também. — Vin estalou.

Uma onda de frieza ondulada saiu da mulher, e seus olhos, aqueles terríveis buracos negros, transferiram-se para Marie-Tereze e a paralisou no lugar.

—Você conheceu Jim, não foi. Você não esteve sozinha com ele? Talvez... Em um carro? Talvez quando você o esteve levando para casa ontem?

Como o inferno ela soube isto? Marie-Tereze perguntou-se.

Enquanto o corpo de Vin endurecia, a mulher continuou.

— Quando você o levou de volta para aquela merda de estúdio dele, em cima da garagem, você gostou do sabor de seu pau, não foi — Mas você o teria chupado mesmo assim. Você precisa de todo o dinheiro que possa conseguir, e ele estava disposto a pagar por isto.

Marie-Tereze olhou através do quarto.

—Isso nunca aconteceu. Nunca. Eu não fui para a sua casa.

— Isso é o que você diz.

— Não, é o que você diz. Eu sei o que fiz e não fiz e com quem. Você, por outro lado, é uma cadela desesperada que está tentando segurar alguém que não a quer.

A mulher recuou um pouco, e Marie-Tereze teve que admitir que teve alguma satisfação por ter saído com aquela.

Mas então Vin andou longe, e um olhar em seu rosto pálido fez com que ela percebesse que Trez tinha estado tragicamente certo. Um passado como o seu tinha um longo alcance, e Vin e ela não conheciam um ao outro tempo o suficiente para a confiança rudimentar ter se desenvolvido, muito menos o tipo de fé exigida para um homem acreditar que uma prostituta não estaria fazendo, seu trabalho, com seu amigo.

Graças a Deus por todas as toalhas que estava usando, ela pensou.

Porque ela de repente sentiu como se estivesse no vento frio do lado de fora.

— Jim.

Em pé, na frente da porta do banheiro de Devina, Jim mediu a expressão no rosto de Eddie:

Mortalmente sério. Mais para sua informação, aquele grande corpo do idiota iria estar no caminho se Jim fizesse qualquer movimento para a maçaneta.

Esticando seus músculos apertados, Jim aliviou por cima seu corpo e examinou por cima de seu ombro às cômodas. Adrian estava abrindo gavetas de uma maneira metódica e verificando tudo e qualquer coisa que estava nelas, — E evidentemente, lá havia muito, dado as pancadas.

— Bem. — Jim murmurou. — Acha que nós deveríamos nos juntar na caça ao ovo de páscoa?

— Eu sei que é duro. — Eddie disse. — Mas você tem que confiar em mim.

Eddie bateu em suas costas, e juntos eles giraram a cabeça acima de seu amigo. Jim seguiu um passo.

E girou a maçaneta. Enquanto o anjo caído soltava uma maldição, Jim puxou a placa de madeira e empurrou para uma olhada

Uma jovem mulher estava enforcada nua e de cabeça para baixo acima da banheira de porcelana, suas pernas se abriam em um V, seu salto preso aos tornozelos com corda preta e para a barra circular que devia segurar a cortina do chuveiro. Suas mãos estavam amarradas juntas com a mesma corda preta e puxavam acima de seu corpo de forma que seus dedos apenas tocassem o topo de seu sexo. Ao redor de sua barriga existiam cortes fundos, formando um padrão de algum tipo, e sangue vermelho na sua pele branca, correndo por seu torso antes de se dividir entre a saliência de seu queixo e mandíbula e fluir através seu cabelo loiro.

A banheira estava tampada e cheia.

Oh, Senhor... Mais ou menos cinco centímetros acima da banheira, ela estava pendurada. Seus olhos estavam abertos e fixos à frente, mas sua boca estava trabalhando, sempre muito ligeiramente...

— Ela está viva! — Jim gritou saltando adiante.

Eddie o pegou e o puxou de volta.

— Não, ela não está. E nós precisamos sair daqui agora, graças a você.

Jim se soltou do aperto, e se apressou para frente, levantando suas mãos, pronto para começar a desamarrar a série complexa de nós.

Uma palma dura, pesada caiu sobre seu ombro.

— Ela é uma fodida morta, homem, e nós temos um problema agora. — Quando Jim agitou sua cabeça, aproximando-se e lutando contra o aperto, a voz de Eddie levantou. — Ela está morta, aqueles são espasmos automáticos, não está viva. Viu os cortes de um lado a outro de sua garganta?

Os olhos de Jim passaram ao redor de seu corpo, procurando desesperadamente por um rastro de respiração ou reconhecimento em seu rosto de que ela iria ser salva... Algo... Qualquer coisa...

— Não! — Ele apontou para seus dedos enquanto eles se moviam apenas ligeiramente. — Ela está viva!

Ele foi puxado até que rugiu, a cena mudou ante seus olhos, sacudindo o horror atual para lembrar uma tragédia. Ele viu sua mãe cercada por sangue, seus olhos fechando lentamente, sua boca trabalhando para formar as palavras necessárias para conseguir que ele a deixasse.

A voz tranqüila de Eddie veio direto ao seu ouvido, como se o sujeito não estivesse falando, mas implantando as palavras:

—Jim, nós precisamos dar o fora daqui.

—Nós não podemos deixá-la. — Essa era sua voz? Aquele som tremido?

—Ela se foi. Ela não está mais aqui.

—Nós não podemos deixá-la... Ela é...

—Ela não está conosco, Jim. E nós temos que ir. Para salvar Vin, nós temos que conseguir que você dê o fora daqui.

A voz de Adrian explodiu da entrada.

— Que porra está errada com você.

—Fecha a maldita boca, inferno, Ad. — As palavras de Eddie cortaram a interrupção. — Ele não precisa de você quebrando suas bolas agora mesmo. Jim... Eu preciso que você saia do quarto.

Jim sabia que o sujeito estava certo. A menina estava morta, sangrando como se não fosse nada além de um animal, e isso não era o pior de tudo. Sua congelada máscara de morte era um horror, como se seu sofrimento tivesse sido grande.

—Vamos, Jim.

Então, Deus o ajude, ele sabia que tinha que escutar o anjo e forçar a si mesmo a aceitar que não existia nenhuma batalha a ser lutada aqui: O tempo para conflito e a possibilidade de vitória vieram e ficaram sem que estivesse ciente que existiu. E ele acreditou em Eddie sobre o fato de saírem do quarto agora. Neste momento, arriscar uma altercação com Devina não teria sido boa idéia.

Agora mesmo, um terço do time era uma total confusão mental.

Jim se virou, mas não conseguiu não olhar para trás. A enorme mão de Eddie pegou seu rosto segurando-o onde estava.

— Mantenha seus olhos na frente e venha atrás de mim. Não mova sua cabeça. Você entendeu? Eu quero que você ande de volta comigo e mantenha sua cabeça onde está. Nós Vamos voltar.

—Eu não quero deixá-la. — Ele gemeu. —Oh, merda...

Tanto sofrimento, o terror gravado nos traços suaves, pálidos de seu adorável rosto. Onde estavam seus pais? Quem era ela? Enquanto olhou fixamente para o cadáver da jovem mulher, ele memorizou tudo sobre ela, da marca de nascença em sua coxa, para o azul claro de seus olhos inanimados, para o padrão que tinha sido cortado em seu estômago.

—Ela se foi. — Eddie, suavemente, disse. — Seu corpo é apenas o que restou, sua alma não está mais aqui. Você não pode fazer qualquer coisa por ela, e nós estamos em uma situação perigosa agora mesmo. Nós precisamos dar o fora daqui.

Quanto mais ele olhava para ela, entretanto, mais seus instintos começavam a gritar novamente e ele não podia, — Tudo de uma vez, ele ouviu pequenos barulhos que soavam como patas de ratos em um buraco. Não eram centenas de ratos, porém. Os relógios recomeçaram as atividades, todos eles, ligados no mesmo momento, as caóticas batidas, como incontáveis mãos que se levantavam no loft, enchendo o ar. Abruptamente, a voz do Adrian era horrenda em vez de

brava.

—Nós temos que partir. — Suas palavras foram cortadas por um estrondo e então uma vibração que emanaram do chão, uma tão grande que estremeceram a esfumaçada janela acima do banheiro e ondas criou ondas em cima do sangue na banheira. — Como exatamente agora.

—Eu não quero deixá-la.

A voz do Eddie se transformou em um grunhido.

—Ela se foi. E nós precisamos ir.

—Foda-se você! — Jim disse frente a ele.

Os braços volumosos do Eddie eram barras de ferro. Até quando Jim lutou com o agarre, foi preso como um animal, arranhando e rasgando tentando ficar livre, ele não chegou a lugar nenhum.

As vozes ecoaram, a sua e a de Adrian. Mas Eddie estava calado quando começou a puxar Jim do banheiro.

Então Eddie cortou através do caos vocal e a bagunça de roupas:

—Bata nele! Eu não posso afastá-lo do espelho!

Adrian entrou, fechou um punho, e armou seu braço para trás. O movimento foi duro e rápido, a rachadura cortando tudo... E Jim caiu em uma atordoante complacência.

Ele estava em um prolongado estado de confusão, o salto de seus Timberlands⁵¹ marcavam através do chão duro, sua cabeça batendo como um sino. Uma vez que suas botas passaram a porta do banheiro, Adrian manteve a coisa fechada, e Eddie sacudiu Jim com os pés no chão e em um agarre dos bombeiros.

Atordoado e desorientado, Jim tentou identificar uma nova onda de sons estranhos que vieram de uma vasta distância. Olhando acima do balcão da cozinha, ele viu que as facas estavam se movendo ao redor, se organizando, dando ordem a bagunça que eles tinham feito. E passava o mesmo com as cômodas, o que explicava as reverberações: As cômodas estavam tremendo em seus pés, achando posições, como soldados em formação.

Ele mal lembrou de deixar o sótão e não registrou muitos dos degraus que desceu durante a viagem... Mas o ar frio de fora o reavivou o suficiente, de forma que ele pode se soltar do agarre de Eddie e ir para o carro em seus dois pés.

Adrian os dirigiu para longe do armazém, durante todo o tempo, Jim podia ver o rosto da menina.

Não tinha música durante o tempo que eles saíram.

Nem conversas, também.

Capítulo 34

⁵¹ Marca de calçado, parecido com botas esportivas.

A provocação de Devina ricocheteou no pinball⁵² interno de Vin, desencadeando todo tipo de sinais diabólicos e pontos anti-bônus: Jim e Marie-Terese tinham estado a sós... no carro dela... voltando do escritório dele...

—Conhece todos os homens com os quais esteve? —dizia Devina a Marie-Terese— Deve ter uma memória incrível. Mas neste momento só um desses homens importa... Não é verdade, Vin?

Isto é uma encruzilhada, pensou Vin, um lugar onde devo escolher que direção quero seguir.

E tinha a clara sensação de que se deixasse o que Devina estava dizendo se infiltrasse nele, estaria perdido para sempre... ainda assim havia parte dele que pensava que o que ela dizia era iniludível: Marie-Terese tinha estado a sós com Jim, e ela tinha estado com homens por dinheiro, e o fato de que esses dois tivessem estado juntos sexualmente, era algo que não seria capaz de superar.

A voz de Devina soou mais profunda.

—Sempre temeu se converter em seu pai. E aqui está sendo enganado por uma puta.

Vin deu um vacilante passo para ela, afastando-se de Marie-Terese. Enganado por uma puta...

Imagens de seu pai e sua mãe foram amplificadas pelas palavras de Devina e a realidade do que Marie-Terese fazia para sobreviver.

Enganado por uma puta...

Enfocou-se em Devina, vendo-a realmente...

—Tem tanta razão. —sussurrou, tento sido revelada a verdade

Abruptamente o rosto e os olhos de Devina mudaram, a compaixão animou suas feições e drenou a ira.

—Não desejo isto para você. Nada disto. Só tem que voltar comigo, Vin. Retorna.

Ele avançou, aproximando-se cada vez mais, e ela elevou os braços para ele. Quando estiveram frente a frente, estendeu a mão e afastou um de seus cachos negros para colocá-lo detrás de uma de suas orelhas. Inclinando-se sobre ela, aproximou a boca e intensificou a pressão sobre seu cabelo.

—Vin... sim, Vin. —Seu nome foi dito com tom aliviado e triunfal — Assim deve ser...

—Foda-se. —Quando ela começou a retroceder, conteve-a em seu lugar pressionando seu crânio— Você é a puta.

Trez o havia dito. Quando estavam no Iron Mask, o tipo havia dito que chegaria o momento em que teria que acreditar no que sabia a respeito de Marie-Terese em vez de no que sempre tinha temido que fosse realidade a respeito de uma mulher que ele queria.

—Não é bem-vinda aqui. —disse dando um empurrão em Devina ao soltá-la e retornando para onde estava Marie-Terese. Enquanto tomava sua mulher pelo braço e a colocava detrás de seu corpo, desejou estar no quarto principal, porque era ali onde guardava a arma—Vá embora.

⁵² **Pinball** é um jogo eletromecânico onde o jogador manipula duas ou mais 'palhetas' de modo a evitar que uma ou mais bolas de metal caiam no espaço existente na parte inferior da área de jogo. A bola, quando entra em contato com certos objetos espalhados pela área de jogo, aumenta a pontuação do jogador.

Já.

Repentinamente o ar ao redor de Devina se viu alterado, como se sua fúria estivesse causando um distúrbio molecular, e ele se preparou para um impacto. Entretanto, em vez de açoitá-la para fora, pareceu recolher-se sobre si mesma.

Com misterioso domínio, aproximou-se das janelas, e o primeiro pensamento de Vin foi tirar Marie-Terese do quarto. Infelizmente, a distância entre as janelas panorâmicas e a porta aberta era o suficientemente curta para que Devina pudesse atravessá-la facilmente... e a cadela estava olhando um vidro, o que lhe proporcionava uma forma efetiva de ter olhos na nuca.

—Não pode rescindir o pacto, Vin. Não funciona assim.

—É uma merda que não posso.

Devina se voltou e foi para a cama a passo lento. Inclinando-se, levantou os boxers dele, e observou a colcha enrugada e os travesseiros jogados por toda parte.

—Desordenado, desordenado. Você gostaria de me contar o que lhe fez exatamente, Vin? Ou devo usar a imaginação? Ela tem tanta prática, que estou segura que não teve problemas para te satisfazer.

Deliberadamente Devina arrumou um dos travesseiros, voltando-o para o lugar que lhe correspondia, contra a cabeceira da cama. Aproveitando sua fugaz distração, Vin empurrou Marie-Terese para trás, meteu-a no banheiro e fechou a porta com força. Quando imediatamente se ouviu o ruído do ferrolho correndo, respirou fundo, apesar de que era bastante evidente que Devina não teria problemas em atravessar o melhor dos famosos ferrolhos Schlage.

Devina levantou suas negras órbitas.

—Dá-se conta de que se eu quisesse entrar ali, poderia fazê-lo.

—Teria que passar sobre mim primeiro. E de alguma forma não acredito que possa fazer isso, ou sim? Se tivesse a intenção de me matar ou a ela, agora mesmo, haveria-o feito no segundo em que entrou aqui.

—Continue dizendo isso se o faz se sentir melhor. —Inclinando-se para frente, tomou algo de entre a colcha retorcida— Bom, bom quem diria? Acredito que tenho...

Devina se congelou na metade da oração e girou a cabeça de forma tal que ficou olhando para a janela. Abruptamente, suas sobrancelhas se torceram para baixo sobre os poços negros que tinha como olhos, e as feições de seu rosto sofreram uma breve transformação, deixando ver uma visão do qual ele tinha visto anteriormente de seu verdadeiro aspecto: durante meio segundo toda sua magnífica beleza foi substituída com farrapos de pele putrefata e cinza, e poderia ter jurado que captou uma baforada de aroma de carne morta.

Merda, talvez devesse tê-lo atemorizado, mas sabia por experiência que o enigmático e o inexplicável não eram menos reais por ser extravagantes. E o que era mais importante, Marie-Terese estava do outro lado dessa magra porta, e ele ia lutar até a morte para proteger sua mulher... sem importar que diabos viesse buscá-la

Humana... demônio... uma combinação de ambos. As definições não importavam.

Devina voltou a olhá-lo. Deslizando algo dentro do bolso de seu casaco, disse-lhe, com uma estranha voz que fazia eco:

—Verei a ambos muito em breve. Tenho negócios para atender em outra parte.

—Vai fazer uma cirurgia facial? —perguntou-lhe ele.

—Boa piada.

Com um grito, como se quisesse lhe arrancar os olhos com as unhas, dissolveu-se em uma névoa cinza e saiu sigilosamente do dormitório, fervendo ao longo do tapete e escada abaixo.

Vin deu um salto para frente, fechou a porta do dormitório de um golpe, e lhe passou o ferrolho, embora tivesse a sensação de que com a forma que tinha adotado poderia simplesmente passar como uma rajada por debaixo da porta. Seja como for, de todos os modos era o melhor que podia fazer.

Voltou diretamente para o banheiro e bateu na porta.

—Foi embora, mas não sei por quanto...

Marie-Terese abriu a porta de um puxão. Estava mortalmente pálida e assustada, mas suas primeiras palavras foram:

—Está bem?

Foi nesse momento quando soube que a amava. Assim simples e singelo.

Entretanto, agora não havia tempo para falar desse tipo de merda.

Vin a beijou rapidamente.

—Quero você fora deste lugar. No caso dela retornar.

E assim que Marie-Terese estivesse a salvo, ia chamar Jim. Precisava de um verdadeiro homem de confiança, e não podia pensar em alguém melhor que em um filho da puta que já tinha vencido a morte uma vez e não parecia assustar-se ante a merda que teria feito a maioria dos tipos se cagassem em seus Calvins⁵³.

De súbito, ela cambaleou.

—Acredito... acredito que vou desmaiar...

—Baixa a cabeça... vamos, sente-se... —Apoiou sua mão sobre o ombro nu dela e pressionou gentilmente para que se sentasse sobre o chão. Logo a ajudou a inclinar-se até que seu comprido cabelo tocou o mármore e ela apoiou as mãos em seus tornozelos.

—Respira tranquila e devagar.

Enquanto ela inalava algumas vezes e seu corpo se estremecia, ele sentia desejos de arrancar a própria pele dos ossos. Maldito fosse, era pior que seu ex-marido. Muito mais destrutivo.

Embora tivesse o coração no lugar correto pela primeira vez em sua vida adulta, tinha-a exposto a algo muito mais horripilante que qualquer coisa que a máfia pudesse tirar do bolso traseiro.

E não se tratava que esse grupo que mandava as pessoas dormirem-com-os peixes fossem um bando de maricas.

Marie-Terese lhe lançou uma olhada.

—Seus olhos... Que demônios acabo de ver?

⁵³ Calvins de Calvin Klein: marca de roupas que faz sucesso com o anúncio de suas cuecas. Então nessa frase Calvins = cuecas. Foto de um dos anúncios: <http://www.marieclaire.com/media/cm/marieclaire/images/calvin%20klein.jpg>

—Vin! Ei, Vin?

Ante o som do grito afogado, Vin apareceu entre o umbral da porta e gritou:

—Jim?

—Sim —se ouviu a resposta— Estou aqui com reforços, por dizê-lo de algum modo.

—Nesse caso, sobe.

Isto era perfeito. Havia uma saída traseira no segundo andar e podiam tirar Marie-Terese dali... e não seria grandioso fazê-lo com algum tipo de cobertura?

—Vou correr até o outro quarto para vestir alguma roupa —lhe disse— O que acha de você também se vestir?

Quando assentiu, beijou-a, reuniu a roupa dela, a entregou e logo fechou a porta do dormitório em seu caminho para fora.

Enquanto umas pesadas botas iam subindo as escadas, Vin entrou em seu quarto, vestiu calças esportivas, e pegou sua arma da mesinha de noite... e durante todo esse tempo conservou a endemoniada esperança de que os reforços fossem do estilo de Jim.

E o que lhes parece? Eram-no. Os dois imponentes bastardos eram os mesmos que tinham estado no hospital depois de Jim ter sido eletrocutado... e apesar do fato de que os dois estavam vestido de civil, tinham expressão de combatentes.

Jim, por outro lado, tinha o olhar vidrado e vazio de alguém que tinha participado de um mau acidente de trânsito. Era evidente que recentemente tinha recebido más notícias, e ainda assim sua voz continuava sendo forte e nivelada quando ao assinalar ao primeiro da direita, disse:

—Este é Adrian. E aquele é Eddie. São nossos tipos de amigos, se entende a que me refiro.

Fodidos obrigado por isso, pensou Vin.

—Seu senso de oportunidade não poderia ser melhor —disse enquanto lhes estreitava as mãos— Não acreditarão quem acaba de sair.

—OH, aposto que sim o faremos. —murmurou Jim.

—Assim tenho algumas perguntas que fazer a você. —disse o que tinha os piercings— Conhecemos sua namorada. E infelizmente a conhecemos muito bem.

—Ela não é minha namorada.

—Bom, infelizmente ela não saiu de sua vida ainda. Mas tentaremos nos ocupar disso. Nosso garoto Jim, diz que quando tinha dezessete, fez algum tipo de ritual. Poderia descrevê-lo?

—Achava que me liberaria do que há em meu interior.

Naturalmente Marie-Terese escolheu esse momento para abrir a porta do quarto de hóspedes. Estava vestida com jeans e um suéter, levava o cabelo recolhido e tinha as mãos metidas nos bolsos dianteiros de seu pulôver.

—O que há em seu interior? —perguntou.

Vin esfregou o rosto e olhou os homens. Antes que pudesse calcular como mascarar a verdade de forma apropriada, Marie-Terese cortou sua ginástica mental.

—Quero saber de tudo, Vin. Todo o assunto. E agora que a vi de perto, mereço saber... por que, francamente não estou muito segura do que acabo de ver.

Merda. Por mais que desejasse mantê-la separada dos fatos, era difícil negar sua linha de

raciocínio. Mas, merda, desejaria como o demônio não ver-se obrigado a manter esta conversa.

—Cavalheiros, nos deixariam uns minutos a sós? —disse sem afastar os olhos dos dela.

—Tem cerveja por aqui? —perguntou Adrian.

—No refrigerador que há junto ao bar da sala de estar. Jim conhece o caminho.

—Que bom. Porque é ele quem a necessita. Vocês dois desçam quando estiverem preparados... e não se preocupem, asseguraremos que Devina não volte a entrar aqui. Presumo que tem sal na cozinha?

—Ah, sim. —Olhou-o com o cenho franzido— Mas para que necessita...?

—Onde o guarda?

Depois de encolher de ombros deu indicações ao tipo de onde podia encontrar a despensa que continha os mantimentos secos, o homem voltou para as escadas, e Vin guiou Marie-Tereze para a cama. Entretanto ele não podia ficar quieto, assim começou a passear ao redor.

Dirigindo-se para as janelas panorâmicas, perguntou-se por que a vida o tinha levado até este ponto. Perguntou-se por que tinha começado onde o tinha feito. Perguntou-se... como iam terminar as coisas para ele.

Olhando para a estrada que corria junto ao rio e vendo os carros viajando dentro das pistas indicadas, invejou as pessoas que havia atrás desses volantes e aos que iam no assento de acompanhante. Era seguro apostar que a grande maioria deles estava fazendo a merda habitual, coisas como ir para casa, dirigir-se para ver um filme ou lutar com importantes decisões como o que iam jantar essa noite.

—Vin? Fale comigo. Prometo que não o julgarei.

Clareou garganta, e teve a esperança de que fosse verdade como o inferno.

—Existe a possibilidade de acreditar em... —bom, e agora? Como ia terminar essa oração? Enumerando um montão de merda como tabuleiros da Ouija⁵⁴, cartas de tarô, magia negra, vodu, e... demônios... sobretudo os demônios? Genial. Fabuloso.

Ela quebrou o silêncio que ele não se animava a encher.

—Refere-se a seus episódios?

Ele se esfregou o rosto.

—Escuta, o que estou a ponto de dizer não vai soar real... merda, nem sequer vai parecer algo plausível. Mas por favor prometa não ir até que termine? Sem importar quão estranho fique?

Continuou olhando o panorama porque não desejava que ela visse a debilidade que sabia que denotava seu rosto, e ao menos sua voz soava medianamente normal.

A cabeceira da cama rangeu, indicando que ela se pôs mais cômoda sobre o colchão.

—Não vou a nenhum lugar. Prometo.

Outra razão para amá-la. Como se precisasse de alguma!

Vin respirou fundo e lançou a si mesmo sobre o abismo proverbial.

—Quando era jovem, tende a pensar que qualquer coisa que ocorra com você, a seu redor... ou dentro de você, é normal. Porque não conhece outra coisa. Não foi até que fiz cinco anos e fui

⁵⁴ O **Tabuleiro Ouija** ou **Tábua Ouija** é qualquer superfície plana com letras, números ou outros símbolos em que se coloca um indicador móvel, utilizada supostamente para comunicação com espíritos

ao jardim de infância que descobri, da maneira mais difícil, que os outros meninos não podiam dobrar garfos sem tocá-los nem deter a chuva em seus pátios nem saber o que ia ter que jantar sem falar com suas mães. Olhe, meus pais não podiam fazer nada do que eu fazia, mas de todas as formas eu me sentia absolutamente diferente deles, assim não pensei que fosse estranho. Simplesmente pensei que não eram iguais a mim porque eram pais e não crianças.

Ele recusava a entrar em detalhes a respeito das várias formas como se deu conta de que não era igual às outras crianças... e o que essas pequenas merdas o haviam feito ser castigado por ser diferente normal: os detalhes de como tinha sido espancado regularmente por grupos de meninos ou de como as meninas tinham zombado e rido dele não iam mudar o fato de que ela fosse ou não entendê-lo ou acreditar nele. Além disso, a lástima sempre lhe tinha dado urticária.

—Aprendi endemoniadamente rápido a manter a boca fechada a respeito do que podia fazer, e não era difícil escondê-lo. A essa altura, basicamente só podia fazer truques de salão, nada que se interpunha no caminho da vida, mas isso mudou quando completei onze e comecei a experimentar essa merda de cair de traseiro e começar a balbuciar. Esse era um grande problema. Acontecia em qualquer momento e em qualquer lugar. Eu não podia controlá-lo, e em vez de conseguir aplacá-lo ao crescer, como aconteceu com a manipulação e a clarividência em baixa escala, isto piorava cada vez mais.

—Tinha um dom. —disse ela, bastante assombrada.

Ele a olhou por cima de seu ombro. A maior parte da cor tinha voltado para seu rosto, que era mais do que poderia ter esperado, mas não estava de acordo com sua afirmação.

—Eu o via como uma maldição. —Retornou a sua contemplação das fileiras de diminutos carros que estavam muito, muito abaixo. —Ao crescer, tornei-me cada vez maior e mais forte, assim que a perseguição já não era um problema tão importante, mas os episódios não pararam, e cada vez me sentia mais frustrado já que me sentia como um fenômeno. Ao final, decidi que tinha que falar com alguém, assim fui ver esta psíquica do centro da cidade. Senti-me como um fodido idiota, mas estava desesperado. Ela me ajudou e me disse o que tinha que fazer, e apesar de não acreditar no que me disse, fui para casa e fiz o que tinha me indicado... e tudo mudou.

—Deixou de ter os ataques?

—Sim.

—Então por que retornaram agora?

—Não sei. —E tampouco sabia por que tinham começado.

—Vin? —quando olhou para trás, ela aplaudiu a cama a seu lado— Venha se sentar. Por favor.

Depois de examinar seu rosto e não ver nada exceto a calidez e empatia, aproximou-se e depositou o traseiro a seu lado, no colchão. Quando apoiou os punhos sobre o edredom e se inclinou com os ombros encurvados, lhe pôs a mão brandamente sobre as costas e começou a acariciá-lo desenhando lentamente um círculo.

De seu contato extraiu uma incrível reserva de força.

—Depois que cessaram os ataques, tudo foi diferente. E muito pouco tempo depois disso meus pais morreram acidentalmente de uma forma desconexa e singular... o qual não me

surpreendeu realmente, porque eram tão violentos um com o outro, que só era questão de tempo. Logo que se foram, deixei os estudos e fui trabalhar para o chefe de meu pai como assistente de bombeiro. Para esse então já tinha completado os dezoito, assim podia trabalhar legalmente e me fiz a promessa de aprender tudo. E assim foi como terminei me convertendo em empreiteiro. Nunca tirei férias, nunca olhei para trás e desde esse dia então a vida foi... —Que curioso, uns dias atrás haveria dito grandiosa—. Desde esse dia então minha vida aparentou ser, para o observador externo, realmente boa.

Mas estava começando a pensar que tudo o que havia feito era pôr uma capa de pintura brilhante e bonita sobre um celeiro que estava vindo abaixo. Alguma vez tinha sido feliz, não tinha obtido alegrias do dinheiro que ganhava... tinha decepcionado pessoas honestas e violado incontáveis acres de terra, e para que? Tudo o que havia feito tinha sido alimentar a tência solitária que se alojava em suas tripas e o impulsionava. Nada disso o tinha nutrido.

Marie-Terese tomou sua mão.

—Então... quem é essa mulher? O que é?

—Ela é... não sei como responder a nenhuma dessas perguntas. Talvez esses dois tipos que vieram com o Jim possam fazê-lo. —Jogou uma olhada para a porta e logo a Marie-Terese— Não quero que pense que sou uma excentricidade. Mas não a culparei se o fizer.

Enquanto deixava cair a cabeça, pela primeira vez em muito, muito tempo desejou desesperadamente ser outra pessoa.

Quando se tratava de explicar algo, as palavras eram melhor que o silêncio, mas isso não tirava que em algumas situações pudessem resultar insuficientes.

Esta era uma dessas ocasiões, pensou Marie-Terese.

Em sua vida, coisas como as quais tinha mencionado Vin ocorriam nos filmes ou nos livros... eram sussurradas quando tinha treze anos e tinha ido a uma festa de pijama com suas amigas... ou eram mentiras anunciadas na parte traseira das revistas baratas. Não eram parte do mundo real, e sua mente estava lutando para adaptar-se.

O problema era que, tinha visto o que tinha visto: uma mulher com poços negros em lugar de olhos e um aura que parecia viciar o mesmo ar que a rodeava; Vin derrubar-se e começar a pronunciar palavras que não parecia ouvir; e agora... um homem orgulhoso, com a cabeça encurvada de vergonha por algo que não era nem sua culpa nem seu desejo.

Marie-Terese continuou lhe acariciando os ombros, desejando poder fazer algo mais para tranquilizá-lo.

—Eu não... —deixou a oração sem terminar.

Seus reservados olhos cinza se fixaram nos dela.

—Não tem nem idéia do que fazer comigo, verdade?

Bom, sim... mas não estava disposta a expressar esse pensamento com palavras por medo de que pudesse interpretá-lo mau.

—Está bem. —disse ele, estendendo a mão e apertando a dela antes de levantar-se da cama—Acredite em mim, não a culpo no mais mínimo.

—O que posso fazer para ajudar? —perguntou enquanto ele passeava pelo quarto.

Olhou-a da janela.

—Saia da cidade. E talvez não devêssemos nos ver mais. Bem poderia ser mais seguro para você e neste momento isso é a única coisa que me importa. Não vou deixar que ela a pegue. Sem importar o que tenha que fazer. Ela não vai aproximar-se de você.

Ao olhar seu rosto, sentiu uma agitação no profundo de seu ser ao dar-se conta que ele era seu conto de fadas feito realidade. De pé ante ela, estava disposto a lutar por ela, em qualquer campo de batalha em que se livrasse a guerra... estava preparado para aceitar as feridas e para fazer sacrifícios por ela... era o caçador de dragões que tinha estado procurando quando era mais jovem e que tinha perdido a esperança de encontrar ao ir crescendo.

E igualmente importante, quando lhe teria resultado muito mais fácil acreditar nas mentiras que a mulher havia dito, quando podia ter escutado essa mentira absoluta que Devina tramou a respeito de que ela tinha estado com Jim, ele tinha escolhido pensar bem dela, em vez de mau. Tinha tido fé nela, e tinha acreditado, apesar do passado dela e do seu próprio.

As lágrimas ardiam em seus olhos.

—Olhe, devo descer a falar com eles —disse ele bruscamente— Talvez queira ir.

Ela negou com a cabeça e ficou de pé, pensando que dois podiam jogar o jogo do cavaleiro-da-brilhante-armadura.

—Ficarei, se não se importar. E não acredito que seja uma excentricidade. Acredito que é... —tentou escolher as palavras adequadas— Está bem exatamente como é. Mais que bem... é um homem maravilhoso e um grande amante e simplesmente... eu gosto. —Sacudiu a cabeça— Não mudaria nada em você e tampouco tenho medo de você. A única coisa que teria gostado de mudar... é o fato de não tê-lo conhecido anos e anos antes. Mas isso é tudo.

Houve um comprido silêncio.

—Obrigado. —disse ele com voz rouca.

Ela se aproximou dele, e enquanto o abraçava, murmurou:

—Não tem que me agradecer. É o que sinto.

—Não, é um presente. —disse entre seu cabelo— Sempre deveríamos agradecer à pessoa que nos dá algo insubstituível, e para mim... a aceitação é o maior valor que possa me oferecer alguma vez.

Enquanto ela se afogava contra seu peito, ele pronunciou duas pequenas palavras:

—Amo você.

Os olhos de Marie-Terese saíram das órbitas, mas ele se afastou e levantou a mão evitando que começasse a gaguejar.

—Isso é o que sinto. Essa é a situação em que eu estou. E não espero nenhum tipo de resposta. Só queria que soubesse. —Assinalou a porta com um gesto da cabeça—. Vamos descer para encarar a música.

Quando ela vacilou, deu-lhe um suave puxão.

—Vamos.

Depois de beijá-la, ela permitiu que a guiasse fora do quarto. E tomando em consideração a forma em que lhe dava voltas a cabeça, impressionou-a que seu sentido do equilíbrio fosse o

suficientemente bom para poder descer as escadas e entrar na sala de estar sem cair de bruços.

Inclusive quando se uniram aos outros, sentia-se como se devesse lhe dar alguma resposta, qualquer coisa, mas honestamente ele não parecia estar esperando que lhe dissesse que era um sentimento recíproco, nem sequer parecia esperar para saber essa informação.

E isso de certa forma estranha fazia que se sentisse respeitada... provavelmente devido que significava que era um presente que lhe brindava de forma incondicional.

Obviamente os homens tinham encontrado a cerveja, já que todos tinham garrafas nas mãos, e Jim apresentou aos dois homens que o acompanhavam. Por alguma razão, confiava em todos eles... o qual era bastante incomum dada a forma em que se sentia habitualmente quando estava em companhia de membros do sexo oposto grandes e musculosos.

Antes que qualquer um deles pudesse falar, disse em voz alta e clara:

—Que infernos é ela? E o quanto preocupada eu deveria estar?

Todos os homens a olharam fixamente como se lhe tivessem crescido duas cabeças.

Eddie, se é que tinha ouvido bem o nome, foi o primeiro a recuperar-se. Inclinou-se para frente e pôs os cotovelos sobre seus joelhos cobertos por jeans. Depois de um momento de reflexão, simplesmente deu de ombros, como se houvesse tentando encontrar a forma de adoçar as coisas e tivesse decidido dar-se por vencido e esquecer a mentira.

—Um demônio. E muito preocupada é pouco.

Capítulo 35

Vin estava totalmente impressionado por sua mulher. Tendo acabado de passar por um abominável e assustador Bem-vindo-ao-mundo-não-real, e depois ter atingida com uma eu-te-amo-bomba, ela estava segurando suas bases, encarando Eddie fixamente com olhos inteligentes enquanto ela absorvia sua resposta.

— Um demônio. — Ela repetiu.

Enquanto Eddie e Adrian assentiam em harmonia, Jim simplesmente tomou um assento no sofá, colocou sua garrafa de cerveja gelada em seu rosto inchado e se reclinou nas costas do remendado sofá. O suspiro ondulado, que saiu da sua boca, parecia sugerir que o novo machucado que ele estava ostentando, parecia mal, doía mais.

Apenas Deus sabia como ele tinha — Oh, espere, as articulações dos dedos de Adrian estavam machucados.

— O que isso significa? — Ela disse.

A voz de Eddie estava nivelada e razoável.

— Sua concepção comum de um, é longamente mais preciso no caso dela. Ela é uma má entidade que toma a vida, e depois a alma das pessoas. Ela trabalha para a destruição e está atrás de Vin. Qualquer coisa, ou qualquer um que fique em seu caminho está imediatamente em perigo.

— Mas porque Vin? — Ela olhou através do caminho. — Porque você?

Vin abriu sua boca e nada saiu.

— Eu... Eu realmente não tenho idéia.

Eddie andou ao redor, indo da estante de livros ao espelho arruinado.

— Você disse que foi a um psíquico que deu a você um ritual para exercitar. O que você fez para chamá-la para você?

— Mas esse é o ponto. — Vin disse. — Eu não a chamei de jeito nenhum. Eu estava tentando me livrar das visões. Isso foi tudo.

— Você fez alguma coisa.

— Não fui voluntário a essa merda, eu asseguro você.

Eddie assentiu e olhou sobre seu ombro.

— Eu acredito em você. O problema é, eu tenho certeza que armaram para você. Eu não sei o que disseram a você, exatamente, mas eu aposto que não é sobre se livrar dos transe. O negócio é, para Devina poder trabalhar, você tem que dar a ela um jeito de entrar. — Eddie focou em Marie-Terese. — Então nesse caso, eu estou achando que o que ele disse a você, o abriu e Devina tomou vantagem nisso.

— Então ela não está presa às visões dele?

— Não. Ela pode eclipsá-las enquanto ela se segure forte a ele. — Mas ele provavelmente as estará tendo de novo, porque o laço está enfraquecendo um pouco. Quanto a, porque ele? Pense sobre... O metafísico equivalente a um acidente de carro. Vin estava no lugar errado na hora errada, graças a algum péssimo conselho. — Eddie encontrou os olhos de Vin. — Essa psíquica, — Como você a achou? Ela tem algum tipo de vingança contra você?

Então as visões iriam voltar. Ótimo.

— Ah, eu nem conhecia ela. — Vin deu de ombros. — Ela era só uma mulher do centro da cidade, que eu fui por acaso.

Eddie pareceu estremecer, — Como se Vin tivesse acabado de dizer que o cara tinha de ter o colón operado por um encanador.

— Sim, certo... E o que ela disse a você?

Vin perambulou ao redor, mãos nos quadris. A noite que ele tinha subido as escadas e se trancado no seu velho quarto, voltou a ele, — E o que ele lembrou de ter feito, não era exatamente algo que ele se sentia confortável dividindo em tão diferente companhia.

Eddie pareceu ter entendido aquilo.

— Tudo certo, nós voltaremos a isso. Onde você fez?

— No meu quarto. Na casa da minha família. — Espera, espera, segura essa merda um pouco aqui... Eu sou responsável por tudo isso? — Vin esfregou seu peito, o esmagante peso sobre seu coração estava fazendo difícil de respirar. Se eu não tivesse ido a ela, eu não teria... Vivido essa vida minha ao final?

O silêncio era a resposta, não era?

— Oh,... Foda-me — E então ele começou a entender. Devina tinha dito que ela tinha dado tudo a ele... Isso significava que ela tinha tirado coisas dele também? — Oh, meu Deus... Até as mortes? Você está dizendo... Eu sou a causa das mortes, também?

— Que mortes?

— Dos meus pais. Eles morreram uma semana mais ou menos depois.

Eddie olhou a Adrian.

— Isso depende.

— Se eu alguma vez os desejei eles mortos?

— Você desejou?

Vin olhou Marie-Tereze, e esperou que enquanto ele respondia, ela visse o arrependimento nos olhos dele. Merda, seus pais tinham sido horríveis um com o outro, e piores com ela, mas isso não significava que ele queria ser a causa de suas mortes.

— Tinha duas coisas que eu queria quando era mais novo. — Ele disse duramente. — Eu queria ser rico, e eu queria estar livre do reino de terror deles.

— Como eles morreram? — Eddie perguntou calmamente, como se ele soubesse, que esse fosse um assunto difícil.

— Depois que eu... O que eu fiz no meu quarto, eu apenas continuei com a vida normalmente, você sabe? Escola, — Bem, Escola de certo modo, porque eu faltava muito. Eu nunca achei que serviria, e então eu realmente não pensei sobre isso. Não foi até eu perceber que eu não tinha desmoronado em uma semana que eu comecei a me perguntar se tinha arrumado o que estava errado comigo.

Vin se moveu para olhar a vista, mas ao invés, ele acabou olhando uma mancha no carpete. Tinha sido feito por uma garrafa quebrada de Bourbon, e a escura marca redonda era do tipo que nenhum limpador de tapete poderia tirar.

— Eu lembro de vir para casa do turno do trabalho do meu pai, o que eu estava acostumado a fazer quando ele estava muito fodidamente bêbado para ficar em pé. Era em volta de meia noite. Eu pus minha mão na maçaneta da porta, e olhei para a lua cheia e eu estava preocupado enquanto contava os dias que tinham passado. Eu estava como, Humm, eu não deveria estar bem agora? E depois eu entrei na casa e encontrei os dois cobertos de sangue no fim da escada. Os dois estavam mortos, — E tinha sido provavelmente porque um deles puxou o outro, e eles rolaram juntos.

— Você não é o problema aqui, — Eddie interrompeu.

Vin apoiou sua mão na janela e abaixou sua cabeça.

— Foda-me.

Por nenhuma boa razão, e provavelmente porque era a única coisa capaz de fazê-lo se sentir pior do que ele se sentia no momento, ele pensou num sanduíche de pasta de amendoim com geléia. Um específico. O único feito pelo seu pai.

Os dois tinham voltado tarde de um trabalho, e não tinha jantar na mesa. O que fazia sentido, porque a única pessoa que poderia ter feito estava desmaiada no sofá com um cigarro que já tinha queimado até as cinzas na sua mão.

Seu pai tinha seguido para a cerveja na geladeira, mas tinha quebrado a tradição pegando pão, geléia e pasta de amendoim no caminho. Ele acendeu um cigarro, separou quatro fatias,

passou a geléia de morango, e depois a pasta. Depois de dar uma prensada, ele ofereceu um sanduíche a Vin, e saiu da cozinha.

Tinha tido impressões pretas de dedo no pão branco por que seu pai não tinha lavado as mãos.

Vin tinha jogado o sanduíche na lixeira, usou a pia e sabão, e fez um limpo para ele.

Por alguma razão, ele se arrependia de não ter comido a maldita coisa.

— O que você fez? — Eddie perguntou. — Qual foi o ritual?

— A psíquica me disse... — Vin ricocheteou de volta no tempo.

Depois de ter desmoronado na frente da escola em uma fodida melhora de energias, ele tinha. — E tinha ido ao jornal procurando por psíquicos, porque ele se perguntava se eles viam o futuro como ele tinha feito, e depois se eles sabiam como infernos parar de ver coisas antes delas acontecerem.

Sábado de manhã ele pegou sua bicicleta e pedalou todo o caminho a frente do rio, a um grupo de fachadas com néons baratos que diziam coisas como,

— Tarô Aqui. Leitura de Astrologia, e 100% Preciso! \$15!.

Ele tinha entrado na primeira porta que tinha uma mão com um círculo, mas tinha tido uma linha. Então ele tinha ido a próxima porta, e a achou trancada. A terceira era um encanto.

Dentro, o escuro lugar tinha cheirado como alguma coisa que ele não pode reconhecer. Sombrio. Picante. Mais tarde, ele aprendeu que era sexo de gente grande, sem regras.

A mulher tinha vindo detrás de uma cortina cheia de contas, e ela estava vestida em preto, com cabelo preto, e delineador preto, — Mas ao invés de uma túnica e peruca e olhos enrugados, ela estava com um macacão, e parecia com algo saído da Playboy.

Ele a quis. E ela sabia.

Enquanto o eco de conhecê-la ondeava sobre ele, ele se sacudiu e voltou para o presente.

— Eu disse a ela o que eu queria, e ela pareceu entender imediatamente. Ela me deu uma vela preta, e disse para eu ir para casa e derreter no fogão. Quando estivesse líquida, eu teria que puxar o pavio, e o por de lado, então. — Ele olhou a Marie-Tereze, e desejou como o inferno ter outra história para contar. — Então eu deveria cortar um pedaço do meu cabelo, e colocar com um pouco de sangue... E ah... Algo mais... — Vin não era o tipo de cara que media as palavras ou gaguejava. Mas admitir para um bando de louco e a mulher que ele queria em sua vida, que se masturbar era parte do trato, não era algo que ele estava com pressa em contar.

— Sim, certo. — Eddie disse, salvando seu traseiro. — Então o que?

— Então eu devia esfriar a cera, reformar com o pavio, e ir para cima. Ficar pelado. Desenhar um círculo com sal. Ah... — Ele franziu o cenho. Estranho, a primeira parte estava tão clara, precisamente o que ele fez depois não estava.

— É confuso a partir disso... Eu acho que me cortei de novo, e pinguei meu sangue no centro do círculo. Eu deitei, acendi a vela. Disse algumas palavras. — Eu não consigo lembra quais eram exatamente. Algo como... Eu não sei, chamar coisas para elevar a carga, ou alguma merda.

— O que era na verdade besteira. — Eddie disse em tom duro. — Mas então, o que aconteceu?

— Eu não... Eu não consigo lembrar exatamente. Eu acho que dormi ou algo parecido, porque eu acordei uma hora depois.

Eddie balançou sua cabeça, desgostoso.

— Sim, isso é um ritual de possessão. A vela que ela deu a você tinha partes dela, você adicionou sua metade, e assim é como a porta foi aberta.

— Você está dizendo... Essa era Devina?

— Ela vem em muitas formas. Homem, mulher. Ela pode ser um adulto, uma criança.

Adrian entrou na conversa.

— Nós não achamos que ela vire animais ou objetos inanimados. Mas a vadia tem truques. Muito tempo. Existe alguma chance de nós termos acesso a essa casa. Ou nós vamos ter que invadir?

— Na verdade, ela me pertence.

Os dois homens respiraram profundamente.

— Bom. — Eddie disse. — Nós vamos precisar ir até lá tentar tirar ela de você. Nós teremos uma chance melhor de sucesso, se voltarmos ao lugar em que o ritual foi feito.

— Nós também vamos precisar pegar o seu anel de volta. — Adrian adicionou.

— O diamante? — Vin perguntou? — Por quê?

— Isso é parte do ato. Jim disse que acha que era feito em platina?

— Claro que era.

— Bom ai vai. Metal nobre, e um presente seu para ela.

— Mas eu não dei para ela. Ela achou.

— Você comprou para ela. Os seus sentimentos e pensamentos, são entalhados no metal. A intenção é transformativa.

Vin abaixou suas mãos, e parou. Suas duas mãos deixaram impressões no liso, frio vidro, e ele assistiu elas sumirem.

— Você disse que ela rouba almas. Isso significa que ela vai querer me matar?

A voz de Eddie era baixa.

— Mas nós podemos tentar parar isso.

Vin se virou, e olhou Marie-Tereze. Ela estava amortecida enquanto se inclinava contra o arco da sala, e ele foi para ela, pegando-a nos braços. Enquanto eles se abraçavam, ele estava surpreso e grato mais uma vez por ela o aceitar... Mesmo depois de outra casca de cebola ter sido arrancada.

— O que nós podemos fazer para manter Marie-Tereze a salvo? — Ele perguntou.

— Tem alguma coisa que ela pode fazer para se proteger? Porque Devina saiu daqui depois de nos ver juntos.

Enquanto os rapazes consideravam suas respostas, seus olhos se encontraram e se concentraram em Eddie.

— Eu estou saindo da cidade hoje a noite, —Por razões diferentes dessa. Isso ira ajudar? E tem algum tipo de... Ahh, Feitiços, Ou...?

A hesitação falou volumes sobre a desconfiança dela e sua resignação, que toda aquela merda estranha tinha acabado de por —real— na realidade dela.

Eddie encontrou seus olhos encarando-o com a cabeça alta.

Devina pode estar em qualquer lugar e ser qualquer um, então a resposta para manter você salva, é libertando Vin, — Nós a tiramos de Vin, e por definição, você está fora do radar dela, porque você não é o que ela quer ou clamou. Ela tem olhos apenas para Vin. — E qualquer coisa que o afaste dela.

Adrian amaldiçoou.

A vadia só se preocupa com as pessoas que ela põe seu nome. É uma das poucas virtudes dela.

— Talvez a única. — Eddie terminou.

— Então vamos fazer. — Vin cortou. — Agora. Vamos para a casa, e tomar conta disso, porque Devina saiu com pressa que só Deus sabe por quê. Eu não quero ela voltando aqui e. —

— Ela vai estar presa por um tempo. Confie em mim.

Através do caminho, Adrian sorriu como um filho da puta. gaveta

— Ela odeia bagunça, e eu sou fodidamente bom em fazê-las nas suas gavetas.

Vin franziu o cenho.

— Olha a boca.

— Não, não esse tipo de... Você sabe... — Adrian levantou as duas mãos. — Eu quero dizer gavetas de penteadeira.

— Vin devolveu seu brinco? — Jim disse abruptamente a Marie-Tereze. — A argola que você perdeu fora do Iron Mask.

— Como você soube que eu... — Marie-Tereze franziu o cenho. — Bem, sim, ele devolveu.

— Então onde está?

As mãos dela foram para sua orelha.

— Oh... Não. Eu perdi aquela coisa de novo.

E ela usava quando ela entrou no Duplex, Vin lembrou.

— A cama, — Ele disse numa onda de temor. — Lá em cima. Na cama. — Devina pegou algo da cama. Maldição.

Enquanto Vin corria para cima com Marie-Tereze atrás dele, Jim deveria ir junto para ajudar, mas ele sentiu como se alguém tivesse passado uma Super-Cola, em seu traseiro no sofá.

Adrian abaixou sua cerveja, e cabeceou para eles.

— Se a Devina pegou um brinco de ouro dessa mulher, nós estamos longe da mudança.

Jim encostou sua cerveja em seu rosto, e deixou sua cabeça ficar frouxa no travesseiro atrás dele de novo. Fechar seus olhos era perigoso porque ele estava tonto, então ele manteve suas pálpebras o mais baixo possível, enquanto ainda era possível ver uma fenda perfeita, agora da bagunçada sala.

Homem, quebrar as coisas são muito mais fáceis do que limpá-las, não era?

— Ela era uma virgem, não era? — Ele disse brandamente. — A garota sobre o tubo?

— Sim.

— Parte do ritual.

Teve uma pausa.

— Sim.

Deus, e ele tinha pensado que o que ele tinha visto no serviço militar fosse feio. O que ele tinha descoberto essa tarde, de qualquer forma tinha sido absolutamente trágico: Uma garota nova como aquela deveria estar no shopping, ou algo parecido, mas não teria mais blocos de nota da escola, ou aulas de biologia, ou meninos para dançar com ela.

— O que vai acontecer com o corpo dela? Ele perguntou.

— Eu suponho que Devina irá se desfazer dele. Ela vai precisar fazer logo.

— Então toda vez que aquela vadia tem que deixar seu lugar, ela mata?

— Os selos duram por um período de tempo, ou até alguém que não ela, os quebra. Essa é a outra razão que eu não quis que você atravessasse aquela porta.

Ótimo. Agora ele tinha mais uma morte na consciência. — Porque certo como a merda, que ela iria proteger aquele espaço de novo.

Jim levou a garrafa a sua boca, e tomou um longo gole. Depois de engolir, ele disse:

— Qual era a grande coisa sobre aquele banheiro, de qualquer forma? Não tinha nada nele.

— Nada que você tenha visto.

Eddie começou a medir seus passos. A maioria das fotos e dos livros tinham sido colocados em ordem por semelhança, provando que Vin ou sua empregada tinha feito alguma limpeza. Mas nada parecia certo, e Jim estava parecendo uma mulher que tinha acabado de ter o seu cabelo feito no salão, bagunçado por um vento cortante: Não importava o que ela fazia para arrumar, não iria voltar ao que tinha sido antes.

Eddie alisou a espinha de uma coleção de livros, suas grandes mãos precisas e gentis nos seus movimentos.

—O banheiro é onde ela mantém seu espelho, o que é seu caminho de entrada e saída desse mundo. É também como ela se veste, e muda sua aparência. É a fonte de tudo que ela é, onde seu poder é concentrado.

— Porque nós não apenas quebramos o idiota então?

Jim demandou, se sentando reto.

— Foda-se isso, vocês são tão duros, porque vocês não fizeram isso anos atrás?

— Você o quebra e ele toma conta de você. — A voz de Eddie ficou apertada. — Ele pode capturar você se você o olhar, mesmo que você entrasse vendado e com uma marreta, no instante em que quebrar, os cacos iriam se tornar em milhares de portais, e sugariam você em pedaços, você podendo ou não ver a coisa.

Abruptamente Eddie se moveu para uma seção diferente da estante de livros, e voltou alinhando mais coisas.

— Ela vai ficar lívida porque quebramos o selo, e irritaram Adrian para atirar através daquela merda. Mais que isso, ela vai precisar mudar de endereço. Ela não vai querer deixar aquele espelho em um lugar comprometido.

— Mas porque ela estaria preocupada sobre onde está? Se nós não podemos quebrar a maldita coisa. Porque faz diferença?

— Bem, nós podemos quebrá-lo, — É apenas que quem fizer se sacrifica. Permanentemente. O pós vida, que ele recebe, não é o mesmo que você viu quando você foi conhecer os chefes. Nós retiramos o antecessor de Devina desse jeito, — Uma considerável perda para a equipe.

Missão suicida. Fantástico.

— Então que poder nós temos?

— Nós podemos prendê-la lá. É difícil de fazer, mas é possível.

Múltiplos passos vieram das escadas, e Adrian parou com as notícias.

— Nós não conseguimos achar o brinco, então nós temos que achar, que Devina o pegou.

Eddie balançou sua cabeça, como se outro tijolo tivesse sido colocada na carga que ele estava carregando nas costas.

— Maldição.

Enquanto Vin colocava um braço protetor em volta de Marie-Terese, Adrian foi pegar sua jaqueta.

— O negócio é esse... Marie-Terese, você precisa estar no ritual agora, e você não pode ir para casa rapidamente. Na a menos que você queira correr o risco dela seguir você, e comprometer o seu filho.

A mulher endureceu.

— Como... Como você sabe que eu tenho um filho? — Oh, espere, você esteve me verificando.

Adrian deu de ombros, e mentiu.

— Sim, assim mesmo. Você tem alguém para tomar conta do seu garotinho?

— Sim, eu tenho. E se ela não puder ficar, meu serviço vai encontrar alguém para aliviá-la.

— Bom, porque nós não poderíamos purificar sua casa, ou armar um perímetro sem dar a Devina uma dica de onde você mora, e eu não quero lutar com ela na frente do seu filho.

— Eu só preciso fazer uma ligação.

— Espere um segundo. — Vin cortou. — Porque nós não apenas cuidamos da parte que afeta Marie-Terese aqui e agora?

— Nós não temos o que precisamos para fazer isso, e como Eddie disse, tem uma melhor chance de sucesso se voltarmos ao lugar onde você abriu a porta para Devina. Primeiro tiraremos ela de você, — Depois se eu conseguir encontrar aquele brinco, nós faremos alguma coisa por Marie-Terese. A boa notícia é que o laço não é tão forte, e ela estará segura com a gente. Eu tenho certeza que você concorda — Nós não corremos riscos.

Evidentemente, Vin estava em dúvida com aquela, porque ele assentiu gravemente.

— Absolutamente não.

— Ligue para a sua babá agora, certo? — Enquanto a mulher pegava seu telefone, Adrian acenou a Jim.

— Você e Eddie vão fiscalizar o ritual na velha casa, mas eu ajudarei com as preparações antes de sair.

Jim franziu o cenho, se perguntando sobre o maxilar apertado do cara.

— Onde você vai estar?

— Eu vou pegar o fodido diamante e o brinco de volta.

— Eu não gosto de você fazendo isso sozinho.

Enquanto ele olhava para seu amigo, os olhos de Adrian se tornaram velhos. Positivamente velhos.

— Nós temos que usar todas as armas que temos. E vamos encarar, o que eu posso fazer com ela é uma das melhores que nós temos.

Sim, e quer apostar que não era um caso de dar a ela um tratamento de manicure e pedicure, Jim pensou.

Enquanto os detalhes eram arranjados para a batalha noturna, Jim sabia que tinha de pôr sua cabeça de volta no jogo. Essa adormecida e flutuante rotina tinha de parar, e não apenas porque eles iam encontrar com o inimigo. O caso era, até agora, ele tinha assumido aquela vida perpetua de —Anjos Caídos—, mas isso claramente não era o caso, — E se ele perdesse Eddie e Adrian antes de aprender mais do básico, ele estaria fodido.

Dez minutos depois, ele e os rapazes se encaminharam para o elevador do prédio, e saíram do Comodoro. O carro tinha sido deixado a menos de uma quadra, e a pequena caminhada pelo ar frio ajudou.

— Primeira parada, supermercado de Hannaford. — Adrian disse enquanto ficava atrás do volante de novo.

Jim e Eddie entraram na cabine, e Jim fechou a porta.

— Eu vou querer deixar Cachorro sair, se nós vamos ficar fora a noite toda.

— E eu deixei minha moto em sua casa, de qualquer jeito.

Adrian olhou o espelho lateral, e saiu do lugar onde estava estacionado.

Enquanto eles iam, Jim pensou sobre os dois caras com quem ele estava andando, e se perguntou sobre os truques que lêns tinham escondidos nas mangas. Aparte de evidentemente escolher quando e por quem eles eram vistos. E ser capaz de atravessar fechaduras e correntes de porta, — O que ele viu não apenas no depósito da Devina, mas também no Duplex de Vin. — Algo começou a fazê-lo entender.

Jim olhou do grande peito de Eddie a Adrian.

— Aquela noite, que nós três saímos juntos... Quinta à noite. Porque você apontou Devina para mim, como se você quisesse que eu dormisse com ela?

Adrian parou num sinal vermelho e deu uma olhada... Apenas para voltar a olhar para o para brisa em silêncio.

— Porque Adrian? — Menos pergunta, mais rosnado dessa vez.

A mão dele fez um lento círculo no volante.

— Eu disse a você. Eu não queria trabalhar com você.

Jim franziu o cenho.

— Você não me conhecia.

E eu não queria trabalhar com você e eu não gostava de você e eu sou um idiota. — Ele levantou um dedo, o sinal relativo a segurar a onda.

— Mas eu me desculpei. Lembra? — Jim se inclinou contra o assento.

— Você armou pra mim. Praticamente me deu a ela.

— Eu não a segui no estacionamento. Eu não dormi com ela—

— Eu não a teria visto se não fosse por você.

— Que infernos você está falando? Não tem jeito no inferno como que você teria perdido...

— Calem a boca. Os dois.

Eddie descruzou os braços como se estivesse preparado para terminar as coisas a força se precisasse.

— Águas passadas. Esqueça Jim.

Jim apertou os dentes. Homem, isso era como estar com Matthias no meio de tubarões. Até mesmo as pessoas que trabalham com você, quem supostamente estavam do mesmo lado que você, eram capazes de servir você de bandeja para o inimigo.

— Me diga algo, Eddie. — Jim perguntou.

— O que?

Aquela escala de ligação que você estava falando. O sexo é um dos meios de Devina se prender a alguém?

Quando teve apenas silêncio, ele disse.

— É. É sim.

— Sim. — Ele respondeu finalmente.

— Foda-se Adrian. — Jim disse alto e duro.

— Foda-se de verdade.

Adrian arrancou com o volante para a direita, apertou o freio, e entrou com o carro no parque. Enquanto as buzinas dos carros e pessoas gritavam e amaldiçoavam, o filho da mãe desceu do carro, com a expressão de uma cara que tinha uma barra de ferro na mão.

Ele abriu a porá de Jim.

— Saia e vamos resolver isso.

Jim disparou fora, acionado pela morte da garota inocente, o medo no rosto de Marie-Tereze, a agressividade que Adrian estava pondo para fora... E o fato de que ele tinha um demônio no meio de seus quadris, e que ele o dirigiu antes dos dois chegarem.

Estava tão pronto.

— Podem vocês dois, cabeças de vento não fazer isso em público.

Eddie gritou.

Sem chance disso. Os punhos de Jim estavam prontos para voar antes das botas dele baterem no chão, e Adrian estava posando para o muro.

— Eu disse que sinto muito. — Adrian disse.

— Você acha que eu gosto desse meu trabalho? Você acha que eu estava pronto para voltar como um fodido principiante?

Jim não se importou em falar. Ele apenas deu um passo e atrás e esmurrou o bastardo direto no maxilar, seus punhos fazendo contato num piscar de olhos. O impacto foi tão forte, que o crânio do anjo caído voou para trás, e mandou seu belo cabelo estilo Farrah Fawcett, com os cachos voando no vento.

— Esse é o pagamento por me derrubar no banheiro de Devina, filho da puta.

Jim disse.

— Agora eu vou trabalhar pela outra merda.

Adrian cuspiu sangue.

— Eu te derrubei para salvar seu traseiro, filho.

— Cai. Fora. Vovô.

A última palavra ninguém entendeu por um momento.

Adrian se defendeu, pegando Jim pelo meio, e o ergueu sobre um lado do carro. Assim o impacto bateu nele da orelha ao calcanhar, Jim deu de ombros pela dor, apesar da marca que ele tinha certeza que ele tinha deixado no painel do carro. Sem se mover um centímetro, segurou no cabelo de Adrian e deu uma testada no nariz do cara, e enquanto a coisa sangrava, sobre eles, a resposta de Ad, foi rápida — Ele retornou o insulto dando uma dura joelhada na virilha de Jim, ele agarrou suas bolas e engasgou.

Meeeeeeeeeeeeerda. Nada fazia um homem ver estrelas daquele jeito como ter suas partes baixas colidindo com sólidos ossos, e enquanto sua visão ondulava, sua barriga pensou seriamente de mandar a cerveja que ele tinha acabado de tomar na casa de Vin sobre a camiseta de Ad. Força de vontade, e apenas a força de vontade o fez superar e empurrar para o futuro a dor em seu pênis, pegando as panturrilhas de Ad, e desequilibrando-o sobre a grama.

Rolando, e rolando ao redor. Punhos voando. Grunhidos trocados. Lama para rodos os lados. A única coisa que os diferenciava de um par de animais, era o fato de eles estarem vestidos.

E a única coisa que os parou, foi Eddie pegando Jim pela nuca, e pela cintura do jeans, e o puxando para longe. Depois de Jim ter sido puxado da luta, e jogado de lado como um galho que tinha caído de uma árvore, ele deitou com o virado para baixo na terra marrom, seu corpo inteiro batendo como se tivesse saído de um comercial de comprimidos para dor de cabeça.

Ou em seu caso, Em todo o fodido corpo.

Respirando o ar frio cheirava a sangue sujo e fresco, ele estava machucado por toda parte e se sentia muito melhor ao mesmo tempo. Se apoiando nas suas costas, ele deixou suas mãos caírem para os lados, enquanto ele olhava para o céu turvo. Nas nuvens acima, ele pensou ver o rosto da garota que ele deixou para trás naquele banheiro. Ela pareceu estar encarando ele, o vigiando.

Levantando um braço, ele tentou tocar o rosto dela, mas os ventos da primavera mudaram as nuvens, fazendo desaparecer, seus amáveis, trágicos traços.

Ele iria descobrir quem ela era.

E ele iria fazer o certo por ela.

Do mesmo modo como ele tinha feito o certo por sua mãe.

Aqueles idiotas naquele Camaro tinham sido os três primeiros homens que ele tinha matado.

— Acabaram crianças? — Eddie estalou. — Ou eu preciso espancar seus traseiros que vocês não vão poder sentar de novo até o próximo inverno?

Jim inclinou sua cabeça e deu uma olhada sobre Adrian. O bastardo na parecia melhor do que Jim se sentia.

— Trégua? — O cara disse pelos lábios sangrentos.

Jim inalou tão profundamente quanto podia, — Até que a dor impediu suas costelas de se expandirem. Bem, inferno. Ele podia ser capaz de não confiar em nenhum dos dois, mas ele precisava de ajuda, — E ele tinha uma trágica especialidade de trabalhar com pessoas que eram idiotas.

— Sim. — Ele disse roucamente.

— Trégua.

Capítulo 36

— Ok, eu te amo. E chegarei em casa mais tarde essa noite. Parece bom para Quinesha... O que?

Enquanto Vin os levava para a parte residencial da cidade, Marie-Terese escutava a voz de seu filho entrecortada. Sua voz parecia tão próxima e ao mesmo tempo tão distante.

— Sim. Sim, você pode. Eu te amo. Tchau.

Ela apertou a tecla “fim” em seu telefone e olhou fixamente pela janela, esperando que Vin perguntasse como fora a conversa. Era algo que seu ex sempre fazia. Sempre que atendia o telefone, independente se era alguém do telemarketing, a empregada ou alguém procurando ele, Mark tinha que saber tudo.

Exceto que Vin não perguntou e não parecia estar esperando que ela contasse. E o espaço era... agradável. Gostou de como a deu o poder de escolha, falou coisas significativas sobre respeito e confiança, todas aquelas coisas que ela não conseguiu entender de primeira.

“Obrigada” ela quis dizer. Em lugar disso, murmurou:

— Ele quis sorvete. Acho que sou uma mãe horrível, humm. Provavelmente irá estragar seu jantar. Ele come cedo. Às cinco.

Vin cobriu a mão dela com a sua.

— Você não é uma mãe horrível. Eu posso assegurar a você.

Enquanto passavam por um ponto de ônibus, ela olhava para fora pela janela. As pessoas em pé sob a cobertura de “*Plexiglas*”⁵⁵ olhavam fixamente para o M6 conduzido por Vin, e quando um outro grupo de pedestres olhou de relance para o carro um pouco depois, ela teve a

⁵⁵ tipo de resina tão resistente quanto o acrílico.

sensação de que em todos os lugares onde Vin passava, ele despertava olhares invejosos e incrédulos... e de cobiça.

— Mark também gostava de bons carros. — disse sem nenhuma razão em especial. — Seus preferidos eram os Bentleys.

Deus, podia lembrar-se de quando andava naqueles carros dele. Ele pegava um zero a cada ano, tão logo os modelos novos fossem lançados, e no começo, ela se sentava no assento do passageiro ao lado dele com o queixo erguido e as mãos afagando o couro. Então, quando as pessoas encaravam, seu peito inchava com orgulho pois o homem que possuía aquele carro era dela, e ela fazia parte de um clube de luxo exclusivo que barrava todos os demais, e era uma rainha ao lado do seu rei.

Não mais. Agora via nos rostos de cobiça nada além de pessoas presas em uma fantasia. Só porque você podia dirigir ou sentar-se em uma BMW extravagante não significava que você tinha o bilhete de loteria premiado permanente dos jogos de azar.

Pensando bem, ela fora muito, muito mais feliz quando estava na calçada dura do que quando estava no assento macio.

Muito melhor e distante também, considerando onde havia terminado.

— Mas eu sou uma péssima mãe. — ela murmurou — Eu menti para ele. Tive que fazê-lo.

— Você fez o que precisava fazer a fim de sobreviver.

— Eu vou ter que continuar mentindo para ele. Não quero que ele saiba nunca.

— E não existe nenhuma razão para que ele saiba. — Vin balançou a cabeça — Penso que a função de um pai é proteger seus filhos. Talvez isso seja antiquado, mas é assim que eu me sinto. Não existe nenhuma razão pela qual ele tenha que passar pelo mesmo sofrimento pelo qual você tem passado. Com o qual você teve que lidar já é suficiente.

O pensamento que se infiltrou em seu cérebro, indo e voltando, desde que estivera com Vin ontem, ressurgira. E não conseguia pensar em uma única razão para não dizê-lo em voz alta.

— Eu fiz algo para sobreviver, mas às vezes eu penso... — ela limpou sua garganta. — Eu sou graduada na faculdade. Tenho um diploma em Marketing. Podia ter conseguido um trabalho.

Ao menos, teoricamente ela poderia. Uma das coisas que a impedira foi o fato de que não confiava cem por cento em sua identidade falsa. Se ela fosse em busca de um trabalho de verdade, não estava certa se seu número de seguro social não apareceria como de alguma outra pessoa.

Mas, o outro argumento para sua escolha havia sido algo mais sombrio.

Vin balançou sua cabeça.

— Você não pode olhar para trás e questionar tudo. Fez o melhor que podia de onde estava.

— Eu acho que queria me castigar. — revelou. Enquanto ele a examinava, ela encontrou seu olhar. — Eu me culpo pela situação em que meu filho foi colocado. Eu escolhi o homem errado para casar, isso é minha culpa. E, sinto como o meu filho sofreu. Transando com aqueles... homens. Odiei aquilo. Eu chorava toda a noite quando acabava e, às vezes, ficava fisicamente doente. Continuava com aquilo pelo dinheiro, é verdade... mas estava me ferindo deliberadamente.

Vin tomou sua mão, trazendo-a até seus lábios e beijou-a com ferocidade.

— Me escute. Seu ex era o imbecil nessa história, não você.

— Eu devia tê-lo deixado mais cedo.

— E, você está livre agora. Está livre dele e não está fazendo mais... a outra merda. Está livre.

Ela desviou o olhar para o pára-brisa. Exceto que se isso era verdade, então porque ainda se sentia tão presa?

— Você precisa perdoar a si mesma. — disse Vin bem perto. — Esta é a única maneira de deixar isso para trás.

Deus, ela estava tão envolvida, pensou. Supondo que tudo o que aqueles homens haviam dito no duplex era verdade e o que vira nos olhos de Devina, seria uma idiota de pensar o contrário, Vin acabou de descobrir essa noite que quase matara seus próprios pais.

— Você também. — ela apertou a mão dele. — Você precisa fazer o mesmo.

O grunhido que ele soltou era um sinal para parar e algo mais, da mesma maneira que ele respeitou sua privacidade, respeitou a dele. Por mais que desejasse conseguir que ele falasse sobre aquilo que disse, não iria obrigá-lo.

Inclinando a cabeça de encontro ao encosto, o olhou fixamente enquanto ele dirigia. Ele era habilidoso e estava confortável atrás do volante, com suas sobrançelas baixas e seus lábios mais apertados do que de costume enquanto se concentrava.

Ela estava tão feliz de encontrá-lo. E agradecida por ele ter fé nela em um momento tão importante.

— Obrigada. — disse.

Ele olhou de relance e sorriu discretamente.

— Pelo que?

— Você acreditou em mim ao invés de acreditar nela.

— Naturalmente que sim.

Sua resposta era tão firme quanto sua mão no volante, e por algum motivo isso a levou às lágrimas.

— Por que você está chorando? — ele levou a mão para dentro do bolso da jaqueta e tirou um lenço branco como se fosse novo. — Aqui. Oh, amor, não chore.

— Eu ficarei bem. E é melhor esvaziar agora do que mais tarde.

Depois de enxugar suas bochechas com as pontas dos dedos, ela pegou o super-suave, super-fino quadrado de linho e o abriu em seu colo.

Ela havia passado um pouco de rímel quando se arrumara para a Igreja, não achava certo arruinar o pano delicado usando-o nisso contudo gostou de estar com ele. Gostou de correr seus dedos para frente e para trás sobre a costura em alto relevo de seu monograma, "VSdP".

— Por que você está chorando? — ele repetiu suavemente.

— Porque você é maravilhoso. — Tocou no "V" da inicial de seu nome de batismo. — E porque quando você diz tais coisas como que me ama, eu acredito e isso me deixa apavorada. — Ela tocou no "S" — E porque tenho me odiado há tanto tempo, mas quando me olha, não me sinto

como se fosse tão suja. — Finalmente tocou o “dP” de seu sobrenome. — E, em grande parte, entretanto, é porque você me faz esperar ansiosamente o futuro, e eu nunca mais tinha feito isso.

— Você pode confiar em mim. — sua mão encontrou a dela novamente. — E quanto ao seu passado, não me importa o que você tenha feito, mas sim quem você é. Para mim isso é tudo o que importa.

Ela enxugou mais lágrimas, empurrando-as para longe, e olhou fixamente para ele por entre os bancos, e embora seu rosto bonito estivesse borrado, estava aprendendo a conhecer seus traços de cor, então não importava.

— Você realmente deveria usar meu lenço.

— Eu não quero estragá-lo.

— Eu tenho vários outros.

Ela olhou para baixo, para suas iniciais novamente.

— O que significa o “S”?

— Sean. Meu nome do meio é Sean. Minha mãe era Irlandesa.

— Verdade? — Marie-Terese arregalou os olhos. — Este é o nome verdadeiro do meu filho.

— Vocês, dois idiotas, ficam aqui.

Eddie bateu a porta do motorista com tanta força, que o caminhão inteiro balançou, enquanto o sujeito andava de forma desengonçada na direção da entrada do Hannaford, as pessoas davam um jeito de sair de seu caminho.

As bolas de Jim ainda doíam. Mau. Tipo assim... sentia-se como se tivesse rolado sobre cacos de vidro, formigamento e dor ao mesmo tempo.

No banco ao lado dele, Adrian friccionava seu ombro, sua expressão era de desgosto.

— Bastardo, nos dizendo para permanecer aqui. Quem diabos é ele para nos amedrontar? Foda-se ele.

Jim desviou o olhar para sua janela e prestou atenção enquanto uma mãe, com um bebê nos braços, andava ao lado do caminhão, deu uma olhada em seu rosto e recuou para longe.

— Eu acho que não somos mais sonhos de consumo visuais.

Adrian alcançou o espelho retrovisor e girou-o em sua direção.

— Seja como for, eu sou magnífico... wow. — Eu...

— Parece uma merda. — completou Jim. — Mas pelo menos você poderia caminhar em linha reta se precisasse. Para que teria que parecer uma preciosidade?

Adrian cutucou o nariz. — Eu acho que você o quebrou.

— E agora, provavelmente vou ficar impotente pelo resto da vida. Pelo menos seus inchaços vão desaparecer.

Adrian inclinou-se para trás e cruzou os braços sobre o peito. Em uníssono, ambos soltaram uma respiração profunda.

— Você pode confiar em mim, Jim.

- Confiança não é algo que se compre em um laboratório frio. Tem que se ganhar.
- Então é isso que eu vou fazer.

Enquanto Jim soltava um ruído inteligível, deslocava-se suavemente no banco e suas “partes baixas” não apreciaram a mudança de posição. Depois que conseguiu encontrar uma posição confortável, voltou a observar as pessoas no estacionamento. Havia um ritmo previsível deles saindo de seus carros, entrando nas lojas, e retornando com os carrinhos cheios ou um par de bolsas penduradas nas mãos. Testemunhando tudo isso, foi um golpe perceber quão grande era a distância entre ele e o resto do planeta. E não era apenas porque agora estava em um jogo paranormal que a maior parte destes finos clientes do supermercado não acreditariam ser de verdade.

Ele sempre estaria à parte. Desde que encontrara sua mãe no chão daquela cozinha, era como se suas raízes tivessem sido arrancadas do solo e carregadas por uma estrada até outro ponto do planeta. Seu trabalho não ajudou. Tampouco sua personalidade. E agora ele fora colocado ao lado de um anjo caído que poderia ou não existir de verdade... e que luta sujo.

Merda, não importava se ele estivesse estéril. Nunca iria disparar um projétil para produzir um guri, e manter seu DNA de péssima qualidade fora da piscina de genes era sem dúvida a coisa mais agradável que ele poderia fazer pela raça humana. Cerca de dez minutos mais tarde, Eddie emergiu com um carrinho cheio de sacolas plásticas e enquanto ele levantava a tampa do compartimento de carga e começava a transferir a merda, Jim não pode mais ficar com seus próprios pensamentos e saiu para ajudar: todas as mães e seus queridos pequenos gurus teriam que engolir isso se não gostassem da aparência deles.

Eddie não disse uma palavra enquanto trabalhavam juntos, o que era uma indicação clara de que ao contrário do tipo que Jim e Adrian fariam, Eddie não estava no trem de “*Kumbaya*”⁵⁶. Sinceramente, ele parecia fazer isso com tudo e todos.

E, sem ofensa, o sujeito tinha uma lista de supermercado anormal e bizarra.

Havia bastante recipientes de “Sal de Morton”⁵⁷ para remover o gelo de uma estrada. Frascos incontáveis de água oxigenada e hamamelis⁵⁸. Vinagre em galão. Limões. Sabedoria popular empacotada em caixas. E quatro enormes latas de carne moída da Dinty Moore?

- O que diabos — perguntou Jim — nós vamos fazer com tudo isso?
- Estocar.

Levaram mais ou menos quinze minutos para voltar para a casa de Jim, e o silêncio estava um pouco menos tenso. Enquanto entravam na garagem, Cão abriu as cortinas da janela.

- Você precisa do material para subir? — perguntou Jim enquanto todos saíam.
- Só uma sacola e eu a pegarei.

Jim disparou pelas escadas com suas chaves na mão, e no segundo em que destrancou a porta, O Cão era todo “Ó meu Deus, você está de volta”, correndo ao redor dele em círculos com seu rabo propulsor.

⁵⁶ Kumbaya: Canção religiosa típica dos missionários americanos

⁵⁷ Sal de Morton: substância medicinal

⁵⁸ Hamamelis - na fitoterapia são utilizadas as folhas e a casca. Tem propriedades adstringentes, anti-inflamatórias e ação anti-hemorragica.

Jim olhou de relance por sobre os ombros, franzindo as sobrancelhas e deu um tapinha no cão. No andar abaixo, Eddie e Adrian permaneciam juntos e Eddie estava agitando sua cabeça e falando enquanto Adrian focava em um ponto ao lado da orelha esquerda do sujeito, como se tivesse escutado tudo aquilo antes mas não tivesse se interessado na primeira vez.

Em um determinado momento, Eddie agarrou o pescoço do sujeito e forçou algum contato visual. Os lábios de Adrian moveram-se brevemente e Eddie apertou os olhos.

Depois que se abraçaram por um momento rápido, Adrian rugiu para fora em sua Harley. Soltando uma praga, Eddie agarrou uma sacola do compartimento de carga do caminhão e subiu desajeitado pelas escadas.

— Seu fogão funciona? — perguntou o sujeito enquanto entrava e o Cão corria ao redor de seus pés.

— Sim.

Dez minutos mais tarde ele e Eddie estavam sentados em frente a duas tigelas enormes de guisado preparadas de acordo com as instruções na lata de Dinty Moore.

— Fazia anos que não comia isso. — disse Jim enquanto ele esnobava.

— Você precisa se alimentar.

— O que você disse para Adrian?

— Não é da sua conta.

Jim balançou a cabeça.

— Desculpe, resposta errada. Eu sou parte desse time, e eu acho que considerando a quantidade de merda que vocês dois sabem sobre mim, é hora de começar a retornar o maldito favor.

Eddie sorriu com firmeza.

— É uma maravilha que a dupla não se dê bem melhor.

— Talvez pudéssemos nos dar bem se vocês falassem comigo.

Um longo silêncio se seguiu até que Eddie o quebrou colocando sua tigela no chão para que o Cão pudesse dar conta das sobras.

— Há três coisas que eu sei sobre Adrian, — disse o sujeito. — Um, ele sempre fará exatamente o que ele quer, quando quiser. Não existe nenhuma chance dele ser razoável ou mudar de idéia. Dois, ele lutará até que não possa levantar por algo em que acredite. E três anjos caídos não duram para sempre.

Jim recostou-se aliviado na cadeira.

— Eu me perguntei sobre isso.

— É, nós não somos eternos, só vivemos mais tempo. E isso não pode ser ignorado ao se tornar um.

— Por quê?

— Desejo de matar. Um dia destes... sua sorte vai desaparecer e nós vamos perdê-lo. — Eddie afagou lentamente o Cão. — Eu compartilhei muitas coisas com aquele bastardo ao longo dos anos. O conheço melhor do que qualquer outro, e provavelmente sou a única pessoa que realmente pode trabalhar com ele. Quando ele arder em chamas, isso vai me matar...

Eddie não continuou falando, mas nem precisava.

Jim perdera um companheiro em uma ocasião também, e essa merda chupa sua vontade de viver direto para fora.

— O que ele vai fazer com Devina hoje à noite?

Não houve nem ao menos uma pausa:

— Você não ia querer saber.

Capítulo 37

Antes de deixar o duplex, Vin embalara um rápido lanche para ele e Marie-Tereze, e o que restara dele estava espalhado sobre a mesa lascada da velha cozinha de sua família. A folha de estanho que havia envolvido os sanduiches, e as coca-colas agora praticamente vazias, bem como o pacote de batata frita Cape Cod que eles haviam compartilhado seriam rápidos de limpar.

A sobremesa limitava-se à única maçã Granny Smith que ele tinha em casa, e ele a cortara em pedaços que foi alternando, um para ela, outro para si mesmo. Neste momento já era mais caroço do que maçã e agora ele retirava o último pedaço aproveitável junto às sementes para dar a ela.

Por nenhuma razão em especial, ele pensava sobre o que ele dissera a Marie-Tereze:

Não é o que você fez – é quem você é.

Ele estava completamente seguro de estar certo com relação a ela e de que aquilo não se aplicava a ele minimamente. A forma como ele vivera a sua vida refletia exatamente quem ele era.

— Um bastardo faminto por dinheiro e desprovido de qualquer consciência.

Mas, tal como ela, ele estava deixando aquela velha vida pra trás. Ele ainda tinha uma profunda energia – só que agora ele via isso como um problema e não como algo para agir. E o problema era que ele não tinha idéia de qual a forma o futuro tomaria.

—Aqui, toma o último pedaço. Ele pegou o pedaço da lâmina da faca e ofereceu-o sobre a mesa. —Eu cortei-o com cuidado.

Ela estendeu a linda mão e aceitou o que ele lhe oferecia.

—Obrigada.

Enquanto ela comia, ele deu uma arrumação, recolhendo os detritos, colocando-os de volta no saco Whole Foods, no qual os trouxera.

—Quando eles virão? – Perguntou ela.

—Uma hora após o pôr-do-sol, eles disseram. Esse tipo de coisa sempre parece acontecer no escuro.

Ela esboçou um sorriso e limpou a boca com um guardanapo de papel. Ficando de lado, ela olhou pela janela, os cabelos balançando, caindo soltos sobre os ombros.

—Ainda está bastante claro.

—É.

Quando ele olhou ao redor, ele imaginou como aquele lugar poderia ser. As bancadas de granito. Aparelhos de aço inoxidável. Partir a parede do lado direito e acrescentar uma sala de estar. Retirar todos os tapetes. Pintar. Papel de Parede. Dar uma renovada na bagunça dos banheiros.

Uma jovem família seria feliz ali.

—Vem comigo— ele disse, estendendo a mão.

Marie-Terese pegou a mão dele.

—Para onde?

—Até lá fora.

Levou-a através da garagem, até ao quintal— o qual estava longe de ser uma obra-prima. O gramado era tão atraente como a barba de um velho e o carvalho ao fundo parecia os restos mortais de uma árvore outrora graciosa – mas, pelo menos a temperatura não estava tão fria quanto antes.

Colocando os braços em torno dela, ele a abraçou apertado e gentilmente lhe fechou os olhos com as pontas dos dedos.

—Eu quero que você imagine que nós estamos na praia.

—Uma praia. Ela murmurou.

—Flórida. México. Sul da França. Califórnia. Em qualquer lugar que você goste.

Ela colocou a cabeça em seu peito.

—Ok.

—A cor do céu está mudando para tons de pêssego e dourado e o mar está calmo e azul. Vin se concentrava no sol poente, enquanto falava com ela, tentando imaginá-lo descendo na linha do horizonte do mar, em vez de no telhado cinzento da casa da fazenda vizinha.

Vin começou a se mover, deslocando o corpo de um lado para o outro, e ela seguiu a sua sugestão, balançando em seus braços.

—O ar é suave e quente. Ele pousou o queixo no topo de sua cabeça. —E as ondas estão fazendo essa coisa na areia, avançando e recuando, avançando e recuando. E as palmeiras estão por todo o lado.

Ele esfregou os ombros dela, esperando que ela visualizasse o que ele estava descrevendo, esperando que ela fosse projetada pra fora do lugar onde eles realmente estavam: num reles quintal de uma casinha insignificante na calma localidade de Caldwell, Nova Iorque.

A margem costeira mais próxima que eles tinham era rochosa e um rio.

Ele fechou os olhos e simplesmente permitiu-se sentir a mulher que tinha em seus braços, e compreendeu surpreso que: foi ela que transformou a sua paisagem, e não as palavras dele. Para ele, era por causa dela que ele estava quente.

—Você é um dançarino maravilhoso—, disse ela junto ao seu peito.

—Você acha?. Ele sentiu o movimento no seu peito quando ela confirmou com a cabeça. — Bem, isso é porque eu tenho uma boa parceira.

Eles continuaram se movendo juntos até que a luz começou a se esvaír do céu e a temperatura a cair bastante. Quando Vin ficou imóvel ela levantou o rosto e olhou para ele.

Quando ele depositou a mão no seu rosto e ficou olhando para ela, ela sussurrou:

—Sim.

Ele a levou para dentro de casa e subiram até seu quarto. Ele se recostou na porta fechada e ficou olhando enquanto ela despiu a malha pela cabeça e de seguida desabotoava a blusa branca e simples. O sutiã foi retirado de seguida, o que implicou que, quando ela se inclinou para tirar os jeans, seus seios balançaram.

Vin conseguira resistir até ela começar a se despir, mas a visão dela tão natural e tão bela provocou uma pressão contra a sua calça.

E, no entanto aquilo não tinha a ver com sexo.

Quando ela ficou nua diante dele, ele foi até ela lentamente e lhe deu um beijo longo e profundo. O corpo dela sob suas mãos era quente e macio, tão pequeno e suave comparado ao seu próprio corpo – e ele adorava esse contraste bem como as curvas dela. Adorava o cheiro e o gosto dela.

Capturando os seios dela em suas mãos, ele tomou um mamilo entre os lábios e chupou-o enquanto acariciava o outro com o polegar, e quando ela arqueou o corpo contra ele, o nome dele saiu disparado de sua boca.

Como ele adorava o modo como seu nome soava!

Com a mão livre, ele lhe acariciou as coxas e depois a parte de trás deslizando por entre as pernas dela. Oh, ela estava tão pronta para ele! Úmida e quente.

Murmurando algo inaudível ele carregou-a até a sua velha cama e a depositou sobre ela. No minuto seguinte estava completamente nu tal qual veio ao mundo e estendeu seu corpo junto ao dela, seu sexo ereto cobrindo o ventre enquanto ele juntava os quadris de ambos.

Mais beijos. Mãos na pele dele. As dela.

Mãos entre as pernas dela. As dele.

Marie-Terese acabou em cima, as coxas separadas pelos quadris dele, seu sexo aberto para ele. Depois que ele colocou uma camisinha, ela o cobriu numa descida lenta e devastadora que lhe roubou o fôlego e o juízo. Em resposta, ele arqueou o corpo, as costas ondulando para fora da cama, o movimento empurrando-o ainda mais profundamente.

Plantando as mãos em seus ombros, ela se posicionou e passou a balançar os quadris para cima e para trás, alcançando um ritmo demolidor. Enquanto Marie-Terese o possuía, ele estava mais do que disposto a dar-lhe qualquer coisa que ela quisesse. Ele estava ofegante e desesperado debaixo dela enquanto o seu corpo conduzia o dele à perfeição.

Por debaixo das pálpebras semi-cerradas, ela o observava, seus olhos brilhando como fogo azul.

Mas eles o consumiram sem qualquer dor.

—Essa é a casa de Vin.

Enquanto Eddie apontava para uma pequena casa, Jim encostou o carro e estacionou. Por força do hábito, ele examinou a área. Um típico bairro residencial de classe média baixa, com os carros estacionados à entrada, lampiões a cada 20 metros, luzes acesas em algumas pequenas salas de estar e cozinhas. Não havia pedestres pois era noite de balada. Não havia grande cobertura pois os arbustos e árvores tinham pouca folhagem.

Quando ele e Eddie saíram do carro e pegaram as sacolas no banco traseiro a iluminação fraca emprestou a tudo em redor uma cor acinzentada, a paisagem parecendo uma fotografia em tons de preto e branco.

A BMW de Vin estava parada na entrada e havia luzes no interior da casa, por isso eles caminharam até a porta da frente e bateram. A resposta foi um grito imediato vindo do topo das escadas, mas demorou um pouco até que a porta fosse aberta e o motivo era bastante óbvio. Vin trazia os cabelos revoltos e as bochechas estavam coradas.

O primeiro pensamento de Jim quando entrou e olhou em redor foi que o mobiliário barato não envelhecera bem. Pelo que ele podia ver, tudo desde o papel de parede gasto, passando pelo sofá de má qualidade até à miserável cozinha nas traseiras devia ser do tempo da velha loja de departamentos Sears Roebuck.

Eram as mesmas coisas com as quais ele havia crescido e pela primeira vez desde que ele conheceu o cara ele achou que tinha algo em comum com Vin.

Eddie pousou uma das sacolas, e um tapete inesperadamente bem mais recente no vestíbulo chamou a sua atenção.

—Eles morreram aqui no fundo das escadas. Seus pais.

—Sim. Vin moveu-se inquieto. —Como você sabe disso?

—Eu posso ver as suas sombras.

Eddie se afastou para o lado, olhou para Jim, e apontou para baixo com um gesto de cabeça.

Jim não entendia o que aquilo tinha de especial, porque quando ele olhou para o chão tudo que ele viu... foi...

Ele esfregou os olhos para se certificar de que estava vendo direito, mas, sim, ele estava. Na base da escada onde se encontrava o tapete novo, ele pôde perceber, com inesperada perturbação, uma repetição visual do que fora em tempos duas pessoas entrelaçadas em amontoado. A mulher tivera cabelos encaracolados e acobreados e vestia um roupão amarelo. O homem estava de macacão verde, do tipo que um eletricista ou um canalizador usaria. As manchas de sangue sob as cabeças cobriam grande parte do tapete.

Jim pigarreou.

—Sim, eu também estou vendo.

Marie-Terese apareceu no topo da escada.

—Onde vocês querem a gente?

—Eu fiz aquilo no meu quarto—, Vin disse.

Eddie deixou alguns dos seus pertences no salão da frente e partiu para o piso superior.

—Então, é para lá que vamos.

Com todas as sacolas que ele estava segurando, Jim teve que virar de lado para caber, enquanto subia, e Vin foi legal o suficiente para lhe aliviar um pouco da carga.

—O que são todas essas coisas? — ele perguntou

—Tem sal aqui pra caramba.

Quando os quatro se amontoaram dentro do quarto, decorado com um desbotado papel de parede azul-marinho e mobiliário juvenil dos anos 70, Eddie agachou-se e puxou o tapete trançado, no centro.

—Você fez aquilo aqui?

Era evidente, dado o círculo desvanecido que ficara no soalho.

—Precisamos limpar isso primeiro? Jim perguntou.

—Limpar o quê? Vin ajoelhou-se e passou as mãos ao longo do piso de madeira falsa. —Não há nada aqui.

—Está tudo bem.

Eddie pegou o braço de Jim enquanto negava com um gesto de cabeça, em seguida, começaram a abrir as malas. Ele entregou a Vin e Marie-Terese um recipiente com sal Morton.

—Vocês têm que derramar uma linha ao redor do perímetro do andar de cima. Tem de ser uma barreira ininterrupta, exceto junto àquela janela. —Ele apontou com a cabeça para a direita. Deixem essa área livre. Se houver mobiliário no caminho não faz mal, passem ao redor e depois de costas para a parede. Tem mais nestes sacos se precisarem.

Quando ele pareceu satisfeito com a forma como eles estavam procedendo, ele tirou um par de charutos de dentro do paletó e deu a Jim um deles junto com um pouco de sal.

—Nós dois vamos fazer o mesmo e um pouco mais lá em baixo.

—Entendido.

Quando eles regressaram ao piso inferior, Eddie pegou um isqueiro Bic preto e acendeu o seu charuto cubano, ou lá de que marca fosse. Enquanto ele exalava o que parecia um aroma de... ar fresco do oceano, ele ofereceu lume a Jim que se inclinou para acender o seu. Uma inalada e ele estava no céu. O tabaco sabia incrivelmente bem, como nada que ele já tivera em sua boca antes, e se isso faria parte de suas funções em curso, então ele estava totalmente nessa.

Cará, como ele adorava fumar! E evidentemente que o tema câncer estava fora da sua lista de preocupações nesse momento.

Eddie embolsou o isqueiro e abriu o seu sal.

—A gente vai andar de sala em sala e expire enquanto fazemos uma barreira aqui em baixo. Estamos purificando o ambiente e criando um obstáculo para ela. Tem mais sal nesse saco .

Jim olhou para a sua garota com o guarda-chuva⁵⁹.

—Isso vai mesmo manter Devina afastada?

—Isso vai dificultar a entrada dela. Adrian vai mantê-la ocupada enquanto ele puder, mas mesmo com seu grande talento, ela vai saber que algo está acontecendo.

Enquanto Jim rompia o selo do seu sal, ele percebeu que gostava do que estava sentindo. Para o melhor ou para o pior — bem, na maior parte pior — ele fora construído para lutar, e não

⁵⁹ O logotipo do sal morton é uma garota com um guarda-chuva.

apenas porque ele era um peso-pesado filho da mãe. O conflito fazia parte do seu sangue, do seu cérebro e das batidas do seu coração.

Ele sentira falta de participar em missões. Inclinando a embalagem de sal Morton para baixo, ele ia fumando alegremente enquanto um pequeno e estreito rio branco jorrava do bico de prata e inundava o tapete. Eddie estava lidando com a parte de trás da casa, ao longo do corredor e em toda a cozinha, por isso Jim se dirigiu para a sala. Foi uma tarefa rápida percorrer todo o rodapé enquanto afastava as cortinas empoeiradas para fora do caminho. E era agradável: Ele se sentia como se estivesse mijando em seu próprio território, reivindicando um direito seu.

Cara, ele quase desejava que a cadela entrasse por aquela porta só para que ele pudesse acabar com a raça dela.

Isso era uma mudança radical. No passado, ele teria religiosamente feito uma distinção entre homens e mulheres. Ele não hesitaria em matar um homem. Fosse com mutilações, atropelamento ou espancamento. As mulheres, no entanto, eram totalmente diferentes. Uma mulher podia se aproximar dele com um canivete e ele apenas a desarmaria. Ponto final. Ele só chegava ao ponto de incapacitar se fosse absolutamente necessário, e o fazia da maneira menos dolorosa e permanente.

Mas Devina não era mais uma mulher para ele. Diabos, ela não era uma mulher, ponto.

O sal deslizava num sussurro enquanto ele traçava uma pequena linha vacilante, e embora lhe tenha sido difícil depositar a maior confiança em algo que era usado para condimentar batata frita MacDonald's, Eddie não o achava um idiota. Nem por sombras.

E o charuto era danado de bom. Completamente.

Quando eles terminaram, o andar de baixo cheirava a Flórida e estava precisando de um aspirador de pó, e conforme eles se dirigiram para o andar de cima, Eddie desenhou uma linha branca ao longo de cada degrau até a escada parecer uma pista de aterrissagem.

Vin e Marie-Terese haviam estado ocupados e depois de Eddie inspecionar os seus esforços, ele disse a eles para relaxarem um pouco na pequena cama e pediu a Jim que o acompanhasse ao banheiro, junto ao patamar das escadas. Usando a pia como uma tigela, o cara juntou ao peróxido de hidrogênio a planta Hamamelis virginiana e o suco dos limões, juntamente com o vinagre de vinho branco, e misturou tudo com as próprias mãos, envolvendo a solução com os dedos. Quando o cheiro pungente se instalou no ar e perfurou as narinas de Jim, Eddie começou a falar baixinho enquanto continuava fazendo círculos na pia. As palavras eram pouco mais que um sussurro, e numa língua que Jim não entendeu, mas a frase foi repetida inúmeras vezes.

De repente, o aroma que se sentia no ar mudou. Agora não mais desagradável no nariz, ele se transformara no aroma fresco de um campo primaveril.

Eddie ergueu as mãos e enxugou-as em seus jeans, depois enfiou a mão no casaco e fez surgir dois cristais...

—Isso são armas? Jim perguntou.

—Sem dúvida. O cara retirou o tampão de uma das armas e a submergiu. As bolhas se concentraram à superfície enquanto o cartucho ia enchendo. Ele a entregou a Jim. —Põe isso no seu coldre. Ao contrário da sua semi-automática, essa merda realmente vai ter efeito sobre ela.

Enquanto Eddie abastecia a sua, Jim manuseou o cristal molhado. A arma era uma verdadeira obra de arte, esculpida em quartzo transparente, ele supunha, e com uma engenharia de precisão. Empunhando a arma, ele apontou para a parede do banheiro e puxou o gatilho. Um esguicho fino e forte de solução foi lamber exatamente o lugar que ele tinha em mira.

—Legal—, ele murmurou, descartando a sua assinatura.

—Eu vou lhe mostrar como fazê-los. Eddie selou a “barriga” da arma e prendeu-a no coldre atrás das costas. —O fato de você poder esculpir madeira vai ajudar.

Quando eles voltaram para junto dos outros, Vin estava andando ao redor e Marie-Terese estava sentada na cama. Eddie abandonou seu casaco, e vasculhou os sacos Hannaford que estavam agora quase vazios.

Retirando a sálvia fresca, ele abriu o seu recipiente de plástico e deu o maço de folhas a Marie-Terese.

—Agarre isso e fique fora do caminho. Não importa o que você vir ou o que acontecer, você não pode largar e deve manter isso contra ambas as palmas das mãos. Isso vai lhe oferecer alguma proteção.

—O que eu faço? Vin exigiu.

Eddie olhou por cima do ombro.

—Tire a roupa.

Capítulo 38

A última vez que Vin ficou pelado para uma multidão, o contexto tinha sido muito diferente.

Enquanto ele jogava sua camisa, calça e cueca na penteadeira, ele se certificou que sua arma estava na frente em cima da pilha, e quando ele se virou, ele estava pronto para acaba de vez com isso. Engraçado, ele tinha sido operado apenas uma vez na sua vida, por volta de uma década atrás. Ele teve que ter seu joelho arrumado depois de anos jogando basquete e tênis e correndo com a maldita coisa. — E ele estava exatamente do mesmo jeito que ele tinha estado então: Pronto para voltar ao normal. Esperando que o resultado depois da dor passada fosse o certo.

Ele deu uma olhada em Marie-Terese. Ela estava sentada absolutamente parada na cama, segurando os raminhos de salvia entre suas mãos de modo que as folhas macias apareciam por seus dedos, e a pequena raiz pendurava do lado mais longe. Quando seus olhos encontraram os dele, ele teve que chegar mais perto, e dar um rápido beijo em sua boca. Ela estava assustada, mas ela era forte, — E não importa quanto ele quisesse que ela não fosse parte disso, ele concordava com Adrian: Sem riscos com ela. Não poderia ter nenhum risco com ela, nunca, então eles tinham que assumir que Devina tinha pego seu brinco.

Eddie pegou uma bússola e quatro velas, e depois de fazer algo no estilo Escoteiros, com sua invenção, ele e Jim fizeram o norte, sul, leste e oeste, marcando cada ponto do chão descoberto com a cera das velas.

Depois tinha mais sal correndo em um círculo ao redor da estrutura. Enquanto Vin os observava, ele teve que admitir que o anel em volta que eles fizeram, era mais arrumado do que ele tinha feito vinte anos atrás, mas ele teve que se apressar no passado. Não teve nada falando quanto tempo seus pais iriam morrer.

— Como eu disse, o que você fez foi um ritual de possessão.

Eddie andou em volta, e acendeu as quatro velas.

— Você tomou os três elementos de si próprio como homem, — Cabelo, sangue... Você sabe, — E ofereceu a ela. Ela aceitou os presentes e tomou os resíduos em sua pele espiritual, por assim dizer. Nós vamos limpar ela de você.

— Sim, escutem, — Vin cortou. — Vocês têm certeza que não podem tomar conta de Marie-Tereze antes, e depois se preocupar comigo?

— Não, você é o ponto focal. Você chamou Devina para você. Além de que Marie-Tereze tem um laço mais fácil para quebrar, assumindo que o brinco está com Devia.

O cara desapareceu no corredor do banheiro e voltou com as mãos pingando como se fosse um cirurgião.

— Jim, vá até minha jaqueta e pegue um rolo de couro que está no bolso direito.

Jim procurou e puxou um pacote de vinte e cinco centímetros de altura e seis de largura, que estava preso por uma faixa de cetim branco.

— Abra.

As mãos de Jim foram rápidas para puxar o laço e depois desenrolar o couro, revelando uma adaga. Feita de vidro.

— Não toque na faca. — Eddie disse.

— O que infernos você vai fazer com isso? — Jim demandou.

— Nós vamos abrir você.

O homem apontou para o círculo de velas queimando.

— Isso é uma cirurgia espiritual, e antes de você perguntar, sim. Vai doer como o demônio. Mas quando nós passarmos, você não vai estar assustado ou coisa parecida. Agora deite, cabeça aqui para o norte.

Vin olhou para o rosto do homem, enquanto eles o encaravam. Amargo. Sério. Especialmente Eddie.

— Eu nunca vi uma faca como essa antes. — Vin murmurou, enquanto olhava a coisa.

— É cristal.

Eddie disse, como se soubesse que Vin precisava de um segundo antes de entrar no ritual.

— E, sim, tome uma respiração profunda, mas nós precisamos começar. — Ele olhou a seu amigo.

— Jim? Você fica perto a Marie-Tereze. Eventualmente você estará fazendo isso, mas agora mesmo você vai apenas assistir, e se a merda ficar crítica, você está encarregado dela.

— Você lê mentes? — Vin perguntou ao cara.

— Às vezes. Agora podemos começar os negócios? Eu não sei quanto tempo Adrian vai ser capaz de segurá-la.

Vin encarou os olhos de Marie-Tereze e rezou que ela pudesse ler tudo o que ele queria falar. Quando ela assentiu como se entendesse perfeitamente, ele se aproximou do círculo de sal e se estendeu no centro onde Eddie tinha medido os lados perfeitamente: A sola dos pés de Vin apenas tocava o outro lado enquanto sua cabeça estava na vela do norte.

— Feche seus olhos, Vin.

Vin deu uma última olhada em Marie-Tereze, e então baixou suas pálpebras e tentou relaxar seu corpo. O chão estava duro contra sua omoplata, seu traseiro, e seu calcanhar; E seu coração ia perfurar suas costelas. A real merda, não era não poder ver, no entanto, — Não apenas ele se sentia isolado, mas o som de tudo sendo movido era muito alto. Da sua própria respiração aos passos de Eddie andando ao redor dele, ao sussurro de palavras estranhas sobre seu corpo nu, era tudo muito enervante.

E não demorou muito para lê perder a paciência. Aqui estava ele, deitado como um pedaço de carne a ser comido, na frente de Marie-Tereze, que estava sem dúvida, — Uma súbita vibração veio através do chão.

Vin sentiu o tom reverberando primeiro em suas mãos e pés, e depois continuando interiormente, os círculos centralizados desenhando no centro dele. Enquanto ele absorvia as ondas rítmicas, uma súbita brisa ventou através dos pelos em seus braços, suas coxas e seu peito, e ele se perguntou se alguém tinha aberto uma janela.

Não... As coisas tinham começado a girar.

Se ele ou o quarto tinha começado a rodar, ele não estava certo, mas abruptamente as ondas e a brisa se uniram, e ficaram irreconhecíveis enquanto começaram a rodar em volta dele... Ou ele rodava em volta. Como água correndo por um cano, a velocidade se acumulou e seu estômago se revoltou, a náusea fazendo com que aquele sanduíche que ele tinha comido com Marie-Tereze ficasse verde, e subisse por sua garganta.

Justamente antes dele pôr tudo pra fora, o carrossel parou e ele ficou leve. Não mais rodando, ele estava suspenso em ar quente, e um fodido obrigado por isso. Inalando profundamente, ele sentiu sua barriga relaxar e a tensão em seus braços e pernas diminuir, seus músculos ficando lassos.

E então sua visão retornou, Bom Deus, mesmo com suas pálpebras baixas, ele podia ver luz branca: A fonte estava em algum lugar embaixo dele, perfurando através do piso que ele supostamente estava, seu corpo entalhado em um padrão da iluminação.

O rosto de Eddie apareceu acima do dele.

A boca dele se movia como se ele estivesse falando, e Vin não ouvia as palavras que eram ditas, apenas conhecendo-as em sua mente:

— Respire fundo e fique bem parado.

Vin tentou assentir, mas quando Eddie sacudiu sua cabeça, ele apenas pensou na palavra sim ao cara.

A faca de cristal se elevou sobre o peito de Vin, a arma parada nas grandes mãos de Eddie. Enquanto a luz branca batia, um brilhante arco íris de cores cintilou, tudo indo dos azuis e rosas

bebê aos amarelos pálidos, vermelhos sangue, azul marinho e ametista profundo explodindo em frente dele.

Indecifráveis palavras apareceram na cabeça de Vin enquanto Eddie as recitava mais e mais rápidas.

Abraçando a si próprio, Vin focou na ponta afiada da lâmina.

Estava indo ao seu coração. Ele apenas sabia.

Quando a inevitável descida veio, foi mais rápida que um piscar de olhos, e mais lenta que um século, — E o impacto foi pior do que ele estava preparado. O instante em que a Adaga afundou na carne de Vin, ele sentiu como se todos os nervos em seu corpo transmitissem a dor.

Depois Eddie o cortou.

Vin gritou no redemoinho da dor, enquanto seu corpo se partia do seu esterno, sua espinha esticada enquanto ele se contorcia para cima. Ele estava vagamente consciente das palavras de Eddie, e depois a mão brilhante do homem alcançou o centro da agonia, fazendo doer ainda mais.

Sondando. Pulsando. Um imenso puxão.

O que quer que fosse que Eddie estivesse pegando e tirando, estava segurando forte, e abruptamente Vin não pode respirar pela imensa pressão nas suas costelas e pulmões. Arfando, ele lutou para puxar ar para o centro de tudo.

Ele começou a gritar de novo. O que não fazia sentido, porque ele não tinha ar.

Enquanto a luta para extração ficava mais furiosa, Vin lutou para se segurar, não por ele mesmo, mas por Marie-Tereze. Ele não iria morrer na frente dela. Ele não iria morrer na frente dela. Ele não iria, — Mas Eddie não diminuiu, e a coisa não aliviou, e Vin começou a cair. Seu coração foi de golpear, a tropeçar, de falhar a bombear, e com a fibrilação veio um frio entorpecedor, que o atacou. Ele tentou lutar, tentou fazer seu corpo voltar a funcionar, mas não tinha reservas sobrando para usar. Mesmo com sua mente e sua alma querendo ficar, seu corpo estava terminado.

Exceto que então a maldade foi aliviada.

Primeiro, tinha apenas uma leve falha, como se apenas uma das raízes que se apegavam a ele tivesse se libertado. Mas então outra se quebrou, e mais outra, e mais um monte. E — Com uma gritante lágrima, como metal estava sendo posta de lado, uma escuridão tinha sido tirada dele, ficando livre... E seu primeiro pensamento foi que ele estava sentindo seu corpo muito mais leve com a ausência. O segundo era que ele ainda estava morrendo, — Vin foi salvo pela luz branca.

De repente, como se soubesse quanto tempo ele tinha restando, ele tinha sido ressuscitado, a quente iluminação o cobrindo, diminuindo a dor, e então deixando o limpo como se a tortura nunca tivesse existido. Ele voou livre, leve e transparente, indiferente ao que o cercava.

Ele quase chorou de alívio e gratidão.

Era a primeira vez em trinta e três anos que ele tinha estado sozinho em sua própria pele. Os olhos de Jim estava dividido em lealdade.

Cada vez que um carro descia lentamente pela rua, ele olhava pela janela. Algum barulho em volta da casa? Rangido de uma árvore? Vento batendo na janela? Era o mesmo. Ele estava constantemente procurando pelos cantos, esperando por Devina aparecer.

E ainda o centro do quarto o consumiu.

Ele nunca tinha visto algo assim. Do momento que o chão soltou de Vin e aquela explosão de luz branca apareceu de lugar nenhum, ao elétrico segundo quando Eddie colocou a faca e começou a puxar, foi tudo tão incrível.

Deus, aquela faca.

Tinha sido a coisa mais linda que Jim já tinha visto: Quando a luz z atravessou, o espectro de cores vividas tinha saltado, os tons tão brilhantes e claros, era como se seus olhos fossem jovens de novo, e estavam vendo pela primeira vez.

Mas a luta... Ele estava certo que Vin iria morrer. No fulcro do brilho, Eddie tinha esfaqueado o homem e procurado dentro de seu peito e começou a puxar como se estivesse tentando arrastar um carro de um pântano. E em resposta Vin tinha gritado de uma enorme distância, a agonia lacrimejando fora de sua garganta enquanto seu corpo se tencionava.

Naquele momento, Marie-Terese tinha disparado para frente, mas Jim a tinha pego, por instinto dizendo a ela que ela não poderia ficar no caminho do que estava acontecendo, sem importar quão horríveis as coisas pareciam. Interromper não estava no manual: Isso era a cirurgia da alma, e o câncer tinha que sair. Mesmo se o homem morresse no meio disso, a tentativa de extração era a coisa certa a fazer.

Jim a segurou do jeito que pôde, e ela acabou em cima dele, as unhas enterradas profundamente em seu antebraço enquanto ela assistia, tão impotente como ele, por causa das consequências.

Era tudo sobre Eddie e Vin, e o qual fosse à sorte que ia rolar.

E então aconteceu. Eddie começou a ganhar a batalha — O que ele estava puxando começou a abrir caminho, primeiro aumentando, então com um final, a separação explodindo e empurrando o que fez com que o anjo caísse sobre seu traseiro. Mas não teve tempo para celebração.

Assim que o que quer que fosse aquela coisa preta saiu de Vin, ficou livre no ar, uma sombra de crueldade que flutuou livre, — E imediatamente veio apontando para Marie-Terese. Ondulando pelo ar, se juntou, ficando mais escura como se estivesse reunindo forças, e enfrentou a mulher.

Jim empurrou Marie-Terese para trás e a prendeu contra a parede. Trabalhando rápido com a arma de cristal, ele puxou a tampa na sua barriga e derramou o que quer que fosse que estivesse dentro, até que estava pingando do nariz dela e das pontas do cabelo.

Ele desejou ter um balde daquela merda.

Girando para trás, ele se abraçou enquanto a sombra se atirava contra eles. O impacto não era uma festa, a fumaça não existente parecendo como se fossem mais de mil ferroadas de abelhas na pele dele. Marie-Terese gritou. — Não, não foi ela. A coisa gritou e se despedaçou, parecendo tiros de ar comprimido sendo espalhado através do chão.

A fodida sombra retomou a forma, mas não tentou outra chance. Ferveu para fora da única janela que estava sem sal, e a destruição do vidro foi um choque, o som reverberando pela casa.

Ao mesmo tempo, a luz no círculo foi sugada do quarto, e a saída foi ainda mais barulhenta, um ruído sônico que fez os tímpanos de Jim estalarem e o espelho sobre a penteadeira se quebrou em pedaços. Eddie tinha sido jogado de costas pela explosão de energia, e ele bateu contra a parede, no momento em que Vin aparecia no chão, pálido, tremendo, coberto de suor.

Assim que ele se curvou de lado e puxou seus joelhos para seu peito, Marie-Tereze se soltou de Jim e correu para ele.

— Vin? — Ela alisou o cabelo dele.

— Oh, Deus, ele está congelando. Me dê o cobertor.

Jim puxou a coberta da cama e colocou nas mãos dela, depois ele foi checar Eddie, que parecia estar inconsciente.

— Você está bem aí grandão? Eddie?

O cara se sacudiu em atenção, e olhou em volta como se estivesse momentaneamente perdido. Para o crédito dele, mesmo no estado fora de si, a adaga de cristal estava presa em seu punho, as juntas brancas que a coisa teria que ser tirada por um par de alicates.

Sua expressão não era outra senão de triunfo.

Quando ele tentou levantar, Jim segurou o cara por baixo de suas axilas e o ajudou a levantar do chão e ir para a cama.

— Você não está parecendo como se isso tivesse ido bem.

Eddie tomou fôlego.

— Ele está limpo... E Bom movimento molhando ela.

— Achei que seria mais efetivo. — Jim transferiu a grossa fita sobre o ombro de Eddie e não conseguia entender porque ele parecia tão desapontado.

— Eu não entendo. Qual é o problema?

Eddie focou na janela quebrada, e sacudiu sua cabeça.

— Isso foi muito fácil.

Meeeeeeeeerda.

Se isso tinha sido uma volta no parque, Jim se perguntava com o que no inferno se pareceria uma luta de verdade.

Capítulo 39

Saul parou na sua entrada em transe, e estacionou o táxi. No leve brilho da garagem, ele levantou seus olhos para o espelho retrovisor e virou sua cabeça de lado. Com seu dedo cortado, ele alisou a ao lugar careca perto de sua orelha e lembrou de estar com a mulher na parte de trás do táxi. Eles tiveram sexo.

Tinha sido a primeira vez desde que ele tinha estado na prisão há dez anos atrás.

Ele tinha gostado... Pelo menos até o fim. No final, enquanto ele relaxava embaixo dela, uma estranha doentia letargia tinha escorregado nele, e ele não tinha se sentido tão relaxado, quanto pego numa armadilha.

Isso tinha sido quando ela tinha pego a tesoura. Ela se moveu tão rápido que ele não poderia tê-la parado, mesmo se estivesse alerta: Cortou de seu cabelo, talhou sua pele. Então ela esfregou seu sangue com o que tinha cortado de sua cabeça, desmontou de seus quadris, e desapareceu as mãos por baixo da saia.

Depois disso, ela tinha o deixado, onde o tinha tomado: No fundo do táxi.

Ela não tinha se incomodado de nem ao menos fechar a porta, e mesmo apesar de o frio ter deixado-o gelado, teve um tempo antes que ele tinha podido alcançar e fechar a coisa. Depois de fechar suas roupas, ele se entregou a exaustão, ignorando o guincho despachado e o fato de que não era muito legal para ele estar tão vulnerável no centro da cidade mesmo no meio do dia.

O sonho que ele tinha tido enquanto dormia, tinha sido horrorizante, e na luz opaca, ele virou sua cabeça e checkou que não tinha ninguém no banco de trás com ele. Exceto é claro que não tinha... Ele tinha se trancado no carro no instante em que se pôs atrás do volante.

Deus... O pesadelo. Nele, ele tinha sido fodido por um monstro que era e não era a mulher com quem ele tinha estado... E no sonho, ele fez algum tipo de acordo com ela. Exceto que ele não podia lembrar o que ele ganhou em troca do que quer que fosse que ele tivesse dado.

Sua amada... Tinha tido alguma coisa a ver com sua amada.

Estava escuro quando dois jovens punks o tinham acordado ao abrir as portas da frente do táxi e assaltando sua mochila e sua jaqueta.

Partindo de sua própria vontade, suas mãos tinham se lançado para frente e tinha agarrado um rabo de cavalo do que estava no volante. Sem dificuldades, ele ficou consciente de que estava cem vezes mais forte do que tinha estado antes de dormir. Mais forte, focado. Ele se sentiu como... Uma máquina assassina.

O garoto do outro lado do táxi tinha dado uma olhada no rosto de Saul, largado a carteira na mão dele, e desapareceu numa corrida mortal.

Saul tinha quebrado o pescoço do outro apenas puxando-o pelo rabo de cavalo ao banco de trás e girando sua cabeça até ouvir um —crack— no corpo morto.

Ele deixou o gelado cadáver direto no chão perto de onde o táxi tinha estado estacionado. E olhou para cima a câmera de segurança.

Que sorte, apesar. A luz vermelha que indicava que a coisa estava ligada, não tinha estado piscando. Então ali não tinha nenhum registro dele, da mulher ou dos dois garotos.

Não é sorte, ele ouviu uma voz dizer a ele.

Parte da barganha.

E foi ali quando tinha voltado a ele: Ele tinha querido estar livre de olhos observadores, de fazer o que quisesse, sem a preocupação de ser pego. Sem mais armas escondidas, cobrir pistas, se encobrir, sem se ocultar por aí.

E então estava feito.

Entrando pelo lado do motorista, ele sentiu o peso e a sublimidade, e isso tinha sido quando ele percebeu que o motor tinha ficado ligado desde que a mulher o tinha deixado. Então porque ele não estava morto pelo monóxido de carbono? Estava frio, e o aquecedor tinha estado ligado o tempo todo.

—Vá para casa—. Ele ouviu em sua cabeça.

Quando suas mãos agarraram o volante, instantaneamente ele teve sua direção deixada de lado como um desenho em seu peito: Ele precisava ir para casa. Depressa.

Isso era tudo o que ele sabia, e foi precisamente o que ele fez. Ele dirigiu do centro da cidade pelos subúrbios, indo tão rápido quanto podia — Enquanto que, depois de suas outras mortes, ele tinha sido tão correto como a esposa de um pastor.

Ainda agora, apesar de esse estranho poder correndo por ele, ele se sentiu preso, um motor fora de ordem: Tudo que ele podia fazer era olhar direto para frente.

Num canto escuro de sua mente, ele estava preocupado, por não estar atormentado sobre o que tinha durante um terço do tempo naquele beco. Ele devia ter deixado o táxi no despachante e desaparecido. Sonhos eram tudo bem e bom, mas eram fantasias, não realidade. E qualquer um que matasse pessoas podia ser pego. — Não você. Não mais.

Num canto escuro da sua mente, ele estava interessado no porque de não estar preocupado sobre o que tinha acontecido por uma terceira vez naquele beco. Ele devia ter deixado o carro no despachante e desaparecido. Sonhos eram tudo bem e bom, mas eram fantasias, não realidade. E qualquer um que matasse pessoas podia ser pego. — Não você. Não mais.

—Vá para dentro.

O pensamento o agarrou com a clareza de um sino tocando ao amanhecer. Destrancando as portas, ele saiu e olhou ao redor, ainda tendo dificuldades em entender a transformação que tinha passado. Ele estava diferente em sua própria pele, e tão bom como era, ele se sentiu como um ganhador da loteria que o bilhete ainda precisava ser autenticado. E se isso fosse tirado? E se alguma coisa viesse atrás dele e... — —Você, não se preocupe sobre isso. Vá para dentro—.

Enquanto ele pegava as chaves da casa, ele notou que tinha uma pick-up estacionada na frente da casa ao lado, e um caro carro no caminho, mas ele não deu atenção. Ele tinha que ir para dentro.

Quando ele estava em pé, no seu corredor da frente, ele olhou acima da sala de estar vazia e a cozinha, que estava suja com pacotes do McDonalds, caixas de pizza e garrafas de coca vazia. Agora o que? Ele não estava como fome ou sede e não estava cansado, e pela sua vida, ele não podia entender porque ele tinha que estar na casa.

Ele esperou.

Nada veio a ele, então ele fez como fazia toda vez que chegava em casa, ele subiu as escadas.

No segundo que ele entrou no quarto, a estatua de mármore de sua mulher o energizou, e o deixou focado, e ele se apressou para frente, caindo sobre seus joelhos na frente dela. Segurando em suas mãos, o perfeito rosto de mármore, ele sentiu suas mãos esquentarem a fria pedra.

E foi aí que a barganha voltou a ele, palavra por palavra.

A voz da mulher do táxi ecoou por sua cabeça:

— Por um pequeno preço, você pode ter exatamente o que você quer. Eu posso dizer a você, o que você deve fazer para consegui-la e mantê-la. E eu protejo o que é meu. Eu não vou deixar nada acontecer com você.

Sempre.

Você pode ter exatamente o que você quer.

Mate ela, e ela será sua.

— Sim — Ele disse para a estatua.

— Sim... Meu amor.

Tudo que ele tinha que fazer era ir naquela casa e entrar. Ele tinha que achar um jeito de chegar perto o suficiente de Marie-Tereze para, — O barulho de uma janela quebrando fez sua cabeça levantar. Enquanto o vidro explodia na casa ao lado, foi quebrado com tanta força que tirou Saul de seu lugar, fazendo sibilar a porta de alumínio da garagem.

Logo após, e com o contrastante silêncio, a cortina foi empurrada para fora do buraco que tinha sido deixado, como se a pressão dentro fosse maior que a pressão de fora. — Sua amada foi revelada para ele.

Na iluminação de uma lâmpada, o perfeito rosto de Marie-Tereze estava desenhado com linhas de horror e medo enquanto ela olhava para o lugar onde a janela tinha estado. Seu cabelo e suas roupas estavam molhados, e não tinha nenhum rastro de cor em suas bochechas, — O que a fazia parecer ainda mais com a estátua.

Enquanto ele a fitava, maravilhado e alegre, ele não se preocupou em ser visto por ela. Como ele estava no escuro, ele estava invisível para ela, e aos outros dois homens que estava com ela.

Interessante... Um deles, era daquele odioso clube. Ele tinha estado batendo naquele par de garotos que Saul tinha matado naquele beco.

Sem tempo para desperdiçar. Vá... Vá... Saul pulou sobre seus pés fora do quarto e desceu as escadas. — Todo o tempo maravilhado pela mulher do seu táxi.

Ela tinha poder. Verdadeiro poder.

Foi o trabalho de um momento correr para o carro, e pegar a arma que estava debaixo do bando do motorista.

Marie-Tereze enrolou a colcha em volta de Vin, e o apertou em seus braços. Seu corpo estava um cubo de gelo, nada mais que um estático objeto que soltava gelo. Enquanto ela o esfregava, tentando por calor em seu corpo, ele não estava ajudando. Ele estava agitado — Se contorcendo e se sacudindo, quase como se ele não soubesse onde estava, ou não pudesse entender o que tinha acontecido.

— Shh... Eu estou bem aqui. — Ela disse a ele.

Evidentemente, o som da voz dele era exatamente o que ele precisava ouvir, e se acalmar.

— Vin, eu quero que você se deite contra mim. — Enquanto ela o puxava, ele seguia seus comandos, deitando em seu colo, e se segurando nela.

— Shh... Você está bem. Eu estou bem... —

Enquanto o rosto dele se dobrava ao lado dela, ela não podia acreditar no que tinha visto e ainda não podia duvidar que tinha sido real. Ela também percebeu claramente que tinha estado consciente de apenas uma parte do que tinha realmente acontecido.

Afortunadamente, Eddie tinha apenas fingido a apunhalada, aquela adaga transparente parando direcionada diretamente no esterno de Vin. Mas a agonia tinha sido real para ambos os homens, quando os dois tinham lutado. E então... Bem, ela não sabia o que tinha vindo abaixo depois: Eddie ser jogado para trás, como se algo o tivesse puxado de Vin, e então Marie-Terese sentiu uma pontada de pânico, que estava relacionado a nada específico — Pelo menos no começo.

Isso mudou rápido. Ela sentiu um mau espírito se focando nela, e no momento que aconteceu, Jim a puxou para trás dele, e então jogou uma solução nela que cheirava como o mar. Enquanto ela gritava, o mau pareceu se estilhaçar em volta dela, e isso foi quando a janela quebrou.

Vin rolou sobre seus braços e olhou para o rosto dela.

— Você... Está mesmo bem? — Ele mal podia colocar as palavras para fora de seus dentes trementes.

— Eu estou bem.

— Você está molhada.

Ela puxou seu cabelo úmido cabelo negro para trás.

— Eu acho que me salvou.

Eddie falou da cama, sua voz grossa, parecendo cascalho.

— Salvou. Jim fez uma boa ligação com essa. — O homem assentiu uma vez, mais focado na má forma que seu amigo estava do que em qualquer elogio.

— Você tem certeza que não precisa de nada? — Ele perguntou a Eddie.

Adrian é quem precisa se apressar. Ela não apareceu e ele não está aqui, e isso significa...

Problemas, Marie-Terese pensou.

— Problemas, — Jim completou. — Então eu vou ter que tornar a encher o vidro do molho mágico. — Enquanto ele se encaminhava para o banheiro, Vin soltou um gemido e tentou se sentar.

— Aqui, — Ela disse, colocando seus braços em volta do torso dele e levantando a parte de cima do corpo dele do chão. Quando ele conseguiu se segurar sentado, ela puxou a colcha dos quadris dele, e o enrolou em volta dele.

Ele correu sua mão por seu cabelo, o alisando.

— Acabou? Eu... Estou livre?

Eddie levantou de uma guinada.

— Não completamente. Não até nós pegarmos aquele diamante de volta.

— Eu posso ajudar com isso?

— Não, é melhor que um de nós tome conta disso.

Vin assentiu, e depois de um momento, ele começou a levantar. Apesar de ele pesar mais do que ela, ela o ajudou o melhor que podia até que ele estava em pé, se segurando por ele mesmo, e depois ela o deixou ir, então ele podia andar sozinho.

Quando ele foi se vestir, ela não queria parecer com uma mamãe-galinha, então ela se encaminhou para olhar a janela que tinha sido quebrada. Olhando o dano, perguntas assobiaram ao redor da mente dela e se misturaram juntas. Os vidros tinham sido estilhaçados por completo, deixando nada mais pedaços para trás nas vidraças, e ela olhou para fora. Embaixo, no chão, tinha cacos e pedaços de vidro e madeira, mas nada maior que o tamanho de uma caneta.

— Fique longe daí. — Eddie disse, se aproximando e tirando-a do caminho com seu grande corpo. — Não está selado, o que significa, — Eddie arfou e colocou a mão em sua garganta como se tivesse sido pego pelo buraco por trás. Enquanto ele se inclinava para trás, sua cabeça e ombros começaram a cair pela abertura e Marie-Terese disparou para ele, — Apenas para ser puxada com ele.

— A... Faca... — Eddie arfou.

Tudo aconteceu em câmera lenta enquanto ela gritava sobre seu ombro. Graças a Deus, Jim já estava lá, vindo correndo do corredor e indo para a faca de cristal que tinha sido deixada em cima da cama. No instante em que a faca esteve em sua mão, Eddie trabalhou, puxando e apunhalando algo que estava fora da janela.

Marie-Terese olhou em uma das pernas de Eddie, enquanto Jim dava um abraço de urso nele pela cintura. Enquanto eles trabalhavam juntos, Vin foi por sua arma na penteadeira, apontando para a confusão. Ela tinha fé que ele não iria atirar a menos que, — Pelo canto mais longínquo do quarto, pela porta aberta, ela viu um homem vindo pelas escadas. Ele estava chegando mais perto a eles em silêncio e se movendo com rígido foco. Quando ele virou sua cabeça, seus olhos se encontraram...

Saul... Do grupo de orações. O que ele estava fazendo, — A arma na mão dele se levantou, e depois apontou, para ela.

— Amada. — Ele disse com reverência. — Minha agora e sempre.

A arma automática explodiu.

Vin gritou algo, justamente enquanto Jim jogou seu corpo no caminho da bala: Com a graça de um atleta, ele saltou no ar, colocando seu peito no caminho que era intencionado para ela, seus braços abertos, seu torso completamente exposto para o atirador, de um jeito que ele oferecia a maior superfície para protegê-la.

Enquanto o agudo, alto som ecoou, Eddie caiu pela janela, se derrubando do quarto. E então um segundo tiro foi disparado.

Capítulo 40

Vin se desprende de sua letargia no momento em que se fez evidente que perto da janela havia problemas. Tinha estado com as calças a meio caminho quando ouviu que se desatava o caos, e seu primeiro pensamento foi para Marie-Terese... exceto que aparentemente não era ela que estava sendo estrangulada. Não obstante, Jim tinha respondido rapidamente, passando para Eddie a adaga de vidro e logo lhe emprestando cada grama de músculo que tinha. E Marie-Terese estava justo ali para ajudar, fazendo o que podia para evitar que o homem fosse arrastado para fora por só Deus sabia o que.

O primeiro que ocorreu ao Vin foi que devia ir procurar a arma que tinha deixado com suas roupas e assim o fez. Tirando a trava com o polegar, nivelou o canhão apontando a arma para a confusão de corpos que havia junto à janela. Não tinha idéia a quem demônios devia atirar, por isso aguardou serenamente...

E logo a expressão do rosto de Marie-Terese mudou abruptamente passando da determinação à comoção quando enfocou a vista na porta do quarto.

Havia alguém mais na casa.

Vin girou rapidamente sobre seus pés descalços e viu desenvolver a visão que lhe tinha sido dada durante seu transe: um homem com cabelo loiro que começava a ralear estava dobrando a esquina no alto das escadas e levantando uma arma para apontá-la diretamente para o dormitório. Sim... esta era. Ia puxar o gatilho e a bala ia viajar através do ar em um instante... e Marie-Terese ia ser ferida.

—Não! —gritou Vin quando soou o disparo.

Pela extremidade do olho viu Jim saltar na frente a ela, viu o corpo do homem bloquear o chumbo que estava dirigido a ela, viu como o recebia em seu peito e como o impacto o empurrava para trás provocando que a atirasse ao chão.

O instinto de Vin foi correr para ela, mas essa não era a melhor jogada. Girando-se de repente com a arma, sabia que devia assegurar-se de que o intruso não tivesse uma segunda oportunidade de disparar... era quão único podia melhorar as possibilidades que todos tinham de sobreviver.

Embora tivesse a fria e mortal suspeita de que Jim tinha caído de forma permanente.

Segurando a arma com firmeza, Vin ficou frente à porta... e diretamente frente ao rosto de um homem que era uns bons oito centímetros mais baixo que ele.

Era questão de quem apertava primeiro o gatilho, e a surpresa operou a favor de Vin... o atirador ingenuamente tinha assumido que só havia três pessoas no quarto.

Vin não duvidou em disparar, diretamente ao coração, e o impacto desviou a pontaria do tipo e ao mesmo tempo provocou que esticasse o dedo indicador sobre o gatilho. O qual teve como resultado que Vin recebesse uma bala no ombro.

Felizmente foi no esquerdo.

Quando o intruso caiu de costas e sua arma voou para outra parte, Vin enfiou o canhão para ele e lançou outra descarga, e outra e outra sobre o tipo para que não existisse nem a mais mínima possibilidade de que o fodido pudesse sequer pestanejar, muito menos levantar uma arma.

Com cada disparo, o homens se sacudia e as pernas e os braços se agitavam como se fosse uma marionete.

—Marie-Terese está ferida? —gritou Vin quando o bulício se sossegou.

—Não... mas oh, Deus... Jim mal respira e Eddie caiu pela janela.

Vin passou por cima do tipo e chutou sua arma enviando-a escada abaixo, o sangue gotejava de sua mão livre e ia cair sobre os jeans do intruso. Não obstante, ainda não estava disposto a confiar de que o bastardo estivesse morto, assim apontou sua arma para o rosto que tinha diante e que começava a empalidecer enquanto esforçava o ouvido se por acaso abaixo se produziam mais pegadas.

—Use seu telefone —disse a Marie-Terese— Chame o 911.

—Já estou marcando. —respondeu ela.

Desejava olhar por cima do ombro para ver como estava ela com seus próprios olhos, mas não queria arriscar-se. Não havia forma de saber quem mais podia ter entrado na casa, e no peito do intruso ainda se podia apreciar um movimento superficial.

Enquanto os segundos se convertiam em minutos, Vin aprovava totalmente a forma como a cor ia abandonando os traços pouco notórios do rosto do homem, mas Cristo... quem era? O que era?

Embora se uma bala podia detê-lo, provavelmente fosse só um humano. A voz de Marie-Terese flutuou através do cômodo.

—Sim, houve um tiroteio no um-um-seis da Avenida Crestwood. Há dois homens... três homens abatidos... precisamos de uma ambulância em seguida. Marie-Terese Boudreau. Sim... sim. Sim... não, não é minha casa...

As pálpebras do intruso se abriram repentinamente, e Vin encontrou a si mesmo olhando fixamente um par de olhos castanhos que estavam fixos em algo mais que o que fosse que tivesse em frente. Tremendo torpemente esses lábios que estavam ficando cinza começaram a mover-se.

—Nããoo... —a palavra se estendeu durante a duração de uma exalação aterrorizada, como se o que fosse que estivesse vendo fizesse que os pesadelos fossem situações de comédia.

Com um ofego e um estremecimento, o tipo passou ao mais à frente, com uma expressão de terror congelando-se em seu rosto enquanto um fio de sangue fluía brandamente pelo canto de sua boca.

Vin chutou as pernas frouxas duas vezes e logo forçou o ouvido. Podia ouvir o vento soprando nas escadas, mas não se ouvia outro som em nenhum lugar.

Retrocedeu lentamente, fazendo oscilar a arma de esquerda a direita no caso de que alguém subisse do andar inferior ou aparecesse de improviso em alguma das portas.

Dentro do dormitório, estendeu o braço amplamente, Marie-Terese se adiantou e se deram um forte abraço. Estava tremendo, mas durante o meio segundo que estiveram juntos o apertou com força.

—Pode praticar a respiração cardiopulmonar em Jim? —perguntou ele— Ou prefere segurar a arma apontada para...?

—Não, eu me ocupei dele. —aproximou-se do homem, ajoelhou-se e pôs o ouvido perto

da boca de Jim— Ainda respira, mas não por muito.

Tirando o suéter energicamente, formou uma bola com ele, colocou-a sobre a ferida sangrando que tinha Jim no meio do peito e pressionou enquanto tomava o pulso.

—Tão fraco... mas pulsa, assim não posso efetuar compressões de peito. A ambulância chegará em cinco minutos.

Que em uma situação como essa era uma eternidade.

—Não atire. —chegou-lhes uma voz vacilante de baixo—É somente eu.

—Eddie? —gritou Vin—.Jim está ferido!

Quando apareceu Eddie no alto das escadas, tinha aspecto de ter sido atropelado por um carro, e enquanto se adiantava coxeando, olhou ao intruso.

—Esse sim está realmente morto. Como está Jim?

—Bem. —sussurrou Marie-Tereze enquanto acariciava o rosto do homem— Verdade Jim? Está bem e vão curá-lo. Você vai superar muito bem...

Vin deixou a arma sobre a cama e se ajoelhou do outro lado de Jim imitando a postura que Marie-Tereze tinha adotado no chão com o braço estendido para o homem caído.

—Salvou-me. —disse ela, acariciando com sua pequena mão o grosso braço de Jim— Me salvou, Jim. Sem você estaria morta... OH, Deus, Jim salvou minha vida...

Vin percorreu com a vista o poderoso torso e não precisava do diploma de médico para saber que a ferida que o homem tinha recebido era fatal. Jim respirava da mesma forma superficial que o intruso, e logo ia seguir a rota que o atirador tinha seguido: sua cor estava se desvanecendo a um ritmo alarmante, evidência de um sangrado interno.

Merda, não havia nada que pudessem fazer mais que esperar que os profissionais chegassem com a maca. A Ressuscitação Cardiopulmonar não era uma opção, já que Jim tinha pulso e estava respirando por sua conta, e exercendo pressão sobre uma artéria rompida não ia se obter uma merda.

Pela primeira vez na vida, Vin começou a rezar para poder ouvir logo o som das sirenes.

* * * *

Jim tinha recebido disparos antes. E o tinham apunhalado. Também tinha sido enforcado uma vez. Tinha sido ferido em brigas a murros, com chaves de porca, com navalhas e com botas. Até tinha sido trespassado com uma caneta Montblanc.

Em todas essas situações tinha sabido que ia sobreviver. Sem importar quanto lhe tivesse doído, ou quanto tivesse sangrado, ou quão maligna tivesse sido a arma, tinha estado seguro de que suas feridas não eram mortais.

E agora sabia com a mesma certeza que a bala que tinha no peito tinha deixado a sua caminho o tipo de rastro dilacerador que ia conduzi-lo para sua magnífica recompensa.

Anjo ou não, estava morrendo. O curioso era que não lhe doía muito. Por certo que sentia um intenso ardor, e tinha dificuldades para respirar... o que tomou como sinal de que seus pulmões estavam começando a se encher de sangue, ou de que a cavidade de seu peito estava

alagada... mas acima de tudo estava confortável. Talvez sentisse um pouquinho de frio, mas acima de tudo conforto.

Assim evidentemente devia estar em estado de choque.

Supunha que essa pequena bala devia ter alcançado uma artéria.

Abriu a boca por instinto, mais que nada, não porque desejasse rezar ou rogar aos médicos que se apressassem: estava se afogando em seu próprio corpo e essa era a versão longa e resumida dos fatos.

E em realidade não era um mau desenlace. Graças aos Quatro Garotos, sabia que logo veria sua mãe. E esperava encontrar-se com a adorável garota loira que não merecia ter morrido da maneira em que o tinha feito.

Tudo isso lhe proporcionava paz.

Era gracioso, ao imaginar esses quatro homens ingleses com suas roupas brancas e seu cão, desejo que tivessem êxito e sentiu lástima por eles. Supôs que esses anjos deviam haver-se equivocado. Ele não era a resposta a seus problemas... embora ao menos tinha obtido que Vin e Marie-Terese tomassem o caminho correto.

E embora resultasse estranho sabê-lo, tinha resultado ser que o que tinha estado em frente a uma encruzilhada tinha sido ele e não Vin.

Quando viu o canhão da pistola apontando e preparado para disparar, seu único pensamento tinha sido para Vin e Marie-Terese. Salvá-la significava salvar a ambos, e seu amor era muito mais valioso que uma desprezível vida.

Era a primeira vez que fazia algo assim. A primeira vez que não só tinha agido com absoluta generosidade, mas sim o havia feito por um sentimento que não tinha nada a ver com a ira ou a vingança. E nunca tinha estado mais seguro de nada em sua vida com exceção da necessidade de vingar a sua mãe, que havia sentido tantos anos atrás.

Reunindo suas fraquejantes forças, Jim tentou enfocar os olhos e pôde ver Marie-Terese e Vin inclinados sobre ele. Vin tinha agarrado sua mão e estava falando com ele, o rosto do homem tinha uma intensidade tão grande que chegava ao ponto da distorção, suas feições pareciam distender-se simultaneamente, seus olhos estavam cheios de veemência. Jim tentou concentrar-se para fazer funcionar seu sentido do ouvido, mas o som estava por cima de suas possibilidades. O melhor que podia fazer era supor que o tipo lhe estava dizendo que aguentasse, que a ambulância estava em caminho, aguenta, a ambulância estava chegando... OH, Deus, Jim, fica conosco...

No lado oposto, estava Marie-Terese chorando silenciosamente, seus lindos olhos resplandeciam pela pena, suas lágrimas cristalinas caíam de suas bochechas e foram parar no peito dele. Ela segurava sua outra palma e lhe esfregava o braço brandamente como se tentasse lhe dar calor.

Ele não podia sentir nada, mas ao observar como o acariciava, sentiu-se comovido.

Infelizmente, não sobrava muito tempo para estar com eles, e não tinha fôlego para falar... assim fez quão único podia fazer.

Com a última reserva de força, Jim junto suas mãos, as unindo por cima do buraco de seu peito que tinha mudado tudo para eles três, segurando as duas metades que eram eles, para que

fossem um.

Enquanto sua visão cedia, olhou esses dedos, os pequenos e os grandes, entrelaçados entre si. Repentinamente soube com segurança que o futuro ia ser amável com eles. O demônio tinha sido afastado de Vin e de alguma forma os talismãs tinham acabado em posse de Adrian. Estas duas boas e quebrantadas pessoas iriam curar-se uma à outra e iriam caminhar juntas, lado a lado, durante as horas, dias e anos das décadas por vir, e isso era correto; era algo bom.

Fazia uma boa ação. Depois de tantos anos mutilando vidas, tinha salvado uma que importava. E dois que valiam a pena.

Ao chegar à encruzilhada, tinha escolhido sabiamente.

De repente o peito de Jim se paralisou, ele tossiu com força e sua boca se umedeceu. Sua seguinte inalação, não foi outra coisa que um fervor, e seu coração começou a saltar erráticamente. Já não faltava muito, não faltava virtualmente nada.

Apenas podia esperar para ver sua mãe. E o surpreendia em que medida suas ações lhe contribuíam com paz.

Justo no momento em que as luzes vermelhas estavam a jogar sobre o teto -sinal de que uma ambulância se deteve no caminho de entrada da casa- Jim exalou seu último fôlego... e morreu com um sorriso nos lábios.

Capítulo 41

A viagem na ambulância foi agitada por causa da velocidade e brilhante devido às luzes intermitentes. As sirenes, entretanto, eram ligadas somente nos cruzamentos das ruas. Marie-Terese tomou isso como um bom sinal.

Estava sentada em um banco embutido junto a Vin, com uma mão agarrada a uma barra vertical de aço inoxidável para firmar-se e a outra firmemente apertada contra sua cálida palma, supunha que se sua condição fosse realmente grave, o dilacerador rugido de tom agudo estaria ligado constantemente.

Ou talvez simplesmente estivesse tentando apaziguar-se.

Enquanto jazia na maca, Vin tinha os olhos fechados e o rosto pálido, mas segurava sua mão. E cada vez que passavam um buraco, sobressaltava-se, retraindo os lábios sobre seus dentes brancos... o que tinha que significar que não estava em um choque profundo ou em coma. E isso era bom, verdade?

Se o comparasse com os potenciais aspectos negativos.

Olhou a paramédico. A mulher estava concentrada na tela de um eletrocardiograma portátil, e sua expressão não deixava transparecer nada.

Marie-Terese se inclinou a um lado e tentou obter um olhar de qualquer leitura que estivesse saindo da máquina... e tudo o que pôde ver foi uma linha branca riscando uma espécie de padrão sobre um fundo negro. Não tinha nem idéia do que significava.

Rezou para começar a ver através da janela traseira da ambulância, postes de sistema de iluminação público nas calçadas... e edifícios em lugar de desertos centros comerciais e áreas residenciais... e carros estacionados nos meio-fios.

Porque isso significaria que finalmente estavam no centro da cidade.

E não era só pelo bem de Vin.

Correndo um pouco e levando para frente o traseiro no assento, podia olhar através do pára-brisa dianteiro, e a consolava o fato de que a ambulância que ia diante deles -a que levava Jim- ainda tivesse as luzes acesas. Os paramédicos tinham avaliado a gravidade de ambos os homens, tinham chamado a uma segunda equipe e tinham tratado primeiro de Jim... e ela tinha permanecido fora, no corredor com Eddie enquanto entravam um desfibrilador portátil ao quarto e davam a esse peito ferido um choque... dois choques...

As palavras mais doces que tinha ouvido alguma vez tinham provindo do homem que tinha o estetoscópio: tem pulso.

Esperava que aí em diante pudessem mantê-lo com vida. A idéia que Jim pudesse morrer por salvá-la era quase insuportável.

E quanto a Saul... não tinha precisado de transporte rápido ao hospital. Sobrava tempo para ele.

Bom Deus... Saul?

Tinha sido virtualmente invisível durante essas reuniões do grupo de oração, nada mais que um homem tranquilo, com entradas, que tinha o aspecto patético de um perpétuo perdedor na equação da vida. Não tinha visto nada nele que a levasse a pensar que estava obcecado com ela, mas o problema era... que era precisamente o tipo de homem que nunca recordaria.

Recordava haver-se topado com ele na igreja a noite anterior durante a confissão, perguntou-se quantas vezes teria deixado de notá-lo. Depois de tudo, tinha sido o primeiro carro em deter-se quando hoje tinha tido o probleminha de tráfego depois do serviço. O que sugeria que tinha estado justo detrás dela.

Quão frequentemente a tinha seguido a casa? Teria ido ao Iron Mask?

Com um calafrio, perguntou-se... teria sido ele que matou esses homens que tinham estado com ela?

Todo o assunto não fazia que se sentisse exatamente contente pelo tipo de homem que tinha sido seu ex-marido. Mas sim agradecia as precauções que tinha tomado devido a Mark.

Pelo pára-brisa dianteiro, viu passar voando os escritórios do Caldwell Courier Journal e apertou a mão de Vin.

—Já quase chegamos.

Ele levantou as pálpebras. Esses olhos cinza que a tinham cativado em um princípio voltaram a ter o mesmo efeito: olhando-os fixamente, sentiu como se tropeçasse e caísse e não tivesse idéia de onde ia aterrissar.

Embora isso já não fosse verdade, não era? Sabia exatamente que tipo de homem era e não era do tipo dos quais você tinha que cuidar.

Era o homem que precisava em sua vida. Que queria em sua vida.

Inclinando-se sobre ele, afastou-lhe o cabelo para trás, acariciou a incipiente barba e o olhou nos olhos.

—Amo você —disse, inclinando-se para beijar seus lábios.

Ele apertou sua mão.

—Eu também... amo você.

Homem, essa voz rouca a derretia por dentro.

—Bem. Então estamos empatados.

—Estamos...

A ambulância golpeou algo na estrada e tudo, das máquinas passando pela paramédico e até Vin na maca, sacudiu-se. Enquanto ele aspirava com um sussurro agressivo e fechava os olhos com força, ela voltou a debruçar-se para olhar através da janela da parte da frente, ansiosa para ver como brilhava no ambiente o complexo do Hospital St. Francis... esperando que de alguma forma o estabelecer contato visual com seu destino pudesse acelerar as coisas.

Vamos...vamos....

De repente a ambulância que ia diante deles apagou as luzes vermelhas e reduziu a velocidade até o limite legal, e a que os levava a ela e a Vin a alcançou rapidamente... e logo a ultrapassou a que até agora tinha liderado a marcha.

—Por que diminuem a velocidade? —perguntou enquanto a paramédico recolocava o monitor do eletrocardiograma— Apagaram as luzes. Por que estão diminuindo a velocidade?

O gesto negativo da cabeça que obteve como resposta, não foi uma surpresa. Era uma tragédia: só era necessário apressar-se se a pessoa estava viva. E esse era o motivo pelo qual ninguém tinha atendido Saul depois que tinha sido declarado morto.

A morte te deixava uma eternidade para se ocupar dos corpos. Não era necessário apressar-se.

Marie-Terese respirou lentamente e quando as lágrimas alagaram seus olhos, soltou a barra da qual se agarrava e as enxugou. Quão último queria era que Vin abrisse os olhos e a visse desgostada.

—TEA⁶⁰ dois minutos —gritou o condutor da frente.

A paramédico recolheu um gráfico.

—Senhora, me esqueci de perguntar. É você sua parente mais próxima?

Limpando os olhos, recuperou a compostura pelo bem de Vin e soube com certeza que de nenhuma maldita maneira ia arriscar-se a ser excluída no que referia a seu cuidado. Conhecidos e amigos só podiam chegar até certo ponto quando se tratava dos doutores e as enfermeiras da sala de urgências.

—Sou sua esposa.—disse.

A mulher assentiu e anotou algo.

—E seu nome é?

Nem sequer vacilou.

⁶⁰ TEA - no original estimated time of arrival cuja tradução é: seu Tempo Estimado de Chegada

—Gretchen. Gretchen Capricio.

* * * *

—Você é um homem muito afortunado.

Duas horas depois, essas palavras com entonação ao estilo *Porra, sim!* Foram ditas ao Vin enquanto a doutora que tinha afirmado retirava as luvas cirúrgicas cor azul brilhante com um estalo e lançava o par em um contêiner de risco biológico laranja.

Ela tinha muita razão. Tudo o que tinha precisado tinha sido anestesia local e alguns pontos para fechar as feridas de entrada e saída. Não havia ossos quebrados, nem tendões rasgados nem nervos danificados. O bastardo da pistola só tinha acertado a carne, o qual era estúpido e de uma vez uma boa jogada.

Vin realmente tinha tido sorte.

Infelizmente, sua resposta às boas notícias foi dobrar-se sobre si mesmo e vomitar na bacia rosa que tinha junto a sua cabeça. E a ação de mover o torso fez que a dor de seu ombro se convertesse na diva do momento... o que piorou os vômitos... que pioraram a dor... e assim seguiu imensamente. E ainda assim tinha que estar de acordo com a mulher vestida com o uniforme verde de médico. Tinha sorte. Era o bastardo mais afortunado do planeta.

—Entretanto não tolera o Demerol⁶¹. —disse.

Obrigado pela notícias de último momento, pensou Vin. Tinha estado vomitando desde que lhe aplicaram a injeção, por volta de uns trinta minutos.

Depois que sua última rajada de náuseas perdeu entusiasmo, reclinou-se para trás sobre o travesseiro e fechou os olhos. Quando sentiu uma toalhinha fresca limpando sua boca e o rosto, sorriu. Marie-Tereze — Gretchen, na realidade — continuava sendo maravilhosa no manejo do tecido de felpa.

E se Deus quisesse, passaria muito tempo antes que tivesse que voltar a fazer uso dessas habilidades nele.

—Vou aplicar em você uma injeção anti-vômitos —disse a doutora— e se o vômito ceder, poderemos lhe dar alta. Deve tirar os pontos dentro de dez dias, e seu médico pode fazê-lo. Nós colocamos um reforço do tétano e lhe darei uma receita para os antibióticos orais... mas por aqui temos umas amostras médicas, e já lhe demos um. Alguma pergunta?

Vin abriu as pálpebras e em vez de olhar a doutora, olhou para Gretchen. Amava-o. O havia dito, quando estavam na ambulância. Tinha escutado as palavras de sua própria boca.

Assim não, não tinha nenhuma pergunta. Enquanto soubesse que ela se sentia dessa forma, estava preparado para enfrentar quase todo o resto.

—Só me aplique essa injeção, Dr, para que possa ir embora daqui.

A mulher ficou umas luvas novas, desentupiu uma seringa e colocou a agulha diretamente em sua veia. Quando apertou o êmbolo, não sentiu nada, o que fez que quase valesse a pena ter os vômitos.

⁶¹ Similar à morfina, o *Demerol* é um narcótico de ação rápida no alívio da dor.

—Isto deverá aliviá-lo imediatamente.

Vin conteve a respiração, sem esperar realmente...

Sagrada merda. O efeito foi imediato, como se sua barriga tivesse sido coberta por um lote completo do Ei-nem-pensar-tranquilo-grandão. Com um suspiro trêmulo, todo seu corpo ficou lasso, dando-lhe uma idéia clara de quão enjoado exatamente havia se sentido, como se o vômito não o tivesse obtido.

—Vejamos se assim agüenta. —disse a doutora, voltando a tampar a seringa e atirando-a a uma caixa laranja— Só descanse aqui, e quando lhe der alta, chamaremos um táxi para você e sua esposa.

Ele e sua esposa.

Vin levou a mão de Gretchen à boca e roçou seus nódulos com um beijo.

—Soa bem pra você? —perguntou— Querida?

—Perfeito. —Um sorriso curvou seus lábios— Tão logo esteja preparado para partir, querido.

—Definitivamente estou.

—Bem, retornarei para controlá-lo. —A doutora foi para a cortina que separava o cubículo de Vin do resto das emergências— Escute, o Departamento de Polícia quer vê-lo. Posso lhes dizer que entrem em contato com você...

—Faça que entrem —disse Vin— Não há razão para fazê-los esperar.

—Está seguro?

—O que é o pior que pode ocorrer? Que volte a vomitar outra vez e use os bolsos do tipo no lugar da minha bacia? Estou disposto a me arriscar.

—Muito bem, como quiser. Se alongarem-se muito, toque o botão da enfermaria e nós interviremos. —A doutora assentiu e apartou a cortina— Boa sorte.

Enquanto a cortina se fechava, Vin apertou a mão de Gretchen com urgência, porque não sabia quanto tempo tinham.

—Quero que me diga a verdade.

—Sempre.

—O que aconteceu com Jim? Está...?

Ela engoliu com força antes de responder, e isso disse tudo, e para evitar de ter que dizê-lo com palavras, beijou-lhe a mão outra vez.

—Shh, está bem. Não tem que dizer...

—Era seu amigo. Sinto tanto...

—Não sei como dizer isto, assim simplesmente o direi. —Vin esfregou seu pulso com o polegar, sobre o lugar onde lhe pulsava o pulso— Alegra-me muito que ainda esteja aqui. Para seu filho. Para mim. Jim fez algo incrivelmente desinteressado e heróico e por mais que deseje que não tivesse morrido devido a isso, estou muito agradecido pelo que fez.

Ela baixou a cabeça e assentiu, seu cabelo encaracolado caiu para frente. Enquanto ele desenhava círculos sobre os finos ossos de seu pulso, percorreu as brilhantes ondas com o olhar. A última ação de Jim na terra tinha deixado tremendo legado, ou seja, uma vida a ser vivida... um

filho que ainda tinha a sua mãe... e um amante cujo coração não se fez em pedaços pela perda.

Um bom legado.

—Era um verdadeiro homem. —Vin clareou a garganta— Ele... foi um grande homem.

Permaneceram juntos em silêncio, ele estendido sobre a maca, ela em uma cadeira de plástico, suas mãos estavam firmemente unidas... da mesma forma como o homem que tinha salvado a vida dela as tinha unido sobre seu peito.

Ao outro lado da cortina cinza e azul, as pessoas andavam apressadas, suas vozes se sobrepunham uma a outra, seus sapatos sussurravam ao passar, seus ombros roçavam a cortina e faziam que se balançasse nos ganchos de metal dos quais pendurava.

Por outro lado ele e Gretchen, estavam imóveis.

A morte fazia isso a uma pessoa, pensou Vin. Detinha-a em um lugar em meio das grandes cambalhotas e lutas da vida, isolando-a na quietude do silêncio. No mesmo momento em que tomava posse, mudava tudo, mas seu efeito era como o de um carro se chocando contra uma parede... o que estava dentro continuava avançando porque a merda não tinha nem idéia ... sendo o resultado o caos absoluto: Toda a roupa que a pessoa teria usado alguma vez se convertia em uma espécie de exibição histórica que devia ser eliminada pelo familiar mais próximo e querido... e suas assinaturas às revistas, seus estados de conta e os avisos do dentista passavam de ser correspondência a ser correio de lixo... e o lugar onde viviam passava de ser um lar a ser uma casa.

Tudo parava... e nada voltava a ser o que tinha sido.

Meu Deus, quando se encontrava com a notícia de que um conhecido tinha morrido, obtinha uma pequena tira do que o defunto estava tendo à mãos cheias: parava de repente e se desentendia do negócio da vida enquanto o tangido dos sinos ressoava através de sua mente e seu corpo. E como os humanos eram insofríveis, habitualmente o primeiro pensamento era: Não, não pode ser.

A vida, entretanto, não vinha com um botão de rebobinar e estava fodidamente seguro que não lhe interessavam as opiniões do galinheiro.

A cortina foi afastada, revelando um homem gordinho com olhos e cabelo escuros.

—Vin diPietro?

Vin sacudiu a cabeça com força para prestar atenção.

—Ah... sim, sou eu.

O homem entrou e tirou uma placa.

—Sou o detetive da Cruz de Homicídios. Como vai?

—Não vomitei durante quase dez minutos.

—Bem, felicito-o. —Saudou Gretchen com uma inclinação de cabeça e lhe fez uma pequena reverência— Sinto que temos de voltar a nos encontrar tão cedo... e sob estas circunstâncias. Agora, vocês podem me dar uma rápida versão do ocorrido? E escutem, nenhum de vocês está sob prisão... mas se preferem falar na presença de um advogado, entendo-os.

Não tinha chamado Mick Rhodes ainda, e sem dúvida desaconselharia dizer algo sem que ele estivesse presente, mas Vin estava muito cansado para que lhe importasse... e de todas as formas, não fazia mal cooperar substantivamente se tinha agido dentro dos limites da lei.

Vin sacudiu a cabeça daqui para lá no travesseiro.

—Não, está bem, detetive. Quanto ao ocorrido abaixo... estávamos em cima no dormitório com... —Por alguma razão, um instinto primitivo lhe disse que não mencionasse Eddie... um tão poderoso que se sentiu incapaz de resisti-lo— ...com Jim.

O detetive tirou um pequeno bloco de papel de notas e uma caneta, ao mais puro estilo Colombo.

—O que estavam fazendo na casa? Os vizinhos dizem que normalmente não há ninguém ali.

—O lugar é meu e finalmente tinha decidido renová-lo para vendê-lo. Sou construtor e Jim trabalha... trabalhava... para mim. Estávamos ali discutindo o projeto, já sabe, registrando os cômodos... suponho que deixei a porta principal aberta e estávamos no andar de cima quando tudo ocorreu. —Como o detetive assentia e tomava notas em seu bloco de papel, Vin lhe deu a oportunidade de anotar tudo— Estávamos no dormitório, falando e quando me dei conta ouvi o disparo. Passou tão endemoniadamente rápido... Jim saltou na frente dela e recebeu a bala... Eu estava junto à cômoda, de costas à porta e tirei minha arma... a qual, por certo, está registrada e tenho permissão para usá-la. Disparei no homem e ele caiu.

Mais notas no bloco de papel.

—Disparou-lhe várias vezes.

—Sim, fiz isso. Não ia lhe dar a oportunidade de soltar outro bombardeio.

O detetive retrocedeu no bloco de papel de notas e as páginas coloridas rangeram. Quando levantou a vista novamente, sorriu brevemente.

—Correto, de acordo... então por que não tenta de novo e desta vez me diz a verdade? Por que você estava nessa casa?

—Já disse...

—Havia sal derramado por toda parte, aroma de incenso no ambiente e a janela do dormitório do andar de cima estava quebrada. O lavabo do segundo andar estava cheio com algum tipo de solução, e havia garrafas vazias de coisas como água oxigenada por toda parte... e o círculo desenhado no chão em meio desse dormitório no que estavam também lhe dava um toque bonito. OH... e você foi encontrado sem camisa e sem sapatos, o qual parece uma indumentária bastante singular para falar de negócios. Assim... embora me inclino a acreditar em você quanto à parte do tiroteio, porque posso riscar a trajetória dos disparos assim como também ao outro tipo, mentiu para mim em todo o resto.

Bem, era o momento de deixar cair o alfinete.

—Acredito que deveríamos lhe dizer a verdade, querido. —disse Gretchen.

Vin a olhou e se perguntou: Exatamente que verdade seria essa, querida?

—Por favor, faça isso. —disse o detetive— E olhe, direi a você o que acredito, se por acaso lhe serve de ajuda. O homem que você matou era Eugene Locke aliás Saul Weaver. Era um assassino sentenciado que saiu da prisão faz uns seis meses. Alugava a casa do lado e estava obcecado —o detetive assinalou Gretchen com a cabeça— com você.

—Isso é o que não posso entender... por quê? —Gretchen se deteve— Espere um momento, como você sabe disso? O que encontrou em sua casa?

O detetive afastou a vista de suas notas, centrando-se em um ponto médio.

—O homem tinha fotos delas.

—Que tipo de fotos —perguntou ela com tom desanimado.

Enquanto Vin lhe acariciava a mão, o detetive encontrou seu olhar.

—Com objetivas, teleobjetivas, esse tipo de coisa.

—Quantas.

—Muitas.

Gretchen apertou a palma contra a dele.

—Encontraram algo mais?

—No andar de cima havia uma estátua. Uma que tinha sido denunciada como roubada da Catedral de St. Patrick...

—OH, meu Deus, a Maria Madalena —disse Gretchen—Vi que faltava na igreja.

—Essa mesma. E não estou seguro de se o notou ou não, mas se parece muito com você.

Vin lutou contra o desejo de matar ao tipo outra vez.

—Poderia este Eugene... o tipo este Saul... como se chame, ser responsável por essas mortes e essas surras ocorridas nos becos?

O detetive folheou sua caderneta.

—Dado que está morto, e por conseguinte não é possível danificar sua reputação... lhe direi que acredito poder vinculá-lo com ambos os incidentes. Neste mesmo momento, o homem que foi ferido na cabeça ontem à noite segue ainda com vida. Se conseguir sobreviver, acredito que identificará seu assaltante como a alguém de cabelo escuro, porque quando revistamos a casa de Locke, encontramos uma peruca de homem morena com rastros de salpicaduras de sangue. Os do CSI já estão examinando-a e acredito que os resíduos vão corresponder com uma ou todas nossas vítimas. Também temos o rastro de um sapato extraído da primeira cena que resulta ser extremamente parecida com o que Locke tinha posto esta noite. Assim, sim, se relacionarmos tudo... —Mais percurso de folhas de bloco de papel, seguido de outro olhar a Gretchen— Acredito que Locke se fixava como objetivo os homens com quem você tinha dançado ou para os quais tinha dançado no clube, e isso explica os ataques. E foi um golpe de sorte —ou de má sorte seria mais adequado dizer— o fato de que vivesse na casa contigua a que vocês visitaram esta noite. Porque ele não sabia que o lugar lhe pertencia, verdade?

Vin negou com a cabeça.

—Estive ali acredito que uma vez no mês passado, e antes disso... não recordo. E não acredito que soubesse meu nome para me procurar nos registros de bens imóveis. Além disso, há quanto tempo estava vivendo na casa ao lado?

—Desde que foi solto.

—Sim, ela e eu não nos conhecemos até... faz três dias.

Da Cruz fez outra anotação.

—Bom, fui franco. Que tal se me devolve o favor? Quer me dizer a verdade a respeito do motivo pelo qual estava ali?

Gretchen falou antes que o fizesse Vin.

—Você acredita em fantasmas, detetive? —o homem piscou algumas vezes.

—Ah... não estou seguro.

—Os pais de Vin morreram nessa casa. E ele sim quer renová-la. O problema é... que há um mau espírito nela. Ou o havia. Tentávamos expulsá-lo.

Vin arqueou as sobrancelhas. Merda. Isso tinha sido fantástico, pensou.

—De verdade? —perguntou o detetive, seus olhos cor café iam e vinham entre eles como em uma partida de tênis.

—De verdade —disseram Vin e Gretchen em uníssono.

—Não estão me sacaneando. —murmurou o detetive.

—Não estou sacaneando.—respondeu Vin— Supostamente o sal ia criar uma barreira ou algo assim e o incenso devia limpar o ar. Escute, não vou pretender que entendo tudo a respeito disso... —Demônios, nem sequer ele tinha tudo claro— Mas sei que o que fizemos funcionou.

Porque se sentia diferente. Era diferente. Agora era só ele mesmo.

Da Cruz passou as folhas até encontrar uma limpa e escreveu algo.

—Sabe?Minha avó estava acostumada poder prever o clima. E havia uma cadeira de balanço em seu apartamento de cobertura que se movia sozinha. O que lançaram pela janela?

—Acreditaria se lhe disser que se quebrou sozinha? —respondeu Vin.

Da Cruz levantou a vista.

—Não sei.

—Bom, assim foi.

—Pode-se supor que o que fosse o que fizeram poderia ter funcionado realmente.

—Fez. —Vin se esfregou os olhos com a mão livre até que seu ombro lançou um alarido que não podia ser ignorado e teve que deter-se— Não obstante eu gostaria de poder ter a fodida esperança de que seja para sempre.

Houve uma pausa e logo depois da Cruz olhou para Gretchen.

—Tenho outra pergunta para você, se não se importar. Disse aos médicos que seu nome é Gretchen Capricio, mas eu a tenho registrada como Marie-Terese Boudreau. Importaria-se de me ajudar explicando isso um pouco?

Gretchen lhe deu uma explicação cabal de sua situação, e enquanto falava, Vin cravou os olhos em seu belo rosto e desejou poder assumir toda a dor do passado e a tensão nervosa do presente, a economizando. Tinha sombras nos olhos e em baixo deles, mas como ele tinha aprendido a esperar, sua voz era firme e tinha o queixo no alto.

Merda, estava apaixonado por ela.

Quando terminou, o detetive estava sacudindo a cabeça.

—Realmente sinto muito por tudo isto. E o entendo perfeitamente... embora desejaria que tivesse sido sincera desde o começo conosco.

—Em sua maior parte, tinha medo da imprensa. Meu ex-marido está na prisão, mas suas conexões familiares estão por todo o país... e alguns deles trabalham com as forças da lei. Depois do que aconteceu com meu filho, não confio em ninguém... nem que leve identificação.

—O que a fez decidir-se a confessar tudo esta noite?

Seus olhos se dirigiram para Vin.

—As coisas mudaram e parto da cidade. De todas as formas o deixarei saber onde estou, mas... tenho que sair de Caldwell.

—Depois de tudo isto, entendo... embora teríamos que ser capazes de localizá-la.

—E voltarei a cada vez que precisar de mim.

—De acordo. Olhe, falarei com meu sargento. Dar uma identidade falsa à polícia é um delito, mas dadas as circunstâncias... —guardou seu bloco de papel de notas— Também ouvi dizer ao pessoal daqui que lhes disse que era sua esposa?

—Queria ficar com ele.

Da Cruz sorriu um pouco.

—Eu fiz isso uma vez. Minha esposa e eu tínhamos uma encontro e quando estava cortando as coisas para fazer uma salada para o jantar, ela cortou o dedo com a faca. Quando a levei para a emergência, menti e disse que estávamos casados.

Gretchen levantou a mão de Vin até seus lábios e o beijou brevemente.

—Alegra-me que o entenda.

—Faço-o. Realmente o faço. —O detetive assinalou Vin com a cabeça— Foi assim que vocês dois começaram a sair?

—Isso mesmo.

—Imagino que a sua anterior namorada não gostou, verdade?

—Isso mesmo... Tenho uma ex-namorada infernal.

Literalmente.

De repente, Vin recordou a desordem que tinha havido em seu duplex e as mentiras que Devina havia dito à polícia.

—Ela é rancorosa, detetive. Pior do que possa imaginar. E não a agredi, nem nessa noite, nem nunca. Meu pai abusava de minha mãe, e eu não estou de acordo com essa merda. Retiraria-me e deixaria tudo o que possuo antes de bater em uma mulher.

O detetive entreceirou os olhos e cravou esse olhar fixo de águia em Vin. Depois de um momento, o tipo assentiu.

—Bom, já veremos. Não me encarrego desse tipo de assuntos porque estão fora de meu departamento... mas não seria uma surpresa que descobrissem que algo mais estava acontecendo, como uma terceira pessoa ou algo parecido. Já vi a cara de vários agressores e você não é como eles.

Da Cruz guardou o bloco de papel de notas e a caneta e jogou uma olhada ao relógio de pulso.

—Ei, veja só. Agora passou quase meia hora sem vomitar. É um bom sinal... possivelmente o deixem sair desta geladeira.

Vin estendeu a mão livre embora seu ombro não o apreciasse.

—É você um bom homem, detetive, sabia?

Uma palma sólida encontrou a de Vin e as estreitaram.

—E espero que entre vocês dois ocorra tudo bem. Manterei-me em contato.

Depois que o homem saiu, a cortina se agitou até voltar para seu lugar e Vin respirou fundo.

—Quanto tempo se supõe que tenho que esperar antes de poder partir ?

—Daremos meio hora, e se não vierem verem como está, sairei para procurar a doutora.

—Certo.

O problema era que estar impotente e esperando como um menino bom nunca lhe tinha sentado bem. Não tinham passado nem cinco minutos, e já se preparava para apertar o botão que chamava as enfermeiras, quando a cortina se abriu outra vez.

—Perfeito sentido de oportunidade... —Vin franziu o cenho. Em lugar de uma enfermeira ou um doutor, era Eddie, com um aspecto tão sombrio quanto o de um homem que acabava de perder um amigo e de cair por uma janela do segundo andar.

Imagine.

Por instinto, Vin imediatamente quis erguer-se da maca, mas não se saiu muito bem. Quando seu ombro soltou um guincho como o de uma soprano, teve que fechar a garganta para evitar vomitar em cima de si mesmo... mas ao menos não era devido ao Demerol.

Enquanto Gretchen se equilibrava em busca de uma bacia limpa e Eddie levantava ambas as palmas no sinal universal “e daí”, Vin cambaleou na beira do precipício.

Fodidos obrigado que a maré retrocedeu e seu estômago finalmente se tranquilizou.

—Sinto muito. —disse com voz áspera— Estou contrariado.

—Não há problema. Não há nenhum problema.

Vin inspirou pelo nariz e expulsou o ar pela boca.

—Sinto... sobre Jim.

Gretchen se aproximou de Eddie e segurou os maciços antebraços do tipo. De pé em frente a ele, parecia tão diminuta quanto feroz.

—Devo-lhe a vida.

—A de ambos. —interveio Vin.

Eddie a abraçou brevemente e saudou com a cabeça ao Vin. Evidentemente, era o tipo de homem que controlava suas emoções... o qual era algo que Vin podia respeitar.

—Agradeço-lhes isso. E agora, a razão pela qual vim. —Eddie colocou a mão no bolso, e quando a tirou, no centro de sua palma estava o anel de diamantes e o pingente de ouro— Adrian fez o que devia fazer e os tirou. Ambos são completamente livres e pela forma como funcionam estas coisas, agora estão fora de seus limites. Não têm que se preocuparem com que Devina volte. Só guardem estes, certo?

Enquanto Gretchen tomava as peças e o abraçava outra vez, Vin deixou que o abraço dela dissesse tudo o que desejava poder dizer e não se atrevia a fazê-lo. Estava se sentindo um pouquinho engasgado e não devido a seu estômago que estivesse girando para realizar outra evacuação: algumas vezes a profunda gratidão tinha o mesmo efeito nas tripas que a náusea. O assunto era, que simplesmente não podia imaginar o que tinham obtido estes homens ao ajudar a ele e a Gretchen. Jim estava morto, Eddie parecia estar feito merda e só Deus sabia o que havia feito Adrian com Devina.

—Meninos se cuidem, está bem? —murmurou Eddie, girando-se para sair— Eu tenho que

ir.

Vin clareou a garganta.

—A respeito de Jim... Não sei se tinha planejado reclamar seu corpo, mas eu gostaria de lhe dar um enterro adequado. Só o melhor. O melhor do melhor.

Eddie olhou sobre o ombro, e seus estranhos olhos cor marrom-avermelhada tinham uma expressão séria.

—Isso seria bonito... o deixarei se encarregar dele. E estou seguro de que ele o apreciaria.

Vin assentiu uma vez, fechando o trato.

—Quer saber quando e onde? Pode me dar seu número?

O tipo recitou alguns números, e Gretchen os anotou em um pedaço de papel.

—Me mande uma mensagem com os detalhes —disse Eddie— Não estou seguro de onde estarei. Vou.

—Não quer que um médico o examine?

—Não há nenhuma necessidade. Estou bem.

—Ah... está bem. Cuide-se. E obrigado... —Vin deixou as palavras no ar porque não sabia como expressar o que sentia em seu coração.

Eddie sorriu de forma sábia e levantou uma de suas mãos.

—Não tem que dizer nada mais. Entendo você.

E logo se foi.

Enquanto a cortina se agitava até fechar-se, Vin observou por debaixo dela como as botas giravam à direita, davam um passo... e se desvaneciam. Como se nunca tivessem estado ali.

Levando a mão direita ao rosto, Vin esfregou os olhos.

—Acredito que estou alucinando.

—Quer que vá procurar o doutor? —Gretchen se aproximou, toda preocupada— Posso usar o botão das enfermeiras.

—Não, estou bem... O sinto, acredito que só estou verdadeiramente exausto. —Quanto a ele concernia, o tipo simplesmente se deslocou para a esquerda e nesse preciso momento estava saindo a passo longos da sala de emergências e entrando na noite. Vin puxou Gretchen, aproximando-a dele— Sinto como se agora tivesse terminado. Todo este assunto.

Bom, tinha terminado tudo exceto suas visões que tinham retornado para ficar... ao menos segundo o que havia dito Eddie. Mas talvez isso não fosse algo mau. Talvez pudesse encontrar alguma forma de canalizá-las ou de usá-las para o bem.

Franzindo o cenho, deu-se conta de que tinha encontrado um novo propósito. Só que este serviria a outros, não a si mesmo.

Se tomasse tudo em consideração não era um mau desenlace.

Gretchen abriu a mão e as jóias brilharam, especialmente o diamante.

—Entretanto, se não se importa, vou colocar estes em uma caixa forte.

Enquanto ela os enterrava profundamente no bolso de seu jeans, Vin assentiu:

—Sim, não voltemos a perder essas coisas de novo, de acordo?

—Não. Nunca mais.

Capítulo 42

Quando o táxi se deteve em frente à casa alugada de Gretchen, a luz da alvorada despontava sobre Caldwell formando uma encantadora esteira cor pêssego e amarelo dourado. A viagem do St. Francis até ali tinha sido endemoniadamente melhor que a que havia feito à Sala de Emergências na parte traseira dessa ambulância, mas Gretchen tinha claro que Vin estava longe de estar bem. Com o rosto pálido, esverdeado e rígido, resultava óbvio que se sentia dolorido, e com o braço na tipóia, a mobilidade ia ser um problema. Além disso, parecia um indigente com a camisa solta que lhe tinham dado no hospital, com o longo pescoço completamente aberto deixando ver debaixo a atadura super branca que partia da base do pescoço e cruzava todo um lado do peito.

—Próxima parada o Commodore, certo? —disse o condutor por sobre seu ombro.

—Sim —respondeu Vin com voz esgotada.

Gretchen olhou fixamente através da janela para sua pequena casa. O carro da babá estava estacionado em frente, na rua e havia uma luz acesa na cozinha. No andar superior, o quarto de Robbie estava às escuras. Não queria que Vin retornasse ao duplex sozinho. Não estava segura de como reagiria Robbie ao conhecê-lo. E se sentia presa entre os dois.

Voltando-se para Vin, examinou seus traços familiares e atraentes. Estava falando com ela... dando palmadinhas em sua mão... provavelmente lhe dizendo que descansasse, se cuidasse, e o chamasse quando despertasse...

—Por favor, entra —resmungou ela— Fica comigo. Acabam de alvejá-lo e precisa que alguém cuide de você.

Vin se deteve na metade de uma frase e ficou olhando-a fixamente. Que foi precisamente o que fez o taxista no retrovisor. Mas por outro lado, tanto o convite, como a parte do disparo foram, sem dúvida, surpreendentes para cada um dos homens, respectivamente.

—E Robbie? —perguntou Vin.

Gretchen levantou a vista e se encontrou com os olhos do condutor. Deus, desejava que houvesse um modo de pôr uma separação de maneira que o tipo que estava detrás do volante não escutasse tudo isto.

—Apresentarei os dois. E começaremos por aí.

Vin esticou a boca e ela se preparou para uma resposta negativa.

—Obrigado... eu gostaria de conhecer seu filho.

—Bem. —sussurrou com uma combinação de alívio e medo— Vamos.

Ela pegou a carreira e saiu primeiro do táxi para poder ajudar Vin... mas ele negou com a cabeça e se agarrou ao flanco do táxi para sair por si mesmo. O que esteve muito bem de sua parte, considerando a forma como se contraíram os músculos de seu antebraço. Dado o muito que pesava, era mais provável que ela tivesse caído sobre ela, em vez de conseguir colocá-lo em pé.

Uma vez que esteve erguido, ela se situou junto a seu lado bom, fechou a porta e o ajudou a caminhar pelo atalho dianteiro.

Em vez de tentar encontrar suas chaves, chamou brandamente à porta e Quinesha a abriu imediatamente.

—Meu deus, teriam que vê-los.

A mulher retrocedeu e Gretchen levou Vin para o sofá, onde mais que sentar caiu sobre as almofadas... o que a levou a pensar que lhe tinham falhado os joelhos.

Durante um longo momento, todo mundo esperou para ver se ia precisar que o levassem apressadamente ao banheiro.

Quando pareceu que ele aparentemente tinha conseguido controlar-se, Quinesha não se deteve fazendo muitas perguntas. Simplesmente deu a Gretchen um de seus rápidos e fortes abraços, perguntou se queriam que os ajudasse em algo e quando Gretchen lhe disse o usual obrigada-de-coração-mas-não, partiu.

Gretchen fechou a porta com chave e deixou sua bolsa na desvencilhada cadeira que estava junto ao televisor. Vin deixou cair a cabeça para trás e fechou as pálpebras e não a surpreendeu ver que respirava várias vezes, longa e profundamente mantendo-se por outro lado, completamente imóvel.

—Quer ir ao banheiro? —perguntou-lhe, esperando que não tivesse que vomitar outra vez.

Quando negou com a cabeça, ela foi à cozinha, tomou um copo do armário e o encheu até em cima com gelo. Graças a seu filho, havia duas coisas que ela sempre tinha em casa: refrigerante e bolachas salgadas, também conhecidos como o cura tudo das mães. E embora Robbie fosse um menino que recebia a educação em sua casa, brincava com outros meninos na Associação Cristã, e todas as babás tinham meninos que adoeciam com gripes, resfriados e vírus estomacais. Uma mãe nunca podia saber quando ia precisar da combinação mágica.

Abrindo uma lata fresca da Canada Dry⁶², verteu o refresco sobre o gelo e observou como a efervescência se tornava louca e formava espuma que subiu até o mesmo bordo do copo. Enquanto esperava que as coisas se acalmassem, tirou um pacote de bolachas e pôs uma pilha de cinco centímetros sobre um guardanapo de papel dobrado.

No momento em que estava enchendo o copo novamente, escutou a voz grave de Vin da sala de estar:

—Olá.

Seu primeiro instinto foi sair correndo para tranquilizar Robbie... mas sabia que se desse a impressão de que havia um problema, só faria que tudo fosse mais dramático do que já ia ser. Recolhendo o que tinha preparado para Vin, obrigou-se a entrar tranquilamente na sala de estar.

Robbie tinha o cabelo todo arrepiado na parte de trás da cabeça, como sempre que se levantava da cama, e seu pijama do Homem Aranha o fazia parecer menor do que era em realidade porque ela de propósito os comprava números maior do necessário.

Permanecia de pé, apenas dentro da sala, estava concentrado em seu convidado e a expressão de seus olhos era cautelosa, mas curiosa.

⁶² Marca de refrigerante

Deus... tinha palpitações, um nó na garganta e a mão lhe tremia tanto que fazia tilintar o gelo do refrigerante.

—Este é meu amigo Vin —manifestou em voz baixa.

Robbie olhou para trás, a ela e logo voltou a enfocar-se no sofá.

—Esse é um grande band-aid. Cortou-se?.

Vin assentiu lentamente:

—Fiz isso.

—Com o que?

Gretchen abriu a boca, mas Vin foi mais rápido com a resposta.

—Caí e me machuquei.

—É por isso que também tem o braço na tipóia?

—Isso mesmo.

—Não parece muito bem.

—Não me sinto muito bem.

Houve uma longa pausa. E depois, Robbie deu um passo adiante.

—Posso olhar seu band-aid?

—Sim, claro. —Embora resultou evidente que lhe causava muita dor, Vin afastou as tiras da tipóia de seu ombro e lentamente desabotoou a camisa emprestada. Jogando o tecido para trás, expôs a almofadinha, a gaze e a cinta.

—Uuuuuu —disse Robbie e caminhou para ele, estendendo a mão.

—Não o toque, por favor —disse Gretchen rapidamente— Dói.

Robbie retirou a mão.

—Sinto muito. Sabe?... mamãe é boa curando meus cortes.

—Sim? —disse asperamente Vin.

—Isso mesmo. —Robbie olhou por sobre o ombro— Vê? Já tem o refrigerante. —Baixando a voz até convertê-la em um sussurro, acrescentou—: Ela sempre me dá refrigerante e bolachas salgadas. Realmente eu não gosto muito, mas normalmente me sinto melhor depois de comer isso.

Gretchen se aproximou do sofá e pôs as bolachas na mesa ao lado de Vin.

—Aqui tem. Isto estabilizará seu estômago.

Vin pegou o copo e olhou para Robbie.

—Posso ficar um pouquinho em seu sofá? A verdade é que estou realmente cansado e preciso um lugar onde descansar.

—Sim. Pode ficar aqui até que esteja melhor. —Seu filho estendeu a mão e apresentou a si mesmo— Sou Robbie.

Vin estendeu seu braço bom.

—Prazer em conhecê-lo, amigo.

Depois de que as estreitaram, Robbie sorriu.

—Tenho uma idéia, também

Enquanto saía da sala, ela disse:

—Gostaria de trocar de roupa e tirar o pijama, por favor?

—Sim, mamãe.

Quando passou a seu lado, Gretchen teve que apelar a cada grama de seu controle para não agarrá-lo e abraçá-lo... mas ele estava se comportando como o homem da casa, e os meninos de sete anos mereciam ter seu orgulho.

—Acredita que isso foi bem? —perguntou Vin baixinho.

—Realmente acredito. —Piscou rapidamente e se sentou a seu lado— E por favor beba um pouco disso.

Vin segurou sua mão e lhe deu um rápido apertão, logo bebeu um gole.

—Não acredito que esteja preparado para as bolachas salgadas.

—Podemos esperar para isso.

—Obrigado... por me deixar conhecê-lo.

—Obrigado por ser tão bom com ele.

—Ficarei no sofá, certo?

—Sim e nós podemos ter nossas lições na cozinha. Eu o ensino em casa, e hoje é segunda-feira.

—Amo você —disse Vin, voltando o rosto para olhá-la — A amo tanto que dói, maldição.

Ela sorriu e se inclinou para aproximar-se e beijá-lo.

—Talvez só seja seu ombro o que fala.

—Não, está mais perto do centro de meu peito. Acredito que... se chama coração? Não estou seguro, não tinha tido um antes.

—Acredito que poderia ser o coração, sim.

Houve uma pausa.

—Continua pensando em se mudar a minha fazenda?

—Se a você continua parecendo melhor, sim.

—Enquanto estiver lá importaria-se em ter alguém mais em um dos quartos de convidados? Já sabe, um companheiro de arrendamento? É um lugar grande, e há um apartamento de serviço em cima da cozinha que ele poderia usar enquanto você e Robbie têm todo o espaço do segundo andar. E eu posso responder pelo tipo. É ordenado, limpo, tranquilo e respeitoso. Conheço-o faz tempo. Está tentando recompor sua vida e vai precisar de um lugar onde alojar-se.

Ela acariciou seu rosto e pensou que não fazia muito que eles se conheciam, se tratava-se de horas...mas considerando o que tinham passado, era como se tudo tivesse que ser medido em anos de cão. Ou mais.

—Penso que seria fantástico.

Voltaram a beijar-se rapidamente e ele disse:

—Se não funcionar, partirei em seguida.

—Não sei por que, mas de algum jeito acredito que vai sair bem.

Vin sorriu e bebeu um pouquinho mais.

—Fazia anos que não tomava refrigerante.

—Como está seu estômago...

Robbie voltou a descer, ainda com o pijama.

—Aqui, isto ajudará!

Enquanto lhe estendia seu gibi favorito do Homem Aranha, Gretchen pegou a soda para que Vin pudesse aceitar o presente.

—Isto se vê realmente genial —murmurou Vin enquanto colocava o gibi em seu colo e o abria na primeira página.

—Manterá sua mente ocupada. —assentiu Robbie como se suas palavras fossem ditadas por décadas de experiência— Às vezes quando sente dor, precisa de uma distração.

A palavra distração soou como “discracão”.

—Tenho que ir preparar-me para a escola. Você fique aqui. Bebe isso. Mamãe e eu cuidaremos de você.

Robbie saiu da sala como se tivesse dado um jeito em tudo. E dessa forma simples, Vin triunfou.

Capítulo 43

Outra vez sobre a grama fresca.

Embora pelo menos desta vez, Jim sabia onde diabos estava.

Quando abriu os olhos e se encontrou com um montão de verde brilhante e esponjoso, girou o rosto a um lado e respirou livre e profundamente. Tinha todo o corpo dolorido, não só o lugar onde tinha recebido a bala, e esperou que as coisas se acalmassem um pouco antes de tentar algum movimento apressado como... Oh, levantar a cabeça ou alguma merda assim.

Supunha que este assunto de estar de barriga para baixo queria dizer que estava realmente morto...

Um par de sapatos de frente brancas perfeitamente lustrados invadiram seu campo visual, e ainda por cima dos pulcros sapatos, havia um par de calças de linho tão bem engomadas que sua raia parecia o fio de uma faca e formavam um corte perfeito à altura dos tornozelos.

As pregas foram elevadas bruscamente de um puxão e logo Nigel ficou em cócoras.

—É maravilhoso vê-lo de novo. E não, vai ter que voltar para baixo outra vez. Tem mais missões por diante.

Jim gemeu.

—Terei que morrer, todas as vezes antes de vir aqui? Não estou criticando, mas merda, posso simplesmente te dar um telefone celular para que me chame.

—Fez muito bem —disse Nigel. O homem... anjo... o que fosse... estendeu a mão— Muito bem, na verdade.

Jim empurrou contra o fofo chão e se girou. Enquanto estreitava a mão que lhe oferecia, o céu se via tão brilhante que teve que piscar rapidamente e a soltou em seguida para poder esfregar os olhos.

Homem... que experiência, do princípio ao fim. Mas ao menos essas duas pessoas iriam estar bem.

—Esqueceu de me dizer um dado fundamental —lhe disse o anjo— A encruzilhada me afetava verdade? Quando voou essa bala, a escolha primária em tudo isto foi minha, não do Vin.

—Sim, foi. Quando escolheu salvá-la em vez de si mesmo, esse foi o crítico momento decisivo.

Jim deixou cair os braços aos lados.

—Foi uma prova.

—Passou-a, incidentalmente.

—Bem por mim.

Colin e os outros dois dandis⁶³ se aproximaram e os três tinham o mesmo traje que Nigel, com calças de vestir brancas bem engomadas e suéter de caxemira cor pêssego, amarelo e celeste, respectivamente. A metade superior de Nigel era cor coral.

—Vocês alguma vez usam roupa de camuflagem? —grunhiu Jim enquanto se impulsionava com as palmas de suas mãos para levantar-se— Ou isso ofende sua sensibilidade?

Colin se ajoelhou e efetivamente pôs os joelhos sobre a mesmíssima grama... o que sugeria que na lavanderia do Céu tinham alvejante Clorox.

—Estou bastante orgulhoso de você, companheiro.

—Como todos nós. —Bertie acariciou a cabeça de seu cão lobo—. Triunfou maravilhosamente.

—De verdade, maravilhosamente. —Quando Byron assentiu, seus óculos de cor rosa cintilaram sob a luz difusa— Mas eu já sabia que iria escolher sabiamente. Estive seguro todo o tempo, sim que o estava.

Jim se centrou em Colin.

—Que mais estão me ocultando?

—Temo que as coisas são relatadas apoiadas nas necessidades que você vai ter que conhecer, querido rapaz.

Jim deixou cair a cabeça para trás e olhou fixamente o leitoso céu azul que parecia estar a quilômetros de distância e ao mesmo tempo o suficientemente perto para tocá-lo.

—Não conhecerão por acaso um sacana chamado Matthias, verdade?

Soprou uma suave brisa fazendo ranger as fibras de mato e a pergunta ficou sem resposta, assim Jim lutou para ficar de pé. Quando Bertie e Byron se inclinaram para ajudá-lo, rechaçou-os apesar de que seu traseiro era mais ou menos tão estável como um lápis de pé sobre sua borracha.

Jim soube o que viria a seguir. Outra missão. Ali fora havia sete almas e tinha salvado uma... ou foram duas?

—De quantas mais tenho que cuidar? —demandou.

Colin fez um amplo gesto de varrido para a esquerda com o braço.

—Olhe-o você mesmo.

⁶³ Homem que se destaca por sua elegância e refinamento.

Jim franziu o cenho e olhou para o castelo. No alto de seu pendente muro, encrespando-se com a brisa, havia uma enorme bandeira triangular de uma brilhante cor vermelha. A coisa era incrivelmente brilhante, tão vívida como o verde da grama e enquanto dançava ao som da brisa, ele ficou paralisado.

—É por isso que usamos tons pastel. —disse Nigel — Sua primeira bandeira de honra foi desdobrada e aqui nada, exceto a grama da terra, deve rivalizar com ela.

—Isso é por Vin?

—Sim.

—O que acontecerá com eles?

Byron falou.

—Viverão seus dias com amor e quando vierem aqui, passarão a eternidade juntos com alegria.

—Sempre que não dê o fora com os outros seis —interpôs Colin, levantando-se— Ou se dê por vencido.

Jim levantou o dedo para o tipo como se fora uma pistola.

—Eu não me dou por vencido.

—Já veremos... já veremos.

—É tão imbecil.

Nigel assentiu com seriedade.

—É, e muito.

—Por que sou lógico? —O anjo não parecia preocupado absolutamente —ou em absoluto, como diria ele... com sua marca particular— Chega um ponto em cada esforço no que alguém sente a ardência de ter encontrado muitos degraus levantados. Todos passamos por isso e também você. Só nos resta esperar que quando alcançar esse ponto...

—Não vou me dar por vencido, imbecil. Não se preocupe por mim.

Nigel cruzou os braços sobre o peito e olhou fixamente para Jim.

—Agora que Devina o conhece e que lhe tirou algo, começará a fixar como objetivo suas debilidades. Isto se tornará muito mais difícil e muito mais pessoal.

—Pois o tente a grande puta. O que te parece isso?

Colin sorriu.

—Surpreende-me bastante o fato de que não nos demos melhor.

Byron clareou a garganta.

—Acredito que todos deveríamos tomar um momento para dar apoio a Jim em vez de continuar desafiando-o. Fez algo maravilhoso e valoroso, e eu pelo menos estou bastante orgulhoso.

Quando Bertie começou a mostrar-se de acordo e Tarquin a menear a cauda, Jim levantou as palmas.

—Estou genial... Oh Deus, nada de abraços, não...

Muito tarde. Byron envolveu Jim com seus braços surpreendentemente fortes e o abraçou, e depois seguiu Bertie, junto a Tarquin que se levantou sobre suas patas traseiras para lhe pôr as

dianteiras nos ombros. Os anjos cheiravam bem; tinha que lhes conceder isso... igual à fumaça que saía dos charutos que Eddie acendia.

Não obstante e por fortuna, Nigel e Colin não eram do tipo a-meus-braços-irmãos.

Algumas vezes um tinha sorte.

O divertido era que Jim estava um pouquinho comovido, embora não fosse admiti-lo. E de repente, também estava preparado para voltar para a batalha. Essa bandeira, esse símbolo evidente de seu êxito, era por alguma razão uma grande motivação... possivelmente porque em sua antiga vida as lápides eram a forma em que media se estava fazendo um bom trabalho e essa bandeira ondeando era muito mais atraente e inspiradora.

—Bom, aqui vai o trato. —disse ao grupo— Há algo que devo fazer antes de meu próximo caso. Devo encontrar um homem antes que o matem pelas razões equivocadas. Forma parte de minha antiga vida e não é o tipo de coisa a que possa lhe dar as costas.

Nigel sorriu, cravando os olhos, estranhamente belos nos de Jim como se vissem tudo.

—É obvio, deve fazer o que desejar.

—Então, uma vez que termine, tenho que voltar aqui ao...?

Mais desses sorrisos conhecedores.

—Simplesmente se ocupe de seus coisas.

—Como me coloco em contato com vocês?

—Não nos procure. Nós o procuraremos.

Jim amaldiçoou entre dentes.

—Estão seguros de não conhecer o Matthias?

Colin se fez ouvir.

—Dá-se conta de que Devina pode ser algo e qualquer pessoa. Homens, mulheres, meninos, certos animais. É onipresente em suas numerosas formas.

—Manterei isso em mente.

—Não confie em ninguém.

Jim fez um gesto afirmativo com a cabeça ao anjo.

—Não há problema, tenho muita prática com essa merda. Uma coisa, entretanto... vocês, realmente se comunicavam comigo através da televisão ou tinha perdido o juízo?

—Vá com Deus, James Heron —disse Nigel, levantando a mão— Demonstrou ser digno de lutar contra nosso inimigo. Agora faça-o outra vez, tenaz bastardo.

Jim dirigiu um último olhar aos muros do castelo e imaginou a sua mãe a salvo e feliz do outro lado. Então uma explosão de energia emergiu da mão do anjo, revolveu suas moléculas e o enviou a voar.

* * * *

Duro. Frio. Fodido, ai!

Esses foram os primeiros pensamentos de Jim quando voltou a despertar e ao abrir os olhos, foi arrasado por outra luz leitosa e difusa que não parecia provir de nenhum lugar em

particular. O que o fez perguntar-se se Nigel não a teria cagado com a merda cintilante de sua palma enviando-o de retorno ao mesmo lugar em que tinha estado.

Salvo que o ar não era fresco. E em vez de uma cama de esponjosa grama, sentia que estava estendido sobre uma extensão de pavimento...

Quando retiraram bruscamente um lençol de seu rosto, Jim quase saiu de sua pele.

—Ouça —lhe disse Eddie— Preparado para partir ?

—Merda! —agarrou o peito— Quer me matar de susto?

—É um pouco tarde para isso.

Jim passou o olhar pelo lugar. A sala em que estavam tinha azulejos verde pálido no chão, as paredes e o teto e um conjunto de portas de cinquenta centímetros por um metro de aço inoxidável com braceletes de congelador de carne que ocupava toda uma parede. Havia mesas vazias de aço inoxidável com balanças pendentes e mesinhas com rodas colocadas em filas ordenadas e as pias que havia no canto mais afastado eram do tamanho de banheiras.

—Estou na merda do necrotério?

—Bom, sim. —O *óbvio tolo* estava implícito.

—Jesus Cristo...

Jim se levantou e como não podia ser de outra maneira duas mesas mais à frente havia uma bolsa para cadáveres com um inquilino e ao lado tinha um cadáver cujos pés se sobressaíam ao final do lençol que o cobria.

—Assim realmente põem etiquetas nos dedos dos pés, não é?

Eddie deu de ombros.

—Não é como se eles pudessem dizer seu nome nem nenhuma outra merda.

Amaldiçoando, Jim balançou as pernas para deixá-las pendurar da mesa em que estava e nesse momento viu o Adrian. O anjo de pé no limite da sala, junto às portas duplas, estava excepcionalmente circunspecto: sendo que tipicamente se escancarava onde podia, nesse momento tinha os braços cruzados estreitamente sobre o peito e os pés bem juntos. Sua boca não era mais que uma linha reta e tinha a pele da cor de um Kleenex, o tipo estava olhando fixamente o chão ladrilhado, com o sobreceixo franzido e as pestanas escuras contrastando contra as pálidas bochechas.

Estava sofrendo. Por dentro e por fora.

—Trouxe para você um pouco de roupa. —disse Eddie— E sim, retornei e trouxe Cão. Está em nossa caminhonete, feliz como uma perdiz.

—Assim, estou morto?

—Morto e bem morto. Assim é como funciona.

—Mas posso continuar conservando Cão inclusive embora estou... —Rígido? Deus, perguntou-se se havia uma palavra politicamente correta para morto. Ou era um caso no que, ao ter mastigado poeira de forma definitiva, já não tinha que preocupar-se pela política?

—Sim, é seu. Em qualquer lugar que estiver, ele estará lá.

Por alguma razão esse fato lhe proporcionava um alívio notável.

—Assim, quer estes trapos?

Jim olhou o que tinha Eddie nos braços e logo baixou o olhar para si mesmo. Seu corpo parecia o mesmo, grande, musculoso e sólido. Os olhos, o nariz e as orelhas pareciam funcionar bem. Como demônios ia funcionar isto?

—Já haverá um momento e um lugar melhor para explicar tudo —disse Eddie, estendendo-lhe a roupa.

—Sem dúvida. —Jim pegou os jeans, a camiseta do AC/DC e a jaqueta de couro. As botas eram shitkickers. As meias eram grossas e brancas. E tudo ficava bem.

Enquanto se vestia, continuava olhando para Adrian de vez em quando.

—Vai ficar bem? —perguntou Jim em voz baixa.

—Em alguns dias.

—Há algo que eu possa fazer?

—Sim. Não faça perguntas a respeito.

—Entendido. —depois de abotoar as fivelas das botas, Jim jogou a jaqueta sobre os ombros— Escuta, como explicaremos que retornei de entre os mortos? Quero dizer, vai faltar um corpo...

—Não, não faltará. —Eddie assinalou à mesa em que Jim tinha estado e... sagrada merda. Era seu corpo. Estava ali estendido como um pedaço de vitela, com a pele cinza e um buraco de bala justo no meio do peito.

—Seu período de prova terminou —disse Eddie enquanto voltava a colocar o lençol sobre o rosto— Agora já não há volta atrás.

Jim olhou fixamente para baixo, aos picos e vales que a mortalha perfilava e decidiu que o alegrava muito que sua mãe não estivesse viva para “chorá-lo”. Fazia que esta merda fosse muito mais fácil.

E agora tirou o Matthias de cima dele.

Isto o fez sorrir brevemente.

—Há vantagens em estar morto e enterrado, verdade?

—Às vezes sim, às vezes não. É só o que é. Anda, nos mandemos daqui.

Ainda olhando fixamente seu cadáver, disse:

—Passarei uma temporada em Boston. Não estou seguro de quanto tempo. Os rapazes de cima estiveram de acordo com isso.

—E nós vamos com você. As equipes permanecem juntas.

—Embora não seja sua briga?

—Sim.

A idéia de ter seu próprio respaldo era atraente. Definitivamente, três podiam cobrir mais terreno que um, e só Deus sabia quanto tempo ia levar encontrar o objetivo de Matthias.

—Bem, puta mãe.

Nesse momento, entraram dois tipos com batatas brancas, segurando suas canecas de café nas mãos e dando uso a suas bocas. Jim se preparou para esconder-se detrás de algo, de qualquer coisa... e então se deu conta de que enquanto ele podia ver o par, cheirar o que bebiam e ouvir as pisadas de seus tamancos atravessando o chão de ladrilhos, eles eram totalmente ignorantes de

que havia outras três pessoas na sala.

Ou não pessoas, pensou.

—Quer fazer a papelada desse? —disse o tipo da direita, assinalando com a cabeça ao corpo do Jim.

—Isso. E se ninguém o reclama tenho o nome de alguém a quem chamar. É... Vincent diPietro.

—Ouça, é o que construiu minha casa.

—Ah sim? —Os dois deixaram suas canecas sobre uma mesa e tomaram tabuletas com prendedores de papéis que continham formulários.

—Sim, minha mulher e eu vivemos nesse bairro que está junto ao rio.

O homem se aproximou, afastou o lençol dos pés de Jim e leu a etiqueta atada ao dedo grande.

—Deve ser agradável.

—É. —Começou a encher os quadros um a um— Mas saiu caro. Terei sorte se puder me aposentar aos oitenta anos.

Jim tomou um momento para despedir-se de si mesmo... o que era foddidamente estranho, mas também resultava um alívio: tinha vindo a Caldwell em busca de um novo começo, e merda, olhe se não o tinha conseguido. Agora tudo era diferente... quem era, o que fazia e para quem trabalhava.

Era como se tivesse renascido e o mundo fosse novo outra vez.

Quando Jim deixou o depósito de cadáveres com um homem a cada lado, sentia-se curiosamente exaltado... e totalmente preparado para lutar outra vez. E tinha o pressentimento de que durante os próximos anos, “Me dê seu melhor golpe, cadela” ia constituir o tema central da banda sonora de sua vida.

E então recordou.

—Preciso voltar para esse armazém —lhes disse quando estive no corredor— Agora. Quero o corpo dessa garota.

A voz de Adrian foi pouco mais que um sussurro.

—Já não está. Tudo o que estava ali dentro se foi.

Jim se deteve em meio do corredor. Quando um carregador de maca que empurrava um carro cheio de lençóis atravessou aos três, literalmente, Jim não sentiu mais que um tremor no corpo... e possivelmente, em outras circunstâncias, houvesse dito algo como: Ei-veja-só-que-espetacular-é-esta-merda, mas tinha ficado instantaneamente obcecado e só lhe importava uma coisa.

—Onde a levou Devina? —exigiu.

Adrian simplesmente deu de ombros, com o olhar ainda fixo no chão e os piercings brilhando misteriosamente à luz dos tubos fluorescente do corredor.

—A qualquer lugar que quisesse. Quando despertei em meio do chão desse lugar, estava vazio.

—Como moveu a merda tão rápido? Havia um montão.

—Tem ajuda. Do tipo que pode mobilizar com a suficiente rapidez. Eu estava encadeado ou teria... —O tipo interrompeu a si mesmo—. Levou umas duas horas, acredito. Talvez mais. Nesse momento eu estava semi-inconsciente.

—E levaram o corpo da garota?

Adrian assentiu.

—Para desfazer-se dele.

—Como se desfazem deles?

O anjo começou a caminhar outra vez, como se no momento, tivesse terminado com o assunto da conversa.

—Da mesma maneira em que qualquer outra pessoa se livra deles. Cortando-o em pedaços e o enterrando.

Quando Jim o seguiu, a necessidade de vingança o afogava e seu enfoque se aguçou até o ponto da dor. Devia averiguar mais a respeito da garota, de sua família, de onde tinha acabado o corpo. E cedo ou tarde ia cobrar a morte dessa inocente da pele de Devina.

OH, sim, as coisas iriam tomar uma aparência pessoal, com certeza que sim.

Verdadeiro, sangrento e pessoal.

Jim tinha trabalho a fazer.

Fim